

MANSFIELD PARK

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

CAPÍTULO XVII

CAPÍTULO XVIII

CAPÍTULO XIX

CAPÍTULO XX

CAPÍTULO XXI

CAPÍTULO XXII

CAPÍTULO XXIII

CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO XXV

CAPÍTULO XXVI

CAPÍTULO XXVII

CAPÍTULO XXVIII

CAPÍTULO XXIX

CAPÍTULO XXX

CAPÍTULO XXXI

CAPÍTULO XXXII

CAPÍTULO XXXIII

CAPÍTULO XXXIV

CAPÍTULO XXXV

CAPÍTULO XXXVI

CAPÍTULO XXXVII

[CAPÍTULO XXXVIII](#)

[CAPÍTULO XXXIX](#)

[CAPÍTULO XL](#)

[CAPÍTULO XLI](#)

[CAPÍTULO XLII](#)

[CAPÍTULO XLIII](#)

[CAPÍTULO XLIV](#)

[CAPÍTULO XLV](#)

[CAPÍTULO XLVI](#)

[CAPÍTULO XLVII](#)

[CAPÍTULO XLVIII](#)

MANSFIELD PARK

CAPÍTULO I

Há cerca de trinta anos, com apenas sete mil libras, Miss Maria Ward, de Huntington, teve a boa sorte de cativar Sir Thomas Bertram, de Mansfield Park, do condado de Northampton, sendo, portanto, elevada à posição de senhora do baronete, com todos os confortos e consequências de uma bela casa e de vultosos rendimentos. Toda Huntington comentou o casamento e até seu tio, o advogado, admitiu que lhe faltavam no mínimo três mil libras para ter qualquer direito justo a ele. Ela possuía duas irmãs que se beneficiaram de sua ascensão, e os conhecidos que consideravam Miss Ward e Miss Frances tão belas quanto Miss Maria não hesitaram em prever que se casariam quase com as mesmas vantagens. Mas certamente não há no mundo tantos homens de grande fortuna quanto belas mulheres que os mereçam. Ao fim de meia dúzia de anos, Miss Ward sentiu-se obrigada a se ligar ao reverendo Norris, um amigo de seu cunhado, praticamente sem qualquer fortuna particular, e Miss Frances saiu-se ainda pior. Na verdade, quando se realizou, o casamento de Miss Ward não foi desprezível: Sir Thomas ficou feliz por poder dotar seu amigo de um rendimento para que ele pudesse viver em Mansfield, e o Mr. e Mrs. Norris começaram sua carreira conjugal com pouco menos de mil libras por ano. Mas segundo o dito corrente, Miss Frances caprichou muito bem, e para desobrigar a família, casou-se com um tenente dos fuzileiros navais, sem educação, fortuna ou boas relações. Ela dificilmente poderia ter feito uma escolha mais calamitosa. Por princípio e por orgulho surgido de um desejo genérico de fazer a coisa certa, Sir Thomas Bertram desejava que todas as pessoas ligadas a ele estivessem em situação de respeitabilidade e ficaria feliz em fazer um esforço para auxiliar a irmã de Lady Bertram; mas a profissão de seu marido era tal que não podia ser alcançada por qualquer interesse; e antes que tivesse tempo para planejar outro método para ajudá-los houve um rompimento absoluto entre as irmãs, resultado natural da conduta de cada uma das partes, e o que um casamento muito imprudente quase sempre produz. Para se livrar de protestos inúteis até estar realmente casada, Mrs. Price jamais escreveu para a família sobre o assunto. Sendo mulher de sentimentos tranquilos e temperamento bastante fácil e indolente, Lady Bertram teria se contentado em meramente desistir da irmã e não mais pensar no assunto; mas Mrs. Norris possuía um espírito ativo, que não ficaria satisfeito enquanto não escrevesse uma carta longa e irada para Fanny, apontando a tolice de sua conduta e ameaçando-a com todas as possíveis péssimas consequências. Por sua vez, Mrs. Price estava magoada e furiosa; e uma resposta que incluía cada das irmãs em sua amargura e continha reflexões muito desrespeitosas sobre o orgulho de Sir Thomas, que Mrs. Norris jamais poderia guardar para si mesma, colocou um fim a todas as relações entre elas por um considerável período de tempo.

Seus lares eram tão distantes e os círculos que frequentavam eram tão distintos que quase eliminaram qualquer possibilidade de ouvirem sobre a existência uma da outra durante os onze anos seguintes, ou, para espanto de Sir Thomas que Mrs. Norris lhes diziam que Fanny tivera outro filho, como fazia de vez em quando em voz colérica. Todavia, ao fim de onze anos Mrs. Price deixara de ter condições de cultivar o orgulho e o ressentimento ou perder uma ligação que poderia socorrê-la. Uma família grande e ainda crescente, um marido incapacitado para o serviço militar, mas não para uma boa companhia e uma boa bebida, e contando com rendimentos ínfimos para as necessidades familiares, fizeram-na ávida para recuperar os amigos que tão descuidadamente sacrificara; enviou à Lady Bertram uma carta na qual expressava tal arrependimento e tristeza, tal abundância de filhos e tal desejo de quase tudo, que não poderia senão promover a reconciliação de todos. Ela se preparava para dar à luz a seu nono filho; e depois de lamentar a circunstância e implorar para serem padrinhos da criança que estava para nascer, não podia esconder o quanto importante sentia que eles seriam para a futura manutenção dos oito filhos já existentes. O menino mais velho tinha dez anos, era um rapazinho impetuoso que aspirava conhecer o mundo lá fora; mas o que ela poderia fazer? Haveria qualquer possibilidade de no futuro ele poder ser útil a Sir Thomas nos interesses de sua propriedade nas Índias Ocidentais? Nenhum posto seria indigno dele; ou o que Sir Thomas pensava de Woolwich ? ou como um garoto poderia ser enviado para o Oriente?

A carta não foi improdutivo. Restabeleceu a paz e o afeto. Sir Thomas enviou conselhos amistosos e promessas, Lady Bertram expediu dinheiro e roupas para o enxoval do bebê, e Mrs. Norris escreveu outras cartas.

Tais foram seus efeitos imediatos, e depois de doze meses resultou ainda em uma vantagem mais importante para Mrs. Price. Mrs. Norris observava com frequência que não podia tirar da cabeça a pobre irmã e sua família, e apesar de tudo que já haviam feito por ela, ela parecia precisar ainda mais; e depois de todo esse tempo, ela não podia deixar de desejar que a pobre Mrs. Price fosse aliviada do encargo e das despesas de pelo menos um de seus numerosos filhos. “E se eles se encarregassem de cuidar da filha mais velha, a menina de nove anos, uma idade que exige mais atenção do que a pobre mãe possivelmente poderia dar? A preocupação e as despesas com isso não seriam nada para eles, comparadas com a benevolência da ação”. Lady Bertram concordou de imediato. “Creio que não poderíamos fazer nada melhor”, disse ela; “vamos mandar buscar a criança”.

Sir Thomas não poderia dar um consentimento tão instantâneo e irrestrito. Ele debateu e hesitou; era uma responsabilidade muito séria; uma menina tão

crescida devia ser cuidada de modo adequado ou não seria bondade, seria crueldade afastá-la de sua família. Pensou em suas quatro crianças, em seus dois filhos, nos primos apaixonados, etc., mas assim que resolveu exprimir suas objeções à Mrs. Norris, ela o interrompeu com uma resposta para todas, expressas ou não.

“Meu caro Sir Thomas, eu o compreendo muito bem e faço justiça à sua generosidade e à delicadeza de suas ideias, que realmente refletem sua conduta geral; e concordo integralmente com o senhor quanto à propriedade de fazer todo o possível para sustentar uma criança que tomaremos em nossas próprias mãos; e com certeza eu seria a última pessoa no mundo a omitir minha ínfima participação em tal ocasião. Não tendo filhos, de quem poderia eu cuidar em qualquer assunto pequeno que deva examinar, senão os filhos de minhas irmãs? E estou certa de que Mr. Norris é extremamente justo, mas sei que sou uma mulher de poucas palavras e declarações. Não permita que por uma ninharia nos sintamos amedrontados diante de uma boa ação. Dê à menina uma boa educação, introduza-a no mundo de modo correto e aposto dez contra um que ela terá os meios de se estabelecer com sucesso, sem mais despesas para ninguém. Uma sobrinha nossa, Sir Thomas, ou pelo menos sua, não cresceria neste ambiente sem inúmeras vantagens. Não digo que ela será tão bela quanto seus primos. Atrevo-me a dizer que não será; mas seria introduzida na sociedade deste país sob circunstâncias de tal modo favoráveis que, com toda probabilidade humana, levá-la-iam a se estabelecer de modo honroso. O senhor pensa em seus filhos, mas não sabe que de todas as coisas nesta terra isso é o que tem menos possibilidade de acontecer, educados sempre juntos, como irmãos e irmãs? Isso é moralmente impossível. Nunca soube de qualquer caso desse tipo. De fato, é o único modo certo de evitar tal conexão. Suponha que ela seja uma menina bonita, e que fosse vista pela primeira vez por Tom ou Edmund daqui a sete anos, aí atrevo-me a dizer que haveria malícia. A própria ideia de ela ter sofrido por ter crescido afastada de nós, na pobreza e no abandono, seria suficiente para fazer com que um dos meninos queridos e de temperamento doce se apaixonasse por ela. Mas se ela crescer na companhia deles a partir de agora, mesmo supondo que tenha a beleza de um anjo, ela jamais será mais que uma irmã para eles”.

“Há grande verdade no que Mrs. diz”, replicou Sir Thomas, “e longe de mim criar qualquer impedimento imaginário a um plano consistente com as situações relativas de cada um. Só desejava observar que ele não deve ser realizado de modo leviano, e para que seja realmente útil para Mrs. Price e louvável para nós mesmos, daqui por diante, e de acordo com as circunstâncias que possam vir a surgir, temos o dever de assegurar à criança as provisões de uma Miss de boa família, no caso de não surgir para ela o casamento esperado por senhora de modo tão ardente”.

“Eu o compreendo perfeitamente bem”, exclamou Mrs. Norris, “o senhor é inteiramente generoso e magnânimo, e tenho certeza de que nunca estaremos em desacordo sobre esse ponto. Como sabe muito bem, não importa o que eu invente, estou sempre pronta a fazer o bem àqueles que amo; e apesar de jamais poder sentir por essa menina a centésima parte da estima que tenho por seus filhos, ou de modo algum considerá-la tão próxima de mim, eu me odiaria se fosse capaz de negligenciá-la. Não é ela filha de uma irmã? e poderia suportar vê-la em necessidade enquanto tiver um pouco de pão para dar a ela? Meu caro Sir Thomas, com todos os meus defeitos, tenho coração caridoso e, pobre como sou, prefiro negar a mim mesma as necessidades da vida do que fazer algo mesquinho. Então, se o senhor não tiver nada contra, escreverei à minha pobre irmã e farei a proposta; e assim que tudo estiver resolvido tomarei providências para trazer a criança para Mansfield; não precisará se preocupar com isso. Sabe que não me furto aos meus problemas. Enviarei a aia a Londres com esse propósito e ela encontrará pouso na casa do primo seleiro. A menina poderá encontrá-la ali. Poderão levá-la facilmente de Portsmouth até a cidade de carruagem, sob os cuidados de qualquer pessoa responsável que puder ir. Ouso a dizer que sempre há uma respeitável esposa de comerciante disposta a fazer isso”.

Exceto pelo primo da aia, Sir Thomas não fez outras objeções, e um encontro mais respeitável o substituiu, apesar de menos econômico. Tudo foi considerado resolvido a contento e já desfrutavam dos prazeres de um esquema benevolente. Em estrita justiça, a divisão de sensações tão gratificantes não deveria ser igualitária; pois Sir Thomas estava totalmente resolvido a ser um protetor real e consistente para a criança escolhida e Mrs. Norris não tinha a menor intenção de participar de quaisquer despesas com sua manutenção. Quanto às andanças, conversas ou planejamentos, ela era perfeitamente benevolente e ninguém sabia melhor como impor liberalidade aos outros; mas seu amor pelo dinheiro equiparava-se ao seu amor por ditar ordens, e ela sabia perfeitamente bem como proteger o seu patrimônio e gastar o de seus amigos. Tendo se casado com rendimentos mais modestos do que ansiosamente fantasiara, desde o princípio imaginara que fosse necessária uma linha de economia muito estrita, e o que começara como prudência logo se tornou escolha, como um objeto de solicitude obrigatória, sem filhos para preencher. Se houvesse uma família a ser sustentada, talvez Mrs. Norris jamais tivesse economizado seu dinheiro; mas como não havia preocupações desse tipo, nada impedia sua frugalidade ou o moderado consolo de fazer uma adição anual à renda que jamais fora ao encontro de suas expectativas. Sob esse princípio encantador, anulado pela falta de real afeição por sua irmã, para ela era impossível almejar mais que o crédito do planejamento e a organização de caridade tão dispêndiosa; apesar de, depois dessa conversação, talvez ela se

conhecesse tão pouco a ponto de caminhar da casa para a casa paroquial na feliz crença de ser a irmã e a tia mais liberal do mundo.

Quando o assunto foi novamente abordado, suas opiniões foram explicadas mais detalhadamente; e, em resposta à calma questão posta por Lady Bertram, “Para onde deverá ir a criança em primeiro lugar, irmã, para vocês ou para cá?”, Sir Thomas ouviu com certa surpresa que estaria totalmente fora do poder de Mrs. Norris encarregar-se de seus cuidados pessoais. Ele passara a considerá-la como uma adição particularmente bem-vinda à casa paroquial e uma companheira desejável para uma tia que não tinha filhos; mas descobriu que estava totalmente enganado. Mrs. Norris sentia dizer que estava fora de questão a menina ficar com ela, pelo menos enquanto as coisas se mantivessem como no momento. A saúde do pobre Mr. Norris tornava aquilo uma impossibilidade: suportar o barulho de uma criança seria tão impossível quanto voar; sem dúvida, seria diferente se ele conseguisse melhorar de seus padecimentos com a gota: ela então ficaria feliz de fazer sua parte, sem se importar com a inconveniência, mas no momento o pobre Mr. Norris ocupava todo seu tempo e ela tinha certeza que a simples menção de tal coisa o transtornaria.

“Então é melhor que ela fique conosco”, disse Lady Bertram com a maior compostura. Após uma pequena pausa, Sir Thomas acrescentou com dignidade: “Sim, que seu lar seja nesta casa. Nós nos empenharemos em cumprir com nosso dever para com ela e, pelo menos, ela terá a vantagem de contar com companheiros de sua idade e com uma instrutora constante”.

“É verdade”, exclamou Mrs. Norris, “essas são considerações da maior importância; e para Miss Lee não fará diferença se são três meninas para ensinar ou apenas duas – isso não terá a mínima importância. Eu desejaria ser mais útil, mas vocês sabem que faço tudo ao meu alcance. Não sou dessas pessoas que fogem das responsabilidades, e a aia vai buscá-la, apesar da inconveniência de me ver privada de minha principal conselheira durante três dias. Irmã, suponho que você acomodará a criança no pequeno ático branco, perto dos antigos quartos das crianças. Será o melhor lugar para ela, bem perto de Miss Lee, não muito longe das meninas e junto às criadas que poderão ajudá-la a se vestir e a tomar conta de suas roupas, como bem sabe, pois creio que você não consideraria justo Ellis servi-la tão bem quanto às outras. De fato, não vejo outro local onde você possa acomodá-la”.

Lady Bertram não se opôs.

“Espero que ela seja uma menina de boa índole e consciente de sua incomum boa sorte em ter amigos como estes”, continuou a Mrs. Norris.

“Se tiver um mau temperamento, pelo bem de nossos filhos não poderemos permitir que faça parte da família”, disse Sir Thomas, “mas não há razão para esperar um mal tão grande. Nós provavelmente encontraremos nela muita coisa a ser mudada e devemos nos preparar para uma ignorância crassa, alguma mesquinhez de opiniões e uma vulgaridade de modos altamente desesperadora; mas esses não são defeitos incuráveis nem perigosos para suas companheiras. Se minhas filhas fossem mais moças que ela eu teria considerado a introdução de tal companhia como algo muito sério no momento; mas, sendo assim, espero que não haja nada a temer com relação a elas, e tudo a esperar dessa coexistência.”

“Exatamente o que penso e disse ao meu marido nesta manhã”, exclamou Mrs. Norris. “Falei que a companhia de seus primos será educativa para a criança; e se Miss Lee não lhe ensinar nada, ela poderia aprender com eles a ser boa e esperta”.

“Espero que ela não perturbe meu pobre cãozinho pug”, disse Lady Bertram; “Acabei de conseguir que Julia o deixasse em paz”.

“Haverá certa dificuldade para ela se adaptar aos nossos costumes, Mrs. Norris”, observou Sir Thomas, “como a distinção apropriada a ser feita entre as meninas, à medida que crescem, preservar a mente de minhas filhas, fazê-las ter consciência de quem são sem considerarem sua prima muito inferior a elas; e, sem esmagar demais seu espírito, lembrar a menina de que ela não é uma Miss Bertram. Desejaria que se tornassem muito boas amigas e em nenhuma circunstância autorizaria minhas filhas a demonstrar o menor grau de arrogância com relação a ela; mas não podem ser vistas como iguais. Sua posição, fortuna, direitos e expectativas sempre serão diferentes. Esse é um ponto muito delicado e a senhora precisa nos auxiliar em nossos esforços para escolher com exatidão a correta linha de conduta”.

Mrs. Norris estava à sua disposição; e apesar de concordar perfeitamente com ele que aquilo era algo muito difícil, o encorajou a ter esperanças de que entre eles tudo se arranjaría com facilidade.

Seria crível que Mrs. Norris não escrevesse à irmã em vão. Mrs. Price pareceu bastante surpresa por terem escolhido uma das meninas quando ela possuía tantos meninos esplêndidos, mas aceitou a oferta com gratidão, garantindo que sua filha era uma jovem de boa índole, bem humorada, e confiava de que jamais teriam qualquer motivo para mandá-la de volta. Além disso, falou que a menina era um pouco delicada e miúda, mas tinha certeza que ganharia muito com a mudança de ares. Pobre mulher! Ela provavelmente achava que a mudança de ares combinava com muitos de seus filhos.

CAPÍTULO II

A juvenzinha realizou em segurança sua longa jornada; e em Northampton foi recebida por Mrs. Norris, que se alegrou por ter o crédito de ser a primeira a acolhê-la e pela importância de conduzi-la até os outros e recomendá-la à sua bondade.

Na época, Fanny Price tinha apenas dez anos e apesar de não haver nada muito cativante em seu aspecto, pelo menos nada havia para estragar suas relações. Era pequena para a idade, de compleição sem brilho e sem qualquer traço impressionante de beleza; excessivamente tímida e acanhada, encolhia-se para não chamar a atenção; mas apesar de desajeitada, não era vulgar. Sua voz era doce e quando falava seu semblante era bonito. Sir Thomas e Lady Bertham a receberam com muita gentileza; e vendo que ela precisava de muito encorajamento, Sir Thomas tentou ser amável, mas precisou se esforçar a encontrar o comportamento adequado. Sem metade desse esforço ou proferindo apenas uma palavra enquanto ele pronunciava dez, auxiliada por um mero sorriso bem-humorado, Lady Bertram imediatamente se tornou a personagem menos assustadora dentre os dois.

Os jovens estavam em casa e também tomaram parte na apresentação, com muito bom-humor e sem qualquer constrangimento, pelo menos por parte dos meninos que, com 17 e 16 anos e altos para sua idade, possuíam toda grandeza de homens feitos aos olhos de sua priminha. As duas meninas sentiram-se mais perdidas, pois eram mais moças e sentiam-se apavoradas pela presença do pai, que na ocasião dirigia-se a elas com insensata severidade. Mas estavam muito acostumadas a ter companhia e ser elogiadas para possuírem algo parecido com natural timidez; e sua confiança aumentou diante dessa característica em sua prima. Com indiferença, logo puderam fazer um exame completo em seu rosto e roupas.

Era uma família bastante fina, os filhos muito atraentes, as filhas decididamente belas, todos bem educados e adiantados para a idade, o que gerou uma diferença tão gritante entre os primos quanto à educação que determinara seus endereços; e ninguém poderia supor que a idade das meninas fosse tão próxima quanto o era na realidade. De fato, apenas dois anos separavam a mais jovem delas de Fanny. Julia Bertram tinha apenas 12 anos, e Maria era um ano mais velha. Enquanto isso, a pequena visitante sentia-se tão infeliz quanto possível. Com medo de todos, envergonhada de si mesma e com saudades do lar, não sabia como levantar os olhos e mal conseguia falar de modo a ser ouvida ou sem chorar. Durante todo o trajeto de Northampton para lá, Mrs. Norris não parara de falar sobre sua sorte fantástica e sobre o extraordinário grau de gratidão e bom comportamento que isso devia gerar, e a consciência de seu

sofrimento foi então aumentada pela ideia de que era algo muito ruim o fato de ela não se sentir feliz. Além disso, o cansaço provocado pela longa viagem logo se tornou um mal nada insignificante. Foram em vão as bem intencionadas condescendências de Sir Thomas e os prognósticos officiosos de Mrs. Norris de que ela seria uma boa menina; em vão foi o sorriso de Lady Bertram e sentá-la no sofá com o pug, assim como foi inútil o espetáculo de uma torta de groselhas que poderia confortá-la, pois ela mal conseguiu engolir duas garfadas antes que as lágrimas a interrompessem, e como o sono parecia ser seu amigo mais agradável, foi levada para tentar acalmar suas aflições na cama.

“Esse não é um começo muito promissor”, disse Mrs. Norris quando Fanny saiu da sala. “Depois de tudo que eu lhe falei durante a viagem, pensei que se comportaria melhor; disse-lhe como seria importante sair-se bem logo no início. Tomara que seu temperamento não seja um pouco mal-humorado – sua pobre mãe o era, e bastante, mas precisamos dar um desconto para a criança – e não sei se o fato de ela se sentir triste por ter deixado sua casa é algo que deponha contra ela, pois com todos os seus defeitos, era seu lar e ela ainda não consegue compreender o quanto a mudança é para melhor; mas há moderação em todas as coisas”.

No entanto, foi necessário um tempo mais longo do que Mrs. Norris estava inclinada a permitir para reconciliar Fanny com a novidade de Mansfield Park e a separação de tudo a que estava acostumada. Seus sentimentos eram muito aguçados e pouco compreendidos para serem tratados de modo adequado. Ninguém desejava ser indelicado, mas ninguém saiu de sua rotina para garantir o bem-estar dela.

Gerou pouca união o feriado do dia seguinte, que permitiu que as senhoritas Bertram ficassem em casa para descansar, conhecer e entreter sua jovem prima. Não podiam deixar de considerá-la inferior quando descobriam que só possuía duas faixas e que jamais aprendera francês; e quando notaram que ela não se impressionara muito com o dueto que elas se dignaram a tocar, não conseguiram fazer mais do que demonstrar sua generosidade presenteando-lhe com os brinquedos de que menos gostavam. Então a deixaram sozinha e foram praticar o esporte favorito do momento: fazer flores artificiais ou desperdiçar papel dourado.

Perto ou longe dos primos, na sala de aulas, na sala de estar ou entre os arbustos, Fanny sentia-se igualmente miserável, encontrando algo a temer em todas as pessoas e lugares. Sentia-se desalentada com o silêncio de Lady Bertram, apavorada pela aparência grave de Sir Thomas e acabrunhada pelas advertências de Mrs. Norris. Seus primos mais velhos a mortificavam com reflexões sobre seu tamanho e a envergonhavam ao notar sua timidez; Miss Lee

assombrava-se com sua ignorância e as criadas olhavam com desprezo para suas roupas, e quando a essas desventuras somava-se a lembrança dos irmãos e irmãs entre os quais ela sempre fora importante como companheira, orientadora e enfermeira, era grave o desânimo que invadia seu pequeno coração.

A grandeza da casa espantava, mas não podia consolá-la. Os quartos eram grandes demais para ela se movimentar à vontade, tinha medo de estragar tudo que tocava e arrastava-se por ali em constante terror de uma ou outra coisa, frequentemente refugiando-se em seu quarto para chorar; e quando se retirava, a garotinha de quem falavam na sala de estar como alguém que deveria ter consciência de sua peculiar boa sorte terminava os sofrimentos do dia soluçando até dormir. Uma semana se passou desse modo, e ninguém veio a suspeitar de nada pelo modo muito discreto que ela se comportava, até que em uma manhã seu primo Edmund, o mais moço dos primos, a encontrou chorando, sentada nas escadas do sótão.

“Minha querida priminha”, disse ele com toda gentileza de um excelente temperamento, “qual é o problema?” E, sentando-se perto dela, fez grande esforço para ela superar a vergonha de ser surpreendida e persuadi-la a falar abertamente. Estava doente? Alguém estava bravo com ela? Tinha brigado com Maria e com Julia? Encontrara alguma dificuldade em sua lição, que ele pudesse explicar? Em suma, desejava alguma coisa que ele pudesse conseguir para ela, ou fazer por ela? Durante muito tempo não conseguiu obter outra resposta além de um “não, não, não é nada, não, obrigada”, mas ele perseverou; e assim que ele começou a falar sobre sua própria casa, a maior intensidade dos soluços lhe explicou o motivo de sua tristeza. Tentou consolá-la.

“Você está triste por deixar sua mamãe, minha querida pequena Fanny”, disse ele, “e isso mostra que você é uma ótima menina, mas lembre-se de que está com parentes e amigos que a amam e desejam fazê-la feliz. Vamos dar um passeio pela propriedade e você me contará tudo sobre seus irmãos e irmãs”.

Continuando a falar sobre o mesmo assunto, descobriu que apesar de gostar de todos os irmãos e irmãs, dentre eles havia um que ocupava seus pensamentos mais que os outros. Era William, sobre quem ela mais falava e mais desejava ver. William, o mais velho, um ano mais velho que ela, era seu amigo e companheiro constante, seu advogado para com a mãe (de quem ele era o queridinho) diante de qualquer problema. “William não gostou de eu precisar me afastar e disse que sentiria por demais a minha falta”. “Mas William lhe escreverá, ousou dizer”. “Sim, ele prometeu que o faria, mas disse que eu teria que escrever primeiro”. “E quando você fará isso?” Ela abaixou a cabeça e hesitou antes de responder que não sabia, pois não tinha papel.

“Se essa é toda a sua dificuldade, fornecerei o papel e todo o material necessário, e você poderá escrever quando assim desejar. Você ficaria feliz em escrever para William?”

“Sim, muito”.

“Então pode fazer isso agora mesmo. Acompanhe-me até a sala do desjejum; ali encontraremos tudo que você precisa e certamente não haverá ninguém lá”.

“Mas primo, de que modo chegará ao correio?”

“Sim, confie em mim; ela irá com as outras cartas e como seu tio irá franqueá-la, William não precisará pagar nada”.

“Meu tio!”, repetiu Fanny com um olhar amedrontado.

“Sim, quando tiver escrito a carta eu a levarei para meu pai e ele a franqueará”.

Fanny considerou corajosa essa medida, mas não ofereceu resistência. Foram juntos até a sala do desjejum, onde Edmund preparou seu papel e traçou as linhas com toda boa-vontade que seu próprio irmão sentiria, e provavelmente com mais exatidão. Ele continuou ao seu lado enquanto ela escrevia, para ajudá-la com o canivete ou com a ortografia, o que fosse necessário, e acrescentou a essas atenções uma gentileza para com seu irmão que a tocou muito, e apreciou mais que todo o resto. Com sua própria mão, escreveu que enviava sua amizade ao primo William e incluiu um presente de meio guinéu sob o selo. Nessa ocasião, os sentimentos de Fanny foram tais que ela se considerou incapaz de se expressar; mas sua atitude e algumas palavras pouco naturais deixaram claras toda sua gratidão e alegria, e seu primo começou a achá-la um objeto interessante. Passou a conversar mais com ela e, pelo que ela dizia, convenceu-se de que possuía bom coração, um forte desejo de fazer tudo certo; e pode perceber que merecia mais atenção pela grande susceptibilidade de sua situação e por sua grande timidez. Ele jamais a magoaria de propósito, mas agora sentia que ela precisava de carinho mais positivo, e com essa concepção, primeiro se esforçou para diminuir o medo que ela sentia de com relação a todos e lhe deu muitos bons conselhos para tornar o brincar com Maria e Julia, e ser o mais divertido possível.

A partir desse dia Fanny ficou mais à vontade. Sentiu que possuía um amigo, e a gentileza de seu primo Edmund melhorou sua disposição para com todos os outros. O lugar se tornou menos estranho, e se ainda havia entre eles pessoas que ela não podia deixar de temer, pelo menos começou a conhecer o modo de agir de cada um e descobriu a melhor maneira de se adaptar a eles. As

pequenas rusticidades e faltas de jeito que no início invadiam dolorosamente a tranquilidade de todos, não apenas a dela, acabaram por terminar e ela cessou de ficar materialmente amedrontada ao aparecer diante de seu tio, e a voz de sua tia Norris deixou de assustá-la demais. Tornou-se uma companheira ocasionalmente aceitável para suas primas. Apesar de inadequada para ser sua associada constante, pela inferioridade em vigor e idade, seus prazeres e planos algumas vezes eram de natureza a fazer uma terceira pessoa bastante útil, sobretudo quando essa pessoa era de temperamento prestativo e submisso. Quando sua tia lhes perguntava sobre seus defeitos, ou seu irmão Edmundo as encorajava a admitir que ela era gentil, não podiam negar que “Fanny tinha ótimo temperamento”.

Edmund era sempre afetuoso e, da parte de Tom, o pior que tinha que aguentar era uma espécie de jovialidade que um jovem de 17 anos sempre acha que deve demonstrar para com uma criança de dez. Ele entrava na vida, cheio de humor, com todas as disposições liberais próprias do filho mais velho que creê que nasceu apenas para gastar dinheiro e se divertir. Sua gentileza para com a priminha era consistente com sua situação e seus direitos: dava-lhe belos presentes e ria dela.

À medida que sua aparência e humor melhoravam, Sir Thomas e Mrs. Norris demonstravam maior satisfação com seu plano benevolente; e logo decidiram que apesar de não ser muito inteligente a menina possuía temperamento dócil e provavelmente lhes daria pouco trabalho. A mesquinha opinião sobre suas habilidades não se restringia apenas a eles. Fanny sabia ler, trabalhar e escrever, mas não lhe haviam ensinado nada mais, e como as primas viam que ela não fora instruída sobre coisas que há tempos conheciam bem, consideravam-na prodigiosamente tola e durante duas ou três semanas continuamente levavam novas informações sobre esse assunto para a sala de estar. “Querida mamãe, imagine que minha prima não consegue juntar o mapa da Europa, ou, minha prima não sabe quais são os principais rios da Rússia, ou, ela nunca ouviu falar da Ásia Menor, ou, ela não sabe a diferença entre aquarela e lápis de cor! Que estranho! Alguma vez você ouviu algo tão estúpido?”

“Minha cara”, sua atenciosa tia respondia, “isso é péssimo, mas você não pode esperar que todos sejam tão adiantados e aprendam tão depressa quanto você”.

“Mas tia, ela é realmente ignorante! Sabe que na noite passada nós lhe perguntamos que caminho faria para chegar à Irlanda, e ela respondeu que iria pela Ilha de Wight. Ela só pensa na Ilha de Wight, e a chama de ‘a Ilha’, como se não houvesse outra ilha no mundo. Eu certamente teria vergonha de mim mesma se não tivesse aprendido essas coisas muito antes de ter a idade que ela tem. Não

me lembro de quando eu não sabia um monte de coisas das quais ela não tem a mínima noção ainda. Há quanto tempo, tia, repetimos em ordem cronológica os nomes dos reis da Inglaterra, com as datas em que subiram ao trono e os principais acontecimentos de seus reinos?”

“Sim”, acrescentou a outra; “e dos imperadores romanos desde Severo, além de muito da mitologia gentílica, de todos os metais, semimetais, planetas e filósofos importantes”.

“Essa é a pura verdade, minhas queridas, mas vocês foram abençoadas com memórias maravilhosas, e sua pobre prima provavelmente não tem nenhuma. Há uma enorme diferença entre as memórias, assim como em tudo o mais, portanto vocês devem perdoar sua prima e ter pena dela pela sua deficiência. E lembrem-se de que se vocês são tão adiantadas e inteligentes, também devem ser sempre modestas; pois apesar do muito que já sabem ainda há muito a se aprender”.

“Sim, eu sei que há, até eu fazer 17 anos. Mas preciso contar outra coisa sobre Fanny, tão esquisita e tão estúpida. Sabe, ela diz que não deseja aprender música nem desenho”.

“Certamente isso, minha querida, é muito estúpido e mostra o quanto lhe falta de capacidade e talento. Mas considerando-se todas as coisas, não sei se não é melhor que assim seja, pois vocês sabem que graças a mim, seu papai e mamãe foram tão bons que a trouxeram para educá-la aqui com vocês, mas não é necessário que ela seja tão perfeita quanto vocês são; ao contrário, é muito mais desejável que haja uma diferença”.

Tais eram os conselhos dados por Mrs. Norris para formar a opinião de suas sobrinhas e, portanto, não é de se espantar que com todo o talento promissor e as informações precoces, fossem inteiramente deficientes nas aquisições menos comuns do autoconhecimento, generosidade e humildade. Eram admiravelmente instruídas em tudo, exceto no caráter. Sir Thomas não sabia o que lhes faltava, pois apesar de ser um pai verdadeiramente ansioso, não era afetoso, e a reserva de seu comportamento reprimia todo fluxo de seus espíritos quando estavam com ele.

Lady Bertram não prestava a menor atenção à educação das filhas. Não tinha tempo para tais cuidados. Era uma mulher que passava os dias sentada em um sofá, lindamente vestida, bordando uma longa peça que teria pouco uso e pouca beleza, pensando mais em seu cachorrinho pug que em seus filhos, mas era muito indulgente com estes, se isso não lhes causasse alguma inconveniência. Sir Thomas a orientava em tudo que era importante e sua irmã nas pequenas preocupações. Se tivesse mais tempo livre para o serviço com as meninas,

provavelmente consideraria desnecessário esse trabalho, pois estavam sob os cuidados de uma governanta e de mestres adequados, e ela não poderia desejar mais nada. Quanto ao fato de Fanny ser lenta para aprender, “só podia dizer que era um grande azar, mas algumas pessoas eram pouco inteligentes e Fanny devia se esforçar mais: ela não sabia o que mais poderia ser feito; e acrescentaria que apesar de ser tão embotada, não via como isso poderia prejudicar a cotidinha, sempre muito útil para levar mensagens e buscar o que ela precisava”.

Com todas as suas falhas de ignorância e timidez, Fanny agora morava em Mansfield Park, começava a transferir para lá grande parte de seu apego ao antigo lar e crescia lá, feliz entre seus primos. Não havia qualquer maldade em Maria e Julia, e apesar de Fanny frequentemente sentir-se mortificada pelo modo como elas a tratavam, não achava que havia motivos para reclamar nem para se sentir ferida.

Depois que ela fora morar com a família, Lady Bertram, em consequência de uma pequena indisposição e de muita indolência, desistira da casa na cidade, que ela costuma a ocupar durante a primavera, e resolvera permanecer todo o tempo no campo, deixando Sir Thomas cumprir as obrigações de seu cargo no Parlamento com qualquer aumento ou diminuição de conforto que pudesse surgir devido à sua ausência. Portanto, foi no campo que as senhoritas Bertram continuaram exercitar suas memórias, ensaiar seus duetos, crescer até ficarem altas e femininas, e seu pai viu que, como pessoas, modos e realizações, elas se tornavam tudo que poderia satisfazer sua ansiedade. Seu filho mais velho era descuidado e extravagante e já lhe causara muito desconforto, mas os outros filhos só lhe prometiam coisas boas. Sentia que enquanto usavam o nome Bertram suas filhas o cobriam de nova graça, e quando o deixassem, tinha certeza de que expandiriam suas respeitáveis alianças; e o caráter de Edmund, seu forte bom senso e mente vigorosa, demonstravam que só poderia se tornar útil e honrado, trazendo felicidade para si mesmo e para todos ligados a ele. Estava destinado a ser sacerdote.

Apesar dos cuidados e complacências exigidos por seus próprios filhos, o Sir Thomas não se esquecia de fazer tudo que podia pelos filhos de Mrs. Price: ele a auxiliava liberalmente na educação e na colocação de seus filhos ao atingirem idade suficiente para determinada ocupação. Apesar de quase totalmente separada de sua família, Fanny ficava sensibilizada e verdadeiramente feliz ao saber de qualquer gentileza para com eles, ou de algo promissor com relação à situação ou conduta deles. Apenas uma vez, uma única vez, ao longo de vários anos, tivera a felicidade de se encontrar com William. Dos outros nada sabia e ninguém parecia pensar nela, nem mesmo para uma visita. Ninguém em sua casa parecia desejá-la, mas logo após sua saída de casa, determinado a ser marinheiro, William foi convidado a passar uma semana com

a irmã em Northamptonshire antes de ir para o mar. Sua ávida afeição ao se encontrarem, seu intenso prazer por estarem juntos, as horas de felicidade e os momentos de séria conferência podem ser imaginados, assim como as visões ardentes e o estado de espírito do menino até os momentos finais, e a extrema tristeza da menina quando ele a deixou. Felizmente, a visita aconteceu durante os feriados de Natal, quando ela podia buscar conforto direto em seu primo Edmund; e ele lhe disse tantas coisas encantadoras sobre o que William faria, em consequência de sua profissão, que conseguiu que ela gradativamente admitisse que a separação talvez fosse útil. A amizade de Edmund jamais lhe falhara, e o fato de ele se transferir de Eton para Oxford não alterou seu caráter gentil e apenas forneceu oportunidades mais frequentes para prová-las. Sem mostrar que fazia mais que os outros, e sem medo de fazer demais, sempre buscava seus verdadeiros interesses e possuía consideração para com seus sentimentos, desejando que compreendessem suas boas qualidades, e demonstrando que apenas sua timidez impedia que fossem mais aparentes; dando-lhe conselhos, consolo e encorajamento.

Afastada por todos os outros, seu único apoio não conseguia colocá-la em evidência, mas suas atenções eram da maior importância para auxiliar o desenvolvimento de sua mente e ampliar os seus prazeres. Ele sabia que ela era inteligente, que aprendia depressa, assim como possuía bom senso, que gostava de ler, aspecto que corretamente dirigido já era uma boa educação em si. Miss Lee lhe ensinava francês e a ouvia ler a porção diária de história, mas ele recomendou livros que encantaram suas horas de lazer, desenvolveram seu gosto e corrigiram seu julgamento: ele fez com que a leitura lhe fosse útil conversando com ela sobre o que lera e ampliou seu prazer através de elogios criteriosos. Em troca desses serviços, ela o amava mais que a todos no mundo, com exceção de William: seu coração dividia-se entre os dois.

CAPÍTULO III

O primeiro evento de importância na família foi a morte de Mr. Norris, que aconteceu quando Fanny estava com 15 anos de idade, algo que necessariamente introduziu alterações e novidades. Após deixar a casa paroquial, Mrs. Norris primeiro se mudou para o Park e depois para uma pequena casa de propriedade do Sir Thomas, no vilarejo. Consolou-se da perda do marido considerando que ficaria muito bem sem ele, e da redução nos rendimentos com a evidente necessidade de uma economia mais estrita.

Daí por diante, a morada foi destinada a Edmund, e se seu tio tivesse morrido alguns anos antes, teria sido devidamente entregue a algum amigo para que a guardasse até ele ter idade suficiente para se ordenar. Mas antes disso, as extravagâncias de Tom haviam sido tão grandes que foi necessária a alienação do presbitério, e o irmão mais novo precisou ajudar a pagar pelos prazeres do mais velho. Na verdade, havia outra morada que a família reservara para Edmund, mas apesar das circunstâncias facilitarem o arranjo para Sir Thomas, ele não podia deixar de sentir que aquilo era uma injustiça e ardentemente tentava inculcar essa mesma convicção no filho mais velho, na esperança de que isso produzisse um efeito melhor do que tudo que ele conseguira fazer ou dizer até aquele momento.

“Sinto vergonha por você, Tom”, disse ele em seu modo mais digno. “Coro diante do expediente que fui obrigado a usar e tenha certeza de que lastimo seus sentimentos fraternais. Você roubou o correspondente a mais de metade da renda que deveria ser de Edmund pelos próximos dez, vinte ou trinta anos, talvez até pela vida toda. Talvez daqui por diante eu possa, ou você (como espero que aconteça), conseguir para ele um investidor melhor; mas não se pode esquecer de que nenhum benefício dessa espécie estará além de suas pretensões naturais, e de fato nada pode ser equivalente à vantagem que ele agora está sendo obrigado a renunciar devido à urgência das dívidas que você possui”.

Tom ouviu tudo um pouco envergonhado e aflito, mas ao escapar dali tão depressa quanto possível logo refletiu com alegre egoísmo que em primeiro lugar ele não tinha metade da dívida de alguns de seus amigos; em segundo, seu pai fizera daquilo um caso tremendamente cansativo; e, em terceiro, de que não importando de quem se tratasse, provavelmente o futuro titular morreria em pouco tempo.

Quando Mr. Norris morreu, o presbitério passou a ser direito de certo Dr. Grant que, conseqüentemente, transferiu sua residência para Mansfield; ao provar que era um honesto homem de 45 anos, ele talvez atrapalhasse os planos de Mr. Bertram. Mas “não, ele é um homem apoplético e inflexível e, ocupando-

se bastante de boas coisas, morreria logo”.

Sua esposa era quinze anos mais moça que ele, mas o casal não tinha filhos. Entraram na vizinhança acompanhados dos comentários costumeiros de que eram pessoas muito respeitáveis e agradáveis.

Agora chegara a época em que Sir Thomas esperara que a cunhada assumisse seu papel na educação da sobrinha, pois a mudança na situação de Mrs. Norris e a idade de Fanny não apenas parecia deixar de ser motivo de objeção a que elas morassem juntas, como decididamente a qualificava para isso; e como sua própria situação financeira havia deixado de ser tão favorável quanto antes devido a algumas perdas recentes em sua propriedade nas Índias Ocidentais, além das extravagâncias do filho mais velho, não o desagradava ver-se livre das despesas do seu sustento e da obrigação de prover pelo seu futuro. Por crer que aquilo era algo que aconteceria, mencionou a probabilidade à esposa; e, na primeira vez que o assunto voltou a lhe ocorrer, por acaso Fanny estava presente e ela calmamente observou: “Então, Fanny, você vai nos deixar para ir morar com minha irmã. Você gostaria?”

Fanny ficou tão surpresa que só conseguiu repetir as palavras de sua tia, “Você vai nos deixar?”

“Sim, minha cara; qual o motivo do espanto? Você já está conosco há cinco anos e minha irmã sempre pretendeu ficar com você quando Mr. Norris morresse. Mas você deve continuar a vir aqui para me ajudar com as minhas coisas”.

Para Fanny, a novidade foi tão desagradável quando inesperada. Ela jamais recebera qualquer gentileza por parte de sua tia Norris e não poderia amá-la.

“Ficarei muito triste por ir embora”, disse ela com uma voz hesitante.

“Ouso dizer que sim; isso é natural. Suponho que tenha tido poucos motivos para se aborrecer desde que chegou a esta casa, como qualquer criatura do mundo”.

“Espero não ser ingrata, tia”, disse Fanny com modéstia.

“Não, minha cara, de modo algum. Sempre a considereei uma boa menina”.

“E jamais voltarei a viver aqui?”

“Jamais, minha cara; mas certamente terá uma casa confortável. Fará muito pouca diferença para você morar em uma casa ou em outra”.

Fanny saiu da sala com o coração muito magoado; não sentia que a diferença seria tão pequena. Não podia pensar em viver com a tia com algo que se parecesse com satisfação. Assim que se encontrou com Edmund contou-lhe seu sofrimento.

“Primo”, disse ela, “algo está para acontecer que me desgostará demais, e apesar de você muitas vezes ter me persuadido a aceitar coisas que a princípio me desagradam, desta vez não conseguirá fazê-lo. Vou viver em tempo integral com minha tia Norris”.

“Deveras?”

“Sim; minha tia Bertram acabou de me contar. Já está resolvido. Devo deixar Mansfield Park e ir para White House assim que a tia Norris se mudar para lá, suponho”.

“Bem, Fanny, se esse plano não lhe fosse desagradável, eu o consideraria excelente”.

“Oh, primo!”

“Tem tudo a seu favor. Minha tia está agindo com uma mulher inteligente ao desejar que você vá morar com ela. Está escolhendo uma amiga e companheira exatamente onde deveria, e fico feliz que seu amor pelo dinheiro não interfira nisso. Você será o que deve ser para ela. Espero que isso não a entristeça muito, Fanny”.

“Na verdade entristece: não gosto nada da ideia. Gosto desta casa e tudo que ela contém. Não gostarei de nada, lá. Sei como me sinto desconfortável com ela”.

“Não posso dizer nada sobre como ela a tratava quando criança; mas era quase igual para conosco, ou próximo disso. Ela jamais soube ser agradável com crianças. Mas agora você está em uma idade em que será tratada melhor; Creio que ela já melhorou, e quando você for sua única companheira, será muito importante para ela”.

“Nunca serei importante para ninguém”.

“O que há para impedir que isso aconteça?”

“Tudo. Minha situação, minha falta de inteligência e de jeito”.

“Quanto à sua falta inteligência e de jeito, minha querida Fanny, acredite-me, você não possui nem sombra de ambos, apenas usa as palavras de modo impróprio. Não há qualquer razão no mundo para que você não seja importante nos lugares em que é conhecida. Possui bom senso, temperamento doce, e com

certeza um coração grato que jamais recebe uma gentileza sem o desejo de retribuí-la. Não acho que haja melhores qualificações que essas para uma amiga e companheira”.

“Você é muito gentil”, disse Fanny, corando diante dos elogios. “Como posso lhe agradecer por pensar tão bem de mim? Oh! primo, se precisar ir embora vou me lembrar de sua bondade até o último momento de minha vida”.

“Ora, realmente Fanny, eu esperaria ser lembrado, levando-se em consideração a distância que nos separa de White House. Você fala como se fosse morar a duzentas milhas daqui, e não do outro lado da propriedade; mas nos pertencerá quase tanto quanto antes. As duas famílias se encontrarão todos os dias do ano. A única diferença será que, morando com sua tia, você necessariamente aparecerá mais, como merece. Aqui há muitas pessoas atrás das quais pode se esconder; mas com ela você será forçada a falar por si mesma”.

“Oh! Não digo isso!”

“Devo dizer, e digo com prazer. No momento, Mrs. Norris é muito mais apropriada que minha mãe para tomar conta de você. Possui temperamento para fazer muito por alguém por quem realmente se interesse, e será obrigada a fazer justiça às suas qualidades naturais”.

Fanny suspirou e disse, “Não consigo ver as coisas como você; mas eu deveria acreditar que você esteja mais certo quanto a isso do que eu mesma, e fico muito agradecida por tentar me fazer aceitar as coisas como devem ser. Se eu achasse que minha tia realmente gosta de mim, ficaria feliz por poder auxiliá-la. Sei que aqui não sou ninguém, mas ainda assim amo muito este lugar”.

“Fanny, apesar de se mudar da casa você não deixará este lugar. Terá a plena liberdade de sempre andar pelo parque e pelos jardins. Seu coraçãozinho não precisa se apavorar com tal mudança nominal. Frequentará as mesmas alamedas, escolherá os livros na mesma biblioteca, olhará para as mesmas pessoas e montará o mesmo cavalo”.

“É verdade. Sim, o querido velho pônei cinzento! Ah! primo, quando eu me lembro do medo que eu tinha de montar, os terrores que sentia ao ouvir falar que isso me faria bem (oh! como eu tremia quando os lábios de meu tio se abriam para falar de cavalos), e recorro o quanto você foi gentil e se esforçou para argumentar e aplacar meus medos, me convencer de que eu não demoraria a gostar de cavalgar. Como você estava certo estou inclinada a ter esperanças de que você também tenha o dom a profecia”.

“E estou convencido de que sua estada com Mrs. Norris fará tão bem a

sua mente quanto cavalgar o fez para a sua saúde, e espero que isso também lhe traga suprema felicidade”.

Assim terminou a conversa que poderia muito bem ter sido poupada, apesar dos grandes serviços que pudessem prestar a Fanny, pois Mrs. Norris não tinha a menor intenção de ficar com ela. Na presente conjuntura, isso jamais lhe ocorreria, a não ser como algo a ser evitado. Para evitar que esperassem isso dela, dentre as construções da paróquia de Mansfield escolhera a menor casa que se adaptasse à sua condição social, sendo White House apenas suficiente para acomodá-la, e aos seus criados, com um quarto sobressalente para receber um amigo, algo de que fazia absoluta questão. Na casa paroquial, os quartos de hóspedes jamais haviam sido utilizados, mas a necessidade de um quarto reservado para um amigo nunca era esquecida. No entanto, todas as suas precauções não lhe salvaram da suspeita de algo melhor, ou talvez sua insistência em falar na importância de possuir um quarto vago pode ter levado Sir Thomas a supor que ele realmente se destinava a Fanny. Lady Bertram logo considerou o assunto como certo ao observar negligentemente para Mrs. Norris...

“Irmã, creio que não precisaremos continuar a manter Miss Lee quando Fanny for morar com você”.

Mrs. Norris quase caiu de susto. “Morar comigo, querida Lady Bertram! O que quer dizer com isso?”

“Não vai morar com você? Achei que estivesse acertado com Sir Thomas”.

“Comigo? Não. Jamais falei uma sílaba sobre isso com Sir Thomas, nem ele comigo. Fanny morar comigo! A última coisa do mundo que eu poderia pensar, ou que qualquer pessoa que nos conhece poderia desejar. Céus! O que eu faria com Fanny? Eu! uma pobre viúva indefesa e desamparada, inapta para qualquer coisa, de espírito alquebrado; o que poderia fazer com uma menina no auge da vida? Uma menina de 15 anos! A idade em que as jovens mais precisam de atenção e cuidado, na qual põem à prova o espírito mais alegre! Certamente Sir Thomas não pode esperar seriamente uma coisa dessas! Sir Thomas é muito meu amigo. Estou certa que ninguém que deseje o meu bem proporia tal coisa. Como Sir Thomas falou com você a esse respeito?”

“De fato eu não sei. Creio que ele achou que seria melhor”.

“Mas o que ele disse? Não pode ter dito que desejava que eu ficasse com Fanny. Tenho certeza de que, em seu coração, não desejaria isso para mim”.

“Não; ele apenas disse que era provável que isso acontecesse; e concordei com ele. Ambos achamos que seria um consolo para você. Mas se você não

gosta da ideia, não há mais nada a se dizer. Ela não é nenhum estorvo aqui”.

“Cara irmã, se considerar meu estado infeliz, como pode ela ser um consolo para mim? Aqui estou eu, uma pobre viúva desconsolada, privada do melhor dos maridos, com minha saúde abalada por servi-lo e atendê-lo, com meu estado de ânimo ainda pior, toda minha paz neste mundo destruída, com apenas o suficiente para me sustentar como mulher de posição, vivendo de modo a não desgraçar a memória do querido morto, com que conforto eu poderia assumir tal encargo com Fanny? Mesmo que eu desejasse isso, não seria tão injusta para com a pobre menina. Ela está em boas mãos e certamente está bem. Devo lidar com minhas tristezas e dificuldade como posso”.

“Então você não se importa de viver totalmente sozinha?”

“Não me queixo, Lady Bertram. Sei que não posso viver como antes, mas devo economizar no que é possível e aprender a ser uma melhor administradora. Fui uma dona de casa liberal, mas agora não vou me envergonhar de praticar economia. Minha situação se alterou tanto quanto meus rendimentos. Muitas coisas que eram devidas ao pobre Mr. Norris, como clérigo da paróquia, não podem ser esperadas de mim. Não tenho ideia de quanto era consumido em nossa cozinha por frequentadores ocasionais. Em White House, esse assunto deve ser tratado com mais cuidado. Devo viver de acordo com meu orçamento ou ficarei empobrecida. Eu teria grande satisfação se pudesse fazer ainda melhor e guardar um pouco ao final do ano”.

“Tenho certeza de que você conseguirá. Sempre consegue, não é verdade?”

“Meu objetivo, Lady Bertram, é ser útil aqueles que viram depois de mim. É para o bem de seus filhos que desejo ser mais rica. Não tenho mais ninguém com quem me preocupar, mas ficaria muito contente se pudesse deixar uma pequena quantia digna deles”.

“Você é muito boa, mas não se preocupe com eles. Certamente essa parte está sendo prevista. Sir Thomas cuidará disso tudo”.

“Bem, você sabe, os recursos de Sir Thomas serão bastante afetados se a propriedade de Antígua continuar a render tão pouco”.

“Oh! Isso logo será resolvido. Sei que Sir Thomas tem escrito sobre isso”.

“Bem, Lady Bertram”, disse Mrs. Norris preparando-se para sair, “só posso dizer que meu único desejo é ser útil à família: assim sendo, se Sir Thomas voltar a falar sobre eu me encarregar de Fanny, diga-lhe que minha saúde e meu estado de espírito tornam o assunto fora de questão. Além disso, não tenho onde

colocar uma cama para ela, pois preciso manter o quarto de hóspedes livre para um amigo”.

Lady Bertram repetiu o suficiente dessa conversa para convencer o marido de que ele se enganara quanto às intenções da cunhada; que a partir daquele momento ficou perfeitamente a salvo de qualquer expectativa ou mesmo de qualquer alusão a esse assunto por parte dele. Mas não pôde deixar de pensar em sua recusa de fazer algo por uma sobrinha, cuja adoção lhe fora tão importante, e no fato de que ela cuidara para que ele e Lady Bertram logo compreendessem que tudo que ela possuía seria destinado à família. Logo se tranquilizou com a distinção que, sendo vantajosa e lisonjeira para eles, também lhe permitia prover melhor pelo próprio futuro de Fanny.

Fanny logo soube o quão desnecessários haviam sido seus temores quanto à mudança, e quando descobriu, sua felicidade pura e espontânea trouxe algum consolo para Edmund por seu desapontamento diante do que esperara ser essencialmente útil para ela. Mrs. Norris tomou posse de White House, os Grants chegaram à casa paroquial, e quando esses acontecimentos terminaram, por algum tempo tudo em Mansfield voltou a ser como habitualmente.

Demonstrando disposição para ser amigáveis e sociáveis, os Grants proporcionaram grande satisfação aos principais personagens de seus novos conhecidos. Tinham suas falhas, e Mrs. Norris logo as encontrou. O Doutor gostava muito de comer e exigia um bom jantar todos os dias; Mrs. Grant, em lugar de planejar agradá-lo gastando pouco, pagava à cozinheira um ordenado tão grande quanto eles, em Mansfield Park, e quase não era vista nos ofícios. Mrs. Norris afirmava não poder criticar essas injustiças nem falar sobre a quantidade de manteiga e ovos consumidos regularmente na casa. “Ninguém gostava mais de fartura e hospitalidade do que ela, e ninguém que mais detestasse a mesquinha; ela acreditava que em seu tempo a casa paroquial jamais deixara de ter todos os confortos e jamais contratara um mau caráter, mas aquele era um modo de agir que ela não conseguia compreender. Uma senhora fina em uma paróquia do campo estava positivamente fora de seu lugar. Ela acreditava que seria bom a Mrs. Grant visitar sua despensa. Perguntando por ali, soubera que Mrs. Grant jamais possuía mais que 5 mil libras.”

Lady Bertram ouvia sem muito interesse essa espécie de invectiva. Não podia analisar as falhas de uma economista, mas sentiu que todos os ataques se deviam ao fato de Mrs. Grant, sem ser bela, estar tão bem situada na vida, e expressou seu espanto sobre esse ponto quase tão frequentemente, apesar de não de forma tão ampla, enquanto Mrs. Norris discutia a outra.

Essas opiniões haviam sido bastante discutidas um ano antes quando outro

acontecimento importante na família ocupou grande parte dos pensamentos e conversas das senhoras. Sir Thomas achara conveniente ir a Antígua pessoalmente para melhor administrar seus negócios, e levava com ele seu filho mais velho, na esperança de afastá-lo das más companhias. Deixaram a Inglaterra com a probabilidade de se ausentarem por quase um ano.

Sob o aspecto financeiro, a necessidade da medida e a esperança de sua utilidade para com seu filho fizeram com que Sir Thomas aceitasse o ônus de deixar o resto da família e suas filhas sob a orientação de outros na época mais interessante da vida. Não conseguia considerar Lady Bertram capaz de substituí-lo para executar o trabalho que deveria ser de sua responsabilidade, mas tinha suficiente confiança na cuidadosa atenção de Mrs. Norris e no julgamento de Edmund para viajar sem temer pela conduta delas.

Lady Bertram não gostou nada de seu marido deixá-la, mas não foi perturbada por qualquer preocupação quanto à sua segurança ou conforto, sendo uma dessas pessoas que acham que nada pode ser perigoso, difícil ou cansativo para ninguém, com exceção de si mesmas.

Na ocasião, as senhoritas Bertram foram muito dignas de pena, não por sua angústia, mas por seu desejo de sofrer. Para elas, o pai não era um objeto de amor, pois nunca fora amigo de seus prazeres. Infelizmente, sua ausência foi muito bem-vinda. Sem ele, ficaram aliviadas de todas as proibições, e sem almejar uma satisfação que provavelmente teria sido vetada por Sir Thomas, sentiram-se imediatamente livres à sua própria disposição e de ter a indulgência dentro de seu alcance. O alívio de Fanny e sua consciência desse alívio eram iguais aos de suas primas, mas realmente lamentava o fato de não conseguir lamentar. “Sir Thomas fizera tanto por ela e por seus irmãos e viajara talvez para nunca mais voltar! E ela o vira partir sem derramar uma lágrima! Aquilo era uma insensibilidade vergonhosa”. Além disso, na última manhã antes de partir ele lhe dissera que esperava que ela pudesse voltar a ver William no inverno seguinte e a encarregara de lhe escrever para convidá-lo a hospedar-se em Mansfield assim que a esquadra à qual pertencia chegasse à Inglaterra. “Foi tão atencioso e gentil!” E se apenas tivesse sorrido para ela e dito “minha cara Fanny” ao lhe falar, todas as suas antigas carrancas e sua frieza talvez pudessem ser esquecidas. Mas ele terminara seu discurso de um modo que a mergulhara em triste humilhação, acrescentando, “Se William realmente vier para Mansfield, espero que você consiga convencê-lo de que todos os anos que se passaram desde que vocês se afastaram não foram inúteis para o seu desenvolvimento, apesar de eu temer que, em alguns aspectos, ele encontre sua irmã de 16 anos muito parecida com sua irmã de dez”. Ela chorou amargamente quando o tio partiu, e ao vê-la com os olhos vermelhos suas primas a consideraram uma hipócrita.

CAPÍTULO IV

Nos últimos tempos, Tom Bertram ficara tão pouco em sua casa que só se podia sentir sua falta nominalmente; e Lady Bertram não demorou a se espantar ao descobrir como se viravam bem sem o pai, como Edmund era eficiente para substituí-lo cortando a carne, conversando com o mordomo, escrevendo para o advogado, tratando com os criados e igualmente poupando-a de toda possível fadiga ou esforço em qualquer coisa em particular, exceto a supervisão de suas cartas.

Receberam a primeira notícia de que haviam chegado com segurança em Antígua após uma viagem bem sucedida; apesar dos terríveis temores aos quais Mrs. Norris se entregara, tentando fazer com que Edmund participasse deles sempre que o encontrava sozinho; e como fora a primeira pessoa a conhecer uma catástrofe fatal, já encontrara um modo de comunicá-la aos outros quando a informação de Sir Thomas de que ambos estavam vivos e bem de saúde fez com que ela precisasse acalmar sua agitação e arquivar por enquanto os afetuosos discursos preparatórios.

O inverno chegou e se foi sem ter sido chamado; a contabilidade continuava perfeitamente bem e Mrs. Norris tinha tanto a fazer promovendo diversões para suas sobrinhas, ajudando em suas toaletes, revelando suas aquisições e procurando por futuros maridos para elas, além de precisar tomar conta de sua própria casa, interferir um pouco na de sua irmã e supervisionar os desperdícios de Mrs. Grant, que lhe sobrava muito pouco tempo para se ocupar dos temores pela ausência.

As senhoritas Bertram agora estavam totalmente estabelecidas como as beldades da vizinhança; e como acrescentavam à beleza suas brilhantes realizações de modo naturalmente tranquilo, e cuidadosamente formavam a complacência e a cortesia em geral, possuíam tanto preferência quanto admiração. A vaidade de ambas era de tal ordem que pareciam isentas dela; não adotavam ares de importância e os elogios por esse comportamento, garantidos e creditados a si mesma por sua tia, serviam para fortalecer a crença de que não tinham defeitos.

Lady Bertram não se mostrava em público com suas filhas. Era indolente demais até para aceitar a felicidade de uma mãe em assistir o sucesso e o prazer delas à custa de qualquer sacrifício pessoal, e o fardo recaiu sobre sua irmã, que não desejava nada melhor que um posto de tão honrada representação, e cuidadosamente saboreava os meios que lhe permitiam mesclar-se à sociedade sem precisar alugar cavalos.

Fanny não participava das festividades da estação, mas ficava contente

em ser útil como companheira da tia quando elas precisavam se afastar do resto da família; e como Miss Lee deixara Mansfield, ela naturalmente se tornou indispensável para Lady Bertram na noite de um baile ou de uma festa. Conversava com ela, ouvia o que tinha a dizer, lia para ela; a tranquilidade dessas noites de conversas a dois, ao abrigo de qualquer tipo de grosseria, era incredivelmente bem-vinda para uma mente que raras vezes conhecera uma pausa em seus alarmes e dificuldades. Quanto às alegrias de suas primas, adorava ouvi-las contar, sobretudo sobre os bailes e com quem Edmund dançara, mas considerava sua posição muito inferior para imaginar que deveria ser admitida a eles, portanto ouvia sem qualquer sombra de preocupação. Ao todo, o inverno foi confortável para ela, pois apesar de não ter trazido William para a Inglaterra, a inesgotável esperança era muito valiosa.

A primavera que se seguiu a privou de seu querido amigo, o velho pônei cinzento, e por algum tempo houve o perigo desse sentimento de perda ter reflexos em sua saúde e em suas afeições, pois apesar da reconhecida importância de suas cavalgadas não foram tomadas medidas para que ela pudesse voltar a montar, pois como observavam suas tias, “ela podia usar um dos cavalos de suas primas, sempre que elas não os desejassem”, e como as senhoritas Bertram regularmente queriam seus cavalos nos dias de tempo bom e não lhes passava pela cabeça empregar boas maneiras e sacrificar um prazer real, naturalmente esse dia jamais chegou. Realizavam suas alegres cavalgadas nas manhãs de abril e maio, e Fanny sentava-se em casa durante o dia inteiro com uma das tias ou caminhava além de suas forças incitada pela outra: Lady Bertram considerava qualquer exercício tão desnecessário para todas as pessoas quanto era desagradável para ela, e Mrs. Norris, que caminhava o dia todo, achava que todos deveriam caminhar tanto quanto ela. Nessa época Edmund estava fora, ou o mal teria sido remediado mais cedo. Quando voltou descobriu a situação de Fanny, percebeu todos os seus malefícios e lhe pareceu que só havia uma coisa a fazer. “Fanny precisa de um cavalo”, foi a resoluta declaração com a qual combateu a indiferença de sua mãe e o esforço de sua tia para que aquilo parecesse pouco importante. Mrs. Norris não conseguiu deixar de pensar que poderiam encontrar algum animal velho entre os que pertenciam ao Park e que este serviria perfeitamente bem, ou que poderiam pedir um cavalo emprestado ao administrador, ou uma vez ou outra Dr. Grant talvez pudesse emprestar o pônei que enviava ao correio. Não conseguia deixar de considerar absolutamente desnecessário e até inadequado Fanny possuir seu próprio cavalo adequado para uma dama, ao estilo de suas primas. Tinha certeza de que Sir Thomas jamais programara isso e não podia deixar de dizer que lhe parecia injustificável fazer tal aquisição em sua ausência, aumentando demais a despesa com seu estábulo em uma época em que grande parte de sua renda estava comprometida. “Fanny precisa de um cavalo”, foi a única resposta de Edmund. Mrs. Norris não

consequia ver o assunto pelo mesmo prisma. Lady Bertram conseguia: concordava inteiramente com seu filho, e quanto a ser considerado necessário por seu pai, apenas achava que não deviam se apressar, que deviam esperar pela volta de Sir Thomas e ele mesmo poderia resolver o assunto. Ele estaria em casa em setembro; seria tão ruim esperar até setembro?

Apesar de Edmund se aborrecer muito mais com sua tia que com sua mãe, por manifestar tão pouca consideração para com a sobrinha, não podia deixar de prestar atenção ao que diziam; porém, finalmente descobriu um modo de proceder que evitava o risco de seu pai pensar que ele extrapolara suas funções e ao mesmo tempo proporcionava a Fanny um meio imediato de se exercitar. Só não podia permitir que ela ficasse sem isso. Ele possuía três cavalos, mas nenhum apropriado a uma mulher. Dois eram caçadores e o terceiro era um útil cavalo de transporte; então resolveu trocar este último por um animal que sua prima pudesse montar, e sabia onde poderia encontrá-lo. Assim que resolveu o que fazer, o assunto foi resolvido em muito pouco tempo. A égua provou ser um tesouro; com muito pouco trabalho tornou-se exatamente o que se pretendia e Fanny praticamente tomou posse dela. Ela não supusera que o animal fosse se adaptar a ela tão bem quanto seu antigo pônei cinzento, mas seu prazer em montar a égua de Edmund, muito maior que qualquer outro desse tipo, ampliado pela consideração e gentileza do primo, estava muito além do que poderiam expressar suas palavras. Considerava seu primo um exemplo de tudo que era bom e notável, achava que ele possuía um valor que ninguém além de si mesma conseguia apreciar, e era merecedor de tal gratidão por parte dela que nenhum sentimento poderia ser suficientemente forte para retribuir tudo que ele fazia por ela. Seus sentimentos por ele eram uma mescla de respeito, gratidão, confiança e ternura.

Como, em nome e de fato, o cavalo continuava a ser propriedade de Edmund, Mrs. Norris conseguia tolerar o fato de ele ser destinado ao uso de Fanny; e se Lady Bertram voltasse a pensar em sua própria objeção, aos seus olhos ele poderia ser perdoado por não esperar pelo retorno de Sir Thomas, em setembro. Contudo, quando setembro chegou Sir Thomas ainda estava fora, sem qualquer perspectiva de encerrar seus negócios. Circunstâncias desfavoráveis haviam surgido subitamente no momento em que começava a pensar em voltar para a Inglaterra, e a grande incerteza que cercava seus negócios fez com que ele mandasse seu filho para casa enquanto ele esperava sozinho pela solução. Tom chegou em segurança, com excelentes notícias sobre a saúde do pai, mas com muito pouco nexo, de acordo com a opinião de Mrs. Norris. O fato de Sir Thomas mandar seu filho para casa lhe parecia desvelo paterno sob influência de um pressentimento de algum malefício para si mesmo, e ela não conseguia evitar sentir terríveis presságios. Quando chegaram as longas noite de outono na

triste solidão de sua pequena casa, ficava tão assombrada por essas ideias que era obrigada a se refugiar diariamente na sala de jantar do Park. Todavia, a volta dos compromissos de inverno não deixou de ter seus efeitos, e no decurso de seus progressos, sua mente ficou tão agradavelmente ocupada supervisionando os sucessos de sua sobrinha mais velha que seus nervos se aquietaram. “Se o destino do pobre Sir Thomas for não mais voltar, será particularmente consolador ver a querida Maria bem casada”, pensava com frequência quando se encontravam na companhia de homens de fortuna, sobretudo quando eram apresentadas a algum jovem que recentemente herdara alguma grande propriedade nos locais mais belos do país.

Mr. Rushworth foi quem primeiro se impressionou com a beleza de Miss Bertram, e como desejava casar, logo se apaixonou por ela. Era um jovem robusto com nada além de senso comum, mas como não havia nada desagradável em sua figura nem em seu endereço, a jovem ficou bastante satisfeita com sua conquista. Agora com 21 anos, Maria Bertram começava a considerar o matrimônio como um dever, e como o casamento com Mr. Rushworth lhe proporcionaria a alegria de possuir renda maior que a do pai, assim como uma casa na cidade, algo que agora era o principal objeto de seu desejo, pela mesma regra de obrigação moral ele evidentemente se tornou aceitável e ela considerou seu dever se casar com ele, se pudesse. Mrs. Norris estava muito entusiasmada estimulando o enlace, sempre sugerindo e planejando modos de realçar quanto isso seria desejável para ambas as partes e, entre outros artifícios, buscava se tornar íntima da mãe do rapaz, que no presente morava com ele, em benefício de quem forçara Lady Bertram a atravessar dez milhas de estrada para fazer uma visita matutina. Não demorou muito para haver um bom entendimento entre ela e essa dama. Mrs. Rushworth declarou que era seu grande desejo que seu filho se casasse, e que de todas as jovens que ela vira, por suas amáveis qualidades e por seus feitos, Miss Bertram parecia a mais apta a fazê-lo feliz. Mrs. Norris aceitou o cumprimento e admirou o belo discernimento de caráter que lhe permitia distinguir tão bem os méritos das pessoas. Na realidade, Maria era o orgulho e o deleite de todos: perfeita, sem falhas, um verdadeiro anjo; e, naturalmente, tão cercada de admiradores, devia ser difícil para ela escolher, mas até onde Mrs. Norris podia perceber, apesar do conhecimento tão recente, Mr. Rushworth parecia precisamente o jovem que merecia se ligar a ela.

Após dançarem um com o outro em um número conveniente de bailes, os jovens justificaram essas opiniões, e com a devida referência à ausência de Sir Thomas, ficaram noivos para grande satisfação das respectivas famílias e dos espectadores da vizinhança, que durante muitas semanas haviam sentido a conveniência de Mr. Rushworth se casar com Miss Bertram.

Alguns meses se passaram até que chegasse o consentimento de Sir Thomas; mas nesse meio tempo, como ninguém duvidasse de seu prazer com essa ligação, as relações entre as duas famílias foram levadas adiante sem qualquer restrição e não houve outra tentativa de manter em segredo, a não ser por parte de Mrs. Norris, que falava sobre o assunto por toda parte como algo a não ser mencionado no presente.

Edmund era o único da família que conseguia ver uma falha no negócio, e nenhuma asseveração de sua tia pôde induzi-lo a considerar Mr. Rushworth um companheiro desejável. Podia permitir que a irmã fosse o melhor juiz de sua própria felicidade, mas não lhe agradava nada saber que essa felicidade se baseava em uma grande renda. Não conseguia se conter e quando estava em companhia de Mr. Rushworth sempre repetia a si mesmo: “Se esse homem não ganhasse 12 mil libras por ano seria considerado um sujeito verdadeiramente estúpido”.

No entanto, Sir Thomas estava muito feliz com a possibilidade de uma aliança tão inquestionavelmente vantajosa, da qual só ouvira falar coisas boas e agradáveis. Era uma ligação em tudo perfeita, no mesmo condado, com os mesmos interesses, e enviou sua concordância sincera o mais depressa possível. Apenas condicionava que o casamento não se realizasse antes de seu retorno, pelo qual esperava ansiosamente. Escreveu em abril, e tinha grandes esperanças de resolver tudo da maneira mais satisfatória, e deixar Antígua antes do final do verão.

Era esse o estado dos negócios no mês de Julho; e Fanny acabara de fazer 18 anos quando a sociedade do povoado recebeu uma adição com a chegada do irmão e da irmã de Mrs. Grant — Mr. e Miss Crawford, filhos do segundo casamento de sua mãe. Ambos eram jovens de fortuna. O filho era dono de uma propriedade em Norfolk e a filha possuía 20 mil libras. Quando crianças, sua irmã lhes queria muito bem, mas como seu casamento fora logo seguido pela morte de seu parente em comum, isso os deixara aos cuidados de um irmão do pai, do qual Mrs. Grant nada sabia, e ela praticamente não os vira desde aquela época. Ambos haviam encontrado um lar gentil na casa do tio. Apesar de não concordarem em mais nada, o Almirante e Mrs. Crawford uniam-se na afeição que sentiam por essas crianças, e a única coisa que diferenciava seus sentimentos era que cada qual tinha um favorito ao qual demonstrava maior apego. O Almirante era louco pelo menino e Mrs. Crawford adorava a menina; mas a morte da dama agora forçara sua protegida a procurar um outro lar, depois de alguns meses de experiência na casa de seu tio. O Almirante Crawford era um homem de conduta depravada, que em vez de manter a sobrinha preferira levar sua amante para morar sob seu próprio teto; e com relação a isso, Mrs. Grant estava agradecida pelo fato de a irmã desejar morar com ela, medida que

poderia ser tão agradável quanto vantajosa; pois Mrs. Grant, que naquela época já passara por todos os hábitos das senhoras que não têm filhos e residem no campo, colecionando plantas e aves domésticas, há muito desejava alguma variedade em casa. Portanto, era muitíssimo agradável a chegada de uma irmã que sempre amara e que esperava agora conservar enquanto ela se mantivesse solteira. Sua maior inquietação era que Mansfield não satisfizesse os hábitos de uma jovem mulher que fora criada principalmente em Londres.

Miss Crawford não estava inteiramente livre de apreensões semelhantes, apesar de estas surgirem principalmente das dúvidas quanto ao estilo de vida de sua irmã e ao comportamento da sociedade; e foi somente depois de tentar em vão persuadir seu irmão a morar com ela na casa de campo de ambos que ela resolveu se arriscar a morar com seus outros parentes. Infelizmente, Henry Crawford detestava qualquer coisa que se parecesse com permanência naquela moradia: não podia concordar com a irmã em algo de tal importância, mas, com grande gentileza, a acompanhou a Northamptonshire, empenhando-se em levá-la imediatamente de volta em meia hora se ela se mostrasse incomodada com o lugar.

O encontro foi muito satisfatório de ambos os lados. Miss Crawford achou que a irmã não possuía qualquer rusticidade ou rigor, que o marido da irmã parecia um cavalheiro e que a casa era confortável e bem equipada; por seu lado, Mrs. Grant os acolheu esperando amar mais que nunca aquele rapaz e aquela moça de aparência tão atraente. Mary Crawford era extraordinariamente bela; apesar de não ser bonito, Henry possuía bom porte e boa aparência; as maneiras de ambos eram dinâmicas e agradáveis, e Mrs. Grant imediatamente lhes creditou todo o resto. Ficou encantada com os dois, mas deu preferência a Mary, e como jamais pudera se deliciar com a beleza de seus próprios filhos, adorou poder se orgulhar da formosura de sua irmã. Não esperara sua chegada para lhe procurar um marido adequado: fixara-se em Tom Bertram. O filho mais velho de um baronete não era bom demais para uma jovem possuidora de 20 mil libras, com toda a elegância e os feitos que Mrs. Grant antevia; e, sendo mulher generosa e franca, Mary ainda não passara três horas na casa quando ela lhe contou o que planejava.

Miss Crawford estava contente por encontrar uma família de tal importância tão perto deles e não se aborreceu com as preocupações da irmã, nem com a escolha que fizera. Matrimônio era o seu objetivo, desde que pudesse se casar bem, e depois de ver Mr. Bertram na cidade, sabia que não poderia se opor à sua pessoa nem à sua situação na vida. Entretanto, tratou o assunto como se fosse brincadeira, sem se esquecer de pensar na questão com toda seriedade. O plano logo foi comunicado a Henry.

“E agora”, acrescentou Mrs. Grant, “acabei de pensar em algo para completar este assunto. Eu adoraria estabelecer vocês dois aqui, nesta província; e, portanto, você deverá se casar com Miss Bertram, a mais jovem, uma moça gentil, bela e bem-humorada, que o fará muito feliz”.

Henry se inclinou e agradeceu.

“Minha querida irmã”, disse Mary, “se puder persuadi-lo a fazer isso ficarei ainda mais feliz por estar ligada a alguém tão inteligente e só lamentarei que você não tenha meia dúzia de filhas para colocar. Se conseguir persuadir Henry a se casar, deve ter o endereço de uma francesa. Já foi feito tudo o que o talento inglês pode conseguir. Tenho três amigas muito íntimas que já se apaixonaram perdidamente por ele, uma de cada vez, e ninguém imagina os esforços que elas, suas mães (mulheres de grande inteligência), minha tia e até eu mesma fizemos para convencê-lo, apelando para a razão, tentando persuadi-lo e até induzi-lo a se casar! Ele é o flerte mais horroroso que se pode imaginar. Se as senhoritas Bertram não quiserem ficar com o coração partido, é bom evitarem Henry”.

“Meu querido irmão, não acredito que você seja assim”.

“Não, tenho certeza de que você é boa demais. Ainda mais gentil que Mary. Levará em conta as dúvidas da juventude e da inexperiência. Sou de temperamento cauteloso e não quero arriscar minha felicidade me apressando. Ninguém tem o casamento em tão alta conta quanto eu. Considero que a bênção de uma esposa foi perfeitamente descrita nas linhas do poeta, ‘A melhor dádiva do Céu’”.

“Aí está, Mrs. Grant, veja como ele enfatiza uma única palavra e repare em seu sorriso. Eu lhe garanto que ele é detestável; as aulas do Almirante o estragaram”.

“Presto muito pouca atenção ao que os jovens falam sobre o casamento”, disse Mrs. Grant. “Se professam qualquer aversão contra ele, apenas acho que ainda não encontraram a pessoa certa”.

Rindo, o doutor Grant parabenizou Miss Crawford por ela não sentir aversão ao matrimônio.

“Oh, sim! Não me envergonho disso. Gostaria que todos se casassem, se pudessem fazê-lo de modo adequado: não gosto de ver pessoas se perdendo por aí; mas todos deveriam se casar assim que pudessem fazê-lo de modo vantajoso”.

CAPÍTULO V

Ao se conheceram, as jovens gostaram imediatamente umas das outras. De cada lado, havia muito para atrair, e seu conhecimento logo prometeu evoluir para uma intimidade tão grande quanto as boas maneiras permitissem. As senhoritas Bertram não se sentiram ameaçadas pela beleza de Miss Crawford. Eram belas demais para antipatizar com uma mulher que também o era e se encantaram quase tanto quanto seus irmãos com seus vivos olhos escuros, pele de um moreno claro e formosura geral. Teria sido mais difícil se ela fosse alta, loura e de corpo atraente, mas com a aparência que tinha não poderia haver comparação; não se podia negar que era uma moça doce e bonita, ao passo que elas eram as jovens mais admiráveis da região.

Seu irmão não era bonito: ao vê-lo pela primeira vez as pessoas o consideravam absolutamente comum, moreno e comum; mas ainda assim era um cavalheiro que possuía uma bela distinção. O segundo encontro provou que ele não era tão banal: não deixava de ser corriqueiro, mas possuía um ar de tal importância, seus dentes eram tão bons e ele era tão bem feito de corpo que logo as pessoas esqueciam sua aparência ordinária; e após a terceira entrevista, depois de um jantar em sua companhia na casa paroquial, ninguém mais o chamaria de comum. Na verdade, era o jovem mais agradável que as irmãs haviam conhecido em sua vida e ambas estavam encantadas. O noivado de Miss Bertram o destinava a Julia, e esta tinha total consciência disso; não fazia uma semana que ele chegara a Mansfield e ela já estava pronta a se apaixonar por ele.

Os sentimentos de Maria sobre o assunto eram mais confusos e indistintos. Não queria ver nem entender. “Não há mal algum no fato de ela gostar de um homem agradável – todos sabiam de sua situação – Mr. Crawford deve tomar conta de si mesmo”. Mas Mr. Crawford não desejava se colocar em qualquer situação de perigo! Valia a pena agradar as senhoritas Bertram, e elas mereciam isso, e então começou a agradá-las, sem outro objetivo além de fazer com que elas o apreciassem. Não queria que morressem de amor; com senso e moderação que lhe permitiria julgar e sentir melhor, permitiu a si mesmo grande liberdade nesses pontos.

“Gosto muito de suas senhoritas Bertram, irmã”, disse ele ao voltar após deixá-las em sua carruagem depois do jantar; “são moças muito elegantes e agradáveis”.

“Realmente elas o são e encanta-me ouvi-lo dizer isso. Mas você gosta mais de Julia”.

“Oh, sim! Gosto mais de Julia”.

“Mas realmente? pois todos julgam Miss Bertram mais bonita”.

“Imagino que sim. Ela leva vantagem em todos os pontos e prefiro seu rosto, mas gosto mais de Julia; Miss Bertram certamente é a mais bela e eu a considero muito agradável, mas sempre gostarei mais de Julia porque você me ordenou que assim o fizesse”.

“Não direi nada, Henry, mas sei que no final você gostará mais dela”.

“Não lhe disse que é minha preferida desde o princípio?”

“Além de tudo, Miss Bertram está noiva. Lembre-se disso, caro irmão. Ela já fez sua escolha”.

“Sim, e gosto mais dela por isso. Uma mulher comprometida é sempre mais agradável que uma que não é. Está satisfeita consigo mesmo. Suas preocupações terminaram e ela julga que pode exercer todos os seus poderes de atração sem qualquer suspeita. Tudo está a salvo com uma moça noiva: nenhum mal pode ser feito”.

“Bem, quanto a isso, Mr. Rushworth é um rapaz de muita sorte e é um grande partido para ela”.

“Mas Miss Bertram não dá a mínima para ele; pelo menos é essa a opinião de sua amiga íntima. Mas não concordo com isso. Creio que Miss Bertram é muito apegada a Mr. Rushworth. Pude ver isso em seus olhos quando ele foi mencionado. Tenho Miss Bertram na mais alta consideração para supor que ela daria sua mão em casamento sem incluir seu coração”.

“Mary, o que faremos com ele?”

“Vamos deixá-lo em paz, creio eu. Falar não adianta nada. Mas no final ele será ludibriado”.

“Mas não o desejo ludibriado; muito menos enganado; quero que tudo seja leal e honrado”.

“Oh, Senhor! Deixe que ele se habilite e seja ludibriado. Dará no mesmo. Todos são ludibriados em um ou outro período”.

“Isso nem sempre se aplica ao casamento, cara Mary”.

“Sobretudo ao casamento. Com todo respeito aos aqui presentes casados, minha cara Mrs. Grant, não há uma pessoa em cem, não importa o sexo, que não seja ludibriada ao se casar. Para onde quer que eu olhe, sempre vejo que ‘é’ assim; e sinto que deve ser assim, ao considerar que de todas as transações essa é aquela da qual as pessoas esperam mais das outras e são menos honestas consigo

mesmas”.

“Ah! Você frequentou uma péssima escola para casamentos em Hill Street”.

“Minha pobre tia certamente tinha poucos motivos para gostar de ser casada; porém, falando a partir de minhas próprias observações, esse é um negócio manobrável. Sei de muitas pessoas que se casaram com grande expectativa, confiantes de que alcançariam vantagem na ligação, seja na forma de realizações ou pelas boas qualidades da pessoa, e que enganaram-se redondamente e foram obrigados a aturar exatamente o oposto. O que é isso, senão um engano?”

“Querida criança, deve haver um pouco de imaginação aqui. Perdoe-me, mas não consigo acreditar em você. Esteja certa de que só enxerga a metade. Você vê a maldade, mas esquece a consolação. Sempre haverá pequenas rusgas e decepções, contudo, esperamos demais, e se um plano para alcançar a felicidade falhar a natureza humana voltar-se-á para outro; se o primeiro cálculo estiver errado, faremos melhor o segundo: sempre encontramos conforto em algum lugar, caríssima Mary, e esses observadores perversos que fazem uma tempestade em um copo d’água são mais ludibriados e enganados que as próprias partes envolvidas”.

“Parabéns, irmã! Curvo-me diante de seu esprit du corps. Quando eu for esposa, pretendo ser tão justa quanto sólida; e desejo que minhas amigas também o sejam. Isso vai me poupar muita dor de cabeça”.

“Você é tão ruim quanto seu irmão, Mary; mas curaremos vocês dois. Mansfield irá curá-los, e sem quaisquer traças. Fiquem conosco e nós os curaremos”.

Sem ansiar pela cura, os Crawford desejavam muito ficar. Mary estava satisfeita de fazer da casa paroquial o seu lar, e Henry também estava disposto a prolongar sua visita. Ele fora para lá pretendendo passar apenas alguns dias, mas Mansfield prometia, e nada o chamava em outro lugar. Mrs. Grant estava encantada por hospedá-los e Dr. Grant estava contentíssimo com a situação: uma jovem tagarela como Miss Crawford era sempre companhia agradável para um homem indolente que gostava de ficar em casa, e ter Mr. Crawford como convidado era uma excelente desculpa para tomar um clarete todos os dias.

A admiração das senhoritas Bertram por Mr. Crawford era mais entusiástica do que Miss Crawford se acostumara a ver. Ela admitia, entretanto, que os dois jovens Bertram eram rapazes muito finos e que não era sempre que se via dois jovens como aqueles, até mesmo em Londres. Suas maneiras eram

excelentes, sobretudo as do mais velho. Ele estivera em Londres muitas vezes e era mais dinâmico e galante que Edmund e, portanto, devia ser o escolhido; e realmente, o fato de ele ser mais velho era outro grande benefício. Ela tivera um pressentimento que gostaria mais dele. Sabia que esse era seu o estilo.

Deveras! De qualquer forma, Tom Bertram era considerado um rapaz agradável; ele era o tipo de jovem de quem todos gostavam. Sua afabilidade era mais apreciada que alguns dons de nível mais alto, pois era espontâneo, possuía excelente humor, muitos conhecimentos e tinha muito a dizer, e o fato de que herdaria Mansfield Park e o título de baronete não prejudicava nada disso. Miss Crawford logo sentiu que ele e a sua situação poderiam servir. Olhou em torno com a devida consideração e achou que quase tudo o favorecia: terras, uma propriedade verdadeira cobrindo um raio de cinco milhas, contendo uma mansão espaçosa, moderna, tão bem colocada e protegida que mereceria fazer parte da coleção de gravuras de qualquer cavalheiro do reino, necessitando apenas ser totalmente remobiliada – irmãs afáveis, mãe quieta, ele próprio um homem agradável – com a vantagem de se manter afastado do jogo por uma promessa feita ao pai e estar destinado a usar o título de Sir Thomas no futuro. Ela faria muito bem em aceitá-lo, e por isso começou a se interessar um pouco sobre o cavalo com o qual ele disputaria as corridas de B...

Essas corridas o afastariam de casa não muito depois de terem se conhecido; e, como parecia que pelo que normalmente acontecia, sua família esperava que ele ficasse fora durante várias semanas, isso já colocaria à prova sua nova paixão. Ele falou demais para convencê-la a ir assistir as corridas, e com todo o entusiasmo da afeição fizeram planos para organizar um grande grupo, mas precisaram desistir de tudo.

E o que fazia e pensava Fanny enquanto tudo isso? e qual era sua opinião sobre os recém-chegados? Poucas jovens de 18 anos eram menos convidadas a dar sua opinião que Fanny. Apesar da pouca atenção que recebia, tranquilamente prestou tributo à beleza de Miss Crawford, mas continuava a crer que Mr. Crawford era muito comum e nunca o mencionava, apesar de as duas primas repetidamente demonstrarem que achavam exatamente o contrário. A notícia que a deixou animada teve esse efeito. Passeando com as senhoritas Bertram, Miss Crawford disse: “Começo a compreender vocês, excetuada Miss Price. Diga-me, por favor, ela foi ou não apresentada à sociedade? Fico confusa. Ela jantou na casa paroquial com vocês, o que faz com que pareça que sim; mas fala tão pouco que é difícil acreditar”.

Edmund, a quem a pergunta era endereçada, replicou: “Creio que sei o que deseja dizer, mas não tentarei responder a pergunta. Minha prima já está bem crescida. Tem a idade e a sensatez de uma mulher feita, mas nada sei

quanto a apresentações”.

“Ainda assim, em geral nada pode ser mais fácil de apurar. A distinção é grande. Falando de modo geral, suas maneiras e aparência são totalmente diferentes. Até agora, não podia imaginar que me fosse possível cometer um engano quanto a uma moça ter ou não sido apresentada. Uma jovem que ainda não foi sempre se veste do mesmo modo: por exemplo, usa um bonezinho apertado, parece muito recatada e nunca diz uma palavra. Pode sorrir, mas é assim, eu lhes asseguro; excepcionalmente, pode se deixar levar um pouco, mas é sempre muito correta. Moças devem ser calmas e modestas. A parte mais censurável é que depois de ser apresentada, com frequência a alteração em seus modos é súbita demais. Certas vezes, em muito pouco tempo passam da reserva para o extremo oposto – para a audácia! Essa é a parte falha do presente sistema. As pessoas não gostam de ver uma moça de 18 ou 19 anos tão disposta a participar de tudo, principalmente quando no ano anterior mal conseguia falar. Mr. Bertram, ousou dizer que algumas vezes já notou tais mudanças”.

“Creio que tem razão, mas isso não é muito justo; percebo aonde quer chegar. E está caçoando de mim e de Miss Anderson”.

“Não, realmente. Miss Anderson! Não sei quem ela é nem o que você quer dizer. Estou completamente no escuro. Mas caçoarei de você com muito prazer se me contar tudo sobre esse assunto”.

“Ah! Você se sai muito bem, mas não gosto que me pressionem desse modo. Você deve conhecer Miss Anderson muito bem pelo modo como descreveu uma jovem mudada. Os Anderson de Baker Street. Falávamos deles no outro dia, você sabe. Edmund, você me ouviu mencionar Charles Anderson. As circunstâncias foram precisamente iguais às descritas por esta jovem. Quando Anderson me apresentou à sua família, cerca de dois anos atrás, sua irmã ainda não fora apresentada à sociedade e não consegui fazer com que falasse comigo. Em uma manhã, permaneci sentado durante uma hora esperando por Anderson, e apenas ela e uma ou duas garotinhas se encontravam na sala, pois a governanta estava doente ou fora embora. Durante todo o tempo, a mãe entrava e saía com cartas de negócios e eu mal conseguia arrancar uma palavra ou um olhar da jovem – nada parecido com uma resposta delicada – ela trancara a boca e voltava-se para mim com um ar...! Não voltei a vê-la nos doze meses seguintes. Ela viajara. Encontrei-a na casa de Mrs. Holford e não a reconheci. Ela se aproximou de mim, declarou que me conhecia, olhou fixamente para mim e falou e riu até eu não saber para onde olhar. Sentia que naquele momento eu devia ser a piada da sala, e está claro que Miss Crawford conhecia a história”.

“E uma história muito bonita, e ousou dizer que contém mais verdade do que faz crédito à Miss Anderson. É uma falta muito comum. As mães certamente ainda não conseguiram o modo certo de lidar com as filhas. Não sei onde está o erro. Não pretendo consertar as pessoas, mas consigo ver que muitas vezes estão erradas”.

“As que mostram ao mundo como devem ser os modos femininos estão fazendo muito para reparar o mal”, disse Mr. Bertram galantemente.

“O erro está bastante claro”, disse o menos cortês Edmund. “Essas moças são mal educadas. Absorveram noções erradas desde o início. Estão sempre agindo por vaidade e não há modéstia real em seu comportamento, nem antes, nem depois de aparecerem em público”.

“Não sei”, replicou Miss Crawford, hesitante. “Bem, não posso concordar com o senhor nesse ponto. Certamente essa é a parte mais modesta do negócio. É muito pior quando as moças não se dão esses ares e tomam as mesmas liberdades como se fossem muito modestas. Isso é pior que qualquer outra coisa – é absolutamente repulsivo!”

“Sim, é realmente inconveniente”, disse Mr. Bertram. “Isso nos confunde e ficamos sem saber o que fazer. O bonezinho justo e o comportamento que você mencionou (nada foi tão bem descrito) nos diz o que esperar, mas no ano passado isso me fez passar por um mau bocado. Logo depois de voltar das Antilhas, no último mês de setembro fui a Ramsgate com um amigo para passar uma semana. Meu amigo Sneyd, você me ouviu falar dele, Edmund, seu pai, sua mãe e suas irmãs estavam lá, todos ainda desconhecidos para mim. Quando chegamos a Albion Place eles estavam fora. Fomos procurá-los e encontramos no pier: Mrs. Sneyd e suas filhas com alguns conhecidos: inclinei-me diante delas, e como Mrs. Sneyd estava rodeada por homens, aproximei-me de uma das filhas, ao lado de quem caminhei durante todo o trajeto para casa, fazendo-me tão agradável quanto possível; a jovem estava muito tranquila, conversando comigo e me ouvindo. Não me passava pela cabeça que eu estivesse fazendo algo errado. Elas pareciam exatamente iguais: ambas bem vestidas, com véus e guarda-sóis, como as outras moças; mas depois descobri que dera toda a minha atenção à mais nova, que ainda não fora apresentada à sociedade, e ofendera muitíssimo a mais velha. Miss Augusta não deveria ser notada pelos seis meses seguintes; e creio que Miss Sneyd jamais me perdoou.

“Isso foi realmente mal. Pobre Miss Sneyd. Apesar de não ter uma irmã mais nova, sinto por ela. Ser negligenciada antes do tempo deve ser muito vexatório, mas foi culpa exclusiva da mãe. Miss Augusta deveria estar acompanhada por sua governanta. Esses comportamentos não muito justos

jamais dão certo. Mas agora estou satisfeita quanto à Miss Price. Ela frequenta os bailes? Janta fora em todos os lugares, como em casa de minha irmã?”

“Não”, replicou Edmund, “não creio que ela já tenha ido a um baile. Minha mãe raramente sai e pouco sai para jantar, a não ser com Mrs. Grant; e Fanny permanece em casa com ela”.

“Oh! Então o ponto ficou claro. Miss Price ainda não foi apresentada”.

CAPÍTULO VI

Mr. Bertram viajou para... e Miss Crawford se preparou para enfrentar um grande vazio em seu grupo e, decididamente, sentir sua falta nos encontros que agora se tornavam quase diários entre as famílias. Após sua partida, em todos os jantares no Park retomou o lugar que escolhera perto da base da mesa, esperando sentir uma melancólica diferença com a mudança de senhores. Estava certa de que seria muito desinteressante. Comparado ao irmão, Edmund não tinha nada a dizer. A sopa seria passada do modo mais desanimado possível, o vinho seria tomado sem sorrisos ou brincadeiras agradáveis, e o cervo seria trinchado sem qualquer anedota aprazível sobre um antigo quarto traseiro ou uma única história divertida sobre ‘meu amigo, fulano de tal’. Ela devia tentar se divertir com o que se passava do outro lado da mesa, observando Mr. Rushworth, que aparecia em Mansfield pela primeira vez desde a chegada dos Crawford. Ele estivera visitando um amigo no município vizinho, e como esse amigo recentemente contratara um profissional para introduzir algumas melhorias em sua propriedade, Mr. Rushworth voltara com a cabeça repleta desse assunto, muito ansioso para aperfeiçoar sua propriedade da mesma maneira. Apesar de não acrescentar muito sobre o assunto, não conseguia falar de outra coisa. Já falara sobre isso na sala de estar e retomara o tema na sala de jantar. Era evidente que a atenção e a opinião de Miss Bertram eram seu principal objetivo, e apesar do comportamento da jovem demonstrar que tinha consciência de sua superioridade e não manifestar qualquer esforço para agradá-lo, a menção de Sotherton Court e as ideias concernentes ao lugar lhe proporcionavam um sentimento de complacência que a impedia de ser desagradável demais.

“Gostaria que pudesse ver Compton”, disse ele, “É absolutamente perfeito! Jamais vi um lugar tão transformado em minha vida. Disse a Smith que não sabia onde eu estava. Agora o acesso é uma das mais belas coisas na região: você avista a mansão de um modo surpreendente. Admito que ontem, quando voltei a Sotherton, o lugar parecia como uma prisão, uma prisão bastante lúgubre”. “Oh, que vergonha!”, exclamou Mrs. Norris. “Ora, uma prisão? Sotherton Court é o lugar mais nobre do mundo”.

“Acima de tudo, o lugar precisa de melhorias, senhora. Em toda minha vida, jamais vi um lugar que precisasse tanto de uma reforma. Está tão miserável que não sei o que se pode fazer ali”.

Mrs. Grant olhou para Mrs. Norris e disse com um sorriso: “Não importa o que Mr. Rushworth pensa agora, tenham certeza de que Sotherton terá todos os melhoramentos na época que seu coração desejar”.

“Preciso tentar fazer algo, mas não sei o quê”, disse Mr. Rushworth.

“Espero que algum bom amigo me ajude”.

“Imagino que o melhor amigo para essa ocasião seja Mr. Repton^[1]”, disse calmamente Miss Bertram.

“Era isso que eu pensava. Como trabalhou tão bem para Smith, creio que devo procurá-lo de imediato. Seus honorários são cinco guinéus por dia”.

“Bem, mesmo que fossem dez, tenho certeza de que o senhor não se importaria”, exclamou Mrs. Norris. “A despesa não deve ser um impedimento, se eu fosse o senhor. Eu faria tudo ao melhor estilo, tão belo quanto possível. Um lugar como Sotherton merece tudo que o bom gosto e o dinheiro possam fazer por ele. O senhor tem espaço para trabalhar ali, e terras que irão recompensá-lo. Quanto a mim, se possuísse a quinquagésima parte de Sotherton, estaria sempre plantando e fazendo melhorias no lugar, pois naturalmente gosto muitíssimo disso. Seria por demais ridículo fazer qualquer tentativa onde estou agora, com o meu apenas meio acre. Seria verdadeiramente burlesco. Mas se eu tivesse mais espaço, seria um prazer prodigioso plantar e reformar. Fizemos muito na casa paroquial : fizemos um lugar muito diferente do que ela era quando acabamos de nos mudar. Talvez os mais jovens não se lembrem muito bem, mas se estivesse aqui o caro Sir Thomas poderia lhes contar as melhorias que implantamos, e poderíamos fazer muito mais, não fosse o estado de saúde do pobre Mr. Norris. Pobre homem, mal conseguia sair de casa para desfrutar do lugar e isso me desencorajava de fazer as várias coisas sobre as quais Sir Thomas e eu costumávamos conversar. Não fosse por isso, teríamos prolongado o muro do jardim e erguido uma plantação para fechar o cemitério da igreja, como fez Dr. Grant. Mas estávamos sempre fazendo uma ou outra coisa. Na primavera do ano anterior à morte de Mr. Norris até plantamos o damasqueiro ao lado da parede do estábulo, que se tornou uma árvore nobre e alcançou a perfeição, senhor”, disse ela dirigindo-se ao Dr. Grant.

“Sem dúvida, a árvore se desenvolve muito bem, senhora”, replicou o Dr. Grant. “O solo é bom; e eu jamais passo por ele sem lamentar que os frutos sejam tão pequenos que não vale a pena colhê-los”.

“Senhor, é um damasqueiro Moor Park, nós o compramos como um Moor Park, e nos custou... isto é, foi um presente de Sir Thomas, mas vi a fatura e sei que custou sete xelins e que foi cobrado como um Moor Park”.

“Senhora, vocês foram enganados”, respondeu Dr. Grant. “Essas batatas têm tanto sabor de um damasco Moor Park quanto os frutos daquela árvore. Na melhor das hipóteses, são insípidos, mas um bom damasco é comestível, o que não acontece com nenhum de meu jardim”.

“Senhora, a verdade é que Dr. Grant mal sabe qual é o gosto natural de nossos damascos”, disse Mrs. Grant, fingindo cochichar através da mesa. “Ele quase nunca os prova, pois é um fruto tão valioso que com um pouco de ajuda, e a que temos é extraordinariamente grande, para ser bem justa, as tortas e geleias que minha cozinheira faz consegue usá-los todos”.

Mrs. Norris, que começara a corar, foi apaziguada; e, durante algum tempo, outros assuntos substituíram as melhorias de Sotherton. Dr. Grant e Mrs. Norris raramente se encontravam como bons amigos; seu conhecimento começara mal e seus hábitos eram totalmente diferentes.

Depois de uma pequena interrupção, Mr. Rushworth recomeçou. “A residência de Smith é objeto de admiração de todo o condado; e não era nada antes de Repton se encarregar dela. Acho que vou contratá-lo”.

“Mr. Rushworth”, disse Lady Bertram, “se eu fosse o senhor, plantaria arbustos bem bonitos. Com tempo bom, todos gostam de arbustos”.

Mr. Rushworth estava ansioso para demonstrar à senhora que concordava com ela e tentou lhe dizer algo elogioso, mas se confundiu ao deseja se submeter ao seu gosto dizendo que sempre pretendia fazer algo parecido com sua sugestão, ao mesmo tempo em que prestava atenção ao bem-estar das senhoras em geral e insinuava que ela era a única a quem ele desejava agradar. Edmund colocou um ponto final em seu discurso propondo uma taça de vinho. Entretanto, apesar de não ser um grande conversador, Mr. Rushworth ainda tinha mais a dizer sobre seu assunto preferido. “Smith não possui muito mais que cem acres de terra, o que é bastante pequeno e torna ainda mais surpreendente o fato do lugar ter sido tão bem reformado. Em Sotherton temos 700 acres, sem contar o prado de irrigação. Então, creio que se tanto foi feito em Crompton não há necessidade de nos desesperarmos. Cortaram duas ou três magníficas árvores antigas, pois estavam plantadas muito perto da casa, e é surpreendente como isso abriu a perspectiva, o que me faz pensar que Repton, ou outra pessoa, certamente reduzirá a alameda de Sotherton: a que vai da frente ocidental até o topo da colina, a senhorita sabe”, disse ele voltando-se para Miss Bertram enquanto falava. Mas Miss Bertram achou melhor responder:

“A alameda! Oh! Não me lembro. Conheço Sotherton muito pouco, de fato”.

Fanny, que se sentava do outro lado de Edmund, exatamente do lado oposto ao de Miss Crawford, e que ouvia com atenção, olhou para ele e disse em voz baixa:

“Derrubar as árvores de uma alameda! Que pena! Isso não o faz se

lembrar de Cowper^[2]? ‘Oh alamedas arruinadas, uma vez mais pranteio teu destino imerecido’.

Ele sorriu ao responder, “Temo que a alameda não tenha um bom destino, Fanny”.

“Gostaria de ver Sotherton antes que a propriedade seja reformada, ver o lugar como é agora, em seu estado antigo, mas não creio que isso aconteça”.

“Você já esteve lá? Não, não poderia, e infelizmente é longe demais para ir a cavalo. Seria bom se conseguíssemos”.

“Oh! Não tem importância. Quando for possível conhecê-la você me contará como foi alterada”.

“Lembro-me”, disse Miss Crawford, “de que Sotherton é um lugar antigo, local de certa grandeza. Algum estilo particular de construção?”

“A casa foi construída nos tempos de Elizabeth I e é grande, regular, com tijolos aparentes; é pesada, mas seu aspecto é respeitável e possui muitos quartos excelentes. Foi mal colocada, pois fica em um dos locais mais baixos da propriedade, aspecto desfavorável para uma melhoria. Mas o bosque é ótimo e há um riacho que, atrevo-me a dizer, pode ser muito bem aproveitado. Creio que Mr. Rushworth tem razão em pretender lhe dar aparência mais moderna e não tenho dúvida de que isso será extremamente bem realizado”.

Miss Crawford ouviu quieta, dizendo a si mesma. “É um homem bem educado; descreve sempre o lado positivo do assunto”.

“Não quero influenciar Mr. Rushworth”, continuou ele, “mas se tivesse uma propriedade para reformar eu não me colocaria nas mãos de alguém especializado. Preferiria ter um grau inferior de beleza de minha própria escolha, adquirido progressivamente, e cometer meus próprios erros em vez de aturar os de outra pessoa”.

“Naturalmente você saberia o que fazer, mas isso não serviria para mim. Não tenho olho nem engenho para tais assuntos, mas aceito o que vejo diante de mim; se eu tivesse uma propriedade no campo, ficaria muito agradecido se alguém como Mr. Repton se encarregasse dela e proporcionasse o máximo de beleza que meu dinheiro pudesse pagar, e jamais olharia para ela até estar pronta”.

“Para mim seria delicioso ver o progresso de tudo”, disse Fanny.

“Ah, você foi educada para isso. Mas isso não fez parte de minha educação e a única coisa que recebi, e que não foi administrada pelo principal

especialista do mundo, me fez considerar as reformas como as maiores amolações. Há três anos meu honrado tio, o Almirante, comprou uma pequena casa em Twickenham para nela passarmos os verões. Minha tia e eu fomos até lá e ficamos extasiadas. Mas apesar de excessivamente bela, logo foi necessário reformá-la, e durante três meses vivemos no meio da sujeira e da confusão, sem alameda de cascalho para pisar ou banco para se sentar. Assim que possível, eu teria completado tudo com arbustos, canteiros e inúmeros bancos rústicos, mas isso tudo teve de ser feito sem meus cuidados. Henry é diferente; ele adora fazer as coisas”.

Edmund ficou triste por ouvir Miss Crawford falar tão livremente sobre seu tio, pois estava disposto a admirá-la. Isso não combinava com seu senso de decoro e ele silenciou até ser induzido por sorrisos e vivacidade a colocar a questão de lado, por enquanto.

“Mr. Bertram”, disse ela, “finalmente tive notícias da minha harpa. Asseguraram-me que ela está segura em Northampton, provavelmente há dez dias, apesar das solenes garantias que temos recebido em contrário”. Edmund expressou seu prazer e surpresa. “A verdade é que nossas investigações foram diretas demais; enviamos um criado e fomos pessoalmente. Londres fica a menos de 70 milhas de distância, mas nesta manhã ouvimos as notícias do modo certo. Ela foi vista por um fazendeiro, que contou ao moleiro, que por sua vez contou ao açougueiro, cujo genro deixou recado na loja”.

“Fico muito feliz por você ter ouvido as notícias, não importa por que meios, e espero que não haja mais atrasos”.

“Devo recebê-la amanhã; mas de que modo acredita que será transportada? Não por carroça ou uma caleça de mão, oh não! Nada desse tipo poder ser alugado no povoado. Eu poderia conseguir carregadores e um carrinho de mão”.

“Você não teria dificuldade para alugar um cavalo e um carrinho de mão no momento, em meio à colheita tardia?”

“Fiquei atônita ao descobrir a dificuldade. Parecia impossível conseguir um cavalo e um carrinho de mão no campo, então disse à minha criada para falar diretamente com alguém, e como não posso olhar para fora de meu quarto de vestir sem ver um estábulo nem caminhar pelo bosque sem passar por outro, achei que só precisava pedir para conseguir um, e fiquei triste por não poder contar com isso. Imagine minha surpresa ao descobrir que estava pedindo algo absurdo, a coisa mais impossível do mundo, que ofendera os fazendeiros, todos os operários e todo o feno da paróquia. Quanto ao administrador do Dr. Grant, melhor seria não ter mexido com ele; e meu cunhado, que em geral é a gentileza

em pessoa, me olhou de cara feia quando descobriu o que eu fizera”.

“Não se poderia esperar que você tivesse pensado sobre o assunto antes, mas quando você refletir sobre isso verá a importância que tem a colheita no campo. Alugar um carrinho de mão de um momento para outro pode não ser tão fácil quanto supôs: nossos fazendeiros não têm o hábito de deixá-los ociosos; e, com a colheita, talvez não haja um cavalo de sobra”.

“Com o tempo compreenderei seu estilo, mas de acordo com a verdadeira máxima londrina de que tudo se resolve com dinheiro, no início fiquei um pouco espantada com a firme independência dos costumes de sua região. Todavia, terei minha harpa amanhã. Henry, que é a gentileza em pessoa, se ofereceu para buscá-la em sua carruagem. Não acha que ela será transportada honrosamente?”

Edmund disse que a harpa era seu instrumento favorito e que esperava em breve poder ouvi-la tocar. Fanny jamais ouvira uma harpa e desejava muito poder isso.

“Ficarei muito feliz por tocar para ambos”, disse Miss Crawford, “pelo menos enquanto desejarem ouvir: provavelmente até mais que isso, porque adoro verdadeiramente a música, e quando existe o gosto natural o artista sempre leva vantagem, pois se sente gratificado de vários modos. Agora, Mr. Bertram, se escrever ao seu irmão, encarrego-lhe de lhe contar que minha harpa chegou. Ele ouviu muito sobre minha infelicidade por causa dela. E por favor, pode lhe dizer que prepararei minhas músicas mais melancólicas para a sua volta, por compaixão por seus sentimentos, pois sei que seu cavalo perderá”.

“Se escrever, direi tudo o que você desejar, mas atualmente não antevejo qualquer ocasião para isso”.

“Ouso dizer que não, e nem se ele ficasse fora por um ano você lhe escreveria, nem ele a você, se ambos pudessem evitar. Não há como prever a ocasião. Que criaturas estranhas são os irmãos! Vocês não escreveriam um para o outro a não ser diante da mais urgente necessidade do mundo, e quando obrigados a tomar uma pena usam o mínimo possível de palavras para dizer que este ou aquele cavalo está doente ou avisar que um parente faleceu. Sei perfeitamente como é. Henry, que em todos os outros aspectos é exatamente o que deve ser um irmão, que me ama, me consulta, confia em mim e pode conversar comigo durante uma hora, jamais me escreveu uma carta com mais de uma página; em geral não passa de: ‘Querida Mary, acabei de chegar. Bath parece repleta e tudo está como sempre. Sinceramente...’ Esse é o verdadeiro estilo dos homens; e essa é uma carta de irmão, completa”.

“Quando ficam distantes de toda sua família podem escrever longas cartas”, disse Fanny corando por causa de William.

“Miss Price tem um irmão no mar, cuja excelência como correspondente faz com que ela a considere severa demais para conosco”, falou Edmund.

“Ela tem, no mar? Ao serviço do rei, naturalmente?”

Fanny preferiria que Edmund contasse a história, mas seu silêncio determinado a obrigou a relatar a situação de seu irmão: sua voz se animou ao falar de sua profissão, das bases navais estrangeiras em que estivera, mas não conseguiu mencionar a quantos anos estava ausente sem que lhe chegassem lágrimas aos olhos. Com cortesia, Miss Crawford desejou que ele logo fosse promovido.

“Você sabe algo sobre meu primo capitão?”, perguntou Edmund. “Capitão Marshall? Posso concluir que você tem grandes conhecidos na Marinha?”

Com um ar de grandeza, ela replicou: “Entre os almirantes, tenho muitos, mas sei muito pouco sobre os postos inferiores. Os capitães de mar e guerra podem ser ótimos homens, mas não nos pertencem. Poderia lhe contar muita coisa sobre os vários almirantes: suas bandeiras e sua remuneração, suas disputas e seus ciúmes. Mas posso lhe assegurar que em geral estão envelhecidos e mal usados. Certamente o fato de eu morar com meu tio me colocou em contato com um círculo de almirantes. De contras e vices^[3], já vi o suficiente. E não suspeite que eu esteja fazendo um trocadilho, rogo-lhe”.

Novamente sério, Edmund apenas respondeu: “É uma nobre profissão”.

“Sim, a profissão é bastante boa sob duas circunstâncias: quando traz fortuna e quando há discrição para gastá-la; mas em suma, não é das minhas profissões favoritas. Jamais se mostrou agradável a mim”.

Edmund voltou ao assunto da harpa e ficou feliz com a perspectiva de ouvi-la tocar.

Enquanto isso, a questão de implantar melhorias na propriedade ainda estava sob a consideração dos outros, e Miss Grant não pôde deixar de falar com o irmão, apesar de Henry ter a atenção voltada para Miss Julia Bertram.

“Meu caro Henry, você não tem nada a dizer? Você já realizou reformas, e pelo que sei de Everingham, ela rivaliza com qualquer propriedade da Inglaterra. Estou certa de que possui grandes belezas naturais. Em minha opinião, Everingham era perfeita no passado. Declives impecáveis, árvores maravilhosas! O que eu não daria para vê-la novamente!”

“Nada pode ser mais gratificante para mim que ouvir sua opinião sobre ela”, foi sua resposta, “mas você ficaria desapontada, pois não a encontraria semelhante às suas ideias atuais. Em extensão, é quase nada. Você ficaria surpresa com sua insignificância, e com relação aos melhoramentos, pude fazer muito pouco, pouquíssimo. Eu deveria ter me ocupado dela durante muito mais tempo”.

“Você gosta desse tipo de ocupação?”, perguntou Julia.

“Por demais; mas mesmo para um leigo, as vantagens naturais do terreno demonstravam que havia muito pouco a fazer, e depois de colocar em prática minhas resoluções, faltavam três meses para eu chegar à maioria quando Evingham se tornou o que é agora. Meus planos foram traçados em Westminster, talvez um pouco alterados em Cambridge e executados aos meus vinte e um anos. Estou inclinado a invejar Mr. Rushworth por ainda ter tanta felicidade diante dele. Fui um devorador de minha própria”.

“Aqueles que veem depressa, resolvem e agem com a mesma rapidez”, disse Julia. “Jamais vai lhe faltar emprego. Ao invés de invejar Mr. Rushworth você deveria auxiliá-lo com sua opinião”.

Ouvindo a última parte dessa observação, Mrs. Grant a endossou calorosamente, persuadida de que nenhum julgamento se igualava ao do irmão, e como Miss Bertram apanhara a ideia da mesma forma, deu a ela seu total apoio, declarando que em sua opinião era infinitamente melhor consultar os amigos e os conselheiros desinteressados do que atirar imediatamente o negócio nas mãos de um profissional; Mr. Rushworth estava muito interessado em pedir o favor da assistência de Mr. Crawford; e Mr. Crawford, depois de corretamente depreciar suas habilidades, declarou-se à sua disposição para auxiliá-lo de qualquer modo que pudesse ser útil. Mr. Rushworth então começou a propor que Mr. Crawford lhe desse a honra de ir a Sotherton para passar a noite, quando Mrs. Norris, como se lesse na mente de suas duas sobrinhas a desaprovação de um plano que as afastaria de Mr. Crawford, propôs uma emenda.

“Não pode haver nenhuma dúvida quanto à boa vontade de Mr. Crawford, mas por que não acrescentar mais algumas pessoas? Por que não organizamos um pequeno grupo? Meu caro Mr. Rushworth, aqui há muitos interessados em suas reformas que gostariam de ouvir a opinião de Mr. Crawford. Talvez também possam apresentar opiniões úteis e, quanto a mim, há tempos desejo voltar a visitar sua boa mãe novamente; apenas o fato de eu não possuir cavalos explica minha negligência, mas agora eu poderia passar algumas horas com Mrs. Rushworth enquanto vocês caminham pelo lugar e resolvem tudo, e depois poderemos voltar para uma ceia aqui, ou jantar em Sotherton, como for mais

apropriado para sua mãe, e fazer uma agradável viagem de volta sob a luz do luar. Ouso propor que Mr. Crawford leve a mim e minhas duas sobrinhas em sua carruagem. Edmund poderá cavalgar e, como de costume, Fanny ficará em casa com você, irmã.

Mrs. Bertram não fez qualquer objeção e todos os envolvidos se adiantaram em expressar sua pronta aceitação, com exceção de Edmund, que ouviu tudo e não disse nada.

[1] Humphry Repton (1752–1818), arquiteto inglês, um dos maiores paisagistas do século XVIII. (N.T.)

[2] William Cowper (1731-1800): poeta inglês do século XVIII, um dos autores favoritos de Jane Austen. (N.T.)

[3] Trocadilho intraduzível em português: a jovem se refere a contra-almirantes (rear admiral) e vice-almirantes (vice admiral), mas as palavras “rear” e “vice” também significam “traseiro” e “vício”. (N.T.)

CAPÍTULO VII

“Bem, Fanny, e o que acha de Miss Crawford agora?”, falou Edmund no dia seguinte, após pensar por algum tempo sobre o assunto. “Você gostou dela ontem?”

“Sim, muito, muito. Gosto de ouvi-la falar. Ela me entretém; e é tão extremamente bela que tenho grande prazer em olhar para ela”.

“Seu semblante que é muito atraente. Ela tem um maravilhoso jogo de expressões! Mas não houve nada em sua conversação que chamasse sua atenção como algo pouco cortês, Fanny?”

“Oh, sim! ela não deveria ter falado de seu tio como o fez. Fiquei bastante espantada. Um tio com o qual ela morou durante tantos anos, e que apesar das falhas que possa ter, adora seu irmão, pois, de acordo com o que se diz, ele o trata como um filho. Não consegui acreditar!”

“Imaginei que você se espantaria. Foi muito errado; muito indecoroso”.

“E muito ingrato, acredito eu”.

“Ingrato é uma palavra forte. Não sei se seu tio tem algum direito à sua gratidão; sua mulher certamente tinha; e é a intensidade do respeito pela memória de sua tia que faz com que ela erre. As circunstâncias embaraçosas em que se encontra a influenciam de modo errado. Com tal veemência de sentimentos e um espírito tão vivo deve ser difícil fazer justiça à sua afeição por Mrs. Crawford sem lançar uma sombra sobre o Almirante. Não finjo saber quem foi mais culpado pelas divergências, embora a presente conduta do Almirante me incline para o lado da esposa, mas é natural e amável que Miss Crawford absolva totalmente a tia. Não censuro suas opiniões; mas certamente é impróprio torná-las públicas”.

Depois de uma breve reflexão, Fanny disse: “Você não acha que essa impropriedade pode ser reflexo da própria Mrs. Crawford, pois ela foi a única responsável pela educação da sobrinha? Ela talvez não tenha lhe dado noções corretas sobre o quanto devia ao Almirante”.

“Uma observação muito justa. Sim, devemos supor que as falhas da sobrinha sejam as mesmas da tia; e isso nos torna mais sensíveis às desvantagens sob as quais ela tenha estado. Mas creio que seu lar atual lhe fará bem. As maneiras de Mrs. Grant são exatamente o que deveriam ser. Ela fala do irmão com uma afeição muito agradável”.

“Sim, exceto quando diz que escreve cartas muito curtas. Ela quase me fez rir, mas não posso avaliar muito bem o amor ou o bom caráter de um irmão

que não se dá ao trabalho de escrever nada que mereça ser lido quando estão separados. Tenho certeza de que William jamais faria isso, sob circunstância alguma. E que direito tem ela de supor que você não escreveria longas cartas se estivesse ausente?”

“O direito de uma mente muito viva, Fanny, que agarra tudo que possa contribuir para sua própria diversão ou para a dos outros; algo perfeitamente permitido quando não maculado por mau humor ou aspereza; e não há sombra disso no comportamento ou nos modos de Miss Crawford: nada de picante, vulgar ou grosseiro. Ela é perfeitamente feminina, exceto nas circunstâncias das quais falávamos. Naquilo, não pode ser justificada. Fico contente por você ter interpretado como eu.

Tendo formado sua mente e granjeado suas afeições, ele tinha boa chance de Fanny pensar como ele; embora, nesse período e sobre esse assunto, haver o perigo de surgir alguma dissimilaridade, pois ele começava a admirar Miss Crawford, algo que talvez o levasse para onde Fanny não poderia segui-lo. Os atrativos de Miss Crawford não diminuíram. A harpa chegou e aumentou sua beleza, graça e bom-humor; pois ela tocou com a maior cortesia, com expressão e gosto particularmente apropriados, sempre dizendo algo inteligente ao término de cada ária. Edmund ia à casa paroquial todos os dias para ouvir seu instrumento favorito: uma manhã assegurava um convite para a manhã seguinte; pois a jovem não podia deixar de ter um ouvinte, e logo se estabeleceu uma assiduidade.

Uma jovem, bonita e cheia de vida, com uma harpa tão elegante quanto ela, ambas colocadas perto de uma janela até o chão, abrindo-se para um pequeno gramado cercado de arbustos cobertos com a rica folhagem de verão, era suficiente para arrebatá-lo o coração do qualquer homem. A estação, a cena e o ar eram favoráveis à ternura e ao sentimento. Com seu bastidor e seu bordado, Mrs. Grant também se integrava bem ao ambiente: tudo estava em harmonia, e como tudo é levado em consideração quando o amor está surgindo, valia a pena observar Dr. Grant fazer as honras da casa servindo uma bandeja de sanduíches. No entanto, sem estudar o assunto ou saber do que se tratava, ao final de uma semana desse tratamento, Edmund começava realmente a se apaixonar, e a favor da moça pode-se acrescentar que, sem ser um homem do mundo nem um irmão mais velho, sem qualquer das artes da bajulação e das alegrias das conversas casuais, ele também começava a se tornar agradável a ela. Ela sentiu o que acontecia e não compreendia bem o porquê, pois de acordo com qualquer regra comum ele não era uma pessoa agradável: não falava tolices; não elogiava; suas opiniões eram firmes e suas atenções eram tranquilas e simples. Talvez Miss Crawford conseguisse sentir o encanto de sua sinceridade, de sua firmeza, de sua integridade, mas não conseguisse discutir tudo aquilo com si

mesma. Contudo, não deu muita atenção ao caso: ele a agradava no momento; gostava de tê-lo por perto; isso era o suficiente.

Fanny não imaginava, mas não se surpreendeu ao saber que Edmund ia à casa paroquial todas as manhãs. Ficaria feliz se também estivesse lá, talvez aparecendo sem ser convidada, ouvindo a harpa sem ser notada; também não se surpreendia que depois do passeio da tarde, quando as duas famílias novamente se separavam, ele considerasse certo acompanhar Mrs. Grant e sua irmã até sua casa, enquanto Mr. Crawford se devotava às senhoras do Park; mas ponderou que aquela era uma troca horrível, e se Edmund não se encontrava ali para misturar água em seu vinho, Fanny preferia não tomar nada. Ficou um pouco surpresa por ele conseguir passar tantas horas com Miss Crawford e deixar de ver a falha que ele próprio já observara, da qual sempre era lembrada por algo da mesma natureza, cada vez que estava em sua companhia. Edmund gostava de conversar com ela a respeito de Miss Crawford, mas parecia pensar que bastava que ela tivesse deixado de falar do Almirante para voltar a ter escrúpulos e se abster de fazer comentários sobre ele para não parecer maledicente. A primeira mágoa verdadeira que Miss Crawford lhe causou foi em consequência de uma inclinação para aprender a cavalgar que esta demonstrou logo após se estabelecer em Mansfield, a exemplo das jovens do Park, e que Edmund passou a encorajar depois de estreitar seu conhecimento, oferecendo para suas primeiras tentativas sua égua tranquila como a mais apropriada que qualquer estábulo pudesse fornecer para uma principiante. Todavia, ele não desejava causar qualquer consternação ou prejuízo à sua prima com essa oferta, pois ela não perderia nenhum dia de exercício. A égua apenas seria levada à casa paroquial meia hora antes da cavalgada de Miss Crawford, e Fanny, sendo consultada em primeiro lugar, longe de se sentir menosprezada sentiu-se invadida pela gratidão por ele lhe pedir licença.

Miss Crawford fez sua primeira tentativa com grande crédito para si mesma e nenhum inconveniente para Fanny. Edmund, que levava a égua e tomara conta de tudo, voltara com ela rapidamente, antes que Fanny ou o velho cocheiro que sempre a auxiliava quando ela saía a cavalgar com as primas estivessem prontos. O segundo dia de aula já não foi tão isento de culpa. O prazer que Miss Crawford sentiu foi tal que ela não sabia como poderia parar. Ativa e destemida, e apesar de pequena, de constituição forte, parecia destinada a ser uma amazona; e, ao puro e genuíno deleite do exercício, provavelmente somavam-se a atenção e as instruções de Edmund, além da convicção de sobrepujar as mulheres em geral com tal progresso tão repentino, com que a fizesse desejar desmontar. Fanny estava pronta e esperando, e Mrs. Norris começava a repreendê-la por ela não sair, mas nem a égua retornava, nem Edmund apareciam. Ela se afastou para evitar sua tia e para procurar por ele.

As casas se encontravam a cerca de meia milha de distância e não podiam ser avistadas uma das outras; mas, caminhando-se 50 jardas a partir da porta da frente, ao olhar na direção do parque era possível ver a casa paroquial e todos os seus domínios erguendo-se suavemente para além da estrada do vilarejo; e, no gramado de Dr. Grant, Fanny viu imediatamente o grupo formado por Edmund e Miss Crawford, ambos montados e cavalgando lado a lado, o doutor, Mrs. Grant e Mr. Crawford com dois ou três cavaliários, em pé por ali, observando. Para ela parecia um conjunto feliz, interessado em um único objetivo, alegre sem dúvida, pois o som da felicidade subia até ela. Era um som que não a alegrava; pensou que Edmund a esquecera e sentiu um espasmo. Não conseguia tirar os olhos do gramado; não podia deixar de olhar o que se passava. No princípio, Miss Crawford e seu companheiro fizeram o circuito da campina, passaram a trotar, e para a natureza tímida de Fanny foi chocante ver o modo como ela se sentava. Depois de alguns minutos, pararam completamente. Edmund encontrava-se perto dela e lhe falava, evidentemente ensinando-lhe a manejar as rédeas; viu que segurava sua mão, ou sua imaginação lhe mostrou o que seus olhos não conseguiam alcançar. Não era capaz de parar de pensar nisso tudo; o que poderia ser mais natural que Edmund se tornar útil e provar seu bom caráter ajudando qualquer um? Mas ela refletia que na verdade Mr. Crawford deveria ter lhe poupado esse trabalho, que teria sido bem mais apropriado e decente se o irmão tivesse se encarregado do assunto; mas com todo seu gabado bom temperamento e toda sua sapiência Mr. Crawford provavelmente não sabia nada sobre cavalgadas e não demonstrava qualquer gentileza, comparado com Edmund. Começou a pensar que para a égua era um pouco difícil esse trabalho duplo; se ela estava sendo esquecida, a pobre égua devia ser lembrada.

Seus sentimentos por si e pela égua logo se tranquilizaram ao ver que o grupo no gramado se dispersava. Miss Crawford continuava montada, mas, a pé, Edmund a auxiliava a passar pelo portão para ganhar a estrada, entrar no parque e se dirigir para o local onde ela se encontrava. Começou a ficar com medo de parecer rude e impaciente e, com grande ansiedade, começou a caminhar para encontrá-los e evitar a suspeita.

“Minha cara Miss Price”, disse Miss Crawford assim que a distância que as separava lhe permitia ser ouvida. “Vim apresentar minhas desculpas por deixá-la esperando, mas não tenho nada a dizer em meu favor – eu sabia que já era tarde e que me comportava extremamente mal, portanto deve me perdoar, por favor. Sempre se deve perdoar o egoísmo porque para ele não há qualquer esperança de cura”.

A resposta de Fanny foi muito educada e Edmund acrescentou que tinha certeza de que ela não estava com pressa nenhuma, “pois há tempo mais que suficiente para minha prima cavalgar uma distância duas vezes maior do que ela

costuma, e você contribuiu para seu conforto impedindo que ela saísse meia hora mais cedo: as nuvens se acumularam e ela agora não sofrerá com o calor, como aconteceria antes. Espero que você não tenha se desgastado com tanto exercício. Quem me dera que te salvasse desta caminhada para casa”.

“Nada me cansa, exceto sair deste cavalo, eu lhe garanto”, disse ela ao descer auxiliada por ele. “Sou muito forte. A única coisa que me cansa é fazer o que não gosto. Miss Price, dou-lhe o meu lugar muito a contragosto, mas espero sinceramente que tenha uma agradável cavalgada e que só possa me dizer boas coisas sobre este querido, deleitoso e belo animal”.

O velho cavaliço que esperava com seu próprio cavalo se juntou a eles, auxiliou Fanny a montar e os dois se afastaram na direção de outra parte da propriedade; com sentimento de desconforto, Fanny se voltou para trás e viu que os outros desciam juntos a colina que levava ao vilarejo; e seu auxiliar não ajudou em nada ao elogiar a grande habilidade de Miss Crawford como amazona, que observara com um interesse quase tão grande quanto o seu.

“É um prazer ver uma moça com tal talento para montar!”, disse ele. Jamais vi alguém se sentar melhor em um cavalo. Ela parece desconhecer o medo. Muito diferente da senhorita, quando iniciou, há seis anos próximo da Páscoa. Santo Deus! Como tremia quando Sir Thomas a colocou pela primeira vez sobre um cavalo!”

Miss Crawford também foi elogiada na sala de estar. As senhoritas Bertram apreciaram enormemente o mérito de ter sido abençoada com força e coragem pela Natureza; seu prazer em cavalgar era comparável ao de ambas; assim como sua excelência inicial, e tiveram grande prazer em elogiá-la.

“Parece ter nascido para isso”, disse Julia; “sua silhueta é tão elegante quanto a de seu irmão”.

“Sim”, Maria acrescentou, “seu temperamento é tão bom quanto o dele e possui a mesma energia de caráter. Não posso deixar de pensar que montar bem tem muito a ver com a mente”.

Quando se separaram à noite, Edmund perguntou a Fanny se ela pretendia montar no dia seguinte.

“Não, eu não sei. Não, se você quiser a égua”, foi sua resposta.

“Não a quero para mim”, disse ele. “Mas sempre que você desejar ficar em casa, creio que Miss Crawford ficará feliz em cavalgar por mais tempo, em suma, durante toda a manhã. Ela tem grande desejo de ir até a área pública de Mansfield. Dr. Grant contou a ela sobre a bela vista que se tem de lá e não tenho

dúvidas de que ela a apreciará. Mas qualquer manhã servirá. Ela ficará muito aborrecida se interferir em seus passeios. Seria muito errado se o fizesse. Ela cavalga por prazer, enquanto que você o faz por razões de saúde”.

“Certamente não montarei amanhã”, disse Fanny. “Tenho saído muito ultimamente e prefiro ficar em casa. Você sabe que agora estou suficientemente forte para caminhar bem”.

Edmund pareceu contente pelo que deveria ser do agrado de Fanny, e a cavalgada para as áreas públicas de Mansfield se realizou na manhã seguinte: o grupo incluiu todos os jovens, exceto ela, e todos apreciaram muito o passeio, que foi duplamente apreciado na discussão da noite. Em geral, um plano bem sucedido leva a outro, e o fato de terem visitado aquela área de Mansfield os dispôs a ir a outro lugar no dia seguinte. Havia muitos outros panoramas a admirar, e apesar de o clima estar quente havia aleias sombreadas em todos os lugares que desejavam visitar. Um grupo de jovens sempre encontra um caminho sombreado. Quatro manhãs sucessivas se passaram desse modo, com os anfitriões mostrando a região para os Crawford, louvando seus belos sítios. Tudo ia muito bem, tudo era alegria e bom-humor, o calor apenas uma inconveniência suficiente para que se falasse sobre o assunto com prazer – até o quarto dia, quando a felicidade do grupo foi extremamente afetada. A culpa foi de Miss Bertram. Edmund e Julia foram convidados para jantar na residência paroquial e ela foi excluída. Isso se deveu à Mrs. Grant, que o fez com perfeita tranquilidade por causa de Mr. Rushworth, esperado no Park naquele dia; porém, isso foi interpretado como uma grave injúria, e suas boas maneiras foram muito exigidas para ela conseguir esconder sua vergonha e sua ira até chegar em casa. Como Mr. Rushworth não apareceu, a injúria se ampliou e ela nem pôde contar com o alívio de mostrar seu poder sobre ele. Só lhe restou ser mal humorada com a mãe, a tia e prima, e tornar o jantar e a sobremesa tão tristes quanto possível.

Entre dez e onze horas, Edmund e Julia entraram na sala de estar, brilhantes, alegres e refrescados devido ao ar noturno, o extremo oposto do que viram nas três mulheres ali sentadas, pois Maria mal levantou os olhos do livro que estava lendo, e Lady Bertram estava semiadormecida; e até Mrs. Norris se mostrava descomposta com o mau-humor da sobrinha, e depois de fazer uma ou duas perguntas sobre o jantar, que não foram imediatamente respondidas, pareceu determinada a não dizer mais nada. Durante alguns minutos, o irmão e irmã ficaram ansiosos demais ao elogiar a noite e ao fazer observações sobre as estrelas, mas na primeira pausa, Edmund olhou em torno e perguntou: “Mas onde está Fanny? Já foi dormir?”

“Não que eu saiba”, replicou Mrs. Norris. “Estava aqui há um momento”.

A voz suave de Fanny, falando do outro lado da sala bastante espaçosa, lhes informou que ela se encontrava no sofá. Mrs. Norris começou a repreendê-la.

“Que grande tolice, Fanny, ficar a noite toda em um sofá, sem fazer nada. Por que não pode se sentar aqui e fazer algo, como nós? Se não tem nenhum trabalho para fazer, posso lhe dar algum, do cesto dos pobres. Há todo o novo morim que foi comprado na semana passada e ainda não foi tocado. Quase arrebentei as costas para cortá-lo. Você deveria aprender a pensar nos outros; e pode crer em minhas palavras, é chocante ver uma pessoa tão jovem sempre estendida em um sofá.

Antes que acabasse a metade da reprimenda, Fanny já voltara à sua cadeira e retomara seu trabalho; e Julia, que estava de bom humor devido aos prazeres do dia, fez-lhe justiça exclamando: “Devo dizer, senhora, que Fanny fica tão pouco no sofá quanto qualquer pessoa desta casa”.

Após observá-la com atenção, Edmund disse: “Fanny, tenho certeza que você está com dor de cabeça”.

Ela não pôde negar, mas afirmou que não era muito forte.

“Não posso acreditar”, replicou ele; “conheço muitíssimo bem sua aparência. Há quanto tempo você se sente assim?”

“Desde um pouco antes do jantar. Não é nada, deve ser só o calor”.

“Você saiu no calor?”

“Claro que saiu!”, falou Mrs. Norris. “Você queria que ela ficasse em casa em um dia tão bonito quanto este? Não saímos nós todas? Até sua mãe esteve fora hoje, por mais de uma hora”.

“Sim, é verdade, Edmund”, acrescentou Lady Bertran, que acordara totalmente com a repreensão de Mrs. Norris a Fanny. “Fiquei fora por mais de uma hora. Durante três quartos de hora sentei-me no jardim enquanto Fanny cortava as rosas. Foi muito agradável, asseguro-lhe, mas estava muito quente. A sala estava fresca, mas declaro que praticamente odiei retornar para casa”.

“Fanny esteve cortando rosas, é isso?”

“Sim, e temo que sejam as últimas deste ano. Coitada! Ela achou que estava muito quente; mas as rosas estavam tão abertas que não podíamos esperar mais”.

“Certamente não era possível”, acrescentou Mrs. Norris em uma voz mais suave, “mas não acredito que tenha apanhado dor de cabeça nessa ocasião,

irmã. Ficar em pé ou inclinada no sol não provoca dor de cabeça, e acho que ela estará bem amanhã. Suponho que ela possa tomar um pouco de seu vinagre aromático; sempre me esqueço do meu”.

“Ela já tomou”, disse Lady Bertram; “dei a ela quando voltou de sua casa pela segunda vez”.

“Quê!”, exclamou Edmund; “ela ficou andando por aí além de cortar as rosas; atravessando o parque no calor para ir à sua casa, e duas vezes, senhora? Não me admiro que esteja com dor de cabeça”.

Mrs. Norris falava com Julia e não ouviu.

“Eu temia que fosse demais para ela”, disse Lady Bertram, “mas depois que as rosas foram colhidas sua tia as desejou para si, então era preciso levá-las para sua casa”.

“Mas as rosas a obrigaram a ir duas vezes?”

“Não; mas elas foram colocadas no quarto de hóspedes para secar; e, infelizmente, Fanny se esqueceu de trancar a porta do quarto e trazer a chave, portanto foi obrigada a voltar”.

Edmund se levantou e caminhou pela sala, dizendo, “E ninguém poderia fazer essas coisas em lugar de Fanny? Afirmo, senhora, que tudo isso foi muito mal gerido”.

“Tenho certeza de que não havia como fazer melhor”, exclamou Mrs. Norris, incapaz de continuar se fazendo de surda, “a menos que eu tivesse ido pessoalmente, mas não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo; e conversava com Mr. Green sobre a leiteria de sua mãe, a pedido dela, e prometera a John Groom escrever para Mrs. Jefferies sobre seu filho, e o pobre homem já me esperava há meia hora. Creio que ninguém pode me acusar de me furtar ao trabalho em qualquer ocasião, mas realmente não posso fazer tudo ao mesmo tempo. E quanto a Fanny ir até minha casa, a distância não chega a um quarto de milha e não acho que tenha sido absurdo o meu pedido. Quantas vezes já fiz esse caminho três vezes em um dia, cedo ou tarde, com qualquer tipo de tempo e sem dizer nada a respeito disso?”

“Eu gostaria que Fanny tivesse metade do seu vigor, senhora”.

“Se Fanny se exercitasse com maior regularidade não ficaria exaurida em tão pouco tempo. Há tempos ela não cavalga e estou persuadida que quando não monta deveria caminhar. Se ela tivesse montado, eu não teria pedido para ela fazer nada. Mas achei que lhe faria bem, depois de ficar inclinada por entre as rosas, pois não há nada mais refrescante que uma caminhada após um cansaço

desse tipo, e apesar do sol forte, não estava quente demais. Aqui entre nós, Edmund”, disse ela indicando significativamente sua mãe com a cabeça, “o que lhe fez mal foi cortar as rosas e ficar perambulando pelo jardim”.

“Na verdade, temo que tenha sido isso”, disse a leal Lady Bertram, que a ouvira. “Tenho muito medo que ela tenha apanhado a dor da cabeça ali, pois o calor era de matar qualquer um. Fiquei fora o máximo que consegui suportar. Permanecer sentada, chamando Pug e tentando mantê-lo longe dos canteiros quase foi demais para mim”.

Edmund não disse mais nada a nenhuma das senhoras; dirigiu-se calmamente para a outra mesa sobre a qual ainda havia uma bandeja e serviu um cálice de vinho Madeira para Fanny, obrigando-a a beber a maior parte dele. Ela gostaria de ser capaz de recusar; mas as lágrimas provocadas por vários sentimentos faziam com que fosse mais fácil engolir que falar.

Envergonhado como estava de sua mãe e de sua tia, Edmund se sentia ainda mais furioso consigo mesmo. Sua própria desatenção para com ela era pior que qualquer coisa que as duas tivessem feito. Nada disso teria acontecido se ele lhe tivesse demonstrado consideração, mas ela fora deixada quatro dias seguidos sem escolha quanto à companhia e ao exercício, e sem qualquer desculpa para evitar o que suas tias irracionais lhe pedissem para fazer. Envergonhava-se de pensar que por quatro dias seguidos ela não conseguira montar, e apesar de não desejar colocar um fim ao prazer de Miss Crawford, resolveu que isso jamais se repetiria.

Fanny foi para a cama com o coração tão satisfeito quanto na primeira noite de sua chegada a Mansfield Park. Seu estado de espírito provavelmente contribuíra para sua indisposição; pois ela se sentira negligenciada e lutara contra o descontentamento e a inveja durante os últimos dias. Ao se recostar no sofá, no qual se refugiara para não ser vista, a dor em sua alma era muito maior do que a dor em sua cabeça; e a súbita mudança que a gentileza de Edmund ocasionara fez com que ela mal soubesse como se portar.

CAPÍTULO VIII

As cavalgadas de Fanny recomeçaram já no dia seguinte. A manhã estava fresca e agradável, menos quente do que o clima dos últimos tempos, e Edmund tinha certeza de que suas perdas, tanto em saúde quanto em prazer, logo seriam compensadas. Mr. Rushworth chegou enquanto ela estava fora, acompanhado de sua mãe, que fora até lá especificamente para ter a cortesia de insistir na execução do plano de visitar Sotherton, sugerido quinze dias antes e que permanecera inativo em consequência de sua subsequente ausência de casa. Mrs. Norris e as sobrinhas se alegraram com sua revivificação e foi escolhido e aprovado um dia próximo, desde que Mr. Crawford não tivesse nenhum compromisso. As jovens não se esqueceram dessa condição, e apesar de Mrs. Norris afirmar que ele estaria livre, elas não aprovaram essa liberdade nem desejaram correr qualquer risco. Por fim, por insinuação de Miss Bertram, Mr. Rushworth decidiu que a melhor coisa a fazer era ir até a casa paroquial, conversar com Mr. Crawford e perguntar se a quarta-feira seguinte era ou não conveniente para ele.

Mrs. Grant e Miss Crawford surgiram antes que ele retornasse. Haviãam saído um pouco e como tinham tomado um caminho diferente para voltar para casa não o haviam encontrado. Esperanças confortáveis, no entanto, davam que elas encontrariam Mr. Crawford em casa. Naturalmente mencionaram o plano para visitar Sotherton, pois Mrs. Norris estava muito animada; e Mrs. Rushworth, pessoa pomposa, falante, gentil e de boas intenções, que não dava importância a nada que não se relacionasse consigo mesma ou com o filho, ainda não desistira de pressionar Lady Bertram a fazer parte do grupo. Esta última já declinara várias vezes, mas seu modo plácido de recusa fazia com Mrs. Rushworth ainda julgasse que ela desejava ir, até que as inúmeras palavras e o tom mais exaltado de Mrs. Norris a convenceram da verdade.

“O cansaço seria demasiado para minha irmã, seria exageradamente fatigante, eu lhe garanto, minha cara Mrs. Rushworth. Dez milhas para ir, mais dez para voltar, como sabe. Deve perdoar minha irmã nessa ocasião e aceitar nossas queridas jovens e minha própria presença sem ela. Sotherton é o único lugar que poderia lhe inspirar um desejo de viajar para tão longe, mas realmente não é possível. Ela terá a companhia de Fanny Price, então tudo estará bem; e quanto a Edmund, como ele não se encontra presente para falar por si mesmo, lhe asseguro que ficará muito feliz por se juntar ao grupo. Ele poderá ir a cavalo, a senhora sabe”.

Sendo obrigada a se render à evidência de que Lady Bertram permaneceria em casa, só restava à Mrs. Rushworth sentir muito por isso. “A perda de sua companhia será muito sentida, e eu teria ficado extremamente feliz

por ver também a jovem senhora, Miss Price, que ainda não esteve em Sotherton; e é uma pena que ela não possa ver o lugar”.

“A senhora é muito gentil, é só bondade, minha cara senhora”, exclamou Mrs. Norris, “mas quanto a Fanny, ela terá muitas oportunidades de ver Sotherton. Há tempo de sobra para isso; e está compleamente fora de questão ela ir agora. Lady Bertram não pode absolutamente prescindir dela”.

“Oh, não! Não posso prescindir de Fanny”.

Convicta de que todos deviam querer visitar Sotherton, Mrs. Rushworth incluiu Miss Crawford no convite, e apesar de Mrs. Grant não ter se dado ao trabalho de visitar Mrs. Rushworth quando passara pelas vizinhanças, também foi convidada. Ela delicadamente recusou o convite, mas se alegrou em garantir o prazer à irmã; e Mary, devidamente pressionada e persuadida, não demorou muito em aceitar sua parte na gentileza. Mr. Rushworth voltou da casa paroquial sem problemas; e Edmund surgiu a tempo de saber que tudo fora combinado para a quarta-feira seguinte, para acompanhar Mrs. Rushworth até sua carruagem e atravessar metade do parque em companhia das outras duas jovens.

Ao voltar à sala de desjejum, encontrou Mrs. Norris tentando resolver se era desejável ou não Miss Crawford fazer parte do grupo, ou se a carruagem do seu irmão ficaria ou não lotada com ela. As senhoritas Bertram riram da ideia e garantiram que o veículo poderia carregar perfeitamente bem quatro pessoas, sem contar com a boleia, onde poderia viajar mais uma pessoa ao lado do condutor.

“Mas qual a necessidade de se empregar a carruagem de Crawford, ou apenas ela?”, perguntou Edmund. “Por que não fazer uso do cupê de minha mãe? No outro dia, quando o plano foi mencionado pela primeira vez, não consegui compreender porque uma visita da família não se fazia com a carruagem da família”.

“Como!”, exclamou Julia: “Três pessoas trancadas em um cupê com este tempo, quando podemos ir de carruagem! Não, meu caro Edmund, isso não será possível”.

“Além disso”, disse Maria, “sei que Mr. Crawford deseja nos levar. Após a conversa anterior, ele vai dizer que foi uma promessa”.

“E meu caro Edmund”, acrescentou Mrs. Norris, “levar duas carruagens quando basta uma, seria se preocupar sem motivo; e cá entre nós, o cocheiro não gosta muito das estradas entre esta propriedade e Sotherton. Ele sempre reclama amargamente que as estradas estreitas danificam sua carruagem, e você sabe

que ele não gostaria que o querido Sir Thomas encontrasse todo o verniz arranhado, ao chegar em casa”.

“Essa não é uma boa desculpa para se usar somente a carruagem de Mr. Crawford”, disse Maria, “mas a verdade é que Wilcox é um velho tolo e não sabe dirigir direito. Estou certa de que na quarta-feira não encontraremos qualquer inconveniência nas estradas estreitas”.

“Creio que não há nada de desagradável, suponho, em se viajar na boleia”, disse Edmund.

“Desagradável!”, exclamou Maria: “Céus! Acho que é o assento favorito de todos. Não há comparação quanto à vista que se tem de toda a região. É provável que Miss Crawford também prefira viajar na boleia”.

“Então não haverá nenhuma objeção se Fanny ir conosco; não há nenhumadúvida de que haverá um lugar para ela”.

“Fanny!”, repetiu Mrs. Norris; “Meu caro Edmund, não há qualquer possibilidade de ela ir conosco. Ela fica com sua tia. Eu já disse isso à Mrs. Rushworth. Ela não é esperada”.

Ele falou, dirigindo-se à sua mãe: “Creio que a senhora não tenha razão alguma para querer que Fanny não participe do grupo, mas como se refere à senhora e ao seu conforto, se puder passar sem ela vai desejar mantê-la em casa?”

“Certamente que não, mas não posso prescindir dela”.

“Pode se eu ficar em casa com a senhora, como pretendo fazer”.

Diante disso houve uma gritaria geral. “Sim”, continuou ele, “não há necessidade de eu ir e pretendo ficar em casa. Fanny tem grande desejo de ver Sotherton. Sei que ela gostaria muitíssimo de ir. Não é sempre que ela tem esse tipo de satisfação e estou certo de que a senhora ficará feliz por dar a ela este prazer!”

“Oh, sim! muito feliz, se sua tia não fizer objeção”.

Mrs. Norris estava prontíssima a fazer a única objeção que poderia restar – assegurara positivamente à Mrs. Rushworth que Fanny não poderia ir e conseqüentemente seria estranho levá-la, o que lhe parecia uma dificuldade quase impossível de se superar. Sua aparição seria estranhíssima! Algo tão sem cerimônia chegava às raias do desrespeito para com Mrs. Rushworth, cujas maneiras eram um padrão de boa educação e atenção que ela realmente não poderia igualar. Mrs. Norris não tinha nenhuma afeição por Fanny e nenhum

desejo de lhe proporcionar qualquer prazer em qualquer ocasião; mas sua oposição a Edmund naquele momento era mais por causa da interferência com o seu planejamento do que por outra coisa qualquer, porque o plano fora dela. Achava que organizara tudo extremamente bem e que qualquer alteração só serviria para torná-lo pior. Portanto, quando Edmund lhe respondeu que ela não precisava se preocupar com Mrs. Rushworth, porque ao acompanhá-la até a porta ele aproveitara a oportunidade para mencionar que provavelmente Miss Price faria parte do grupo e recebera dela um convite mais que suficientemente direto para sua prima, Mrs. Norris sentiu-se irritada demais para se submeter de bom grado, e conseguiu dizer apenas: “Muito bem, muito bem, se você escolheu assim que se faça do seu jeito; eu certamente não dou a mínima importância”.

“Parece-me muito estranho”, disse Maria, “que você permaneça em casa em lugar de Fanny”.

“Tenho certeza de que ela ficará muito grata a você”, acrescentou Julia, saindo rapidamente da sala enquanto falava, pois tinha consciência de ela que deveria se oferecer para ficar em casa.

“Fanny ficará muito grata quando a ocasião exigir”, foi a única resposta de Edmund, e o assunto se encerrou.

Na verdade, ao ouvir sobre o plano, a gratidão de Fanny foi muito maior que seu prazer. Sentia a bondade de Edmund para com todos e, mais que tudo, a sensibilidade demonstrada por ele, sem suspeitar de seu apego; mas o fato de ele se privar do divertimento por sua causa lhe causou sofrimento, e sua própria satisfação por ver Sotherton não seria nada sem ele.

O encontro seguinte das duas famílias de Mansfield produziu outra alteração no plano, admitida com a aprovação geral. Mrs. Grant se ofereceu para ficar com Lady Bertram durante o dia, em lugar de seu filho, e Dr. Grant juntar-se-ia a eles para o jantar. Lady Bertram ficou muito satisfeita com isso e as jovens recuperaram o bom humor. Até Edmund ficou agradecido com o arranjo que o colocava de volta como parte do grupo. Mrs. Norris achou o plano excelente, até pensara nele e o tinha na ponta da língua; estava a ponto de propô-lo quando Mrs. Grant se adiantara e falara.

A quarta-feira estava gloriosa e, logo após o desjejum, a carruagem chegou com Mr. Crawford conduzindo suas irmãs, e como todos estavam prontos não havia nada a fazer a não ser Mrs. Grant descer e os outros tomarem seus lugares. O melhor lugar, o lugar invejado, o lugar de honra foi desocupado. Quem seria o felizado que ficaria com ele? Enquanto as senhoritas Bertram meditavam sobre o melhor modo de o conseguirem parecendo fazer um favor aos outros, o assunto foi resolvido por Mrs. Grant que disse, ao descer da

carruagem: “Como vocês são cinco, melhor seria que um de vocês se sentasse com Henry, e como ultimamente você dizia que gostaria de poder dirigir, Julia, creio que esta é uma boa oportunidade para você ter uma aula”.

Feliz Julia! Infeliz Maria! Em um instante, a primeira já estava na boleia da carruagem enquanto que a última ocupava seu lugar dentro dela, sombria e mortificada, e a carruagem se afastou em meio aos bons votos das duas senhoras que ficavam e dos latidos de Pug nos braços de sua dona.

A estrada corria por uma região aprazível, e Fanny, cujas cavalgadas jamais haviam sido muito extensas, logo se encontrou além da área que conhecia, feliz por observar tudo que era novo e admirar tudo que era belo. Não era muito solicitada a se juntar à conversa dos outros, nem desejava isso. Seus próprios pensamentos e reflexões habitualmente eram seus melhores companheiros, e observando a aparência da região, a situação das estradas, a diferença do solo, o estado da colheita, os chalés, o gado e as crianças, encontrava divertimento que só poderia ser aumentado se pudesse conversar com Edmund sobre o que sentia. Aquela era a única semelhança entre ela e a moça que se sentava ao seu lado: em tudo Miss Crawford era diferente dela, exceto na consideração por Edmund. Mas não possuía a delicadeza de Fanny quanto ao gosto, à mente e aos sentimentos. Via a natureza inanimada sem observá-la; sua atenção se voltava apenas para os homens e as mulheres; seus talentos só se interessavam pelo supérfluo e o exuberante. Contudo, ao olhar para trás procurando ver Edmund, quando se abria qualquer faixa de estrada atrás deles, ou quando ele se aproximava subindo uma colina, elas se uniam e mais de uma vez disseram juntas: “aí está ele”.

Durante as primeiras sete milhas, Miss Bertram sentira muito pouco conforto: suas esperanças sempre terminavam em Mr. Crawford e em sua irmã, lado ao lado, cheios de conversas e alegria; e apenas divisava seu perfil expressivo quando ele se virava para Julia com um sorriso, ou ouvia o riso da irmã, uma perpétua fonte de irritação que seu senso de decência não podia tolerar. Quando Julia olhava para os demais, o prazer se estampava em seu rosto, e sempre que se dirigia a eles demonstrava humor excelente: “a vista que gozava da região era encantadora e ela desejava que todos pudessem vê-la, etc.”, mas sua única oferta para trocar de lugar fora para Miss Crawford, quando chegaram ao topo de uma colina, e mesmo assim não passou do seguinte: “Esta é uma bela região. Gostaria que você ficasse com meu lugar, mas ousou dizer que você não o quer, mesmo que eu insista”; e Miss Crawford mal conseguiu responder antes de retomarem o caminho com boa velocidade.

Quando atingiram a área de Sotherton ficou melhor para Miss Bertram que, conforme se diz, passou a ter duas cartas na manga. Ela possuía o

sentimento de Rushworth e o sentimento de Crawford, e na vizinhança de Sotherton este último lhe conferia grande importância. Não podia dizer à Miss Crawford: “esses bosques pertencem a Sotherton”, e não podia observar descuidadamente “acredito que agora tudo isto é propriedade de Mr. Rushworth, dos dois lados da estrada”, sem que o júbilo invadisse seu coração, e seu prazer se expandisse com a aproximação da imponente mansão feudal, antiga residência senhorial da família, com todos os direitos do Tribunal Leet e do Tribunal Barão.

“Agora não teremos mais estradas difíceis, Miss Crawford. Nossas dificuldades terminaram. O resto do caminho é como deveria ser. Mr. Rushworth cuidou disso assim que recebeu a herança. Aqui começa o vilarejo. Esses chalés são mesmo uma desgraça. A agulha da torre da igreja é considerada extraordinariamente bela. Fico feliz pelo fato de a igreja não se encontrar demasiadamente perto da casa grande, como acontece com frequência em lugares antigos. O incômodo com os sinos deve ser terrível. Ali é a casa paroquial: uma casa de bom aspecto, e soube que o pároco e sua mulher são pessoas muito decentes. Aqueles são asilos para os pobres construídos por pessoas da família. À direita, a casa do administrador, homem muito respeitável. Agora chegamos aos portões da guarita, mas ainda temos que atravessar quase uma milha pelo parque. Não é feio deste lado, como veem. Há algumas belas árvores, mas a situação da casa é terrível. Descemos a colina por meia milha, o que é uma pena, pois não seria um lugar de aparência desagradável se tivesse um acesso mais bonito”.

Miss Crawford não se demorou a ficar feliz; percebeu os sentimentos de Miss Bertram e para ela foi um ponto de honra fomentar ao máximo sua alegria. Mrs. Norris era toda deleite e volubilidade; e até Fanny teve algo a dizer em admiração, e foi ouvida com complacência. Seus olhos observavam avidamente tudo ao redor, e após se esforçar para ver a casa, observou que “aquele era o tipo de construção que ela não poderia deixar de ver com respeito”, acrescentando: “Mas, onde está a alameda? Noto que a frente da casa está voltada para o leste, portanto a alameda deve se encontrar atrás dela, pois Mr. Rushworth falou da fachada oeste”.

“Sim, está exatamente atrás da casa; começa a certa distância e sobe por meia milha até a extremidade das terras. É possível ver algo dela daqui, algumas árvores mais distantes. É inteiramente plantada com carvalhos.”

Miss Bertram agora podia falar com autoridade de um assunto do qual não conhecia nada quando Mr. Rushworth pedira sua opinião; e quando chegaram aos espaçosos degraus de pedra diante da entrada principal seu estado de espírito era extremamente feliz, estimulado pela vaidade e pelo orgulho.

CAPÍTULO IX

Mr. Rushworth estava à porta para receber sua bela dama, e todo o grupo foi admitido com a devida atenção. Na sala de estar, todos foram acolhidos com a mesma cordialidade pela mãe, e Miss Bertram foi tratada com toda distinção que poderia desejar. Após se encerrar o assunto da chegada, primeiro era necessário comer, e as portas se abriram para que pudessem passar por um ou dois aposentos intermediários antes de chegarem à sala de jantar onde uma refeição fora preparada com fartura e elegância. Muito foi dito e muito foi ingerido, e tudo se passou perfeitamente bem. O objetivo principal do dia foi então considerado. De que modo Mr. Crawford gostaria ou escolheria examinar a área? Mr. Rushworth mencionou um veículo aberto, com duas rodas e dois lugares. Mr. Crawford sugeriu a conveniência de uma carruagem, pois poderia levar mais de duas pessoas. “Privarmo-nos da vantagem de outros olhos e outros julgamentos poderia ser um mal que superaria a perda do prazer”.

Mrs. Rushworth propôs levarem também o veículo aberto; mas isso foi mal recebido: as jovens não sorriram nem falaram nada. A proposta para mostrar a casa aos que ainda não tinham estado ali antes foi mais bem aceita, pois Miss Bertram ficou satisfeita em exibir sua grandeza, e todos ficaram felizes por fazer alguma coisa.

Todo o grupo se levantou e, sob a orientação de Mrs. Rushworth, visitou vários aposentos, todos soberbos, espaçosos e amplamente mobiliados ao gosto de 50 anos antes, com assoalhos brilhantes, sólidos móveis de mogno, ricos damascos, mármore, dourados e esculturas, cada qual belo a seu modo. Havia uma abundância de quadros, alguns muito bons, mas na maior parte retratos de família que não tinham qualquer significado para ninguém, a não ser para Mrs. Rushworth que se esforçara muito para aprender tudo o que a governanta poderia ensinar, e agora já estava quase tão qualificada quanto ela a mostrar a casa. Naquela oportunidade, dirigia-se sobretudo à Miss Crawford e à Fanny, mas não havia comparação quanto à atenção que prestavam, pois Miss Crawford, que já vira uma enorme quantidade de belas casas e não se importava nada com elas, apenas fingia ouvir com certa cortesia, enquanto Fanny, para quem tudo era tão interessante quanto novo, ouvia com franca sinceridade ao que Mrs. Rushworth contava sobre a família no passado, sua elevação e grandeza, as visitas reais e os leais empreendimentos, deliciada por poder ligar os fatos à história já conhecida ou aquecer sua imaginação com cenas do passado.

A situação da casa excluía a possibilidade de se examinar a paisagem a partir de alguns aposentos; e, enquanto Fanny e alguns dos outros acompanhavam Mrs. Rushworth, Henry Crawford parecia sério e sacudia a cabeça diante das janelas. Todos os cômodos do lado oeste davam para um gramado que se

estendia até a alameda que se iniciava logo após os altos portões e as grades de ferro.

Tendo visitado mais salas cuja única utilidade parecia ser contribuir para o imposto sobre as janelas e não deixar as criadas sem emprego, Mrs. Rushworth continuava: “Agora estamos chegando à capela, que apropriadamente deveria ser acessada pela parte de cima para ser vista; mas como estamos entre amigos, vocês me perdoarão por tomar este caminho”.

Entraram. A imaginação de Fanny a preparara para algo mais solene que um aposento espaçoso e oblongo equipado para a devoção, com nada mais impressionante ou mais solene que a profusão de mogno e as almofadas de veludo rubro que apareciam por sobre o peitoril da galeria da família. Em voz baixa, ela disse para Edmund: “Estou desapontada. Essa não era a ideia que eu fazia de uma capela, sem nada impressionante, melancólico ou grandioso. Aqui não há corredores entre os assentos, nem arcos, nem inscrições, nem estandartes. Nenhuma bandeira, primo, para ser ‘soprada pelo vento noturno dos céus’. Nenhum sinal de que um ‘monarca escocês jaz adormecido aqui embaixo’”.

“Você se esquece, Fanny, quão recente é esta construção, para uma finalidade restrita, comparada às antigas capelas dos castelos e mosteiros. Serve apenas para o uso privativo da família. Creio que seus membros foram enterrados na igreja da paróquia. É lá que você deve procurar pelas bandeiras e feitos heroicos”.

“Foi tolo de minha parte não pensar nisso; mas estou desapontada”.

Mrs. Rushworth iniciou sua exposição. “Como vocês veem, esta capela foi equipada na época de Jaime II. Creio que antes desse período os assentos da igreja eram apenas lambris, e há certa razão para acreditar que os forros e almofadas do púlpito e dos assentos da família eram apenas tecido roxo; mas não há certeza disso. É uma capela bonita e antigamente era constantemente usada pela manhã e à noite. As orações eram sempre lidas pelo capelão doméstico, segundo o testemunho de muitas pessoas; mas o falecido Mr. Rushworth abandonou o costume”.

Com um sorriso, Miss Crawford disse a Edmund: “Cada geração apresenta uma melhoria”.

Mrs. Rushworth fora repetir a lição para Mr. Crawford; e Edmund, Fanny e Miss Crawford permaneceram juntos, como um grupo.

“É uma pena”, exclamou Fanny, “que o hábito tenha sido abandonado. Era uma parte valiosa dos tempos antigos. Há algo em uma capela e em um

capelão que guardam tanto o caráter de uma casa grande, como as ideias das pessoas de como deveria ser a vida doméstica. Seria ótimo a família se reunir regularmente para orar!”

“Realmente”, disse Miss Crawford, rindo. “Deve fazer um bem enorme aos chefes de família forçar todos os pobres criados e lacaios a deixar seus afazeres e prazeres para fazerem suas preces duas vezes ao dia, enquanto eles próprios inventavam desculpas para se furtar a isso”.

“Essa com certeza não é a ideia que Fanny faz de uma reunião de família”, disse Edmund. “Se o patrão e a patroa não comparecessem, o hábito seria mais nocivo que bom”.

“De qualquer modo, é mais prudente deixar as pessoas decidirem sobre esses assuntos. Todo mundo gosta de fazer suas próprias opções ao escolher a hora e o modo da devoção. A obrigação de comparecer, a formalidade, a coação, o período de tempo, isso é algo formidável de que ninguém gosta; e se as boas pessoas que costumavam se ajoelhar e bocejar naquela galeria pudessem prever que chegaria um tempo em que homens e mulheres poderiam ficar mais dez minutos na cama se acordassem com dor de cabeça, sem o perigo de sofrerem qualquer crítica por terem faltado à capela, teriam pulado de alegria e inveja. Você não imagina com que sentimento de má vontade os proprietários das antigas e belas casas de Rushworth mandavam fazer os reparos necessários nessa capela. As jovens Mrs. Eleanor e Mrs. Bridgets surgiam engomadas para parecerem piedosas, mas com a cabeça repleta de algo muito diferente, especialmente se não valesse a pena olhar para o pobre capelão e, imagino que naqueles dias, os párocos eram muito inferiores ao que são agora”.

Ela ficou sem resposta durante alguns momentos. Fanny corou e olhou para Edmund, mas sentia-se furiosa demais para falar; e ele precisou refletir antes de responder: “Sua mente espirituosa não consegue ser séria mesmo diante de assuntos sérios. Você nos pintou um retrato divertido, e a natureza humana não pode desmenti-lo. Todos nós às vezes sentimos dificuldade de ordenar nossos pensamentos do modo como desejamos; mas se você supõe que isso é algo frequente, isto é, uma fraqueza surgida do hábito da negligência, o que poderá ser esperado das devoções privativas dessas pessoas? Você crê que as mentes dos que sofrem e dos que costumam divagar em uma capela se concentrariam mais em um aposento minúsculo?”

“Sim, muito provavelmente. Elas teriam pelo menos dois trunfos em seu favor. Haveria menos elementos para distrair a atenção do culto e não seria tão longo”.

“Creio que a mente que não luta contra si mesma sob circunstâncias

adversas encontra com que se distrair em outras ocasiões; e a influência do lugar e do exemplo pode frequentemente despertar sentimentos melhores do que havia no início. Entretanto, admito que a maior duração do serviço às vezes pode ser muito cansativa. Gostaríamos que isso não acontecesse; mas não saí de Oxford há tanto tempo para esquecer o que são as preces na capela”.

Enquanto isto se passava, o resto do grupo se espalhou pela capela e Júlia chamou a atenção de Mr. Crawford para sua irmã, dizendo: “Olhe Mr. Rushworth e Maria lado a lado, exatamente como se a cerimônia fosse se realizar. Não acha que eles parecem completamente imbuídos por esse sentimento?”

Mr. Crawford concordou com um sorriso, e aproximando-se de Maria, disse em um tom de voz que somente ela poderia ouvir: “Não gosto de ver Miss Bertram tão perto do altar”.

Assustando-se, a jovem instintivamente deu um ou dois passos para trás, mas se recuperou em um momento, fingiu rir e perguntou em um tom não muito mais alto: “E se estivesse me entregando?”

“Temo que o faria de modo muito desastrado”, respondeu ele com um olhar significativo.

Juntando-se a eles naquele instante, Julia levou a brincadeira adiante.

“Garanto que é realmente uma pena que isso não ocorra imediatamente, mas se tivéssemos os proclamas, nada no mundo poderia ser mais agradável e deleitoso, pois estamos todos aqui reunidos”. E ela riu e falou sobre isso com tão pouca cautela que conseguiu despertar a atenção de Mr. Rushworth e de sua mãe, expondo a irmã aos galanteios do amado, enquanto Mrs. Rushworth falava com toda dignidade, usando os sorrisos adequados, que aquele seria um acontecimento muito feliz para ela no momento em que acontecesse.

“Se Edmund já tivesse sido ordenado!”, exclamou Julia. Correndo para onde ele se encontrava com Miss Crawford e Fanny, disse: “Meu caro Edmund, se você já tivesse sido ordenado poderia realizar a cerimônia agora mesmo. É realmente uma pena que ainda não tenha sido, pois Mr. Rushworth e Maria estão prontos”.

Enquanto Julia falava, o semblante de Miss Crawford talvez divertisse um observador desinteressado. Ela parecia horrorizada com a nova informação que recebia. Fanny ficou com pena dela. “Como ela ficará aborrecida quando isso realmente acontecer”, foi o pensamento que passou por sua cabeça.

“Ordenado!”, disse Miss Crawford; “vai se tornar um sacerdote?”

“Sim; serei ordenado logo após o retorno de meu pai, provavelmente no

Natal”.

Refazendo o ânimo e recobrando o espírito, Miss Crawford respondeu apenas: “Se eu soubesse disso antes, teria falado do tema com maior respeito”, e mudou de assunto.

Em pouco tempo deixaram a capela imersa no silêncio e na tranquilidade que nela reinavam durante todo o ano, com poucas interrupções. Aborrecida com sua irmã, Miss Bertram saiu na frente, e todos pareceram sentir que já haviam permanecido ali por tempo suficiente.

A parte inferior da casa já fora inteiramente exibida, e Mrs. Rushworth, que jamais se cansava com isso, teria prosseguido até a escadaria principal, levando-os para percorrer os quartos, se seu filho não se interpusesse, dizendo que talvez não houvesse tempo suficiente. Com o tipo de proposição autoevidente que muitas cabeças mais claras nem sempre evitam, ele disse: “Já nos demoramos muito vendo a casa e se continuarmos não haverá tempo para o que precisamos fazer lá fora. Já passa das duas e combinamos jantar às cinco horas”.

Mrs. Rushworth concordou e a questão de como examinar a área, e com quem, pareceu um debate mais agitado. Mrs. Norris começava a organizar uma combinação de carruagens quando os jovens, encontrando uma porta que dava para fora e que se abria tentadoramente para uma escadaria que levava ao gramado, aos arbustos e a todas as regiões doces e aprazíveis, tomados pelo mesmo impulso e pelo desejo de ar e liberdade, saíram todos juntos.

“Suponho que devemos ficar aqui por enquanto”, disse Mrs. Rushworth, compreendendo a sugestão e seguindo-os educadamente. “Aqui temos o maior número de nossas plantas, além dos curiosos faisões”.

Olhando em torno, Mr. Crawford falou: “Pergunto-me se não podemos nos ocupar deste local antes de irmos mais longe. Vejo muros muito promissores. Mr. Rushworth, que tal convocarmos um conselho neste gramado?”

“James”, disse Mrs. Rushworth ao filho, “creio que a floresta será uma novidade para todo o grupo. As senhoritas Bertram ainda não a conhecem”.

Ninguém fez qualquer objeção, mas durante algum tempo não pareceu que desejassem sair dali nem adotar qualquer plano. No início, todos se sentiram atraídos pelas plantas e pelos faisões e se dispersaram por ali em feliz independência. Mr. Crawford foi o primeiro a se adiantar para examinar os recursos daquela parte da casa. O gramado, limitado de cada lado por um muro alto, continha na primeira área plantada um campo para jogos de bolas e, mais além, um longo terraço com a parte do fundo fechada por grades de ferro, dominando uma vista sobre os topos das árvores da floresta imediatamente

adjacente. Era um bom lugar para se observar com espírito crítico. Miss Bertram e Mr. Rushworth logo seguiram Mr. Crawford. Depois de algum tempo, quando os outros começaram a formar grupos, os três foram encontrados ocupados, em consulta na varanda, acompanhados por Edmund, por Miss Crawford e por Fanny, que parecia unir-se a eles com naturalidade e que, após uma pequena participação em seus pesares e dificuldades, os deixou e se afastou. Os três restantes, Mrs. Rushworth, Mrs. Norris e Julia ainda estavam muito distantes, pois Julia, cuja boa estrela parecia tê-la abandonado, fora obrigada a caminhar ao lado de Mrs. Rushworth e conter seus pés impacientes para acompanhar os passos lentos da dama, enquanto sua tia, que ficara para trás, conversava com a governanta que saíra para alimentar os faisões. A pobre Julia, a única dos nove que não estava nada satisfeita com sua sorte, agora se encontrava em um estado de completo martírio, tão diferente da Julia da boleia da carruagem quanto se pode imaginar. A delicadeza que sua educação a ensinara a praticar impedia que ela fugisse, enquanto que a falta dessa alta espécie de autodomínio, dessa justa consideração para com os outros, desse conhecimento de seu próprio coração, desse princípio de correção que não tomara parte em sua educação a fazia sentir-se extremamente infeliz.

“Está insuportavelmente quente”, disse Miss Crawford quando terminaram de dar uma volta no terraço e pela segunda vez se aproximavam da porta central que se abria para a floresta. “Será que alguém faz alguma objeção a ficarmos mais confortáveis? Aqui há um belo bosquezinho no qual talvez possamos entrar. Que felicidade se a porta não estiver trancada! mas claro que deve estar; pois nesses excelentes lugares os jardineiros são as únicas pessoas que podem entrar sempre que desejarem”.

No entanto, a porta não estava trancada e, alegres, todos concordaram em ali entrar, deixando para trás o terrível fulgor do dia. Um considerável lance de escadas os levou ao bosque que era uma plantação de árvores com cerca de dois acres, e apesar de conter principalmente lariços, loureiros e faias podados, plantados com demasiada regularidade, ali havia sombra e beleza natural, comparado com a área gramada para jogos e com o terraço. Todos sentiram o frescor do lugar e por algum tempo só puderam caminhar e admirar. Por fim, depois de uma curta pausa, Miss Crawford disse: “Então, vai se tornar clérigo, Mr. Bertram. Isso é uma surpresa para mim”.

“E por que isso a surpreende? Deve achar que estou destinado a alguma profissão, e talvez perceba que não sirvo para advogado, soldado ou marinheiro”.

“É verdade; mas isso não me ocorreu. E você sabe que em geral há um tio ou um avô para deixar uma fortuna para o segundo filho”.

“Uma prática muito louvável”, disse Edmund, “mas não universal. Sou uma das exceções, e por sê-lo preciso fazer algo por mim mesmo”.

“Mas por que tem que se tornar clérigo? Pensei que isso fosse sempre o destino do mais moço, se houvesse muitos filhos para escolher antes dele”.

“Então você acredita que a igreja jamais é escolhida por si mesma?”

“Nunca é uma palavra pesada. Mas sim, realmente acredito no nunca dito em conversação, que em geral significa não. Pois o que há para ser feito na igreja? Os homens adoram se distinguir, e em quaisquer outras linhas de distinção há algo a ser ganho, mas não na igreja. Um clérigo não é nada”.

“Espero que o ‘nada’ pronunciado em conversas também possua suas gradações, a exemplo do ‘nunca’. Um clérigo não atinge um estado muito elevado nem fica na moda. Não pode liderar multidões nem definir os rumos da moda. Mas não considero que essa situação não seja nada, nem contenha algo de primordial importância para a humanidade, individual ou coletivamente, temporal ou eternamente considerada, pois deve preservar a religião e a moral e, conseqüentemente, as maneiras que resultam de sua influência. Ninguém aqui chamaria essa função de ‘nada’. Se o homem que a ocupa o é, é porque negligencia seus deveres abrindo mão de sua importância e deixando seu lugar para aparentar o que não deve”.

“Você atribui uma maior importância ao clérigo do que se costuma ouvir dar, ou que eu possa compreender. Não se vê essa influência ou essa importância na sociedade, e como pode ser adquirida se raramente a vemos? Como podem dois sermões por semana fazer tudo o que você disse, mesmo supondo que valham a pena ser ouvidos, e supondo que o pregador tenha o senso de preferir os de Blair aos seus? Ditar a conduta e as maneiras de uma grande congregação pelo resto da semana? Dificilmente vê-se um clérigo fora de seu púlpito”.

“Você está falando de Londres, eu falo da nação como um todo”.

“Imagino que a metrópole seja um bom exemplo do resto”.

“Espero que a proporção de virtude e vício não seja a mesma em todo o reino. Não procuramos nas grandes cidades nossa melhor moralidade. Não é nelas que as pessoas respeitáveis de qualquer denominação podem exercer sua melhor influência, e certamente não é lá que a influência de um clérigo pode ser mais bem sentida. Um bom pregador é seguido e admirado, mas não é só com belos sermões que um clérigo é útil à sua paróquia e à sua vizinhança, se estas forem de dimensão que possibilite que as pessoas conheçam seu caráter privado e observem sua conduta geral, o que em Londres raramente acontece. Ali, o clérigo está perdido na multidão de seus paroquianos. A maior parte deles só o

conhece como pregador. E quanto a influenciar o comportamento público, Miss Crawford não deve me compreender mal ou supor que os considero árbitros da boa educação, responsáveis pelo refinamento e pela cortesia, mestres de cerimônia da vida. As maneiras a que me refiro talvez possam ser chamadas de conduta, resultado de bons princípios, em suma, consequência das doutrinas que eles têm o dever de ensinar e recomendar e que, acredito, devem ser encontradas em todos os lugares para que os clérigos sejam o que devem ser, assim como o resto da nação”.

“Certamente”, disse Fanny com gentil seriedade.

“Veja só”, exclamou Miss Crawford, “você já convenceu Miss Price”.

“Gostaria de poder convencer também Miss Crawford”.

“Não creio que um dia conseguirá”, disse ela com um sorriso brejeiro. “Continuo tão surpresa quanto antes pelo fato de você vir a se ordenar. Você realmente é talhado para coisa melhor. Vamos lá, pode mudar de ideia. Ainda não é tarde demais. Vá se dedicar à advocacia”.

“Dedicar-me ao direito! Seria mais fácil me mandar viver nessa floresta”.

“Agora você vai dizer algo sobre advocacia ser o mais selvagem dos dois, mas eu me antecipei a você; lembre-se disso, eu me antecipei a você”.

“Você não precisa se apressar se o objetivo for apenas me impedir de fazer um comentário engenhoso, pois não há nenhuma esperteza em minha natureza. Sou muito sem imaginação, sou franco, e sem perceber posso cometer erros crassos em uma conversa inteligente de meia hora”.

Fez-se um silêncio geral depois disso. Todos ficaram pensativos. Fanny foi a primeira a interrompê-lo dizendo: “Creio que me cansei por caminhar por este bosque tão agradável, e se não os desagradar, quando encontrarmos um banco eu gostaria de me sentar um pouco”.

“Minha cara Fanny”, exclamou Edmund, e imediatamente segurou seu braço, “como fui descuidado! Espero que não esteja cansada demais”. Voltando-se para Miss Crawford, falou: “Talvez minha outra companheira possa me honrar dando-me o braço”.

“Obrigada, mas não estou nem um pouco cansada”. Entretanto, deu-lhe o braço enquanto falava, e a satisfação que seu gesto lhe proporcionou ao sentir essa ligação pela primeira vez fez com que se esquecesse um pouco de Fanny. “Você mal me toca”, disse ele. “Desse modo você me torna inútil. Que diferença no peso do braço de um homem! Em Oxford, muitas vezes acontecia de um

homem se apoiar em mim por uma rua inteira. Comparando-se a isso, você é como uma mosca”.

“Eu realmente não estou cansada, o que quase me espanta, pois creio que já caminhamos pelo menos uma milha neste bosque, não é mesmo?”

“Menos de meia milha”, respondeu ele com firmeza, pois ainda não se apaixonara o suficiente para medir a distância ou o tempo com feminina ilegitimidade.

“Oh! Você não está considerando o quando perambulamos por aí. Tomamos um curso serpenteante e, ao todo, o bosque deve se estender por mais de meia milha em linha reta, pois não vimos seu fim desde que deixamos o caminho largo”.

“Mas você deve se lembrar de que antes de deixarmos o caminho mais largo vimos o final. Observamos toda a vista e vimos os portões de ferro que o limitam a uma distância não maior que 220 jardas ”.

“Oh! Nada sei sobre suas jardas, mas tenho certeza que é um bosque muito longo e que perambulamos por ele andando de lá para cá desde que entramos; portanto, quando digo que caminhamos nele por uma milha, falo em uma área circular”.

“Estamos aqui exatamente há um quarto de hora”, disse Edmund tirando seu relógio. “Você acha que conseguiríamos andar quatro milhas por hora?”

“Oh! Não me ataque com seu relógio. Um relógio está sempre adiantado ou atrasado. Não posso ser regulada por um relógio”.

Alguns passos os levaram ao extremo do caminho sobre o qual falavam; e, voltando-se para uma vala que havia no gramado, viram na sombra, bem protegido, um grande e confortável banco onde se sentaram.

“Temo que você esteja muito cansada, Fanny”, disse Edmund ao observá-la; “por que não falou antes? Este dia de divertimento será ruim, se você vier a adoecer. Todo tipo de exercício a cansa em pouco tempo, Miss Crawford, exceto montar”.

“Quão abominável foi você ao deixar-me usar seu cavalo toda semana passada! Estou envergonhada de você e de mim mesma, mas isso não voltará a acontecer”.

“Seu zelo e consideração fazem-me mais ciente de minha própria negligência. A afeição de Fanny parece estar em mãos mais seguras com você do que comigo.”

“Contudo, não me surpreendo por ela estar cansada agora; pois não há nada mais cansativo do que o que fizemos esta manhã: visitamos uma casa grande, caminhamos de um aposento para outro, forçando os olhos e a atenção, ouvindo o que não compreendemos e admirando o que não nos importa. Em geral, essa atividade é considerada a mais enfadonha do mundo, e foi o que Miss Price achou, apesar de não o saber”.

“Eu logo ficarei bem”, disse Fanny. “Sentar na sombra em um lindo dia e admirar o bosque é o mais perfeito refrigério”.

Depois de sentar-se por um instante, Miss Crawford voltou a se levantar. “Tenho que me mover”, disse ela; “Descansar me cansa. Já estou farta de olhar para o outro lado da vala. Preciso ir olhar a mesma vista através daquele portão de ferro, mesmo que não possa admirá-la tão bem”.

Edmund também deixou o banco. “Pois bem, Miss Crawford, se observar o caminho, convencer-se-á que não pode ter meia milha, nem metade de meia milha”.

“É uma distância imensa”, disse ela. “Dá para se ver de relance”.

Ele ainda ponderou com ela, mas foi em vão. Ela não queria calcular nem comparar. Apenas sorria e reafirmava seu ponto de vista. O maior grau de consistência racional não poderia ser mais sedutor e eles falavam com mútua satisfação. Por fim, concordaram que deveriam se esforçar para determinar as dimensões do bosque caminhando um pouco mais através dele. A partir de onde se encontravam, andariam em linha reta até o final, pois margeando a vala havia uma senda gramada que talvez virasse um pouco em outra direção, mas que talvez os auxiliasse a voltar em poucos minutos. Fanny afirmou que já descansara e teria acompanhado o par, porém isso não lhe foi permitido. Edmund insistiu que ela permanecesse onde estava com uma seriedade que ela não pôde resistir e ela foi deixada no banco para pensar com prazer nos cuidados demonstrados por seu primo, lamentando não ser mais forte. Ela os observou até virarem a esquina e os ouviu até cessarem os sons de suas vozes.

CAPÍTULO X

Um quarto de hora, ou talvez vinte minutos se tenham se passado e Fanny ainda pensava em Edmund, em Miss Crawford e em si mesma, sem interrupção de qualquer monta. Começou a se surpreender por ser deixada sozinha por tanto tempo e, ansiosa, procurou ouvir seus passos e vozes novamente. Ela procurou e, por fim, ouviu vozes e passos se aproximando; mas acabara de se convencer que não eram os que ela desejava quando Miss Bertram, Mr. Rushworth e Mr. Crawford surgiram diante dela, saídos do mesmo caminho percorrido por ela.

“Miss Price, está completamente sozinha!” e “Minha cara Fanny, como isso aconteceu?” foram os primeiros cumprimentos. Ela contou a história. “Pobre querida Fanny”, exclamou sua prima. “Como se comportaram mal com você. Melhor seria ter ficado conosco”.

Então, sentando-se com um cavalheiro de cada lado, a prima retomou a conversa já iniciada e discutiu com muita animação a possibilidade de fazer melhorias. Nada foi resolvido; mas Henry Crawford estava cheio de ideias e projetos, e falando em geral, tudo que propunha era imediatamente aprovado, primeiro por ela e depois por Mr. Rushworth, cujo principal negócio parecia ser ouvir os outros e que praticamente não se arriscava a externar um pensamento original, além do desejo de ter o que vira na residência de seu amigo Smith.

Após alguns minutos passados desse modo, observando os portões de ferro, Miss Bertram expressou o desejo de atravessá-los em direção ao parque para que as suas visões e os seus planos pudessem ser mais compreensíveis. Era exatamente isso que os outros desejavam e o melhor e o único meio de proceder, na opinião de Henry Crawford, quando ele viu uma colina situada a meia milha dali, de onde teriam a visão da exata da casa, de que precisavam. Queriam ir diretamente até a colina, passando pelo portão, mas a passagem estava trancada. Mr. Rushworth lamentava não ter trazido a chave; e garantia que jamais andaria sem ela novamente, mas isso não remediava o presente mal. Não podiam passar pelo portão; e como Miss Bertram ainda estava inclinada em ir até lá, fosse por quais meios necessários, Mr. Rushworth declarou de pronto que voltaria e buscaria a chave. Assim sendo, ele os deixou.

“Sem dúvida é a melhor coisa que podemos fazer agora, pois ainda estamos muito distantes da casa”, disse Mr. Crawford quando ele se foi.

“Sim, não há nada a ser feito. Mas sinceramente, você não achou o lugar pior do que esperava?”

“Não, de fato, bem pelo contrário. Achei-o melhor, grandioso, mais completo em seu estilo, embora esse estilo não seja o melhor”. E falando um

pouco mais baixo, continuou: “E para lhe dizer a verdade, não creio que volte a ver Sotherton com o mesmo prazer de agora. Dificilmente outro verão a tornará mais bela para mim”.

Depois de um momento de constrangimento, a jovem respondeu: “Você é um homem do mundo e só pode vê-la com os olhos do mundo. Se outras pessoas acharem que Sotherton melhorou, não tenho dúvida que você também achará”.

“Receio que eu não seja tanto esse homem do mundo, quanto seria preciso para me auxiliar em alguns pontos. Meus sentimentos não são tão passageiros, nem minha memória do passado é reprimida com tanta facilidade como a que observamos nos homens do mundo.”

Suas palavras foram seguidas por um curto silêncio. Miss Bertram recomçou: “Você pareceu gostar muito de dirigir na viagem para cá, esta manhã. Fiquei feliz por vê-lo tão entretido. Você e Julia riram durante todo o caminho”.

“Rimos? Sim, creio que tem razão, mas não tenho a mínima ideia da razão. Oh! Creio que era por causa de algumas histórias ridículas sobre o velho lacaio irlandês de meu tio. Sua irmã adora rir”.

“Você acha que ela é mais alegre que eu?”

“É mais fácil de ser divertida”, replicou ele. “consequentemente, é melhor companhia, você bem sabe”, disse ele sorrindo. “Eu não seria capaz de entretê-la com anedotas irlandesas durante uma viagem de dez milhas”.

“Naturalmente, creio que sou tão alegre quanto Julia, mas agora tenho mais em que pensar”.

“Claro que sim; e há situações em que o bom humor exagerado denota insensibilidade. Contudo, seus prospectos são muito válidos para justificar esse estado de espírito. Você tem uma cena muito sorridente à sua frente”.

“Isso literal ou figurativamente? Literalmente, concluo. Sim, com certeza, o sol brilha e o parque é muito agradável. Mas, infelizmente, aquele portão de ferro e aquela vala dão-me um sentimento de repressão e infortúnio. ‘Não posso fugir’, como disse o estorninho”. Enquanto ela falava, e falava com pesar, caminhava para o portão: ele a seguiu. “Mr. Rushworth está demorando demais para pegar a chave!”

“E certamente você não sairia sem a chave nem sem a proteção e a autoridade de Mr. Rushworth. Mas creio que com meu auxílio você poderia passar facilmente pela beira do portão; creio que pode ser feito, se realmente deseja se sentir mais livre, e se permitir considerar que isso não é proibido”.

“Proibido! Que bobagem! Certamente posso sair desse modo, e vou fazê-lo. Você sabe, Mr. Rushworth estará aqui em um instante; não ficaremos fora de sua linha de visão”.

“Ou se ficarmos, Miss Price terá a bondade de lhe dizer que poderá nos encontrar perto daquela colina: no bosque de carvalhos”.

Sentindo que tudo aquilo estava errado, Fanny não pôde deixar de se esforçar para evitá-lo. “Vai se machucar, Miss Bertram”, exclamou ela. “Certamente se ferirá naqueles espinhos; ou rasgará sua roupa; além disso, poderá escorregar e cair na vala. Seria melhor que não fosse”.

Mal pronunciara essas palavras, a prima já estava segura do outro lado, e sorrindo com todo o bom humor do sucesso, ela disse: “Obrigada, querida Fanny, mas eu e meu vestido estamos vivos e bem; sendo assim, até logo”.

Fanny foi novamente deixada com sua solidão e com seus sentimentos nada agradáveis, pois deplorava quase tudo quanto vira e ouvira, estupefata com Miss Bertram e zangada com Mr. Crawford. Dirigindo-se à colina por um caminho tortuoso, que lhe parecia muito pouco razoável, os dois logo desapareceram de sua vista; e, por mais alguns minutos, ela permaneceu sem a visão ou o som de qualquer companheiro. Ela parecia ter o pequeno bosque só para si. Quase poderia acreditar que Edmund e Miss Crawford haviam deixado o bosque, mas parecia-lhe impossível que Edmund a esquecesse tão completamente.

Mais uma vez, despertou de suas reflexões desagradáveis por passos apressados que desciam o passeio principal. Ela esperava que fosse Mr. Rushworth, mas era Julia que, encalorada, ofegante e demonstrando desapontamento, exclamou ao vê-la: “Olá! Onde estão os outros? Pensei que Maria e Mr. Crawford estivessem com você”.

Fanny explicou.

“Um belo truque, garanto-lhe! Não consigo vê-los em lugar algum”, disse ela examinando ansiosamente o parque. “Mas não podem estar muito longe e creio que posso fazer o mesmo que Maria, mesmo sem auxílio”.

“Mas Julia, Mr. Rushworth estará aqui em um momento com a chave. Espere por ele”.

“Não, ora essa. Já tive o suficiente desta família por uma manhã. Bem, querida, acabei de conseguir escapar da horrível mãe dele. Já agüentei demais enquanto você se sentava aqui, serena e feliz! Talvez isso também acontecesse comigo se você estivesse no meu lugar, mas você sempre consegue se afastar

dessas desgraças”.

Essa era uma reflexão terrivelmente injusta, mas Fanny preferiu aturá-la e deixar passar. Quando Julia se aborrecia, logo ficava de mau humor, mas ela sentia que aquilo não duraria muito, portanto não ligou e apenas lhe perguntou se não vira Mr. Rushworth.

“Sim, nós o vimos. Afastava-se com tamanha pressa que parecia que sua vida dependia daquilo e não podia perder tempo nos contando sobre o que fazia e onde vocês todos se encontravam”.

“Pena que tenha se esforçado tanto por nada”.

“Esse é o problema de Maria. Não sou obrigada a me punir por causa de seus pecados. Não pude evitar a mãe, pois minha cansativa tia se ocupava da governanta, mas posso me livrar do filho”.

E Julia imediatamente pulou a cerca e se afastou sem prestar atenção à última pergunta de Fanny, que queria saber se ela vira Miss Crawford e Edmund. A espécie de horror que Fanny agora experimentava por ver Mr. Rushworth a impedia de pensar demais na continuada ausência dos dois. Sentia que fora desrespeitada e sentia-se bastante infeliz por ter comunicado o que se passara. Ele se juntou a ela cinco minutos depois de Júlia ter se afastado, e apesar de Fanny ter feito o possível para dourar a história, era evidente que ele estava mortificado e muitíssimo aborrecido. No início, praticamente não disse nada. Sua aparência demonstrava extrema surpresa e irritação; ele caminhou até o portão e ali ficou, parecendo não saber o que fazer.

“Eles pediram para eu ficar aqui, e minha prima Maria me encarregou de lhe dizer que você poderá encontrá-los na colina, ou em suas proximidades”.

“Acho que não irei mais longe”, disse ele com tristeza. “Não consigo vê-los. Quando chegar à colina eles talvez já tenham ido a outro lugar. Já me cansei de andar”.

E sentou-se ao lado da Fanny com aspecto extremamente soturno.

“Sinto muitíssimo”, disse ela. “É uma pena”. Ela desejava muito poder dizer algo mais sobre o assunto.

Depois de um intervalo silencioso, ele disse: “Acho que eles poderiam ter me esperado”.

“Miss Bertram achou que você a seguiria”.

“Eu não precisaria segui-la se ela tivesse me esperado”.

Isso não podia ser negado e Fanny não respondeu. Depois de outra pausa, ele continuou: “Diga-me, Miss Price, você também é grande admiradora desse Mr. Crawford, como certas pessoas? Quanto a mim, não vejo nada nele”.

“Eu não o considero nada bonito”.

“Bonito! Ninguém pode achar bonito um homem tão pequeno. Ele não chega a 1,80m. Não, ainda me pergunto se ele não possui mais que 1,75m. Não acho que seja um sujeito atraente. Em minha opinião, esses Crawford nada acrescentam. Estávamos muito bem sem eles”.

Fanny deixou escapar um pequeno suspiro e, realmente, não soube como contradizê-lo.

“Se eu tivesse criado alguma dificuldade quanto a buscar a chave poderia haver alguma desculpa, mas fui buscá-la assim que ela disse que a desejava”.

“Nada poderia ser mais delicado que sua atitude e tenho certeza que você andou tão depressa quando possível, mas você sabe, é uma caminhada bastante longa entre este ponto e a casa, e quando as pessoas esperam não conseguem julgar bem o tempo. Às vezes, meio minuto lhes parece cinco”.

Ele se levantou e novamente caminhou até o portão, dizendo ‘gostaria de não ter me esquecido da chave’. Fanny pensou ver em sua atitude uma indicação de que ele estava abrandando, o que a encorajou a fazer outra tentativa, e ela então disse: “Seria uma pena se não se juntar a eles. Esperavam ter uma melhor vista da casa a partir daquele local do parque, e devem estar refletindo sobre as melhorias; e você sabe que nada pode ser resolvido sem sua presença”.

Ela descobriu que conseguia mais facilmente afastar uma companhia do que retê-la. Mr. Rushworth se deixara convencer e disse: “Bem, se você realmente crê que é melhor que eu vá... Seria tolo buscar a chave por nada”. E deixando-se ir, se afastou sem qualquer cerimônia.

Os pensamentos de Fanny agora se concentravam nos dois que a haviam deixado há tanto tempo e, impaciente, resolveu ir em busca dos mesmos. Seguiu seus passos ao longo do caminho inferior e nem bem começara quando mais uma vez ouviu a voz e o riso de Miss Crawford; o som se aproximava e em algumas curvas depois encontrou-se diante deles. Haviam terminado de retornar para o bosque, vindos do parque. Um portão lateral que não estava trancado os tentara logo depois de tê-la deixado e eles atravessaram um trecho do parque até chegarem à mesma alameda que Fanny desejara encontrar durante toda a manhã e sentaram-se sob uma das árvores para conversar. Essa era sua história. Era evidente que haviam passado o tempo de modo muito agradável e não tinham notado o tempo que decorrerá. Restou a Fanny o consolo de saber que

Edmund desejara muito que ela estivesse com eles e que certamente teria voltado para buscá-la, se ela já não estivesse tão cansada; mas isso não foi o suficiente para extinguir a dor de ter sido deixada sozinha por toda uma hora, quando ele dissera que se ausentariam apenas por alguns minutos, nem afastar uma espécie de curiosidade de saber o que eles haviam conversado durante todo esse tempo; para ela, restou o desapontamento e depressão, enquanto, de comum acordo, preparavam-se para voltar para a casa.

Ao chegarem diante de escadaria do terraço, as senhoras Rushworth e Norris surgiram no topo, prontas para irem à floresta, pois fazia uma hora e meia que todos haviam saído. Mrs. Norris empregara muito bem seu tempo para fazer isso mais cedo. Não importa que incidentes pudessem ter ocorrido para atrapalhar os prazeres de suas sobrinhas, ela passara a manhã em pleno prazer, pois a governanta, depois de inúmeras cortesias discorrendo sobre o assunto dos faisões, a levara até a leiteria, contara-lhe tudo sobre suas vacas e lhe dera a receita de um famoso queijo cremoso. Depois de Julia ter se afastado, haviam encontrado o jardineiro, com quem travara um satisfatório conhecimento, pois definira a doença de seu neto, convencendo-o de que era uma febre e prometendo enviar-lhe um amuleto contra isso. Em troca, ele lhe mostrara seu mais precioso viveiro de plantas e até lhe dera de presente um espécime muito curioso de erva.

Após esse encontro, voltaram todos juntos para a mansão, onde descansaram acomodados nos sofás, conversaram e folhearam algumas Quarterly Reviews até o retorno dos demais e a chegada da hora do jantar. Já era tarde quando as senhoritas Bertram e os dois cavalheiros chegaram, e seu passeio não pareceu ter sido mais que parcialmente agradável, de todo produtivo ou mesmo útil com referência ao objetivo do dia. Segundo eles, todos haviam caminhado à procura uns dos outros, e Fanny achou que ao se encontrarem onde menos esperavam, já era tarde demais para restabelecer a harmonia, pois certamente houvera certa alteração. Ela sentia, ao olhar para Julia e para Mr. Rushworth, que seu coração não era o único que estava magoado entre eles: havia tristeza no rosto de cada um deles. Por sua vez, Mr. Crawford e Miss Bertram mostravam-se mais alegres, e ela e ela percebeu que durante o jantar ele se esforçava para afastar qualquer ressentimento entre os outros dois, de modo a restabelecer o bom humor geral.

O jantar foi logo seguido de chá e café, pois uma viagem de dez milhas não permitia desperdício de tempo, e desde o momento em que se sentaram à mesa foi uma sucessão de pequenos nada até que a carruagem chegou à porta. Mrs. Norris, depois de incomodar a todos, obter da governanta alguns ovos de faisão e um queijo cremoso, e fazer abundante discursos de agradecimentos à Mrs. Rushworth, aprontou-se para liderar o caminho. No mesmo momento,

aproximando-se de Julia, Mr. Crawford disse: “Espero não perder minha companheira, a menos que esteja com medo do ar noturno em um lugar tão exposto”. O pedido não fora esperado, mas foi muito graciosamente recebido, e parecia que o dia de Julia terminaria quase tão bem quanto começara. Miss Bertram imaginara algo diferente e ficou um pouco desapontada, mas sua convicção de que era a preferida a confortou e lhe permitiu receber como devia as atenções de Mr. Rushworth durante sua despedida. Ele certamente se sentira bem mais satisfeito em ajudá-la a entrar na carruagem que auxiliá-la a subir na boleia, e sua complacência parecia confirmada pelo arranjo.

“Bem, Fanny, garanto que este foi um excelente dia para você”, disse Mrs. Norris enquanto atravessavam o parque. “Nada além de prazer, do início ao fim! Certamente está muito agradecida à sua tia Bertram e a mim por conseguirmos que você viesse. Você teve um excelente dia de diversões!”

Maria estava suficientemente descontente para lhe responder diretamente: “Acho que foi você quem se divertiu muito, senhora. Seu colo está tomado de coisas boas e ainda há um cesto cheio entre nós, batendo impiedosamente em meu cotovelo”.

“Minha querida, é apenas uma bela mudinha que aquele gentil jardineiro insistiu para que eu aceitasse, mas se ela a incomoda vou colocá-la no colo. Já está, Fanny, você vai carregar esse pacote para mim. Tome cuidado e não o deixe cair. É um queijo cremoso exatamente igual ao queijo excelente que foi servido no jantar. Mrs. Whitaker fez de tudo para eu aceitá-lo. Recusei até que as lágrimas quase lhe vieram aos olhos. Eu sabia que seria algo que minha irmã adoraria. Essa Mrs. Whitaker é um tesouro! Ficou chocada quando lhe perguntei se era permitido servir vinho aos criados, e despediu duas criadas porque se vestiram de branco. Tome cuidado com esse queijo, Fanny. Agora consigo muito bem segurar o outro pacote além do cesto”.

“O que mais você conseguiu arrancar?”, perguntou Maria, de certo modo satisfeita de que Sotherton estivesse sendo tão elogiada.

“Arrancar, minha nossa! Nada além de quatro ovos daqueles belos faisões, que Mrs. Whitaker me forçou a aceitar. Ela não admitiu minha negação. Disse que sabia que eu moro sozinha e que para mim seria um grande divertimento ter algumas dessas criaturas vivas, e certamente será. Vou fazer com que a criada os coloque no ninho da primeira galinha disponível, e se vingarem eu posso transferi-los para minha casa e pedir um galinheiro emprestado. Será um prazer tomar conta deles em minhas horas de solidão. E se eu for bem sucedida darei alguns à sua mãe”.

A noite estava bonita, suave e serena, e a viagem foi tão agradável quanto

a placidez que a Natureza proporcionava; e quando Mrs. Norris parou de falar, foi uma viagem completamente feita em silêncio. Todos estavam completamente exaustos; e passaram a meditar sobre o dia, tentando resolver se o dia havia lhes trazido mais prazer ou mais dor.

CAPÍTULO XI

Com todas as suas imperfeições, o dia em Sotherton forneceu às senhoritas Bertram sentimentos muito mais agradáveis que os provocados pelas cartas de Antígua, chegadas a Mansfield pouco depois. Era muito mais aprazível pensar em Henry Crawford do que em seu pai; e pensar que seu pai voltaria à Inglaterra dentro de algum tempo era um exercício terrivelmente indesejável ao qual as cartas as obrigavam.

Novembro foi o mês limite fixado para sua volta. Sir Thomas escreveu sobre isso com tanta decisão quanto lhe permitiam a ansiedade e a experiência. Seus negócios estavam praticamente concluídos e isso justificava sua proposta de comprar passagem para o pacote de setembro. Desse modo, esperava encontrar a amada família novamente no início de novembro.

Maria era mais digna de pena que Julia, pois para ela o pai trazia um marido, e a volta da criatura mais interessada em sua felicidade a uniria ao seu amado, escolhido por ela como a pessoa de quem dependia sua felicidade. Era um prospecto sombrio, e tudo que ela podia fazer era lançar uma neblina sobre tudo e esperar que esta se dissipasse para ver algo diferente. Ele dificilmente chegaria no início de novembro, pois em geral aconteciam atrasos, como dificuldade para encontrar passagem ou alguma outra coisa, algo que faz com os observadores fechem os olhos ou não compreendam ao analisar o problema. Provavelmente chegaria em meados de novembro; ainda faltavam três meses até meados de novembro. E três meses eram 13 semanas. Muita coisa poderia acontecer em 13 semanas.

Sir Thomas teria ficado profundamente acabrunhado se suspeitasse de metade do que suas filhas sentiam sobre seu retorno, e dificilmente encontraria consolo se imaginasse o interesse que despertava no peito de outra jovem. Miss Crawford soube das boas novas ao caminhar com seu irmão, ao passar a tarde em Mansfield Park, e apesar de demonstrar que apenas por educação se interessava pelo assunto e só fizesse comentários superficiais, ouvia tudo com extrema atenção. Mrs. Norris deu os detalhes mencionados nas cartas e o assunto foi abandonado, mas depois do chá, quando Miss Crawford estava com Edmund e Fanny, em pé diante de uma janela aberta admirando o cair da tarde, e as senhoritas Bertram, Mr. Rushworth e Henry Crawford ocupavam-se em acender as velas sobre o piano, ela subitamente reviveu o assunto voltando-se para o grupo e dizendo: “Como Mr. Rushworth parece feliz! Deve estar pensando em novembro”.

Edmund também olhou para Mr. Rushworth, mas não disse nada.

“A volta de seu pai será um evento interessante”.

“Certamente será, depois de sua ausência; uma ausência não só longa, mas que também incluiu muitos perigos”.

“E sua volta também será a precursora de outros eventos interessantes: o casamento de sua irmã e sua ordenação”.

“Sim”.

“Não fique ofendido”, disse ela rindo, “mas isso realmente traz à minha mente alguns velhos heróis pagãos que depois de realizarem grandes explorações em terras estrangeiras ofereciam sacrifícios aos deuses por uma volta segura”.

“Não há sacrifícios no caso”, replicou Edmund com um sorriso sério, e olhando para o piano; “é inteiramente uma escolha de minha irmã”.

“Oh sim, sei que é. Eu só estava brincando. Ela não fez nada além do que faria qualquer jovem, e não tenho dúvidas de que está extremamente feliz. Naturalmente, você não compreendeu que me referi a outro sacrifício”.

“Garanto-lhe que minha ordenação é tão voluntária quanto o casamento de Maria”.

“Felizmente sua inclinação e o desejo de seu pai estão em perfeito acordo. Soube que há um excelente emprego esperando por você, aqui por perto”.

“Que você supõe ter me influenciado?”

“Mas tenho certeza que não”, exclamou Fanny.

“Obrigado por suas boas palavras, Fanny, mas eu mesmo não posso afirmá-lo. Ao contrário, saber que havia tal provisão provavelmente me influenciou. Mas não considero errado que isso tenha acontecido. Não houve qualquer falta natural de inclinação para vencer e não vejo por que um homem seria pior clérigo por saber que terá um bom emprego bem cedo na vida. Estive em boas mãos. Espero não ter sido influenciado de modo errado e tenho certeza de que meu pai é consciencioso demais para permitir que isso acontecesse. Não tenho dúvidas de que fui influenciado, mas creio que não houve culpa de minha parte”.

Depois de uma curta pausa, Fanny disse: “É o mesmo que sucede ao filho de um almirante que entra na marinha ou ao filho de um general que se alista no exército. Ninguém vê mal algum nisso. Ninguém imagina que prefiram uma carreira na qual possam contar com o auxílio dos amigos ou suspeita que sejam menos sérios do que parecem”.

“Não, minha cara Miss Price, e por boas razões. As profissões na marinha

e no exército justificam-se por si sós. Têm tudo a seu favor: heroísmo, perigo, agitação, estilo. Soldados e marinheiros são sempre aceitos na sociedade. Ninguém se espanta com o fato de homens serem soldados e marinheiros”.

“Mas, você crê que os motivos de um homem se ordenar com a certeza da preferir essa carreira podem ser suspeitos?”, disse Edmund. “Para ser justificável aos seus olhos, deve fazê-lo na mais completa incerteza de qualquer segurança?”

“Ora! Ordenar-se sem ter um sustento! Não, isso realmente seria uma loucura; uma loucura total”.

“Posso lhe perguntar como a igreja ficará cheia se nenhum homem se ordenar, com ou sem sustento? Não; certamente não saberia o que dizer. Mas peço-lhe conceder algum benefício ao clérigo, advindo de seu próprio argumento. Como ele não pode ser influenciado por sentimentos que você considera altamente tentadores e recompensadores para soldados e marinheiros na escolha de suas profissões, como heroísmo, agitação e estilo, pois estão todos contra ele, deveria ser menos susceptível à suspeita de querer sinceridade ou boas intenções na escolha dele”.

“Oh! Sem dúvida ele é muito sincero ao preferir uma renda já estabelecida, ao aborrecimento de se trabalhar por ela; e tem as melhores intenções de não fazer nada pelo resto de seus dias, a não ser comer, beber e engordar. Sem dúvida, Mr. Bertram, isso é indolência. Indolência e amor pela comodidade; é total falta de louvável ambição, de gosto por boa companhia ou inclinação para não se dar ao trabalho de ser agradável que faz os homens serem clérigos. Um clérigo não tem nada para fazer, a não ser se tornar negligente e egoísta, ler os jornais, observar o tempo e brigar com sua mulher. Seu auxiliar faz todo o trabalho, e o trabalho de sua própria vida é comer”.

“Sem dúvida há clérigos assim, mas não creio que sejam tão comuns a ponto de justificar a estimativa geral que Miss Crawford faz do caráter de todos. Suspeito que nessa censura compreensível e (se posso dizer) corriqueira, você não julga por si mesma, e sim através de pessoas preconceituosas cujas opiniões você teria o hábito de ouvir. É impossível que suas próprias observações lhe tenham dado suficiente conhecimento do clero. Pessoalmente você pode conhecer muito poucos homens que podem ser condenados de modo tão conclusivo. Fala do que ouviu à mesa de seu tio”.

“Falo do que me parece ser a opinião unânime; e quando uma opinião é unânime, em geral está correta. Embora eu não saiba muito da vida doméstica dos clérigos, é conhecida por muitos para se renunciar a qualquer deficiência de informação”.

“Quando um grupo de homens educados, não importa de que denominação, é condenado indiscriminadamente, deve haver uma deficiência de informação ou algo diferente, acrescentou Edmund sorrindo. Seu tio e seu irmão almirante talvez saibam pouco sobre clérigos, além dos capelães, bons ou maus, dos quais sempre desejavam se livrar”.

“Pobre William! Foi recebido com grande gentileza pelo capelão do Antwerp”, foi o terno comentário de Fanny, muito a propósito de seus próprios sentimentos, se não sobre a conversa.

“Sempre fui pouco inclinada a formar minhas opiniões com base nas de meu tio”, disse Miss Crawford, “e dificilmente posso supor que me faltem meios para ver o que são os clérigos, sendo atualmente hóspede de meu próprio cunhado, Dr. Grant. E apesar de Dr. Grant ser extremamente gentil e prestativo para comigo, apesar de ser um verdadeiro cavalheiro e, atrevo-me a dizer, inteligente e culto, pronunciar com frequência bons sermões e ser muito respeitável, eu o vejo como um bon vivant indolente e egoísta que deve ter seu palato sempre consultado, que não move um dedo para fazer nada por ninguém e que, além de tudo, se a cozinheira cometer um engano, perde a paciência com sua excelente esposa. Para falar a verdade, Henry e eu fomos parcialmente expulsos esta noite devido a um problema com um green goose , do qual não pôde comer a maior parte. Minha pobre irmã foi forçada a ficar e aguentar tudo”.

“Dou minha palavra que não me espanto com sua desaprovação. É um grande defeito de temperamento, que se tornou pior pelo péssimo hábito da autoindulgência; e ver sua irmã sofrendo deve ser tremendamente doloroso para alguém com os seus sentimentos. Fanny está contra nós. Não podemos tentar defender Dr. Grant”.

“Não”, replicou Fanny, “mas não precisamos desistir de defender sua profissão por causa disso, porque fosse qual fosse a profissão que Dr. Grant escolhesse; teria mantido seu temperamento não muito bom, e tanto na marinha quanto no exército teria sob seu comando muito mais pessoas do que tem agora, portanto, creio que teria infelicitado mais pessoas como o marinheiro ou soldado do que como clérigo. Além disso, só posso supor que Dr. Grant correria perigo de se tornar pior em uma profissão mais mundana na qual teria menos tempo e obrigações, onde poderia ter escapado do conhecimento de si mesmo, ou pelo menos da frequência com que é confrontado com esse autoconhecimento, do qual agora não pode escapar. Um homem, um homem sensato como Dr. Grant, não tem o hábito de, semana após semana, repetir aos outros o que deve ser feito, nem vai à igreja duas vezes aos domingos para pregar excelentes sermões, como faz, sem que isso seja melhor para ele. Isso deve fazê-lo pensar, e não tenho

dúvida de que ele esforça-se com mais frequência para conter-se do que o faria se ele tivesse sido qualquer outra coisa além de ser um clérigo”.

“Certamente não podemos provar o contrário, mas eu lhe desejo um destino melhor, Miss Price, do que se tornar esposa de um homem cuja amabilidade depende de seus próprios sermões, pois apesar de suas pregações contribuírem para seu bom humor todos os domingos, seria bastante ruim ouvi-lo brigar a propósito de gansos mal assados da manhã de segunda-feira até a noite do sábado”.

“Creio que o homem que conseguir brigar com Fanny está além do alcance de qualquer sermão”, disse Edmund afetuosamente.

Fanny voltou-se ainda mais para a janela, e Miss Crawford só teve tempo para dizer, em tom agradável: “Acho que Miss Price está mais acostumada a merecer elogios do que ouvi-los”. Em seguida, convidada pelas senhoritas Bertram para se juntar ao coro, ela se dirigiu ao instrumento, deixando Edmund olhando para ela em um êxtase de admiração por todas as suas muitas virtudes, de suas maneiras gentis até seu modo leve e gracioso de andar.

“Ali certamente vai o bom humor”, disse ele, este instante. “Ali vai um temperamento que jamais causaria dor! Como ela caminha bem! E como ela se curva à vontade dos outros e se junta a eles no momento em que é solicitada!” Depois de um instante de reflexão, acrescentou: “É uma pena ter sido entregue a tais mãos!”

Fanny concordou e teve o prazer de vê-lo continuar perto da janela com ela, apesar da canção anunciada e de, a exemplo de si mesma, logo voltar os olhos para a cena lá fora, onde tudo era solene, tranquilo e belo, surgindo no brilho de uma noite sem nuvens, contrastando com as profundas sombras das florestas. Fanny expressou seus sentimentos: “Aqui existe harmonia, aqui existe tranquilidade!”, disse ela. “Aqui, tudo supera o que a pintura e a música podem expressar e apenas a poesia pode tentar descrever! Aqui há tudo que pode tranquilizar as preocupações e levar o coração ao êxtase! Quando vejo uma noite como esta, sinto que não deveria haver maldade nem sofrimento no mundo, e certamente haveria menos de ambos se a sublimidade da Natureza fosse mais bem cuidada e se as pessoas se preocupassem menos consigo mesmas para contemplar uma cena como esta”.

“Gosto de ouvir seu entusiasmo, Fanny. A noite está linda e devemos lamentar os que não aprenderam a sentir pelo menos um pouco como você, não foram ensinados a gostar da Natureza bem cedo na vida. Eles perdem muito”.

“Foi você quem me ensinou a sentir e pensar sobre o assunto, primo”.

“Tive uma aluna muito dedicada. Eis Arcturo, parecendo muito brilhante”.

“Sim, e a Ursa. Eu gostaria de poder ver Cassiopeia.”

“Para isso devemos ir ao gramado. Você ficaria com medo?”

“Nem um pouco. Faz muito tempo que não observamos as estrelas”.

“É verdade. Não sei como isso aconteceu”. A canção teve início. “Vamos ficar aqui até a música terminar, Fanny”, disse ele voltando as costas para a janela, e à medida que o canto avançava, ficou triste por vê-lo avançar também, aproximando-se aos poucos do instrumento. Quando terminou, ele estava perto dos cantores, entre os que com mais ansiedade pediam para ouvir novamente a canção.

Sozinha diante da janela, Fanny suspirou até ser repreendida por Mrs. Norris que afirmava que ela apanharia um resfriado.

CAPÍTULO XII

Sir Thomas deveria voltar em novembro e seu filho mais velho tinha obrigações que exigiam que fosse mais cedo para casa. A aproximação de setembro trouxe notícias de Mr. Bertram, primeiro em uma carta ao guarda-caça e depois em uma carta a Edmund. E no final de agosto ele chegou pessoalmente, alegre, agradável e novamente galante, como pedia a ocasião ou Miss Crawford exigia, contando sobre as corridas e Weymouth, sobre as festas e os amigos a respeito dos quais ela poderia ter ouvido com algum interesse seis semanas antes, mas como no momento podia compará-los teve a total convicção de que preferia o irmão mais novo.

Aquilo era muito penoso e ela sentia profundamente, mas assim era; e agora, longe de desejar se casar com o mais velho, nem mesmo queria atraí-lo mais do que exigiam os mais simples requisitos da vaidade de sua beleza: sua prolongada ausência de Mansfield, sem nenhum motivo além de seu próprio prazer e seu desejo de se afastar, deixava perfeitamente claro que ele não se importava com ela; e sua indiferença foi mais que igualada pela dela, e mesmo que ele se tornasse o proprietário de Mansfield Park e em tudo fosse como Sir Thomas, ela não acreditava que pudesse aceitá-lo.

A estação e os deveres que levaram Mr. Bertram de volta a Mansfield carregaram Mr. Crawford a Norfolk. Everingham não poderia ficar sem sua presença no início de setembro. Ele partiu por duas semanas, duas semanas tão aborrecidas para as senhoritas Bertram que colocaram ambas em guarda e até fizeram com que, com ciúmes de sua irmã, Julia admitisse a necessidade absoluta de desconfiar de suas atenções, desejando que ele não retornasse; uma quinzena de suficiente inatividade para, nos intervalos da caça e do sono, convencer o rapaz de que deveria se manter afastado por mais tempo, se tivesse o hábito de examinar seus próprios motivos e refletir sobre sua propensão de se deixar levar pela vaidade; mas descuidado e egoísta devido à prosperidade e aos maus exemplos, importava-se apenas com o momento presente. As irmãs, belas, inteligentes e dispostas, eram um divertimento para sua mente saciada, e não encontrando nada em Norfolk que igualasse os prazeres sociais de Mansfield, alegremente voltou no tempo aprazado e foi recebido com a mesma alegria por aquelas com as quais pretendia se divertir mais um pouco.

Tendo apenas Mr. Rushworth para acompanhá-la, condenada aos repetidos detalhes do seu dia esportivo, bom ou mau, ouvi-lo vangloriar-se de seus cães, seus ciúmes dos vizinhos, suas dúvidas quanto às suas qualidades e do zelo com que vigiava os caçadores furtivos, assuntos que não encontravam eco em seus sentimentos femininos, por um lado por sua falta de talento, por outro por falta de afeição, Maria sentira demais a ausência de Mr. Crawford; e Julia,

livre e desimpedida, sentia-se muito mais no direito de sentir sua falta. Cada irmã acreditava ser a favorita. Julia poderia justificar esse sentimento pelas indiretas de Mrs. Grant, inclinada a acreditar no que desejava, e Maria, pelas insinuações do próprio Mr. Crawford. Tudo voltou a ser como antes de sua ausência; suas maneiras animadas e agradáveis para não perder terreno com nenhuma delas, detendo-se à beira da consistência, da constância, da solicitude e do calor que poderiam despertar a atenção geral.

Fanny era a única do grupo a encontrar algo que a desagradava, mas desde o dia do passeio em Sotherton não podia ver Mr. Crawford com uma das irmãs sem observá-los, raras vezes sem assombro ou censura. E se a confiança em seu próprio julgamento igualasse sua firmeza em todos os outros assuntos, teria certeza de que via claramente e de que julgava de modo imparcial, e com certeza teria feito importantes comunicações ao seu confidente usual. Porém, apenas arriscou uma insinuação, e a indireta se perdeu. Ela disse: “Fico surpresa com o fato de Mr. Crawford ter voltado tão depressa depois de ficar aqui por tanto tempo – sete semanas completas; achei que ele gostava tanto de mudanças e de movimento e quando se afastou pensei que algo certamente aconteceria para levá-lo a outro lugar. Ele está acostumado a lugares mais alegres que Mansfield”.

“Isso depõe a seu favor”, foi a resposta de Edmund; “e ousou dizer que dá prazer à sua irmã. Ela não gosta de seus hábitos inconstantes”.

“Ele é o preferido de minhas primas!”

“Sim, seus modos para com as mulheres são agradáveis. Creio que Mrs. Grant suspeita que ele tenha certa preferência por Julia; nunca vi qualquer sinal disso, mas desejo que assim seja. Ele não tem falhas que um relacionamento sério não corrija”.

“Se Miss Bertram não estivesse noiva”, disse Fanny com cuidado, “às vezes imaginaria que ele tem mais admiração por ela que por Julia”.

“Talvez isso demonstre que ele gosta mais da Julia do que você imagina, Fanny, pois acredito que é frequente um homem que ainda não se decidiu totalmente agradar mais a irmã ou uma amiga íntima da pessoa na qual ele realmente pensa. Crawford tem senso demais para ficar aqui, se achar que corre algum risco de se apaixonar por Maria; e não tenho medo por parte dela depois da prova que deu de que seus sentimentos não são fortes”.

Fanny supôs que estivesse errada e decidiu pensar de modo diferente no futuro; mas com toda sua submissão a Edmund, observando os olhares e insinuações que notava de vez em quando e que pareciam indicar que Julia era a

escolhida de Mr. Crawford, nem sempre sabia o que pensar. Uma tarde, ouviu sua tia Norris falar sobre suas esperanças, assim como sobre seus sentimentos e sobre os sentimentos de com Mrs. Rushworth a respeito dos dois, que eram semelhantes, e ao ouvi-las não conseguiu impedir seu espanto; e teria ficado feliz se não tivesse ouvido nada, pois isso aconteceu enquanto todos os outros jovens dançavam e ela permanecia sentada entre os mais velhos, sem qualquer vontade, à frente da lareira, desejando a volta de seu primo mais velho, de quem dependiam todas as suas esperanças de um parceiro para a dança. Era o primeiro baile de Fanny, apesar de faltarem todas as preparações e o esplendor do primeiro baile de muitas jovens, tendo sido resolvido apenas naquela tarde, ao se descobrir a existência de um violinista na sala dos criados e a possibilidade de se contar com cinco casais, com o auxílio de Mrs. Grant e de um novo amigo íntimo de Mr. Bertram que acabara de chegar para uma visita. Contudo, ele fora muito cortês com Fanny durante quatro danças, e ela se sentia bastante aborrecida por estar perdendo um quarto de hora. Enquanto esperava ansiosa, observando ora os dançarinos ora a porta, foi forçada a ouvir o seguinte diálogo entre as duas damas...

“Creio, senhora”, disse Mrs. Norris, olhando diretamente para Mr. Rushworth e Maria, que dançavam pela segunda vez, “que agora voltaremos a ver alguns rostos felizes”.

“Sim, senhora, realmente”, replicou a outra com um sorriso afetado. “Haverá alguma satisfação ao olhá-los, e acho que seria uma pena se fossem obrigados a se separar. Em sua situação, os jovens deveriam ser isentos de cumprir obrigações comuns. Gostaria de saber por que meu filho ainda não propôs isso”.

“Senhora, ousou dizer que ele o fez. Mr. Rushworth jamais é negligente. Mas a querida Maria tem um senso de decoro muito estrito, uma verdadeira delicadeza que hoje em dia é difícil de se encontrar, Mrs. Rushworth, que deseja evitar parecer singular! Cara senhora, apenas olhe para o seu rosto neste momento; veja como está diferente do que estava nas duas danças anteriores!”

Na verdade, Miss Bertram parecia feliz, seus olhos brilhavam de prazer e ela falava com grande animação, pois Júlia e seu par, Mr. Crawford, encontravam-se perto dela; e todos estavam juntos, formando um grupo. Como ela estava o seu semblante antes, Fanny não conseguia se lembrar, pois estivera dançando com Edmund e não pensara nela.

Mrs. Norris continuou: “É verdadeiramente prazeroso ver dois jovens tão felizes, tão satisfeitos, tão ditosos! Não posso deixar de pensar no regozijo de Sir Thomas. E o que a senhora diz sobre a possibilidade de outro casamento? Mr.

Rushworth deu um bom exemplo, e essas coisas são muito contagiosas”.

Mrs. Rushworth, que nada via além de seu filho, estava toda confusa.

“O outro casal, senhora. Não vê nenhum dos sintomas ali?”

“Oh, sim! Miss Julia e Mr. Crawford. Sim, verdadeiramente, um casal muito bonito. Qual é a renda do moço?”

“Quatro mil por ano”.

“Muito bem. Os que não têm muito devem ficar satisfeitos com o que têm. Quatro mil por ano é uma bela situação e ele parece muito gentil, um jovem refinado e espero que Miss Julia seja muito feliz”.

“Ainda não há nada certo, senhora. Só falamos sobre esse assunto entre amigos. Mas tenho poucas dúvidas de que assim será. Ele está ficando cada vez mais expressivo em suas atenções”.

Fanny não conseguiu ouvir mais nada. Ouvir e desejar saber foram suspensos durante algum tempo, pois Mr. Bertram estava novamente na sala, e apesar de julgar que seria uma grande honra ser convidada por ele, imaginou que isso aconteceria. Ele se aproximou do pequeno círculo, mas em vez de convidá-la para dançar puxou uma cadeira para perto dela e lhe fez um relatório sobre o estado de um cavalo doente e a opinião do tratador, que acabara de deixar. Fanny achou que não era para acontecer, e na modéstia de sua natureza imediatamente sentiu que fora irracional ao esperar aquilo. Depois de lhe contar sobre seu cavalo, apanhou um jornal em cima da mesa e, passando os olhos sobre ele disse de modo lânguido: “Se quiser dançar, Fanny, posso lhe fazer companhia”. Com a mesma civilidade, a oferta foi declinada. “Não queria dançar”. Em tom bem mais brusco, jogando o jornal, ele disse: “Fico contente, pois estou morto de cansaço. Não sei como essa boa gente pode fazer isso por tanto tempo. Devem estar todos apaixonados para achar divertida essa tolice, e acho que estão. Se observá-los, pode ver que há vários casais apaixonados, todos, com exceção de Yates e de Mrs. Grant e, cá entre nós, a pobre mulher deve desejar um namorado tanto quanto todos os outros. A vida dela com o doutor deve ser desesperadamente maçante”. Fazendo uma cara maliciosa enquanto falava, voltou-se na direção da cadeira que este última ocupava e que, estando bem próxima dele, provocou uma mudança tão instantânea de expressão e de assunto que, apesar de tudo, Fanny não conseguiu deixar de rir. “Um estranho negócio esse na América, Dr. Grant! Qual é a sua opinião? Sempre recorro ao senhor para saber o que devo pensar sobre assuntos públicos”.

“Meu querido Tom”, exclamou sua tia logo depois, “como não está dançando imagino que não fará objeção a juntar-se a nós em uma partida de

uiste, não é?” Levantando-se e aproximando-se dele para reforçar o convite, acrescentou em um sussurro: “Queremos formar uma mesa para Mrs. Rushworth, entende? Sua mãe está bastante ansiosa, mas não pode participar, pois deseja terminar o bordado dos galões. Eu, você e Dr. Grant serviremos; e apesar de apostarmos apenas meia coroa, você pode apostar meio guinéu com ele, se desejar”.

“Eu ficaria muitíssimo feliz”, respondeu ele em voz alta, e levantando-se com alacridade completou: “Eu teria o maior prazer; mas neste momento vou dançar. Venha, Fanny”, disse ele tomando sua mão, “não perca mais tempo ou a dança terminará”.

Fanny se deixou conduzir de muito boa vontade, apesar de para ela ser impossível sentir muita gratidão para com seu primo, ou distinguir entre o egoísmo de outra pessoa e o dele, como certamente acontecia.

“Um pedido bastante modesto, dou-lhe minha palavra”, exclamou ele indignado enquanto se afastavam. “Querer me prender a uma mesa de jogo pelas próximas duas horas, com ela e Dr. Grant, que está sempre brigando, além dessa velha xereta que sabe tanto de uiste quanto de álgebra. Eu gostaria que minha boa tia fosse menos agitada! E me pedir daquele modo! sem qualquer cerimônia, diante de todos para que eu não tivesse a possibilidade de negar. É disso que eu menos gosto. Mais que qualquer outra coisa, mexe com meu humor fingir que faz um pedido e deixa uma escolha, ao mesmo tempo que fala de um modo que obriga a fazer o que ela quer, seja lá o que for! Se eu não tivesse a sorte de estar ao seu lado não conseguiria me livrar. Pior seria impossível. Mas quando minha tia mete algo em sua cabeça ninguém pode com ela”.

CAPÍTULO XIII

Nada recomendava muito o honorável John Yates, este novo amigo, além de seus hábitos de andar na moda, seus gastos, e ser o filho mais jovem de um lorde, com aceitável independência; e Sir Thomas provavelmente não teria considerado desejável sua introdução em Mansfield. Mr. Bertram o conhecera em Weymouth, onde passara dez dias com o grupo do qual ele fazia parte, e a amizade, se é que se pode chamar assim, foi crescendo e levou ao convite para Mr. Yates visitar Mansfield quando pudesse, seguido pela promessa de que ele não deixaria de ir. E ele realmente apareceu mais cedo do que se esperava, em consequência da separação de um grande grupo reunido para se divertir na casa de outro amigo pelo qual deixara Weymouth. Chegara nas asas da decepção, com a cabeça cheia de planos para atuar, pois estivera com um grupo teatral; e a peça da qual participara estrearia em dois dias quando a súbita morte de uma das amigas mais próximas da família destruiu os planos e dispersou os atores. Encontrar-se tão perto da felicidade, tão perto da fama, tão perto do longo parágrafo de elogios à apresentação de atores amadores de Ecclesford, lar do Mui Honorável Lorde Ravenshaw, da Cornualha, que certamente teria immortalizado todo o grupo por no mínimo doze meses! e estar tão perto e perder tudo isso, era uma injúria duramente sentida, e Mr. Yates só conseguia falar sobre esse assunto. Ecclesford e seu teatro, com suas disposições e figurinos, ensaios e brincadeiras, era seu único e interminável assunto, e vangloriar-se do passado, sua única consolação.

Felizmente para ele, o amor pelo teatro é tão generalizado e a comichão para atuar é tão forte entre os jovens que ele dificilmente conseguia vencer o interesse de seus ouvintes. Desde a primeira distribuição das partes até o epílogo, tudo era enfeitizante, e poucos não desejavam participar ou hesitavam em experimentar seus talentos. A peça fora *Os Votos dos Amantes*, e Mr. Yates representaria o papel do Conde Cassel. “Uma parte pouco importante”, dizia ele, “que não me agradava e que certamente não aceitaria novamente, mas estava determinado a não criar dificuldades. Antes de minha chegada a Ecclesford, Lorde Ravenshaw e o duque haviam se apropriado dos dois únicos personagens que valiam a pena representar, e apesar do Lorde se oferecer para desistir de sua parte em meu favor, não pude aceitar. Fiquei com pena por ele ter se enganado tanto quanto à sua capacidade, mas ele não servia para o papel do Barão, um homem pequeno de voz fraca, sempre rouco depois dos primeiros dez minutos. Poderia ter prejudicado materialmente a peça, mas resolvi não criar problemas. Sir Henry não considerava o duque capaz de fazer o personagem de Frederick, isso porque desejava o papel para si; porém, entre os dois, estava em melhores mãos. Fiquei surpreso de ver Sir Henry tão rígido. Felizmente, a força da peça não dependia dele. Nossa Agatha era inimitável e muitos consideravam o duque

excelente. No geral, a peça certamente teria saído muitíssimo bem”.

“Era um caso difícil, palavra de honra”, e “acho que você merece ser lamentado”, foram as respostas gentis dos que o ouviam com simpatia.

“Não vale a pena reclamar, mas a pobre velha matrona não poderia ter morrido em pior ocasião; era impossível não desejar que abafassem as notícias por apenas mais três dias, que era o que precisávamos. Apenas três dias; e sendo apenas a avó e tendo acontecido a uma distância de 200 milhas, creio que não haveria grande problema, e isso chegou a ser sugerido, acredito; mas Lorde Revenshaw, provavelmente um dos homens mais corretos da Inglaterra, não quis nem ouvir falar nisso”.

“Uma pantomima em vez de uma comédia”, disse Mr. Bertram. “Os Votos dos Amantes” terminaram e o Lorde e Lady Ravenshaw foram deixados para apresentar eles mesmos Minha Avó. Ora, os bens da avó talvez o confortem e, entre amigos, ele talvez tenha começado a temer por seu prestígio e pelos seus pulmões como o Barão, e não tenha lamentado em se retirar. E para recompensá-lo, Yates, acho que devíamos construir um pequeno teatro em Mansfield e pedir para você ser nosso diretor”.

Apesar de momentânea, essa ideia não se encerrou com o momento, pois a inclinação para representar fora despertada, em ninguém mais fortemente que nele próprio, que agora era o senhor da casa; e que, com tanto tempo de lazer para transformar qualquer novidade em algo agradável, também possuía grande talento e gosto para a comédia, exatamente adaptados à novidade da representação. O pensamento voltava com frequência. “Oh, podemos experimentar o teatro e o cenário como o de Ecclesford e tentar alguma coisa”. O desejo assaltou as duas irmãs e Henry Crawford se animou bastante com a ideia, pois apesar da profusão de suas satisfações ainda não provara esse prazer. Ele disse: “Realmente creio que neste momento seria bastante tolo representarmos qualquer personagem já escrito, de Shylock ou Ricardo III ao herói cantante de uma farsa, em seu casaco vermelho e chapéu bicorne. Acho que deve ser tudo ou nada; como se eu pudesse esbravejar ou arrebatar, suspirar ou dar cambalhotas em qualquer tragédia ou comédia em língua inglesa. Vamos escrever algo. Que seja apenas meia peça, um ato, uma cena, o que nos impede? Não para esses semblantes!”, falou olhando para as senhoritas Bertram; “E quanto ao teatro, o que significa um teatro? Estaremos apenas nos divertindo. Qualquer aposento desta casa servirá”.

“Precisaremos de uma cortina”, disse Tom Bertram; “algumas jardas de feltro verde talvez sejam suficientes”.

“Oh, perfeitamente suficientes”, exclamou Mr. Yates, “com apenas uma

ala lateral ou duas, portas planas, e três ou quatro cenários para trocar, não precisamos de mais nada para colocar em prática um plano como esse. Para um simples divertimento entre nós mesmos, não necessitamos de mais nada”.

“Acho que poderíamos nos satisfazer com menos”, disse Maria. “Não haveria tempo e outras dificuldades surgiriam. Melhor adotar a ideia de Mr. Crawford e fazer a representação o nosso objetivo, não o teatro. Muitos trechos de nossas melhores peças não dependem de cenário”.

“Não”, disse Edmund, que começou a ouvir a conversa com alarme. “Não façamos nada pela metade. Se temos que atuar que seja em um teatro completamente equipado com fosso, camarotes e galeria, e façamos uma peça inteira, do princípio ao fim, como uma peça alemã com um bom argumento, uma pequena pantomima, um bailarino e uma dança de marinheiro, e uma canção entre os atos. Se não pudermos vencer Ecclesford, não façamos nada”.

“Ora, Edmund, não seja desagradável”, disse Julia. “Ninguém gosta de uma peça de teatro mais do que você, nem viaja para tão longe para assistir uma”.

“É verdade, para ver uma peça de verdade, para ver boas representações, mas dificilmente iria desta para sala seguinte para ver os esforços toscos dos que não nasceram para essa profissão: um grupo de cavalheiros e damas que têm todas as desvantagens da educação e do decoro para dominar”.

Todavia, depois de uma pequena pausa, o assunto ainda continuou e foi discutido com tremendo entusiasmo, o interesse de todos ampliado pela discussão e pelo conhecimento da disposição dos outros; apesar de não resolverem nada, a não ser que Tom Bertram preferiria uma comédia, suas irmãs e Henry Crawford uma tragédia e que nada no mundo seria mais fácil que encontrar uma peça que agradasse a todos, a resolução de representar uma ou outra parecia tão decidida a ponto de fazer com que Edmund se sentisse desconfortável. Estava determinado a impedir que isso acontecesse, se possível, apesar de sua mãe, que também ouvira a conversação que tivera lugar à mesa, não demonstrar a menor desaprovação.

Aquela mesma noite lhe deu uma oportunidade de experimentar sua força sobre os demais. Maria, Julia, Henry Crawford e Mr. Yates estavam na sala de bilhar. Deixando-os para voltar à sala de estar, onde Edmund permanecia pensativo ao lado da lareira, enquanto Lady Bertram sentava-se no sofá ali perto, com Fanny ao seu lado, arrumando seu trabalho, Tom começou a dizer...“Impossível usar uma mesa de bilhar tão horrível como a nossa. Não a suporte mais, e se me permitem dizer, acho que nada jamais vai me tentar a me

aproximar novamente dela; mas há uma coisa boa que acabei de descobrir: aquela é uma sala perfeita para um teatro, com formato e comprimento perfeitos; e como as portas no fundo podem se comunicar em cinco minutos, apenas movimentando a estante do quarto de meu pai, é exatamente o que desejaríamos, se tivéssemos entrado em acordo; e o quarto de meu pai daria um excelente camarim. Parece se ligar à sala de bilhar com essa exata finalidade”.

“Você não está falando sério, Tom, quando diz que tenciona representar”, disse Edmund em voz baixa, quando seu irmão se aproximou da lareira.

“Não estou falando sério!? garanto-lhe que jamais falei tão sério. E por que se surpreende tanto com isso?”

“Creio que isso seria muito errado. Em geral, peças teatrais leves e particulares estão sujeitas a algumas objeções, mas como estamos em uma situação especial, acho que seria altamente insensato e tremendamente irresponsável tentar algo assim. Demonstraria grande desconsideração para como nosso pai ausente, correndo certo grau constante de perigo. E acho que seria imprudente com relação a Maria, cuja situação é muito delicada, levando-se tudo em consideração, extremamente delicada”.

“Você leva tudo tão a sério! como se fôssemos representar três vezes por semana até a volta de meu pai, e convidar todo o país. Mas não se trata de uma apresentação desse tipo. Só queremos um pouco de diversão entre nós para variar o panorama e exercitar nossas capacidades em algo novo. Não queremos plateia nem publicidade. Tenha certeza de que escolheremos uma peça irrepreensível, e não posso conceber maior dano ou perigo a qualquer de nós por conversarmos na elegante linguagem escrita de algum autor respeitável do que tagarelarmos em nossas próprias palavras. Não tenho temores nem escrúpulos. E quanto à ausência de meu pai, isso está longe de ser uma objeção, e eu a considero como um motivo, pois a expectativa de seu retorno deve se um período de grande ansiedade para minha mãe; e, se pudermos diverti-la e manter seu bom humor durante as próximas semanas, creio que nosso tempo será muito bem aproveitado. Tenho certeza de que ele concordará com isso. Esse é um período de grande ansiedade para ela”.

Enquanto ele dizia isso, todos olharam para sua mãe. Afundada em um canto do sofá, Lady Bertram era o retrato da saúde, da riqueza, da calma e da tranquilidade, caindo em um sono leve, enquanto Fanny se ocupava das pequenas dificuldades de seu trabalho.

Edmund sorriu e balançou a cabeça.

“Céus! não é possível”, exclamou Tom, atirando-se a uma cadeira com

uma gargalhada sincera. “Certo, minha querida mãe, fui infeliz quanto sua ansiedade”.

“O que há?”, perguntou sua senhoria, no tom pesado de alguém meio desperta. “Eu não estava dormindo”.

“Oh, céus, não senhora, ninguém suspeitou que estivesse! Bem Edmund”, continuou ele, voltando ao assunto anterior com a mesma postura e voz, assim que Lady Bertram voltou a cabecear, “reitero que não estaremos fazendo nada de mal”.

“Não posso concordar com você; estou convencido de que meu pai desaprovava totalmente essa ideia”.

“E eu estou convencido do contrário. Ninguém aprecia e estimula mais o exercício do talento dos jovens que meu pai, e acho que ele gosta muitíssimo daqueles que representam, declamam e recitam, pois acho que ele sempre tem bom gosto. Tenho certeza que ele nos encorajou a isso quando éramos meninos. Quantas vezes choramos sobre o corpo morto de Júlio César ou declamamos ser ou não ser, nesta mesma sala, para diverti-lo? E durante toda minha vida, nos feriados de Natal, meu nome era Norval .

“Aquilo era muito diferente. Você deve perceber a diferença por si mesmo. Meu pai queria que, como estudantes, falássemos bem, mas não desejaria nunca que depois de crescidas suas filhas fossem atrizes. Seu senso de decoro é rígido”.

“Sei disso”, replicou Tom, aborrecido. “Conheço meu pai tão bem quanto você; e cuidarei para que suas filhas não façam nada que possa desgostá-lo. Preocupe-se com seus próprios problemas, Edmund, e deixe que eu tome conta do resto da família”.

“Se você está resolvido a representar uma peça”, respondeu o perseverante Edmund, “espero que seja de modo bem discreto e tranquilo, e acho que não deveria tentar montar um teatro. Isso seria tomar liberdades injustificadas com a casa de meu pai em sua ausência”.

“Eu me responsabilizarei por tudo que se relacione com isso”, disse Tom, de modo decidido. “A casa não será danificada. Tenho tanto interesse quanto você em ter cuidado com sua casa, e quanto às alterações que acabei de sugerir, como deslocar a estante ou destrancar a porta, ou mesmo usar a sala de bilhar pelo espaço de uma semana sem que se jogue nela, você supõe que ele faria objeções a que nos sentássemos mais nesta sala e menos na sala de desjejum do que fazíamos antes de ele viajar, ou que o pianoforte de minha irmã fosse transferido de uma sala para a outra? Isso é um absurdo total!”

“A inovação, mesmo não sendo errada como inovação, será inconveniente como despesa”.

“Sim, a despesa com esse empreendimento será prodigiosa! Talvez custe um total de 20 libras. Não há dúvida de que precisamos de algo que sirva de teatro, mas a concepção será a mais simples possível: uma cortina verde e um pouco de carpintaria, só isso; e o trabalho de carpinteiro poderá ser inteiramente realizado aqui em casa pelo próprio Christopher Jackson, portanto é absurdo falar na despesa, e desde que empreguemos Jackson, tudo estará certo com Sir Thomas. Não imagine que alguém desta casa possa discordar, além de você mesmo. Não represente, se você não gosta disso, mas não espere mandar nos outros”.

“Não”, disse Edmund, “quanto a representar, lanço meu protesto veemente”.

Tom saiu da sala enquanto ele falava, e Edmund permaneceu sentado atçando o fogo, pensativo e irritado.

Fanny, que ouvira a discussão e se colocava ao lado de Edmund em tudo, em sua ansiedade para sugerir algum conforto, aventurou-se a dizer: “Talvez não consigam encontrar uma peça que agrade a todos. O gosto de seu irmão e de suas irmãs parece muito diferente”.

“Não tenho esperança quanto a isso, Fanny. Encontrarão algo se persistirem. Falarei com minhas irmãs e tentarei dissuadi-las, é só o que posso fazer”.

“Acredito que minha tia Norris fique ao seu lado”.

“Acredito que sim, mas ela não exerce qualquer influência sobre Tom ou sobre minhas irmãs, e se eu mesmo não conseguir convencê-los, deixarei que as coisas tomem seu curso sem pedir que ela interfira. Não há nada pior que uma briga em família, e é melhor fazermos algo antes que aconteça, que sofrermos as consequências depois”.

Suas irmãs, com que tivera oportunidade de falar na manhã seguinte, foram tão impacientes diante de seu conselho e tão inflexíveis sobre a representação, por estarem determinadas a apoiar a causa do prazer quanto Tom. Sua mãe não tinha qualquer objeção ao plano e ninguém temia que o pai o desaprovasse. Não poderia haver qualquer mal no que já fora feito por tantas famílias e por tantas mulheres da mais alta consideração; e seria preciso ser louco para ver qualquer coisa de censurável em um plano como o deles, compreendendo somente irmãos, irmãs e amigos íntimos, e que ninguém assistiria além deles mesmos. Julia realmente parecia inclinada a admitir que a

situação de Maria talvez exigisse cuidados e delicadeza especiais, mas isso não precisaria se estender a ela que era livre. Evidentemente, Maria considerava que seu noivado a colocava acima de qualquer restrição e lhe dava menos motivos de se aconselhar com seu pai ou sua mãe que Julia. Edmund tinha pouca esperança, mas ainda discutia o assunto quando Henry Crawford entrou na sala, recém-saído da casa paroquial, anunciando: “Não nos faltam trabalhadores para o nosso teatro, Miss Bertram. Não nos faltam ajudantes: minha irmã deseja o seu amor e pretende ser admitida na companhia e ficará feliz em aceitar o papel de qualquer velha ama ou confidente enfadonha que vocês não desejem para si mesmas”.

Maria lançou um olhar a Edmund, que significava “O que me diz agora? Será que estamos tão errados se Mary Crawford sente o mesmo?” Silenciado, Edmund foi obrigado a reconhecer que o encanto de representar poderia fascinar a mente dos gênios; e com a ingenuidade de alguém apaixonado, começou a pensar mais no objetivo da mensagem que em qualquer outra coisa.

O projeto avançou. A oposição foi vã, e quanto à Mrs. Norris, ele se enganara em supor que ela faria objeções. Ela não criou qualquer dificuldade que não tenha sido destruída em cinco minutos por seu sobrinho e sobrinha mais velhos, que tinham grande ascendência sobre ela; e, como o plano não daria muitas despesas para ninguém, sobretudo para si mesma, e como previa que teria todos os confortos da pressa, do tumulto e da importância, além da vantagem imediata de obrigá-la a deixar sua própria casa, onde morava há um mês às suas próprias custas, e se transferir para a deles para que todos os momentos pudessem ser dedicados ao seu serviço, Mrs. Norris de fato estava muito encantada com o intento.

CAPÍTULO XIV

Fanny parecia mais próxima de estar certa do que Edmund supusera. O problema de encontrar uma peça que servisse para todos provou não ser uma bagatela; e o carpinteiro já recebera suas ordens e tirara as medidas, sugerira e retirara no mínimo dois grupos de dificuldades, e tendo demonstrado a necessidade de ampliar o projeto e evidentemente as despesas, iniciara seu trabalho, enquanto que a peça ainda não fora escolhida. Também se realizavam outros preparativos. Um enorme rolo de feltro chegara de Northampton e fora cortado por Mrs. Norris (tendo guardado para si, por seus bons ofícios, três quartos de jarda), e estava sendo transformado em cortina pelas criadas, e ainda nada da peça a ser escolhida; e dois ou três dias se passaram desse modo, e Edmund quase começou a alimentar esperanças de que não conseguiriam encontrar obra alguma.

Na verdade, havia tanta coisa a fazer, tantas pessoas a agradar, tantas exigências de bons personagens e, acima de tudo, tamanha necessidade de que a peça fosse ao mesmo tempo tragédia e comédia, que parecia haver pouca chance de uma decisão que satisfizesse a juventude, apesar do zelo com que buscavam.

Por algo trágico, as senhoritas Bertram, Henry Crawford e Mr. Yates; por algo cômico, Tom Bertram, no que não estava completamente só, pois era evidente que o desejo de Mary Crawford se inclinava em sua direção, apesar de educadamente mantido para si mesma: mas a determinação e a força de Tom pareciam tornar desnecessários quaisquer aliados, e independente da grande e irreconciliável diferença, todos desejavam uma peça com poucos personagens, mas todos de primeira grandeza, com três mulheres nos papéis principais. Em vão examinaram as melhores peças. Nem Hamlet, nem Macbeth, nem Otelo, nem Douglas, nem O Jogador continham nada que satisfizesse os partidários da tragédia; Os Rivais, Escola de Escândalo, A Roda da Fortuna, O Herdeiro Legítimo e uma longa lista foram sucessivamente rejeitados com as mais calorosas objeções. Nenhuma peça proposta deixou de suscitar dificuldades por parte de alguém, e de um lado e de outro havia uma contínua repetição de “Oh, não, essa jamais servirá! Não, nenhuma tragédia violenta. Muitos personagens. Não há nenhuma parte feminina que seja tolerável nessa peça. Qualquer coisa menos isso, meu caro Tom. Seria impossível distribuir as partes. Não se pode esperar que alguém escolha esse papel. Nada além de palhaçada do começo ao fim. Essa poderia servir, não fossem os personagens menos importantes. Se posso dar minha opinião, sempre a considereei a peça mais insípida da língua inglesa. Não quero levantar objeções e ficarei feliz de ser útil, mas creio que não se poderia escolher nada pior”.

Fanny observava e ouvia, divertindo-se em assistir ao egoísmo que, mais ou menos disfarçado, parecia governar a todos, imaginando como aquilo terminaria. Para sua satisfação própria, preferiria que algo pudesse ser apresentado, pois jamais vira nem metade de uma peça de teatro, mas tudo parecia conspirar contra isso.

“Desse modo jamais vai funcionar”, disse por fim Tom Bertram. “Estamos perdendo tempo do modo mais abominável. Alguma coisa deve servir. Não importa o que, mas é preciso escolher algo. Não devemos ser tão exigentes. Alguns personagens a mais não devem nos assustar. Podemos fazer papéis duplos. Devemos ser um pouco mais modestos. Se uma parte for insignificante, maior nosso crédito por tirar partido dela. A partir de agora, não crio mais dificuldades. Aceito a parte que escolherem para mim, desde que seja cômica. A única condição é que seja cômica”.

Talvez pela quinta vez, ele propôs O Herdeiro Legítimo, apenas sem saber se preferia representar Lorde Duberley ou Dr. Pangloss; e muito seriamente, porém sem qualquer sucesso, tentou persuadir os outros de que havia alguns esplêndidos papéis trágicos entre nos outros *dramatis personae*.

O silêncio que seguiu esse esforço infrutífero foi extinto pelo mesmo orador que, pegando um dos muitos volumes de peças que estavam sobre a mesa, depois de abri-lo exclamou subitamente: Os Votos dos Amantes! Por que não fazemos Os Votos dos Amantes, como os Ravenshaw? Como não pensamos nisso antes? Parece-me perfeito. O que me dizem? Há duas partes principais que são trágicas, para Yates e Crawford, e há o mordomo versejador para mim, se ninguém mais desejar representá-lo; é um personagem menor, mas é o tipo de coisa que eu não desgosto e, como disse antes, estou determinado a fazer qualquer coisa, e da melhor maneira possível. E quanto aos outros, podem ser representados por qualquer um. São somente o Conde Cassel e Anhalt”.

A sugestão foi aprovada por unanimidade. Todos estavam ficando cansados com a indecisão e a opinião geral foi que nada proposto antes fora tão perfeito. Mr. Yates ficou particularmente satisfeito: estivera sonhando e desejando representar o Barão em Ecclesford, invejara cada fala de Lorde Ravenshaw e se obrigara a repetir todas elas em seu quarto. Vociferar as falas do Barão Wildenheim era o ápice de sua ambição teatral, com a vantagem de já saber de cor metade das cenas, e com grande alacridade agora oferecia seus serviços para fazer o personagem. Contudo, para ser justo, não tentou se apropriar imediatamente do personagem, pois, lembrando-se de que havia várias excelentes possibilidades em Frederick, afirmou que também faria esse papel de bom grado. Henry Crawford aceitava qualquer um. O que não fosse escolhido por Mr. Yates o satisfaria perfeitamente. Seguiu-se uma pequena troca de

cumprimentos. Sentindo todo o interesse pelo papel de Ágata, Miss Bertram decidiu falar, observando a Mr. Yates que aquele era um personagem no qual deveriam ser consideradas a altura e a silhueta, e como ele era o mais alto, parecia o mais adequado para fazer o Barão. Concordaram que ela estava certa e depois de os dois papéis serem aceitos, teve certeza de que teriam o Frederick adequado. Haviam definido os atores para três dos personagens, além de Mr. Rushworth, que através de Maria, afirmava que faria qualquer personagem; quanto a Julia, que a exemplo de sua irmã desejava o papel de Agatha, começou a demonstrar escrúpulos por conta de Miss Crawford.

“Isso não me parece um bom comportamento para com os ausentes”, disse ela. “A peça não tem papéis femininos suficientes. Amélia e Agatha podem servir para Maria e para mim, mas não há nada para sua irmã, Mr. Crawford”.

Mr. Crawford pediu para ninguém se preocupar com isso: sabia que sua irmã não desejava atuar, mas apenas ser útil no que fosse necessário, e que ela não permitiria que sua pessoa fosse considerada no presente caso. Mas isso foi imediatamente contestado por Tom Bertram, que afirmou que a parte de Amélia era, em todos os aspetos, propriedade de Miss Crawford, se ela a aceitasse. “O papel é perfeito para ela”, disse ele, “assim como o de Agatha é ótimo para uma de minhas irmãs. Não haverá sacrifício de sua parte, pois o papel é altamente cômico”.

Seguiu-se um curto silêncio. As irmãs pareceram ansiosas, pois cada qual se sentia mais apta a representar Agatha e esperava que os outros a pressionassem para aceitá-lo. Henry Crawford, que naquele meio tempo pegara a peça e com aparente descuido repassava o primeiro ato, logo resolveu o assunto.

“Devo implorar para Miss Julia Bertram não representar a parte de Agatha, ou isso será a ruína de toda minha solenidade”, disse ele voltando-se para ela. “Você não pode, realmente não deve. Eu não conseguiria aguentar sua aparência toda envolta em tristeza e palidez. Os muitos risos que demos juntos infalivelmente viriam à minha lembrança e Frederick e sua mochila seriam obrigados a fugir”.

Falou de modo agradável e cortês, mas suas maneiras não adiantaram nada para melhorar os sentimentos de Julia. Viu seu olhar para Maria, que confirmava o insulto para consigo: aquilo era um plano, um truque; ela fora desdenhada, Maria era a preferida. O sorriso de triunfo que Maria tentava esconder demonstrava que ela compreendera muito bem, e antes que Julia pudesse se controlar suficientemente para falar, seu irmão também se pronunciou contra ela, dizendo: “Oh, sim, Maria deve ser Agatha. Maria será

uma Agatha melhor. Apesar de Julia achar que prefere a tragédia, eu não confiaria nela para isso. Não há nada de trágico nela. Ela não tem essa aparência. Seus traços não são trágicos e ela caminha depressa demais. É melhor você fazer a velha camponesa, Julia. A mulher do aldeão é um bom papel, garanto-lhe. A velha senhora revive a bombástica benevolência de seu marido com muito espírito. Você será a mulher do aldeão”.

“A mulher do aldeão!”, exclamou Mr. Yates. “De que você está falando? A parte mais trivial, insignificante e sem qualquer valor; extremamente corriqueira e sem uma única fala tolerável. Sua irmã representá-la! Isso é um insulto. Em Ecclesford, a governanta foi escolhida para esse papel. Nós todos concordamos que não poderia ser oferecido a outra pessoa. Por favor, um pouco mais de justiça, senhor diretor. Se não consegue apreciar um pouco melhor os talentos de sua companhia, não merece o cargo.

“Ora, quanto a isso, caro amigo, enquanto eu e minha companhia não representarmos de fato, tudo não passa de conjecturas, mas eu não pretendia depreciar Julia. Não podemos ter duas Agathas e precisamos de uma mulher do aldeão. Tenho certeza de que dei a ela um exemplo de moderação ao me satisfazer com a parte do velho mordomo. Se a parte é pequena, será mais apreciada se o ator fizer algo para destacá-la; e, se ela estiver tão desesperadamente inclinada a recusar qualquer coisa humorística, pode dizer as falas do aldeão, em vez de sua esposa, e trocar todas as partes; ele é suficientemente solene e patético, estou certo disso. E não faria diferença nenhuma para a peça, e quanto ao aldeão, se ela ficar com as falas de sua mulher, eu represento o papel de todo o coração”.

“Com toda sua preferência pela mulher do aldeão”, disse Henry Crawford, “será impossível fazer algo que sirva para sua irmã, e não devemos fazê-la sofrer ao lhe impor isso. Não devemos permitir que ela aceite o papel. Ela não deve ser deixada à sua própria complacência. Seu talento será necessário para o papel de Amélia. Amélia é um personagem até mais difícil que Agatha, para ser bem representado. Amélia é o personagem mais difícil de toda a peça. Requer grande força e grande delicadeza para lhe atribuir alegria e simplicidade sem extravagância. Vi várias boas atrizes falharem nesse papel. Na verdade, a simplicidade está fora do alcance de quase todas as atrizes profissionais. Requer uma jovem bem educada – uma Julia Bertram. Espero que você a aceite”, disse ele com um olhar de súplica ansiosa que a abrandou um pouco, mas enquanto ela hesitava sem saber o que dizer, seu irmão novamente se interpôs dizendo que Miss Crawford seria uma candidata melhor.

“Não, não, Julia não deve ser Amélia. Não é um papel para ela. Ela não iria gostar, não o faria bem. Ela é alta e robusta demais. Amélia deve ser uma

figura pequena, leve, jovem e saltitante. É perfeito para Miss Crawford, e apenas para Miss Crawford. Ela é perfeita para o papel e tenho certeza de que o fará admiravelmente”.

Sem se preocupar com isso, Henry Crawford continuou com suas súplicas. “Você precisa fazer isso por nós”, disse ele. “De verdade, você precisa. Quando tiver estudado o personagem, estou certo de que sentirá que é perfeito para você. A tragédia pode ser sua escolha, mas certamente parece que a comédia a escolheu. Você irá me visitar na prisão com uma cesta de provisões; você não vai se recusar a me visitar na prisão, vai? Creio que já a vejo chegando com seu cesto”.

A influência de sua voz foi sentida. Julia hesitou, mas estaria ele apenas tentando acalmá-la, apaziguá-la, fazer com que se esquecesse da afronta anterior? Não confiava nele. O desprezo fora bastante assertivo. Ele talvez estivesse brincando com ela de modo traiçoeiro. Olhou com suspeita para sua irmã. O semblante de Maria decidiria: se ela estivesse irritada e alarmada... porém Maria parecia envolta em serenidade e satisfação, e Julia sabia muito bem que nesse terreno, Maria só se sentiria feliz às suas custas. Portanto, com rápida indignação e voz trêmula, respondeu: “Você não parece ter medo de perder a seriedade quando eu entrar com um cesto de provisões – como qualquer um puderia supor – mas é apenas como Agatha que eu provocaria gargalhadas!” Ela se calou – Henry Crawford parecia um tanto tolo, como se não soubesse o que dizer. Tom Bertram recomeçou:

“Miss Crawford deve ser Amélia. Ela será uma excelente Amélia”.

“Não tenha medo de eu querer a personagem”, exclamou Julia com rapidez, furiosa: “Não serei Agatha, nem farei papel algum; e quanto a ser Amélia, de todas as partes no mundo é a que me parece mais repulsiva. Eu a detesto. É uma jovem odiosa, pequena, arrogante, pouco natural e atrevida. Sempre protestei contra a comédia, e esta é a comédia em sua pior forma”. E, assim dizendo, saiu rapidamente da sala, deixando mais de uma pessoa com sentimentos de embaraço, porém provocando muito pouca compaixão em todos, com exceção de Fanny, que fora uma ouvinte silenciosa e, que não podia pensar nela, sem sentir grande piedade por vê-la assaltada pelas agitações do ciúme.

Um curto silêncio seguiu à sua saída, mas seu irmão logo voltou aos negócios e aos Votos dos Amantes, examinando a peça com o auxílio de Mr. Yates e verificando o cenário que seria necessário, enquanto Maria e Henry Crawford conversavam em voz baixa e, sua primeira declaração, “certamente, de bom grado darei a parte para Julia, mas apesar de saber que provavelmente não me sairei nada bem, tenho certeza de que ela será pior” recebeu, sem dúvida,

todos os cumprimentos que ela desejava.

Depois de passado algum tempo, Tom Bertram e Mr. Yates completaram a divisão do grupo, saindo juntos para verificar melhor a sala que agora começava a ser chamada de Teatro; e Fanny ficou sozinha, pois Miss Bertram resolvera descer até a casa paroquial pessoalmente com a oferta do papel de Amélia para Miss Crawford.

Assim que ficou sozinha, a primeira coisa que fez foi pegar o volume que fora deixado sobre a mesa e começar a se familiarizar com a peça da qual ela tanto ouvira falar. Com a curiosidade desperta, folheou o livro com um ímpeto apenas interrompido por intervalos de espanto de que a peça pudesse ser escolhida na presente circunstância, e que pudesse ser proposta e aceita em um teatro caseiro! De diferentes modos, Agatha e Amélia pareciam-lhe de diferente maneiras, totalmente impróprias para uma representação doméstica – a situação de uma e a linguagem da outra eram tão inadequadas para ser expressas por qualquer mulher recatada que ela mal poderia supor que suas primas soubessem no que estavam se metendo; e ansiava lhes falar sobre isso assim que possível, pela censura que Edmund certamente faria.

CAPÍTULO XV

Miss Crawford aceitou o papel com muita presteza, e logo depois de Miss Bertram voltar da casa paroquial, Mr. Rushworth chegou, e conseqüentemente outro personagem foi escolhido. Foram-lhe oferecidos os papéis de Conde Cassel e Anhalt. A princípio, não sabia qual selecionar e queria que Miss Bertram o orientasse, mas depois de compreender os diferentes estilos dos personagens lembrou que vira a peça uma vez em Londres e achara Anhalt um sujeito muito estúpido, então se decidiu pelo Conde. Miss Bertram aprovou a decisão, pois quanto menos ele tivesse para aprender, melhor. E apesar de ele não poder apoiar seu desejo de que o Conde e Agatha trabalhassem juntos, nem esperar muito pacientemente enquanto ele virava as páginas bem devagar na esperança de ainda descobrir essa cena, ela pegou a parte dele e muito delicadamente abreviou todas as falas que podiam ser resumidas, além de mostrar a necessidade de ele estar muito bem vestido e as cores de seus trajes. Mr. Rushworth gostou da ideia de se vestir com esmero, apesar de fingir desprezar a fato, e se preocupou tanto com sua aparência que não conseguiu pensar nos outros, nem chegar a qualquer conclusão ou sentir qualquer desprazer, algo para o qual Maria já estava meio preparada.

Assim, muito se resolveu antes de Edmund saber de qualquer coisa sobre o assunto, pois ele ficara fora durante toda a manhã; e quando entrou na sala de estar antes do jantar, a discussão entre Tom, Maria e Mr. Yates estava acalorada; e Mr. Rushworth aproximou-se dele com grande ânimo para lhe dar as boas novas.

“Encontramos uma peça”, disse ele. “Será Os Votos dos Amantes; e desempenharei o papel do Conde Cassel; primeiro entrarei com uma roupa azul e uma capa de cetim rosa, depois devo vestir um costume fino e uma roupa de caça. Não sei se vou gostar do papel”.

Os olhos de Fanny seguiram Edmund e seu coração bateu por ele ao ouvir esse discurso e ver sua expressão, sentindo o que ele deveria estar experimentando.

“Os Votos dos Amantes!”, foi sua única resposta a Mr. Rushworth, em tom de grande espanto, e voltou-se para o irmão e as irmãs quase como se duvidasse daquilo.

“Sim”, exclamou Mr. Yates. “Depois de todos os nossos debates e de todas as dificuldades achamos que nada seria mais apropriado e irrepreensível quanto Os Votos dos Amantes. É incrível que não tivéssemos pensado nisso antes. Minha estupidez foi abominável, pois eu tinha a vantagem da experiência do que eu vira em Ecclesford, e é tão útil ter algo como modelo! Praticamente já decidimos

todos os papéis”.

“Mas o que resolveram para as mulheres?”, disse Edmund gravemente, olhando para Maria.

A despeito de si mesma Maria corou e respondeu: “Fiquei com a parte que Mrs. Ravenshaw teria feito, e (com olhar mais corajoso) Miss Crawford será Amélia”.

“Não imaginei que os personagens dessa peça fossem tão facilmente distribuídos entre nós”, replicou Edmund afastando-se da lareira, dirigindo-se para onde se sentavam sua mãe, sua tia e Fanny, sentando-se com um ar muito irritado.

Mr. Rushworth o seguiu e disse: “Tenho três entradas e 42 falas. Isso é incrível, não é mesmo? Mas não gosto muito da ideia de ser tão refinado. Mal me reconhecerei com uma roupa azul e uma capa cor-de-rosa”.

Edmund não conseguiu responder. Em poucos minutos, Mr. Bertram foi chamado e teve que deixar a sala para resolver algumas dúvidas do carpinteiro, sendo acompanhado por Mr. Yates, seguido por Mr. Rushworth. Imediatamente, Edmund aproveitou a oportunidade para dizer: “Eu não podia falar diante de Mr. Yates o que acho dessa peça sem ofender seus amigos de Ecclesford, mas agora, minha cara Maria, preciso lhe dizer que eu a considero tremendamente inconveniente para uma representação doméstica e espero que vocês desistam dela. Não posso acreditar que vocês a representem depois de a lerem com cuidado. Leiam apenas o primeiro ato para sua mãe ou sua tia e vejam se elas a aprovam. Não será necessário submetê-la ao julgamento de meu pai, estou convencido disto”.

“Vemos as coisas de modo muito diferente”, exclamou Maria. “Garanto-lhe que conheço a peça perfeitamente; e, com algumas poucas omissões que serão feitas, é claro, não vejo nada de censurável nela; e não sou a única jovem que a considera muitíssimo apropriada para uma representação familiar”.

“Sinto muito”, foi sua resposta, “mas nesse assunto você deve ser orientada. Deve dar o exemplo. Se os outros estão a ponto de cometer um erro estúpido, é seu dever colocá-los no caminho certo e lhes mostrar o que é a verdadeira delicadeza. Sua conduta deve ser lei para o resto do grupo em todos os pontos do decoro”.

A imagem de sua importância teve algum efeito, pois ninguém apreciava mais o comando que Maria, e com bom humor, respondeu: “Estou muito grata a você, Edmund; tenho certeza de que suas intenções são as melhores: mas ainda creio que você vê as coisas com muito exagero; e realmente não posso assumir a

responsabilidade de falar com os demais sobre um assunto dessa espécie. Seria altamente indecoroso”.

“Imagina que essa foi uma ideia minha? Não, deixe que sua conduta seja sua única repreensão. Diga que examinando o papel você se sentiu inadequada para ele; que percebeu que ele requer mais esforço e confiança do que você supunha ter. Diga isso com firmeza e será suficiente. Todos os que possuem bom-senso compreenderão seus motivos. A peça será abandonada e sua delicadeza será honrada como deve”.

“Não represente nada impróprio, minha querida”, disse Lady Bertram. “Sir Thomas não gostará disso. Fanny, toque a sineta; preciso jantar. Certifique-se de que Julia já está pronta”.

Evitando que Fanny fizesse qualquer coisa, Edmund disse: “Senhora, estou convencido de que Sir Thomas não aprovaria a peça”.

“Minha querida, ouviu o que Edmund disse?”

“Se eu desistir do papel, Julia certamente o fará”, disse Maria com empenho renovado.

“Com o!”, exclamou Edmund, “Mesmo conhecendo suas razões?”

“Oh! Ela consideraria nossas disputas – a diferença entre nossas situações – e acharia que não precisa ser tão escrupulosa quanto eu. Tenho certeza de que argumentaria desse modo. Não; perdoe-me, mas não posso retirar meu compromisso; os preparativos já estão bem adiantados e todos ficariam muito desapontados, Tom se irritaria bastante; e ele é tão gentil, e desse modo jamais representaríamos nada”.

“Eu ia dizer exatamente isso”, disse Mrs. Norris. “Se censurarem todas as peças vocês não representarão nada, e todos os preparativos só terão servido para se jogar dinheiro fora. Estou certa de que isso seria um descrédito para todos nós. Não conheço a peça; mas como disse Maria, se houver algo forte demais (e isso acontece com a maioria delas), essa parte pode facilmente ser deixada de fora. Não precisamos ser exageradamente precisos, Edmund. Como Mr. Rushworth também vai atuar, não pode haver nada de mau. Só desejaria que Tom já tivesse tudo resolvido quando os carpinteiros iniciassem o trabalho, pois já perderam meio dia de trabalho por causa das portas laterais. No entanto, a cortina ficará ótima. As criadas fazem muito bem seu trabalho e creio que conseguiremos devolver algumas dúzias de argolas. Não há necessidade de pregá-las tão juntas. Espero ter alguma utilidade para evitar desperdícios e aproveitar ao máximo o material. Sempre deve haver uma cabeça firme para supervisionar os jovens. Esqueci de contar ao Tom algo que aconteceu hoje. Eu observava o galinheiro e

me aprontava para sair quando vi Dick Jackson à porta da sala dos criados com dois pedaços de madeira nas mãos, levando-os para o pai, pode estar certo. Por acaso, a mãe o mandara levar um recado ao pai e este lhe pedira para levar os dois pedaços de madeira de que tinha necessidade. Eu sabia o que isso significava, pois exatamente naquele momento soava a sineta dos criados, e como detesto gente que passa dos limites (os Jackson são muito abusados, eu sempre disse: são pessoas que agarram tudo que podem), eu falei ao garoto (um garotão de dez anos de idade que deveria ter vergonha de si mesmo): ‘Vou levar pessoalmente as tábuas para seu pai, Dick, assim você pode voltar para casa o mais depressa possível’. O menino pareceu muito embaraçado e se voltou sem palavra, pois acredito ter falado de modo bastante ríspido, e tenho certeza de que durante algum tempo isso curará sua mania de ficar vadiando em torno da casa. Detesto essa cobiça – e Sir Thomas sendo tão bom para com ele quanto é para com a família, empregando o pai durante todo o ano!”

Ninguém se deu ao trabalho de responder; os outros logo voltaram; e Edmund achou que não teria outra satisfação além de seu esforço para consertar as coisas.

O jantar se passou em um ambiente pesado. Mrs. Norris novamente contou seu triunfo sobre Dick Jackson, mas ninguém falou sobre a peça nem sobre os preparativos, pois até o irmão sentira a desaprovação de Edmund, apesar de não se importar com isso. Desejando o apoio de Henry Crawford, Maria achou melhor evitar o assunto. Tentando agradar Julia, Mr. Yates achou seu mau humor menos impenetrável ao conversar sobre qualquer assunto, exceto o fato de ela se afastar da companhia; e Mr. Rushworth, que só pensava em seu personagem e no seu figurino, logo esgotou o que poderia dizer sobre as duas coisas.

Mas as preocupações com o teatro foram suspensas por uma ou duas horas: ainda havia muita coisa a ser resolvida; e como os espíritos da noite lhes infundiam nova coragem, logo depois de se reunirem na sala de estar, Tom, Maria e Mr. Yates se sentaram diante de uma mesa isolada, com a peça aberta diante deles, e haviam acabado de se concentrar no assunto quando houve uma interrupção muito bem-vinda com a entrada de Mr. e Miss Crawford que, mesmo tarde da noite, escuro e lamençoso como estava, não podiam deixar de comparecer e foram recebidos com a maior alegria.

“Bem, como vão vocês?” e “O que resolveram?” e “Oh! Não podemos fazer nada sem vocês”, foram as exclamações pronunciadas logo após as primeiras saudações; e Henry Crawford logo se sentou à mesa com os outros três, enquanto a irmã se aproximava de Lady Bertram para cumprimentá-la atentamente. “Devo parabenizá-la por finalmente escolherem uma peça; pois

apesar de sua paciência exemplar, estou certa de que deve estar cansada de todo nosso barulho e dificuldades. Os atores podem estar felizes, mas os espectadores devem estar infinitamente mais gratos pela decisão; e eu sinceramente me alegro pela senhora, por Mrs. Norris e por todos os outros que passaram pela mesma situação”, disse ela lançando um olhar meio amedrontado, meio meio às escondidas, para além de Fanny e Edmund.

Recebeu uma resposta educada de Lady Bertram, mas Edmund nada disse. O fato de ser apenas um espectador não foi contestado. Depois de continuar a conversar com o grupo por alguns minutos, diante da lareira, Miss Crawford se voltou para o grupo reunido em torno da mesa; e, em pé ao lado deles, pareceu se interessar pelos seus planos, até que, como que atingida por uma súbita lembrança, exclamou: “Meus bons amigos, vocês estão trabalhando com toda calma nessas cabanas e tabernas, dentro e fora; mas, por favor, nesse interim avisem-me de meu destino. Quem será Anhalt? Dentre vocês, qual será o cavalheiro que terei o prazer de namorar?”

Por um momento ninguém disse nada; então vários falaram juntos para contar a verdade melancólica de que ainda não haviam encontrado nenhum Anhalt. “Mr. Rushworth será o conde Cassel, mas ninguém ainda escolheu a parte de Anhalt”.

“Eu pude escolher entre as partes”, disse Mr. Rushworth; “mas preferi o Conde, apesar de não apreciar muito o figurino espalhafatoso que precisarei usar”.

“Escolheu com muita sabedoria, tenho certeza”, replicou Miss Crawford com um olhar brilhante. “Anhalt é uma parte pesada”.

“O Conde tem 42 falas”, respondeu Mr. Rushworth, “o que não é uma bagatela”.

“Não me surpreende a falta de um Anhalt”, disse Miss Crawford depois de uma curta pausa. “Amélia não merece melhor destino. Uma jovem tão ousada deve assustar os homens”.

“Eu ficaria feliz em fazer essa personagem, se fosse possível”, exclamou Tom, “mas, infelizmente, o mordomo e Anhalt aparecem juntos. Contudo, ainda não desisti completamente. Vou ver o que pode ser feito. Vou verificar novamente”.

“Seu irmão deveria fazer esse papel”, disse Mr. Yates em voz baixa, dirigindo-se a Tom. “Você acha que ele faria?”

“Não vou perguntar a ele”, replicou Tom de modo frio e determinado.

Miss Crawford falou de outra coisa e logo depois voltou a se aproximar do grupo junto da lareira.

“Eles não me querem”, disse ela sentando-se. “Eu apenas os intrigo e os obrigo a ser gentis. Mr. Edmund Bertram, como não está representando será um conselheiro desinteressado; e, sendo assim, apelo a você. O que devemos fazer quanto a Anhalt? Acha possível alguém fazer dois personagens? Qual o seu conselho?”

“Meu conselho”, disse ele calmamente, “é que vocês troquem de peça”.

“Eu não teria qualquer objeção”, respondeu ela; “apesar de não desgostar particularmente da parte de Amélia, se for bem representada”, e olhando ao redor, “se tudo correr bem, ficarei triste por causar uma inconveniência; mas como naquela mesa escolheram não prestar atenção aos seus conselhos, certamente não o ouvirão”.

Edmund não disse mais nada

“Se qualquer parte o tentasse a atuar, suponho que seria a de Anhalt”, observou a moça maliciosamente após uma curta pausa, “pois ele é um clérigo, como sabe”.

“Essa circunstância absolutamente não me tenta”, respondeu ele, “pois eu lamentaria tornar o personagem ridículo pela má atuação. Deve ser bastante difícil impedir que Anhalt pareça um conferencista formal e solene; e o homem que escolhe essa profissão talvez seja o último que poderia representá-la em um palco”.

Miss Crawford se calou, e sentindo-se um pouco chocada e ressentida moveu sua cadeira consideravelmente para mais perto da mesa de chá e deu toda sua atenção para Mrs. Norris, sentada à cabeceira.

“Fanny”, chamou Tom Bertram da outra mesa, onde a conferência continuava entusiasmada e a conversação era incessante, “precisamos de seus serviços”.

Logo Fanny estava em pé, esperando alguma tarefa, pois o hábito que empregá-la dessa forma ainda não fora abandonado, apesar dos os esforços de Edmund.

“Oh! Não queremos perturbá-la fazendo com que se levante. Não desejamos seus serviços agora. Apenas a desejamos em nossa peça. Você precisa representar o papel da esposa do aldeão”.

“Eu!”, exclamou Fanny, sentando-se novamente com um olhar

apavorado. “Perdoem-se. Eu não conseguiria representar, mesmo que me dessem o mundo. Não, de verdade, não posso atuar”.

“Mas, você precisa, pois não podemos dispensá-la. Não há do que ter medo: é uma parte pequena, um nada, não passa de meia dúzia de falas todas juntas e não importa se ninguém ouvir uma palavra; portanto pode ser um rato assustado se quiser, mas precisamos que você seja vista no palco.

“Se tem medo de meia dúzia de falas”, exclamou Mr. Rushworth, “o que faria com uma parte como a minha? Tenho 42 para aprender”.

“Não estou com medo de decorar as falas”, disse Fanny, chocada por ver que naquele momento era a única que falava na sala e por sentir que praticamente todos os olhos estavam fixos nela; “mas realmente não sei representar”.

“Sim, sabe representar suficientemente bem para nós. Aprenda sua parte e nós lhe ensinaremos o resto. Você tem apenas duas cenas, e, como serei o aldeão, eu a auxiliarei. Você vai se sair muito bem, eu lhe garanto”.

“Não, de verdade Mr. Bertram, deve me dispensar. Você não tem ideia. Seria absolutamente impossível para mim. Se eu concordasse, apenas estaria desapontando vocês”.

“Ora! Ora! Não seja tão envergonhada. Você o fará muito bem. Nós lhe daremos um desconto. Não esperamos perfeição. Você só precisa arranjar um vestido marrom, um avental branco, e uma touca, e nós desenharemos algumas rugas em você, um pequeno pé de galinha no canto de seus olhos, e você se transformará em uma perfeita velhinha”.

“Vocês precisam me dispensar, verdade, precisam me dispensar”, exclamou Fanny, cada vez mais vermelha pela excessiva agitação, olhando desesperada para Edmund que a observava com gentileza, mas que por não desejar irritar ainda mais seu irmão com sua interferência deu-lhe apenas um sorriso encorajador. A súplica da moça não causou nenhum efeito em Tom: ele apenas repetiu o que já dissera, e não foi apenas Tom, pois o pedido agora era reforçado por Maria, por Mr. Crawford e por Mr. Yates, com uma insistência que diferia da dele por ser mais gentil e cerimoniosa, mas que colocadas todas juntas oprimia Fanny ainda mais; antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Mrs. Norris completou o quadro dirigindo-se a ela em um murmúrio ao mesmo tempo irado e audível, “Esse é um trabalho de nada. Fanny, estou envergonhada por você criar tal dificuldade para fazer um favor aos seus primos em uma bobagem como essa, sendo eles tão gentis com você! Aceite de boa vontade e encerre esse assunto, eu lhe peço”.

“Não a pressione, senhora”, disse Edmund. “Não é justo forçá-la desta maneira. Pode-se ver que ela não gosta de atuar. Deixe-a resolver por si mesma, como o restante de nós. Sua vontade deve merecer respeito. Não a pressione mais”.

“Não vou mais pressioná-la”, replicou agudamente Mrs. Norris; “mas a considerarei uma jovem muito obstinada e ingrata se não fizer o que sua tia e primos desejam dela, muito ingrata, considerando-se quem e o que é nesta família”.

Edmund ficou furioso demais para falar, mas Miss Crawford, olhando estupefata para Mrs. Norris e depois para Fanny, cujas lágrimas começavam a surgir por si mesmas, disse imediatamente, com certa aspereza: “Não me sinto bem neste lugar: está muito quente para mim”, e levou sua cadeira para o lado oposto da mesa, para perto de Fanny, dizendo-lhe em um sussurro gentil: “Não se importe, minha cara Miss Price, esta é uma noite adversa: todos estão irritados e nervosos, mas não se importe com eles”; e com incisiva atenção, continuou a falar com ela procurando melhorar seu humor, apesar de também estar aborrecida. Com um olhar para seu irmão, ela o impediu de continuar a falar sobre o elenco teatral, e os bons sentimentos pelos quais estava sendo governada rapidamente restauraram tudo que perdera do favor de Edmund.

Fanny não gostava de Miss Crawford, mas ficou muito agradecida por sua gentileza. Depois, notando seu trabalho, Mary disse que gostaria de poder realizá-lo tão bem quanto ela e lhe pediu o desenho, e supondo que Fanny agora se preparava para ser apresentada à sociedade, como certamente aconteceria quando sua prima se casasse, Miss Crawford perguntou se ela ultimamente recebera notícias de seu irmão que estava no mar e afirmou que gostaria muito de conhecê-lo e que tinha certeza de que ele era um ótimo rapaz; e aconselhou Fanny a mandar pintar seu retrato antes que ele voltasse ao mar. Fanny não pôde deixar de admitir que aquela adulação fora muito agradável, e respondeu com mais entusiasmo do que pretendia.

As discussões sobre a peça continuavam e a atenção de Miss Crawford se desviou de Fanny, pois Tom Bertram lhe dizia com infinito pesar que achava absolutamente impossível representar a parte de Anhalt, além de fazer o mordomo. Estava ansioso para tornar isso possível, mas não conseguira e fora obrigado a desistir. “Mas não haverá a menor dificuldade em encontrar alguém para representá-lo”, acrescentou ele. “É só espalharmos a notícia e poderemos escolher. Posso nomear pelo menos seis jovens que residem a uma distância de até seis milhas de nós, que ficariam loucos de alegria por serem admitidos em nossa companhia. Mais um ou dois não nos desgraçariam. Eu não temeria confiar em um dos Oliver ou em Charles Maddox. Tom Oliver é um sujeito

muito inteligente e Charles Maddox é um perfeito cavalheiro. Assim sendo, pegarei meu cavalo amanhã cedo, cavalgarei até Stoke e combinarei com um deles”.

Enquanto ele falava, Maria olhava apreensiva para Edmund, esperando que ele se opusesse à ampliação do plano, tão contrário a todos os seus protestos anteriores; mas Edmund não disse nada. Depois de pensar por um instante, Miss Crawford replicou calmamente. “No que me concerne, não tenho objeção alguma a qualquer pessoa que você considere adequada. Já vi algum desses cavalheiros? Ah, sim, Mr. Charles Maddox jantou na casa de minha irmã um dia destes, não é, Henry? É um jovem de aspecto tranquilo. Lembro-me dele. Que seja ele o escolhido, por favor, pois será bem menos desagradável para mim do que ter que contracenar com um perfeito estranho”.

Charles Maddox seria o homem. Tom repetiu sua resolução de procurá-lo na manhã seguinte, e Julia, que praticamente não abria a boca até aquele momento, lançou primeiro um olhar para Maria e depois para Edmund e observou com sarcasmo que “as aventuras teatrais de Mansfield iriam animar muitíssimo toda a vizinhança”. Edmund continuou tranquilo, apenas mostrando seus sentimentos através de uma gravidade deliberada.

“Não estou muito confiante quanto à nossa peça”, disse Miss Crawford, em voz baixa para Fanny, depois de refletir um pouco; “e posso dizer a Mr. Maddox que encurtarei algumas de suas falas e muitas das minhas antes de começarmos a ensaiar juntos. Será muito desagradável, algo que de modo algum eu esperava”.

CAPÍTULO XVI

Miss Crawford não tinha o poder de convencer Fanny a verdadeiramente se esquecer do que se passara. Quando a noite terminou, ela foi para a cama aborrecida, os nervos ainda agitados pelo choque do ataque de seu primo Tom, tão público e persistente, o estado de espírito arrasado pela cruel censura de sua tia. Ser repreendida desse modo, ouvir aquilo que era apenas um prelúdio para algo infinitamente pior, ser informada de que devia fazer algo tão impossível quanto representar; e depois ser acusada de teimosia e ingratidão, além da alusão à dependência de sua situação, fora doloroso demais naquele momento, fazendo-a se lembrar do quanto estava sozinha, especialmente com o pavor adicional do que o amanhã poderia produzir na continuação do assunto. Miss Crawford só a protegera naquele momento, e o que faria ela se fosse novamente solicitada entre eles, com a urgência de que eram capazes Tom e Maria e talvez com a ausência de Edmund? Dormiu antes de poder responder à questão e quando acordou na manhã seguinte a considerou tão intrigante quanto antes. O pequeno sótão branco que continuamente era seu quarto desde que entrara naquela família, provando-se incompetente para sugerir qualquer resposta, fez com que ela se vestisse e buscasse outro apartamento mais espaçoso e mais conveniente para caminhar e pensar, que também lhe pertencia há algum tempo. Fora a sala de estudos; assim chamada até que as senhoritas Bertram proibiram que lhe dessem esse nome ou o utilizassem para essa finalidade. Durante o período em que Miss Lee morara na casa, elas haviam lido, escrito, conversado e rido ali, pelo menos nos últimos três anos, quando ela os deixou. O quarto passara a não ter utilidade alguma e durante algum tempo ficou deserto, exceto por Fanny que visitava suas plantas ou desejava um dos livros nele guardados por falta de espaço e acomodação em seu quartinho no andar superior: mas gradualmente, quando deu mais valor ao conforto, acrescentou-o às suas posses e passou a permanecer nele por mais tempo; e como ninguém se opôs, pois tinha tão natural e ingenuamente trabalhado sozinha para isso, agora admitia naturalmente que era seu. O quarto leste, como era chamado desde que Maria Bertram tinha 16 anos, era agora considerado como pertencente à Fanny, quase tão decisivamente quanto o sótão branco: a pequenez de um fazendo o uso do outro tão evidentemente razoável que as senhoritas Bertram aprovavam inteiramente, com toda a supremacia de seus próprios apartamentos e de seus próprios sentidos de superioridade; e Mrs. Norris, tendo estipulado que nele jamais poderia haver uma lareira para proporcionar mais conforto a Fanny, estava toleravelmente resignada pelo fato de ela poder usar o que ninguém mais queria, apesar dos termos que às vezes usava para falar sobre ele parecerem indicar que aquele era o melhor quarto da casa.

Sua localização era tão favorável que mesmo sem lareira era habitável

em muitas manhãs do início da primavera e do final do outono, para alguém de mente tão bem disposta quanto Fanny; e, enquanto houvesse um raio de sol, ela não era inteiramente expulsa dele, mesmo quando o inverno chegava. Era extremo o conforto que lhe proporcionava em suas horas de lazer. Ela se dirigia para lá após qualquer coisa desagradável que lhe acontecesse no andar inferior e encontrava consolo imediato em alguma ocupação ou sequência de pensamentos. Suas plantas, seus livros, os quais ela colecionava desde o primeiro momento que tivera nas mãos um xelim que pudesse considerar como sendo seu, sua escrivinha, seus trabalhos de caridade e de criatividade encontravam-se todos ao alcance de sua mão; se estivesse indisposta para o trabalho, se nada além da reflexão a contentasse, jamais deixava de ver um objeto no quarto que não lhe trouxesse uma lembrança interessante. Tudo ali era amigável ou transportava seus pensamentos a um amigo; e apesar de algumas vezes haver muito sofrimento em sua vida, embora seus motivos muitas vezes serem mal interpretados, seus sentimentos desconsiderados e sua compreensão desvalorizada, apesar de ter conhecido as penas da tirania, do ridículo e da negligência, ainda assim quase toda a ocorrência de qualquer delas trouxera algo consolador: sua tia Bertram a protegera, Miss Lee a encorajara ou, o que era ainda mais frequente ou mais caro, Edmund fora seu defensor e seu amigo: apoiara sua causa ou explicara seu significado, dissera-lhe para não chorar ou lhe dera alguma prova de afeição que tornara suas lágrimas deleitosas; e agora tudo isso era tão impreciso, tão harmonizado pela distância que toda aflição passada tinha seu encanto. O quarto era-lhe muito querido e ela não teria trocado sua mobília pelo que de mais belo houvesse na casa, apesar de originariamente ser simples e ter sofrido todos os abusos das crianças. Seus maiores tesouros e ornamentos eram um escabelo desbotado produzido por Julia, mal feito demais para ocupar um lugar na sala de estar, três transparências feitas no auge da moda desses objetos, para os três painéis inferiores de uma das janelas, onde se via a Abadia de Tintern, uma caverna na Itália e um lago enluarado em Cumberland; uma coleção de perfis da família colocada sobre o consolo da lareira, considerada inadequada para ocupar outro lugar qualquer da casa e, pregado na parede, um pequeno esboço de um navio enviado do Mediterrâneo há quatro anos por William, com o dístico HMS Antwerp na parte inferior, em letras tão grandes quanto o mastro principal.

Era nesse ninho de confortos que Fanny agora caminhava de um lado para o outro, tentando captar a influência do lugar sobre seu espírito agitado e receoso, olhando para o perfil de Edmund, procurando apreender algum de seus conselhos, ou arejando seus gerânios para tentar inalar a brisa da fortaleza moral. Mas possuía mais que temores quanto à sua própria perseverança para abafar: começara a se sentir indecisa quanto ao que devia fazer, e enquanto andava ao

redor do quarto suas dúvidas aumentavam. Estava certa em recusar o que lhe fora pedido com tanto calor, aquilo que desejara tão fortemente e que poderia ser tão essencial ao plano no qual haviam colocado seus corações alguns a quem ela devia maior complacência? Não agia assim por ressentimento, egoísmo e medo de se expor? E o julgamento de Edmund, a certeza da desaprovação de Sir Thomas a tudo aquilo seriam suficientes para justificar sua negação tão feroz, a despeito de todos os demais? Seria para ela tão horrível representar que estaria inclinada a suspeitar da verdade e da pureza de seus escrúpulos, e ao olhar em torno, os argumentos de seus primos para ela aceitar seriam reforçados pela visão dos presentes que recebera deles? A mesa entre as janelas estava coberta de caixas de costura e caixas para linhas que recebera em ocasiões diferentes, principalmente de Tom, e ela se espantou com a quantidade de dívidas que essas lembranças produziram. Uma batida na porta a despertou dessa tentativa de encontrar o caminho do dever, e seu suave “Entre!” foi respondido pelo aparecimento daquele que costumava esclarecer todas as suas dúvidas. Seus olhos brilharam ao ver Edmund.

“Posso falar com você por alguns minutos, Fanny?” perguntou ele.

“Sim, certamente”.

“Quero fazer uma consulta. Desejo sua opinião”.

“Minha opinião!”, exclamou ela encolhendo-se diante de tamanho cumprimento, altamente gratificada por ele.

“Sim, seu conselho e opinião. Não sei o que fazer. Esse plano de atuação está ficando cada vez pior. Eles selecionaram a pior peça que poderiam escolher e agora, para completar o assunto, vão pedir auxílio a um jovem que mal conhecemos. Isso é o fim de toda privacidade e decência de que falamos antes. Não sei nada de mal sobre Charles Maddox, mas a intimidade excessiva que com certeza surgirá com sua admissão entre nós é altamente condenável, e mais que a intimidade – a familiaridade. Não consigo pensar nisso sem me afligir, e esse fato me parece um mal de tamanha magnitude que deve ser evitado, se possível. Você vê esse caso sob a mesma luz?”

“Sim; mas o que se pode fazer? Seu irmão está realmente determinado”.

“Só há uma coisa a fazer, Fanny. É preciso que eu assuma o papel de Anhalt. Sei muito bem que nada mais sossegará Tom”.

Fanny não conseguiu lhe responder.

“Absolutamente, não é o que eu gostaria”, continuou ele. “Nenhum homem gosta de ser levado a demonstrar tal inconsistência. Depois de manifestar

minha oposição ao plano desde o início, é absurdo eu me juntar a eles agora, quando passam dos limites do plano original em todos os aspectos; mas não consigo pensar em outra alternativa. Você consegue, Fanny?"

"Não", disse Fanny devagar, "não de imediato, mas..."

"Mas o quê? Vejo que você não concorda comigo. Pense um pouco. Talvez você não perceba o dano que pode surgir do fato desagradável de um jovem ser recebido desse modo em nossa vida doméstica, autorizado a vir a qualquer hora, colocado de repente em uma condição que acaba com todas as restrições. Pense apenas no privilégio que cada ensaio tende a criar. Isso é muito mau! Coloque-se no lugar de Miss Crawford, Fanny. Considere o que seria representar Amélia com um estranho. Ela tem direito aos nossos sentimentos porque é evidente que está lamentando sua posição. Ouvi o que ela lhe disse ontem à noite e compreendi sua má vontade em atuar com um estranho, e como ela concordou em representar esse papel com outras expectativas, talvez sem considerar suficientemente o assunto para saber o que significaria, seria mesquinho, na verdade seria errado expô-la a isso. Deveríamos respeitar seus sentimentos. Não acha, Fanny? Você hesita em responder".

"Lamento por Miss Crawford, mas lamento ainda mais ver você obrigado a fazer algo contra o qual já se resolvera e que considera que desagradará meu tio. Será um grande triunfo para os outros!"

"Eles não terão muitos motivos de triunfo quando virem o quão infame é minha atuação. Contudo, certamente será um triunfo e preciso encarar isso. Mas serei bem pago se puder restringir a divulgação do negócio, limitar o alcance da exibição, confinar nossa loucura. Na posição em que me encontro agora não tenho qualquer influência, não posso fazer nada: eu os ofendi e eles não me ouvirão, mas quando lhes devolver o bom humor com essa concessão, espero poder persuadi-los a restringir a representação a um círculo muito menor do que eles pretendem agora. Isso representará um ganho material. Meu objetivo é limitar a plateia à Mrs. Rushworth e aos Grant. Esse ganho não valerá a pena?"

"Sim, será um grande galardão".

"Mas ainda assim não conta com sua aprovação. Você pode recomendar outra medida qualquer pela qual eu tenha oportunidade de obter o mesmo resultado?"

"Não, não consigo pensar em nada".

"Então, dê-me sua aprovação, Fanny. Não fico tranquilo sem ela".

"Oh, primo!"

“Se você estiver contra mim não poderei confiar em mim mesmo, e ainda assim... é absolutamente impossível permitir que Tom continue nesse caminho, cavalgando pelo campo à procura de alguém que possa persuadir a atuar, não importa quem: basta ter aparência de cavalheiro. Pensei que você teria mais consideração pelos sentimentos de Miss Crawford”.

“Sem dúvida ela ficará muito contente. Será um grande alívio para ela”, disse Fanny, tentando demonstrar mais ânimo.

“Ela nunca pareceu mais amigável com você quanto na noite passada. Essa atitude lhe granjeou grande admiração de minha parte”.

“Sim, ela foi muito gentil e fico feliz por ela ter sido poupada de uma situação...”

Não conseguiu terminar a generosa efusão. Sua consciência a interrompeu na metade, mas Edmund ficou satisfeito.

“Vou até lá imediatamente depois do desjejum”, disse ele, “e estou certo de que lhes darei muito prazer. E agora, querida Fanny, não vou interrompê-la mais. Você deseja ler. Mas eu não ficaria tranquilo se não falasse com você para chegar a uma decisão. Dormindo ou acordado, minha cabeça estava cheia disso durante toda noite. É ruim, mas estou certo de que será um mal menor. Se Tom estiver acordado, falarei diretamente com ele para acabar com esse assunto, e quando nos encontrarmos no desjejum estaremos todos com ótimo humor diante do prospecto de fazermos papel de tolos juntos, com toda unanimidade. Nesse meio tempo, suponho que você fará uma viagem para a China. Como vai Lorde Macartney?”, disse ele abrindo um livro que estava sobre a mesa e depois pegando alguns outros. “E aqui estão os Contos de Crabbe , e The Idler , à mão para aliviá-la se você se cansar do grande livro. Admiro muitíssimo seu pequeno refúgio; e assim que eu sair esvazie sua cabeça de toda essa bobagem de representar e sente-se confortavelmente diante de sua mesa. Mas não fique aqui para não se resfriar”.

Ele se foi; mas não houve leitura, nem China, nem tranquilidade para Fanny. Ele lhe dera a mais extraordinária, a mais inconcebível, a mais indesejável de todas as notícias e ela não conseguia pensar em outra coisa. Ele atuaria! Depois de todas as objeções – objeções tão justas e tão públicas! Depois de tudo que o ouvira dizer, de ver sua aparência, de saber como ele se sentia. Seria possível? Edmund tão inconsistente! Ele não estava se enganando? Ele não estaria errado? Ora! Aquilo era obra de Miss Crawford. Ela vira sua influência em cada palavra e se sentia péssima. As dúvidas e alarmes quando à sua própria conduta, que previamente a angustiavam e que haviam desaparecido

enquanto ela o ouvia, agora tinham se tornado bem pouco importantes. Uma ansiedade mais profunda os engolira. As coisas precisavam tomar seu curso; ela não se importava como terminaria. Seus primos poderiam atacá-la, mas não poderiam provocá-la. Ela estava além de seu alcance; e, se fosse obrigada a ceder, nada mais importava. Agora ela era só sofrimento.

CAPÍTULO XVII

De fato, aquele foi um dia de triunfo para Mr. Bertram e para Maria. A vitória sobre o critério de Edmund fora além do que esperavam e aquilo era extremamente prazeroso. Não havia mais nada para perturbá-los em seu querido projeto e eles cumprimentaram uns aos outros em segredo pela fraqueza do ciúme à qual atribuíam a mudança, com todo júbilo dos sentimentos gratificados plenamente. Edmund podia ainda parecer grave e afirmar que não gostava do projeto geral e desaprovava a peça em particular, mas o ponto estava ganho: ele atuaria e fora levado a isso apenas pela força de suas inclinações egoístas. Edmund descera do pedestal moral em que mantivera antes, e agora, além de estarem muito melhor, também se sentiam muito mais felizes com sua queda.

Porém, na ocasião se comportaram muito bem para com ele, não demonstrando exultação maior que alguns sorrisos, e pareciam pensar que aquela fora uma grande saída para escapar da intrusão de Charles Maddox, como se tivessem sido forçados a admiti-lo a contragosto. “Manter a peça no círculo familiar era tudo que eles particularmente desejavam. Um estranho entre eles teria sido a destruição de todo o bem-estar”; e quando, seguindo essa ideia, Edmund deu indício de sua esperança de limitar a audiência, estavam prontos a prometer qualquer coisa na afabilidade do momento. Tudo foi bom humor e encorajamento. Mrs. Norris se ofereceu para idealizar seu figurino, Mr. Yates lhe garantiu que a última cena de Anhalt com o Barão admitia muita ação e ênfase, e Mr. Rushworth se comprometeu a contar suas falas.

“Talvez Fanny esteja mais disposta a nos ajudar agora”, disse Tom. “Talvez você possa persuadi-la”.

“Não, ela está bastante determinada. Certamente não atuará”.

“Oh!, Muito bem”. E ninguém disse mais nenhuma palavra, mas Fanny se sentiu novamente em perigo, e sua indiferença já começava a falhar.

Na casa paroquial não havia menos sorrisos que no Park devido a essa mudança de ideia de Edmund; Miss Crawford parecia encantada e se dedicava à peça com tal renovada satisfação que só poderia provocar nele uma resposta. “Com certeza tinha razão em respeitar seus sentimentos; estou feliz por ter me decidido”. E a manhã passou cheia de doces satisfações, mesmo que não muito honestas. Para Fanny houve uma vantagem: diante do insistente pedido de Miss Crawford, com seu costumeiro bom humor Mrs. Grant concordara em assumir a parte para a qual Fanny fora requisitada, e isso foi tudo que ocorreu para alegrar seu coração durante o dia, mas quando o fato foi relatado por Edmund, provocou em Fanny uma pontada de dor, pois foi à Miss Crawford que ele ficou agradecido. Eram sempre as gentis intervenções de Miss Crawford que

provocavam sua gratidão, e seus méritos eram comentados com um brilho de admiração. Ela estava segura, mas a paz e a segurança nesse caso não se corresponderiam. Jamais sua mente se afastara tanto da paz. Não conseguia sentir que se comportara de modo errado, mas se inquietava com todos os outros aspectos. Seu coração e sua consciência eram igualmente contra a decisão de Edmund: não podia absolver sua inconstância, e a felicidade dele a martirizava. O ciúme e a agitação a invadiam. Miss Crawford chegou com uma aparência de alegria que parecia um insulto, com expressões amigáveis para consigo que ela mal conseguia responder com calma. Em torno, todos estavam felizes e ocupados, prósperos e importantes, cada qual com seu objeto de interesse, seu personagem, seu figurino, sua cena favorita, seus amigos e aliados: todos se empregavam em consultas e comparações ou se divertiam com os conceitos brincalhões que sugeriam. Somente ela era triste e insignificante: não compartilhava de nada. Poderia ir embora ou ficar ali, poderia permanecer ali em meio ao tumulto ou se retirar para a solidão do Quarto Leste sem ser vista, sem que sentissem sua falta. Quase chegava a pensar que qualquer coisa seria preferível a isso. Mrs. Grant era importante: sua boa natureza era honradamente mencionada. Seu gosto e seu tempo eram considerados, sua presença era desejada, procurada, mimada e elogiada, e pela primeira vez Fanny corria o risco de invejar a personagem que ela aceitara. Mas a reflexão lhe trouxe melhores sentimentos e lhe mostrou que Mrs. Grant merecia ser respeitada de um modo que jamais lhe caberia, e mesmo que a tivessem tratado com grande respeito, jamais se sentiria à vontade juntando-se a um plano que, considerando apenas seu tio, condenava totalmente.

O coração de Fanny não era absolutamente o único que se encontrava entristecido entre eles, como logo percebeu. Julia também sofria, mas não de modo tão inocente.

Henry Crawford brincara com seus sentimentos; porém, há tempos ela vinha permitindo e até buscara suas atenções sabendo, com um ciúme mais que suficiente e que isso deveria curá-la. Agora que a convicção de sua preferência por Maria lhe fora impingida, submetera-se a isso sem se preocupar com a situação de Maria nem se empenhar para alcançar uma tranquilidade pessoal. Permanecia sentada em silêncio sombrio, envolta em uma gravidade que nada suavizava, nenhuma curiosidade tocava, nenhum humor divertia, sem permitir as atenções de Mr. Yates, conversando com ele com alegria forçada, ridicularizando a atuação dos outros.

Após a afronta, durante um ou dois dias, Henry Crawford se esforçara para agradá-la com o costumeiro ataque de galanteria e cumprimentos, mas não se importara suficientemente a ponto de perseverar contra umas poucas rejeições; e logo ficou demasiadamente ocupado com a peça para ter tempo

para mais de um flerte e se tornou indiferente à disputa ou a considerou uma ocorrência afortunada. Tranquilamente colocou um ponto final àquilo que poderia logo despertar expectativas em outras pessoas além de Mrs. Grant. Esta não estava satisfeita de ver Julia excluída da peça e negligenciada, mas como aquele não era um assunto que envolvesse sua felicidade, como Henry devia ser o melhor juiz da sua ventura, e porque com um sorriso muito persuasivo ele lhe garantira que nem ele nem Julia jamais haviam tido um pensamento mais sério com relação a ambos, só pôde renovar sua antiga cautela com relação à irmã mais velha, rogando-lhe não arriscar sua tranquilidade com um excesso de admiração, e alegremente passou a tomar parte no que trazia alegria aos jovens em geral, e particularmente dava prazer aos dois seres tão caros a ela.

“Eu gostaria de saber por que Julia não está apaixonada por Henry”, foi sua observação para Mary.

“Atrevo-me a dizer que está”, disse Mary friamente. “Acho ambas estão”.

“As duas! Não, não, isso não pode acontecer. Não dê nenhuma demonstração disso a Henry. Pense em Mr. Rushworth!”

“É melhor dizer à Miss Bertram para pensar em Mr. Rushworth. Talvez lhe faça bem. Sempre penso na renda e na propriedade de Mr. Rushworth e gostaria de vê-las em outras mãos, mas nunca penso nele. Um homem poderia representar o condado com tal patrimônio; poderia deixar sua profissão e representar o condado”.

“Acho que ele logo estará no Parlamento. Quando Sir Thomas chegar, é provável que se candidate para representar alguma cidade pequena. Só não houve ainda quem o encaminhasse para fazer alguma coisa”.

“Sir Thomas vai conseguir muitas coisas importantes quando voltar para casa”, disse Mary depois de uma pausa. “Lembra-se do Address to Tobacco, de Hawkins Browne, uma imitação de Pope? ”

Bendita folha! Cujas aromáticas ondas distribuem

Aos estudantes, modéstia, aos párocos, sentimento.

Vou parodiá-lo...

Bendito Cavaleiro! Cujos aspectos ditatoriais distribui

Aos filhos prestígio, a Rushworth, bom-senso.

“Não acha que é isso, Mrs. Grant? Parece que tudo depende do retorno de

Sir Thomas”.

“Você o achará muito justo e razoável quando o vir em família, posso garantir. Não creio que seja muito bom para nós, sem ele. Ele possui maneiras muito dignas, próprias do chefe de uma casa como a sua, e mantém a todos em seus devidos lugares. Lady Bertram parece mais nula agora do que quando ele está em casa; e só ele consegue conter Mrs. Norris. Mas, Mary, não acredite que Maria Bertram esteja apaixonada por Henry. E tenho certeza de que Julia também não está, ou não teria flertado com Mr. Yates como fez na noite passada; e apesar de Maria e ele serem muito bons amigos, acho que ela gosta demais de Sotherton para se mostrar inconstante”.

“Não creio que Mr. Rushworth tenha muita chance se Henry se declarar antes da assinatura dos papéis”.

“Devemos fazer algo, se você tem essa suspeita. Assim que a peça terminar vamos falar seriamente com ele e fazer com que se resolva; e se não quiser fazer nada, vamos mandá-lo viajar por algum tempo, mesmo nos privando de sua companhia”.

No entanto, Julia realmente sofria, apesar de Mrs. Grant não perceber, e de várias pessoas da sua família também não notarem. Ela o amara, e ainda o amava, e padecia todo o sofrimento de um temperamento caloroso e de um espírito elevado diante da perda de uma esperança querida, apesar de irracional, além do forte sentimento de ter sido usada. Seu coração estava ferido e irado, e ela só encontrava consolo no rancor. A irmã com quem costumava conviver em termos pacíficos agora se tornara sua maior inimiga: estavam afastadas uma da outra, e Julia esperava algum final doloroso para as atenções que ainda aconteciam, alguma punição a Maria por sua conduta tão vergonhosa para consigo mesma e para com Mr. Rushworth. Não lhes faltava temperamento ou diferença de opinião, mas isso não impedia que fossem boas amigas, desde que seus interesses fossem os mesmos. Porém, sob uma experiência desse porte as irmãs não tinham suficiente afeição ou princípios para se mostrarem misericordiosas ou justas, para serem honradas ou demonstrarem compaixão. Maria sentiu seu triunfo e perseguiu seu intento sem se importar com Julia, e Julia jamais poderia ver Maria distinguida por Henry Crawford sem a certeza de que aquilo criaria ciúme e no mínimo provocaria um escândalo público.

Fanny observava e lamentava que isso acontecesse com Julia, mas não havia amizade aparente entre elas. Julia não se abriu e Fanny não tomou qualquer liberdade. Ambas eram sofredoras solitárias, ligadas apenas pela consciência de Fanny.

A falta de atenção dos dois irmãos e da tia para com a agonia de Julia e

sua cegueira quanto à verdadeira causa devem ser imputadas aos muitos problemas que ocupavam suas mentes. Estavam totalmente preocupados. Tom se encontrava imerso nos assuntos do teatro e não via nada que não se relacionasse com ele. Entre seu papel teatral e seu papel real, entre as exigências de Miss Crawford e de sua própria conduta, entre o amor e a perseverança, Edmund se mostrava igualmente desatento. E Mrs. Norris estava ocupada demais planejando e dirigindo os pequenos assuntos gerais da companhia, supervisionando seus vários figurinos e seus recursos monetários sem que ninguém lhe agradecesse, encantada por economizar meia coroa aqui e ali para o ausente Sir Thomas, e não tinha tempo de observar o comportamento ou resguardar a felicidade de suas sobrinhas.

[1] Isaac Hawkins Browne (1705-1760) nasceu em Burton-upon-Trent, na Inglaterra. Escreveu várias imitações de poetas contemporâneos em *A Pipe of Tobacco*, entre outros, Colley Cibber, Thomas Young, Jonathan Swift e Alexander Pope, aqui citado por Miss Crawford. (N.T.)

CAPÍTULO XVIII

Agora tudo corria normalmente: teatro, atores, atrizes e figurino, tudo progredia. Mas apesar de não terem surgido outros grandes obstáculos, depois de alguns dias Fanny achou que aquilo não era uma alegria ininterrupta para o grupo e deixou de presenciar a continuação da unanimidade e prazer que no início era quase um exagero para ela. Todos começavam a ter suas aflições. Edmund possuía muitas. Intrinsicamente contra sua vontade, um cenógrafo da cidade e começou a trabalhar aumentando muito as despesas, e o que é pior, no triunfo de seu comportamento, em vez de realmente aceitar sua orientação e manter privativa a representação, seu irmão convidava todas as famílias que passassem por seu caminho. O próprio Tom começou a se preocupar com o progresso lento do cenógrafo, sentindo as misérias da espera. Ele aprendera sua parte, todas as suas partes, pois assumira todos os personagens de menor importância que podiam ser representados ao mesmo tempo que o mordomo, e começou a ficar impaciente para atuar. Cada dia passado sem fazer nada tendia a aumentar a noção de insignificância do conjunto de todas as partes e fazia com que lamentasse não terem escolhido outra peça qualquer.

Sendo sempre uma ouvinte muito cortês, e com frequência a única ouvinte à mão, Fanny passou a ser o repositório das reclamações e aborrecimentos da maioria deles. Ela sabia que os outros achavam que Mr. Yates gritava demais, que Mr. Yates estava desapontado com a atuação de Henry Crawford, que Tom Bertram falava tão depressa a ponto de ser ininteligível, que Mrs. Grant estragava tudo porque não segurava o riso, que Edmund estava atrasado com sua parte e que era um horror ter que lidar com Mr. Rushworth, que precisava de um 'ponto' para cada fala. Também sabia que o pobre Mr. Rushworth raramente conseguia alguém para ensaiar com ele: suas queixas começaram bem antes dos outros. Para ela estava claro que sua prima Maria o evitava e, sem necessidade, ensaiava com frequência a primeira cena entre ela e Mr. Crawford, de modo que logo passou a ficar aterrorizada de que ele passasse a ter outras queixas. Longe de se mostrarem satisfeitos e felizes, notou que todos queriam algo que não tinham, e isso ocasionava o descontentamento dos outros. Cada qual considerava sua parte curta ou longa demais, ninguém prestava suficiente atenção, ninguém se lembrava de que lado deveria entrar e, exceto o reclamante, ninguém desejava orientações.

Fanny acreditava que a peça lhe proporcionaria tanto divertimento inocente quanto aos demais. Henry Crawford representava bem e para ela era um prazer infiltrar-se no teatro e assistir o ensaio do primeiro ato, apesar dos sentimentos exaltados produzidos por algumas falas de Maria. Ela também achava que Maria representava bem – bem até demais; e depois de um ou dois

ensaios, Fanny começou a ser a única plateia; algumas vezes servindo de ‘ponto’, outras vezes apenas como espectadora. Em geral era muito útil. De acordo com sua opinião, Mr. Crawford se destacava como o melhor ator: possuía mais confiança que Edmund, mais discernimento que Tom, mais talento e bom gosto que Mr. Yates. Não gostava dele como homem, mas não podia deixar de admitir que era o melhor ator, e nesse ponto quase todos concordavam com ela. Na verdade, só Mr. Yates reclamava de sua simplicidade e insipidez; mas finalmente chegou o dia em que Mr. Rushworth a procurou com um olhar sombrio e disse, “Você acredita que haja algo de bom nisto tudo? Por minha vida e minha alma, não posso admirá-lo; e, cá entre nós, em penso que é ridículo ver esse homenzinho subdesenvolvido, insignificante e de mau aspecto ser considerado bom ator”.

Desse momento em diante ressurgiu seu ciúme anterior, pois, devido às crescentes esperanças com relação a Crawford, Maria não se esforçava muito para apaziguá-lo; e as chances de Mr. Rushworth aprender suas 42 falas se tornavam cada vez menores. Com exceção de sua mãe, ninguém tinha a menor ideia de como ele conseguiria se apresentar de modo tolerável; na verdade, ela lamentava que sua parte não fosse mais importante e adiava sua ida a Mansfield até os ensaios estarem mais adiantados para compreender todas as cenas de seu filho; mas os outros somente aspiravam que ele se lembrasse de sua deixa, a primeira linha de sua fala, e que fosse capaz de seguir o ‘ponto’ até o final. Em sua compaixão e bondade, Fanny fazia todo o possível para ensiná-lo a decorar, dava-lhe toda ajuda e conselhos que podia e tentava construir para ele uma memória artificial, aprendendo ela mesma cada palavra de sua parte. Porém, não conseguia fazer com que ele progredisse muito.

Ela certamente experimentava muitos sentimentos desconfortáveis de ansiedade e apreensão; mas com tudo que ocupava seu tempo e atenção, estava longe de se sentir sem uma atividade ou utilidade dentre eles, ou de se encontrar sem um companheiro de desconforto; estando muito distante de ter alguma demanda em seu lazer bem como em sua compaixão. Sua tristeza inicial se revelou infundada e como ocasionalmente revelava-se útil a todos, talvez sentisse mais paz de espírito que qualquer dos outros.

Além de tudo, havia muito trabalho de agulha a ser feito, no qual seu auxílio era solicitado. Mrs. Norris a considerava muito habilidosa e isso era evidenciado pelo modo como ela a exigia: “Venha, Fanny”, disse ela, “apesar de estar se divertindo muito, não deve ficar sempre andando de uma sala para outra desse modo para assistir os ensaios; quero você aqui. Estou me matando e mal consigo me manter em pé para idealizar a capa de Mr. Rushworth sem precisar mandar comprar mais cetim; e creio agora que você pode me ajudar a costurá-la. São apenas três costuras que você pode fazer em um instante. Seria ótimo

para mim se eu me encarregasse apenas dos acabamentos a serem feitos. Você é a melhor para isso: mas se ninguém fizer mais que você não terminaremos tão cedo”.

Fanny tomava o trabalho com muita tranquilidade, sem tentar se defender; porém, mais gentil, sua tia Bertram observava em seu favor:

“Não é de se admirar, irmã, que Fanny se sinta maravilhada: tudo é novo para ela. Eu e você gostávamos muito de uma peça teatral, e eu ainda gosto, e assim que tiver mais tempo livre também pretendo assistir aos ensaios. A respeito de que é a peça, Fanny? Você ainda não me contou”.

“Oh! Irmã, peço-lhe para não perguntar nada agora, pois Fanny é do tipo que não consegue falar e trabalhar ao mesmo tempo. É sobre os Votos dos Amantes”.

“Acredito que eles ensaiarão os três atos amanhã à noite”, disse Fanny para sua tia Bertram. “Isso lhe dará a oportunidade de ver todos os atores de uma só vez”.

“É melhor esperar até pendurarmos a cortina”, interpôs Mrs. Norris; “a cortina será colocada em um dia ou dois – não há muito sentido em uma peça sem cortina – tenho certeza de que você vai achar que ela possui festões muito bonitos”.

Lady Bertram pareceu resignada a esperar. Fanny não compartilhava da opinião da tia: acreditava que o dia seguinte seria muito importante, pois se os três atos fossem ensaiados, Edmund e Miss Crawford atuariam juntos pela primeira vez; o terceiro ato traria uma cena entre eles que a interessava particularmente, e que ao mesmo tempo ansiava e temia ver como eles a representariam. A cena toda era sobre o amor – o cavalheiro descreveria um casamento por amor e a moça lhe faria uma muito breve declaração sobre o amor.

Lera e relera a cena com emoções muito dolorosas, muito curiosas, e estava ansiosa para assistir sua representação como algo quase interessante demais. Não acreditava que já a tivessem ensaiado, mesmo em particular.

O dia seguinte chegou, o plano para a noite continuou e as considerações de Fanny não ficaram menos agitadas. Ela trabalhou com muita diligência sob a orientação de sua tia, mas sua diligência e seu silêncio ocultavam uma mente ausente e inquieta; e, por volta de meio-dia, escapou para o quarto leste levando seu trabalho para não se preocupar com qualquer outra coisa, principalmente com o ensaio do primeiro ato, que considerava desnecessário e que acabara de ser proposto por Henry Crawford. Desejava ter tempo para si mesma e evitar Mr. Rushworth. Ao passar pelo saguão, a visão de duas mulheres que vinham da

casa paroquial não alterou seu desejo de isolamento e ela trabalhou e meditou imperturbada durante quinze minutos no quarto leste, até uma suave batida na porta anunciar a entrada de Miss Crawford.

“Tudo bem? Sim, este é o quarto leste. Minha cara Miss Price, peço-lhe perdão, mas vim procurá-la com a finalidade de pedir seu auxílio”.

Bastante surpresa, Fanny se esforçou para demonstrar que era a dono do quarto através de suas cortesias, e olhou preocupada para as brilhantes barras de sua lareira vazia.

“Muito obrigada; estou bem aquecida, muito aquecida. Permita-me ficar aqui um pouco, e tenha a bondade de ouvir meu terceiro ato. Trouxe meu livro e ficaria deveras agradecida se você pudesse ensaiar comigo! Eu vim para cá hoje pretendendo ensaiá-lo em particular com Edmund antes da noite, mas ele não está; e se ele estivesse, acredito que não conseguiria passar com ele até me fortalecer um pouco; pois realmente há uma ou duas falas. Você fará essa amabilidade, não fará?”

Fanny foi extremamente gentil ao concordar, apesar de não conseguir manter a voz muito firme.

“Você por acaso conhece a parte de que falo?”, continuou Miss Crawford, abrindo seu livro. “Aqui está ela. No início eu não a achei nada demais, palavra de honra. Aqui, olhe para esta fala, para esta, e para esta. Como posso olhar para seu rosto e dizer tais coisas? Você poderia? Bem, ele é seu primo e isso faz toda a diferença. Você precisa ensaiar comigo para eu poder imaginar que ele se encontra em seu lugar e me acostumar aos poucos. Às vezes você se parece com ele”.

“Pareço? Vou fazer o meu melhor com a maior prontidão; mas preciso ler a parte, pois não a conheço muito bem”.

“Suponho que não conheça nada. Terá que ficar com o livro, é claro. Agora, mãos à obra. Precisamos de duas cadeiras para você levar à frente do palco. Temos aqui duas boas cadeiras escolares, não feitas para teatro, ousou afirmar; e muito mais apropriadas para garotinhas sentarem-se nelas batendo os pés enquanto aprendem a lição. O que sua governanta e seu tio diriam se as vissem utilizadas para essa finalidade? Sir Thomas poderia olhar para nós agora e se benzer por estarmos ensaiando pela casa toda. Yates caminha por aí, ocupando toda sala de jantar. Eu o ouvi ao subir para cá, e é claro que o teatro está ocupado por esses incansáveis ensaiadores de Agatha e Frederick. Ficarei muito surpresa se não estiverem perfeitos. A propósito, eu os espiei há cinco minutos e foi exatamente em um desses momentos em que tentavam não se abraçar. Mr.

Rushworth estava comigo. Achei que ele começou a ficar um pouco estranho, então distraí sua atenção o quanto eu pude, sussurrando-lhe: ‘Teremos uma excelente Agatha; há algo tão maternal em sua maneira, tão completamente maternal em sua voz e em sua fisionomia’. Não fiz bem em agir assim? Ele se animou imediatamente. Agora, meu monólogo”.

Ela começou, e Fanny se juntou a ela com todo o modesto sentimento que a ideia de representar Edmund fortemente lhe inspirava; mas com aparência e voz verdadeiramente femininas para que não houvesse um bom retrato de um homem. Entretanto, mesmo com tal Anhalt, Miss Crawford teve coragem suficiente; e elas haviam chegado à metade da cena, quando uma batida na porta as obrigou a fazer uma pausa e, no momento seguinte, a entrada de Edmund interrompeu tudo.

O encontro inesperado causou surpresa, timidez e prazer a cada um dos três; e como Edmund para lá se dirigira pelo mesmo motivo que levava Miss Crawford, a timidez e o prazer foram igualmente mais que momentâneos neles. Ele também levava o livro e procurara Fanny para lhe pedir para ensaiar com ele, para ajudá-lo a se preparar para a noite, sem saber que Miss Crawford se encontrava na casa; e foi grande a alegria e a animação de terem se reunido todos juntos assim desse modo, de terem o mesmo plano e de apreciarem assim os bons ofícios de Fanny.

Ela não podia ser tão calorosa quanto eles. Seu humor afundou sob o brilho de ambos e ela se sentiu praticamente invisível diante dos dois, o que a impediu de experimentar qualquer satisfação por ter sido procurada por eles, que agora iriam ensaiar juntos. Edmund fez a proposta, insistiu, implorou até que a moça, que a princípio não desejava, não pôde continuar recusando e Fanny foi instada a servir de ‘ponto’ e observá-los. Na verdade, já fora investida no cargo de crítica e juiz e desejava ardentemente exercê-lo e apontar todas as falhas, mas seus sentimentos se recusavam a isso – ela não poderia, não conseguiria, não teria coragem: se fosse qualificada para criticar, sua consciência a impediria de arriscar qualquer desaprovação. Acreditava estar envolvida demais para ser honesta ou ter segurança nos detalhes. Fazer papel de ‘ponto’ já era suficiente, algumas vezes mais que suficiente, pois nem sempre podia prestar atenção ao livro. Ao assisti-los esquecia de si mesma, e agitada pelo crescente vigor nos modos de Edmund, uma vez virara a página e se afastara exatamente quando ele desejava seu auxílio. Isso foi atribuído ao seu compreensível cansaço e eles lhe agradeceram e lamentaram, mas ela merecia mais compaixão do que eles poderiam supor. Finalmente a cena terminou e Fanny se esforçou para acrescentar seus elogios aos cumprimentos que faziam ao outro. Quando voltou a ficar sozinha e pôde rememorar tudo que acontecera, procurou acreditar que o desempenho de ambos realmente possuía tanto realismo e sentimento que

merecia todo o crédito, e que ela fizera uma sofrível exibição de si mesma. Contudo, fosse qual fosse seu efeito, seria obrigada a voltar a enfrentar o mesmo impacto ainda naquele dia.

O primeiro ensaio formal dos três primeiros atos com certeza se realizaria à noite: Mrs. Grant e os Crawford voltariam com essa finalidade assim que pudessem, depois do jantar; e todos os envolvidos estavam ansiosos. Parecia haver uma alegria generalizada pela ocasião. Tom estava feliz por tudo caminhar em direção ao desfecho, Edmund estava de bom humor devido ao ensaio da manhã, e em todos os lugares as pequenas irritações pareciam ter se resolvido. Os envolvidos pareciam atentos e impacientes. As mulheres logo se levantaram da mesa e os cavalheiros imediatamente as seguiram, e com exceção de Lady Bertram, de Mrs. Norris e de Julia, foram para o teatro uma hora mais cedo, e depois de iluminá-lo admitindo que ainda não estava pronto, apenas esperavam pela chegada de Mrs. Grant e dos Crawford para começar.

Não esperaram muito tempo pelos Crawford, mas Mrs. Grant não fora com eles. Não poderia comparecer. Protestando uma indisposição que não convenceu muito sua cunhada, Dr. Grant não pôde dispensar sua mulher.

“Dr. Grant está doente”, disse ela com solenidade simulada. “Está doente porque que não pôde comer seu faisão no jantar. Mas como já sabia que estava duro, enviou seu prato de volta e está sofrendo com isso desde então”.

Todos ficaram desapontados! Era verdadeiramente triste Mrs. Grant não poder tomar parte. Suas maneiras agradáveis e sua alegre docilidade haviam-na tornado sempre querida entre eles, e agora era absolutamente necessária. Não podiam atuar, não podiam ensaiar felizes sem ela. Toda satisfação da noite fora destruída. O que fariam? Tom estava em desespero no papel do Aldeão. Após uma pausa de perplexidade, alguns olhos começaram a se voltar para Fanny, e uma ou duas vozes disseram: “Se Miss Price fizesse a gentileza de ler o papel...” Ela foi imediatamente rodeada por súplicas; todos lhe pediam e até Edmund disse: “Faça isso, Fanny, se não for muito desagradável para você”.

Mas Fanny ainda se esquivava. Não podia suportar essa ideia. Por que não pediam também para Miss Crawford? Por que ela não ficara em seu quarto, onde era mais seguro, em vez de ir assistir o ensaio? Sabia perfeitamente que ficaria irritada e aborrecida, sabia que deveria se manter afastada. Agora estava sendo punida, e com justiça.

“Você só precisa ler o papel”, disse Henry Crawford com renovado tom de súplica.

“E tenho absoluta certeza de que ela pode dizer cada palavra”,

acrescentou Maria, “pois no outro dia conseguiu colocar Mrs. Grant no caminho certo em vinte lugares diferentes. Fanny, sei que você sabe o papel”.

Fanny não poderia dizer que não; e como todos insistiam, com Edmund repetindo seu desejo com um olhar de carinhosa dependência de sua boa natureza, precisou ceder. Faria o melhor possível. Todos ficaram satisfeitos; e ela foi deixada com seus temores e o coração palpitando, enquanto se preparavam para começar.

Realmente começaram; e, por estarem preocupados demais com seus próprios ruídos para notarem com qualquer barulho incomum em outra parte da casa, já haviam se adiantado quando a porta da sala se escancarou e Júlia surgiu com a perplexidade estampada no rosto: “Meu pai chegou! Encontra-se no saguão neste momento”.

CAPÍTULO XIX

Como descrever a consternação do grupo? Foi um momento de horror absoluto para a maioria. Sir Thomas na casa! Todos sentiram uma convicção instantânea. Nem uma esperança de imposição ou engano. A aparência de Julia era evidência do fato indiscutível, e depois dos primeiros sustos e exclamações, ninguém pronunciou qualquer palavra durante meio minuto: cada qual olhava para o outro com expressão alterada, sentindo aquilo como um ataque verdadeiramente indesejável, inoportuno e aterrador! Mr. Yates poderia considerá-lo apenas uma interrupção desagradável para aquela noite e Mr. Rushworth o consideraria uma benção, mas todos os outros corações afundaram sob algum sentimento de autocondenação ou alarme indefinido, todos os outros corações perguntavam: “O que acontecerá conosco? O que faremos agora?” Houve uma pausa terrível; e terrível para todos os ouvidos que percebiam os sons de portas se abrindo e a ocorrência de passos.

Julia foi a primeira que voltou a se mexer e a falar. O ciúme e a amargura foram suspensos: o egoísmo se perdera na causa comum; mas no momento em que ela aparecera, Frederick ouvia com devoção a narrativa de Agatha e segurava a mão da jovem, pousada sobre seu coração; e, assim que Julia viu que apesar do choque causado por suas palavras, ele ainda permanecia em sua marcação e segurava a mão de sua irmã, seu coração ferido novamente se encheu de sofrimento, e tão vermelha quanto ficara pálida antes, saiu da sala dizendo: “Não tenho porque temer aparecer diante dele”.

Sua partida despertou os outros; e no mesmo momento os dois irmãos deram um passo à frente, sentindo a necessidade de fazer alguma coisa. Poucas palavras entre eles foram suficientes. O caso não admitia diferenças de opinião: precisavam ir imediatamente à sala de visitas. Maria juntou-se a eles com a mesma intenção, apenas então a mais corajosa dos três, pois a própria circunstância que afastara Julia era para ela o mais doce reconforto. Henry Crawford ainda segurava sua mão naquele momento, um momento de tal importância e especial demonstração que valia séculos de dúvidas e ansiedade. Ela o saudava com a mais ardente e séria determinação, mostrando-se à altura de enfrentar seu pai. Saíram sem prestar atenção a Mr. Rushworth que repetia a pergunta: “Devo ir também? Não é melhor que eu também vá? Não seria correto eu também ir?” mas tão logo tinham acabado de passar pela porta quando Henry Crawford se encarregou de responder à questão ansiosa encorajando-o a cumprimentar Sir Thomas sem demora, dizendo-lhe para rapidamente seguir os outros.

Fanny foi deixada sozinha com os Crawford e Mr. Yates. Fora esquecida por seus primos, e como sua opinião ou suas reivindicações à afeição de Sir

Thomas eram humildes demais para se juntar aos seus filhos, preferiu ficar para trás e ganhar um pouco de tempo para respirar. Sua agitação e alarme ultrapassaram tudo o que os outros sentiam, pois nem mesmo a inocência podia impedi-la de sofrer. Parecia que estava prestes a desmaiar: retornara todo o antigo temor que sentia do tio, e com a apreensão também retornara sua compaixão por ele e por quase todos os do grupo que se reuniram diante dele, com indescritível solicitude por causa de Edmund. Encontrara uma cadeira onde, tremendo, sofria com todos esses pensamentos atemorizantes, enquanto os outros três, não mais reprimidos, davam vazão aos seus sentimentos de irritação, lamentando aquela chegada prematura como se fosse um evento terrivelmente desagradável, desejando que o pobre Sir Thomas tivesse demorado duas vezes mais em sua viagem ou ainda estivesse em Antígua.

Os Crawford se mostravam mais cordiais com o assunto que Mr. Yates, pois compreendiam melhor a família, e podiam julgar com mais clareza o dano que poderia sobrevir. Para eles, a ruína da peça era praticamente certa: sentiam a total destruição do plano como uma certeza inevitável; enquanto que Mr. Yates considerava aquilo como uma interrupção temporária, um desastre para a noite até que pudesse surgir a possibilidade de retomar o ensaio após o chá, quando a agitação de receber Sir Thomas já tivesse passado e ele já estivesse à vontade para se divertir com a peça. Os Crawford riram da ideia, e tendo logo concordado com a conveniência de voltarem sossegadamente para casa deixando a família sozinha, propuseram a Mr. Yates para acompanhá-los e passar a noite na casa paroquial. Mas Mr. Yates não conseguiu compreender a necessidade daquilo, pois nunca estivera com pessoas que davam importância às exigências de parentesco ou de confiança familiar; e agradecendo o convite, disse que preferiria ficar onde estava para cumprimentar o velho cavaleiro que acabara de chegar e, além disso, não achava que seria justo para com os outros se todos fossem embora.

Fanny começava a se recompor e sentir que poderia parecer desrespeitoso continuar ausente, e quando esse ponto foi estabelecido, tendo sido encarregada de apresentar as desculpas dos irmãos Crawford, viu que eles se preparavam para deixar a casa enquanto ela própria saía da sala para cumprir o apavorante dever de se apresentar diante do tio. Assim que chegou à sala de visitas, depois parar um momento esperando por algo que sabia que não viria, pois jamais pudera contar com a coragem do lado de fora de porta alguma, virou o trinco em desespero e as luzes da sala de visitas e a família reunida surgiram diante dela. Assim que entrou ouviu seu próprio nome. Naquele momento Sir Thomas olhava em torno e perguntava: “Mas onde está Fanny? Por que não vejo minha pequena Fanny?”, e notando sua presença aproximou-se dela com uma gentileza que a surpreendeu, e a cumprimentou chamando-a de sua querida

Fanny, beijando-a carinhosamente e observando com grande prazer o quanto ela crescera! Fanny não sabia o que pensar nem para onde olhar. Sentia-se bastante envergonhada. Ele jamais se mostrara tão gentil para com ela em toda sua vida. Seus modos pareciam mudados, sua voz vibrava de agitação e alegria, e tudo que fora desagradável em sua dignidade parecia ter se transformado em ternura. Ele a conduziu para perto da luz e novamente a examinou. Perguntou sobre sua saúde e então, corrigindo-se, observou que não precisava inquirir, pois sua aparência falava por si. Um belo rubor sucedera a prévia palidez de seu rosto, justificando a crença de que houvera idêntica melhoria em sua saúde e em sua beleza. Em seguida indagou sobre sua família, sobretudo por William, e sua gentileza foi tal que ela se reprovou por amá-lo tão pouco e por ter considerado uma falta de sorte seu retorno. Quando teve coragem para levantar os olhos para seu rosto, notou que ele emagrecera e que exibía o bronzeado e o ar de esgotamento e cansaço provocados pelo clima quente, e que todos os seus ternos sentimentos haviam sido exacerbados. Sentiu-se muito infeliz considerando quantas insuspeitas aflições provavelmente estariam prestes a irromper nele.

Sir Thomas realmente era a alma do grupo, que por sua sugestão agora se sentava em torno da lareira. Tinha o direito da palavra e suas sensações de prazer por novamente se encontrar em casa, no centro de sua família após tal separação, o tornava comunicativo e conversador em um grau bastante incomum, e ele se prontificava a dar todas as informações sobre a viagem, a responder a todas as perguntas de seus dois filhos praticamente antes de serem feitas. Ultimamente seus negócios em Antígua haviam prosperado rapidamente e ele chegara diretamente de Liverpool, tendo tido oportunidade de conseguir passagem para lá em um navio particular, em vez de esperar pelo pacote que levava a correspondência. Sentado ao lado de Lady Bertram, continuou relatando todos os pequenos detalhes de suas atividades e dos acontecimentos, olhando satisfeito para os rostos ao seu redor, interrompendo-se mais de uma vez para comentar sobre a boa sorte de tê-los encontrado todos em casa apesar da chegada inesperada – todos reunidos exatamente como desejara, mas não ousara esperar. Mr. Rushworth não foi esquecido: já o recebera de modo amigável, com um caloroso aperto de mão, e com penetrante atenção agora o incluía entre os membros mais intimamente ligados a Mansfield. Não havia nada de desagradável na aparência de Mr. Rushworth e Sir Thomas já demonstrava gostar dele.

Do círculo, não houve quem ele não ouvisse com tão enquebrantável e puro prazer como sua mulher, que realmente sentia a mais extrema felicidade por vê-lo, e cujos sentimentos se encontravam tão aquecidos por sua súbita chegada que a colocaram mais perto da agitação do que jamais estivera nos últimos vinte anos. Quase se mostrara palpitante durante alguns minutos, e ainda

permanecia tão sensivelmente animada que deixara de lado o trabalho, retirara Pug do lugar que ocupava ao seu lado e dera toda sua atenção e o resto do sofá para o marido. Não sentia qualquer ansiedade que lhe nublasse o prazer: passara seu tempo impecavelmente durante sua ausência: fizera um trabalho muito notável de tapeçaria, e várias jardas de franjas; e responderia livremente pela boa conduta e pela boa ocupação de todos os seus filhos e de si mesma. Era tão agradável vê-lo outra vez, e ouvi-lo falar, divertir-se e ser tomada completamente por suas narrativas, que ela começou particularmente a notar como sentira sua falta e como lhe seria impossível aguentar uma ausência mais prolongada.

Não havia como comparar a felicidade de Mrs. Norris à de sua irmã. Não que ela estivesse incomodada por muitos temores quanto à desaprovação de Sir Thomas pelo presente estado de sua casa, quando este lhe fosse revelado, pois seu julgamento fora tão ofuscado que, exceto pela cautela instintiva com que escondera a capa de cetim rosa de Mr. Rushworth quando seu cunhado entrara, ela mal demonstrara qualquer sinal de alarma; mas preocupava-se com o modo como ele voltara. Não lhe restava nada a fazer. Em vez de ser chamada, de vê-lo primeiro e se encarregar de espalhar as boas novas pela casa com uma dependência muito razoável, talvez temendo os nervos de sua esposa e filhos, Sir Thomas não procurara nenhum confidente, além do mordomo, e o seguiu quase instantaneamente até a sala de visitas. Mrs. Norris sentia-se roubada de uma tarefa que sempre lhe pertencera, fosse uma chegada ou uma morte a ser anunciada; e agora tentava participar do alvoroço sem razão, tentando se fazer de importante quando ninguém desejava nada além de tranquilidade e silêncio. Se Sir Thomas tivesse desejado se alimentar, ela poderia procurar a governanta com instruções complicadas e insultaria os empregados com ordens de rapidez; mas Sir Thomas resolutamente declinara o jantar: não desejava comer nada, nada até a hora do chá – sim, ele preferia esperar pelo chá. Ainda assim, de tempos em tempos, Mrs. Norris insistia em algo diferente; e no momento mais interessante do relato de sua viagem para a Inglaterra, quando soara o alarma de que havia um soldado francês no alto, ela o interrompeu para propor uma sopa. “Certamente, meu querido Sir Thomas, um prato de sopa seria muito melhor que uma xícara de chá. Tome um prato de sopa”.

Sir Thomas não gostava de ser interrompido. “Ainda a mesma ansiedade pelo conforto de todos, minha cara Mrs. Norris”, foi sua resposta. “Mas verdadeiramente prefiro não comer nada. Só desejo um chá”.

“Bem, então Lady Bertram, proponho que se peça o chá imediatamente e se apresse um pouco Baddeley; pois ele parece um pouco atrasado hoje à noite”. Ela insistiu nesse ponto e a narrativa de Sir Thomas pôde continuar.

Por fim, houve uma pausa. Ele esgotara suas comunicações mais imediatas e parecia olhar alegremente em torno, ora para um, ora para outro do círculo mais querido; mas a pausa não foi longa: na euforia de espírito, Lady Bertram se tornou tagarela e quais não foram as sensações de seus filhos ao ouvi-la dizer: “Como acha que os jovens têm se divertido ultimamente, Sir Thomas? Eles estão representando. Nós todos estamos muito animados com o teatro”.

“Deveras! E o que vocês estão representando?”

“Oh! Eles lhe contarão tudo”.

“Logo tudo lhe será contado”, exclamou Tom precipitadamente, e com afetada despreocupação: “Mas não vale a pena incomodar meu pai com isso agora. Saberá de tudo amanhã, meu senhor. Estivemos apenas ensaiando para fazer alguma coisa e divertir minha mãe; desde a semana passada, representando algumas cenas, enfim, uma bobagem. Tivemos chuvas incessantes desde o início de outubro, de modo que ficamos confinados em casa por vários dias. Praticamente não peguei em armas desde o dia três. Nos três primeiros dias, o esporte foi tolerável, mas depois disso qualquer tentativa se tornou impossível. No primeiro dia que fui à Floresta de Mansfield, Edmund se embrenhou nos bosques além de Easton. Trouxemos para casa seis casais de faisões e poderíamos ter matado seis vezes mais, mas respeitamos suas aves, meu senhor, posso lhe garantir. Não creio que o senhor encontre seus bosques menos povoados do que estavam. Em toda minha vida jamais vi a Floresta de Mansfield tão cheia de faisões quanto neste ano. Espero que logo o senhor tire um dia para caçar ali, meu senhor”.

Por enquanto o perigo passara e a preocupação de Fanny amainou, porém mais tarde, quando o chá foi levado, levantando-se, Sir Thomas disse que achava que não conseguiria ficar na casa durante mais tempo sem examinar seu querido gabinete. Toda a agitação voltou. Ele desaparecera antes que dissessem qualquer coisa para prepará-lo para as mudanças que encontraria, e uma pausa de susto seguiu-se à sua saída. Edmund foi o primeiro a falar:

“Precisamos fazer alguma coisa”, disse ele.

“Está na hora de pensar em nossos visitantes”, disse Maria, ainda sentindo a mão sobre o coração de Henry Crawford, sem se importar com mais nada. “Onde deixou Miss Crawford, Fanny?”

Fanny contou que os Crawford haviam partido e transmitiu o recado.

“Então o pobre Yates está completamente sozinho”, exclamou Tom. “Vou buscá-lo. Ele será uma boa ajuda quando tudo for revelado”.

Dirigiu-se ao teatro, alcançando-o exatamente a tempo de presenciar o primeiro encontro de seu pai com seu amigo. Sir Thomas ficara bastante surpreso de encontrar velas acesas em seu gabinete, e ao passar os olhos em torno, identificou outros sintomas de recente ocupação e um ar geral de confusão na mobília. A remoção da estante da frente da porta da sala de bilhar o espantou sobremaneira, mas ele mal tivera tempo de se admirar com tudo isto, quando os sons vindos da sala de bilhar o assombraram ainda mais. Alguém falava ali, e em voz muito alta; e ele não conhecia a voz, mas a conversação era quase uma gritaria. Caminhou até a porta, feliz naquele momento por ter um meio de comunicação imediata, e abrindo-a, encontrou-se em um palco de teatro, diante de um jovem descontrolado que parecia capaz de derrubá-lo. No momento em que percebeu a presença de Sir Thomas, talvez no momento em que iniciara sua melhor fala desde o início dos ensaios, Tom Bertram entrou pelo outro lado da sala; e teve a maior dificuldade para se manter sério. A aparência solene, o espanto de seu pai ao pisar no palco pela primeira vez e a gradual metamorfose do apaixonado Barão Wildenheim no bem educado e sociável Mr. Yates, fazendo uma reverência e desculpando-se com Sir Thomas Bertram, foi um tal espetáculo, tamanha demonstração de verdadeira atuação que ele não desejaria de tê-la perdido por nada no mundo. Muito provavelmente aquela seria a última cena naquele palco, mas ele estava certo que nenhuma outra poderia ter sido melhor. A casa não poderia ter sido encerrada com maior brilho.

Contudo, havia pouco tempo para o prazer com imagens divertidas. Era necessário aparecer e fazer as apresentações, e sentindo-se muito embaraçado fez o melhor possível. Sir Thomas recebeu Mr. Yates com toda aparência de cordialidade, característica de seu caráter, mas estava longe de se sentir feliz com a aquela nova relação ou com o modo como começara. A família e as conexões de Mr. Yates eram suficientemente conhecidas para tornar bastante indesejada sua apresentação como “amigo íntimo”, outro dentre as centenas de amigos íntimos de seu filho, e foi necessário apelar para a felicidade de estar novamente em casa e para toda sua paciência para Sir Thomas salvar a si próprio da fúria por se encontrar tão perplexo em sua própria casa, participando de uma ridícula exibição em meio àquele absurdo teatral, forçado a aguentar um momento desagradável com um jovem que certamente desaprovava, e cuja tranquila indiferença e volubilidade no decorrer dos primeiros cinco minutos pareciam destacá-lo como o mais à vontade dos dois.

Tom compreendeu os pensamentos de seu pai, e desejando de todo coração que ele se mantivesse de bom humor, começou a ver mais claramente do que nunca que poderia haver algum motivo de ofensa, alguma razão para seu pai voltar os olhos para o teto de estuque da sala. E quando, com certa gravidade, ele perguntou o que acontecera com a mesa de bilhar, não demonstrava apenas

uma tolerável curiosidade. Poucos minutos foram suficientes para essas sensações pouco satisfatórias se estabelecerem de cada um dos lados, e depois de Sir Thomas se esforçar para dizer algumas palavras de calma aprovação em resposta a um ansioso apelo de Mr. Yates quanto à felicidade do arranjo, os três cavalheiros voltaram juntos à sala de visitas, Sir Thomas com uma gravidade que ninguém pôde deixar de notar.

“Estou chegando de seu teatro”, disse ele com calma enquanto se sentava. “Encontrei-me nele de modo bastante inesperado. Sua vizinhança com meu gabinete e todos os seus aspectos me surpreenderam, pois eu não suspeitava que a atuação tivesse assumido caráter tão sério. Contudo, parece que fizeram um bom trabalho, pelo que pude ver à luz dos candelabros, o que pode ser creditado ao meu amigo Christopher Jackson”. Ele então teria mudado de assunto e bebido em paz seu café, conversando sobre assuntos domésticos mais calmos, mas Mr. Yates, sem discernimento suficiente para perceber o significado das palavras e o retraimento de Sir Thomas, sem delicadeza ou discrição para permitir que ele conduzisse a conversa, juntou-se aos outros da maneira mais impertinente possível e voltou a falar no assunto do teatro, atormentando-o com perguntas e observações, e finalmente o obrigou a ouvir toda a história de seu desapontamento em Ecclesford. Sir Thomas escutou com extrema polidez, mas do início ao fim da história encontrou vários motivos de ofensa às suas ideias de decoro, que confirmaram sua péssima opinião sobre os hábitos de Mr. Yates, e quando este terminou não conseguiu lhe dar outra prova de sua simpatia além de uma leve mesura.

“De fato, essa foi a origem de nosso teatro”, disse Tom após pensar um momento. “Meu amigo Yates trouxe a infecção de Ecclesford e a espalhou – essas coisas sempre se espalham, como meu senhor bem sabe, e provavelmente mais depressa pelo fato de ter nos encorajado com tanta frequência a fazer esse tipo de coisa. Foi como voltar a trilhar velhos caminhos”.

Assim que possível, Mr. Yates retomou o assunto de seu amigo e imediatamente forneceu a Sir Thomas um relatório do que haviam feito e ainda estavam fazendo: contou-lhe sobre a gradual ampliação de sua concepção, a feliz conclusão de suas primeiras dificuldades e o presente estado promissor dos negócios, narrando tudo com interesse tão cego que o tornava não apenas totalmente inconsciente dos movimentos desconfortáveis de muitos de seus amigos, da mudança de fisionomia, do incômodo e do silêncio da inquietude, mas também impedia que notasse a expressão do rosto sobre o qual seus próprios olhos se fixavam. Não enxergava as sobrancelhas escuras de Sir Thomas se contraindo ao olhar para suas filhas e para Edmund com inquisitiva severidade, detendo-se particularmente neste último, falando uma linguagem que demonstrava a reprovação que sentia no peito. Esse sentimento não era menos

agudo em Fanny, que empurrara sua cadeira para trás do sofá onde se sentava sua tia, e assim oculta via tudo que se passava diante dela. Jamais esperara presenciar tal expressão de censura dirigida a Edmund por seu pai e sentir que, de certo modo, era merecida. O olhar de Sir Thomas dava a entender: “Edmund, eu dependia de seu julgamento; onde estava você?” Em espírito, ajoelhou-se diante de seu tio e seu peito se inflou ao dizer: “Oh, ele não! Olhe para todos os outros, não para ele!”

Mr. Yates ainda falava. “Para dizer a verdade, Sir Thomas, estávamos em meio a um ensaio quando meu senhor chegou esta noite. Estávamos repassando os três primeiros atos, e não sem sucesso. Nossa companhia agora se dispersou porque os Crawford foram para casa, e nada mais pode ser feito hoje à noite; mas se o senhor nos der a honra de sua companhia amanhã à noite, não creio que devamos temer pelo resultado. Compreenda que, como jovens atores, contamos com sua indulgência; contamos com sua indulgência”.

“Vocês terão minha indulgência, meu senhor”, replicou Sir Thomas gravemente, “desde que não haja outro ensaio”. E com um sorriso brando, acrescentou: “Vim para casa para ser feliz e indulgente”. Então, voltando-se para todos os outros, disse tranquilamente: “Mr. e Miss Crawford foram mencionados nas últimas cartas que recebi de Mansfield. Vocês os consideram relações recomendáveis?”

Tom foi o único a ter uma resposta pronta, e como não nutria sentimentos de particular consideração por nenhum dos dois, sem ciúme, amor ou fingimento pôde falar graciosamente de ambos. “Mr. Crawford é um homem muito agradável e cavalheiro; sua irmã é uma jovem doce, bonita, elegante e vivaz”.

Mr. Rushworth não conseguiu se manter calado. “Considerando tudo, não digo que não seja um cavalheiro, mas deve dizer a seu pai que ele não tem mais de 1,75 m, ou ele esperará um homem de muito boa aparência”.

Sir Thomas não compreendeu bem e olhou para o locutor com certa surpresa.

“Se posso dizer o que penso”, continuou Mr. Rushworth, “em minha opinião é muito desagradável estar sempre ensaiando. É como se faltar demais com algo muito bom. Não aprecio tanto representar quanto no início. Creio que há coisas bem melhores, como sentarmo-nos confortavelmente aqui entre nós, sem nada a fazer”.

Sir Thomas voltou o olhar novamente para ele e replicou com um sorriso de aprovação. “Com relação a esse assunto, fico feliz por seus sentimentos serem iguais aos meus. Isso me proporciona uma satisfação sincera. É perfeitamente

natural que eu seja cauteloso, bastante perceptivo, tenha muitos escrúpulos que meus filhos não têm, e que também aprecie a tranquilidade doméstica, pois um lar que evita os prazeres ruidosos deve ser muito mais agradável. Mas, na sua idade, sentir isso tudo é bastante favorável para você e para todos os seus amigos, e compreendo a importância de ter um aliado de tal peso”.

Sir Thomas pretendia dar à opinião sobre Mr. Rushworth com as melhores palavras que ele mesmo pudesse encontrar. Ele estava ciente de que ele não deveria encontrar um gênio em Mr. Rushworth; mas como um jovem de bom senso, constante, com noções melhores do que sua elocução faria justiça, ele pretendia-lhe dar muito valor. Os outros não conseguiram deixar de sorrir. Mr. Rushworth mal sabia o que fazer com tantos elogios, mas realmente se sentiu extremamente satisfeito com a boa opinião de Sir Thomas, e sem dizer praticamente nada, deu o melhor de si para preservar um pouco mais essa boa opinião.

CAPÍTULO XX

O primeiro objetivo de Edmund no dia seguinte foi encontrar seu pai sozinho e lhe apresentar um relato justo de todo o plano da representação teatral, defendendo sua própria participação como pudesse, e em um momento mais tranquilo, revelar seus motivos, confessando com perfeita sinceridade que sua concordância fora dada com benefício parcial, de modo a tornar o julgamento de sua participação muito duvidoso. Mesmo se justificando, estava ansioso para não dizer nada indelicado sobre os outros: mas havia apenas uma pessoa dentre eles, cuja conduta poderia mencionar sem necessidade de defesa ou atenuantes. “Todos somos mais ou menos culpados”, disse ele, “todos, exceto Fanny. Fanny foi a única que julgou corretamente o tempo todo; que foi consistente. Seus sentimentos foram fortemente contra o teatro do princípio ao fim. Ela jamais deixou de pensar que devíamos isso ao senhor. O senhor encontrará em Fanny tudo que poderia desejar”.

Naquele momento, Sir Thomas viu toda impropriedade do plano para o grupo, tão fortemente quanto seu filho supusera. Deveras, ele o sentia forte demais para dizer muitas palavras. Depois de apertar a mão de Edmund, procurou apagar a impressão desagradável, e assim que pudesse tentaria esquecer o quanto ele próprio fora esquecido depois de terem livrado a casa de todos os objetos que pudessem lembrá-lo do acontecimento, restaurando-a ao seu estado normal. Também evitou censurar seus outros filhos: preferia acreditar que eles sentiam o erro cometido a correr o risco de investigar. Como repreensão, seriam suficientes o imediato encerramento de tudo e a suspensão dos preparativos.

No entanto, havia uma pessoa na casa que não podia deixar de ser colocada a par de seus sentimentos meramente através de sua conduta. Não podia deixar de dizer à Mrs. Norris que esperava que seus conselhos pudessem ter impedido aquilo que seu bom senso certamente desaprovava. Os jovens haviam sido muito desatenciosos ao formarem aquele plano; deveriam ter sido capazes de tomar uma decisão melhor, mas eram jovens, e excetuando-se Edmund, acreditava que ainda possuíam caráter instável. Portanto, encarava com enorme surpresa sua aquiescência às medidas errôneas, seu apoio àquele divertimento arriscado e o próprio fato de ter lhes sugerido tais medidas e divertimentos. Mrs. Norris ficou um pouco perturbada e muda como jamais ficara em sua vida, pois teve vergonha de confessar que jamais notara qualquer impropriedade, tão evidentemente gritante para Sir Thomas, e se admitisse que não exercia influência suficiente talvez falasse em vão. Seu único recurso era mudar de assunto o mais depressa possível, levando as ideias de Sir Thomas para um caminho mais feliz. Possuía muito para insinuar em seu próprio louvor quanto

à atenção geral ao interesse e conforto de sua família, inúmeros esforços e sacrifícios a relatar, na forma de caminhadas apressadas e súbitos abandonos do conforto de sua lareira, e muitos excelentes conselhos sobre desconfiança e economia dados à Lady Bertram e Edmund, pelos quais conseguira considerável economia, e mais de um mau criado fora detectado. Mas sua maior força estava em Sotherton. Sua maior glória fora conseguir formar uma ligação com os Rushworth. Nisso, sentia-se inexpugnável. Dava a si mesma o crédito de ter provocado a admiração de Mr. Rushworth por Maria. “Se eu não tivesse sido arrojada e não tivesse feito questão de ser apresentada à sua mãe, se não tivesse convencido minha irmã a fazer a primeira visita, tenho tanta certeza de que não teria acontecido nada, pois Mr. Rushworth é o tipo de jovem amigável e tímido que precisa de muito encorajamento, e havia várias moças interessadas nele, por isso era preciso agir depressa”, disse ela. “Mas não deixei pedra sobre pedra. Estava pronta a mover céus e terras para persuadir minha irmã, e por fim consegui. O senhor conhece a distância até Sotherton; estávamos no meio do inverno e as estradas encontravam-se quase intransitáveis, mas consegui persuadi-la”.

“Sei quanto é grande, verdadeiramente enorme, sua influência sobre Lady Bertram e seus filhos, e preocupo-me mais com o fato de não tê-la exercido”.

“Meu caro Sir Thomas, se tivesse visto o estado das estradas naquele dia! Pensei que não conseguiríamos passar, apesar de naturalmente termos quatro cavalos e o pobre velho cocheiro nos servir devido ao seu grande amor e gentileza, apesar de mal conseguir se manter na boleia por causa do reumatismo de que venho cuidando desde a festa de São Miguel. Finalmente consegui curá-lo, mas ele passou mal durante todo o inverno – e aquele foi um daqueles dias; não pude deixar de procurá-lo em seu quarto antes de sairmos para aconselhá-lo a não ir: ele estava colocando sua peruca; então eu disse, ‘Cocheiro, é melhor não ir; Lady Bertram e eu ficaremos seguras; o senhor sabe como Stephen é firme e Charles tem tomado as rédeas com tanta frequência que tenho certeza de que não há perigo’. Contudo, logo vi que não adiantava. Ele se decidira a ir, e como detesto ser impertinente, não disse mais nada, mas meu coração se confrangia por ele a cada solavanco, e quando entramos nos caminhos difíceis perto de Stoke, onde com geada e neve sobre as pedras é pior do que o senhor possa imaginar, fiquei realmente agoniada por ele. E também pelos pobres cavalos! Vê-los se esforçar tanto! O senhor sabe como sempre me sinto com relação aos cavalos. E quando chegamos à base da Colina Sandcroft, sabe o que fiz? O senhor achará graça, mas eu descí e caminhei. Sim é verdade. Talvez não tenha ajudado muito, mas foi alguma coisa, e eu já não conseguia permanecer à vontade, bem sentada, sendo puxada por aqueles nobres animais. Apanhei um terrível

resfriado, mas não me importei. Consegui realizar meu objetivo com a visita”.

“Espero que possamos continuar a considerar que valeu a pena estabelecer esse conhecimento. Não há nada que chame muito a atenção nas maneiras de Mr. Rushworth, mas na noite passada gostei do que parecia ser sua opinião sobre um assunto: sua decidida preferência por um encontro familiar tranquilo à confusão da representação teatral. Ele parecia sentir exatamente do modo desejável”.

“Sim, é verdade, e quanto mais conhecê-lo mais vai gostar dele. Não possui personalidade brilhante, mas tem mil boas qualidades; e está tão disposto a respeitá-lo que todos riem de mim por causa dele, pois consideram que sou responsável pelo ocorrido. Outro dia Mrs. Grant disse: ‘Palavra de honra, Mrs. Norris, nem se Mr. Rushworth fosse um filho seu, ele teria tanto respeito quanto tem por Sir Thomas.’”

Sir Thomas desistiu de discutir o assunto, frustrado com suas evasões e desarmado por sua bajulação, e foi obrigado a se satisfazer com a convicção de que quando o prazer daqueles que ela amava estava em jogo, às vezes sua gentileza suplantava seu bom senso.

Ele teve uma manhã cheia. A conversa com cada um deles ocupou apenas uma pequena parte. Precisou se reinstalar em todas as atividades habituais de sua vida em Mansfield: ver seu administrador e seu mordomo, examinar e fazer os cálculos. Nos intervalos dos negócios caminhou até os estábulos, jardins e plantações mais próximas. Ativo e metódico, não só fizera tudo isso antes de se sentar à cabeceira da mesa como chefe da casa na hora do almoço, como também encarregara o carpinteiro de retirar tudo que acabara de montar na sala de bilhar e despedira o cenógrafo com tempo suficiente para justificar a agradável crença de que pelo menos ele já se encontrava em Northampton. O cenógrafo se fora, tendo apenas manchado chão de uma sala, arruinado todas as esponjas do cocheiro e deixado insatisfeitos e ociosos cinco criados, e Sir Thomas esperava que um ou dois dias fossem suficientes para apagar todos os vestígios exteriores do que acontecera, inclusive com a destruição de todas as cópias de Os Votos dos Amantes existentes na casa, pois ele próprio estava queimando todas as que encontrava.

Mr. Yates agora começava a compreender as intenções de Sir Thomas, apesar de estar longe de entender sua fonte. Ele e seu amigo haviam saído com suas armas no início da manhã e Tom aproveitara a oportunidade para lhe explicar o que deveria ser esperado, com as devidas desculpas pela severidade do pai. Mr. Yates sentiu aquilo de modo tão agudo quanto possível. Ter uma segunda decepção do mesmo modo era um golpe muito severo de má sorte; e

sua indignação foi tanta que se não fosse sua delicadeza para com o amigo e sua irmã mais moça, certamente confrontaria o baronete mostrando-lhe o absurdo de seu procedimento, demonstrando que ele deveria agir de modo mais racional. Acreditava piamente nisso enquanto estava na Floresta Mansfield e em todo caminho para casa; mas havia algo em Sir Thomas quando eles se sentaram à da mesa que fez com que Mr. Yates achasse melhor deixá-lo fazer o que desejasse e lamentar aquela insensatez sem oposição. Ele já conhecera muitos pais desagradáveis e sempre se espantara com as inconveniências que eles ocasionavam, mas no curso de sua vida jamais vira um daquele tipo, tão incompreensivelmente moral, tão infamemente tirânico quanto Sir Thomas. Era um homem que só podia ser suportado por causa dos filhos, e ele deveria agradecer à sua bela filha Julia pelo fato de Mr. Yates ainda pretender ficar mais alguns dias mais sob seu teto.

A noite transcorreu com externa suavidade, apesar de praticamente todas as mentes se encontrarem perturbadas e a música que Sir Thomas pediu para suas filhas tocarem ter ajudado a ocultar o desejo de real harmonia. Maria estava bastante agitada. Para ela, agora era extremamente importante que Crawford não perdesse tempo em se declarar e se perturbava por se passar mais um dia sem qualquer progresso nesse ponto. Esperara vê-lo durante toda a manhã e em toda a tarde também, contudo, ainda aguardava por ele. Mr. Rushworth partira para Sotherton levando as grandes novas e ela aguardara ansiosamente seu afastamento, esperava que um imediato esclarecimento lhe poupasse o trabalho de voltar novamente. Mas não viram ninguém da casa paroquial, nem uma única criatura, e a única notícia que chegara fora uma nota amigável de congratulações de Mrs. Grant para Lady Bertram. Em muitas e muitas semanas, aquele era o primeiro dia que as famílias passavam separadas. Desde o início de agosto, jamais tinham passado 24 horas sem se reunirem de um ou outro modo. Foi um dia triste e ansioso, e o dia seguinte não foi menos melancólico, apesar de trazer um mal diferente. Poucos momentos de divertimento febril foram seguidos por horas de agudo sofrimento. Henry Crawford novamente se apresentara: chegara com o Dr. Grant, ansioso para apresentar seus respeitos a Sir Thomas, e foram encaminhados à sala de desjejum, onde se encontrava a maior parte da família. Sir Thomas logo apareceu e, feliz e agitada, Maria viu o homem que amava ser apresentado ao seu pai. Suas sensações foram indefiníveis, e assim continuaram alguns minutos depois ao ouvir Henry Crawford, que se sentara entre ela e Tom, perguntar em voz baixa a este último se havia planos para retomar a peça após a infeliz interrupção (lançando um olhar cortês dirigido a Sir Thomas) porque, nesse caso, faria questão de regressar a Mansfield no momento determinado pelo grupo. No momento, pretendia viajar imediatamente para Bath para encontrar seu tio, mas se houvesse qualquer esperança de renovar Os Votos dos Amantes ele estaria

positivamente engajado e abandonaria qualquer outro compromisso. A condição para o encontro com seu tio fora ser liberado sempre que sua presença fosse desejada. A peça não deveria se perder devido à sua ausência.

“De Bath, Norfolk, Londres, York, não importa em que parte da Inglaterra eu me encontre, em uma hora voltarei para atendê-los”, disse ele.

Naquele momento, foi bom que Tom tivesse que responder, não sua irmã. Ele pôde dizer imediatamente, com tranquila fluência: “Sinto que você precise se ausentar, mas quanto à nossa peça, esta totalmente cancelada”, olhando significativamente para o pai. “O cenógrafo foi dispensado ontem e muito pouco terá restado do teatro amanhã. Desde o início eu sabia que isso aconteceria. Mas é um pouco cedo para Bath. Você não encontrará ninguém por lá”.

“É a época usual para meu tio”.

“Quando você pretende ir?”

“Talvez eu vá hoje mesmo a Banbury”.

“De quem são os estábulos que você utiliza em Bath?”, foi a pergunta seguinte; e enquanto esse assunto estava sendo discutido, Maria, a quem não faltava orgulho, nem resolução, preparava-se para enfrentar sua parte com tolerável calma.

Ele logo se voltou para ela, repetindo muito do que dissera, apenas com um ar mais suave e expressão mais forte de pesar. Mas de que valiam suas expressões e seu ar? Ele estava partindo, se não por vontade própria, pretendendo voluntariamente se manter longe, pois exceto pelo que podia ser atribuído ao tio, todos os seus compromissos eram autoimpostos. Ele podia falar de necessidade, mas ela conhecia muito bem sua independência. A mão que segurara a dela e a pressionara sobre seu coração! Tanto a mão quanto o coração agora estavam imóveis e impassíveis. Sua força espiritual a amparou, mas a agonia de sua mente era terrível. Não precisou aguentar por muito tempo a dor de ouvi-lo dizer o que suas ações contradiziam ou para enterrar o tumulto de seus sentimentos sob um manto de polidez, pois as cortesias gerais logo o obrigaram a afastarem sua atenção dela, e a visita de despedida, agora bastante aparente, foi bem curta. Ele se fora, tocara sua mão pela última vez, inclinara-se diante dela e se despedira, e ela imediatamente pôde buscar tudo que a solidão pudesse fazer por ela. Henry Crawford se fora, deixara a casa, e dentro de duas horas partiria da casa paroquial. E assim terminaram todas as esperanças que a vaidade egoísta despertara em Maria e em Julia Bertram.

Julia se alegrou com sua partida. Sua presença começava a ser odiosa para ela; e como Maria não o conquistara, ela agora estava suficientemente

tranquila para dispensar qualquer outra vingança. Não desejava que a revelação fosse acrescentada ao repúdio. Sem Henry Crawford, podia até sentir pena da irmã.

Com um espírito mais puro, Fanny se alegrou quando soube. Ouviu a notícia no jantar e a sentiu como uma bênção. Todos os outros mencionaram o fato com pesar, e seus méritos foram honrados com a gradação devida aos sentimentos – da sinceridade do respeito parcial de Edmund à falta de preocupação de sua mãe, que falava inteiramente por costume. Olhando em torno, Mrs. Norris começou a imaginar por que o fato de ele ter se apaixonado por Julia não dera em nada, e quase temeu ter sido negligente ao estimulá-lo, mas com tantas coisas para cuidar, como poderia manter sua atividade no ritmo de seus desejos?

Mais um ou dois dias e Mr. Yates também partiria. Sir Thomas tinha grande interesse por essa partida: desejava estar sozinho com sua família, e a presença de um estranho superior a Mr. Yates já se tornaria bastante irritante; mas sendo ele medíocre e confiado, ocioso e esbanjador, tudo se tornava ainda mais importuno. Ele, por si mesmo, era cansativo, mas como amigo de Tom e admirador de Julia, tornara-se ofensivo. Para Sir Thomas, a partida ou a permanência de Mr. Crawford era absolutamente indiferente, mas foi com genuína satisfação que expressou seus desejos de boa viagem a Mr. Yates ao acompanhá-lo até a porta. Mr. Yates ficara para ver a eliminação de todos os preparativos teatrais em Mansfield, a remoção de tudo que pertencia à peça. Deixou a casa com toda sobriedade de seu caráter, e ao vê-lo sair, Sir Thomas teve esperança de ter se livrado do pior elemento ligado ao plano e o último que inevitavelmente o lembraria de sua existência.

Mrs. Norris conseguiu retirar de seu campo de visão um artigo que poderia tê-lo aborrecido. A cortina, cuja confecção supervisionara com tamanho talento e sucesso, foi levada para sua casa, onde, por acaso, havia particularmente uma grande necessidade de feltro verde.

CAPÍTULO XXI

A volta de Sir Thomas provocou uma extraordinária mudança no comportamento da família, independente de Os Votos dos Amantes. Sob sua direção, Mansfield parecia outro lugar. Alguns membros do grupo partiram e muitos outros ficaram entristecidos, pois tudo era monotonia e tristeza comparado com o passado, uma reunião familiar sombria, raramente vivificada. Havia pouco contato com a casa paroquial. Sir Thomas, afastando-se de intimidades em geral, estava particularmente avesso, neste momento, a quaisquer compromissos, exceto com sua família. Os Rushworth eram a única adição ao círculo doméstico que conseguia aceitar.

Edmund não se admirava com os sentimentos do pai e nada lamentava, exceto a exclusão dos Grant. Ele observou a Fanny: “Mas eles têm direito. Parecem fazer parte da família, são parte de nós. Gostaria que meu pai fosse mais sensível às atenções deles para com minha mãe e irmãs enquanto ele se encontrava fora. Temo que eles se sintam negligenciados. Mas a verdade é que meu pai mal os conhece. Não estavam aqui há um ano, quando ele deixou a Inglaterra. Se os conhecesse melhor valorizaria sua companhia como merecem, pois de fato são o tipo de pessoas que ele aprecia. Às vezes nos falta um pouco de animação: minhas irmãs parecem abatidas e Tom certamente não se sente à vontade. O doutor e Mrs. Grant nos animariam e fariam com que nossas noites fossem mais alegres, até mesmo para meu pai”.

“Você acha que sim?”, perguntou Fanny. “Em minha opinião, meu tio não gostaria de nenhuma adição. Creio que ele gosta da quietude da qual você fala, e a tranquilidade de seu círculo familiar é tudo que ele deseja. E não me parece que estejamos mais sérios do que éramos antes de seu pai ir para o exterior. De acordo com minhas lembranças, sempre foi assim. Nunca houve muito riso em sua presença, e se existe uma diferença, acho que não é maior do que uma ausência tende a produzir, a princípio. Deve ser uma espécie de timidez, mas não me lembro de nossas noites serem alegres no passado, exceto quando meu tio se encontrava na cidade. Suponho que os jovens não se alegram quando os que cuidam deles estão em casa”.

“Creio que está certa, Fanny”, foi sua resposta, depois de uma curta reflexão. “Acho que nossas noites realmente voltaram ao que eram antes, não assumiram um caráter diferente. A novidade estava no fato de serem alegres. Ainda assim, como foi forte a impressão causada por apenas algumas semanas! Sinto como se jamais tivéssemos vivido antes”.

“Suponho que eu seja mais séria que os outros”, disse Fanny. “As noites não me parecem longas. Adoro ouvir meu tio falar das Índias Ocidentais.

Poderia ouvi-lo por uma hora. Isso me entretém mais que muitas outras coisas, mas, ousou dizer, que acredito que sou diferente dos outros”.

“Por que você diz isso?”, perguntou sorrindo. “Você quer que eu lhe diga que você difere das outras pessoas apenas porque é mais sensata e discreta? Quando você, ou qualquer outra pessoa, já recebeu congratulações minhas, Fanny? Procure meu pai se deseja ser elogiada. Ele a satisfará. Pergunte ao seu tio o que ele acha e você ouvirá inúmeros cumprimentos: e, embora eles possam ser principalmente sobre seu físico, confio que com o tempo ele passe a ver a mesma beleza em sua alma”.

Essa linguagem era tão nova para Fanny que a embaraçou.

“Seu tio a considera muito bonita, querida Fanny, e isso é tudo o que receberá dele. Qualquer pessoa além de mim acharia mais coisas a dizer, e qualquer pessoa além de você se entristeceria por não ter sido considerada muito bela antes, mas a verdade é que seu tio nunca a admirou, até agora, mas agora admira. Seu aspecto melhorou muito! E você ganhou tanta autoridade! E sua figura – não, Fanny, não se esconda – ele não passa de um tio. O que será de você se não consegue aguentar a admiração de um tio? Você precisa começar a se acostumar com a ideia de merecer ser admirada. Precisa tentar não se importar por ter se tornado uma bela mulher”.

“Oh! Não fale assim”, exclamou Fanny, perturbada por mais sentimentos do que conseguia perceber. Vendo que ela estava atrapalhada ele encerrou o assunto e apenas acrescentou com mais seriedade:

“Seu tio está disposto a gostar de você em todos os aspectos, e eu só desejaria que você conversasse mais com ele. Você é silenciosa demais quando nos reunimos à noite”.

“Mas falo com ele mais do que antes. Tenho certeza disso. Você não me ouviu quando lhe perguntei sobre o tráfico de escravos, na noite passada?”

“Ouvi, e esperava que a pergunta fosse seguida de outras. Seu tio ficaria contente se você tivesse continuado a inquiri-lo”.

“E eu desejava muito fazer isso, mas havia um silêncio sepulcral! E enquanto minhas primas permaneciam sentadas sem dizer uma palavra, parecendo não ter interesse no assunto, fiquei... achei que poderiam pensar que eu queria aparecer às suas custas, mostrando uma curiosidade e prazer em suas informações, que ele talvez desejasse que suas filhas sentissem!”

“Miss Crawford tinha razão outro dia: que você quase parece temer ser notada e elogiada, enquanto que outras mulheres têm medo de ser

negligenciadas. Falávamos de você na casa paroquial e essas foram suas palavras: ‘Ela possui grande discernimento. Não conheço ninguém que saiba tão bem avaliar um caráter. Para uma mulher tão jovem, isso é notável!’ Ela certamente compreende você melhor que a maior parte dos que a conhecem há longo tempo, e com relação a alguns dos outros, posso perceber através de indícios ocasionais e pelas expressões descuidadas do momento que ela poderia definir muitos deles perfeitamente, se a delicadeza não a impedisse. Gostaria de saber o que ela pensa de meu pai! Deve admirá-lo como um homem refinado, cavalheiresco, digno, de modos consistentes; mas talvez, tendo se encontrado com ele tão pouco, sua reserva talvez lhe tenha parecido um pouco repulsiva. Se pudessem se encontrar mais, tenho certeza de que gostariam um do outro. Ele apreciaria sua vivacidade e ela possui talento para valorizar suas virtudes. Eu gostaria que eles se encontrassem com maior frequência! Espero que ela não imagine que há qualquer antipatia da parte dele”.

“Ela se sente muito segura quanto a todos vocês para ter esse tipo de apreensão”, disse Fanny com um meio suspiro. “E é muito natural Sir Thomas preferir ficar apenas com sua família agora no início para que ela tire conclusões. Creio que em pouco tempo estaremos nos encontrando novamente do mesmo modo, levando-se em conta a diferença da época do ano”.

“Este é o primeiro mês de outubro que ela passa no campo desde sua infância. Eu não poderia chamar Tunbridge ou Cheltenham de campo; e novembro ainda é um mês mais rigoroso. Noto que Mrs. Grant está muito ansiosa para ela não achar Mansfield tão aborrecida na medida em que se aproxima o inverno”.

Fanny poderia ter dito muita coisa, mas era mais seguro se calar e deixar intocadas todas as qualidades de Miss Crawford – seus talentos, seu espírito, sua importância, seus amigos, a menos que desejasse expô-la fazendo observações aparentemente deslegantes. A gentil opinião de Miss Crawford sobre sua pessoa merecia pelo menos uma grata tolerância, e ela mudou de assunto.

“Creio que amanhã meu tio jantará em Sotherton, com você e com Mr. Bertram. Seremos poucos aqui em casa. Espero que meu tio possa continuar a apreciar Mr. Rushworth”.

“Isso é impossível, Fanny. Vai gostar menos dele depois da visita de amanhã, pois ficaremos cinco horas em sua companhia. Já temeria ter que aturar a estupidéz do dia, mesmo se não fosse seguida por um mal maior, a impressão que deve deixar sobre Sir Thomas. Ele não pode se enganar por muito mais tempo. Lamento por eles todos e daria tudo para que Rushworth e Maria jamais tivessem se conhecido”.

Na verdade, quanto a esse assunto, a decepção ameaçava tomar conta de Sir Thomas. Nem toda sua boa vontade para com Mr. Rushworth, nem toda a deferência do próprio Mr. Rushworth para com ele poderiam impedir que ele visse parte da verdade, que Mr. Rushworth era um jovem inferior, tão ignorante sobre negócios quanto sobre livros, com opiniões em geral mal formadas, sem parecer muito ciente disso.

Ele esperara um genro muito diferente; e começava a se preocupar por Maria, tentando compreender seus sentimentos. Não houve necessidade de muita observação para ele notar a indiferença entre eles. O comportamento dela para com Mr. Rushworth era descuidado e frio. Ela não podia gostar dele. Não gostava. Sir Thomas resolver falar com seriedade com ela. Aquela aliança podia ser vantajosa, o noivado podia ser longo e público, mas não podia sacrificar sua felicidade por isso. Talvez ela tivesse aceitado Mr. Rushworth em muito pouco tempo e ao conhecê-lo melhor se arrependera.

Sir Thomas se dirigiu a ela com solene gentileza: contou-lhe seus temores, perguntou sobre seus desejos, pediu-lhe para ser franca e sincera, e assegurou-lhe que todas as inconveniências deveriam ser enfrentadas e a ligação deveria ser rompida, se ela se estivesse se sentindo infeliz com o prospecto daquele casamento. Ele agiria em seu nome para libertá-la do compromisso. Maria teve um momento de luta interna ao ouvi-lo, mas apenas um momento: quando seu pai terminou, ela foi capaz de dar sua resposta imediatamente, decidida e sem agitação aparente. Agradeceu sua grande atenção e gentileza paternal, mas assegurou-lhe que ele estava totalmente enganado ao supor que ela desejava romper o noivado, ou que fosse suscetível a qualquer mudança de opinião ou afeto. Ela possuía grande estima pelo caráter e pelo temperamento de Mr. Rushworth, e não duvidava de sua felicidade ao seu lado.

Sir Thomas ficou satisfeito. Talvez contente demais para levar o assunto tão longe quanto seu julgamento havia ditado aos outros negócios. Era uma aliança da qual ele não poderia se livrar sem se aborrecer; e assim considerou ele. Mr. Rushworth era suficientemente jovem para melhorar. Mr. Rushworth precisava e iria melhorar frequentando a boa sociedade, e se naquele momento Maria conseguia falar com tanta segurança de sua felicidade com ele, exprimindo-se sem preconceitos, sem a cegueira provocada pelo amor, devia acreditar nela. Provavelmente seus sentimentos não eram muito intensos, ele jamais supusera que fossem, mas seu bem-estar talvez não fosse menor por causa disso, e se ela podia prescindir de ver em seu marido um caráter brilhante e proeminente, certamente tudo mais lhe seria favorável. Uma jovem bem intencionada que não se casava por amor em geral se mostrava mais ligada à sua própria família, e a proximidade de Sotherton e de Mansfield naturalmente oferecia a maior atração, e com toda probabilidade seria um contínuo

suprimento de alegrias inocentes e amigáveis. Tais eram as considerações de Sir Thomas, feliz de escapar dos embaraçosos malefícios de uma ruptura, da curiosidade, das reflexões, das censuras que surgiriam, feliz por assegurar um casamento que iria lhe trazer mais respeitabilidade e influência, e muito feliz por ver que a disposição de sua filha era a mais favorável para isso.

A conversa terminara tão satisfatoriamente para ela quanto para ele. Ela estava em um estado de espírito feliz por ter assegurado seu destino sem possibilidade de revogação: ter uma vez mais se comprometido com Sotherton; de estar livre da possibilidade de proporcionar a Crawford o triunfo de governar suas ações e destruir seu futuro; e retirou-se com orgulhosa determinação, decidida a no futuro agir com mais cautela com relação a Mr. Rushworth para que seu pai não voltasse a suspeitar dela.

Se Sir Thomas tivesse conversado com sua filha três ou quatro dias depois de Henry Crawford deixar Mansfield, antes que seus sentimentos se tranquilizassem, antes que tivesse abandonado a esperança de tê-lo ou resolvido a aturar seu rival, sua resposta poderia ter sido diferente; mas depois de outros três ou quatro dias, quando não houve volta, nem carta, nem mensagem, nem sintoma de um coração amolecido, nem esperança de vantagem advinda da separação, sua mente se tornou suficientemente fria para buscar o conforto que o orgulho e a vingança poderiam proporcionar.

Henry Crawford destruíra sua felicidade, mas não devia saber o que fizera; e não destruiria também sua credibilidade, aparência e prosperidade. Não devia pensar nela como se estivesse consumindo por ele no retiro de Mansfield, rejeitando Sotherton e Londres, a independência e o esplendor por sua causa. A independência era mais necessária que nunca; em Mansfield, o desejo de independência era sentido de modo ainda mais perceptível. Ela se sentia cada vez menos capaz de aguentar a repressão imposta por seu pai. A liberdade que sua ausência proporcionara agora se tornara absolutamente necessária. Precisava escapar dele e de Mansfield assim que possível, encontrar consolo para o espírito ferido na fortuna e na importância, no tumulto e no mundo. Sua mente estava bastante determinada e firme.

Diante desses sentimentos, qualquer atraso seria um horror, mesmo o atraso devido a muita preparação, e Mr. Rushworth dificilmente estaria mais impaciente para o casamento que ela mesma. Ela já completara todas as importantes preparações mentais: se casaria por odiar a repressão e a tranquilidade de sua casa; por pesar pela afeição desprezada, pelo desdém do homem com quem deveria se casar. O resto poderia esperar. A preparação das novas carruagens e mobília poderia esperar por Londres e pela primavera, quando seu próprio gosto seria mais bem atendido.

Como todos os principais personagens haviam concordado a esse respeito, logo pareceu que algumas semanas seriam suficientes para as preparações que precedem o casamento.

Mrs. Rushworth estava pronta para se mudar, dando lugar à afortunada jovem que seu querido filho escolhera; e, com verdadeira dignidade de matrona, no início de novembro transferiu-se para Bath juntamente com sua criada, seu laçao e sua carruagem, para exibir as maravilhas de Sotherton em festas noturnas, gozando delas durante a animação das mesas de jogo, como jamais fizera no local; e antes da metade do mesmo mês foi realizada a cerimônia que deu a Sotherton uma nova senhora.

Foi um casamento muito correto. A noiva estava elegantemente vestida, as duas damas de honra mais simples, como era conveniente; seu pai a entregou; sua mãe permaneceu com os saís à mão, para o caso de ficar agitada; sua tia tentou chorar; e o serviço foi lido de modo muito comovente por Dr. Grant. Nada poderia ser criticado durante as conversas da vizinhança, exceto que a carruagem que transportara a noiva, o noivo e Julia da porta da igreja até Sotherton era a mesma que Mr. Rushworth vinha usando há um ano. Em tudo o mais, a etiqueta do dia poderia ser submetida à mais estrita investigação.

Tudo terminado, eles partiram. Sir Thomas se sentiu como um pai ansioso deve se sentir e, de fato experimentou grande parte da agitação temida por sua mulher, que felizmente fora poupada. Mrs. Norris, extremamente feliz por poder ajudar nos deveres do dia, permanecera em Park para amparar a irmã. Depois de beber uma ou duas taças suplementares à saúde de Mr. e de Mrs. Rushworth, era a verdadeira imagem do prazer por ter arranjado o casamento; fizera tudo, e diante de seu confiante triunfo poder-se-ia imaginar que em toda sua vida ela jamais ouvira falar de infelicidade conjugal e jamais suspeitara da mínima disposição da sobrinha que fora criada sob seus olhos.

O plano do jovem casal era ir a Brighton depois de uns dias e ali alugar uma casa por algumas semanas. Todos os lugares públicos eram novos para Maria, e Brighton é quase tão animado no inverno quanto no verão. Quando a novidade do divertimento terminasse, seria hora de seguirem para a esfera mais ampla de Londres.

Julia iria com eles para Brighton. Uma vez que cessara a rivalidade entre as irmãs, elas gradativamente recuperaram muito de seu anterior entendimento e eram suficientemente amigas para se sentirem felizes uma com a outra em uma época como essa. Um pouco de outra companhia, além do próprio Mr. Rushworth, era de grande importância para sua senhora; e Julia estava tão ansiosa por novidade e prazer quanto Maria, apesar de não ter lutado tanto para

obtê-lo e aguentar melhor uma situação secundária.

A partida das jovens trouxe outra alteração material para Mansfield, um vazio que requeria certo tempo para ser preenchido. O círculo familiar se tornou grandemente contraído, e apesar das senhoritas Bertram ultimamente pouco acrescentarem à sua alegria, não era possível deixar de sentirem sua falta. Até sua mãe sentia saudades delas; e era só suplantadas pelas de sua prima de coração terno, que vagueava pela casa, a pensar e sentir por elas com um grau de pesar carinhoso que as primas jamais haviam feito por merecer!

CAPÍTULO XXII

A importância de Fanny aumentou com a partida de suas primas. Tendo se tornado a única jovem na sala de visitas, como não podia deixar de ser, a única ocupante da interessante divisão da família, na qual ela ocupava um humilde terceiro lugar, era impossível para ela deixar de ser notada, lembrada ou requisitada, de um modo que nunca acontecera antes; e “Onde está Fanny?” se tornou uma pergunta comum, mesmo quando não era desejada para prestar serviços a ninguém.

Não foi somente em casa que o seu valor aumentou, isso também aconteceu na casa paroquial. Tornou-se uma convidada bem-vinda na casa na qual mal entrara duas vezes ao ano desde a morte de Mr. Norris e nos dias sombrios e lamacentos de novembro, uma presença bastante aceitável para Mary Crawford. Iniciadas por acaso, suas visitas foram continuadas por solicitação. Realmente ansiosa para conseguir qualquer distração para sua irmã, Mrs. Grant pôde facilmente enganar a si mesma persuadindo-se de que fazia algo extremamente gentil para Fanny dando-lhe oportunidades importantes para se desenvolver convidando-a com frequência.

Tendo sido enviada para o vilarejo para fazer um serviço qualquer para sua tia Norris, Fanny foi apanhada por um temporal quando se encontrava perto da casa paroquial; e foi avistada através de uma das janelas tentando se proteger sob os galhos e folhas de um carvalho que ficava pouco além de seus limites. Convidada a entrar acabou aceitando, não sem certa modesta relutância de sua parte. Resistira a um criado prestativo, mas, quando Dr. Grant em pessoa surgiu com um guarda-chuva, não havia o que fazer a não ser sentir-se muito envergonhada e entrar na casa o mais depressa possível; e a pobre Miss Crawford, que contemplava a lúgubre chuva em correspondente estado de espírito, suspirando pela ruína de seu plano de se exercitar naquela manhã e de procurar ver pelo menos uma única criatura além deles próprios nas 24 horas seguintes, achou delicioso o som de uma pequena agitação na porta da frente e adorou a visão de Miss Price totalmente molhada no vestibulo. O valor de um acontecimento em um dia de chuva no campo foi-lhe mostrado por imposição. Novamente se animou, e percebendo que Fanny estava mais molhada do que admitira a princípio, procurou se tornar útil fornecendo-lhe roupas secas. Depois de ser obrigada a se submeter a toda essa atenção, ser ajudada e assistida pelas donas da casa e pelas criadas, ao voltar para o andar inferior Fanny também foi obrigada a sentar-se em sua sala de visitas por uma hora, enquanto a chuva continuava, e a bênção de ter algo novo para ver e se ocupar foi estendida à Miss Crawford, deixando-a de bom humor desde o período em que ajudou a vesti-la até o almoço.

As duas irmãs foram tão gentis com ela, tão agradáveis, que Fanny poderia ter desfrutado da visita se não acreditasse estar atrapalhando; poderia ter notado que o tempo certamente iria clarear em uma hora, evitando a vergonha de ver Dr. Grant ameaçar retirar a carruagem e os cavalos para levá-la até sua casa, com o qual ela foi ameaçada. Quanto à ansiedade por sua ausência causar qualquer inquietação devido ao mau tempo, não havia por que se preocupar; pois somente suas duas tias sabiam que ela estava fora e ela sabia perfeitamente que nenhuma sentiria qualquer preocupação, e que não importa em que casa sua tia Norris escolhesse dizer que ela se refugiara durante a chuva, tal casa seria incontestável para sua tia Bertram.

Começava a clarear quando Fanny, observando a harpa na sala, fez algumas perguntas sobre o instrumento, que levaram ao conhecimento de que ela gostaria muito de ouvi-la e à confissão, que mal pôde ser acreditada, de que ainda não tivera o prazer de escutá-la desde que chegara a Mansfield. Para Fanny, essa circunstância parecia muito simples e natural. Fora pouquíssimas vezes à casa paroquial desde a chegada do instrumento, e não havia razão para isso; mas Miss Crawford, lembrando-se de que há tempos ela expressara esse desejo, preocupou-se com sua própria negligência, “Que tal tocar agora?” e “Você gostaria?” foram imediatamente colocadas a seguir com o maior bom-humor:

Sendo assim, ela tocou, feliz por contar com uma nova ouvinte, e uma ouvinte que parecia tão agradecida, tão maravilhada com seu desempenho e que mostrava possuir muito bom gosto. Ela tocou até que os olhos de Fanny, dirigindo-se para a janela, verificaram que o tempo já clareara e ela julgou que deveria ir embora.

“Apenas mais um quarto de hora”, disse Miss Crawford, “e veremos o que acontece. Não fuja no primeiro momento de estiagem. Essas nuvens parecem ameaçadoras”.

“Mas estão passando”, respondeu Fanny. “Eu as observei. Todo este mau tempo vem do sul”.

“Do sul ou do norte, conheço uma nuvem negra quando a vejo; e você não deve sair enquanto ela se mostra ameaçadora. Além disso, quero tocar um pouco mais para você – uma peça muito linda – a favorita de seu primo Edmund. Fique e ouça a peça predileta de seu primo”.

Fanny sentiu que devia ficar; e apesar de não ter esperando por aquela sentença para pensar em Edmund, essa lembrança fez com que a imagem de seu primo se tornasse particularmente viva, e o imaginou sentado naquela sala várias e várias vezes, talvez no lugar onde ela própria se sentava naquele

momento, ouvindo com enlevo sua peça predileta tocada, como se esperava dela, com técnica e expressão superiores; apesar de tê-la apreciado, feliz por gostar do que ele amava, ficou mais sinceramente impaciente para ir embora do que antes, depois de sua conclusão; e, como isso ficou evidente, pediram-lhe gentilmente para não deixar de voltar sempre que pudesse, para convidá-los a passear com ela e para ouvir harpa, algo que Fanny sentiu necessário aceitar se não houvesse objeção em casa.

Foi essa a origem da espécie de intimidade que se estabeleceu entre elas na primeira quinzena depois de as senhoritas Bertram irem embora, uma intimidade que resultou, sobretudo, do desejo que Miss Crawford sentia por ver algo novo, e que realmente não era muito real nos sentimentos de Fanny. Esta passou a visitá-la a cada dois ou três dias: parecia uma espécie de fascinação: não conseguia se sentir à vontade sem visitá-la, e ainda assim ia sem estimá-la, sem mesmo gostar dela, sem qualquer senso de obrigação por ter sido procurada quando ninguém mais o fazia, sem sentir qualquer prazer especial em sua conversa a não ser um ocasional divertimento, e isso frequentemente à custa de seu próprio discernimento, quando por acaso faziam algum gracejo sobre pessoas ou coisas que ela desejava que fossem respeitadas. Contudo, continuava a ir e elas passeavam juntas durante cerca de meia hora pelos jardins de Mrs. Grant, pois o tempo estava excepcionalmente bom para a época do ano. Às vezes se aventuravam a sentar em um dos bancos agora comparativamente desprotegidos, ali permanecendo até que, em meio a algum terno comentário de Fanny sobre a doçura de um outono prolongado, uma súbita rajada de vento frio que arrancava as últimas folhas amarelas as obrigava a correr em busca de calor.

“Isto é bonito, muito bonito”, disse Fanny um dia, olhando em torno enquanto se sentavam juntas. “Todas as vezes que venho a este jardim me surpreendo com seu crescimento e beleza. Há três anos isto não passava de uma áspera cerca viva ao longo da parte superior do campo, jamais considerada algo capaz de se transformar em alguma coisa bela. E agora se converteu em um passeio e seria difícil dizer se tem mais valor como conveniência do que como ornamento, e talvez em mais três anos nós nos esqueçamos, ou quase nos esqueçamos do que era antes. Como são maravilhosas as operações do tempo e as mudanças na mente humana!” E seguindo o mesmo curso de pensamento, acrescentou: “Se uma faculdade de nossa natureza pode ser considerada mais maravilhosa que o resto, creio que é a memória. Parece haver algo mais incompreensível em seus poderes, em suas falhas e diferenças que em qualquer de nossas outras capacidades intelectuais. A memória às vezes é tão retentiva, tão útil, tão obediente; outras vezes parece tão fora de controle, tão fraca, tão tirânica! Certamente somos um milagre em todos os aspectos, mas nossos

poderes de lembrar e de esquecer realmente parecem além de toda compreensão”.

Distante e desatenta Miss Crawford não tinha nada a dizer; e, percebendo isso, Fanny voltou a um assunto que achava que poderia interessá-la.

“Pode parecer impertinente eu elogiar, mas devo admirar o gosto que Mrs. Grant demonstrou em tudo. Há tal tranquila simplicidade no projeto do passeio! Ela não tentou nada exagerado!”

“Sim”, replicou Miss Crawford, descuidada, “é muito bom para um lugar como este. Não se pensa em extensão por aqui; e, cá entre nós, até eu vir a Mansfield, não imaginava que um pároco do campo pudesse aspirar a ter um jardim de arbustos, ou algo parecido”.

“Fico feliz por ver que as sempre-vivas estão se desenvolvendo!”, disse Fanny a guisa de resposta. “O jardineiro de meu tio sempre diz que o solo daqui é melhor que o de lá, e assim parece, pelo crescimento dos loureiros e das sempre-vivas em geral. As sempre-vivas! Que lindas, bem-vindas, maravilhosas sempre-vivas! Quando se pensa nelas, que espantosa a variedade da natureza! Em alguns países, sabemos que a variedade consiste nas árvores que mudam de folhas, mas até isso faz com que seja espantoso o fato do mesmo solo e o mesmo sol nutrirem plantas que diferem desde as regras básicas de sua existência. Você pode achar que estou falando de modo extravagante, mas quando estou fora de casa, sobretudo sentada fora de casa, sou capaz de entrar nesse tipo de assombro. Não consigo olhar a mais com um produção natural sem encontrar alimento para uma fantasia, para divagar”.

“Para dizer a verdade”, Miss Crawford replicou, “sou um pouco como o famoso Doge visitando a corte de Luís XIV; e posso declarar que neste jardim não vejo nenhuma maravilha que se iguale a eu estar nele. Se há um ano alguém me dissesse que este lugar seria meu lar, que eu passaria mês após mês poe aqui, como tenho feito, certamente não teria acreditado. Estou aqui há quase cinco meses e estes foram os cinco meses mais tranquilos de minha vida”.

“Tranquilos demais para você, creio eu”.

“Teoricamente eu pensaria que sim, mas...” e seus olhos brilharam enquanto falava, “levando tudo em consideração, jamais passei um verão tão feliz”. Com um ar mais pensativo e em voz mais baixa, completou: “Mas não sei onde isso pode levar”.

O coração de Fanny bateu mais depressa e ela se sentiu incapaz de supor ou perguntar algo mais. Contudo, com renovada animação, Miss Crawford continuou logo em seguida:

“Tenho consciência de estar aceitando muito melhor uma residência no campo do que eu esperava. Posso até supor ser agradável passar metade do ano no campo, em certas circunstâncias, muito agradáveis. Uma casa elegante, de dimensões razoáveis, no centro das relações familiares; com promissos constantes entre elas; comandando a melhor sociedade da vizinhança; talvez considerada líder, mesmo que haja pessoas de maior fortuna, e voltando dessa ronda de diversões, encarando nada mais nada menos que uma conversa tête-à-tête com a pessoa que você considera a mais agradável em todo o mundo. Não há nada de terrível nesse retrato, há Miss Price? Não é preciso invejar a nova Mrs. Rushworth com um lar como este”.

“Invejar Mrs. Rushworth!”, foi tudo que Fanny conseguiu dizer. “Ora, ora, seria muito deselegante de nossa parte julgá-la com severidade, pois espero que ela nos proporcione muitas horas brilhantes e felizes. Espero ir muitas vezes a Sotherton no próximo ano. Um casamento como o que fez Miss Bertram é uma bênção, pois os primeiros prazeres da esposa de Mr. Rushworth devem ser encher a casa de visitas e organizar os melhores bailes da região”.

Fanny se calou e Miss Crawford voltou a ficar pensativa até que, olhando subitamente para cima após alguns minutos, exclamou: “Ah! Ei-lo”. Não se referia a Mr. Rushworth, mas a Edmund, que surgia caminhando na direção delas acompanhado por Mrs. Grant. “Minha irmã e Mr. Bertram. Estou tão feliz por seu primo mais velho ter partido para que ele possa voltar a ser Mr. Bertram. Há algo tão formal no som de Mr. Edmund Bertram, tão patético, tão irmão caçula que detesto!”

“Como sentimos de maneiras diferentes!”, exclamou Fanny. “Para mim, o som de Mr. Bertram é frio e insignificante, inteiramente sem calor ou caráter! Somente designa um cavalheiro, nada mais. Mas há nobreza no nome de Edmund. É um nome heroico e famoso; de reis, príncipes e nobre; e parece respirar o espírito e as maneiras de um cavaleiro e das afeições calorosas”.

“Concordo com você que, por si mesmo, o nome é bom, e Lorde Edmund ou Sir Edmund soam maravilhosamente, mas enterre-o sob o gelo e terá a aniquilação do título de senhor. Mr. Edmund não é mais importante que Mr. John ou Mr. Thomas. Bem, vamos nos aliar para frustrar metade da reprovação por estarmos sentadas aqui, ao vento nesta época do ano, levantando-nos antes que eles possam começar?”

Edmundo as encontrou com particular prazer. Era a primeira vez que as via juntas desde que haviam iniciado um conhecimento mais íntimo, sobre o qual ouvira com grande satisfação. Uma amizade entre duas pessoas tão caras a ele era exatamente o que desejava, e para o crédito da compreensão do amante, que

fique aqui registrado que ele absolutamente não considerava Fanny como a única, nem como a pessoa que mais teria a ganhar com essa amizade.

“Bem”, disse Miss Crawford, “você não vai nos censurar por nossa imprudência? Por que acha que estamos sentadas aqui, se não para sermos repreendidas, para que você rogue e suplique para jamais fazermos isso novamente?”

“Talvez tivesse repreendido”, disse Edmund, “se uma de vocês estivesse aqui sentada sozinha; mas como vocês estão errando juntas, posso relevar muita coisa”.

“Elas não podem estar sentadas aqui há muito tempo”, exclamou Mrs. Grant, “pois quando subi para buscar meu xale, eu as vi da janela da escada e estavam caminhando”.

Edmund acrescentou: “E realmente o dia está tão agradável que vocês se sentarem aqui por alguns minutos não pode ser considerado imprudência. Nosso clima nem sempre pode ser julgado pelo calendário. Algumas vezes podemos tomar maiores liberdades em novembro que em maio”.

“Palavra de honra”, exclamou Miss Crawford, “vocês são os amigos mais decepcionantes e insensíveis que já encontrei! Não se pode dar a vocês nem um momento de constrangimento. Não sabem o quanto sofremos, nem o frio que sentimos! Mas há tempos considero Mr. Bertram um dos sujeitos mais difíceis de convencer, em qualquer pequena manobra contra o senso comum, que uma mulher possa ser atormentada. Desde o início alimentei pouca esperança quanto a ele; mas você, Mrs. Grant, minha irmã, minha própria irmã, acho que teria o direito de alarmá-la um pouco”.

“Não bajule a si mesma, minha queridíssima Mary. Não há a menor chance de me comover. Tenho minhas inquietações, mas elas são de natureza totalmente diferente; e se eu pudesse alterar o clima, faria com um que um violento vento leste soprasse sobre você durante todo o tempo, pois aqui estão algumas das plantas que Robert deixou aqui fora porque as noites estão tão brandas, e eu sei que no fim teremos uma súbita mudança de clima, uma geada forte cairá de repente tomando todos (pelo menos Robert) de surpresa, e eu perderei todas elas; e o pior é que a cozinheira acabou de me contar que o peru que eu particularmente desejava cozinhar no domingo, pois sei o quanto o doutor Grant gostaria de degustá-lo nessa data, depois dos trabalhos do dia, não aguentará além de amanhã. Essas são algumas das tristezas que me fazem pensar que o clima fora de estação está findando.

“As doçuras dos cuidados domésticos em um vilarejo no campo!”, disse

Miss Crawford maliciosamente. “Cumprimente o jardineiro e o granjeiro por mim”.

“Querida menina, recomende Dr. Grant à reitoria de Westminster ou de St. Paul e ficarei tão feliz quanto seu jardineiro e seu granjeiro. Mas não há esse tipo de gente em Mansfield. O que você quer que eu faça?”

“Oh! Você não pode fazer nada que já não tenha feito: atormente-se com frequência e jamais perca a paciência”.

“Obrigada; mas Mary, não há como escapar desses pequenos dissabores, não importa onde se more. E quando você se estabelecer na cidade e eu for visitá-la, garanto que a encontrarei com os seus, apesar do jardineiro e do granjeiro, e talvez por causa deles. O desinteresse e falta de pontualidade dessa gente, ou seus preços exorbitante e suas fraudes, provocarão as mais amargas lamentações”.

“Pretendo ser demasiadamente rica para lamentar ou sofrer com algo desse tipo. Uma alta renda é a melhor receita para a felicidade que já ouvi. Certamente, pode assegurar tudo aquilo que se relacione com murta e perus”.

“Você pretende ser muito rica?”, perguntou Edmund com um olhar que, para Fanny, tinha uma grande e significativa seriedade.

“Certamente. Você não? Não é o que desejamos nós todos?”

“Não posso desejar nada que esteja completamente além de meu poder. Miss Crawford pode escolher seu grau de riqueza. Só tem que fixar quantos milhões por ano, e não há dúvida que eles aparecerão. Minhas intenções são apenas não ser pobre”.

“Com moderação e economia, e limitando seus desejos à sua renda, e apenas a isso. Eu o compreendo – é um plano muito apropriado para uma pessoa na época que você vive, com meios limitados e relações indiferentes. O que mais você poderia desejar além de meios decentes de sustento? Você não tem muito tempo diante de si e suas relações não estão em situação de fazer nada por você, nem mortificá-lo com o contraste entre sua riqueza e sua importância. Seja honesto e pobre, sem dúvida, mas não o invejarei. Acho que nem mesmo o respeitarei. Tenho um respeito muito maior pelos que são honestos e ricos”.

“Seu grau de respeito pela honestidade do rico ou do pobre é precisamente algo com que não preciso me preocupar. Não pretendo ser pobre. A pobreza é exatamente o que eu pretendo evitar. A honestidade que existe no meio das circunstâncias medianas é tudo que almejo que você não encare com desprezo”.

“Mas eu a desprezo, sim, e se pudesse, seiria ainda maior. Desprezo todos que se contentam com a obscuridade, quando poderiam alcançar distinção superior”.

“Mas como elevá-la? Como pode minha honestidade alcançar qualquer distinção?”

Essa não era uma questão muito fácil de se responder, e provocou um “Oh!” prolongado da bela jovem antes de ela pudesse acrescentar, “Você deveria ter ingressado há dez anos no Parlamento ou no exército”.

“Isso não adianta muito agora, e quanto a estar no Parlamento, creio que preciso esperar até haver uma assembleia especial para representação de filhos caçulas que não têm recursos para viver. Não, Miss Crawford”, acrescentou ele com um tom mais sério, “há distinções, e eu me sentiria muito infeliz se considerasse que não tenho qualquer probabilidade ou perspectiva de obter, mas essas são de caráter diferente”.

Enquanto ele falava, Miss Crawford assumiu um ar de consciência que pareceu uma posição de constrangimento por lhe dar respostas trocistas. Para Fanny foi um triste alento observá-la, e vendo que não conseguiria ajudar Mrs. Grant, ao lado de quem agora caminhava seguindo os outros, estava quase resolvida a ir imediatamente para casa e só esperava juntar coragem para declarar sua intenção, quando o grande relógio de Mansfield Park tocou três vezes, fazendo com que ela notasse que realmente se ausentara por mais tempo que de costume e fazendo novamente com que ela se perguntasse se deveria ou não ir embora imediatamente, e como faria isso. Com decisão inquestionável, começou a se despedir, e nesse momento Edmund se lembrou de que a mãe perguntara por ela e que ele caminhara até a casa paroquial com a finalidade de levá-la de volta.

A pressa de Fanny aumentou, e teria voltado sozinha sem ao menos esperar por Edmund, mas todos apertaram o passo e a acompanharam até a casa pela qual teriam que necessariamente passar. Dr. Grant se encontrava no vestibulo, e quando se detiveram para cumprimentá-lo, pela maneira de Edmund se comportar ela percebeu que ele pretendia ir com ela, pois também estava se despedindo. Ela não pôde deixar de ficar agradecida. No momento em que partiam, Dr. Grant convidou Edmund a compartilhar do carneiro que seria preparado no dia seguinte; e Fanny mal teve tempo de se sentir desconfortável com isso quando, lembrando-se subitamente dela, Mrs. Grant lhe rogou também lhes dar o prazer de sua companhia. Essa atenção era tão imprevista, uma circunstância tão nova nos eventos da vida de Fanny, que ela ficou tomada de surpresa e embaraço e, gaguejando, falava de suas obrigações, afirmando que

“supunha que não poderia comparecer”, enquanto olhava para Edmund em busca de sua opinião e auxílio. Mas Edmund, encantado por lhe terem feito um convite tão feliz, e com olhando de soslaio e com poucas palavras, afirmou não que haveria nenhum empecilho, a não ser por parte de sua tia, e que sua mãe não criaria nenhuma dificuldade para liberá-la, e sendo assim e abertamente a aconselhou a aceitar o convite. Apesar de seu encorajamento, Fanny não se atrevia a realizar um voo de tamanha independência, mas logo ficou combinado que se não ouvisse nada em contrário, Mrs. Grant poderia esperar por ela.

“E você sabe qual será seu jantar”, disse Mrs. Grant, sorrindo... “peru, e eu lhe asseguro que estará maravilhoso”, e voltando-se para seu marido, acrescentou: “Meu querido, a cozinheira insiste que o peru seja preparado amanhã”.

“Muito bem, muito bem”, exclamou Dr. Grant. “Melhor ainda. Fico feliz de saber que há algo tão bom em casa. Creio que Miss Price e Mr. Edmund Bertram vão se arriscar. Nenhum de nós quer saber do cardápio. Tudo o que desejamos é um encontro amigável, não um belo jantar. Um peru, ou um ganso, ou uma perna de carneiro, ou o que quer que você e nossa cozinheira escolham nos servir”.

Os dois primos caminharam juntos para casa e exceto pela conversa imediata sobre esse compromisso, do qual Edmund falou com a mais calorosa satisfação, considerando particularmente desejável que ela desfrutasse da intimidade que ele via com tanto prazer, foi uma caminhada silenciosa, pois após esgotar o assunto ele se tornou pensativo e pouco disposto a iniciar qualquer outro.

CAPÍTULO XXIII

“Mas por que Mrs. Grant convidaria Fanny?”, perguntou Lady Bertram. “Como ela decidiu convidar Fanny? Fanny nunca janta lá, como voce bem sabe. Não posso dispor dela e estou certa que ela não deseja ir. Fanny, você não deseja ir, deseja?”

Evitando que sua prima respondesse, Edmund exclamou: “Se você lhe pergunta desse modo, Fanny imediatamente dirá Não; mas, minha cara mãe, estou certo de que ela gostaria de ir; e não vejo nenhuma razão para que ela não vá.”.

“Não posso imaginar a razão pela qual Mrs. Grant resolveu convidá-la. Ela costumava convidar suas irmãs de vez em quando, mas nunca convidou Fanny”.

“Se a senhora não pode me dispensar...”, disse Fanny em tom abnegado...

“Mas minha mãe terá a companhia de meu pai durante toda a tarde”.

“É verdade, eu a terei”.

“Suponho que a senhora aceitará a opinião de meu pai”.

“Essa é uma boa ideia. Certamente aceitarei, Edmund. Assim que ele chegar, vou perguntar a Sir Thomas se posso dispensá-la”.

“Como queira, senhora; mas eu quis dizer que a senhora deveria perguntar a opinião de meu pai quanto à conveniência do convite ser aceito ou não; e creio que ele considerará que Mrs. Grant foi correta, e que sendo este o primeiro convite, Fanny deve aceitar”.

“Não sei. Vamos perguntar a ele. Mas ele ficará muito surpreso de Mrs. Grant ter convidado Fanny afinal”.

Não havia mais nada a ser dito sobre o assunto até Sir Thomas estar presente; mas como o assunto estava relacionado com seu próprio conforto no dia seguinte, não saiu da cabeça de Lady Bertram, de modo que meia hora mais tarde, quando ele entrou em seu quarto de vestir por um minuto a caminho da plantação, ela o chamou de volta no momento em que fechava a porta, dizendo, “Sir Thomas, por favor, tenho algo a lhe dizer”.

Diante de seu tom de calmo langor, pois ela jamais se dava ao trabalho de levantar a voz, pois sempre era submissa e estava à disposição, Sir Thomas voltou. Sua história começou; e Fanny imediatamente saiu da sala, pois, para ela, ouvir sua pessoa ser tratada como assunto de qualquer discussão com seu tio era mais do que seus nervos poderiam suportar. Ela estava ansiosa, sabia disso, talvez

mais ansiosa do que deveria estar, e afinal das contas, qual era o problema de ela ir ou ficar? Mas se seu tio demorasse a considerar e decidir o caso, a olhasse com gravidade e finalmente decidisse contra ela, talvez ela não conseguisse parecer adequadamente submissa e indiferente. Enquanto isso, sua causa ia bem. Lady Bertram, começara com “tenho algo a lhe contar que vai surpreendê-lo. Mrs. Grant convidou Fanny para jantar”.

“Bem”, disse Sir Thomas, como se esperasse que ela completasse a surpresa.

“Edmund deseja que ela vá. Mas como posso dispor dela?”

“Ela chegará atrasada”, disse Sir Thomas puxando o relógio, “mas qual é a dificuldade?”

Edmund se sentiu obrigado a falar para completar as lacunas da história de sua mãe. Ele contou tudo e ela só precisou acrescentar: “Tão estranho! Mrs. Grant não costumava convidá-la”.

“Mas não é muito natural”, observou Edmund, “que Mrs. Grant deseje proporcionar uma visita agradável para sua irmã?”

“Nada pode ser mais natural”, disse Sir Thomas depois de curta deliberação, “e mesmo que não houvesse uma irmã, em minha opinião nada poderia ser mais natural. O fato de Mrs. Grant demonstrar delicadeza para com Miss Price, sobrinha de Lady Bertram, não precisa de explicações. A única surpresa que posso sentir é que esta seja a primeira vez que ela é convidada. Fanny foi muito correta ao dar uma resposta condicional. Ela parece se sentir como deveria. Mas acho que ela quer comparecer, pois os jovens gostam de estar juntos e não vejo razão para lhe negar esse prazer”.

“Mas posso prescindir dela, Sir Thomas?”

“Na verdade, creio que pode”.

“Mas sabe, ela sempre faz o chá quando minha irmã não está aqui”.

“Talvez, sua irmã possa ser convencida a passar o dia conosco, e eu certamente estarei em casa”.

“Então, muito bem. Fanny pode ir, Edmund”.

As boas novas logo chegaram a ela. Edmund bateu na porta de seu quarto a caminho de seu.

“Bem, Fanny, tudo foi resolvido de maneira feliz e sem a menor hesitação por parte de seu tio. Ele só tinha uma opinião. Você vai”.

“Obrigada, estou tão contente”, foi a resposta instintiva de Fanny; embora quando ela fechou a porta, logo atrás dele, não pôde evitar o pensamento: “E por que devo me sentir contente? pois tenho a plena certeza de que vou ver ou ouvir algo que vai me magoar”.

Contudo, apesar dessa convicção, realmente estava contente. Simples como poderia parecer aquele compromisso aos olhos de outros, para ela possuía novidade e importância. Exceto pelo dia que passara em Sotherton, ela quase nunca jantava fora, e mesmo distando apenas meia milha e abrigando somente três pessoas, ainda era um jantar fora, e por si mesmos, todos os pequenos interesses da preparação já eram divertimentos. Ela não teve simpatia nem auxílio por parte dos que deveriam ter compreendido seus sentimentos e orientado seu gosto, pois Lady Bertram jamais pensava em ser útil a ninguém, e quando Mrs. Norris chegou no dia seguinte, em consequência de uma visita matutina e de um convite de Sir Thomas, estava de péssimo humor e parecia apenas desejar diminuir o prazer de sua sobrinha, tanto no presente quanto no futuro.

“Palavra de honra, Fanny, você tem muita sorte de receber tanta atenção e indulgência! Deve se sentir muito agradecida para com Mrs. Grant por ela ter pensado em você, e para com sua tia por permitir que você vá, e também deve considerar essa oportunidade como algo extraordinário; espero que você saiba que não há motivo real para você ser convidada desse modo, ou mesmo para jantar fora; e é isso que você deve esperar daqui por diante. Também não deve pensar que esse convite foi feito como um cumprimento particular a você; o cumprimento na verdade foi feito ao seu tio, à sua tia e a mim. Mrs. Grant acha que é uma gentileza devida a nós prestar um pouco de atenção a você, ou isso jamais teria passado por sua cabeça. Pode estar certa de que se sua prima Julia estivesse em casa, você jamais teria sido convidada”.

Mrs. Norris havia desfeito com tanta perspicácia a parte de Mrs. Grant no favor, que Fanny, vendo que sua tia esperava que ela falasse alguma coisa, só conseguiu dizer que se sentia muito grata por sua tia Bertram por tê-la liberado e que estava se esforçando para colocar o trabalho da tarde em um estado que impedisse que sua falta fosse sentida por sua tia.

“Oh! Esteja certa de que sua tia pode passar muito bem sem sua presença, ou você não teria licença para ir. Eu estarei aqui, portanto não precisa se preocupar com ela. Espero que você tenha um dia muito agradável e se divirta muitíssimo. Mas devo observar que dentre todos, cinco é o número mais incômodo para acomodar à mesa, e só posso me surpreender pelo fato de uma dama tão elegante quanto Mrs. Grant não conseguir planejar melhor! E em torno daquela mesa enorme que preenche a sala de modo tão terrível! Se o doutor

tivesse ficado com minha mesa quando saí de lá, como qualquer pessoa de bom senso faria, em vez de comprar aquele absurdo novo, mais largo que a mesa de jantar daqui, teria se saído infinitamente melhor! E teria sido muito mais respeitado! As pessoas nunca são respeitadas quando saem de sua própria esfera. Lembre-se disso, Fanny. Cinco – apenas cinco pessoas sentadas em torno daquela mesa. Contudo, vocês terão um jantar capaz de alimentar dez pessoas, tenho certeza”.

Mrs. Norris tomou fôlego e continuou.

“A tolice e a estupidez das pessoas que saem de seu nível, tentando parecer mais importantes do que realmente são, me obrigam a lhe dar um conselho, Fanny, agora que você vai sair sem a nossa presença; e eu lhe suplico que não se esforce para aparecer demais conversando e dando sua opinião como se fosse uma de suas primas, como se fosse a querida Mrs. Rushworth ou Julia. Isso não é correto, acredite no que lhe digo. Lembre-se de que não importa onde você se encontre, sempre será a última a ser considerada; e apesar de Miss Crawford de certo modo morar na casa paroquial, você não se iguala a ela. E quanto a sair à noite, não deve ficar demais, só o quanto Edmund desejar. Deixe que ele resolva isso”.

“Sim, senhora, eu não sonharia em fazer nada diferente”.

“E se chover, o que eu acho muitíssimo provável, pois jamais em minha vida vi uma tarde mais ameaçadora, você deve fazer o melhor que puder e não esperar que lhe enviem a carruagem. Eu certamente não voltarei para casa hoje à noite, portanto a carruagem não ficará por minha conta, mas você deve pensar no que pode acontecer e tomar as providências adequadas”.

Sua sobrinha achou aquilo perfeitamente razoável. Classificava suas próprias exigências de conforto tão baixo quanto Mrs. Norris; e quando Sir Thomas, pouco depois, abriu a porta e perguntou, “Fanny, a que horas você deseja que a carruagem venha buscá-la?”, ela sentiu tamanho grau de espanto que foi impossível para ela falar.

“Meu caro Sir Thomas!”, exclamou Mrs. Norris, vermelha de raiva, “Fanny pode caminhar”.

“Caminhar!”, repetiu Sir Thomas em tom da mais irresponsível dignidade, entrando na sala. “Minha sobrinha caminhando para atender um convite para jantar, nesta época do ano! Às quatro e vinte será conveniente para você?”

“Sim, senhor”, foi a humilde resposta de Fanny, sentindo-se quase como uma criminoso frente Mrs. Norris; e não aguentando permanecer em sua

companhia para não parecer que desejava exibir seu triunfo, seguiu seu tio para fora da sala, ficando atrás dele o suficiente para ouvir as seguintes palavras, ditas com furiosa agitação:

“Tão desnecessário! Exageradamente gentil! Porém Edmund também vai; é verdade, e deve ser por causa dele. Notei que estava rouco na quinta-feira à noite”.

Mas não conseguiu convencer Fanny. Ela percebeu que a carruagem era por sua causa, só por ela: e, logo após as observações humilhantes de sua tia, a consideração de seu tio lhe custou algumas lágrimas de gratidão quando se viu sozinha.

O cocheiro chegou pontualmente, e depois de um minuto chegou o cavalheiro. E como a dama, com o mais escrupuloso temor de se atrasar, já estava sentada na sala de visitas há vários minutos, Sir Thomas os acompanhou imediatamente, como exigiam seus corretos hábitos de pontualidade.

“Agora devo examiná-la, Fanny”, disse Edmund com o sorriso gentil de um irmão amoroso, “e lhe dizer o que acho de você. Pelo que posso julgar nesta luz você realmente parece muito bonita. O que você está vestindo?”

“O vestido novo que meu tio teve a gentileza de me presentear para o casamento de minha prima. Espero que não seja fino demais, mas pensei que deveria usá-lo assim que pudesse, pois talvez não haja outra oportunidade durante todo o inverno. Espero que você não ache que estou bem vestida demais”.

“Jamais estará bem vestida demais se estiver toda de branco. Não vejo nada exagerado em você; nada além do perfeitamente adequado. Seu vestido é muito bonito. Gosto desses pontos brilhantes. Miss Crawford não tem um vestido parecido?”

Ao se aproximarem da casa paroquial, passaram perto do estábulo e da cocheira.

“Ei!”, disse Edmund, “Temos companhia, eis aqui uma carruagem! Quem está aí para nos encontrar?” E abrindo a janela de vidro da porta lateral, disse: “É Crawford, essa é a carruagem de Crawford, tenho certeza! Ali estão seus dois criados colocando-a em seu antigo lugar. Ele está aqui, naturalmente. Isso é uma surpresa, Fanny. Ficarei muito contente por vê-lo”.

Não houve ocasião, nem tempo para Fanny dizer como ela se sentia de modo diferente, mas a ideia de haver outra pessoa para observá-la aumentou ainda mais o temor com que realizou a cerimônia muito desagradável de entrar na sala de visitas.

E na sala de visitas realmente estava Mr. Crawford, que chegara com tempo suficiente para se preparar para o jantar; e os sorrisos e olhares felizes dos outros três em torno dele demonstravam o quanto era bem-vinda sua súbita resolução de visitá-los por alguns dias depois de deixar Bath. O encontro entre ele e Edmund foi muito cordial; e com exceção de Fanny, o prazer era geral; e até para ela talvez tenha havido certa vantagem em sua presença, pois a adição ao grupo aumentou sua satisfação em sentar-se silenciosa e à parte. Mas logo notou o que acontecia consigo mesma; e como lhe aconselhava a decência de sua mente, apesar de sua tia Norris, teve que assumir o papel de principal dama do grupo, aceitando todas as pequenas distinções consequentes desse fato, e enquanto estavam à mesa houve um feliz fluxo de conversação no qual ela não precisou tomar parte, pois entre os irmãos havia tanta coisa a ser dita sobre Bath, tanto a ser discutido sobre caçadas entre os dois jovens, tanto a ser discutido sobre política entre Mr. Crawford e Dr. Grant, e tanto sobre tudo entre Mr. Crawford e Mrs. Grant, que para ela sobrou apenas a mais feliz perspectiva de ouvir tudo em silêncio e passar um dia muito agradável. Contudo, não conseguira cumprimentar o cavalheiro recém-chegado com qualquer aparência de interesse em saber se pretendia estender sua estadia em Mansfield, mandando buscar seus cães caçadores em Norfolk, como sugerido por Dr. Grant, aconselhado por Edmund e calorosamente encorajado pelas duas irmãs, apesar do que passava em sua mente, pois parecia que ele desejava ser encorajado por ela sobre isso. Esse fato logo pareceu tomar conta de sua mente e ele pareceu querer que ela também insistisse no fato para ele se resolver. Sua opinião foi solicitada quanto à provável continuação do bom tempo, mas suas respostas foram tão curtas e indiferentes quanto lhe permitia a cortesia. Ela não desejava que ele ficasse e preferia que não desejasse falar com ela.

Suas duas primas ausentes, especialmente Maria, entraram em seus pensamentos assim que o viu, mas nenhuma lembrança embaraçosa afetou o estado de espírito do moço. Ali estava ele novamente, no mesmo terreno onde tudo se passara antes, aparentemente desejando ficar e ser feliz sem as senhoritas Bertram, como se jamais tivesse visto Mansfield em outro estado. Ela o ouviu falar sobre ambas de modo genérico, até que todos voltaram a se reunir na sala de visitas. Edmund se afastou para tratar de algum assunto com o doutor Grant, que parecia tomar totalmente a atenção dos dois, e como Mrs. Grant estava ocupada com a mesa do chá, Crawford começou a conversar sobre elas, particularmente com sua outra irmã. Com um olhar significativo que fez com que Fanny o odiasse, ele comentou: “Então! Soube que Rushworth e sua bela esposa estão em Brighton. Homem feliz!”

“Sim, chegaram há cerca de quinze dias, não é Miss Price? E Julia está com eles”.

“E presumo que Mr. Yates não esteja muito longe”.

“Mr. Yates! Oh! Não sabemos nada sobre Mr. Yates. Não creio que ele figure muito nas cartas de Mansfield Park; não é verdade, Miss Price? Acho que minha amiga Julia sabe que não deve entreter seu pai falando sobre Mr. Yates”.

“Pobre Rushworth e suas 42 falas!”, continuou Crawford. “Ninguém jamais poderá esquecê-las. Pobre sujeito! Posso vê-lo agora com seu trabalho duro e seu desespero. Bem, muito me engano ou sua adorável Maria vai querer que ele diga suas 42 falas para ela”. E depois de um momento de seriedade, acrescentou: “Ela é boa demais para ele, boa demais”. Então, mudando de tom, dirigiu-se a Fanny com gentil galanteria, dizendo, “Você era a melhor amiga de Mr. Rushworth. Sua gentileza e serenidade jamais serão esquecidas, nem sua infatigável paciência tentando tornar possível que ele decorasse seu papel, tentando lhe dar o cérebro que a natureza lhe negou, fornecendo-lhe uma compreensão retirada de sua própria abundância! Ele talvez não tenha suficiente senso para estimar sua gentileza, mas aventure-me a dizer que foi honrada pelo restante de todo o grupo”.

Fanny corou e não disse nada.

“Foi um sonho, um sonho delicioso!”, exclamou ele novamente se adiantando, após alguns minutos de reflexão. “Sempre me lembrarei de nosso teatro com intenso prazer. Houve tanto interesse, tanta animação. Todos sentiram. Estávamos vivos. Havia atividade, esperança, solicitude, agitação em todas as horas do dia. Sempre alguma pequena objeção, alguma pequena dúvida, alguma pequena ansiedade a dominar. Jamais fui tão feliz”.

Com silenciosa indignação, Fanny repetiu para si mesma, “Jamais foi tão feliz! Jamais foi tão feliz fazendo o que sabia ser injustificável! Jamais foi tão feliz se comportando de modo tão desonroso e com tamanha falta de sentimentos! Oh! Que mente corrupta!”

“Não tivemos sorte, Miss Price”, ele continuou sem notar seus sentimentos, em um tom mais baixo para evitar a possibilidade de ser ouvido por Edmund, “certamente fomos muito infelizes. Uma semana, apenas mais uma semana teria sido suficiente para nós. Creio que se tivéssemos tido o controle dos acontecimentos, se Mansfield Park tivesse o governo dos ventos sobre o equinócio apenas por mais uma semana ou duas, teria feito toda diferença. Não que tivéssemos colocado em perigo sua segurança através de um clima terrível – teríamos apenas enviado um vento contrário ou uma calmaria. Miss Price, acredito que teríamos conseguido realizar nosso desejo com uma semana de calmaria no Atlântico naquela época”.

Ele parecia determinado a ouvir uma resposta, e voltando o rosto, Fanny disse com uma voz mais firme que a costumeira: “No que me concerne, senhor, eu não teria atrasado seu retorno por nenhum dia. Meu tio desaprovou tudo de tal modo que, em minha opinião, quando chegou aquilo tudo já havia ido longe demais”.

Em toda sua vida ela jamais falara com ele tanta coisa de uma só vez, e nunca demonstrara tanta cólera para com ninguém; quando terminou, ela tremeu e corou por sua ousadia. Ele se surpreendeu, mas depois de alguns momentos de consideração, replicou em um tom mais calmo e mais grave, como se fosse o cândido resultado de uma convicção, “Creio que você tem razão. Foi mais agradável que prudente. Estávamos ficando barulhentos demais”. E mudando de assunto, teria continuado a conversar com ela sobre outro assunto, mas suas respostas foram tão tímidas e relutantes que ele não conseguiu avançar.

Miss Crawford, que repetidamente olhava para Dr. Grant e para Edmund, observou, “Aqueles cavalheiros devem ter algum ponto muito interessante para discutir”.

“O mais interessante do mundo”, replicou seu irmão. “Como ganhar dinheiro e como transformar uma boa renda em outra ainda melhor. Dr. Grant está instruindo Bertram sobre a vida em que vai entrar em pouco tempo. Acho que será ordenado em algumas semanas. Eles já conversaram sobre isso na sala de jantar. Estou contente de saber que Bertram ficará tão bem. Ele terá uma boa renda para esbanjar e viverá sem grandes dificuldades. Soube que não ganhará menos de setecentas libras por ano. Setecentas libras por ano é muito bom para um irmão caçula, e como continuará a viver na casa dos pais, será tudo para seus menus prazeres; e suponho que um sermão no Natal e outro na Páscoa sejam a soma total de seu sacrifício”.

A irmã tentou esconder seus sentimentos dizendo: “Nada me diverte mais que o modo fácil com que todas as pessoas resolvem sobre a abundância dos que têm menos que eles. Você pareceria bastante desprovido de recursos, Henry, se seus prazeres estivessem limitados a setecentas libras por ano”.

“Talvez, mas você sabe que tudo é inteiramente relativo. O direito de nascimento e o hábito devem resolver o assunto. Bertram certamente ficará financeiramente bem para um filho caçula, mesmo pertencendo à família de um baronete. Aos 24 ou 25 anos, terá setecentas libras por ano e nada para fazer com essa quantia”.

Miss Crawford poderia ter dito que havia algo a fazer e sofrer por isso tudo, mas não podia agir levemente, então se conteve e deixou passar. Pouco depois, tentou parecer calma e despreocupada quando os dois cavalheiros se

juntaram a eles.

“Bertram”, disse Henry Crawford, “farei o possível para vir a Mansfield para ouvi-lo pregar o seu primeiro sermão. Estarei aqui com a finalidade de encorajar um jovem principiante. Quando será isso? Miss Price, não vai se juntar a mim para encorajar seu primo? Não vai assisti-lo com os olhos fixos nele durante todo o tempo, como também o farei, para não perder nenhuma palavra; ou apenas desviar seu olhar para registrar alguma sentença preeminentemente bela? Vamos levar blocos de papel e um lápis. Quando isso terá lugar? Você deve pregar em Mansfield para que Sir Thomas e Lady Bertram possam ouvi-lo”.

“Vou me manter longe de você, Crawford, pelo tempo que eu conseguir”, disse Edmund, “pois é muito provável que você me desconcerte, e lamentarei ver você tentar, mais que qualquer pessoa”.

“Será que isso não o sensibiliza?”, pensou Fanny, “Não, ele não sente nada do que deveria”.

O grupo agora estava todo reunido e os que mais falavam atraíam um ao outro. Ela permanecia tranquila, e depois do chá foi formada uma mesa de uíste – geralmente organizada pela atenciosa esposa para divertir o doutor Grant, apesar de supostamente não ser bem assim. Miss Crawford pegou a harpa e nada mais restou a Fanny além de ouvi-la, e sua tranquilidade permaneceu imperturbada pelo resto da noite, exceto quando, vez ou outra, Mr. Crawford lhe endereçava uma pergunta ou observação, que ela não podia deixar de responder. Miss Crawford estava muito irritada pelo que acontecera para desejar qualquer coisa que não fosse música. Mas com isso, ela se acalmou e entreteve sua amiga.

A certeza de que Edmund seria ordenado em tão pouco tempo, caindo sobre ela como um golpe que ela ainda supunha incerto e distante, foi sentida com ressentimento e mortificação. Estava com muita raiva. Acreditara ter mais influência sobre ele. Sentia que começara a pensar nele com grande consideração, quase com intenções decididas; porém agora estava disposta a tratá-lo com a mesma frieza que ele a tratara. Estava claro que ele não poderia ter intenções sérias, nenhum apego verdadeiro, colocando-se em uma situação diante da qual ele sabia que ela jamais se inclinaria. Ela aprenderá a corresponder-lhe com sua mesma indiferença. De agora em diante aceitará suas atenções sem outra ideia além de se divertir. Se ele podia governar seus próprios sentimentos, os seus não poderiam causar qualquer mal a si mesma.

CAPÍTULO XXIV

Na manhã seguinte, Henry Crawford resolvera passar mais quinze dias em Mansfield, e tendo mandado vir seus cães caçadores e escrito algumas linhas de explicação para o Almirante, olhou para a irmã enquanto selava e separava a carta para ser enviada, e reparando que a costa estava livre do resto da família, disse com um sorriso: “Mary, como acha que vou me divertir nos dias em que não for caçar? Estou muito velho para sair mais que três vezes por semana, mas tenho um plano para os dias intermediários. Você imagina qual é?”

“Passear e cavalgar comigo, certamente”.

“Não exatamente, embora fique feliz em fazer ambas, mas isso seria apenas exercitar meu corpo, e devo cuidar de minha mente. Além disso, não passaria de recreação e prazer, sem a saudável fineza do trabalho, e não gosto de me alimentar do pão da preguiça. Não, meu plano é fazer com que Fanny Price se apaixone por mim”.

“Fanny Price! Que absurdo! Não, não. Você já deveria estar satisfeito com as duas primas dela”.

“Mas não posso ficar satisfeito sem Fanny Price, sem fazer um buraquinho no coração de Fanny Price. Você não parece ver o quanto ela merece ser notada. Quando falamos com ela ontem à noite, nenhum de vocês pareceu reparar no maravilhoso progresso que sua aparência sofreu nas últimas seis semanas. Você a vê todos os dias, portanto não percebe, mas posso lhe garantir que está completamente diferente do que ela era no outono passado. Naquela época não passava de uma moça quieta e modesta, que não era feia, mas que agora é absolutamente bela. Eu achava que ela não possuía nem pele nem rosto bonito, mas naquela pele suave que ela possui, frequentemente corada, como ontem, decididamente há beleza; e pelo que pude observar de seus olhos e boca, tenho certeza de que são capazes de grande expressão quando ela tem algo a dizer. E seu ar, suas maneiras, seu tout ensemble, melhorou de modo indescritível! Ela deve ter crescido pelo menos duas polegadas desde outubro”.

“Ora! Ora! Você achou isso porque não havia mulheres altas para serem comparadas com ela, e porque ela estava com um vestido novo, e você jamais a viu tão bem vestida assim antes. Ela é exatamente o mesmo que era em outubro, acredite-me. A verdade é que ela era a única moça do grupo para você notar, e você precisa ter alguém. Sempre a achei bonita, não impressionantemente bela, mas ‘bonitinha’, como dizem as pessoas, com a espécie de beleza que surge. Seus olhos poderiam ser mais escuros, mas ela tem um sorriso doce. Porém, quanto a esse maravilhoso grau de progresso, tenho certeza de que pode ser resolvido com um estilo melhor de se vestir, e como você não tem outra pessoa para quem

olhar, se realmente começar a flertar com ela jamais conseguirá me convencer de que é para cumprimentá-la por sua beleza ou que isso não se deve apenas a seu ócio e estupidez”.

Seu irmão apenas sorriu diante dessa acusação, e pouco depois declarou, “Não consigo compreender Miss Fanny. Realmente não a entendo. Não sei o que ela pretendia ontem à noite. Qual é seu caráter? Ela é solene? É estranha? É pudica? Por que se afasta e olha para mim com expressão tão séria? Praticamente não consegui que ela falasse. Em toda minha vida, nunca estive por tanto tempo na companhia de uma moça, tentando entretê-la com tão pouco sucesso! Jamais conheci uma moça que me olhasse de modo tão sério! Preciso dobrá-la. Sua expressão diz, ‘Não vou gostar de você, estou determinada a não gostar de você’, e eu digo que ela se apaixonará”.

“Mas que tolo! Então é essa sua atração por ela, afinal! Como ela não liga para você, isso lhe confere uma pele suave, faz com que esteja mais alta e produz todos esses encantos e graças! Realmente desejo que você não lhe cause qualquer infelicidade; talvez um pouco de amor possa animá-la e lhe fazer bem, mas não quero que você mergulhe muito fundo, pois ela é uma criaturinha realmente boa, que possui muito sentimento”.

“Não durará mais de quinze dias”, disse Henry; “e se não conseguir dobrá-la em quinze dias, é por ela ter uma constituição que nada poderá salvar. Não, não lhe farei nenhum mal, minha querida pequena alma! Só quero que ela olhe para mim com delicadeza, que me dê alguns sorrisos e fique ruborizada, que guarde um lugar para eu me sentar ao seu lado, que se anime quando eu falar com ela, que pense como eu, que se interesse por todas as minhas posses e prazeres, que tente me manter em Mansfield por mais tempo e que sinta que jamais voltará a ser feliz quando eu for embora. Não desejo nada além disso”.

“A moderação em pessoa!”, disse Mary. “Quanto a mim, não devo ter escrúpulos. Bem, você terá várias oportunidades para tentar conquistá-la, pois estamos sempre juntas”.

E sem tentar fazer outras objeções, abandonou Fanny à sua própria sorte. Se seu coração não estivesse protegido de um modo insuspeitado por Miss Crawford, talvez tivesse sido mais difícil do que ela merecia, pois apesar de certamente haver jovens de dezoito anos que são inconquistáveis (ou jamais leríamos a respeito delas), que não podem ser persuadidas a amar, por maior que seja a pressão do talento, dos modos, da atenção e da lisonja, não acho que Fanny fosse uma delas, e penso que com tanta ternura, disposição e todo seu gosto inato, ela só escapou com o coração ileso da corte (apesar de uma corte de apenas quinze dias) de um homem como Crawford, apesar da má opinião sobre

ele que precisava destruir, porque a afeição da moça já se fixara em outro lugar. Com toda a segurança que o amor por outro e a falta de estima por ele dava à paz mental que ele atacava, suas atenções continuadas – continuadas, mas não impertinentes – adaptando-se mais e mais à gentileza e à afabilidade de seu caráter – logo a obrigou a desgostar menos dele do que antes. Ela não se esquecera do passado e continuava a pensar mal dele como antes, mas sentiu seus poderes: ele era divertido e suas maneiras haviam melhorado muito. Era tão polido, tão séria e inocentemente polido que era impossível não retribuir, não tratá-lo com civilidade.

Poucos dias foram necessários para que isso acontecesse; e ao fim desses poucos dias surgiram circunstâncias que tenderam a ampliar seus modos de agradá-la, considerando que lhe deram um grau de felicidade que fez com que ela se agradasse de todo mundo. William, seu irmão, o irmão ausente há tanto tempo e tão amado, estava novamente na Inglaterra. Ela recebera uma carta dele, algumas linhas felizes e apressadas, escritas quando o navio atravessava o Canal, e que foram enviadas para Portsmouth pelo primeiro barco que deixara o Antwerp ancorado em Spithead; e quando Crawford chegou com o jornal nas mãos, esperando trazer as primeiras notícias, encontrou-a trêmula de alegria com a carta, ouvindo com o semblante brilhante e grato o gentil convite que seu tio ditava calmamente como resposta.

Isso acontecera apenas um dia antes de Crawford tomar conhecimento completamente sobre o assunto e saber de fato que ela possuía um irmão que se encontrava naquele navio, mas o interesse fora devidamente despertado, fazendo com que, ao voltar para a cidade, ele buscasse informações quanto ao provável período do retorno do ‘Antwerp’ para o Mediterrâneo, etc.; e a boa sorte com que realizara a busca sobre navios na manhã seguinte pareceu recompensar seu engenho para encontrar um método para agradá-la e também para provar sua dedicada atenção para com o Almirante, por ter lido durante anos o jornal que divulgava as mais recentes informações navais. Contudo, ele chegara tarde demais. Todos aqueles maravilhosos sentimentos que ele esperara despertar já haviam sido despertados. Mas seu propósito e a gentileza de sua intenção foram reconhecidos com gratidão: com grande gratidão e com calor, pois ela venceu a timidez de sua mente pela força de seu amor por William.

O querido William logo estaria entre eles. Não havia dúvida de que obteria licença para se ausentar imediatamente, pois ainda era apenas um aspirante da marinha; e por viverem nas proximidades, seus parentes já deviam tê-lo visto, e talvez o vissem diariamente. Com justiça, poderia ser autorizado a passar suas férias com a irmã que fora sua melhor correspondente durante um período de sete anos, e com o tio que oferecera a maior parte de seu sustento e progresso, e de acordo com a resposta à sua carta, fixariam um dia para sua

chegada, o mais cedo possível; mal tinham se passado dez dias desde que Fanny comparecera à agitação de seu primeiro convite para jantar, quando se encontrou em meio a uma agitação de natureza ainda maior, tentando ouvir do vestibulo, do saguão e das escadas, o primeiro som da carruagem que traria seu irmão.

Felizmente ele chegou enquanto ela o esperava desse modo, e como não houve nem cerimônia nem medo de adiar o momento do encontro, ela foi recebê-lo assim que ele entrou na casa, e os primeiros minutos daquele sentimento delicado não foram interrompidos nem testemunhados, exceto que pelos os criados que estavam decididos a abrir as portas. Aquilo era exatamente o que Sir Thomas e Edmund haviam planejado separadamente e provaram um ao outro pela presteza com que ambos aconselharam Mrs. Norris a permanecer onde estava, em vez de correr até o saguão assim que o ruído da chegada os alcançou.

William e Fanny logo apareceram; e Sir Thomas teve o prazer de receber seu protegido, certamente uma pessoa muito diferente da que ele equipara há sete anos, mas um jovem rapaz de fisionomia aberta e agradável, franco, natural, sensível, mas com maneiras e sentimentos respeitosos, como já lhe confirmara um amigo seu.

Demorou bastante tempo para Fanny conseguir se recuperar da agitada felicidade daquela hora constituída dos trinta minutos de expectativa e dos trinta minutos de satisfação; demorou algum tempo para sua alegria fazê-la realmente feliz e só depois de desfeito o desapontamento pela alteração que o tempo causara em seu aspecto físico, ela conseguiu ver nele o mesmo William de antes e conversar com ele como seu coração ansiara durante a maior parte do ano anterior. Contudo, essa ocasião surgiu gradativamente, proporcionada por uma afeição tão calorosa quanto a dela, porém muito menos inibida pelo refinamento e pela falta de autoconfiança. Ela fora o primeiro objeto de seu amor, mas era um amor que seu espírito mais forte e temperamento mais corajoso possibilitavam expressar e sentir com naturalidade. No dia seguinte caminhavam juntos com verdadeira alegria e cada dia que passava renovava uma intimidade que Sir Thomas não podia deixar de observar com complacência, antes mesmo de Edmund chamar sua atenção para o que se passava.

Exceto pelos momentos de peculiar felicidade provocados pela ocorrência de alguma inesperada demonstração de consideração por parte de Edmund, nos últimos meses Fanny jamais conhecera tanta felicidade quanto nesse relacionamento com seu irmão que era amigo, impulsivo, igual e sem medo, que abria seu coração para ela e lhe contava todas as suas esperanças e temores, planos e anseios voltados para sua promoção tão merecida e justamente

valorizada, que podia lhe dar informações diretas e detalhadas sobre seu pai, mãe, irmãos e irmãs, sobre os quais ela quase não ouvia nada, que se interessava por todas as comodidades e dificuldades de sua casa em Mansfield, pronto a considerar cada membro da casa do modo que ela desejava, discordando dela apenas devido a uma opinião menos escrupulosa e aos insultos mais barulhentos de sua tia Norris, e com quem podia (talvez a maior indulgência de todas) falar sobre todo o mal e todo o bem dos primeiros anos vividos juntos, rememorando as antigas dores e prazeres como as mais prazerosas recordações. Uma vantagem advinda disso foi o fortalecimento do amor no qual até os laços fraternos têm primazia sobre os conjugais. Crianças de uma mesma família, do mesmo sangue, com as mesmas primeiras associações e hábitos, têm em seu poder alguns meios para se divertir que nenhuma ligação subsequente pode proporcionar, e para esses preciosos resquícios sobreviverem inteiramente deve haver uma longa e inconveniente separação, um divórcio que nenhuma ligação subsequente possa justificar. Assim acontece com grande frequência! Para algumas pessoas, algumas vezes o amor fraternal é tudo, para outras é pior que nada. Mas para William e Fanny Price era um sentimento cheio de energia e frescor, não ferido por interesses opostos nem esfriado por ligações separadas – era um sentimento que a influência do tempo e da ausência só aumentara.

Na opinião de todos que possuíam um coração que valorizava algo de bom, aquela afeição tão amigável elevava a ambos. Henry Crawford foi mais afetado que todos os outros. Ele honrou o coração afável do jovem marinheiro, o que o levou a dizer, com as mãos estendidas em direção à cabeça de Fanny, “Sabe, já começo a gostar dessa moda esquisita, apesar de não acreditar quando ouvi que essas coisas aconteciam na Inglaterra. E quando Mrs. Brown e outras mulheres da Comissão de Gibraltar apareceram os mesmos enfeites, pensei que fossem loucas, mas Fanny consegue me reconciliar com qualquer coisa”; e com viva admiração notou o esplendor no rosto de Fanny, o brilho de seus olhos, o profundo interesse, a atenção absorta enquanto seu irmão descrevia os perigos iminentes ou as cenas terríveis que podem ocorrer em um período tão longo em alto mar.

Era um quadro que Henry Crawford tinha suficiente gosto moral para valorizar. Os encantos de Fanny aumentaram, dobraram, pois a sensibilidade que embelezava sua aparência e iluminava seu rosto era uma atração em si mesma. Ele não mais duvidava da capacidade de seu coração. Ela possuía sentimentos, sentimentos genuínos. Seria incrível ser amado por tal jovem, despertar os primeiros ardores daquela jovem mente ingênua e sem experiência! Ela o interessava mais do que imaginara. Quinze dias não eram suficientes. Sua estadia se tornou indefinida.

William era frequentemente solicitado por seu tio para conversar. Seus

relatos divertiam Sir Thomas, mas o principal objetivo ao solicitá-los era compreender o narrador, conhecer o jovem através de suas histórias; e ele ouvia com satisfação os detalhes claros, simples e vivos, vendo neles a prova dos bons princípios, do conhecimento profissional, da energia, da coragem, da alegria, de tudo que ele merecia ou prometia de bom. Jovem como ele era, William já vira muita coisa. Estivera no Mediterrâneo; nas Índias Ocidentais; novamente no Mediterrâneo; fora várias vezes desembarcado devido à generosidade de seu capitão, e durante aqueles sete anos enfrentara toda sorte de perigos que o mar e a guerra em conjunto podem oferecer. Com tais meios em seu poder, tinha direito a ser ouvido; e apesar de Mrs. Norris não parar de se agitar pela sala e perturbar a todos procurando dois fios de linha ou um botão de camisa de segunda mão, em meio à história de seu sobrinho sobre um naufrágio ou de um encontro, todos os outros se mantinham atentos; e até Lady Bertram não conseguia ouvir esses horrores sem se emocionar, e algumas vezes levantava os olhos de seu trabalho para dizer: “Santo Deus! Que desagradável! Não sei como alguém pode ir para o mar.”

Esses relatos provocavam um sentimento diferente em Henry Crawford. Gostaria de ter ido para o mar, visto, feito e sofrido tudo aquilo. Seu coração se aquecia, sua imaginação se incendiava e ele sentia o maior respeito por um rapaz que, antes de seus vinte anos, já passara por tais sofrimentos físicos e dera tais provas de consciência. A glória do heroísmo, da utilidade, do esforço e da tolerância fazia com que seus próprios hábitos de indulgência egoísta parecessem vergonhosos; e gostaria de ser como William Price, distinguir-se, abrir caminho para a fortuna e a importância com aquele amor próprio e aquela feliz empolgação em vez de ser quem era!

O desejo era mais impulsivo que duradouro. Uma pergunta de Edmund sobre seus planos de caçada para o dia seguinte o despertou do sonho de retrospectão e pesar e ele achou bom ser um homem de fortuna que possuía cavalos e tratadores à sua disposição, pois lhe proporcionava os meios de demonstrar sua bondade sempre que desejasse fazer um favor. Com humor, coragem e curiosidade para com tudo, William demonstrava uma inclinação para a caça; e Crawford pôde lhe emprestar uma montaria sem qualquer inconveniência, precisando apenas afastar alguns escrúpulos de Sir Thomas, que sabia melhor que o sobrinho o valor daquele empréstimo, e aplacar algumas inquietações de Fanny. Ela temia por William, pois seus relatos sobre proezas equestres em vários países, escaramuças em que havia se engajado, rudes cavalos e mulas que montara, ou seus muitos escapes de quedas terríveis, não a haviam convencido de ele fosse capaz de montar um robusto cavalo em uma caçada inglesa à raposa; Antes que ele retornasse são e salvo, sem acidente ou descrédito, não conseguiu aceitar o risco ou sentir por Mr. Crawford a devida

gradidão pelo empréstimo do cavalo que este último esperava tão intensamente produzir. Contudo, quando ela se convenceu de que William não sofrera qualquer dano, pode admitir que fora uma gentileza e até recompensou o proprietário do animal com um sorriso breve quando o cavalo lhe foi devolvido novamente; e, em seguida, com a maior cordialidade e de modo completamente irresistível, ele lhe facultou o uso durante todo tempo que permanecesse em Northamptonshire.

CAPÍTULO XXV

Nesse período, as relações entre as duas famílias foram restauradas de modo mais íntimo que no outono, de um modo que nenhum dos membros do antigo grupo poderia sequer imaginar. A volta de Henry Crawford e a chegada de William Price contribuíram muito para isso, mas a maior tolerância de Sir Thomas para com as tentativas de seus vizinhos da casa paroquial também ajudou muito. Livre dos cuidados que o haviam pressionado a princípio, sua mente agora estava à vontade para achar que os Grant e seus jovens hóspedes realmente mereciam ser visitados; e embora, muito acima das conspirações ou maquinações para estabelecer um matrimônio dos mais vantajosos para um de seus queridos e desdenhando a pequenez míope de tais coisas, não podia deixar de perceber que, de uma forma descuidada e magnífica, Mr. Crawford estava de alguma forma distinguindo sua sobrinha, e, talvez inconscientemente, não evitou parecer mais disposto a convidá-lo por causa disso.

Porém, quando finalmente surgiu o convite, depois de muitas dúvidas e debates sobre sua conveniência “porque Sir Thomas parecia pouco inclinado e Lady Bertram era tão indolente!”, sua prontidão em concordar em jantar na casa paroquial foi apenas em nome da boa educação e da boa vontade e não teve nada a ver com Mr. Crawford, mas sim para formar um grupo agradável, pois foi no decurso dessa primeira visita que, como qualquer pessoa que tivesse o hábito de fazer esse tipo de observação, ele começou a perceber que Mr. Crawford era admirador de Fanny Price.

Todos consideraram o encontro de certa forma agradável, composto em boa proporção de pessoas que falavam e que ouviam; o jantar em si foi elegante e farto, de acordo com o estilo costumeiro dos Grant, e muito de acordo com os hábitos de todos para despertar qualquer reação, exceto em Mrs. Norris, que jamais pudera aceitar com paciência a ampla mesa de jantar ou o número de pratos servidos, e sempre inventava experimentar um mau agouro quando os criados passavam por trás de sua cadeira e expressava sua plena convicção de que seria impossível dentre tantos pratos alguns já não se encontrarem frios.

À noite, de acordo com o que predeterminara Mrs. Grant e sua irmã, depois de formarem as duplas para o jogo de uíste, notaram ainda havia um número suficiente de pessoas para uma rodada de cartas, e porque não havia como todos discordarem, como sempre acontece nessas ocasiões, logo decidiram jogar especulação; e Lady Bertram se encontrou na situação crítica de precisar escolher entre os dois jogos e lhe pediram para puxar ou não uma carta para o uíste. Ela hesitou. Felizmente Sir Thomas estava por perto

“O que devo escolher, Sir Thomas? Uíste ou especulação? O que vai me

divertir mais?”

Depois de refletir por um momento, Sir Thomas recomendou especulação. Ele mesmo era jogador de uíste e talvez sentisse que não seria muito divertido tê-la como parceira.

“Muito bem”, foi a resposta satisfeita da dama, “então especulação, for favor Mrs. Grant. Não sei nada sobre esse jogo, mas Fanny pode me ensinar”.

Porém, Fanny a interrompeu com ansiosos protestos de igual ignorância. Jamais jogara aquele jogo nem assistira ninguém jogando em sua vida; e lady Bertram sentiu um momento de indecisão novamente; mas depois de todos afirmarem que nada poderia ser mais fácil e que não existia jogo de cartas mais simples que aquele, Henry Crawford se adiantou e pediu permissão para se sentar entre Lady Bertram e Miss Price para ensinar a ambas, e tudo se resolveu. Sir Thomas, Mrs. Norris, Dr. e Mrs. Grant compuseram a mesa de uíste, de categoria intelectual privilegiada, e os outros seis, sob o comando de Miss Crawford, se ajoelaram em torno da outra. Foi um ótimo arranjo para Henry Crawford, que ficou perto de Fanny e manteve as mãos atarefadas, pois tinha que manejar as cartas de mais duas pessoas, além das suas próprias; por ser impossível Fanny se sentir mestre das regras do jogo em três minutos, ele fazia questão de estimular seu jogo, aguçar sua cobiça e endurecer seu coração, trabalho bastante difícil, sobretudo por ela estar competindo contra William; e, quanto à Lady Bertram, ele precisou se encarregar de toda sua fama e fortuna durante a noite inteira, ser suficientemente rápido para evitar que ela olhasse as cartas durante a distribuição e instruí-la sobre tudo que devia ser feito até o fim.

Ele estava de muito bom humor, fazia tudo com alegre tranquilidade, era excelente em todas as rodadas, demonstrava ter recursos rápidos e um atrevimento divertido que só honrava o jogo, e a partida era um confortável contraste com a sólida sobriedade e o ordeiro silêncio da outra mesa.

Por duas vezes, Sir Thomas perguntou sobre a alegria e o sucesso de sua mulher, mas em vão; nenhuma pausa foi suficientemente longa e necessária para seus modos comedidos; e muito pouco de seu estado pôde ser conhecido até o fim da primeira rodada, quando Mrs. Grant conseguiu se aproximar dela e cumprimentá-la.

“Espero que a senhora esteja se divertindo com o jogo”.

“Oh, sim, querida! é verdadeiramente muito divertido. Um jogo muito estranho. Ainda não sei de que se trata. Nunca consigo ver minhas cartas, e Mr. Crawford faz todo o resto”.

“Bertram”, disse Crawford algum tempo depois, aproveitando a

oportunidade de uma pequena trégua no jogo. “Não lhe contei o que me aconteceu ontem, quando cavalgava de volta para casa”. Eles haviam caçado juntos e se encontravam a alguma distância de Mansfield quando descobriram que seu cavalo perdera uma ferradura. Henry Crawford fora obrigado a desistir e voltar para casa da melhor maneira possível. “Já lhe disse que me perdi depois de passar por aquela velha casa de fazenda com os teixos, pois detesto perguntar; mas não lhe contei que com minha costumeira sorte – nunca me engano ao confiar nela – encontrei-me em um lugar que sempre tive curiosidade de ver. De repente, eu estava na curva de um campo bastante íngreme, em meio a uma pequena aldeia retirada, construída delicadamente entre suaves colinas. Havia um pequeno riacho, uma igreja em uma espécie de outeiro à minha direita, igreja esta surpreendentemente grande e bonita para o lugar, e não consegui localizar nem uma casa senhorial que servisse de morada a um cavalheiro, exceto uma, presumivelmente a casa paroquial, à pequena distância do outeiro e da igreja. Em suma, eu me encontrava em Thornton Lacey.

“Parece que você tem razão”, disse Edmund; “mas que caminho você tomou depois de passar pela fazenda de Sewell?”

“Não vou responder a questões irrelevantes e insidiosas; mas se eu respondesse a todas as suas perguntas no decorrer de uma hora, você jamais poderia provar que não era Thornton Lacey, pois certamente era”.

“Então você perguntou?”

“Não. Jamais pergunto. Mas eu disse a um homem que remendava uma cerca que aquele lugar era Thornton Lacey e ele concordou”.

“Você tem uma boa memória. Esqueci-me que já havia lhe falado sobre aquele lugar”.

Thornton Lacey era o nome de sua futura moradia, como Miss Crawford bem sabia; e isso aumentou seu interesse em negociar um valete com William Price.

“Bem”, continuou Edmund, “e você gostou do que viu?”

“Muitíssimo, de verdade. Você é um sujeito de sorte. Haverá no mínimo cinco verões de trabalho antes que o lugar se torne habitável”.

“Não, não, não é tão ruim quanto você diz. É certo que o curral deve ser transferido para outro lugar, mas não sei de mais nada. A casa não é ruim, e quando o curral for retirado o caminho para a casa será bastante razoável”.

“O curral deve ser totalmente demolido e reconstruído de modo a esconder a oficina do ferreiro. A frente da casa deve ser virada para o leste, e

não para o norte – a entrada e as salas principais devem ficar desse lado, onde a vista é realmente muito bonita. Tenho certeza de que pode ser feito. E ainda há o caminho para se chegar à casa, onde atualmente existe o jardim. Você deve fazer um novo jardim inclinado para o sudeste, do lado onde atualmente é a parte de trás da casa, e isso lhe dará o melhor aspecto do mundo. O terreno parece ter sido formado precisamente para isso. Caminhei cinquenta jardas pela estrada que fica entre a igreja e a casa para olhar em torno e vi como poderia ficar. Nada poderia ser mais fácil. O prado que se estende dali poderá ser o jardim, e o que agora ladeia o caminho onde eu me encontrava, a nordeste, ou seja, a principal estrada que corta a aldeia, naturalmente deve se unir a ele. São prados muito belos, finamente salpicados de árvores. Suponho que pertençam ao presbitério, caso contrário você deverá comprá-los. E depois há o regato – algo deve ser feito com relação a ele, mas não consegui determinar o que. Mas tive duas ou três ideias”.

“Também tenho duas ou três ideias”, disse Edmund, “e uma delas é que muito pouco de seu plano para Thornton Lacey será posto em prática. Devo me satisfazer com menos enfeites e menos beleza. Creio que a casa e os arredores devem ser melhorados para se tornarem confortáveis e a casa deve adquirir a aparência da residência de um cavalheiro, mas sem grandes despesas. Isso deve bastar para mim, e espero, para os que me querem bem”.

Miss Crawford, um pouco desconfiada e ressentida pelo tom de voz e pelo olhar de esguelha que acompanhara a última expressão de suas esperanças, rapidamente encerrou suas negociações com William Price; e depois de rematar seu valete por um preço exorbitante, exclamou: “Pois bem, vou apostar meu último trunfo como uma mulher de coragem. Nada de fria prudência para mim. Não nasci para ficar sentada sem fazer nada. Se perder o jogo não será por não ter me empenhado”.

Ela ganhou a rodada, mas não pagou o que descartara para vencer. Começou outra rodada e Crawford recomeçou a falar sobre Thornton Lacey.

“Meu plano pode não ser o melhor do mundo, pois tive poucos minutos para compô-lo, mas você pode fazer muita coisa. O lugar merece e você não se satisfará com menos do que é capaz de oferecer. (Perdão, mas a senhora não deve olhar suas cartas. Ai está, deve deixá-las viradas diante de si). O lugar merece, Bertram. Você fala em dar-lhe a aparência de uma residência de cavalheiro. Isso será feito com a remoção do curral. Independente desse terrível estorvo, jamais vi uma casa que, por si mesma, tivesse tamanha aparência de uma residência senhorial, tamanho ar de distinção – parece mais que uma mera casa paroquial e vale mais que a despesa de algumas centenas por ano. Não se trata apenas de uma embaralhada coleção de salas, com mais telhado que

janelas. Não é apertada como uma vulgar compactação de uma casa quadrada de fazenda. É uma casa sólida com aspecto de mansão, espaçosa como uma respeitável velha casa que abrigou gerações e gerações de uma mesma família pelo menos pelos últimos dois séculos, e que agora gasta de duas a três mil libras por ano com ela”. Miss Crawford ouvia e Edmund concordou com ele. “Portanto você pode lhe dar a aparência de uma residência de cavalheiro fazendo pouca coisa. Mas ela se presta a muito mais. (Deixe-me ver Mary; Lady Bertram aposta doze nessa dama; não, não, uma dúzia é mais do que ela vale. Lady Bertram não aposta doze. Ela passa. Continuem, continuem.) Não digo que realmente precise seguir meu plano em todos os seus detalhes, mas duvido que alguém surja com outro melhor. Como sugeri, fazendo algumas melhorias você pode dar a ela um caráter superior. Poderá elevar sua posição. Ao ser melhorada de modo sensato, deixará de ser uma mera residência de cavalheiro para se tornar a residência de um homem educado, de bom gosto, moderno e de boas relações. A casa vai adquirir essa aparência e o proprietário será reconhecido como o grande latifundiário da paróquia por todas as criaturas que viajarem por aquela estrada, sobretudo porque não há outra casa para reclamar o posto – cá entre nós, essa circunstância vai valorizar a situação de privilégio e independência mais do que se imagina. Espero que você concorde comigo. Voltando-se para Fanny com voz mais suave, perguntou: “Você já conhece o lugar?”

Fanny rapidamente negou e tentou esconder seu interesse no assunto voltando toda sua atenção para o irmão que tentava fazer um bom negócio, ganhando dela o máximo que conseguisse; mas Crawford continuou, “Não, não, você não deve dispor da dama. Você a comprou pagando muito caro e seu irmão não está lhe oferecendo nem a metade do que vale. Não senhor, tire suas mãos daí. Sua irmã não quer se desfazer da dama. Está absolutamente determinada”, e voltando-se para ela, “Vai ganhar a rodada. Certamente ganhará a rodada”.

“E Fanny preferiria que William fosse o ganhador”, disse Edmund, sorrindo para ela. “Pobre Fanny! Nem pode se prejudicar como deseja!”

“Mr. Bertram”, disse Miss Crawford alguns minutos depois, “você sabe que Henry é um ótimo multiplicador de capital e você não pode fazer absolutamente nada em Thornton Lacey sem aceitar sua ajuda. Lembre-se do quanto ele foi útil em Sotherton! Apenas lembre-se das grandes coisas que foram feitas ali por termos ido para lá com ele em um dia quente de agosto, fundamentando suas razões, e para ver seu gênio se inflamar. Fomos para lá e voltamos para casa novamente; e é incrível o ali foi feito!”

Os olhos de Fanny se voltaram para Crawford por um momento, com uma expressão mais que séria, até repreensiva; mas ao se encontrar com os dele, desviou-os instantaneamente. Consciente disso, ele balançou a cabeça para sua

irmã e, rindo, replicou: “Não posso dizer que se fez muito em Sotherton; mas o dia estava quente e estávamos todos desnorteados, correndo uns atrás dos outros”. Assim que o ruído geral lhe proporcionou proteção, ele acrescentou em voz baixa, apenas para Fanny: “Lamento que minha capacidade de planejar seja julgada pelo dia em Sotherton. Agora vejo tudo de modo muito diferente. Não pense em mim como me mostrei naquela época”.

Sotherton era uma palavra que chamava a atenção de Mrs. Norris, e estando no feliz lazer que acompanhava o bizarro truque que ganhar dinheiro com o capital de Sir Thomas e apostar seu próprio dinheiro contra as maiores mãos do Dr. e de Mrs. Grant, ela exclamou de bom humor: “Sotherton! Sim, é um lugar magnífico e passamos um dia adorável ali. William, você não teve sorte; mas na próxima vez que você vier, espero que os queridos Mr. e Mrs. Rushworth estejam em casa, e estou certa de que você será gentilmente recebido por ambos. Seus primos não são do tipo que se esquecem de suas relações, e Mr. Rushworth é um homem muito amável. Eles agora estão em Brighton, em uma das melhores casas de lá, como lhes permite a bela fortuna de Mr. Rushworth. Não sei exatamente qual a distância até lá, mas quando voltar a Portsmouth, se não for longe demais, deve ir visitá-los e lhes apresentar seus respeitos, e poderia mandar um pacotinho através de você às suas primas”.

“Ficaria muito feliz, tia; mas Brighton fica quase ao lado de Beachey Head, e mesmo que viajasse para um local tão distante não poderia esperar ser bem recebido em um lugar tão elegante, um pobre pequeno aspirante da marinha como sou”.

Mrs. Norris começara a garantir que ele poderia esperar grande afabilidade na recepção quando foi interrompida por Sir Thomas, que disse com autoridade: “Não o aconselho a ir a Brighton, William, e tenho certeza de que haverá outras oportunidades mais convenientes para você encontrá-los, mas minhas filhas ficarão felizes em ver seus primos em qualquer lugar, e você verá que Mr. Rushworth estará sinceramente disposto a considerar todas as relações de nossa família como se fossem suas”.

“Preferiria encontrá-lo como secretário particular do Primeiro Lorde do Almirantado, mais que qualquer outra coisa”, foi a única resposta de William, em voz bem baixa para que não fosse ouvida muito longe, e o assunto foi abandonado”.

Mesmo sem ter visto nada de mais no comportamento de Mr. Crawford, quando a mesa de uíste se desfez ao final da segunda rodada, deixando o doutor Grant e a senhor Norris na disputa para a última mão, Sir Thomas passou a observar a outra mesa e viu que sua sobrinha era o objeto das atenções, ou

melhor, das declarações de caráter um tanto incisivo.

Henry Crawford manifestava o primeiro ardor de outro plano para Thornton Lacey, e como não conseguia captar a atenção de Edmund, o detalhava para sua bela vizinha com um ar de considerável seriedade. O novo plano era ele próprio alugar a casa no inverno seguinte para poder ter sua própria residência nas vizinhanças; e não apenas para usá-la durante a temporada de caça (como explicava naquele momento), embora essa ideia tivesse certo peso na decisão, pois sentia que, apesar da grande gentileza de Dr. Grant, seria impossível ele e seus cavalos serem acomodados em sua casa sem lhe causar grande inconveniência material. Porém, seu apreço por aquele lugar não dependia de um entretenimento ou de uma estação do ano: ele, de coração, desejava possuir ali um lugar para o qual pudesse voltar a qualquer momento, uma pequena moradia que fosse só sua, onde pudesse passar todos os feriados de seu ano, e onde ele pudesse continuamente melhorar e aperfeiçoar o vínculo e a intimidade com a família de Mansfield Park, que valorizava a cada dia mais. Sir Thomas o ouviu e não se ofendeu. Não havia qualquer falta de respeito no que dizia o jovem, e a recepção de Fanny foi tão adequada e modesta, tão calma e pouco convidativa que ele não teve nada a censurar nela. Ela disse pouco, concordando apenas aqui e ali, não traíndo qualquer inclinação para tomar para si qualquer parte do cumprimento ou para fortalecer sua opinião a favor de Northamptonshire. Notando quem o observava, Henry Crawford falou sobre o assunto com Sir Thomas em um tom mais sóbrio, mas ainda com sentimento.

“Desejo ser seu vizinho, Sir Thomas, como provavelmente me ouviu dizer à Miss Price. Posso contar com sua concordância e ter certeza de que não vai influenciar seu filho contra tal inquilino?”

Inclinando-se gentilmente, Sir Thomas respondeu: “Esse é o único modo, meu senhor, que não desejaria que se estabelecesse como vizinho permanente; pois, espero e acredito, que Edmundo ocupe a casa de Thornton Lacey. Edmundo, estou falando demais?”

Diante desse apelo, Edmund primeiro teve que se inteirar do que acontecia e, ao compreender a pergunta, não teve dificuldade para responder.

“Certamente, senhor, não tenho outra ideia senão morar lá. Mas Crawford, apesar de recusá-lo como locatário, vá me visitar como amigo. Considere a casa como metade sua durante o inverno, e aumentaremos os estábulos como você já planejou e faremos todas as melhorias que poderão lhe ocorrer para melhorar seu plano durante a primavera”.

“Seremos os perdedores”, continuou Sir Thomas. “Ele precisará atravessar oito milhas para nos ver e isso será indesejável para nosso círculo

familiar; mas eu ficaria profundamente mortificado se qualquer filho meu se conformasse com menos. É perfeitamente natural que você não tenha pensado muito no assunto, Mr. Crawford. Mas um pároco tem anseios e necessidades que só podem ser conhecidos por outro clérigo com residência permanente, e que nenhum substituto tem condições de satisfazer na mesma medida. Segundo a expressão comum, Edmund teria condições de cumprir seu dever em Thornton, isto é, poderia ler as orações e pregar sem sair de Mansfield Park iria para lá todos os domingos, para uma casa nominalmente desabitada, e realizaria o serviço divino; seria o clérigo de Thornton Lacey por três ou quatro horas a cada sete dias, se isso o contentasse. Mas não se contentará. Sabe que a natureza humana tem necessidade de mais lições que um sermão semanal, e que se não morar entre seus paroquianos e provar sua amizade e desejo de promover o bem através de atenção constante fará muito pouco por eles e por si mesmo.

Mr. Crawford inclinou a cabeça para demonstrar sua concordância.

“Repito mais uma vez que Thornton Lacey é a única casa nas vizinhanças que eu não gostaria de ver ocupada por Mr. Crawford”, acrescentou Sir Thomas.

Mr. Crawford se inclinou novamente, agradecendo.

“Sir Thomas”, disse Edmund, “sem dúvida compreende o dever de um pároco. Esperemos que o filho também possa provar que compreende”.

Fosse qual fosse o efeito produzido pelo pequeno discurso de Sir Thomas sobre Mr. Crawford, ele causou sensações estranhas em duas outras pessoas, duas das ouvintes mais atentas, Miss Crawford e Fanny. Uma delas, por não ter notado que logo Thornton e tão completamente se tornaria a residência de Edmund, de olhos baixos Fanny ponderava como seria não ver Edmund todos os dias; enquanto que a outra, surpresa com as agradáveis fantasias às quais previamente se entregara diante da força da descrição de seu irmão, não mais conseguia excluir a igreja do retrato que formara da futura Thornton, anular o clérigo e ver apenas a respeitável, elegante, modernizada e ocasional residência de um homem de fortuna independente. Com decidida má vontade, considerou Sir Thomas como o destruidor de tudo isso e sofria ainda mais por essa involuntária indulgência que seu caráter e maneiras comandavam, mas não ousava aliviar a si mesma esse sentimento lançando o ridículo sobre sua causa.

Tudo de agradável que havia em sua especulação terminara naquele momento. Se os sermões prevalescessem era hora de lançar as cartas, e ela se alegrou com a necessidade de terminar o jogo e poder refrescar seu espírito com uma mudança de lugar e de vizinho.

A maior parte do grupo agora se reunia de forma irregular em torno da

lareira, esperando o final da visita. William e Fanny eram os mais afastados. Havia permanecido na mesa de jogos, agora deserta, conversando de modo muito confortável, sem pensar nos outros até que os outros começaram a pensar neles. Henry Crawford foi o primeiro a aproximar a cadeira deles, sentando-se em silêncio, observando-os por alguns minutos; enquanto isso, ele próprio era observado por Sir Thomas, que estava em pé conversando com Dr. Grant.

“Hoje é a noite do baile”, disse William. “Se eu estivesse em Portsmouth, talvez participasse dele”.

“Mas você não deseja estar em Portsmouth, não é William?”

“Não, Fanny, não desejo. Terei tempo para Portsmouth e seus bailes quando não puder ter sua companhia. E não sei se teria sido bom comparecer ao baile, pois talvez não conseguisse um par. As moças de Portsmouth torcem o nariz para qualquer pessoa que não tenha uma patente. Um aspirante da marinha é o mesmo que nada. Na verdade, não somos nada. Você se lembra das Gregory? São moças finíssimas, mas praticamente não falam comigo, porque Lucy está sendo cortejada por um tenente”.

“Oh! Que vergonha, que vergonha! Mas não se importe William” (seu rosto ardia de indignação enquanto falava). “Não vale a pena se preocupar. Isso não deve afetá-lo; todos os grandes almirantes passaram mais ou menos por isso, em sua época. Você deve pensar e tentar considerar isso como um dos aborrecimentos que atingem todos os marinheiros, como mau tempo e vida dura, apenas com a vantagem de que isso um dia terminará. Chegará o dia em que você não terá que passar por nada disso. Quando chegar a tenente! Pense apenas William, quando for tenente, você não terá que se incomodar com nenhum absurdo desse tipo”.

“Começo a pensar que jamais chegarei a tenente, Fanny. Todo mundo chega lá, menos eu”.

“Oh! Meu querido William, não diga isso; não seja tão pessimista. Meu tio não diz nada, mas tenho certeza de que fará tudo que estiver em seu poder para ajudá-lo. Ele sabe tão bem quanto você a importância que isso tem”.

Ela foi alertada pela visão de seu tio que estava muito mais perto do que ela suspeitava, e eles acharam melhor conversar sobre outro assunto qualquer.

“Você gosta de dançar, Fanny?”

“Sim, muito; mas me canso logo”.

“Eu gostaria de ir a um baile com você para vê-la dançar. Nunca há bailes em Northampton? Eu gostaria de vê-la dançar, e dançaria com você se

você quisesse, pois aqui ninguém saberia quem eu sou. Gostaria de ser seu par mais uma vez. Nós costumávamos dançar muitas vezes, não é mesmo? quando o homem do realejo aparecia na rua? À minha maneira, sou bom dançarino, mas garanto que você é melhor”. E voltando-se para seu tio, que agora estava bem perto deles, falou, “Fanny não é uma excelente dançarina, meu senhor?”

Horrorizada com a pergunta sem precedentes, Fanny não sabia para onde olhar, ou como se preparar para ouvir a resposta. Certamente viria alguma censura muito séria, ou no mínimo a mais fria expressão de indiferença que afligiria seu irmão e faria com que ela afundasse no assoalho. Mas, ao contrário, não foi pior que, “Lamento dizer, mas não sei responder sua questão. Não vejo Fanny dançar desde que ela era apenas uma menininha; mas tenho certeza que ela se sairá tão bem quanto uma jovem dama, e talvez possamos ter uma oportunidade muito em breve”.

“Tive o prazer de ver sua irmã dançar, Mr. Price”, disse Henry Crawford inclinando-se para frente, “e vou lhe responder todas as perguntas que fizer sobre esse assunto, de modo a satisfazê-lo totalmente”. Vendo que Fanny parecia aflita, acrescentou, “Mas acredito que isso terá que ficar para outra ocasião. Há uma pessoa no grupo que não gosta que se fale de Miss Price”.

Na verdade, ele vira Fanny dançar uma vez; e era igualmente verdade que teria respondido que ela deslizara com tranquila e delicada elegância e com ritmo admirável; mas, de fato, não conseguia se lembrar onde isso acontecera e só tinha certeza de que ele estivera presente, mas não se recordava de mais nada sobre ela.

Ele, contudo, passou por admirador de sua dança; e Sir Thomas, nem um pouco aborrecido com tudo isso, prolongou a conversa sobre dança em geral, e se entusiasmou tanto ao descrever os bailes em Antígua e ao ouvir o que seu sobrinho podia relatar sobre os diferentes modos de dançar que observara que não ouvira a carruagem ser anunciada e teve que tomar conhecimento do fato pela agitação causada por Mrs. Norris.

“Venha Fanny! Fanny, o que está fazendo? Estamos indo. Não vê que sua tia está se retirando? Depressa, depressa! Não posso deixar o bom velho Wilcox esperando. Você deve sempre se lembrar do cocheiro e dos cavalos. Meu caro Sir Thomas, determinamos que a carruagem deve voltar para buscá-lo, e a Edmund e William”.

Sir Thomas não pôde protestar, pois aquele arranjo fora seu, previamente comunicado à sua mulher e sua irmã; mas parece que Mrs. Norris se esquecera do fato e achava que fora ela quem decidira tudo.

O último sentimento de Fanny com relação à visita foi de desapontamento: o xale que Edmund tranquilamente recebia da criada para colocar em torno de seus ombros foi apanhado pela mão ágil de Mr. Crawford, e ela foi obrigada a se submeter a mais essa atenção.

CAPÍTULO XXVI

O desejo de William de ver Fanny dançar causou mais que uma impressão momentânea em seu tio. A esperança de uma oportunidade dada por Sir Thomas não foi apresentada para ser esquecida. Ele desejou satisfazer aquele sentimento tão amigável, e para agradar qualquer pessoa que desejasse ver Fanny dançar e dar prazer aos jovens em geral, pensou no assunto e tomou sua resolução com tranquilidade independência. O resultado foi informado no desjejum da manhã seguinte, e depois de lembrar e comentar o que o sobrinho dissera, acrescentou, “William, eu não gostaria que você deixasse Northamptonshire sem essa satisfação. Eu teria muito prazer em ver vocês dois dançarem. Você mencionou sobre bailes em Northampton. Seus primos ocasionalmente os frequentavam, mas agora deixaram de ser adequados para nós. Sua tia se cansaria demais. Creio que não devíamos pensar em um baile em Northampton. Uma dança em casa seria mais conveniente; e se...”

“Ah, meu caro Sir Thomas!”, interrompeu Mrs. Norris, “Eu sabia o que estava por vir. Sabia o que o senhor diria. Se a querida Julia estivesse em casa ou a queridíssima Mrs. Rushworth estivesse em Sotherton, para termos um motivo, uma ocasião para uma coisa dessas, o senhor ficaria tentado a oferecer um baile aos jovens de Mansfield. Tenho certeza. Se estivessem em casa para embelezar o baile o senhor o organizaria neste Natal. Agradeça seu tio, William, agradeça seu tio!”

“Minhas filhas”, respondeu Sir Thomas, dizendo com gravidade, “têm seus prazeres em Brighton e espero que estejam muito felizes, mas o baile que tenciono dar em Mansfield será para seus primos. Se pudéssemos estar todos reunidos, sem dúvida nossa satisfação seria mais completa, mas a ausência de alguns não deve privar os outros de seu divertimento”.

Mrs. Norris não disse nem mais uma palavra. Viu a decisão em seu olhar, e sua surpresa e irritação exigiram alguns minutos de silêncio para se transformarem em compostura. Um baile naquela época! Com suas filhas ausentes e sem consultá-la! Entretanto, ela logo teria um consolo. Seria responsável por tudo: Lady Bertram certamente seria poupada de qualquer esforço, e tudo seria deixado em suas mãos. Teria que fazer as honras da noite. Essa reflexão rapidamente restaurou grande parte de seu bom humor, permitindo que se juntasse aos outros antes que pudessem expressar sua felicidade e seus agradecimentos.

De diferentes modos, Edmund, William e Fanny realmente demonstraram e expressaram seus agradecimentos e prazer pelo baile prometido do modo que Sir Thomas desejava. Os sentimentos de Edmund eram pelos outros

dois. Seu pai jamais prestara um favor ou fizera uma gentileza que lhe desse maior satisfação.

Lady Bertram estava perfeitamente tranquila e contente e não tinha qualquer objeção a fazer. Sir Thomas não lhe daria preocupações, e ela lhe garantiu “que não temia qualquer problema”; na verdade, não imaginava que poderia surgir algum.

Mrs. Norris estava pronta a dar suas sugestões quanto às salas mais convenientes para serem usadas, mas descobriu que tudo já fora decidido; e quando conjecturou e pretendeu sugerir o dia, parece que esse também já fora escolhido. Sir Thomas se divertira definindo um completíssimo esboço do evento; e assim que ela conseguiu ler com calma a lista das famílias que deveriam ser convidadas, a partir da qual ele calculara juntar jovens suficientes para formar de doze a quatorze pares, diante da necessária brevidade do aviso, pôde detalhar as considerações que o haviam levado a marcar o dia 22 como sendo o dia mais conveniente. William tinha que chegar a Portsmouth no dia 24, portanto o dia 22 seria o último de sua visita; mas como os dias eram tão poucos, não seria prudente fixá-lo para qualquer data anterior. Mrs. Norris foi obrigada a se satisfazer por pensar a mesma coisa, e por estar ela mesma a ponto de propor o dia 22 como o mais recomendável para o que se pretendia.

O baile já fora decidido, e antes que a noite chegasse já fora anunciado a todos os interessados. Enviaram os convites rapidamente, e muitas jovens foram para a cama naquela noite com a cabeça cheia de felizes preocupações, assim como Fanny. Para ela, por vezes essas preocupações quase se colocavam além da felicidade, pois jovem e inexperiente, com poucos meios de escolha e sem confiança em seu próprio gosto, a pergunta “o que deverei vestir?” era um ponto de penosa preocupação, e o quase solitário ornamento que possuía, uma linda cruz de âmbar que William lhe trouxera de Sicília, se constituía na maior agonia dentre todas, pois ela não tinha onde pendurá-la, exceto um pedaço de fita, e apesar de tê-la usado uma vez desse modo, seria permitido fazê-lo novamente nessa ocasião, diante de tantos ricos ornamentos que supostamente as outras jovens estariam usando? Por outro lado, como não usá-la!? William também desejara comprar uma corrente de ouro, mas a compra estivera além de seus meios. Contudo, não usar a cruz mortificaria seu irmão. Essas eram suas ansiosas considerações, suficientes para desanimar seu espírito, mesmo sob o prospecto de um baile organizado principalmente para sua satisfação.

Enquanto isso, as preparações continuavam e Lady Bertram permanecia sentada em seu sofá, sem sentir qualquer inconveniência. Recebera algumas visitas suplementares de sua governanta e sua criada se apressava, costurando um novo vestido para ela: Sir Thomas dera as ordens e Mrs. Norris corria de um

lado para o outro; mas isso não a perturbava, e como ela previra, “de fato, não havia qualquer problema no negócio”.

Naquele momento, Edmund se encontrava particularmente cheio de preocupações: sua mente estava profundamente ocupada refletindo sobre dois importantes eventos, agora próximos, que iriam determinar seu destino na vida – ordenação e matrimônio – acontecimentos de caráter realmente sério. Para ele, organizar um baile parecia menos importante do que para qualquer outra pessoa da casa. No dia 23 ele visitaria um amigo que vivia perto de Peterborough e passava pela mesma situação que ele. Ambos seriam ordenados na semana do Natal. Metade de seu destino estaria determinada, mas a outra metade talvez não fosse resolvida de modo tão suave. Seus deveres seriam estabelecidos, mas a esposa com quem desejava compartilhar esses deveres, que o animaria e recompensaria talvez ainda fosse inacessível. Ele sabia o que desejava, mas nem sempre tinha certeza de saber o que Miss Crawford pensava. Havia pontos com os quais ele realmente não concordava. Em alguns momentos ela não lhe parecia adequada, e apesar de confiar em sua afeição, resolvera (ou quase...) tomar uma decisão assim que todos os seus problemas se resolvessem e ele soubesse o que tinha para lhe oferecer, mas continuava tomado por muitos sentimentos de ansiedade e passava horas em dúvida quanto ao resultado. Às vezes tinha absoluta certeza de que ela tinha muito afeto por ele. Lembrava-se de um longo período de encorajamento por parte dela, e ela era tão perfeita em sua estima desinteressada quanto em tudo o mais. Porém, em outros momentos, dúvida e alarme se mesclavam às suas esperanças, e quando pensou na reconhecida aversão dela pela privacidade e pelo isolamento, em sua decidida preferência pela vida em Londres, o que poderia ele esperar, senão uma decidida rejeição? A menos que fosse uma aceitação lamentável por exigir de sua parte tais sacrifícios em termos de situação e ofício que sua consciência teria que recusar.

Tudo dependia de uma única questão. Ela o amava suficientemente para se privar de coisas que considerava essenciais? Ela o amava suficientemente para considerar que esses pontos haviam deixado de ser essenciais? Eram essas as perguntas que continuamente repetia para si, em geral respondidas com um “Sim”, mas às vezes também com um “Não”.

Miss Crawford logo partiria de Mansfield, e nessas circunstâncias, recentemente “sim” e “não” se alternavam. Ele notara o brilho em seus olhos quando ela falara da carta de sua querida amiga, exigindo uma longa visita sua a Londres, e da delicadeza de Henry, prontificando-se a permanecer em Mansfield até janeiro para poder acompanhá-la; ele a ouvira falar do prazer que sentiria com tal viagem, com uma animação que continha um ‘não’ em cada palavra. Mas isso acontecera no primeiro dia, quando decidira a visita, na primeira hora da explosão de tamanha alegria, quando ela somente via diante de si as amigas

que visitaria. Depois daquilo, ele a ouvira se expressar de modo diferente e com sentimentos variados: dissera à Mrs. Grant que ficaria triste por deixá-la; que começara a acreditar que nem os amigos nem os prazeres valiam tudo que ela deixaria para trás; e que embora soubesse que devia ir e que sabia que se divertiria quando lá estivesse, já se sentia ansiosa para voltar a Mansfield novamente. Haveria um “sim” em tudo isso?

Com esses assuntos para ponderar, e organizar e e reorganizar, por si mesmo, Edmund não conseguia pensar muito na noite tão esperada pelo restante da família, nem esperá-la com o mesmo grau de forte interesse. Independente da alegria de seus dois primos, a noite para ele não possuía mais valor que outro compromisso qualquer previamente marcado entre as duas famílias. Em todos os encontros havia a esperança de receber a confirmação do afeto de Miss Crawford, mas talvez o redemoinho de um salão de baile não fosse particularmente favorável para o entusiasmo e a expressão de sentimentos sérios. Dançar com ela as duas primeiras músicas era tudo que ele poderia fazer para garantir sua felicidade individual, e a única preparação para o baile que lhe passou pela cabeça, apesar de tudo que se passava à sua volta, desde a manhã até a noite.

Quinta-feira era o dia do baile; e na quarta-feira pela manhã, ainda sem saber o que vestiria, Fanny resolveu se aconselhar com pessoas mais experientes, conversando com Mrs. Grant e sua irmã, cujo conhecimento sobre bom gosto certamente seria irrepreensível; e como Edmund e William haviam ido a Northampton, e ela tinha razões para pensar que Mr. Crawford também não estaria em casa, caminhou até a casa paroquial sem temer faltar-lhe oportunidade para uma discussão reservada, pois a privacidade dessa discussão era a parte mais importante para Fanny, pois sentia vergonha de sua própria preocupação.

Ela encontrou Miss Crawford a poucas jardas da Casa Paroquial, preparando-se para ir à sua casa, e como parecia que a amiga não desejava perder sua caminhada, apesar de se sentir obrigada a insistir que voltassem, resolveu explicar seu assunto imediatamente e observou que se ela pudesse lhe fazer a gentileza de lhe dar sua opinião poderiam conversar tão bem ao ar livre quanto dentro de casa. Miss Crawford pareceu feliz com a solução, e depois de pensar um momento, pediu para Fanny voltar com ela de uma maneira mais cordial que antes, propondo para irem ao seu quarto onde poderiam conversar confortavelmente, sem atrapalhar o doutor e Mrs. Grant que estavam juntos na sala de estar. Esse era exatamente o plano que agradava Fanny, e com muita gratidão de sua parte por essa pronta e gentil atenção, entraram na casa, foram ao andar superior e logo estavam profundamente absortas naquele assunto interessante. Contento com o apelo, Miss Crawford lhe ofereceu sua melhor

opinião e seu bom gosto, fez com que tudo parecesse fácil com suas sugestões e tentou tornar tudo agradável com seu encorajamento. Depois de escolherem o vestido por seus detalhes mais bonitos, Miss Crawford perguntou: “Mas que colar você vai usar? Não vai usar a cruz que seu irmão lhe deu?” Enquanto falava, desembrulhava um pacotinho que Fanny notara em sua mão quando haviam se encontrado. Fanny admitiu seu desejo e suas dúvidas sobre esse ponto: não sabia como usar a cruz, nem como não usá-la. A resposta de Miss Crawford foi colocar uma caixinha de joias diante dela, pedindo-lhe para escolher uma entre as várias correntes e colares de ouro. Aquele era o pacote que Miss Crawford carregava e o objetivo de sua pretendida visita. Do modo mais gentil possível, ela agora insistia que Fanny escolhesse uma corrente para a cruz e a aceitasse como um presente seu, dizendo tudo que lhe vinha à cabeça para afastar os escrúpulos que faziam com que Fanny recusasse com um olhar de horror diante da proposta.

“Veja a coleção que possui”, disse ela; “é muito mais do que posso pensar em usar. Eu não as ofereço como novas. Não estou oferecendo nada além de um velho colar. Você deve perdoar minha liberdade e aceitar”.

Fanny ainda resistia do fundo do coração. O presente era valioso demais. Mas Miss Crawford persistia, argumentando seu caso com tamanha afeição e seriedade, falando sobre William e sobre a cruz, do baile, de si mesma, que finalmente teve sucesso. Fanny foi obrigada a ceder para não ser acusada de orgulho, indiferença ou qualquer outra pequenez; e, tendo dado seu consentimento com modesta relutância, passou à seleção. Ela olhou e olhou, ansiando saber qual era a menos valiosa; e finalmente fez sua escolha, ao perceber que havia um colar que mais frequentemente era colocado diante de seus olhos. Era de ouro, lindamente trabalhado, e apesar de Fanny preferir uma corrente mais longa e mais simples, mais própria à finalidade que se destinava, esperava estar escolhendo algo que Miss Crawford menos desejava guardar. Miss Crawford sorriu com perfeita aprovação e se apressou a completar o presente colocando o colar em torno de seu pescoço e mostrando-lhe como ele bem lhe caía. Fanny não teve uma palavra a dizer para contradizê-la, e com exceção do que ainda lhe restava de escrúpulos, ficou extremamente feliz com aquela aquisição tão adequada. Talvez preferisse que outra pessoa lhe tivesse feito esse favor. Mas esse era um sentimento indigno. Miss Crawford antecipara seu desejo com a delicadeza de uma verdadeira amiga. “Pensarei em você sempre que usar esse colar”, disse ela, “e me lembrarei de sua amabilidade”.

“Você deve pensar também em outra pessoa quando usar esse colar”, respondeu Miss Crawford. “Deve pensar em Henry, pois em primeiro lugar foi escolha sua. Foi ele quem o deu para mim, e com o colar faço com que você se lembre de quem o ofereceu originariamente. Será uma lembrança de família. A irmã não estará em sua cabeça, sem que o irmão também esteja”.

Com grande espanto e confusão, Fanny teria devolvido o presente instantaneamente. Aceitar um objeto que fora presente de outra pessoa, de seu irmão, impossível! Não podia ser! E com um ímpeto e um constrangimento que divertiram bastante sua companheira, novamente colocou o colar em seu estojo e parecia resolvida a escolher outro ou mais nenhum. Miss Crawford refletiu que jamais vira uma consciência mais bonita. “Minha querida criança”, disse ela rindo, “do que você tem medo? Acha que Henry dirá que o colar é meu e achará que você não o conseguiu honestamente? Ou será que imagina que ele ficará envaidecido por ver em torno de seu lindo pescoço um ornamento comprado com seu dinheiro, há três anos?” Olhando para ela de modo astucioso, disse ainda, “Ou será que você suspeita que exista um acordo entre nós, e que estou fazendo isso com seu conhecimento e de acordo com seu desejo?”

Com o rosto profundamente corado, Fanny protestou contra tal pensamento.

“Bem, então”, replicou Miss Crawford com mais seriedade, mas sem acreditar nela, “para me convencer de que você não suspeita de nenhum truque nem de qualquer cumprimento, pegue o colar e não diga mais nada. O fato de ter sido um presente de meu irmão não faz a menor diferença para que o aceite, e eu lhe asseguro que também não faz nenhuma diferença em minha vontade de me separar dele. Ele está sempre me dando alguma coisa. Tenho tantos presentes dele que é impossível eu valorizá-los ou ele se lembrar de metade do que me deu. Quanto a este colar, não creio que o tenha usado mais de seis vezes. É muito bonito, mas nunca penso nele. E apesar de saber que você receberia entusiasticamente qualquer outro de minha caixa de joias, acontece que você escolheu exatamente aquele que, se dependesse de mim, eu escolheria ver como sua propriedade, em vez de qualquer outro. Rogo-lhe deixar de se opor. Essa tolice não vale metade de suas palavras”.

Fanny não ousou continuar se opondo, e com renovados agradecimentos, porém menos feliz, aceitou novamente o colar, pois havia uma expressão nos olhos de Miss Crawford que ela não podia apreciar.

Era impossível para ela ser insensível à mudança de modos de Mr. Crawford. Percebera há tempos. Ele evidentemente tentava agradá-la: era galante, era atencioso, assemelhava-se ao que fora com suas primas: supunha que ele desejava roubar sua tranquilidade do mesmo modo que o fizera com elas. Esperava que ele não tivesse nada a ver com o colar, mas não conseguia se convencer de que não tinha, pois Miss Crawford, benévola como irmã, era descuidada como mulher e como amiga.

Refletindo, duvidando e sentindo que a posse daquilo que ela tanto

desejara não lhe trouxera tanta satisfação, ela agora caminhava de volta para casa com preocupações diferentes, não menores que aquelas com que trilhara esse caminho mais cedo.

CAPÍTULO XXVII

Ao chegar em casa, Fanny subiu imediatamente ao andar superior para depositar aquela aquisição inesperada, aquele bem duvidoso em uma de suas caixas favoritas do quarto leste, onde guardava todos os seus pequenos tesouros; mas ao abrir a porta qual não foi sua surpresa ao encontrar seu primo Edmund ali, usando sua mesa para escrever! Aquela visão jamais ocorrera antes, e foi tão maravilhosa quanto bem-vinda.

“Fanny”, disse ele diretamente, levantando-se, deixando a caneta e chegando-se a ela com algo na mão, “perdoe-me por estar aqui. Vim procurá-la, e depois de esperar um pouco na esperança que você voltasse, estava usando seus apetrechos para lhe escrever explicando minha missão. Você encontrará o início de uma notinha, mas agora posso lhe explicar o assunto, que é simplesmente lhe pedir que aceite esta bagatela, uma corrente para a cruz de William. Você deveria tê-la recebido há uma semana, mas houve um atraso por meu irmão não estar na cidade durante vários dias e não ter voltado tão cedo quanto esperava, e só agora eu a recebi de Northampton. Espero que você goste da corrente, Fanny. Esforcei-me para respeitar a simplicidade de seu gosto; mas, de qualquer modo, sei que compreenderá minhas intenções e a considerará como uma prova de amor de um de seus mais antigos amigos”.

Assim dizendo, começou rapidamente a sair antes que Fanny conseguisse tentar falar, dominada por mil sentimentos de dor e de prazer, mas invadida por um desejo soberano, ela exclamou, “Oh, primo, espere um instante, por favor!”

Ele se voltou

“Não posso nem tentar lhe agradecer”, continuou ela muito agitada. “Agradecimentos estão fora de questão. O que sinto é muito mais do que posso expressar. Sua bondade em pensar em mim desse modo está além...”

“Se é tudo que tem a dizer, Fanny”, disse sorrindo e novamente se voltando.

“Não, não, não é. Desejo consultá-lo”.

Ela desembrulhara quase inconscientemente o pacote que ele colocara em sua mão, e vendo diante dela uma corrente de ouro perfeitamente simples e elegante, não pôde deixar de novamente exclamar: “Oh! É realmente bela! Exatamente, precisamente o que eu desejava! Este é o único enfeite que eu desejei possuir. Combinará perfeitamente com minha cruz. Elas devem e serão usadas juntas. E também vem no momento perfeito. Oh, primo, você não imagina quão perfeito é”.

“Minha querida Fanny, você sente demais essas coisas. Estou muito feliz por você gostar da corrente e por ela ter chegado a tempo de você usá-la amanhã, mas seus agradecimentos são exagerados para a ocasião. Acredite-me, não experimento maior prazer no mundo que contribuir para sua felicidade. Não, posso afirmar com segurança que para mim não existe prazer tão completo nem tão puro. É perfeito”.

Diante de tais expressões de afeição, Fanny poderia viver uma hora sem dizer palavra sequer; mas, depois de esperar um momento, Edmund forçou sua mente a descer de seu voo celestial dizendo, “Mas sobre o que você desejava me consultar?”

Era sobre o colar que agora ela desejava seriamente devolver, e esperava obter sua aprovação para o gesto. Contou a história de sua recente visita e agora seu roubo talvez terminasse, pois Edmund ficou tão espantado com o fato, tão deleitado com o que Miss Crawford fizera, tão agradecido por essa coincidência de conduta entre eles, que Fanny não pôde deixar de admitir o poder superior do prazer em sua mente, embora tivesse sua desvantagem. Passou-se algum tempo antes que ela conseguisse sua atenção para seu plano ou antes que ouvisse qualquer opinião dele: ele se encontrava em um sonho de apaixonada reflexão, pronunciando apenas algumas meias sentenças de louvor, mas quando realmente despertou e compreendeu, opôs-se decididamente.

“Devolver o colar! Não, minha querida Fanny, de modo algum. Isso iria magoá-la profundamente. Não pode haver sensação mais desagradável do que receber em nossas mãos a devolução de algo que oferecemos esperando contribuir para a felicidade de um amigo. Por que privá-la de um prazer do qual provou ser tão merecedora?”

“Se me tivesse sido oferecido em primeiro lugar”, disse Fanny, “eu não pensaria em devolvê-lo; mas sendo um presente de seu irmão, não é justo supor que ela prefira ficar com ele, já que deixou de ser necessário?”

“Ela não pode, ao menos, imaginar que você não o necessita, nem que não o aceita; e ter sido originariamente presenteado por seu irmão não faz qualquer diferença, pois isso não a impediu de dá-lo nem de você aceitá-lo, portanto não deve impedi-la de ficar com ele. Sem dúvida é mais bonito que o meu e mais apropriado para um salão de baile”.

“Não, não é mais bonito, absolutamente não é mais bonito, e, para a finalidade a que se destina, não é nem metade tão adequado. A corrente combina muito mais com a cruz de William, não há comparação entre ela e o colar”.

“Por uma noite, Fanny, apenas por uma noite se você considera um

sacrifício; tenho certeza de que depois de refletir você preferirá fazer esse sacrifício a magoar alguém que se preocupou tanto com seu bem-estar. Sou a última pessoa a pensar que as atenções de Miss Crawford para com você foram além do que você merece, mas têm sido invariáveis; e devolver o colar parecerá ingratidão, embora eu saiba que essa não é sua intenção, pois isso não está em sua natureza, como eu bem sei; mas use o colar amanhã, como você pretendia fazer, e guarde a corrente para ocasiões mais comuns, pois não foi encomendada por causa do baile. É esse o meu conselho. Eu não gostaria que surgisse nem uma sombra de frieza entre vocês duas, cuja intimidade tenho observado com o maior prazer e cujo caráter parece ser de verdadeira generosidade e natural delicadeza, o que faz com que as pequenas diferenças resultantes principalmente da situação não devam ser um empecilho para uma perfeita amizade. Em voz mais baixa, repetiu: eu não gostaria que surgisse qualquer sombra de frieza entre as duas pessoas que me são mais caras no mundo”.

Ele se foi em seguida, e Fanny ali permaneceu para se tranquilizar como pudesse. Ela era uma das duas pessoas mais queridas para ele, o que deveria consolá-la. Mas a outra devia ser a primeira! Ela jamais o ouvira falar tão abertamente antes, e apesar de não lhe revelar mais do que há tempos já percebera, aquilo foi uma punhalada, pois lhe revelava as convicções e ideias dele. Estava decidido. Ele se casaria com Miss Crawford. Realmente fora uma punhalada. Ela se obrigou a repetir sem parar que ela era uma das duas pessoas que ele mais amava antes que as palavras lhe causassem alguma sensação. Se pudesse acreditar que Miss Crawford o merecia, isso seria, oh, como seria diferente, muito mais tolerável! Mas ele se enganava com ela, atribuía-lhe méritos que ela não possuía. Seus defeitos eram os mesmos de sempre, mas ele deixara de vê-los. Enquanto não derramou inúmeras lágrimas por causa dessa decepção, Fanny não conseguiu controlar sua agitação, e a tristeza que se seguiu só pôde ser aliviada pela influência de fervorosas preces pela felicidade dele.

Era sua intenção e dever tentar superar tudo que fosse excessivo ou que beirasse o egoísmo em sua afeição por Edmund. Classificar ou imaginar aquilo como perda ou desengano seria tal presunção que ela não tinha palavras suficientemente fortes que lhe satisfizessem a humildade. Seria insanidade pensar nele do modo como Miss Crawford pensava. Sob quaisquer circunstâncias, ele não poderia ser para ela mais que um amigo muito querido. Por que lhe ocorreria essa ideia, sendo reprovável e proibida? Esse pensamento não deveria nem ter tocado as raias de sua imaginação. Precisava se esforçar para ser racional, e com intelecto seguro e coração honesto mereceria julgar o caráter de Miss Crawford e teria o privilégio de lhe dedicar uma verdadeira solicitude.

Possuía heroísmo de princípios e estava determinada a cumprir seu dever, mas tinha também muitos dos sentimentos da juventude e da natureza, e não era

de se estranhar que depois de tomar todas essas boas resoluções devido ao seu autodomínio, apanhasse o pedaço de papel no qual Edmund começara a lhe escrever como se fosse um tesouro acima de todas as suas esperanças, e lesse com a mais terna emoção o que ele começara a escrever: “Minha muito querida Fanny, peço-lhe o favor de aceitar...”, junto à corrente, como a parte mais valiosa do presente. Era a única coisa que se parecia com uma carta que já recebera dele, e talvez jamais recebesse outra tão perfeitamente gratificante pela ocasião e pelo estilo. Duas linhas mais queridas jamais haviam saído da pena de autor mais ilustre, jamais foram tão completamente abençoadas pelas pesquisas de um biógrafo mais arrebatado. O entusiasmo de uma mulher apaixonada é ainda maior que o do biógrafo. Para ela, a própria caligrafia é uma bênção, independente da mensagem. Jamais figuras como aquelas foram traçadas por qualquer outro ser humano, apesar da caligrafia comum de Edmund! Embora escrito às pressas, aquele exemplo não continha qualquer falha. Era a felicidade no fluxo e na disposição das quatro primeiras palavras, “Minha muito querida Fanny”, que ela poderia ficar olhando para sempre.

Tendo ordenado seus pensamentos e consolado seus sentimentos com essa feliz mescla de razão e fraqueza, finalmente conseguiu descer e retomar seus encargos usuais junto à tia Bertram, fazendo as habituais observações sem aparentar qualquer desânimo.

Chegou a quinta-feira destinada à esperança e ao divertimento, iniciada com mais gentileza para Fanny que os dias voluntariosos e intratáveis em geral ofereciam, pois logo após o desjejum foi entregue uma nota muito amistosa de Mr. Crawford para William, declarando que seria obrigado a ir a Londres no dia seguinte para passar alguns dias e gostaria de ter companhia, assim sendo, esperava que William pudesse deixar Mansfield meio dia antes do que se propunha, aceitando um lugar em sua carruagem. Mr. Crawford pretendia ficar na cidade para ir ao costumeiro jantar em casa de seu tio e William estava convidado a jantar com ele na casa do Almirante. A proposta foi muito agradável a William, que gostou da ideia de viajar em uma carruagem puxada por quatro cavalos, na companhia de um amigo bem-humorado e agradável, e comparando-a a uma viagem apressada, tinha tudo que sua imaginação pudesse sugerir para promover sua felicidade. Fanny ficou extremamente feliz, mas por outro motivo, pois o plano original era William partir de Northampton com o correio na noite seguinte, o que não lhe proporcionaria nem uma hora de descanso antes de embarcar em uma carruagem para Portsmouth. Apesar de o oferecimento de Mr. Crawford roubar muitas horas de sua companhia, ela estava feliz demais por William não ser exposto à fadiga dessa viagem, para pensar em qualquer outra coisa. Sir Thomas aprovou o plano por outra razão. A apresentação de seu sobrinho ao Almirante Crawford poderia ser útil, pois

acreditava que ele era homem influente. No total, a nota foi recebida com muita alegria. O bom humor de Fanny perdurou por meia manhã, ampliado pelo fato de o autor do bilhete também viajar.

Quanto ao baile tão próximo, tão próximo de acontecer, ela ainda experimentava inúmeras agitações e temores para conseguir se divertir tanto quanto deveria, ou que supostamente se divertiam as muitas jovens que se preparavam para o mesmo evento, talvez em situação mais fácil, porém em circunstância de menor novidade, menor interesse e menos satisfação do que lhe poderiam atribuir. Conhecida apenas de nome pelas pessoas convidadas, Miss Price faria sua primeira aparição e devia ser considerada a rainha da noite. Quem poderia estar mais feliz que Miss Price? Mas Miss Price não fora educada para aparecer, e se soubesse que consideravam que aquele baile estava sendo organizado em sua honra, isso teria diminuído muito seu bem-estar, aumentando seus temores de fazer algo errado ao ser observada. Dançar sem ser notada ou sem se cansar exageradamente, ter energia e parceiros por cerca de metade da noite, dançar um pouco com Edmund e não muito com Mr. Crawford, ver William se divertir e ser capaz de se manter afastada de sua tia Norris constituíam o ápice de sua ambição, e pareciam compreender as suas maiores probabilidades de ventura. Como eram essas suas melhores esperanças, não prevaleciam por todo o tempo, e no decorrer de uma longa manhã passada sobretudo com suas duas tias, várias vezes se viu sob influência de opiniões menos animadoras. Determinado a fazer desse último dia uma ocasião de grande alegria, William saíra para caçar. Tudo fazia supor que Edmund se encontrava na casa paroquial, e ficara sozinho para aguentar as preocupações de Mrs. Norris, que se aborrecera porque a governanta fizera a ceia de acordo com suas próprias ideias, algo que não podia permitir, embora a governanta pudesse. Fanny ficou tão cansada que foi levada a atribuir todo mal ao baile, e ao ser orientada a ir se vestir, dirigiu-se languidamente para seu quarto, sentindo-se incapaz de ser feliz, como se não lhe fosse permitido ter qualquer parcela de alegria.

Subindo devagar as escadas, pensava no dia anterior. Fora mais ou menos naquela hora que ela voltara da casa paroquial e encontrara Edmund no quarto leste. “Imagine se hoje eu o encontrasse novamente lá!” disse ela a si mesma, deixando-se levar por uma fantasia irreal.

“Fanny”, disse naquele momento uma voz perto dela. Assustando-se e olhando para cima, viu Edmund do outro lado do corredor que acabara de alcançar, em pé no topo da escada. Ele se aproximou dela. “Você parece cansada, esgotada, Fanny. Deve ter se exercitado demais”.

“Não, absolutamente não saí”.

“Então você se cansou dentro de casa, o que é ainda pior. Melhor seria se tivesse saído”.

Como não gostava de reclamar, Fanny achou melhor não responder e refletiu que ele olhava para ela com sua habitual gentileza e logo deixaria de pensar em sua aparência. Ele não parecia de muito bom humor: provavelmente acontecera algo que não tinha relação com ela. Eles continuaram a subir juntos, pois seus quartos ficavam no mesmo andar superior.

“Estou chegando da casa de Dr. Grant”, disse Edmund. “Você pode imaginar o que fui fazer lá, Fanny”. Ele parecia tão constrangido que Fanny só podia pensar em um motivo que a fez se sentir enjoada demais para falar. “Eu desejava convidar Miss Crawford para as duas primeiras danças”, foi a explicação que se seguiu e levou Fanny de volta à vida, permitindo que ela conseguisse perguntar quanto ao resultado, já que ele esperava que ela dissesse alguma coisa.

“Sim, ela se comprometeu comigo”, respondeu ele, acrescentando com um sorriso que não pareceu lhe cair bem, “mas disse que será a última vez que dançará comigo. Ela não fala sério. Acredito, espero, tenho certeza de que não fala a sério; mas preferia não ouvir isso. Ela afirma que jamais dançou com um clérigo e que jamais dançará. Por mim, gostaria que não houvesse baile algum, quero dizer, não nesta semana, neste dia, pois viajo amanhã”.

Fanny se esforçou para falar e disse, “Sinto muito que tenha acontecido algo para aborrecê-lo. Deveria ser um dia de prazer. Era isso que meu tio desejava”.

“Oh, sim, sim! E será um dia de prazer. Tudo acabará bem. Só me aborreci por um momento. De fato, não é que eu considere a data do baile inoportuna. O que significa isso? Mas Fanny”, ele se interrompeu, pegou sua mão e falou em voz baixa e séria, “você sabe o que isso significa e poderia me dizer, talvez melhor do que eu mesmo, como e porque estou aborrecido. Deixe-me falar um pouco com você. Você é uma ouvinte muito, muito gentil. Eu me afligi com os modos dela esta manhã e não consigo superar isso. Sei que ela possui caráter doce e puro como o seu, mas a influência de suas companhias anteriores faz com que pareça um pouco equivocada em sua conversa e quando expressa suas opiniões. Ela não pretende magoar, e quando fala, fala brincando. Mas apesar de eu saber que é brincadeira, machuca até minha alma”.

“Efeito da educação”, disse Fanny com gentileza.

Edmund concordou com ela. “Sim, aquele tio e aquela tia! Eles prejudicaram a mente mais fina; algumas vezes Fanny, juro que é assim: parece

que a própria mente dela foi corrompida”.

Fanny imaginou que aquilo fosse um apelo ao seu julgamento, e depois de considerar um instante, disse: “Primo, se você só deseja que eu o ouça farei o possível para lhe ser útil, mas não sou qualificada como conselheira. Não me peça conselhos, pois não tenho competência para isso”.

“Tem razão de protestar contra tal função, Fanny, mas não precisa temer nada. É um assunto sobre o qual jamais pediria conselho; é o tipo de assunto sobre o qual é melhor nada perguntar; e, imagino, que são poucos os que o fazem, exceto quando desejam ser influenciados contra sua consciência. Só desejo conversar com você”.

“Mais uma coisa. Perdoe-me a liberdade, mas tome cuidado com o que diz. Não me diga nada que mais tarde você possa lamentar. Pode chegar o momento em que...”

Seu rosto ficou em fogo enquanto falava.

“Minha querida Fanny!”, exclamou Edmund levando sua mão aos lábios quase com tanto ardor como se fosse a de Miss Crawford. “Você é muito cortês! Mas isso é desnecessário. Jamais chegará esse momento. Esse dia ao qual alude jamais chegará. Começo a pensar que é muito improvável. As chances são cada vez menores, e mesmo que chegasse não há nada a ser lembrado por você ou por mim de que possamos ter medo, pois jamais me envergonharei de meus escrúpulos, e se fossem removidos seria apenas por causa de mudanças que elevariam seu caráter, em comparação com as falhas anteriores. Você é o único ser em toda a terra a quem eu diria o que disse, mas você sempre soube minha opinião sobre ela. Fanny, você sabe perfeitamente que nunca fui cego. Quantas vezes falamos sobre seus pequenos defeitos! Não precisa ter medo. Quase desisti de acalentar qualquer ideia séria sobre ela, mas seria um cabeça-dura se depois de tudo que aconteceu eu pensasse em sua gentileza e solidariedade sem a mais sincera gratidão.

Ele dissera o suficiente para abalar a experiência de alguém com dezoito anos. Dissera o suficiente para proporcionar a Fanny alguns sentimentos mais felizes do que já experimentara ultimamente, e com olhar mais brilhante, ela respondeu, “Sim, primo, estou convencida de que você seria incapaz de qualquer outra coisa. Não receio ouvir nada que você deseje dizer. Não se preocupe. Diga-me o que desejar”.

Haviam chegado ao segundo andar e o surgimento de uma criada impediu a continuação da conversa. Para alívio de Fanny, talvez o diálogo tenha sido interrompido no momento mais feliz: se continuasse falando por mais cinco

minutos não se sabe o que poderia ter revelado sobre as falhas de Miss Crawford e seu próprio desânimo. Mas diante disso, separaram-se com ares de grata afeição por parte dele e algumas sensações muito preciosas por parte dela. Há horas ela não sentia nada parecido. Estivera em um estado absolutamente oposto desde a primeira alegria provocada pelo bilhete de Mr. Crawford a William. Não houvera satisfação nem esperança em seu coração. Agora, tudo lhe sorria. A sorte de William voltou à sua mente e lhe pareceu mais valiosa que a princípio. O baile também – uma noite de prazer diante dela! Agora realmente se animara e começou a se vestir com a feliz agitação que é produzida por um baile. Tudo ia bem: não desgostou de sua aparência, e quando chegou aos colares sua boa sorte pareceu completa, porque depois de tentar pendurar a cruz no colar presenteado por Miss Crawford não houve como fazê-la passar pelo anel da cruz. Resolvera usá-lo para contentar Edmund, mas era grande demais para aquela finalidade. Portanto, teria que usar o presente dele. Com sentimentos de grande alegria, juntou a corrente e a cruz, esses símbolos dos dois seres mais amados por ela, aquelas lembranças muito queridas criadas uma para a outra por tudo que é real e imaginário, e colocou a joia torno de seu pescoço, e vendo e sentindo o quanto continha de William e de Edmund, sem esforço resolveu usar também o colar de Miss Crawford. Reconheceu que seria a coisa certa a fazer. Se não passasse dos limites nem interferisse com direitos mais fortes, Miss Crawford tinha direito ao seu carinho mais autêntico, e podia lhe fazer justiça e até sentir prazer com isso. O colar realmente parecia cair muito bem; e finalmente satisfeita consigo mesmo e com tudo que a rodeava, Fanny saiu do quarto.

Nessa ocasião, sua tia Bertram lembrou-se dela com um grau pouco habitual de cuidado. Espontaneamente, ocorrera-lhe que ao se preparar para um baile Fanny ficaria feliz se tivesse alguém mais experiente que a criada do andar superior para ajudá-la e encaminhou sua própria criada para auxiliá-la. Naturalmente, a enviada chegou tarde demais para ter qualquer utilidade. Mrs. Chapman acabara de chegar ao andar do sótão, quando Miss Price saiu do quarto completamente vestida, e apenas trocaram amabilidades, mas Fanny apreciou a atenção de sua tia quase tanto quanto Lady Bertram ou Mrs. Chapman.

CAPÍTULO XXVIII

Seu tio e suas duas tias se encontravam na sala de visitas quando Fanny desceu. Para o primeiro ela era um objeto interessante e ele viu com prazer a elegância de sua aparência, notando o quanto estava verdadeiramente bela. Em sua presença, ele só se permitiu comentar sobre a delicadeza e conveniência do vestido, mas pouco depois, quando ela saiu da sala, falou sobre sua beleza elogiando-a de modo decidido.

“Sim”, disse Lady Bertram, “ela está muito bem. Enviei Chapman para ela”.

“Está muito bem! Oh, sim!”, exclamou Mrs. Norris. “Ela tem boas razões para estar tão bem, com todas as vantagens de que goza: criada nesta família como foi, com todos os benefícios das maneiras de suas primas como exemplo. Imagine, meu caro Sir Thomas, que vantagens extraordinárias o senhor e eu lhe proporcionamos. Até o vestido que ela está usando foi um generoso presente seu quando a querida Mrs. Rushworth se casou. O que teria sido dela se não houvéssemos lhe estendido a mão?”

Sir Thomas não disse mais nada, mas quando se sentaram à mesa os olhares dos dois rapazes lhe asseguraram que o assunto novamente poderia ser tratado com mais gentileza e sucesso quando as senhoras não estivessem presentes. Fanny viu que fora aprovada, e a consciência de estar com boa aparência fez com que parecesse ainda melhor. Ela se sentia feliz por vários motivos e logo ficou ainda mais feliz, pois ao seguir suas tias que saíam da sala Edmund segurava a porta aberta e falou quando ela passou por ele: “Você precisa dançar comigo, Fanny. Reserve duas danças para mim, as duas que você escolher, com exceção da primeira”. Ela não desejava mais nada. Jamais estivera em um estado de tamanha felicidade. A alegria de suas primas no dia do baile anterior não mais lhe pareceu surpreendente. Até achou que a ocasião era encantadora e começou a treinar seus passos na sala de estar, quando teve certeza segura de que sua tia Norris não estava notando, pois ela estava inteiramente absorta mexendo na lareira, estragando o nobre fogo preparado pelo mordomo.

Meia hora se passou, e teria sido no mínimo sem interesse, em qualquer outra circunstância, mas a felicidade de Fanny ainda prevalecia. Era só pensar na conversa com Edmund. Diante disso, que importância tinha o nervosismo de Mrs. Norris? Ou os bocejos de Lady Bertram?

Os cavalheiros se juntaram a elas e logo começou a doce expectativa pela chegada das carruagens. Um espírito geral de calma e prazer envolvia a todos, e conversavam e riam, e cada momento trazia prazer e esperança. Fanny

sentiu que Edmund devia estar se esforçando para demonstrar alegria, e era delicioso ver um esforço tão bem sucedido.

Quando ouviram as carruagens e os convidados começaram a se reunir, sua própria alegria diminuiu bastante: a visão de tantas pessoas estranhas a fez se fechar em si mesma, e além da gravidade e formalidade do primeiro grande círculo, que nem as boas maneiras de Sir Thomas e de Lady Bertram conseguiram eliminar, ela ocasionalmente era chamada para suportar algo ainda pior. Era apresentada aqui e ali por seu tio, forçada a conversar, a fazer reverências, a novamente falar. Esse era um dever difícil e cada vez que era chamada para uma nova apresentação olhava para William, que caminhava por ali totalmente à vontade, e desejava estar ao lado dele.

A entrada dos Grant e dos Crawford foi um momento favorável. A rigidez dos encontros anteriores logo deu lugar a maneiras mais naturais e intimidades mais generalizadas: pequenos grupos se formaram e todos se sentiram confortáveis. Fanny aproveitou a oportunidade, e afastando-se das labutas da civilidade teria novamente se sentido muito feliz se pudesse evitar que seus olhos ficassem em Edmund e Mary Crawford. Ela estava completamente linda, e qual poderia ser o fim daquilo? Suas próprias reflexões foram interrompidas ao perceber Mr. Crawford diante dela, e seus pensamentos se transferiram para outro plano, pois ele instantaneamente a convidou para as duas primeiras danças. Nesse momento, sua felicidade era elegantemente ambivalente. Ter um par logo no início era essencial – pois o momento da abertura do baile se aproximava e ela compreendia tão pouco seus próprios direitos que chegou a pensar que se Mr. Crawford não a convidasse ela seria a última a ser procurada e só conseguiria um par através de uma série de indagações, tumulto e interferências, o que teria sido terrível; mas notou que havia certa astúcia em sua maneira de convidá-la que ela não gostou, e também viu seus olhos se dirigirem por um momento ao colar e percebeu seu sorriso – ela julgou que fosse um sorriso – o que a fez corar e se sentir péssima. E apesar de não ter havido um segundo olhar que viesse a perturbá-la e parecer que o jovem só desejava se mostrar tranquilamente agradável, Fanny não conseguia dominar seu embaraço, ampliado pela ideia de que ele sabia como ela se sentia, e só conseguiu se tranquilizar quando ele precisou atender um outro convidado. Ela então pôde gradativamente se sentir genuinamente feliz por ter um par, um par voluntário para o início do baile.

Quando o grupo começou a se dirigir para a sala do baile, pela primeira vez Fanny se encontrou perto de Miss Crawford, cujos olhos e sorrisos foram imediata e inequivocamente dirigidos para o colar, como fez seu irmão, e começava a falar no assunto, quando Fanny, ansiosa para terminar logo com essa história, se apressou a explicar o segundo colar: a corrente verdadeira. Miss Crawford ouviu, e todos os cumprimentos e insinuações para Fanny foram

esquecidos: ela sentiu apenas uma coisa, e com os olhos brilhando como antes, ou talvez mostrando-se ainda mais brilhantes, exclamou com enorme prazer: “Fez isso? Edmund fez isso? Bem característico dele! Nenhum outro homem teria pensado nisso. Eu o respeito mais do que posso exprimir”. E olhou em torno, como se desejasse lhe dizer isso. Ele não estava por perto, pois ajudava um grupo de senhoras a sair da sala; aproximando-se das duas jovens, Mrs. Grant segurou um braço de cada uma e juntas seguiram os outros para o salão.

O coração de Fanny afundou, mas não havia tempo para pensar nos sentimentos de Miss Crawford. Agora se encontravam no salão de baile, os violinos tocavam e sua mente se encontrava em tal estado que não conseguia se fixar em qualquer coisa séria. Precisava examinar os arranjos gerais e ver como tudo fora feito.

Depois de alguns minutos, Sir Thomas se aproximou dela, perguntou se ela fora convidada, e ela respondeu: “Sim, meu senhor, por Mr. Crawford”, que era exatamente o que ele pretendia ouvir. Mr. Crawford não estava longe e Sir Thomas o levou até ela, revelando a Fanny que ela deveria abrir o baile – ideia que jamais lhe ocorrera. Ao pensar nos detalhes da noite, achou que sem dúvida Edmund e Miss Crawford seriam encarregados disso, e sua impressão foi tão forte que apesar de seu tio afirmar o contrário não conseguiu impedir uma exclamação de surpresa. Afirmou não ser adequada e até suplicou para não fazer isso. Conseguir expressar uma opinião contrária à de Sir Thomas era uma prova da gravidade do caso, mas tal era seu horror à sugestão que ela realmente conseguiu olhá-lo no rosto e dizer que esperava que ele mudasse de opinião. Contudo, tudo foi em vão. Sir Thomas sorriu, tentou encorajá-la, depois olhou para ela com toda seriedade e disse com decisão: “É assim que tem que ser minha cara”, impedindo-a de pronunciar outra palavra. No momento seguinte, foi conduzida por Mr. Crawford para a ponta do salão e esperou que os outros dançarinos se juntassem a eles, aos pares, como estavam formados.

Não conseguia acreditar. Ser colocada acima de tantas mulheres elegantes! A distinção era grande demais. Estava sendo tratada como suas primas! E seus pensamentos voaram para aquelas primas ausentes com verdadeiro e terno pesar por elas não se encontrarem em casa para assumir seus lugares naquele salão e desfrutar daquele prazer, tão delicioso para elas. Ela as ouvira dizer com frequência que gostariam de ter permissão para organizar um baile em casa, como se aquilo fosse a maior de todas as felicidades! E estavam longe quando o baile se realizava – e ela abria o baile com Mr. Crawford! Esperava que elas não invejassem essa distinção. Mas quando se lembrou do estado de coisas no outono, o que haviam sido uns para os outros ao dançarem naquele baile, a situação presente quase chegava a ser incompreensível.

O baile começou. Fanny se sentiu mais honrada que feliz, pelo menos na primeira dança: seu par demonstrava excelente humor e tentou contagiá-la, mas ela se sentia temerosa demais para experimentar qualquer alegria, até supor que já não mais a observavam. Contudo, jovem, bela e gentil, qualquer falta de jeito a fazia parecer graciosa e poucas pessoas presentes não se dispunham a elogiá-la. Era atraente, modesta e sobrinha de Sir Thomas; logo se espalhou que era muito admirada por Mr. Crawford. Aquilo foi o suficiente para que ganhasse o favor de todos. O próprio Sir Thomas observava seu progresso na dança com muita complacência. Sentia-se orgulhoso da sobrinha, e sem lhe atribuir toda beleza pessoal ao fato de ter sido transplantada para Mansfield, como fazia Mrs. Norris, sentia-se feliz consigo mesmo por ter lhe proporcionado tudo o mais: ela devia ao tio sua boa educação e suas boas maneiras.

Miss Crawford percebeu muitos dos pensamentos de Sir Thomas, e apesar de todas as suas injustiças para com ela, sentiu um desejo geral de fazer com que ele a visse com bons olhos e aproveitou uma oportunidade para lhe dizer algo agradável sobre Fanny. Seu elogio foi caloroso e ele o recebeu do modo como ela gostaria, juntando-se a ela de modo tão discreto e polido quanto lhe permitia sua fala lenta, certamente parecendo falar sobre o assunto de modo mais adequado que sua senhora, pouco depois, quando Mary, notando que ela sentava-se em um sofá ali perto, aproximou-se para cumprimentá-la pela beleza de Miss Price.

“Sim, ela parece muito bem”, foi a plácida resposta de Lady Bertram. “Chapman a ajudou a se vestir. Eu a enviei para auxiliá-la”. Estava realmente satisfeita por ver Fanny apreciada, mas admirava-se de tal maneira com sua própria delicadeza que não conseguia tirar aquilo da cabeça.

Miss Crawford conhecia Mrs. Norris bem demais para pensar em agradá-la elogiando Fanny. Quando a ocasião surgiu, disse, “Ah, senhora, quanto desejaríamos a querida Mrs. Rushworth e Julia esta noite!” e Mrs. Norris lhe presenteou com tantos sorrisos e palavras corteses quanto conseguiu, entre as inúmeras ocupações em que se encontrava, fazendo cartões para as mesas, dando conselhos a Sir Thomas e tentando transferir todos os acompanhantes a uma parte melhor do salão.

Com intenção de agradar, Miss Crawford cometeu seu maior erro com a própria Fanny. Pretendia dar ao seu pequeno coração uma feliz palpação, fazendo com que ela se sentisse deliciosamente importante, e interpretando mal os rubores de Fanny aproximou-se dela após as duas primeiras danças e disse com um olhar significativo: “Talvez você possa me dizer por que meu irmão vai à cidade amanhã. Ele diz que tem alguns negócios a tratar, mas não me disse quais são. Essa é a primeira vez que se nega a me fazer uma confidência! Mas

isso sempre acaba acontecendo. Todos nós acabamos sendo suplantados cedo ou tarde. Agora devo recorrer a você quando desejar uma informação. Diga-me, o que Henry vai fazer?”

Fanny protestou sua ignorância com tanta firmeza quanto seu constrangimento permitia.

“Bem”, replicou Miss Crawford rindo, “então devo supor que seja pelo prazer de conduzir seu irmão e de falar com você”.

Fanny ficou confusa, mas era confusão de descontentamento. Enquanto isso, Miss Crawford tentava compreender a razão pela qual ela não sorria e julgava que era porque se sentia exageradamente ansiosa, era esquisita, ou qualquer outro motivo que não fosse sua insensibilidade às atenções de Henry. Fanny se divertira muito no decorrer daquela noite, mas as atenções de Henry tinham muito pouco a ver com isso. Preferia não ter sido convidada novamente a dançar com ele tão depressa e desejava não ter sido obrigada a suspeitar que suas indagações à Mrs. Norris sobre a hora da ceia tinham a finalidade de garantir um lugar ao seu lado naquela parte da noite. Mas isso não podia ser evitado: ele a fazia se sentir como o objetivo de tudo, apesar de não poder dizer que o fazia de modo desagradável ou que havia indelicadeza ou ostentação em seu comportamento; e quando falava sobre William, ele realmente não era nada desagradável e até demonstrava possuir um coração terno, o que era um crédito para ele. Ela ficava feliz sempre que olhava para William, vendo o quanto ele se divertia. A cada cinco minutos, quando podia se aproximar dele e ouvir os comentários que fazia sobre seus pares, sentia-se ditosa por se saber admirada, afortunada por ter reservado duas danças para Edmund e por poder esperá-las, e durante a maior parte da noite suas mãos foram procuradas com tanta ansiedade que seu compromisso indefinido com ele se mantinha em contínua perspectiva. Sentiu-se muito feliz quando realmente aconteceu, não devido a qualquer demonstração de bom humor por parte dele ou por ter pronunciado expressões de terna galanteria, como acontecera naquela abençoada manhã. A mente dele estava esgotada, e sua ventura se devia ao fato de estar com a amiga em quem conseguia encontrar repouso. “Esgotei toda minha civilidade”, disse ele. “Falei incessantemente durante toda a noite, sem nada dizer. Mas com você posso encontrar paz, Fanny. Você não se importa de não conversar. Vamos gozar a luxúria do silêncio”. Fanny quase não conseguiu expressar sua concordância. Um cansaço, em grande parte surgido dos mesmos sentimentos que ele reconheceria naquela manhã, era uma peculiaridade a ser respeitada e eles se encaminharam para suas duas danças com tamanha sóbria tranquilidade que qualquer observador se convenceria de que Sir Thomas não educara uma esposa para seu filho caçula.

A noite proporcionara pouco prazer a Edmund. Miss Crawford demonstrara bom humor ao dançarem pela primeira vez, mas não era sua alegria que lhe fazia bem: em vez disso, ela diminuiu seu bem-estar; e depois, por se sentir impelido a procurá-la novamente, ela o magoara completamente pelo modo como falara sobre a profissão na qual ele agora ingressava. Conversaram e depois ficaram em silêncio. Ele justificara, ela ridicularizara. Por fim, separaram-se mutuamente irritados. Sem conseguir evitar observá-los, Fanny vira o suficiente para se sentir moderadamente satisfeita. Era bárbaro encontrar felicidade no sofrimento de Edmund. Contudo, parte da sua ventura derivava da convicção de que ele realmente estava sofrendo.

Quando as suas duas danças terminaram, a inclinação e a força de Fanny para continuar a dançar já haviam se desgastado bastante; e Sir Thomas, tendo notado que ela mais caminhava do que dançava, que ofegava e que colocava a mão sobre um lado do corpo, deu ordens para que ela permanecesse sentada. Nesse momento, Miss Crawford também se sentou.

“Pobre Fanny!”, exclamou William, chegando para lhe fazer companhia por um momento, abanando-a com o leque de sua parceira como se salvasse sua vida, “Está exausta! Mas o esporte acabou de começar. Espero que continue pelo menos por mais duas horas. Como pode ter se cansado tão depressa?”

“Tão depressa! Meu bom amigo”, disse Sir Thomas puxando o relógio com todo cuidado; “são três horas e sua irmã não está acostumada a ficar acordada até essa hora”.

“Bem Fanny, então amanhã não se levante antes de eu ir embora. Durma o quanto for necessário e não se preocupe comigo”.

“Oh! William”.

“O que?! Ela pretendia se levantar antes de você sair?”

“Oh! Sim, meu senhor”, exclamou Fanny levantando-se da cadeira para se aproximar de seu tio; “Preciso tomar o desjejum com ele. O senhor sabe, será a última vez, a última manhã”.

“Melhor não fazer isso. Ele já terá tomado seu desjejum e partido por volta de nove e meia. Mr. Crawford, acha que pode vir buscá-lo às nove e meia?”

“Mas Fanny demonstrava pressa e tinha lágrimas nos olhos devido à proibição; porém tudo acabou com um gracioso “Bem, bem!”, que era uma permissão.

“Sim, nove e meia”, disse Crawford para William no momento em que este último se afastava. “E devo ser pontual, pois não haverá uma irmã gentil

para me acordar”. Em voz mais baixa, disse para Fanny, “Terei apenas uma casa triste da qual sair. Seu irmão achará minhas ideias de tempo muito diferentes das dele, amanhã”.

Depois de uma pequena reflexão, Sir Thomas perguntou a Crawford se ele não desejava se juntar a eles para o desjejum, em vez de comer sozinho: ele próprio faria isso. A presteza com que seu convite foi aceito o convenceu de suas suspeitas e ele confessou a si mesmo que em grande parte aquele baile fora bem fundamentado. Mr. Crawford estava apaixonado por Fanny. Ele tivera uma agradável expectativa de que isso aconteceria. Mas sua sobrinha não o agradeceu pelo que acabara de fazer. Ela esperara ter William inteiramente para si naquela última manhã. Aquilo teria sido um prazer indescritível. Mas apesar de seus desejos terem sido violados, não guardou nenhuma mágoa dentro de si. Pelo contrário, estava tão desacostumada a ser consultada quanto às suas preferências ou quanto a qualquer coisa que ela pudesse desejar, que se sentia mais disposta a ficar feliz com o que conseguira até aquele momento do que a se aborrecer com uma pequena contrariedade.

Logo depois, Sir Thomas novamente interferia um pouco com sua vontade, aconselhando-a a ir imediatamente para a cama. “Conselho”, foi a palavra que usou, mas tratava-se de um conselho com poder absoluto e ela teve que se levantar e, com as cordiais despedidas de Mr. Crawford, desapareceu em silêncio, parando na porta de entrada como Lady de Branhholm Hall, “um momento, e nada mais”. , para observar a cena feliz e dar uma olhada nos cinco ou seis casais determinados que ainda dançavam com convicção, e então, subindo devagar a escada principal perseguida pela incessante dança, febril devido às suas esperanças e temores, ceia e negus , pés doloridos, fatigada, inquieta e agitada, mas a despeito de tudo, sentindo que o baile realmente fora encantador.

Pedindo-lhe para se retirar, talvez Sir Thomas não pensasse apenas em sua saúde. Talvez tenha lhe ocorrido que Mr. Crawford já se sentava há muito tempo ao seu lado, ou talvez pretendesse recomendá-la como esposa demonstrando-lhe sua submissão.

CAPÍTULO XXIX

O baile findara e o desjejum também logo terminaria. Trocado o último beijo, William se foi. Como prometera Mr. Crawford foi muito pontual e a refeição foi curta e agradável.

Depois de ficar com William até o último momento, Fanny voltou à sala do desjejum com o coração entristecido, lamentando a mudança melancólica, e seu tio gentilmente a deixou ali para chorar em paz, talvez imaginando que as cadeiras vazias dos dois jovens provocariam seu terno entusiasmo, e que os restos frios e os ossos de porco e mostarda no prato de William talvez dividissem seus sentimentos com as cascas de ovos vistas no prato de Mr. Crawford. Como pretendia seu tio, ela se sentou e chorou com amor, mas foi apenas amor fraternal, nada mais. William partira e ela agora sentia como se tivesse desperdiçado metade de sua visita com cuidados fúteis e solitudes egoístas, sem conexão com ele.

A disposição de Fanny era tal que nem podia pensar em sua tia Norris, na miséria e na tristeza de sua pequena casa sem se reprovar por alguma falta de atenção quando haviam se encontrado pela última vez, e muito menos seus sentimentos a absolviam por não ter feito, dito e pensado tudo que William merecia durante quinze dias.

Foi um dia pesado e melancólico. Logo após o segundo desjejum, Edmund se despediu por uma semana, montou em seu cavalo e partiu para Peterborough. Nada restou da noite anterior, somente lembranças que ela não tinha com quem repartir. Conversou com sua tia Bertram, precisava falar com alguém sobre o baile, mas sua tia se preocupara tão pouco com o que se passara, e ainda demonstrava tão pouca curiosidade sobre o assunto que aquele foi um trabalho difícil. Lady Bertram não se lembrava direito dos vestidos de ninguém, nem do lugar que as pessoas haviam ocupado, só se lembrava do seu. “Não consigo me lembrar do que falou uma das senhoritas Madox sobre você, nem dos comentários de Lady Prescott, Fanny”. Não tinha certeza se o coronel Harrison se referira a Mr. Crawford ou a William quando apontou o homem mais fino do salão. Alguém lhe sussurrara algo, mas ela se esquecera de perguntar a Sir Thomas o que poderia ter sido. E essas foram suas frases mais longas e suas comunicações mais claras: o restante era apenas um lânguido “Sim, sim. Muito bem, você fez isso, e ele também? Não vi nada”. Só eram melhores que as respostas afiadas que Mrs. Norris teria dado, mas como ela fora para casa levando os potes de geleia que haviam sobrado para cuidar de uma criada doente, houve paz e bom humor em seu pequeno grupo, nada mais.

A noite foi tão pesada quanto o dia. “Não consigo entender o que se passa

comigo”, disse Lady Bertram, quando o retiraram o chá. “Sinto-me muito sonolenta. Devo ter ficado acordada até muito tarde noite passada. Fanny, faça algo para me manter acordada. Não consigo trabalhar. Vá buscar as cartas; estou com tanto sono!”

As cartas foram trazidas e Fanny jogou cribbage com a tia até a hora de ir para a cama, e como Sir Thomas estava lendo, nenhum som foi ouvido na sala durante as duas horas seguintes, além dos cálculos dos pontos do jogo, “E isso perfaz 31; quatro na mão e oito no monte. A senhora dá as cartas; deseja que eu dê as cartas pela senhora?” Fanny não parava de pensar na diferença que 24 horas haviam feito naquela sala e em toda aquela parte da casa. Na noite anterior ali havia esperanças e sorrisos, agitação e movimento, barulho e brilho na sala de visitas e em toda parte. Agora só havia langor e solidão.

Uma boa noite de descanso melhorou seu humor. No dia seguinte, conseguiu pensar em William com mais alegria, e a manhã lhe deu oportunidade de conversar sobre quinta-feira à noite com Mrs. Grant e Miss Crawford, em um estilo muito mais ameno e nos mais altos níveis de imaginação, com risos e brincadeiras tão essenciais para as nuances do baile que se realizara. Sem muito esforço, mais tarde conseguiu levar sua mente ao estado normal de todos os dias e facilmente se adaptar à tranquilidade e quietude da semana.

Na verdade, agora formavam um grupo menor do que já vira em um dia inteiro, pois Edmund, de quem dependia o conforto e a alegria de todos os encontros da família e todas as refeições, já se fora. Mas era necessário aprender a resistir. Ele logo partiria para sempre e ela estava grata por poder se sentar na mesma sala com o tio, ouvir sua voz, suas perguntas e até respondê-las sem os sentimentos terríveis que antigamente experimentava.

“Sentimos falta de nossos dois jovens”, foi a observação de Sir Thomas tanto no primeiro quanto no segundo dia, ao formarem seu reduzido círculo depois do jantar, e em consideração aos olhos marejados de Fanny nada mais foi dito no primeiro dia, somente beberam à sua saúde; mas no segundo, isso os levou mais longe. Comentaram com gentileza sobre William e sobre a promoção que esperavam para ele, e Sir Thomas acrescentou, “Não há razão para supor que suas visitas a Mansfield não se tornem mais frequentes. Quanto a Edmund, precisamos aprender a viver sem ele. Este será o último inverno que passará conosco”.

“Sim”, disse Lady Bertram, “mas eu desejaria que ele não se fosse. Todos estão indo embora. Eu preferia que ficassem em casa”.

Esse desejo se referia principalmente a Julia, que acabara de pedir permissão para viajar para Londres com Maria, e como Sir Thomas achava

melhor para as duas filhas que essa permissão fosse dada, Lady Bertram, por sua boa natureza, não impediu que isso acontecesse, mas lamentava a mudança que isso causava no prospecto da volta da filha, que de outro modo aconteceria mais ou menos naquela época. Sir Thomas empregou grande dose de bom senso para fazer com que sua mulher aceitasse o arranjo. Tudo que um pai atencioso deveria sentir foi exposto, e tudo que uma mãe afetuosa deveria experimentar para promover a felicidade de seus filhos foi atribuído à sua natureza. Lady Bertram concordou com tudo com um calmo “Sim”; e ao fim de um quarto de hora de silenciosa consideração, observou espontaneamente, “Sir Thomas, estive pensando, estou muito contente por termos trazido Fanny, e agora que os outros se foram podemos sentir o quanto isso foi bom”.

Sir Thomas imediatamente aperfeiçoou o cumprimento, acrescentando: “É verdade. Mostramos a Fanny que excelente jovem acreditamos que ela é elogiando-a em sua presença. Tornou-se uma companhia valiosa. Se fomos bons para ela, ela agora é muito necessária para nós”.

“Sim”, disse Lady Bertram, naquela mesma hora; “e é um conforto pensar que a teremos para sempre em nossa companhia”.

Sir Thomas faz uma pausa, deu um meio sorriso, olhou para sua sobrinha e replicou gravemente. “Espero que ela não nos deixe até ser convidada a morar em outro lar que lhe prometa mais felicidade do que a que conhece aqui”.

“Isso não é muito provável, Sir Thomas. Quem vai convidá-la? Maria talvez ficasse muito feliz ao vê-la em Sotherton de vez em quando, mas nem imaginaria em convidá-la para morar lá; e estou certa de que ela está melhor aqui; além disso, não posso passar sem ela”.

A semana que passou de modo tão tranquilo e pacífico na mansão de Mansfield teve caráter muito diferente na casa paroquial. Em cada família, pelo menos a jovem experimentou sentimentos muito diferentes. O que Fanny sentia como tranquilidade e conforto, para Mary não passava de tédio e tormento, algo que se explicava pela diferença de temperamentos e de hábito: uma tão fácil de satisfazer, a outra tão pouco acostumada a sofrer; mas também poderia ser atribuído à diferença de circunstâncias. Em alguns pontos de interesse, as duas eram totalmente opostas. Levando-se em conta a causa e a tendência, para a mente de Fanny a ausência de Edmund era um alívio. Para Mary, era dolorosa em todos os seus aspectos. Desejava vê-lo todos os dias, em todos os momentos, e era tanto seu desejo que dele só surgia irritação devido ao objetivo da ausência. Ele não poderia ter encontrado nada mais capaz de aumentar esse efeito, pois essa semana de ausência acontecia exatamente na época em que seu irmão também partira com William Price, completando a espécie de dissolução geral

de uma festa que fora tão animada. Sentia isso de modo penetrante. Agora não passavam de um trio miserável, confinado dentro de casa pela chuva e pela neve, sem nada para fazer e sem esperança de variedade. Zangada como estava com Edmund por ele se apegar às próprias noções e agir de acordo com elas, desafiando-a (ela ficara com tanta raiva que mal haviam se separado como amigos ao fim do baile), que não podia deixar de pensar continuamente nele durante sua ausência, enfatizando seus méritos e afeição, ansiando novamente pelos encontros praticamente diários que tinham ultimamente. Sua ausência era desnecessariamente longa. Ele não deveria ter planejado ficar fora tanto tempo, não deveria ter saído por uma semana quando sua própria partida de Mansfield estava tão próxima. Então começou a se culpar. Desejou não ter falado de modo tão inflamado na última conversa que haviam tido. Temia ter usado algumas expressões fortes e insolentes ao falar do clero, e isso não deveria ter acontecido. Era grosseira, era errado. Ela desejou de todo o coração não ter pronunciado essas palavras.

Sua irritação não terminou com a semana. Tudo aquilo era mau, mas ela se sentiu ainda pior quando a quinta-feira seguinte chegou e não trouxe Edmund, e foi ainda pior quando veio o sábado ainda sem a presença de Edmund; e quando, através de uma breve comunicação com a outra família no domingo, soube que ele escrevera para casa adiando sua chegada, pois prometera ao amigo ficar mais alguns dias.

Se antes sentira impaciência e arrependimento e lamentara o que dissera por temer que o efeito sobre ele tivesse sido forte demais, agora temia dez vezes mais. Além disso, era obrigada a lutar contra uma emoção desagradável e inteiramente nova para ela, ciúme. Seu amigo, Mr. Owen, tinha irmãs que ele poderia achar atraentes. Mas de qualquer modo, permanecer fora na época em que, de acordo com todos os planos anteriores, ela devia viajar para Londres, significava algo que ela não conseguia tolerar. Se Henry tivesse voltado ao fim de três ou quatro dias, como prometera, ela agora estaria partindo de Mansfield. Era absolutamente necessário se encontrar com Fanny e descobrir mais alguma coisa. Não conseguia viver nessa solidão desesperada. Apesar da dificuldade, atravessou o Parque que ela considerara intransponível na semana anterior para ter chance de ouvir um pouco mais do que já sabia, ou pelo menos ouvir seu nome.

A primeira meia hora foi perdida, pois Fanny e Lady Bertram estavam juntas, e a menos que pudesse ficar a sós com Fanny não poderia esperar nada. Por fim, Lady Bertram saiu da sala e Miss Crawford quase imediatamente começou a falar, tentando controlar a voz, “E o que você acha de seu primo Edmund permanecer tanto tempo fora? Sendo a única pessoa jovem na casa, considero-a a que mais sofre. Deve sentir sua falta. O fato de ele ficar longe por

mais tempo surpreende você?”

“Não sei”, disse Fanny com hesitação. “Sim; eu particularmente não esperava por isso”.

“Talvez fique ainda mais tempo do que diz. Em geral é o que os jovens fazem”.

“Ele não o fez, na única vez que viajou para ver Mr. Owen, antes”.

“Ele agora acha a casa mais agradável. Ele é um jovem muito, muito agradável e não posso deixar de me preocupar com o fato de que talvez eu viaje para Londres sem vê-lo novamente, como sem dúvida será o caso agora. Espero por Henry todos os dias, e tão logo ele chegue não haverá nada que me prenda a Mansfield. Confesso que gostaria de vê-lo mais uma vez. Mas você deve cumprimentá-lo por mim. Sim; creio que devem ser cumprimentos. Miss Price, não deveria existir em nossa língua algo entre cumprimentos e, e amor, para expressar a espécie de de relações de amizade que tivemos juntos? Tantos meses de familiaridade! Mas cumprimentos talvez sejam suficientes aqui. Ele escreveu uma carta longa? Ele lhe conta o que está fazendo? Ele continua lá por causa das festividades de Natal?”

“Só ouvi parte da carta, pois foi escrita para meu tio; mas creio que foi bem curta; na verdade, tenho certeza de que eram somente algumas linhas. Tudo que ouvi foi que seu amigo insistiu para ele ficar um pouco mais e ele acabou concordando. Poucos dias ou alguns dias a mais, não estou muito certa quanto a isso”.

“Oh! Ele escreveu para o pai; achei que tivesse escrito para Lady Bertram ou para você. Mas se ele escreveu para o pai, foi por isso que foi tão conciso. Quem poderia escrever amenidades para Sir Thomas? Se tivesse escrito para você haveria mais detalhes. Você teria ouvido sobre bailes e festas. Para você, ele teria enviado uma descrição de tudo e de todos. Quantas senhoritas Owens existem por lá?”

“Três, adultas”.

“E gostam de música?”

“Não sei. Jamais soube qualquer coisa a esse respeito”.

Tentando parecer alegre e despreocupada, Miss Crawford disse: “Você sabe, essa é a primeira questão que toda mulher deve perguntar sobre as outras. Mas é tolo fazer perguntas sobre moças jovens, sobre três irmãs que acabaram de se tornar adultas, pois sem que ninguém nos conte sabemos exatamente o que são: todas muito bem educadas, agradáveis, e uma muito bonita. Existe uma

beldade em todas as famílias, essa é a regra. Duas tocam piano e uma toca harpa. Todas cantam, ou cantariam se tiverem tido aulas, ou cantam ainda melhor por não terem aprendido, algo assim”.

“Não sei nada sobre as senhoritas Owens”, disse Fanny calmamente.

“Não sabe de nada nem quer saber, como se diz por aí. Jamais um tom de voz expressou melhor a indiferença. De fato, como alguém pode se importar com alguém que nunca viu? Bem, quando seu primo voltar encontrará Mansfield muito quieta; todas os barulhentos terão ido embora, seu irmão, o meu e eu. Não gosto da ideia de deixar Mrs. Grant agora que a hora se aproxima. E ela não gosta de me ver partir”.

Fanny se viu obrigada a falar. “Você não pode duvidar de que muitas pessoas sentirão sua ausência”, disse ela. “Você nos fará muita falta”.

Miss Crawford voltou a olhar para ela, como se desejasse ouvir ou ver mais, depois riu e disse, “Oh, sim! Sentirão minha falta com se sente falta de um ruído desagradável que é interrompido; isto é, sentirão uma grande diferença. Mas não estou procurando cumprimentos. Se sentirem minha falta voltarei. Poderei ser encontrada por quem desejar me ver. Não estarei em nenhuma região estranha, distante ou inacessível”.

Fanny não conseguiu dizer mais nada e Miss Crawford ficou desapontada, pois esperara ouvir alguma agradável garantia de seu poder, vinda de alguém que ela achava que devia saber; Seu espírito novamente ficou nublado.

“As senhoritas Owens”, disse ela pouco depois. “Suponha que houvesse uma das senhoritas Owens estabelecida em Thornton Lacey; você gostaria disso? Coisas mais estranhas já aconteceram. Ouso dizer que elas talvez tenham alguma coisa. E isso é bem aparente, pois para elas seria uma belíssima afirmação. Não me espanto com isso nem as culpo. É dever de todos fazer por si mesmos o melhor que puderem. O filho de Sir Thomas Bertram é alguém, e agora pertence à mesma linha de trabalho. Seu pai é um clérigo, seu irmão também é um clérigo, e eles todos são clérigos juntos. Ele se encontra na propriedade deles; ele positivamente lhes pertence. Você nada fala, Fanny; Miss Price, nada comenta. Mas honestamente agora, você não preferiria que fosse diferente?”

“Não”, disse Fanny corajosamente. “Absolutamente”.

“Absolutamente!”, exclamou Miss Crawford com vivacidade. “Eu me admiro com isso. Mas ousa dizer que você sabe exatamente, sempre imagino que saiba, e talvez não creia que ele se case, pelo menos não ainda”.

“Não, não creio”, disse Fanny suavemente, esperando que ela não se

enganasse quanto à crença nem quanto ao seu conhecimento disso.

Sua companheira a olhou de modo penetrante; e adquirindo mais ânimo ao vê-la corar devido a esse olhar, disse apenas, “Para ele é melhor assim”, e mudou de assunto.

CAPÍTULO XXX

Essa conversa abrandou bastante o mal-estar de Miss Crawford, que voltou para casa com ânimo para enfrentar outra semana com o mesmo pequeno grupo e o mesmo mau tempo, se tivesse que ser posta à prova. Mas como aquela mesma tarde lhe trouxe de Londres o irmão com seu habitual bom humor, ela não precisou testar a seu. Ele ainda se recusava a lhe contar o que fora fazer, além de lhe proporcionar alegria. Um dia antes isso talvez a tivesse irritado, mas agora era um brinquedo aprazível – ela suspeitava que ele escondia algo que planejava para surpreendê-la de modo agradável. E o dia seguinte realmente trouxe uma surpresa. Henry disse que precisava ir à casa dos Bertram para perguntar como estavam, e que voltaria em dez minutos, mas saíra há mais de uma hora. Sua irmã esperava por ele para caminharem juntos pelo jardim, e quando finalmente o encontrou na curva do caminho exclamou impaciente: “Meu caro Henry, onde esteve esse tempo todo?”, e ele apenas respondeu que estivera conversando com Lady Bertram e com Fanny.

“Conversando com elas durante uma hora e meia!”, exclamou Mary.

Mas isso foi apenas o início de sua surpresa.

“Sim, Mary”, disse ele dando-lhe o braço e caminhando ao longo da curva como se não soubesse onde estava: “Não pude sair antes. Fanny estava tão bonita! Estou realmente determinado, Mary. Já me resolvi inteiramente. Isso vai espantá-la? Não: você deve ter notado que estou bastante determinado a me casar com Fanny Price”.

A surpresa agora estava completa, pois apesar de seu modo de se expressar demonstrar seu interesse, a suspeita de que acalentava esse desejo jamais entrara na imaginação da irmã, e ela demonstrou de modo tão verdadeiro o espanto que sentia que ele foi obrigado a repetir o que dissera, de modo mais completo e solene. Assim que se convenceu, a convicção de sua determinação não foi mal acolhida. Apesar de surpresa, até sentiu prazer. Mary estava em um estado de espírito em que qualquer ligação com a família Bertram lhe proporcionava alegria, e não lhe desagradava que seu irmão se casasse com alguém um pouco inferior a ele.

“Sim Mary”, concluiu Henry. “Positivamente, fui apanhado. Você sabe com que fúteis desígnios eu comecei isto, mas agora tudo terminou. Posso me gabar de ter feito consideráveis progressos em sua afeição, e meus sentimentos são absolutamente firmes”.

“Moça de sorte! Moça de sorte!”, exclamou Mary assim que conseguiu falar. “Que casamento para ela! Meu queridíssimo Henry, este é meu primeiro

sentimento, mas meu segundo, que lhe peço para aceitar com a mesma sinceridade, é que aprovo sua escolha do fundo de minha alma e antevejo sua felicidade tão entusiasmamente quanto a desejo e aspiro. Você terá uma doce mulherzinha. Que excelente casamento para ela! Mrs. Norris costuma falar que ela tem sorte. O que dirá agora? Na verdade, isso fará a alegria da família toda. Ela possui alguns amigos verdadeiros entre eles. Como se alegrarão! Mas conte-me tudo! Conte-me tudo! Quando você começou a pensar seriamente nela?"

Nada poderia ser mais impossível do que responder a essa questão, apesar de Henry adorar que ela tivesse feito. "Não poderia dizer como fui assolado por essa deliciosa calamidade", e antes que ele expressasse três vezes os mesmos sentimentos com uma pequena variação de palavras, sua irmã avidamente o interrompeu: "Ah, meu querido Henry, foi isso que o levou a Londres! Era esse o negócio que você tinha a tratar! Você quis consultar o Almirante antes de se resolver".

Mas ele negou o fato com decisão. Conhecia seu tio bem demais para consultá-lo sobre qualquer plano matrimonial. O Almirante odiava casamentos e achava imperdoável que um jovem de fortuna independente pensasse nisso.

"Mas quando ele conhecer Fanny vai amá-la", continuou Henry. "Ela é exatamente a mulher perfeita para destruir todos os preconceitos de um homem como o Almirante, pois é a mulher que ele desprezaria, se tivesse suficiente delicadeza para expressar suas ideias. Mas até tudo estar totalmente acertado – ajustado sem risco de qualquer interferência, ele não saberá nada sobre o assunto. Não Mary, você está totalmente enganada. Você ainda não descobriu o que fui fazer".

"Bem, bem, estou satisfeita. Agora sei com quem ele se relaciona e não tenho pressa em saber o resto. Fanny Price! Maravilhoso, verdadeiramente maravilhoso! Que Mansfield tenha feito tanto por... que você tenha encontrado seu destino em Mansfield! Mas você tem razão, não poderia ter feito melhor escolha. Não existe moça melhor no mundo e você não tem necessidade de fortuna. E quanto aos seus parentes, são excelentes. Sem dúvida os Bertram são uma das principais famílias desta região. Mas continue, continue. Conte-me mais. Quais são seus planos? Ela já sabe sobre sua felicidade?"

"Não".

"E o que você está esperando?"

"Espero por... por pouco mais que uma oportunidade. Mary, ela não é como suas primas, mas creio que não pedirei em vão".

"Oh, não! Não é possível. Supondo que ela ainda não o ame (o qual tenho

poucas dúvidas), se você fosse menos atraente já estaria seguro. A gentileza e gratidão que são próprias de sua natureza garantiriam imediatamente sua aceitação. Do fundo de minha alma, não creio que ela se cassasse com você sem amor. Se existe no mundo uma jovem incapaz de ser influenciada pela ambição, suponho que seja ela, mas se você lhe pedir para amá-lo ela jamais terá coragem de recusar”.

Assim que a ansiedade dela serenou, ficou feliz de lhe contar tudo, e ela de ouvi-lo, e seguiu-se uma conversa quase tão profundamente interessante para ela quanto para ele, apesar de na verdade não ter nada para contar além de suas próprias sensações, nada para expor além dos encantos de Fanny. A beleza do rosto e da silhueta de Fanny, a bondade de seu coração e a graça de suas maneiras eram um tema inexaurível. A gentileza, a modéstia e a doçura de seu caráter foram calorosamente descritas, a doçura que é uma parte essencial de toda mulher desejada por um homem, que apesar de às vezes amar alguém que não a possui jamais acredita que não exista. Seu temperamento merecia confiança e elogios. Ele frequentemente a vira posta à prova. Existia alguém na família, exceto Edmund, que de um modo ou de outro continuamente não testasse sua paciência e sua tolerância? Era evidente que suas afeições eram fortes. Vê-la com o irmão! Nada provaria de modo mais deleitoso que o calor de seu coração se equiparava à sua gentileza. O que poderia ser mais encorajador para um homem que almejasse o seu amor? Sua inteligência estava acima de qualquer suspeita, era rápida e clara, e suas maneiras refletiam a modéstia e a elegância de sua mente. E isso não era tudo. Henry Crawford possuía suficiente bom senso para apreciar o valor do bom caráter em uma esposa, apesar de pouco acostumado a refletir com seriedade para saber chamá-los pelo verdadeiro nome. Mas quando mencionou sua firmeza e regularidade de conduta, sua alta noção de honra e uma observância de decoro que garantiria a qualquer homem a total certeza em sua fé e integridade, expressou o conhecimento de que ela era uma pessoa religiosa e de bons princípios.

“Poderia confiar nela de forma total e absoluta”, disse ele; “e é isso o que eu desejo”.

Sua irmã bem poderia se alegrar com seus prospectos, acreditando que sua opinião sobre Fanny Price realmente não excedia seus méritos.

“Quanto mais penso no assunto mais me convenço de que você está fazendo a coisa certa”, exclamou ela. “E apesar de jamais ter pensado em Fanny como a moça que poderia conquistá-lo agora estou convencida de que ela é a única que poderá fazê-lo feliz. Seu plano maldoso para acabar com sua paz acabou, na verdade, sendo uma ideia inteligente. Vocês dois encontrarão a felicidade”.

“Foi mau, muito mau pensar em agir contra essa criatura; mas naquela época eu não a conhecia e ela não terá razão para lamentar a hora em que coloquei essa ideia na cabeça. Eu a farei muito feliz, Mary; mais feliz do que ela já foi ou viu alguém ser. Não a retirarei de Northamptonshire. Deixarei Everingham e alugarei um lugar nestas vizinhanças; talvez Stanwix Lodge. Arrendarei Everingham por sete anos. Tenho certeza de que conseguirei um ótimo arrendatário em pouco tempo. Eu já poderia mencionar o nome de três pessoas que aceitariam meus termos e me agradeceriam”.

“Ah!”, exclamou Mary; “estabelecer-se em Northamptonshire! Isso é ótimo! Ficaremos todos juntos”.

Assim que disse essas palavras se arrependeu e desejou desdizer-se, mas não houve necessidade, pois seu irmão a viu apenas como hóspede da Casa Paroquial de Mansfield e só lhe respondeu para convidá-la do modo mais gentil possível a se hospedar em sua casa, reclamando o direito de ter sua presença.

“Você precisa nos dar mais de metade do seu tempo”, disse ele. “Não posso admitir que Mrs. Grant tenha os mesmos direitos que eu e Fanny, pois seremos dois a exigir sua presença. Fanny será uma verdadeira irmã para você!”

Mary só pôde se sentir grata e lhe dar garantias gerais, mas agora tinha o firme propósito de não ser hóspede nem de seu irmão nem de sua irmã durante vários meses.

“Dividirá seu ano entre Londres e Northamptonshire?”

“Sim”.

“Isto é ótimo; e naturalmente em Londres você terá sua própria casa: não mais ficará com o Almirante. Meu querido Henry, é vantajoso você se afastar do Almirante antes que suas maneiras sejam contagiadas pelas dele, antes que você absorva suas opiniões tolas ou aprenda a se sentar diante de sua refeição como se fosse a maior bênção de sua vida! Você não percebe a vantagem, pois sua consideração para com ele o cegou, mas creio que se casar cedo pode salvá-lo. Meu coração ficaria partido se eu o visse se comportar como o Almirante, em palavras, aparência ou gestos”.

“Bem, bem, nós não pensamos do mesmo modo quanto a esse assunto. O Almirante tem suas falhas, mas é um bom homem e tem sido mais que um pai para mim. Poucos pais teriam permitido que eu seguisse meu próprio caminho. Você não deve influenciar Fanny contra ele. Desejo que eles gostem um do outro”.

Mary não disse o que sentia: não poderia haver duas pessoas no mundo cujo caráter e modos fossem menos compatíveis e o tempo se encarregaria de mostrar a ele; mas não pôde se impedir essa reflexão sobre o Almirante. “Henry, tenho Fanny Price na mais alta conta, e se supusesse que a próxima Mrs. Crawford teria metade das razões que levaram minha pobre tia a abominar seu nome, eu faria tudo para evitar esse casamento, se pudesse; mas eu o conheço: sei que a jovem que possuir seu amor será a mais feliz das mulheres, e se um dia você deixasse de amá-la, ela encontraria em você a liberalidade e a boa educação de um cavalheiro”.

A impossibilidade de não fazer tudo no mundo para tornar Fanny Price feliz, ou de deixar de amar Fanny Price, naturalmente era a base de sua eloquente resposta.

“Se você a tivesse visto esta manhã, Mary, atendendo com tal inefável doçura e paciência a todas as estúpidas exigências da tia, trabalhando com ela e para ela, as cores de seu rosto lindamente acentuadas quando ela se debruçava sobre o trabalho, depois voltando ao seu lugar para terminar uma nota que começara a escrever a pedido daquela mulher tola, e tudo isso com tamanha gentileza sem pretensões, como se fosse a coisa mais natural do mundo ela não ter um momento para si, o cabelo tão bem penteado quanto sempre, um cachinho caindo sobre sua frente enquanto escrevia, afastado de tempos em tempos, e em meio a tudo isso encontrando um meio de falar comigo de vez em quando, ou me ouvir como se gostasse do que eu dizia. Se você a tivesse visto, Mary, jamais pensaria na possibilidade do poder que ela exerce sobre meu coração cessar um dia”.

“Meu querido Henry”, exclamou Mary sorrindo para ele, “como estou feliz ao vê-lo tão apaixonado! Fico realmente encantada. Mas o que dirão Mrs. Rushworth e Julia?”

“Não me importa o que possam dizer ou sentir. Verão agora o tipo de mulher que pode me conquistar, que pode conquistar um homem de bom senso. Desejo que essa descoberta lhes faça bem. E verão a prima ser tratada como merece, e espero do fundo de meu coração que se envergonhem de sua abominável negligência e crueldade. Ficarão furiosas”, acrescentou ele, após um momento de silêncio, e disse em tom mais frio: “Mrs. Rushworth ficará muito irada. Será uma pílula amarga para ela; e como com todas as outras pílulas amargas, terá dois momentos de gosto desagradável, mas depois a engolirá e esquecerá; pois não sou tão arrogante a ponto de supor que seus sentimentos por mim sejam mais duradouros que os de outras mulheres. Sim, Mary, minha Fanny sentirá a diferença: uma diferença diária, a toda hora, no comportamento de todos os que se aproximarem dela; e minha felicidade será completa por

saber que sou responsável por isso, que sou a pessoa que lhe dá a importância que ela merece. No momento, ela é dependente, indefesa, sem amigos, negligenciada, esquecida.

“Não Henry, não por todos; não é esquecida por todos, nem está sem amigos ou esquecida. Seu primo Edmund jamais se esquece dela”.

“Edmund! É verdade. Falando em geral, creio que ele é gentil com ela, como também o é Sir Thomas, a seu modo, à maneira de um tio rico, superior, enfadonho e arbitrário. O que podem fazer Sir Thomas e Edmund por sua felicidade, conforto, honra e dignidade no mundo, comparando-se ao que eu farei?”

CAPÍTULO XXXI

Em uma hora mais matinal do que manda o protocolo, na manhã seguinte Henry Crawford voltou a Mansfield Park. As duas mulheres estavam juntas na sala de desjejum e, felizmente para ele, Lady Bertram preparava-se para deixar a sala quando ele entrou. Ela se encontrava praticamente na porta, e não desejava de modo algum ter tanto incômodo em vão, prosseguiu após recepcioná-lo com civildade, pronunciando algo sobre estar sendo esperada e dizendo à criada, “Informe Sir Thomas”.

Radiante por vê-la sair, Henry se curvou observando-a ir embora, e sem perder outro momento voltou-se instantaneamente para Fanny e, pegando algumas cartas, disse muito animado: “Devo me sentir infinitamente grato a qualquer criatura que me dê uma oportunidade de vê-la sozinha: tenho desejado que isso acontecesse, mais do que você pode imaginar. Conhecendo como conheço seus sentimentos de irmã, não gostaria que qualquer pessoa da casa dividisse com você o primeiro impacto da notícia que lhe trago. Já é certo. Seu irmão é um tenente. Tenho a infinita satisfação de lhe cumprimentar pela promoção de seu irmão. Aqui estão as cartas que anunciam esse fato e que acabam de chegar às minhas mãos. Talvez você goste de vê-las”.

Fanny não conseguia falar, mas ele não desejava que ela falasse. Era suficiente ver a expressão de seus olhos, a mudança em seu rosto, a sequência de sentimentos, a dúvida, a confusão, a felicidade. Ela pegou as cartas que ele lhe dava. A primeira era do Almirante, informando o sobrinho, em poucas palavras, do sucesso do projeto em que se empenhara, ou seja, a promoção do jovem Price. Essa carta vinha acompanhada de duas outras, uma do secretário do Primeiro Lorde do Almirantado a um amigo que o Almirante encarregara de cuidar do assunto, a outra desse amigo para ele próprio, cujo teor parecia provar que o Lorde tinha grande prazer em atender à recomendação de Sir Charles, que Sir Charles ficara encantado por ter a oportunidade de provar sua consideração pelo Almirante Crawford, e que o fato de haver sido concedida a patente de segundo tenente da corveta ‘Trush’ de Sua Majestade a Mr. William Price causara grande satisfação a um amplo círculo de pessoas importantes.

Sua mão tremia sob essas cartas, seus olhos corriam de uma para outra e seu coração se dilatava de emoção. Com grande entusiasmo, Crawford continuava a expressar seu interesse pelo acontecimento:

“Não falarei sobre minha própria felicidade, por maior que seja, pois só penso na sua”, dizia ele. “Diante de você, quem tem direito a ser feliz? Quase odiei a mim mesmo por ter tomado conhecimento de algo que você deveria saber antes de todos neste mundo. Porém, não perdi um momento. O correio

chegou tarde esta manhã, mas não esperei nem um instante. Não posso descrever como fiquei impaciente, ansioso, como sofri com o assunto, como fiquei enormemente mortificado, cruelmente desapontado por não ter conseguido resolvê-lo enquanto me encontrava em Londres! Permaneci ali dia após dia na esperança de vê-lo decidido, pois nada menos importante para mim me impediria de voltar a Mansfield na metade do tempo. Mas apesar de meu tio ter atendido aos meus desejos com toda atenção que eu esperava e tenha se empenhado imediatamente, houve algumas dificuldades devido à ausência de um amigo e aos compromissos de outro, por isso não pude esperar pela sua conclusão, e sabendo que deixara a causa em boas mãos voltei na segunda-feira, esperando que não passassem muitos correios até eu receber as cartas. Meu tio é um dos melhores homens do mundo e se esforçou imensamente, como eu sabia que o faria depois de conhecer seu irmão. Ele o apreciou muitíssimo. Não me permiti lhe dizer ontem o quanto ficou encantado, nem repetir metade do que o Almirante disse ao elogiá-lo. Preferi adiar até que seus louvores pudessem ser considerados os elogios de um amigo, como já foi provado hoje. Agora posso dizer que eu não imaginava que William Price provocasse um interesse tão grande, seguido pelos mais calorosos votos e as mais elevadas recomendações, como voluntariamente expressos pelo meu tio depois da noite que passaram juntos”.

“Então, tudo isto se deve a você?”, exclamou Fanny. “Santo Deus! Mas quanta, quanta gentileza! Foi você, realmente, foi devido ao seu desejo? Perdão, mas estou perplexa. E o Almirante Crawford a solicitou? Como foi? Estou estupefata”.

Henry estava felicíssimo em tornar tudo mais inteligível, começando em um estágio anterior, explicando exatamente o que fizera. Sua última viagem a Londres não tivera outra finalidade além de apresentar seu irmão em Hill Street e persuadir o Almirante a exercer sua influência para promovê-lo. Fora esse seu propósito. Não dissera nada a ninguém, nem mesmo para Mary. Apesar da incerteza do assunto, não desejava compartilhar seus sentimentos com ninguém, pois aquele assunto era seu. Falava com tamanho brilho sobre seu desejo e usava expressões tão fortes, demonstrava um interesse tão abundante e profundo, motivos, opiniões e desejos tão intensos que ficava difícil narrar. Se conseguisse prestar atenção, Fanny não poderia permanecer insensível às suas intenções, mas seu coração se encontrava tão cheio e seus sentidos tão atordoados que só conseguia ouvir de modo imperfeito o que ele lhe contava sobre William, dizendo apenas quando ele fazia uma pausa: “Que gentileza! Quanta bondade! Oh, Mr. Crawford, estamos infinitamente gratos a você! Querido, queridíssimo William!” Ela se levantou precipitadamente e correu para a porta, exclamando: “Vou procurar meu tio. Meu tio precisa saber o mais depressa possível”. Mas ele não

poderia aceitar isso. A oportunidade era muito preciosa e seus sentimentos por demais impacientes. Correu atrás dela. Ela ainda não podia ir, precisava lhe conceder mais cinco minutos. Tomou suas mãos e a conduziu de volta à sua cadeira, e estava em meio a outras explicações quando ela suspeitou a razão pela qual fora detida. Contudo, quando realmente compreendeu que ele esperava que ela acreditasse ter acendido em seu coração sensações que ele jamais conhecera, e que tudo que fizera por William deveria ser atribuído ao seu excessivo e inigualável amor por ela, ficou muito angustiada, incapaz de falar por alguns momentos. Achou que tudo aquilo não passava de tolice, mera brincadeira e galanteio com a finalidade de enganá-la momentaneamente. Não pôde deixar de sentir que estava sendo tratada de modo impróprio e indigno, e que não merecia isso. Mas isso era bem característico de Henry, exatamente o que presenciara antes, e ela não se permitiria demonstrar metade do desprazer que sentia porque ele lhe fizera um favor que nenhuma falta de delicadeza de sua parte a faria esquecer. Com o coração repleto de alegria e gratidão pelo que ele fizera por William, não poderia se aborrecer demais com algo que só prejudicava a si mesma, e depois de afastar sua mão por duas vezes, por duas vezes tentar em vão se afastar dele, levantou-se e muito agitada disse apenas: “Não, Mr. Crawford, por favor, não! Eu lhe suplico, não continue. Essa é uma conversa que me desagrada. Preciso sair. Não posso mais aguentar”. Mas ele ainda falava, descrevia sua afeição, pedia que voltasse, e por fim, em palavras tão claras que não podiam ter outro significado até para ela, ofereceu a si mesmo, sua mão, sua fortuna, tudo para que ela o aceitasse. Era assim; ele se declarara. Seu espanto e confusão aumentaram, e apesar de ainda não saber se deveria levá-lo a sério, mal conseguia se manter em pé. Ele exigia uma resposta.

“Não, não, não!”, exclamou ela escondendo o rosto. “Isso tudo é um absurdo. Não me torture. Não quero ouvir mais nada. Sua gentileza para com William faz com que eu seja mais grata do que as palavras podem expressar, mas não desejo, não consigo, nem devo ouvi-lo. Não, não, não pense em mim. Mas você não está pensando em mim. Sei que isso tudo não significa nada”.

Ela se afastara dele, e nesse momento ouviram Sir Thomas falar com uma criada, a caminho da sala em que se encontravam. Não havia mais tempo para outras declarações ou súplicas, embora fosse uma cruel necessidade separar-se dela em um momento em que, para sua mente confiante e segura, apenas o recato da jovem parecia bloquear o caminho para a felicidade que buscava. Ela correria na direção da porta oposta da que seu tio de aproximava, e caminhava na direção da ala leste, sentindo a maior confusão de sentimentos contrários antes que Sir Thomas terminasse de recebê-lo com amabilidades e desculpas, ou compreendesse a feliz notícia que o visitante fora comunicar.

Ela sentia, pensava, tremia por tudo. Agitada, feliz, miserável,

infinitamente grata, e absolutamente furiosa. Era inacreditável! Imperdoável, incompreensível! Mas esses eram seus hábitos. Ele não podia fazer nada que não tivesse uma pitada de maldade. Antes, ele a tornara o ser humano mais feliz sobre a terra, e agora a insultava – não sabia o que dizer nem como julgá-lo ou encará-lo. Não devia levá-lo a sério, mas como perdoar o uso daquelas palavras e aquelas ofertas, se não significavam nada para ele?

Mas William era um tenente. Isso era um fato fora de dúvida, sem qualquer engano. Pensaria nisso e se esqueceria de todo resto. Mr. Crawford certamente jamais voltaria a falar com ela: provavelmente notara o quanto era indesejável para ela; e nesse caso, como ela o estimaria e lhe seria grata por sua amizade por William!

Não sairia da ala leste para ir além do topo da grande escadaria enquanto não tivesse certeza de que Mr. Crawford já fora embora, mas quando se convenceu de sua partida ficou ansiosa para descer e se encontrar com seu tio para ter a felicidade de ver sua alegria e todo o benefício de sua informação, e tomar conhecimento de suas conjecturas quanto ao destino de William. Sir Thomas se mostrou tão alegre quanto ela poderia desejar, muito delicado e comunicativo, e ela teve uma conversa tão confortável com ele a respeito de William a ponto de fazer com que se sentisse como se nada tivesse ocorrido para irritá-la, até descobrir que Mr. Crawford fora convidado para jantar naquele mesmo dia. Isso foi algo muito desagradável de se ouvir, pois apesar de ele talvez não se importar com o que acontecera, provavelmente seria bastante difícil vê-lo novamente tão depressa.

Ela tentou fazer o melhor possível. À medida que a hora do jantar se aproximava, empenhou-se em manter a mesma aparência e se sentir como sempre, mas era praticamente impossível não parecer tímida e desconfortável quando o convidado entrou na sala. Jamais supusera que haveria circunstâncias tão penosas exatamente no dia em que soubera da promoção de William.

Mr. Crawford não só se encontrava na sala, mas logo se aproximou dela. Tinha um bilhete da irmã para lhe entregar. Fanny não conseguiu olhar para ele, mas não havia sinal do recente desvario em sua voz. Abriu o bilhete imediatamente, feliz por ter algo para fazer, contente com a movimentação de sua tia Norris, que também jantaria com eles, o que a protegia um pouco de ser observada.

Minha querida Fanny,

Pois agora posso chamá-la desse modo para alívio infinito de uma língua que costumava tropeçar ao dizer Miss Price pelo menos nas últimas seis semanas, não

posso deixar que meu irmão vá até sua casa sem lhe mandar algumas linhas de congratulação e dar meu mais alegre consentimento e aprovação. Continue, minha querida Fanny, e sem temor. Não há dificuldades dignas de menção. Prefiro supor que o apoio de meu consentimento signifique alguma coisa, portanto esta tarde pode sorrir para ele seu sorriso mais doce, e você o enviará de volta para mim ainda mais feliz do que quando foi para sua casa.

Afetuosamente sua,

M. C.

Essas não eram expressões que faziam bem a Fanny; pois, apesar de tê-las lido com muita pressa e confusão para formar uma opinião mais clara do que queria dizer Miss Crawford, era evidente que pretendia cumprimentá-la pelo afeto do irmão, e até parecia acreditar em sua seriedade. Ela não sabia o que fazer nem o que pensar. Havia desventura na ideia da seriedade de tal afeto; havia perplexidade e agitação de todos os modos. Ela ficava aflita todas as vezes que Mr. Crawford falava com ela, e ele falava com exagerada frequência; e ela temia que em sua voz e em seu modo de tratá-la houvesse algo muito diferente de quando ele conversava com os outros. Seu bem estar durante o jantar daquele dia foi destruído: quase não conseguiu comer, e quando, de bom humor, Sir Thomas observou que a alegria havia lhe roubado o seu apetite, teve vontade de afundar de vergonha, apavorada com a interpretação de Mr. Crawford; pois apesar de não haver nada que a fizesse olhar para a direita, onde ele se sentava, ela sentia seus olhos imediatamente cravados nela.

Ela se mantinha mais silenciosa que nunca. Mal participou da conversa, mesmo quando o assunto foi William, pois sua promoção também vinha da direita e essa ligação lhe doía.

Pareceu-lhe que Lady Bertram permanecia na mesa por tempo demais e começou a perder as esperanças de sair dali, mas finalmente foram para a sala de visitas e ela pôde colocar os pensamentos em ordem, enquanto suas tias terminavam o assunto da promoção de William a seu modo.

Mrs. Norris parecia mais encantada com a economia que isso representaria para Sir Thomas do que qualquer outra parte do assunto. “Agora William poderá se sustentar, o que fará uma enorme diferença para seu tio, apesar de não se saber quanto lhe custa mantê-lo. Na verdade isso também faria diferença nos presentes dela. Ela estava muito feliz por ter dado a William o que lhe dera quando ele partira, de fato muito contente porque pudera ofertar algo considerável sem sacrifícios de ordem material, isto é, com seus meios limitados, pois agora tudo lhe seria útil para equipar sua cabine. Sabia que seria necessário

fazer algumas despesas e que teria que comprar muitas coisas, apesar de seus pais poderem lhe instruir a comprar tudo mais barato, mas ela se sentia feliz por ter contribuído com seu módico quinhão”.

“Fico feliz por você lhe ter dado algo considerável”, disse Lady Bertram com uma calma confiante, “pois eu lhe dei apenas dez libras”.

“Deveras!”, exclamou Mrs. Norris, enrubescendo. “Garanto que ele saiu daqui com os bolsos bem recheados, e nem precisou pagar por sua viagem a Londres!”

“Sir Thomas me assegurou que dez libras seriam suficientes”.

Como Mrs. Norris não estava inclinada a discutir a suficiência do donativo, começou a levar o assunto para outro curso.

“É incrível”, disse ela, “o quanto muitos jovens custam aos amigos e quanto se gasta para educá-los e encaminhá-los no mundo! Eles não imaginam o valor disso tudo, nem sabem quanto seus pais, tios e tias pagam por suas despesas no decorrer do ano. Pois bem, é só ver o exemplo dos filhos de minha irmã Price; ninguém acreditaria na soma que Sir Thomas gasta com todos eles a cada ano, sem falar no que eu faço por eles”.

“É verdade, irmã, você tem razão. Mas, coitados! Não têm culpa, e você sabe que faz muito pouca diferença para Sir Thomas. Fanny, William não pode se esquecer do meu xale quando for para a Índia Oriental; e eu lhe darei uma comissão por qualquer outra coisa que valha a pena. Quem me dera ele fosse para as Índias Orientais, para que eu possa ter meu xale. Creio que vou querer dois xales, Fanny”.

Falando somente quando não podia evitar, Fanny tentava arduamente compreender o que pretendiam Mr. e Miss Crawford. Tudo no mundo estava contra a seriedade deles, exceto suas maneiras e palavras. Não havia nada de provável, de natural ou razoável naquilo, nada que estivesse de acordo com seus hábitos e modos de pensar, e até com seus próprios deméritos. Como poderia ela ter inspirado um afeto sincero em um homem que já havia visto tantas moças, admirado e flertado tantas jovens infinitamente superiores a ela, que parecia tão pouco habituado a emoções sérias, que se esforçava para se divertir, que pensava de modo tão superficial, descuidado e impiedoso sobre todos esses pontos, que era tudo para todos e parecia achar que não havia ninguém essencial para ele? Além disso, como poderia ela supor que sua irmã, com todas as suas grandiloquentes e mundanas noções sobre o casamento, poderia apoiar qualquer coisa de natureza tão séria? Nada poderia ser tão antinatural em ambos. Fanny se envergonhava de suas dúvidas. Tudo era possível, exceto uma séria afeição ou

uma séria aprovação de sua pessoa. Ele já se convencera disso antes de Sir Thomas e de Mr. Crawford se juntarem às senhoras. A dificuldade era manter a convicção de modo tão absoluto depois de ver Mr. Crawford na sala, pois uma ou duas vezes ele a olhara de um modo que não conseguira rotular de corriqueiro. Em outro homem, teria dito que significava algo muito ardente, muito penetrante. Mas ainda tentava acreditar que não passava de um olhar que ele lançava com frequência às suas primas e a cinquenta outras mulheres.

Ela julgou que ele desejava lhe falar sem que os outros ouvissem. Presumiu que ele tentara fazer isso a noite toda, em intervalos, sempre que Sir Thomas saía da sala ou falava com Mrs. Norris, mas ela cuidadosamente lhe recusou todas as oportunidades.

Por fim, pareceu que o nervosismo de Fanny não tardaria a terminar, pois ele começou a falar em se retirar. Mas o conforto daquele som foi inutilizado pelo fato de ele se voltar para ela no último momento, perguntando, “Você não tem nada para enviar para Mary? Nenhuma resposta ao seu bilhete? Ela ficará desapontada se não receber nada. Peço-lhe para lhe escrever pelo menos uma linha”.

“Oh, sim! certamente”, exclamou Fanny bem depressa, com a pressa do constrangimento e com vontade de desaparecer, “Escreverei agora mesmo”.

Assim, aproximou-se da mesa em que costumava escrever para sua tia e preparou seus materiais sem ter ideia do que diria. Lera o bilhete de Miss Crawford apenas uma vez e responder algo que compreendia de modo tão imperfeito era terrivelmente angustiante. Sem prática de escrever esse tipo de nota, se tivesse tempo para sentir escrúpulos e temores quanto ao estilo, ela os teria sentido em abundância: mas algo deveria ser escrito de imediato; e com apenas um sentimento de decisão, de não desejar parecer que pensava em algo realmente sério, com o espírito e as mãos trêmulas, escreveu o seguinte:

Sou-lhe muito grata, cara Miss Crawford, por suas gentis congratulações quanto ao meu querido William. Sei que o restante de seu bilhete nada significa; pois me concebo tão inferior a qualquer coisa dessa natureza que espero que me perdoe ao implorar que não mencione mais esse assunto. Conheço bastante Mr. Crawford para não entender sua atitude; mas se ele me compreendesse tão bem, ousaria dizer que se comportaria de modo diferente. Nem sei o que escrevo, mas me faria um grande favor não mencionar mais o assunto. Agradecendo-lhe a honra de seu bilhete, cara Miss Crawford, aqui fico, etc., etc., etc.

A conclusão era praticamente ininteligível devido ao aumento do medo, pois notou que Mr. Crawford se aproximava dela, com o pretexto de receber o

bilhete.

“Não pense que desejo apressá-la”, disse ele em voz baixa, percebendo o quanto ela estava tremendo ao redigir o bilhete. “não pense que o meu objetivo seja esse. Não se apresse, eu lhe peço”.

“Oh! Obrigada; já quase o terminei; ficará pronto em um instante; ficarei muito grata a você, se tiver a bondade de entregá-lo à Miss Crawford”.

Apresentou o bilhete que ele deveria levar; e como ela imediatamente desviou os olhos e se aproximou da lareira, onde se sentavam os outros, ele não teve alternativa senão ir logo embora.

Fanny pensou que jamais conhecera um dia mais agitado, ao mesmo tempo penoso e prazeroso, mas felizmente o prazer não era do tipo que morria com o dia; pois todos os dias renovariam o conhecimento de que William fora promovido, mas esperava que o sofrimento não voltasse a perturbá-la. Não duvidava de que seu bilhete pareceria terrivelmente mal escrito, que a linguagem enrubesceria uma criança, pois sua perturbação não permitia nada melhor; mas pelo menos garantiria aos dois que as atenções de Mr. Crawford não lhe seriam impostas nem a agradavam.

CAPÍTULO XXXII

Fanny não se esquecera de Mr. Crawford ao acordar na manhã seguinte; e também lembrava o objetivo de seu bilhete. Não se sentia menos confiante quanto ao seu efeito do que na noite anterior. Se Mr. Crawford fosse ao menos embora! Era isso o que mais desejava: que se fosse e levasse a irmã com ele, como planejado, pois fora com essa finalidade que ele voltara a Mansfield. Não sabia por que isso ainda não acontecera, pois era certo que Miss Crawford não desejava atrasar a viagem. Durante o dia anterior, Fanny esperara ouvi-lo mencionar quando partiriam, mas ele só falara da viagem como se fosse se realizar apenas em um futuro distante.

Tendo ficado satisfeita com a mensagem de seu bilhete, não pôde deixar de se espantar ao ver acidentalmente Mr. Crawford novamente se aproximando da casa, tão cedo quanto no dia anterior. Sua visita talvez não tivesse nada a ver com ela, mas era necessário evitar um encontro com ele, se possível. Como estava subindo ao andar superior, resolveu ali permanecer enquanto durasse sua visita, a menos que mandassem chamá-la, e como Mrs. Norris ainda se encontrava na casa, havia pouco perigo de precisarem de sua presença.

Durante algum tempo, sentou-se em grande agitação, ouvindo, tremendo, temendo ser chamada a qualquer instante; mas, como ninguém se aproximou do quarto leste, ela gradativamente se compôs e pôde se ocupar, com esperança de que Mr. Crawford chegasse e sáisse sem que ela fosse obrigada a tomar conhecimento do assunto.

Decorreu quase meia hora e ela já se sentia bastante confortável quando de repente escutou o som de passos que se aproximavam. Passos pesados, pouco comuns naquela parte da casa: era seu tio; ela os reconhecia tão bem quanto sua voz, pois tremera com frequência ao ouvi-los, e voltou a tremer imaginando que ele subia para falar com ela, fosse qual fosse o assunto. Realmente Sir Thomas abriu a porta e perguntou se ela se encontrava ali e se ele poderia entrar. O antigo terror de suas visitas ocasionais àquele quarto pareceu se renovar e ela sentiu como se ele fosse novamente examinar seu francês e inglês.

Contudo, ela o recebeu com toda atenção, ofereceu-lhe uma cadeira e tentou parecer honrada; e, em sua agitação, esqueceu das deficiências de seu apartamento até que, parando de repente logo após entrar, ele disse muito surpresa: “Por que você não acendeu a lareira hoje?”

O chão estava coberto de neve e ela se sentava enrolada em um xale. Ela hesitou.

“Não estou com frio, senhor: nesta época do ano, não fico aqui muito

tempo”.

“Mas você em geral mantém o fogo aceso?”

“Não, meu senhor”.

“E qual é a razão para isso? Deve haver algum engano. Soube que você usava este quarto para se sentir perfeitamente confortável. Sei que não pode haver uma lareira em seu quarto de dormir. Mas aqui há um enorme equívoco que deve ser retificado. É altamente inadequado você se sentar aqui com a lareira apagada, mesmo durante meia hora por dia. Você está congelada. Provavelmente sua tia não sabe disso”.

Fanny preferiria ficar calada, mas por ser obrigada a falar, e para fazer justiça à tia que ela mais gostava, não pôde deixar de pronunciar algo em que se distinguiam as palavras “minha tia Norris”.

“Compreendo”, exclamou seu tio, recordando-se, e não desejando ouvir mais. “Compreendo. Sua tia Norris sempre defendeu a tese, e de uma maneira muito prudente, de que as crianças devem ser educadas sem indulgências desnecessárias; mas deve haver moderação em tudo. Ela também é muito resistente ao frio, e naturalmente isso a influencia quanto às necessidades dos outros. E também posso compreender perfeitamente outro aspecto. Sei quais foram sempre os seus sentimentos. Em si, o princípio era bom, e pode realmente ser, mas creio que ela tenha exagerado no seu caso. Tenho conhecimento de que em alguns pontos houve uma distinção inapropriada; mas eu a conheço bem demais, Fanny, para supor que você guardará algum ressentimento quanto a isso. Sua compreensão evitará que você a julgue apenas em parte e encare os fatos com parcialidade. Verá o passado como um todo, avaliará a época, as pessoas e as probabilidades, e sentirá que eram pessoas amigas que a educavam e preparavam para a condição medíocre que parecia ser seu destino. Apesar de eventualmente a cautela de alguns poder ser considerada desnecessária, o intuito era louvável; e você pode ter certeza de que todas as vantagens da prosperidade serão dobradas devido às pequenas privações e restrições que lhe foram impostas. Sei que você não alterará a opinião que tenho de você deixando algum dia de tratar sua tia Norris com o respeito e a atenção que são devidas a ela. Mas chega deste assunto. Sente-se, minha querida. Preciso falar com você por alguns minutos, mas não a reterei por muito tempo”.

Fanny obedeceu mantendo os olhos baixos, ruborizando-se cada vez mais. Depois de fazer uma pausa, tentando suprimir um sorriso, Sir Thomas continuou.

“Talvez você não saiba que esta manhã recebi uma visita. Eu tinha acabado de voltar para o escritório, logo após o desjejum, quando Mr. Crawford

foi introduzido. Você deve imaginar o motivo de sua visita”.

O rubor de Fanny se aprofundou mais e mais; e seu tio, percebendo que ela estava envergonhada a tal ponto que lhe seria impossível falar ou levantar os olhos, desviou o olhar e, sem mais delongas passou a descrever a visita de Mr. Crawford.

O assunto do jovem fora se declarar apaixonado por Fanny, fazer propostas decididas e solicitar a autorização de seu tio, que parecia ocupar o lugar de seus pais; e como ele se comportara de modo tão íntegro, tão franco, tão liberal e tão correto, Sir Thomas também sentira que suas próprias respostas e suas próprias observações haviam sido muito razoáveis, e sentia-se muitíssimo feliz ao lhe detalhar os particulares da conversa entre eles; sem notar o que passava pela cabeça da sobrinha, julgava que esses detalhes lhe davam mais prazer do que a si mesmo. Assim sendo, falou durante vários minutos sem que Fanny ousasse interrompê-lo. Ela nem mesmo desejava fazê-lo. Sua mente estava confusa demais. Mudara de posição; e com os olhos fixados intensamente em uma das janelas, ouvia seu tio, tomada da maior perturbação e desalento. Ele se interrompeu por um momento, mas ela mal tomou consciência do fato, e, levantando-se de sua cadeira, ele disse, “E agora, Fanny, tendo cumprido parte de minha missão e tendo lhe revelado que tudo se apoia sobre uma base segura e satisfatória, devo cumprir a outra parte de minha missão pedindo-lhe para me acompanhar ao andar inferior onde, apesar de saber que minha companhia não lhe foi desagradável, devo dizer que você encontrará alguém a quem ouvirá com prazer ainda maior. Mr. Crawford, como você talvez tenha previsto, ainda se encontra aqui em casa. Ele está em meu escritório e espera vê-la lá”.

Ao ouvir isso, sua expressão e a exclamação que não conseguiu conter surpreenderam Sir Thomas, o que foi ainda maior quando a ouviu exclamar, “Oh! Não, meu senhor, não posso, na verdade não posso ir vê-lo. Mr. Crawford deve saber, sabe disso, pois ontem eu lhe disse o suficiente para convencê-lo; ontem ele falou comigo sobre esse assunto e eu lhe disse, sem subterfúgios, que o considerava muito desagradável e que não conseguiria retribuir sua boa opinião sobre mim”.

“Não consigo compreendê-la”, disse Sir Thomas, sentando-se novamente. “Não conseguirá retribuir sua boa opinião? O que significa isso? Sei que ontem ele falou com você, e pelo que entendi, recebeu tanto encorajamento para prosseguir quanto uma jovem de juízo poderia se permitir autorizar. Fiquei muito contente com o que soube sobre seu comportamento na ocasião, pois demonstrou discrição altamente recomendável. Mas agora que ele se declarou de modo tão adequado e honrado, quais são seus escrúpulos?”

“O senhor se engana”, exclamou Fanny, forçada pela ansiedade do momento a dizer a seu tio que ele estava errado. “O senhor está enganado. Como pode Mr. Crawford dizer tal coisa? Não o encorajei, ontem. Ao contrário, eu lhe disse, não me lembro exatamente das palavras, mas tenho certeza que lhe disse que não desejava ouvi-lo, que ele me desagradava em todos os aspectos e roguei que jamais voltasse a falar comigo desse modo. Estou certa de que lhe disse isso e muito mais, e teria dito ainda mais se soubesse que ele falava a sério. Mas ele me desagradava, eu não podia dar às suas palavras mais crédito do que talvez tivessem. Julguei que tudo aquilo nada significava para ele”.

Ela não conseguiu dizer mais nada. Estava praticamente sem fôlego.

“Devo compreender”, disse Sir Thomas, depois de alguns momentos de silêncio, “que você pretende recusar a proposta de Mr. Crawford?”

“Sim, senhor”.

“Recusá-lo?”

“Sim, senhor”.

“Recusar Mr. Crawford! Com que alegação? Por que motivo?”

“Eu, eu não... gosto suficientemente dele para me casar com ele”.

“Isso é muito estranho!”, disse Sir Thomas em tom de calmo desprazer. “Nisto há algo que minha compreensão não consegue alcançar. Eis aqui um jovem que deseja cortejá-la, que tem tudo para recomendá-lo: não só situação na vida, fortuna e caráter, além de mais que uma rara simpatia, comportamento e conversação agradáveis a todos. Não acabamos de ser apresentados a ele; e você já o conhece há algum tempo. Além disso, a irmã dele é sua amiga íntima e eu julgaria que tudo o que ele fez por seu irmão já fosse suficiente recomendação para você, mesmo que ele não tivesse outras qualidades. Não tenho certeza se minha influência teria sido suficiente para obter a promoção de William. Ele certamente a conseguiu”.

“Sim”, disse Fanny em voz baixa, olhando para baixo com renovado embaraço, realmente envergonhada de si mesma depois do retrato pintado por seu tio e por não gostar de Mr. Crawford.

“Há algum tempo você deve ter notado”, continuou Sir Thomas, “há algum tempo você deve ter notado uma particularidade nas maneiras de Mr. Crawford para com você. Sua atitude atual não deve tê-la surpreendido. Deve ter observado suas atenções, e embora as tenha sempre recebido de modo muito correto (não tenho qualquer acusação quanto a isso), jamais notei que a desagradavam. Fanny, sinto-me inclinado a pensar que você não conhece seus

próprios sentimentos”.

“Oh, sim, senhor! De fato, eu conheço. Suas atenções jamais me agradaram”.

Sir Thomas a olhou com surpresa ainda mais profunda. “Não compreendo”, disse ele. “Isso requer uma explicação. Jovem como você é, e não conhecendo praticamente mais ninguém, é difícil que suas afeições...”

Ele se interrompeu e a olhou fixamente. Viu seus lábios formarem um não, apesar de não articular o som, porém seu rosto estava em fogo. Contudo, em uma jovem tão modesta, isso seria compatível com sua inocência; e preferindo parecer satisfeito, ele acrescentou rapidamente, “Não, não, sei que isso está fora de questão; é verdadeiramente impossível. Pois bem, não há mais nada a ser dito”.

E não disse nada por alguns minutos. Mergulhou em profunda meditação. Sua sobrinha o imitou, tentando se fortalecer e se preparar para a continuação do questionamento. Ela preferia morrer a admitir a verdade, e esperava que com alguma reflexão pudesse se fortificar suficientemente para conseguir não se trair.

“Independente do interesse que a escolha de Mr. Crawford parece justificar”, recomeçou Sir Thomas, de modo muito calmo, “seu desejo de se casar em pouco tempo faz com que eu o admire mais. Acho que as pessoas deveriam se casar cedo, se possuírem meios para tal, e que todo jovem com renda suficiente deveria se estabelecer logo depois de completar 24 anos, se puder. Essa é a minha opinião, e me aborrece pensar como é pouco provável que meu filho mais velho, seu primo, Mr. Bertram, se case cedo; pois, atualmente, não me parece que o casamento faça parte de seus planos ou pensamentos. Gostaria que ele demonstrasse mais interesse em se estabelecer”. E, lançou um olhar a Fanny. “Por suas disposições e hábitos, considero muito mais provável que Edmund se case antes de seu irmão. Na verdade, tenho me convencido de que ele encontrou uma moça que possa amar, enquanto meu filho mais velho ainda não. Estou certo? Concorda comigo, minha cara?”

“Sim, meu senhor”.

Sua resposta foi gentil e calma, e Sir Thomas ficou aliviado com relação aos primos. Mas a remoção de seu receio não fez nenhum bem à sua sobrinha, pois só confirmou uma atitude inexplicável, aumentando seu desprazer. Levantando-se e caminhando pelo quarto com um rosto carrancudo que Fanny bem podia imaginar, apesar de não ousar levantar os olhos, em voz autoritária perguntou: “Menina, há alguma razão para você pensar mal do temperamento de Mr. Crawford?”

“Não, meu senhor”.

Desejava acrescentar, “porém tenho quanto aos seus princípios”, mas seu coração se confrangeu diante do espantoso prospecto de discussão, explicação e, provavelmente, da não condenação de seu tio. Sua péssima opinião sobre ele era fundamentada sobretudo em observações que, pelo bem das primas, não ousava repetir ao pai delas. Maria e Julia, mas principalmente Maria estava tão implicada na conduta reprovável de Mr. Crawford que não podia descrever seu caráter sem traí-las. Esperara que para um homem como seu tio, arguto, honrado e bom, a simples confissão de sua aversão seria suficiente. Para seu desgosto infinito, descobriu que não era.

Sir Thomas se aproximou da mesa diante da qual ela se sentava trêmula e miserável, e com grande frieza e severidade, disse: “Já vi que não adianta falar com você. É melhor terminarmos essa conversa humilhante. Mr. Crawford não deve ser deixado esperando por mais tempo. Assim sendo, como creio que é meu dever dar minha opinião sobre sua conduta, só acrescentarei que você desapontou todas as expectativas que formei sobre você e provou possuir caráter oposto ao que eu supunha, pois Fanny, como acredito que minha conduta demonstrou, eu tinha de você uma opinião muito favorável desde que voltei da Inglaterra. Acreditei particularmente que você não possuía um caráter teimoso, arrogante, com tendência à independência de espírito, tão comum nos dias de hoje, até mesmo nas moças, e que nas mulheres jovens é mais ofensivo e desagradável que qualquer ofensa comum. Mas você me mostrou que pode ser intransigente e perversa, que pode e que decidirá por si mesma, sem qualquer consideração ou deferência pelos que certamente têm certo direito de orientá-la, sem ao mesmo procurar aconselhar-se com eles. Você se revelou muito, muito diferente do que eu imaginei. A vantagem ou desvantagem de sua família, de seus pais, irmãos e irmãs jamais pareceram passar um instante pelos seus pensamentos, nesta ocasião. Para você, não significa nada como eles poderiam se beneficiar ou se alegrar com seu estabelecimento. Você só pensa em si mesma. E como acha que Mr. Crawford não é exatamente aquilo que uma jovem inflamada pela fantasia imagina ser necessário à felicidade, resolve recusá-lo imediatamente, sem mesmo pedir algum tempo para pensar, algum tempo para refletir com calma e realmente examinar suas inclinações, e em um selvagem ataque de loucura, joga fora uma oportunidade para se estabelecer na vida de modo honrado e nobre, coisa que provavelmente jamais voltará a lhe acontecer. Aqui se encontra um jovem de bom senso, de caráter, de bom temperamento, de boas maneiras e de fortuna, muitíssimo apaixonado por você, pedindo sua mão do modo mais belo e desinteressado; e deixe que eu lhe diga, Fanny: talvez você viva mais dezoito anos sem que um homem com a metade da fortuna de Mr. Crawford e com menos de dez por cento de seus méritos a

corteje. Eu ficaria feliz em lhe conceder a mão de uma de minhas filhas. “Maria se casou com nobreza, mas se Mr. Crawford tivesse pedido a mão de Julia eu a teria concedido com maior e mais sincera satisfação do que entreguei a de Maria a Mr. Rushworth”. Depois de alguns momentos, continuou: “Eu teria ficado muito surpreso se uma de minhas filhas recebesse uma proposta de casamento com metade das qualidades que esta apresenta, e imediata e peremptoriamente, sem a amabilidade de consultar minha opinião, resolvesse rejeitá-la definitivamente. Eu não só teria me surpreendido como teria ficado extremamente magoado com esse procedimento, que consideraria uma enorme violação do dever e do respeito. Porém você não vai ser julgada pelas mesmas regras. Você não tem os deveres de uma filha. Mas Fanny, se seu coração puder absolvê-la da ingratidão...”

Ele se interrompeu. Nesse momento Fanny chorava tão amargamente que, mesmo com a raiva que sentia, decidiu não continuar a pressioná-la. O coração da jovem se partira com o retrato que ele fizera dela, com as acusações pesadas e múltiplas que se elevavam em apavorante gradação! Voluntariosa, obstinada, egoísta e ingrata. Ele pensava tudo isso sobre ela. Ela desapontara suas expectativas, perdera sua boa opinião. O que seria dela?

“Sinto muito”, disse ela, mal conseguindo articular as palavras devido às lágrimas. “Verdadeiramente, sinto muitíssimo”.

“Sente! Sim, espero que sinta; e provavelmente terá muito tempo para sentir as decisões deste dia”.

“Se me fosse possível fazer diferente”, disse ela fazendo outro grande esforço, “mas estou perfeitamente convencida de que jamais conseguiria fazê-lo feliz e que eu mesma também me sentiria desgraçada”.

Outra explosão de lágrimas; e diante dessa explosão e da grande e sombria palavra que a precedera, Sir Thomas começou a achar que deveria se mostrar mais brando, que uma pequena alteração em sua disposição talvez ajudasse de algum modo; e assim provocar uma tendência mais favorável para com o jovem rapaz. Sabia que ela era muito tímida e tremendamente nervosa; e acreditou que não seria improvável que sua mente estivesse em um estado que, com um pouco de pressão, com um pouco de paciência e um pouco de impaciência, uma judicious mescla de tudo isso por parte do rapaz apaixonado pudesse produzir os efeitos habituais. Se o cavalheiro perseverasse, se a amasse o suficiente para perseverar, Sir Thomas começaria a ter esperanças, e como essas reflexões passaram por sua cabeça, começou a animá-la dizendo, “Bem, menina, enxugue suas lágrimas, pois elas não resolvem nada; nada podem trazer de bom. Precisa descer comigo. Já deixamos Mr. Crawford esperando tempo

demais. Você deve dar a ele sua resposta: não podemos esperar que ele se satisfaça com menos; e só você pode explicar a ele o motivo pelo qual ele não compreendeu seus sentimentos que, infelizmente, ele não foi capaz de absorver. Sinto-me totalmente inadequado para esse trabalho”.

Mas Fanny demonstrou tal relutância, tamanha infelicidade diante da ideia de acompanhá-lo que depois de alguma consideração, Sir Thomas achou melhor ceder ao seu desejo. Suas esperanças quanto ao cavalheiro e à dama sofreram uma pequena depressão em consequência disso, mas quando ele olhou para sua sobrinha e viu o estado em que ficara seu rosto e sua aparência devido às lágrimas, achou que haveria mais perda que ganho em uma entrevista imediata. Portanto, pronunciou algumas palavras sem significado particular e saiu sozinho, deixando a pobre sobrinha chorando por tudo que acontecera, sentindo-se absolutamente miserável.

Sua mente estava em desordem. O passado, o presente e o futuro eram terríveis. Mas a ira de seu tio foi o que lhe causou maior sofrimento. Egoísta e ingrata! Era assim que ele a considerava! Ela se sentiria para sempre infeliz. Não tinha ninguém para ficar ao seu lado, aconselhá-la, defendê-la. Seu único amigo estava ausente. Quem sabe ele conseguisse acalmar seu pai, mas talvez todos a considerassem egoísta e ingrata. Provavelmente teria que suportar as recriminações de todos, ouvi-las, vê-las ou saber que existiriam para sempre, em tudo que fizesse. Não conseguia deixar de sentir algum ressentimento contra Mr. Crawford; mesmo se ele realmente a amasse, também devia estar se sentindo infeliz! Aquilo tudo era uma desgraça.

Seu tio voltou depois de um quarto de hora, e ela quase desmaiou ao vê-lo. Contudo, ele falou com calma, sem austeridade, sem reprovações, e ela reviveu um pouco. Também havia consolo em suas palavras e em suas maneiras, pois começou dizendo, “Mr. Crawford se foi: ele acabou de sair. Não preciso repetir o que se passou. Não desejo acrescentar mais sofrimento ao que você está sentindo contando como ele se sentiu. Basta dizer que se comportou de modo mais cavalheiresco e generoso possível, e confirmou minha opinião favorável quanto à sua compreensão, seu temperamento e seu coração. Quando lhe disse que você estava sofrendo, ele imediatamente, e com grande delicadeza, cessou de insistir para vê-la agora”.

Diante disso, Fanny, que levantara os olhos, novamente olhou para baixo. Seu tio continuou: “Naturalmente podemos supor que ele peça para falar sozinho com você, mesmo que por apenas cinco minutos, um pedido muito natural que não poderá ser negado. Mas não há um dia marcado, talvez amanhã ou quando você estiver suficientemente calma. Por enquanto você tem apenas que se tranquilizar. Pare de chorar, pois essas lágrimas só conseguem deixá-la exausta.

Se, como espero, você desejar me demonstrar alguma obediência, não permitirá que essas emoções a dominem e se esforçará para alcançar um estado de espírito mais forte. Eu a aconselho a sair: o ar lhe fará bem. Caminhe pela alameda durante uma hora. Ninguém a incomodará e o exercício lhe fará bem. Voltando-se novamente por um momento, acrescentou: “E Fanny, não mencionarei lá embaixo o que se passou aqui. Não direi nada nem mesmo à sua tia Bertram. Não é ocasião para espalhar decepção, portanto também não diga nada”.

Era uma ordem que ela obedeceria alegremente; um ato de generosidade que Fanny sentiu no fundo de seu coração. Ser poupada das intermináveis censuras de sua tia Norris! Ele se retirou envolto em gratidão. Tudo seria mais suportável que aquelas recriminações. Até ver Mr. Crawford seria menos constrangedor.

Ela saiu imediatamente, como recomendara seu tio, seguindo todos os seus conselhos: parou de chorar, tentou se acalmar e fortalecer sua mente. Precisava provar a ele que realmente desejava seu bem-estar e pretendia voltar a conquistar seu favor. E ele lhe dera outro forte motivo para se exercitar – manter todo o assunto longe do conhecimento de suas tias. Não provocar suspeitas devido à sua aparência e comportamento era um objetivo que valia a pena conquistar, e sentiu-se capaz de fazer praticamente tudo que pudesse salvá-la de sua tia Norris.

Ela ficou impressionada, muito impressionada, quando, voltando de sua caminhada, entrou quarto leste e a primeira coisa que viu foi a lareira acesa, a lenha queimando. Uma lareira acesa! Aquilo lhe pareceu demais; ele lhe concedia aquele favor justamente naquele momento, originando nela uma gratidão dolorosa. Assombrou-se por Sir Thomas ter tido tempo para pensar naquela ninharia; mas logo descobriu, através da informação voluntária da criada que fora cuidar disso, que agora deveria ser acesa todos os dias. Sir Thomas dera ordens para isso.

“Devo realmente ser brutal se consigo ser tão ingrata!”, disse ela a si mesma. “Que os céus me impeçam de ser ingrata!”

Ela não viu mais seu tio, nem sua tia Norris, até a hora do jantar. O comportamento de seu tio com relação a ela era praticamente o mesmo que antes; ela tinha certeza que ele não desejava qualquer mudança, e apenas sua consciência percebia que algo mudara; mas sua tia logo tagarelava com ela; e quando ela descobriu o quanto e quão desagradável era o fato de ter caminhado sem o conhecimento de sua tia, sentiu que tinha todos os motivos para abençoar a gentileza que a salvara do mesmo espírito de reprovação, exercido em uma

questão muito mais importante.

“Se eu soubesse que voce sairia, teria pedido para você ir até minha casa com algumas ordens para Nanny”, disse ela, “pois fui obrigada , com grande inconveniência, a ir até lá para dar o recado pessoalmente. Eu poderia muito bem ter poupado tempo e você poderia ter poupado meu trabalho, se apenas tivesse nos avisado que iria sair. Não teria feito qualquer diferença para você, suponho eu, caminhar por entre os arbustos ou ir até minha casa”.

“Recomendei os arbustos a Fanny como o local mais seco”, disse Sir Thomas.

“Oh!”, exclamou Mrs. Norris, contendo-se por um instante. “Isso foi muito gentil de sua parte, Sir Thomas; mas o senhor não sabe como o caminho para minha casa é seco. Fanny teria feito um ótimo passeio caminhando por ali, posso lhe assegurar, com a vantagem de ter sido útil e delicada para com sua tia: a culpa é toda dela. Só precisava nos avisar que iria sair, mas como já observei antes, há algo com Fanny: ela gosta de fazer tudo a seu modo, não gosta de receber ordens; ela gosta de passear sozinha sempre que pode; e certamente possui uma tendência ao sigilo, à independência e à irresponsabilidade que eu a aconselharia a dominar”.

Fazendo uma reflexão geral sobre Fanny, Sir Thomas concluiu que nada poderia ser mais injusto, apesar de ele há pouco ter expressado os mesmos sentimentos, e tentou mudar o rumo da conversa: tentou por várias vezes antes de finalmente conseguir, pois Mrs. Norris não tinha suficiente discernimento para notar, nem naquele, nem em qualquer momento, o quanto ele tinha a sobrinha em alta conta, ou quanto ele estava longe de desejar que os méritos de seus filhos fossem realçados através da depreciação das qualidades de Fanny. Ela continuou a falar com Fanny durante metade do jantar, ressentida pelo seu passeio particular.

Contudo, finalmente parou; e a noite ficou mais serena e composta para Fanny, e mais alegre do que ela poderia esperar após uma manhã tão tempestuosa. Mas, antes de tudo, tinha certeza de que fizera a coisa certa: de que seu julgamento não a enganara. Poderia responder pela pureza de suas intenções e tinha ainda a esperança de que o desprazer de seu tio diminuísse e finalmente terminasse na medida em que ele considerasse o assunto com mais imparcialidade, sentindo, como um bom homem sentiria, o quão terrível, imperdoável, desesperador e duro seria se casar sem amor.

Quando terminasse o encontro com o qual fora ameaçada no dia seguinte, poderia finalmente se vangloriar de que o assunto fora concluído e assim que Mr. Crawford deixasse Mansfield de uma vez por todas tudo voltaria a ser como se tal

assunto sequer tivesse existido. Ela não podia e não acreditava que a afeição de Mr. Crawford perdurasse por muito tempo; isso não combinava com seu modo de ser. Londres logo traria a cura. Em Londres, ele logo se surpreenderia com aquela paixão tola e ficaria agradecido pelo bom senso que o salvara de suas nefastas consequências.

Enquanto a mente de Fanny se ocupava dessas esperanças, logo após o chá seu tio foi chamado para ir à outra sala, ocorrência bastante comum para ela se inquietar, e não pensou no assunto até o mordomo reaparecer dez minutos depois, aproximar-se decididamente dela e dizer, “Sir Thomas deseja falar com a senhora em seu escritório”. Então, ocorreu-lhe o que podia estar acontecendo, e uma suspeita invadiu sua mente e fez com que toda cor deixasse seu rosto. Mas levantando-se imediatamente, preparava-se para obedecer quando Mrs. Norris exclamou, “Fique, fique Fanny! O que está fazendo? Onde pensa que vai? Não se apresse tanto assim. Tenho certeza de que não é com você que ele deseja falar, garanto que é comigo”, e olhando para o mordomo, disse, “Você está ansiosa demais para aparecer. O que Sir Thomas poderia querer com você? Você se enganou Baddeley, tenho certeza. Sir Thomas deseja falar comigo, não com Miss Price”.

Mas Baddeley foi firme. “Não, senhora, é com Miss Price; estou certo que é com Miss Price”. E deu um meio sorriso ao dizer essas palavras, que significava, “Não creio que a senhora fosse apropriada para o caso”.

Muito descontente, Mrs. Norris foi obrigada a se compor e retomar seu trabalho, e caminhando com visível agitação, como imaginara, um minuto depois Fanny se encontrou sozinha com Mr. Crawford.

CAPÍTULO XXXIII

A conferência não foi tão curta nem tão conclusiva quanto a moça planejava. O cavalheiro não se satisfazia com facilidade. Era tão perseverante quanto Sir Thomas poderia desejar. Sendo vaidoso, o que o levava a pensar em si mesmo, em primeiro lugar, acreditava que ela o amava apesar de não saber, mas quando finalmente foi obrigado a admitir que ela realmente conhecia seus próprios sentimentos, convenceu-se de que com o tempo conseguiria fazer com que estes se tornariam favoráveis a ele.

Ele estava apaixonado, muito apaixonado, e aquele era um amor que, agindo sobre um espírito ativo e ardente, mais caloroso que delicado, fazia com que a afeição da moça lhe parecesse mais importante por lhe ter sido negada, e estava determinado a obter a glória e a felicidade de forçá-la a amá-lo.

Não se desesperaria nem desistiria. Tinha razões bem fundamentadas para alcançar uma sólida ligação. Sabia que ela possuía todos os méritos que justificavam suas mais intensas esperanças de duradoura felicidade ao seu lado. Sua conduta naquele momento revelava o desinteresse e a delicadeza de seu caráter (qualidades que ele considerava verdadeiramente raras) e só aumentava seu desejo e confirmava suas resoluções. Mas não sabia que teria que atacar um coração já comprometido. Não suspeitava desse fato. Ele a considerava alguém que jamais pensara suficientemente nesse assunto para correr tal perigo, que fora protegida pela juventude, uma juventude mental tão encantadora quando a pessoal, cuja modéstia a impedira de compreender suas intenções e que ainda se encontrava vencida pela subtaneidade de suas declarações tão inesperadas e pela novidade de uma situação que sua imaginação jamais levava em conta.

Certamente teria sucesso quando fosse compreendido. Tinha plena certeza desse fato. Em um homem tão perseverante, um amor como o seu não poderia deixar de ser retribuído. Estava tão encantado com a ideia de obrigá-la a amá-lo em muito pouco tempo que praticamente não lamentava o fato de ela não amá-lo. Aquela pequena dificuldade a ser superada não era um mal para Henry Crawford. Renovava seu espírito. Sempre conseguira conquistar corações com grande facilidade. Sua situação atual era nova e animadora.

Porém, para Fanny, que conhecera tanta oposição durante toda sua vida, era incompreensível alguém encontrar encanto nessa situação. Descobriu que ele pretendia perseverar; mas não conseguia compreender como faria isso depois de ouvi-la se expressar na linguagem que se vira obrigada a usar. Dissera-lhe claramente que não o amava, que não conseguiria amá-lo e que estava certa de que jamais o amaria; que uma mudança seria absolutamente impossível; que aquele assunto era muito penoso para ela e rogara-lhe jamais mencioná-lo

novamente e lhe permitir retirar-se imediatamente, considerando o assunto para sempre encerrado. E quando pressionada ainda mais, afirmara que considerava seus temperamentos totalmente diferentes, algo que tornava impossível uma afeição mútua, pois eram incompatíveis pelo temperamento, pela educação e pelos hábitos. Essas declarações foram feitas com toda sinceridade, mas não foram suficientes, pois ele imediatamente negara qualquer incompatibilidade de temperamentos ou desarmonia em suas situações e jurara que ainda a amava e que não perderia as esperanças!

Fanny conhecia bem seus próprios sentimentos, mas não conseguia julgar o modo como se expressava. Era incuravelmente gentil e não notava o quanto essa atitude ocultava a firmeza de seu propósito. Sua timidez, gratidão e suavidade faziam com que suas expressões de indiferença quase parecessem abnegação. Pareciam lhe causar tanta dor quanto a ele. Mr. Crawford deixara de ser o homem clandestino, insidioso e traidor que admirara Maria Bertram, alguém que ela odiara ver e falar, em quem não acreditava haver uma única boa qualidade, cujo poder mal reconhecia, mesmo quando ele estava sendo agradável. Ele agora era Mr. Crawford que se dirigia a ela com amor ardente e desinteressado, cujos sentimentos aparentemente tinham se tornado honrados e verdadeiros, e cujas visões de felicidade estavam todas ligadas a um casamento por amor, que lhe exaltava o bom senso e os méritos, que descrevia repetidamente sua afeição, provando que a desejava por sua delicadeza e bondade, tanto quanto se pode provar através de palavras, na linguagem, no tom e no espírito de um homem de talento. E para completar, ele agora era o Mr. Crawford que conseguira a promoção de William!

Aqui havia uma mudança, e aqui havia reivindicações que não podiam, mas que impressionavam! Ela o desprezara com toda dignidade de uma virtude encolerizada nos terrenos de Sotherton ou no teatro de Mansfield Park, mas ele agora a procurava com direitos que exigiam tratamento diferente. Ela precisava ser cortês e compassiva. Devia ter a sensação de ser honrada, e ao pensar em si mesma e em seu irmão, não poderia deixar de sentir um forte sentimento de gratidão. O efeito disso tudo foi um modo de agir deplorável e agitado, com palavras entremeadas de expressivas recusas, de gratidão e obrigação, que para um temperamento vaidoso e esperançoso como o de Crawford, a verdade, ou pelo menos a força de sua indiferença, podia ser bem questionável. Ele não era tão irracional quanto Fanny o considerava, em suas manifestações de perseverança, assiduidade e amor que encerraram a entrevista.

Com relutância, resignou-se a vê-la sair, mas quando se separaram não houve um único olhar de desespero para desmentir suas palavras ou dar a Fanny esperança de que ele fosse mais razoável do que demonstrava.

Ela agora estava furiosa. Realmente surgiu certo ressentimento diante daquela perseverança tão egoísta e pouco generosa. Em sua atitude, novamente encontrava a falta de delicadeza e consideração que anteriormente tanto a impressionara e repugnara. Voltava a ver o mesmo Mr. Crawford que condenara antes, que evidenciava grande falta de sensibilidade e altruísmo sempre que se tratasse de seu próprio prazer. E não possuía princípios para considerar um dever conseguir o que lhe faltava ao coração! Se suas próprias afeições fossem tão livres quanto deveriam, talvez jamais conseguisse atraí-las.

Com sinceridade e tristeza, assim pensava Fanny ao refletir na enorme consideração e prazer de ter uma lareira acesa no andar superior, preocupada com o que aconteceria no futuro, em uma agitação nervosa que só lhe deixava a convicção de que jamais, em qualquer circunstância conseguiria amar Mr. Crawford, sem esquecer a felicidade de ter uma lareira diante da qual se sentar para pensar a respeito do assunto.

Sir Thomas se viu obrigado, ou se obrigou a esperar até o dia seguinte para saber o que se passara entre os jovens. Então se encontrou com Mr. Crawford e ouviu seu relato. Seu primeiro sentimento foi de decepção: esperara notícias melhores, pois acreditara que uma entrevista de uma hora com um jovem rapaz como Crawford não poderia deixar de provocar uma mudança em uma moça de temperamento tão afetuoso quanto Fanny, mas logo ficou aliviado com a decisão e a confiante perseverança do moço apaixonado; e ao ver tanta confiança de sucesso, Sir Thomas logo foi capaz de ser ele mesmo dependente disso.

De sua parte, não deixou de cumulá-lo de amabilidades, cumprimentos ou gentilezas que pudessem auxiliar o plano. Enalteceu a firmeza de Mr. Crawford, elogiou Fanny e a aliança que seria a mais desejável do mundo. Mr. Crawford seria sempre bem-vindo em Mansfield Park; só teria que consultar seu próprio bom senso e sentimentos quanto à frequência das visitas, presentes ou futuras. Quanto à família e aos amigos da sobrinha, só poderia haver uma opinião, um único desejo quanto ao assunto; a influência de todos que a amavam devia incliná-la para um único lado.

Tudo o que poderia encorajá-lo foi pronunciado, todos os encorajamentos recebidos com alegre gratidão e os cavalheiros se separaram como grandes amigos.

Convencido de que a questão agora se encontrava em um ritmo mais adequado e esperançoso, Sir Thomas resolveu se abster de voltar a importunar sua sobrinha e deixar de interferir abertamente. Considerou que a gentileza poderia ser o melhor caminho. As súplicas viriam apenas de um lado. A

indulgência da família, da qual ela não poderia duvidar, talvez fosse o meio mais seguro de encaminhar o assunto a contento. De acordo com esse princípio, Sir Thomas aproveitou a primeira oportunidade para lhe dizer com certa gravidade, pretendendo convencê-la, “Bem, Fanny, vi novamente Mr. Crawford e soube como as coisas estão entre vocês. Ele é um jovem extraordinário, e não importa o que aconteça, deve sentir que despertou nele um afeto de caráter incomum. Devido à sua juventude e ao seu parco conhecimento da natureza transitória, inconstante e instável do amor, como em geral existe, talvez não se impressione tanto quanto eu com toda essa maravilhosa perseverança, sobretudo diante de tamanha falta de encorajamento. Com ele, é inteiramente uma questão de sentimento: ele não vê mérito algum nisso, e talvez realmente não haja. Ainda assim, depois de escolher tão bem, sua constância possui uma qualidade respeitável. Se sua escolha tivesse sido menos excepcional eu condenaria sua perseverança”.

“Na verdade, meu senhor”, Fanny respondeu, “lamento muito Mr. Crawford continuar a demonstrar tão grande deferência à minha pessoa e sinto que não mereço tal honra; mas, como já lhe disse, estou tão convencida de que jamais conseguirei...”

“Minha cara”, interrompeu Sir Thomas, “esta é uma ocasião imprópria para isso. Conheço seus sentimentos tão bem como você conhece meus desejos e mágoas. Não há nada mais que se possa fazer ou dizer. A partir deste momento não voltaremos a falar mais sobre esse assunto. Você não tem nada a temer, nem com que se preocupar. Não imagine que sou capaz de tentar persuadi-la a se casar contra sua vontade. Desejo apenas seu bem e sua felicidade, e só lhe peço para suportar os esforços de Mr. Crawford para convencê-la de que vocês não são incompatíveis. Ele age sabendo o risco que corre. Você se encontra em terreno seguro. Permiti que ele a veja sempre que vier nos visitar, como aconteceria se nada disso tivesse acontecido. Você o verá junto conosco e quanto desejar, esquecendo-se o quanto puder sobre tudo o que aconteceu de desagradável. Ele vai deixar Northamptonshire em pouco tempo, portanto não lhe será exigido grande sacrifício. O futuro talvez seja incerto. E agora minha querida Fanny, este assunto está encerrado entre nós”.

A partida prometida era tudo em que Fanny pensava com grande satisfação. Contudo, as gentis expressões de seu tio e suas maneiras contidas a sensibilizaram muito, e quando ela considerou que o quanto ele desconhecia sobre a verdade, sentiu que não tinha o direito de se admirar com sua conduta. Dele, que casara uma filha com Mr. Rushworth, certamente não poderia esperar nenhuma delicadeza romântica. Ela precisava cumprir seu dever e esperar que o tempo tornasse tudo mais fácil.

Embora tivesse apenas dezoito anos, não podia supor que a paixão de Mr. Crawford perduraria para sempre. Imaginava que seu constante desencorajamento acabaria por colocar um fim àquilo. Outra preocupação era o tempo que ele conseguiria aguentar o seu domínio. Não seria justo perguntar a uma jovem qual a exata estimativa que fazia de seus próprios atrativos.

Apesar de pretender manter silêncio, Sir Thomas novamente se viu obrigado a mencionar o assunto à sobrinha para prepará-la brevemente para a notícia de que suas tias seriam informadas sobre o assunto, medida que se possível evitaria, mas que se tornara necessária devido aos sentimentos totalmente contrários de Mr. Crawford quanto ao segredo de suas intenções. Ele achava que não havia porque esconder o que se passava. Na casa paroquial, todos já tinham conhecimento do caso, pois ele adorava falar sobre o futuro com suas duas irmãs, e seria gratificante para ele elucidar suas testemunhas sobre o progresso de seu sucesso. Ao saber disso, Sir Thomas sentiu que devia comunicar imediatamente o assunto à sua mulher e cunhada, apesar de temer quase tanto quanto a própria Fanny o efeito dessa notícia sobre Mrs. Norris. Ele desaprovava seu zelo equivocado, mas bem intencionado. Na verdade, naquele momento Sir Thomas não estava muito longe de classificá-la como uma dessas pessoas bem intencionadas que só cometem enganos e fazem coisas desagradáveis.

Contudo, Mrs. Norris o auxiliou. Ele insistiu em que se observasse o mais estrito silêncio e tolerância para com a sobrinha, e ela não só prometeu como também cumpriu o prometido. Só houve um aumento em seu mau humor. Furiosa como estava, amargamente encolerizada, irritava-se mais por Fanny ter recebido aquela oferta do que com sua recusa. Aquilo era uma injúria, uma afronta a Julia, que deveria ter sido a escolhida de Mr. Crawford. Independente disso, odiava Fanny por ter se esquecido da prima e detestava presenciar a ascensão de alguém que sempre tentara humilhar.

Na ocasião, Sir Thomas lhe deu mais crédito por sua discrição do que ela merecia, e Fanny poderia até abençoá-la por permitir que ela apenas ela visse seu desprazer, sem precisar ouvi-lo.

Lady Bertram reagiu de modo diferente. Fora uma beldade durante toda sua vida, uma próspera beldade, e beleza e riqueza eram tudo que despertavam seu respeito. Saber que Fanny fora pedida em casamento por um homem de fortuna fez com que a moça subisse muito em seu conceito. Convenceu-se de que Fanny era muito bonita, algo de que duvidava antes, e que poderia se casar vantajosamente. Sentiu uma espécie de honra ao falar com a sobrinha.

“Bem, Fanny”, disse ela, assim que ficaram sozinhas, e verdadeiramente sentira alguma impaciência para ficar a sós com ela, o que era possível notar

pela extraordinária animação que tomou conta de seu rosto enquanto falava; “Bem Fanny, tive uma surpresa muito agradável esta manhã. Preciso falar imediatamente sobre isso. Disse a Sir Thomas que precisaria falar com você pelo menos uma vez, então ficaria satisfeita. Minhas congratulações, querida sobrinha”. E olhando-a com complacência, acrescentou, “Bem, com certeza somos uma bela família!”

Fanny corou e a princípio ficou sem saber o que dizer. Em seguida, esperando atingir seu ponto vulnerável, respondeu:

“Minha querida tia, não poderia desejar que minha decisão fosse outra, tenho certeza. Não pode desejar que eu me case, pois sentiria minha falta, não é? Sim, estou certa de que sentiria demais a minha falta para desejar meu casamento”.

“Não, minha querida, eu não poderia sentir sua falta diante de uma oferta como essa. Posso passar perfeitamente bem sem você, sabendo que se casou com um homem que possui tantos bens quanto Mr. Crawford. E você precisa saber, Fanny, que é dever de toda jovem aceitar uma oferta tão correta quanto essa”.

Essa foi praticamente a única regra de conduta, o único conselho que Fanny recebeu da tia em oito anos e meio de convivência. Isso a silenciou, pois sentiu o quanto seria improdutiva qualquer discussão. Se os sentimentos da tia estivessem contra ela não poderia ter qualquer esperança de fazê-la compreender. Mas Lady Bertram desejava conversar.

“Digo-lhe uma coisa, Fanny”, disse ela. “Estou certa de que ele se apaixonou por você no baile; certamente foi naquela noite que tudo aconteceu. Você estava linda. Todos diziam isso, até Sir Thomas. E você teve a ajuda de Chapman para se vestir. Estou muito contente por ter enviado Chapman a você. Direi a Sir Thomas que tenho certeza de que tudo aconteceu naquela noite”. E continuando a explorar esses alegres pensamentos, acrescentou ainda, “Vou lhe dizer, Fanny, que é mais do que fiz por Maria: da próxima vez que Pug tiver uma ninhada, você ganhará um filhote”.

CAPÍTULO XXXIV

Edmund soube das grandes novidades quando voltou. Eram muitas as surpresas que o esperavam. A primeira não foi a menos interessante: a chegada de Henry Crawford e de sua irmã, caminhando juntos pela aldeia quando ele ali entrou a cavalo. Havia resolvido se manter afastado deles. Sua ausência se estendera por mais de quinze dias exatamente para evitar Miss Crawford. Voltava para Mansfield pronto para se alimentar de lembranças melancólicas e de ternas associações quando, linda, ela surgiu apoiada no braço do irmão e ele se viu recebendo boas-vindas inquestionavelmente amigáveis da mulher que, dois momentos antes, acreditava estar a 70 milhas de distância, porém afetivamente muito mais longe dele do que qualquer distância pudesse exprimir.

Não imaginara que ela o recebesse daquele modo, se ele a visse novamente. Voltando depois de alcançar o objetivo que provocara sua viagem, esperara qualquer coisa, menos um olhar de satisfação e palavras agradáveis, de significado simples. Aquilo foi suficiente para inflamar seu coração e levá-lo para casa em um estado de espírito mais propício para sentir todo o valor das outras surpresas que o esperavam.

Logo recebeu a notícia da promoção de William, com todos os seus particulares e com o secreto alívio de conforto que lhe enchia o peito de alegria, encontrando nisso uma fonte das mais gratificantes sensações e invariáveis alegrias durante todo o jantar.

Após o jantar, quando ele e o pai ficaram sozinhos, soube da história de Fanny; e de todos os grandes acontecimentos dos últimos quinze dias, além da presente situação dos assuntos de Mansfield.

Fanny suspeitou do que acontecia. Ambos haviam permanecido na sala de jantar por muito mais tempo do que de costume, e ela tinha certeza de que falavam dela; e quando finalmente o chá foi servido e ela voltou a ver Edmund novamente, sentiu-se tremendamente culpada. Ele a procurou e, sentando-se ao seu lado, tomou sua mão e a apertou com ternura; e nesse instante, Fanny pensou que se não precisasse se ocupar com toda a preparação que o chá exigia, trairia sua emoção cometendo algum imperdoável excesso.

Contudo, com esse gesto, ele não pretendia expressar aquela inadequada aprovação e encorajamento que ela imaginou devido às suas esperanças. Pretendia apenas exprimir sua participação em tudo que a interessava e lhe dizer que todos os seus sentimentos de afeição haviam crescido com o que ouvira. Na verdade, ele apoiava seu pai em toda aquela questão. Sua surpresa não fora tão grande quanto a de seu pai quando soube que ela recusara Crawford, porque, longe de considerar a si mesmo como uma preferência, ele sempre acreditara

no contrário e só poderia imaginá-la totalmente despreparada diante de tal proposta. Mas nem Sir Thomas era mais favorável àquela ligação do que ele, pois muito havia a ser recomendado a favor dele; e apesar de honrá-la pelo que fizera sob a influência de sua atual indiferença, honrá-la em termos mais fortes do que Sir Thomas pudesse expressar, alimentava grandes esperanças e acreditava que eles finalmente se uniriam e que, ligados por afeição mútua, veriam que seus temperamentos eram compatíveis e seriam uma bênção um para o outro, como agora começava seriamente a achar. Crawford fora muito precipitado. Não dera a Fanny tempo suficiente para se afeiçoar a ele. Começara de forma errada. Todavia, com as qualidades que possuía e com um temperamento como o dela, Edmund tinha certeza de que tudo terminaria bem. Mas percebeu perfeitamente o constrangimento de Fanny e evitou levantar o assunto uma segunda vez, através de uma palavra, olhar ou gesto.

Crawford apareceu no dia seguinte e, devido à volta de Edmund, Sir Thomas se sentiu mais que justificado em convidá-lo para jantar; na verdade, aquele era um cumprimento necessário. Naturalmente, o jovem aceitou e Edmund teve ampla oportunidade de observar como ele se comportava com Fanny e o grau de encorajamento imediato que poderia ser extraído das maneiras dela; e era tão pequeno, na verdade tão mínimo que qualquer chance ou probabilidade de incentivo se devia apenas à timidez dela, e se não houvesse esperanças em seu desconforto, não havia esperança em nada mais. Ele quase se assombrou com a perseverança do amigo. Fanny era merecedora daquilo tudo, ele a considerava digna de todo esforço de paciência, de todo o esforço mental, mas não acreditava que ele próprio conseguiria fazer aquilo por mulher alguma, sem nada para aquecer sua coragem além do que podia ver nos olhos da prima. Esperava que Crawford conseguisse enxergar com clareza, e pelo que observou antes e depois do jantar, essa foi a conclusão mais confortadora que encontrou para seu amigo.

À noite, ocorreram algumas circunstâncias que ele considerou mais promissoras. Quando ele e Crawford se dirigiam para a sala, sua mãe e Fanny estavam sentadas, silenciosas e entretidas com o trabalho, como se não houvesse outra preocupação no mundo. Edmund não pôde deixar de notar a profunda tranquilidade que aparentavam.

“Não ficamos tão silenciosas o tempo todo”, replicou sua mãe. “Fanny tem lido para mim e só colocou o livro de lado quando os ouviu chegando”. De fato, havia em livro sobre a mesa, com ar de ter sido fechado há muito pouco tempo: um volume de Shakespeare. “Ela lê com frequência um desses livros para mim, e estava em meio a um esplêndido discurso daquele homem – qual o seu nome, Fanny? – quando ouvimos os seus passos”.

Crawford apanhou o volume. “Permita-me ter o prazer de terminar o discurso para minha senhora”, disse ele. “Eu o encontrarei imediatamente”. Examinando cuidadosamente a inclinação das páginas, realmente o encontrou com diferença de uma ou duas páginas, suficientemente próximo para satisfazer Lady Bertram, que lhe garantiu que ele encontrara a passagem certa assim que ele mencionou o nome do cardeal Wolsey. Fanny não pronunciara uma única sílaba, não se oferecera para ajudar nem levantara os olhos. Toda sua atenção estava presa ao trabalho. Ela parecia determinada a não se interessar por mais nada. Mas o gosto pela literatura era forte demais. Não conseguiu abstrair sua mente por mais de cinco minutos: foi forçada a ouvir. A leitura foi perfeita e o prazer que sentiu ao ouvi-lo foi extremo. Estava habituada a isso, pois seu tio lia bem, assim como suas primas. Edmundo lia muito bem, mas a leitura de Mr. Crawford continha uma variedade de excelência além de tudo que ela vira antes. O Rei, a Rainha, Buckingham, Wolsey, Cromwell, todos surgiram através de seu talento que conseguia dar brilho à melhor cena, aos melhores monólogos de cada um, e fosse dignidade, orgulho, ternura, remorso ou o que desejava expressar, ele o fazia com igual beleza. Era verdadeiramente dramático. Anteriormente, sua atuação ensinara a Fanny o prazer que uma peça de teatro pode proporcionar; e sua leitura trouxe novamente seu talento como ator, talvez com maior júbilo, pois chegara inesperadamente e sem a desvantagem de vê-lo no palco com Miss Bertram.

Edmund observou o progresso de sua atenção, divertindo-se e sentindo-se feliz por ver como ela gradativamente se esquecia do bordado, que no início parecia absorvê-la totalmente: como ele caiu de sua mão, enquanto ela se sentava imóvel, e por fim, como os olhos que pareciam evitá-lo de modo tão persistente durante todo o dia se fixaram em Crawford, prenderam-se nele durante vários minutos, até Crawford sentir a atração que exercera sobre ela e pousar nela seus olhos. O livro foi fechado e o encanto se partiu. Então ela voltou a se refugiar em si mesma, corando, voltando a trabalhar com o mesmo interesse de antes. Mas fora suficiente para Edmund encorajar seu amigo, e ao agradecê-lo com cordialidade, teve esperanças de também expressar os sentimentos secretos de Fanny.

“Essa peça deve ser uma de suas favoritas”, disse ele. “Você lê como se a conhecesse muito bem”.

“Creio que será minha preferida a partir de agora”, replicou Crawford, “mas não acredito que tenha tido nas mãos um volume de Shakespeare desde os meus 15 anos. Uma vez vi uma representação de Henrique XVIII, ou ouvi alguém dizer que tinha assistido, não tenho certeza. Mas acabamos por conhecer Shakespeare sem saber como. É parte da natureza de todo inglês. Seus pensamentos e belezas são tão difundidos pelo mundo que os tocamos em toda

parte. Acabamos íntimos dele por instinto. Nenhum homem que tenha um pouco de cérebro pode abrir parte de sua obra sem cair imediatamente no fluxo de suas ideias”.

“Sem dúvida, até certo ponto todos conhecem Shakespeare desde crianças”, disse Edmund. “Suas passagens mais famosas são citadas por todos, estão em metade dos livros que abrimos. Falamos como Shakespeare, usamos seus sorrisos e expomos nossas ideias usando suas descrições, mas isso é totalmente diferente de transmitir seus sentimentos, como você fez. Conhecê-lo por trechos e extratos é bastante comum, mas para lê-lo tão bem em voz alta é preciso possuir um talento especial”.

“O senhor muito me honra”, foi a resposta de Crawford, inclinando-se com falsa gravidade.

Os dois cavalheiros voltaram os olhos para Fanny para ver se conseguiriam extrair dela alguma palavra de elogio, embora ambos sentissem que isso seria impossível. Seu elogio fora sua atenção, e isso deveria contentá-los.

Lady Bertram expressou sua admiração em palavras fortes: “Foi realmente como se estivéssemos em um teatro”, disse ela. “Pena que Sir Thomas não estivesse aqui”.

Crawford sentiu-se extremamente satisfeito. Se apesar de toda sua incompetência e langor, Lady Bertram podia sentir aquilo, deduzia-se que, viva e inteligente como era, os sentimentos de sua sobrinha deviam entusiasamá-lo.

“Estou certa de que você possui grande talento para o teatro, Mr. Crawford”, disse Lady Bertram logo depois, “e vou lhe dizer que creio que você acabará por ter um teatro em sua casa, em Norfolk Quero dizer, quando se instalar nela. Realmente creio nisso. Acho que montará um teatro em sua casa em Norfolk”.

“A senhora acha?”, exclamou ele, rapidamente. “Não, não, isso jamais acontecerá. Minha senhora se engana. Não haverá nenhum teatro em Everingham! Oh, não!” E olhou para Fanny com um sorriso expressivo que evidentemente significava. “Esta dama jamais permitirá um teatro em Everingham”.

Edmund observou tudo e viu Fanny tão determinada a não tomar conhecimento daquilo quanto deixar claro que as palavras haviam sido suficientes para expressar o significado do protesto, e refletiu que a rápida consciência do cumprimento e a pronta compreensão da insinuação haviam sido favoráveis.

O tema da leitura em voz alta continuou a ser discutido. Os dois moços foram os únicos a falar, mas, de pé junto à lareira, falaram sobre a negligência também comum da qualificação, a desatenção total quanto a ela, dentro do sistema de ensino para os meninos, o conseqüentemente e natural grau de ignorância, ainda que em alguns casos não o fosse, e a rusticidade dos homens, que se fazia notar até em homens sensíveis e bem informados. Quando eram subitamente chamados para ler em voz alta, como já vira acontecer, dando exemplos de erros e falhas com suas causas secundárias, a falta de gestão da voz, de modulação adequada e ênfase, de previsão e julgamento, todos provenientes da primeira causa: falta de atenção precoce e hábito; e Fanny novamente ouvia com grande atenção.

“Até em minha profissão”, disse Edmund com um sorriso, “como a arte de ler é pouco estudada! Como não se dá suficiente atenção à clareza e à boa dicção! Todavia, falo mais do passado que do presente. Agora há um espírito de aprimoramento no mundo, mas entre os que foram ordenados há vinte, trinta ou quarenta anos, e que são em maior número, a julgar pelo desempenho devem pensar que leitura é leitura e pregar é pregar. Isso é diferente agora. O assunto merece mais consideração. Sabe-se que a clareza e a energia têm um peso quando são expostas as mais sólidas verdades, além disso, há mais observação e bom gosto, um conhecimento crítico mais difundido que antes. Todas as congregações possuem maior proporção de pessoas que sabem algo sobre o assunto e têm condições de julgar e criticar”.

Edmund já celebrara o serviço religioso uma vez depois desde sua ordenação, e ao saber disso, Crawford lhe fez várias perguntas quanto aos seus sentimentos e sucessos; perguntas, que foram feitas, com a vivacidade de um interesse amigável e rápido bom gosto, sem qualquer traço de um espírito mordaz ou ar de leviandade que Edmund sabia ser muito ofensivo para Fanny, às quais respondeu com verdadeiro prazer; e quando Crawford perguntou sua opinião, expondo a sua quanto à melhor maneira de enunciar algumas passagens do serviço religioso, demonstrando que aquele era um assunto sobre o qual já refletira, Edmund se sentiu cada vez mais satisfeito. Seria esse o caminho para o coração de Fanny. Ela não poderia ser conquistada através de toda galanteria, bom espírito e bom humor, ou pelo menos não seria conquistada em pouco tempo, sem o auxílio dos sentimentos e da sensibilidade e da sensatez sobre assuntos sérios.

“Nossa liturgia”, observou Crawford, “tem suas belezas, que nem mesmo um estilo descuidado e negligente pode destruir, mas também possui redundâncias e repetições que exigem boa leitura para não serem notadas. Pelo menos de minha parte, devo confessar que não tenho sido tão atento quanto deveria (e lançou um olhar para Fanny); pois dezenove vezes em vinte, junho-

me a pensar em como uma oração deveria ser lida, ansiando por fazê-lo eu mesmo”. Dirigindo-se avidamente a Fanny, baixou a voz e perguntou: “Disse alguma coisa?” E quando ela respondeu “Não”, ele acrescentou. “Tem certeza de que não deseja falar? Vi seus lábios se moverem e achei que você iria dizer que eu deveria prestar mais atenção e não permitir que meus pensamentos se desviassem. Você não vai me fazer essa recomendação?”.

“Não, de fato, você conhece bem demais os seus deveres para supor...”

Ela se interrompeu, sentindo que se metera em uma confusão, e se recusou a acrescentar outra palavra, apesar dos vários minutos de súplicas e espera. Ele então voltou ao tema anterior, continuando como se não tivesse havido aquela delicada interrupção.

“Um sermão bem pronunciado é menos comum do que orações bem lidas. Um sermão intrinsecamente bom não é raro. É mais difícil falar do que escrever bem, isto é, as regras e os truques da composição frequentemente são objetos de estudo. Um bom sermão, cuidadosamente bem pregado, nos proporciona grande regozijo. Jamais ouço um sermão assim sem sentir a maior admiração e respeito, e muitas vezes tenho vontade de me ordenar e pregar. Há algo na eloquência do púlpito. Quando é real, merece os maiores elogios e honrarias. O pregador que consegue tocar e influenciar a massa heterogênea de seus ouvintes falando sobre assuntos limitados e extremamente batidos por pessoas comuns, que consegue dizer algo de novo ou de extraordinário, algo que desperte a atenção sem ofender o bom gosto, sem consumir os sentimentos de seus ouvintes em sua função pública é um homem a quem não se pode honrar suficientemente. Eu gostaria de ser tal homem”.

Edmund riu.

“É verdade. Em minha vida jamais ouvi um pregador notável sem certa inveja. Mas eu precisaria de uma audiência em Londres. Só conseguiria pregar para pessoas educadas, capazes de compreender meu sermão. E não sei se gostaria de pregar com frequência. Talvez esporadicamente, uma ou duas vezes na primavera, depois de ansiosamente esperado por uma dúzia de domingos seguidos, mas não com tanta constância; não o faria uma constância”.

Nesse ponto, Fanny, que não podia deixar de ouvir, balançou involuntariamente a cabeça e Crawford imediatamente voltou-se para ela, rogando-lhe explicar o significado daquele gesto. E, como Edmund notou que ele puxava uma cadeira para se sentar perto dela, chegou à conclusão de que aquele seria um ataque direto, que conteria olhares e insinuações bem escolhidos. Então se encolheu o mais discretamente possível em um canto, voltou as costas para ambos e apanhou um jornal, desejando sinceramente que a querida pequena

Fanny conseguisse ser persuadida a explicar aquele meneio de cabeça, de modo a satisfazer seu ardente apaixonado, e procurou abafar todos os sons de conversa com seus próprios murmúrios ao ler vários anúncios como “a mais ambicionada propriedade de Gales do Sul”, “para pais e tutores”, e uma “excelente temporada de caça”.

Fanny enquanto isso, envergonhada por não ter se mantido tão imóvel quanto calada, Fanny sentiu grande pesar ao ver os esforços de Edmund, e com o poder de sua natureza modesta e gentil, tentava afastar Mr. Crawford, evitando seus olhares e perguntas. Mas ele persistia em ambos, imperturbável.

“Por que você sacudiu a cabeça?” perguntou ele. “O que queria dizer com isso? Desaprovação, eu temo. Mas por quê? O que eu disse que a desagradou? Você acha que eu falo de modo impróprio, leviano ou irreverente sobre esse assunto? Apenas diga-me se foi isso. Apenas diga-me se estou errado. Desejo me corrigir. Não, não, eu lhe peço, abandone por um momento o seu bordado e fale o que você quis dizer quando sacudiu a cabeça”.

Com ela, foi em vão. Somente repetiu duas vezes: “Por favor, senhor Crawford, não suplique”. Em vão tentou se afastar. Na mesma voz baixa e ansiosa, mantendo-se próximo dela, ele continuou a insistir nas mesmas perguntas até ela se sentir mais agitada e aborrecida.

“Como consegue, meu senhor? Fico assombrada; não sei como pode...”

“Eu a assombro?”, perguntou ele. “Espanto? Há algo em minhas súplicas que você não compreende? Posso lhe explicar instantaneamente o que me faz insistir desse modo. Tudo que você faz provoca meu interesse e excita minha curiosidade. Não a deixarei assombrada por mais tempo”.

Apesar de tudo, não conseguiu deixar de esboçar um sorriso, mas nada disse.

“Você balançou a cabeça quando eu disse que não gostaria de cumprir os deveres de um clérigo constantemente. Sim foi essa a palavra. Constância: não tenho medo dessa palavra. Eu a soletraria, leria e escreveria para qualquer um. Não vejo nada de alarmante nela. Acha que eu deveria ver?”

“Talvez, meu senhor”, disse Fanny, finalmente forçada a falar. “Talvez, meu senhor. Naquele momento, achei uma pena que o senhor não se conheça tão bem quanto parece”.

Encantado por conseguir que ela falasse, Crawford estava determinado a continuar, e a pobre Fanny, que esperara silenciá-lo com aquela reprovação tão extrema, descobriu que se enganara e que apenas houvera alteração de um

objeto de curiosidade para outro. Ele sempre desejava saber a explicação de tudo. A oportunidade era boa demais. Nada igual acontecera desde que ele a vira no escritório de seu tio, nada parecido poderia voltar a ocorrer antes que ele deixasse Mansfield. O fato de Lady Bertram se encontrar do outro lado da mesa não o importava, pois ela sempre poderia ser considerada uma pessoa semiadormecida, e os anúncios de Edmund ainda continuavam a interessá-lo sobremaneira.

“Bem”, disse Crawford, após uma rápida série de perguntas seguidas por relutantes respostas. “Estou mais feliz que antes, pois agora compreendo mais claramente a opinião que você tem sobre mim. Considera-me instável: facilmente influenciado pelo capricho do momento, facilmente tentado, facilmente posto de lado. Com essa opinião, não me admira que... Mas vamos ver. Não é com declarações que vou convencê-la de que está sendo injusta; não é lhe dizendo que minhas afeições são sólidas. Minha conduta falará por mim. A ausência, a distância e o tempo falarão por mim. Eles provarão que se alguém a merece esse alguém sou eu. Você é infinitamente superior a mim quanto aos méritos, sei tudo disso. Possui qualidades que eu jamais soube que podiam existir em um ser humano. Possui alguns toques angelicais, não apenas superiores aos que vemos, pois jamais vimos nada igual, mas superiores a tudo que imaginamos existir. Mas isso não me amedronta. Não é pela igualdade de méritos que você pode ser conquistada. Isso está fora de questão. Aquele que perceber e honrar seu méritos, que a amar com maior devoção, esse terá o direito de ser correspondido. Nisso baseio minha confiança. Por isso eu a mereço e a merecerei; e quando você se convencer de que meu amor é exatamente como eu declaro; eu a conheço suficientemente, por isso posso abrigar as mais cálidas esperanças. Sim, minha querida e doce Fanny” (vendo que se afastava, aborrecida), “Não. Perdoe-me. Talvez ainda não tenha este direito, mas com qual nome deseja que eu me dirija a você? Acredita que em minha imaginação você tenha qualquer outro? Não! É em ‘Fanny’ que eu penso o dia inteiro, com quem sonho a noite inteira. Você deu a esse nome tal realidade de doçura que nada mais pode descrevê-la”.

Fanny dificilmente poderia ter se mantido sentada por mais tempo, ou abster-se de pelo menos tentar fugir, apesar de toda a oposição pública que também ela previu, se não fosse o som de alguém se aproximando, o mesmo som que ela há tempos esperava sem compreender a razão do atraso.

Surgia a solene procissão, encabeçada por Baddeley, de bandeijas de chá, bules e pratos de bolo, livrando-a do doloroso encarceramento do corpo e da mente. Mr. Crawford foi obrigado a se mover. Ela estava livre, ela estava ocupada, ela estava protegida.

Edmund não lastimou em ser novamente admitido entre o número daqueles que podiam falar e ouvir. Mas, embora a conferência lhe parecesse ter sido longa demais, e ao olhar para Fanny percebesse um rubor de aborrecimento, ele teve a esperança de que tudo que tivesse sido dito e ouvido trouxesse algum proveito para o orador.

CAPÍTULO XXXV

Edmund decidira que caberia inteiramente a Fanny resolver se sua situação com relação a Crawford seria ou não mencionada entre eles; e se ela não tocasse no assunto, o assunto jamais seria mencionado por ele; mas depois de um dia ou dois de mútua reserva, foi induzido pelo pai a mudar de ideia e tentar usar sua influência para auxiliar o amigo.

Os Crawford tinham fixado um dia, um dia muito próximo na verdade, para a partida; e Sir Thomas achou que talvez fosse acertado fazer mais um esforço em favor do jovem antes que este partisse de Mansfield, para que suas declarações e juras de amor eterno contassem com tanta esperança quanto possível para se sustentar.

Nesse ponto, Sir Thomas experimentava a mais cordial ansiedade pela perfeição de caráter de Mr. Crawford. Desejava que fosse um modelo de constância e imaginava os melhores meios de conseguir esse intento sem submetê-lo a muito tempo.

Edmund não estava disposto a ser persuadido a se envolver no assunto. Desejava conhecer os sentimentos de Fanny. Ela costumava consultá-lo sempre que havia alguma dificuldade, e a estimava demais para tolerar que ela não confiasse nele naquele momento. Esperava poder ajudá-la, julgava poder ser-lhe útil. A quem mais ela abriria seu coração? Se não necessitasse de conselho, precisaria do conforto de um diálogo. Fanny manter-se afastada dele, silenciosa e reservada, era uma condição pouco natural; uma condição que ele precisava romper, e que ele poderia facilmente aprender a pensar que ela estivesse querendo que ele rompesse.

“Vou falar com ela, meu senhor: aproveitarei a primeira oportunidade para falar sozinho com ela”, foi o resultado de tais pensamentos como estes; e como Sir Thomas o informou que, naquele momento, ela passeava sozinha pelo jardim, instantaneamente ele se juntou a ela.

“Vim passear com você, Fanny. Posso?”, perguntou ele, dando-lhe o braço. “Faz muito tempo que não damos um agradável passeio juntos”.

Ela concordou com o olhar, não pela palavra. Estava desanimada.

“Mas Fanny”, acrescentou ele, “para que possamos ter um passeio agradável é necessário algo mais além de simplesmente caminharmos juntos. Você precisa conversar comigo. Sei que há algo em sua mente. Sei o que você está pensando. Não suponha que eu esteja desinformado. Será que preciso ouvir todas as pessoas, com exceção da própria Fanny?”

Imediatamente agitada e aflita, Fanny replicou: “Se você ouve todas as pessoas, primo, não há nada que eu possa lhe contar”.

“Talvez com relação aos fatos, mas não quanto aos seus sentimentos, Fanny. Ninguém além de você pode falar sobre eles. Contudo, não desejo pressioná-la. Não vou insistir se você não desejar falar. Mas achei que talvez pudesse aliviá-la”.

“Temo que nosso modo de pensar seja diferente demais para eu poder encontrar alívio falando sobre o que eu sinto”.

“Você acha que pensamos de modos diferentes? Eu não sabia disso. Ouso dizer que se compararmos nossas opiniões, elas serão tão parecidas quanto costumavam ser, ao ponto de considerar a proposta de Crawford muito vantajosa e desejável, se você conseguir retribuir sua afeição. Creio que é muito natural toda sua família desejar que você consiga retribuí-la, mas como não é capaz, age exatamente como deveria ao recusar sua proposta. Há nisso alguma discordância de opiniões entre nós?”

“Oh, não! Mas pensei que você me recriminava. Pensei que estava contra mim. Como isso me conforta!”

“Esse alívio poderia ter vindo mais cedo, Fanny, se você o tivesse buscado. Como pode supor que eu estaria contra você? Como pode imaginar que eu apoiaria um casamento sem amor? Mesmo em geral sendo descuidado com esse assunto, como pode supor tudo isto quando sua felicidade está em jogo?”

“Meu tio acha que estou errada e sei que ele tem conversado com você”.

“Até agora, Fanny, você está absolutamente certa. Posso lamentar, posso me surpreender, embora dificilmente isso aconteça, pois você não teve tempo para se enamorar, mas acho que você está certa. Essa situação pode admitir questionamento? Seria terrível se admitisse. Se não o ama, nada justificaria você aceitar sua proposta”.

Há tempos Fanny não se sentia tão feliz.

“Até agora sua conduta tem sido impecável e está errado quem deseja que você aja de modo diferente. Mas o assunto não termina aqui. O afeto de Crawford não é comum. Ele é perseverante, com a esperança de acender a estima que não foi criada antes. Isso sabemos que é um trabalho que leva tempo”. Com um sorriso afetuosamente, continuou, “Mas permita que no fim ele tenha sucesso, Fanny, permita que ele triunfe. Você provou a si mesmo que é correta e desinteressada, prove que é grata e meiga e será o modelo da mulher perfeita que sempre acreditei que você nasceu para ser”.

“Oh! Jamais, jamais, jamais! Ele nunca terá sucesso comigo”. Ela falou com tamanho ardor que deixou Edmund estupefato, e, recompondo-se, ela corou ao notar seu olhar. Ele respondeu: “Jamais! Fanny! Tão determinada e positiva. Isso não parece você, sempre tão racional”.

“Quero dizer”, exclamou ela, corrigindo-se com pesar, “acho que nunca conseguirei, apesar de não ser possível prever o futuro; creio que jamais conseguirei retribuir seu afeto”.

“Espero que tudo melhore. Estou ciente, mais ciente do que Crawford possa ser, que o homem que vier a desejar seu amor, depois de lhe comunicar suas intenções, deverá trabalhar arduamente, pois todos os seus antigos afetos e hábitos se encontram enfileirados para uma batalha; e, antes de conquistar seu coração, terá que libertá-lo de todos os vínculos que o prendem a coisas animadas e inanimadas, consolidados ao longo de muitos anos e fortalecidos no momento pela própria ideia da separação. Sei que durante algum tempo o temor de ser forçada a abandonar Mansfield a colocará contra ele. Eu desejaria que ele não tivesse sido obrigado a lhe dizer o que pretendia. Desejaria que ele a conhecesse tão bem quanto eu, Fanny. Juntos, creio que a teríamos conquistado. Juntos, minha teoria e o conhecimento prático dele não falhariam. Ele deveria ter agido segundo os meus planos. Contudo, devo esperar que o tempo prove (como firmemente acredito que o fará) que ele a mereça pela constância de sua afeição, dando-lhe sua recompensa. Não posso acreditar que você não deseje amá-lo, é esse o desejo natural da gratidão. Você deve ter algum sentimento dessa espécie. Deve lamentar sua própria indiferença”.

“Somos totalmente diferentes”, disse Fanny, evitando uma resposta direta. “Somos tão, tão diferentes em todas as nossas predileções e hábitos, que considero praticamente impossível sermos toleravelmente felizes juntos, ainda que eu pudesse vir a gostar dele. Nunca houve duas pessoas mais desiguais. Não temos absolutamente nada em comum. Ambos seríamos miseráveis”.

“Você se engana, Fanny. As diferenças não são tão grandes. Vocês são bastante semelhantes. Possuem gostos em comum. Possuem os mesmos gostos literários e morais. Possuem corações ardentes e sentimentos de bondade; e Fanny, quem o ouvir ler, e vi sua reação ao ouvi-lo ler Shakespeare na outra noite, poderá pensar que vocês não serão companheiros incompatíveis? Você se esquece de si mesma: há uma real diferença entre seus temperamentos, se me permite. Ele é dinâmico, você é séria. Mas é muito melhor que seja assim: o bom humor dele encorajará o seu. Está em sua natureza sentir-se abatida e achar que as dificuldades são maiores do que realmente são. Sua alegria neutralizará isso. Ele não vê dificuldade em lugar algum, e seu otimismo e jovialidade serão um apoio constante para você. As diferenças entre vocês, Fanny, não anulam a

probabilidade de vocês serem felizes juntos, acredite. Estou convencido que na verdade essa é uma circunstância favorável. Estou absolutamente persuadido de que é melhor que os temperamentos sejam diferentes, isto é, diferentes na organização dos espíritos, nas maneiras, na preferência por muita ou pouca companhia, na tendência a falar muito ou de se manter calado, em ser grave ou ser alegre. Estou convencido de que nesses aspectos uma certa oposição beneficia a felicidade matrimonial. Claro que excluo os extremos, mas uma grande semelhança em todos esses pontos provavelmente leva a situações extremas. Uma oposição, gentil e contínua, é a melhor salvaguarda das costumes e da conduta”.

Fanny sabia perfeitamente bem o que acontecia com ele agora: o poder de Miss Crawford voltara com força total. Ele falara alegremente sobre ela desde o momento que entrara em casa. Evitá-la totalmente chegara ao fim. Até jantara na casa paroquial no dia anterior.

Depois de abandoná-lo aos seus mais felizes pensamentos por alguns minutos, sentindo que deveria voltar a falar sobre Mr. Crawford, Fanny disse, “Não é apenas no temperamento que eu o considero totalmente inadequado para mim. Nesse aspecto, creio que a diferença entre nós é grande demais, infinita. Com frequência seu bom humor me oprime, mas há algo nele que eu rejeito ainda mais. Devo dizer, primo, que não aprovo seu caráter. Eu já não pensava bem dele na época do teatro. Naquela época eu o vi se comportar de modo tão impróprio e insensível... Hoje posso falar nisso porque tudo já passou, mas ele se comportou de modo indecoroso com o pobre senhor Rushworth, não se importou em expô-lo ou magoá-lo, assediando minha prima Maria, que, em suma, na época do teatro, ele me causou uma impressão que eu jamais esquecerei”.

“Minha querida Fanny”, replicou Edmund, mal a ouvindo completar seu pensamento, “não devemos julgá-lo pelo que houve naquele período de loucura total. Detesto me lembrar da época do teatro. Maria estava errada, Crawford estava errado, todos nós estávamos errados, mas ninguém errou mais que eu. Comparados comigo, todos foram absolutamente corretos. Fiz papel de tolo com os olhos bem abertos”.

“Como uma espectadora”, disse Fanny, “talvez tenha visto mais do que você, e realmente acredito que por vezes Mr. Rushworth ficou muito enciumado”.

“É bem possível. Não por menos. Nada poderia ser mais impróprio do que aquilo tudo. Fico chocado sempre que penso no que Maria foi capaz de fazer, mas se ela pôde aceitar aquele papel, não devemos nos surpreender com todo o resto”.

“Antes da peça, muito me engano se Julia não acreditava ser ela o alvo de suas atenções”.

“Julia! Ouvi de alguém que ele estava apaixonado por Julia, mas nunca vi nada que o confirmasse. Mas Fanny, apesar de eu fazer justiça às qualidades de minhas belas irmãs, creio que é muito possível que uma delas, ou ambas acalentassem o desejo de ser admiradas por Crawford, e é possível que tenham demonstrado esse desejo de um modo mais aparente do que exige a prudência. Lembro-me que era evidente que adoravam sua companhia, e com tal encorajamento um homem como Crawford, exuberante e talvez um pouco descuidado, poderia ser levado a... mas não deve ter sido nada muito extraordinário, pois ficou claro que ele não tinha pretensão alguma: seu coração estava reservado para você. E devo dizer que esse fato fez com que ele subisse muito no meu conceito. Isso o recomenda muitíssimo e demonstra sua justa estima pela bênção da felicidade doméstica e do amor puro. Prova que ele não foi contaminado pelo seu tio. Enfim, prova que ele é tudo que eu desejava acreditar que fosse e temia que não fosse”.

“Tenho certeza de que ele não pensa em assuntos sérios como deveria”.

“Melhor seria dizer que ele nunca pensou em qualquer assunto sério, como acredito. E como poderia ser diferente, com a educação que recebeu e com o conselheiro que teve? Na verdade, considerando as desvantagens que vocês dois enfrentaram, não é maravilhoso que sejam como são? Creio que os sentimentos de Crawford o governaram demais. Felizmente esses sentimentos em geral são bons. Você fornecerá o resto, e ele é um homem muito afortunado por se ligar a uma criatura como você, uma mulher firme como uma rocha em seus princípios, mas que possui uma gentileza de caráter ideal para recomendá-los. Na verdade, foi com rara felicidade que ele a escolheu como sua companheira, Fanny. Você o fará feliz e ele também, mas você o tornará completo”.

“Não desejo tal encargo”, disse Fanny, em um tom reservado. “A responsabilidade é grande demais!”

“Como sempre, você não crê ser capaz de nada! Acha que tudo é demais para você! Bem, apesar de não ser capaz de persuadi-la a mudar seus sentimentos, tenho certeza de que você acabará se convencendo. Confesso sinceramente que estou ansioso para que isso aconteça. Não é pequeno o interesse que tenho no bem-estar de Crawford. Depois de sua felicidade, Fanny, é o que mais desejo. Você bem sabe que não é pequeno meu interesse por Crawford”.

Fanny sabia perfeitamente bem para ter o que dizer, e eles caminharam

juntos por cerca de 50 jardas em mútuo silêncio e abstração. Edmund voltou a falar:

“Fiquei muito contente com a maneira que Miss Crawford falou ontem, particularmente satisfeito porque eu não esperava vê-la encarar tudo de modo tão justo. Eu sabia que ela gostava muito de você, mas temia que ela não estimasse como você merece a importância que você tem para seu irmão, e que lamentasse que ele não tivesse escolhido alguma mulher de distinção ou fortuna. Eu temia a influência dessas máximas mundanas que ela se habituou demais a ouvir. Mas foi muito diferente. Ela falou de você como devia, Fanny. Deseja esse casamento tão calorosamente quanto seu tio ou eu. Tivemos uma longa conversa sobre isso. Eu não devia ter mencionado o assunto, embora estivesse muito ansioso para conhecer seus sentimentos, mas eu havia entrado na sala há cerca de cinco minutos quando ela o introduziu com toda franqueza de seu coração e com seu modo doce, espírito e engenhosidade peculiares ao seu ser. Mrs. Grant riu de sua rapidez”.

“Então Mrs. Grant se encontrava na sala?”

“Sim, quando lá cheguei encontrei as duas irmãs juntas, sozinhas. Começamos a conversar e ainda não tínhamos esgotado o assunto a seu respeito, Fanny, quando Crawford e Dr. Grant entraram”.

“Não vejo Miss Crawford há mais de uma semana”.

“Sim, e ela lamenta o fato, mas sabe que talvez seja melhor assim. Mas você se encontrará com ela antes de sua viagem. Ela está muito brava com você, Fanny. Prepare-se para isso. Ela afirma estar furiosa, mas você pode imaginar sua raiva. É o desgosto e a decepção de uma irmã que acredita que o irmão tem direito imediato a tudo que deseja. Está magoada, como você estaria se isso acontecesse com William, mas a ama e estima de todo seu coração”.

“Eu sabia que ela ficaria furiosa comigo”.

“Minha queridíssima Fanny”, exclamou Edmund puxando seu braço para mais perto, “não permita que a ideia de sua raiva a aborreça. É uma raiva da qual falar, não uma raiva realmente sentida. Seu coração foi feito para o amor e a bondade, não para o ressentimento. Eu gostaria que você tivesse ouvido os elogios que ela lhe fez, gostaria que tivesse visto seu rosto quando ela disse que você deveria ser a esposa de Henry. E notei que sempre falou de você como ‘Fanny’, algo que jamais fazia, e aquilo soava como uma cordialidade fraterna”.

“E Mrs. Grant, ela disse, falou alguma coisa? Permaneceu ali o tempo todo?”

“Sim, e concordou perfeitamente com sua irmã. Fanny, parece que sua recusa foi inesperada. Ninguém consegue compreender como você pôde recusar um homem como Henry Crawford. Eu afirmei que faria tudo que pudesse por você, mas para falar a verdade, elas acham que você deve provar que recuperou a razão quando alterar sua conduta. Só isso as satisfará. Mas isso a importuna. Já terminei. Não se afaste de mim”.

Depois de uma pausa de concentração e esforço, Fanny disse, “Imaginava que toda mulher devia compreender que existe a possibilidade de um homem não ser aprovado ou amado pelo menos por uma mulher, por mais agradável que seja. Mesmo que tenha todas as perfeições do mundo, creio que não se deveria tomar como certo que possa ser aceito por toda mulher por quem se interesse. Mas supondo que assim seja, e conferindo-se a Mr. Crawford todos os direitos que suas irmãs acreditam que possui, como poderia eu estar preparada para retribuir seus sentimentos? Ele me tomou inteiramente de surpresa. Não tinha ideia de que seu comportamento para comigo tinha qualquer significado, e certamente não estava ensinando a mim mesma a gostar dele apenas porque ele parecia fazer de mim um objeto de despreocupada diversão. Na minha situação, teria sido um extremo de vaidade criar expectativas quanto a Mr. Crawford. Tenho certeza de que suas irmãs, que tanto o consideram, também devem ter pensado o mesmo, supondo que aquilo não significava nada. Como poderia me apaixonar por ele no momento em que se declarou apaixonado por mim? Como podia ter esses sentimentos à disposição, no momento em que ele os solicitasse? Suas irmãs também deveriam pensar em mim, não só nele. Quanto maiores seus atrativos, mais impróprio seria eu pensar nele. E, e, pensamos de modo muito diferente a respeito da natureza das mulheres se elas imaginam que uma mulher possa retribuir tão rapidamente uma afeição”.

“Minha querida, querida Fanny. Agora sei a verdade. Sei que essa é a verdade, além de mostrar a dignidade de seus sentimentos. Eu já os atribuíra a você anteriormente. Achei que conseguia compreendê-la. Mas agora você me deu a explicação exata que ousei dar à sua amiga e à Mrs. Grant, e ambas ficaram mais satisfeitas, apesar de sua terna amiga ainda resistir um pouco devido ao entusiasmo e carinho que sente por Henry. Eu lhes disse que, de todos os seres humanos, em você o hábito é mais poderoso que a novidade, e a própria circunstância da novidade das confissões de Crawford o prejudicava. O fato de serem tão novas e tão recentes contribuía para seu desfavor, pois você não tolera nada ao qual não está habituada. Usei vários outros argumentos para que elas pudessem conhecer o seu caráter. Miss Crawford nos fez rir com seus planos para encorajar o irmão. Pretendia estimulá-lo a perseverar na esperança de conquistar o seu amor, e decorrido algum tempo, ver suas declarações serem recebidas com mais entusiasmo, talvez depois de uns dez anos de casamento

feliz”.

Com grande dificuldade, Fanny conseguiu dar o sorriso que ele esperava. Seus sentimentos estavam em tumulto. Temia ter errado, falado demais, exagerado na cautela que imaginara necessária. Ao se proteger contra um perigo se expusera a outro, e ouvir sobre a vivacidade de Miss Crawford naquele momento era uma séria agravante.

Edmund notou o cansaço e o sofrimento em seu rosto e imediatamente resolveu encerrar a discussão; e até deixar de mencionar o nome de Crawford novamente, exceto se relacionado a algo agradável a ela. Com base nesse princípio, observou, “Eles viajarão na segunda-feira. Portanto, você certamente verá sua amiga amanhã ou no domingo. Eles realmente partirão na segunda-feira, e pensar que quase fui persuadido a ficar em Lessingby até essa data! Quase prometi. Que diferença teria feito! Eu poderia lamentar esses cinco ou seis dias em Lessingby pelo resto de minha vida”.

“Você chegou perto de permanecer por lá?”

“Muito. Fui pressionado de modo tão afável que quase consenti. Se tivesse recebido alguma carta de Mansfield contando como vocês estavam certamente teria ficado, mas há quinze dias eu não sabia nada sobre o que acontecia aqui e sentia que já me ausentara por tempo suficiente”.

“Você passou momentos agradáveis lá?”

“Sim, isto é, foi culpa minha não terem sido mais agradáveis. Todos foram muito delicados, mas duvido que tenham pensado o mesmo de mim. Estava cheio de ansiedade, da qual não consegui me livrar até voltar a Mansfield”.

“Mas você gostou das senhoritas Owens, não gostou?”

“Sim, muito. São moças bem-humoradas, nada afetadas. Mas não Sirvo para conviver com mulheres comuns. Há duas ordens distintas de pessoas. Você e Miss Crawford me tornaram exigente demais”.

Apesar disso, Fanny se sentia oprimida e cansada. Ele notou o que acontecia pela sua aparência e soube que não conseguiria confortá-la continuando a conversar. Deixou de tentar e a conduziu diretamente para casa com a carinhosa autoridade de um guardião privilegiado.

CAPÍTULO XXXVI

Edmund ficou muito satisfeito, pois agora acreditava conhecer perfeitamente tudo que Fanny pudesse lhe dizer ou deixar entrever sobre seus sentimentos. Como presumira, Crawford tomara uma decisão precipitada demais e deveria ter esperado ela se familiarizar com a ideia para depois torná-la agradável a ela. Teria sido melhor acostumá-la com o fato de ele estar apaixonado por ela, e talvez a retribuição desse afeto talvez não estivesse muito distante.

Ele deu a seu pai essa opinião como o resultado da conversa que tivera com Fanny e lhe recomendou não dizer mais nada, deixar de tentar influenciá-la ou persuadi-la. Tudo deveria ser deixado à assiduidade de Crawford e às atividades naturais da mente da moça.

Sir Thomas prometeu agir desse modo, pois considerou justa a interpretação de Edmund sobre a disposição de Fanny. Acreditava que Fanny possuía todos aqueles sentimentos, mas achava lastimável que os tivesse. Menos disposto a confiar no futuro, não podia deixar de temer que se essas longas concessões de tempo e hábito lhe fossem necessárias, ela não conseguisse se convencer de que devia aceitar as declarações do jovem antes que este desistisse de fazê-las. Contudo, não havia outro remédio senão se submeter tranquilamente e esperar pelo melhor.

A prometida visita de “sua amiga”, como Edmund chamava Miss Crawford, era uma formidável ameaça para Fanny e ela vivia em contínuo terror do acontecimento. Como irmã, parcial e com raiva, e muito pouco escrupulosa com as palavras, e por outro lado triunfante e segura, era um terrível objeto de alarme. Seu desprazer, sua percepção e sua felicidade eram difíceis de enfrentar, e a esperança de haver outras pessoas presentes quando elas se encontrassem era o único consolo que lhe restava. Em seus cuidados para evitar qualquer ataque súbito, afastava-se o mínimo possível de Lady Bertram, mantinha-se afastada do quarto leste e deixara de passear sozinha pelo jardim.

Teve sucesso. Encontrava-se segura na sala de desjejum, na companhia de sua tia, quando Miss Crawford chegou. Passado a primeiro tormento, com Miss Crawford falando e se comportando com muito menos particularidade de expressão do que antecipara, Fanny começou a ter esperança de que não seria necessário suportar nada pior que aquela meia hora de moderada agitação. Mas suas esperanças foram em vão. Miss Crawford não era escrava da oportunidade. Estava determinada a ver Fanny sozinha e não demorou a lhe dizer em voz baixa: “Preciso lhe falar por alguns minutos, em algum lugar”, palavras que Fanny sentiu sobre o corpo, em todas as suas pulsações e em todos os seus nervos.

Impossível negar. Ao contrário, seu hábito de pronta submissão a fez levantar-se imediatamente para levá-la à outra sala. Ela o fez sentindo-se muito mal, mas era inevitável.

Assim que alcançaram o vestibulo, desapareceram o controle e a reserva de Miss Crawford. Ela imediatamente balançou a cabeça para Fanny, adotando um ar de reprovação afetuosa, e tomando sua mão, parecia incapaz de evitar começar imediatamente. Contudo, não disse nada além de “Menina má, muito má! Não sei quando vou terminar de censurá-la”, e teve suficiente discrição para se assegurar de que estivessem sozinhas entre quatro paredes. Naturalmente, Fanny se dirigiu ao andar superior e levou sua convidada ao apartamento que agora sempre encontrava aparelhado para oferecer todo conforto. Contudo, abriu a porta com o coração dolorido, sentindo que a cena que a esperava seria a mais penosa que aquele lugar já presenciara. Mas o mal que estava pronto a desabar sobre sua pessoa foi adiado por uma súbita mudança de ideia por parte de Miss Crawford, devido ao forte efeito produzido sobre sua mente por se encontrar novamente no quarto leste.

“Ah!”, exclamou ela, instantaneamente animada. “Estou aqui novamente! No Quarto Leste! Só estive aqui uma única vez, antes”, e depois de parar para olhar em torno, parecendo reconstituir mentalmente tudo que se passara, acrescentou: “Apenas uma vez, antes. Lembra-se? Vim para ensaiar. Seu primo também veio e tivemos um ensaio. Você foi nossa plateia e nosso ponto. Foi um ensaio delicioso. Jamais o esquecerei. Seu primo estava aqui, eu estava aqui, e aqui estavam as cadeiras. Oh! Por que essas coisas precisam terminar?”

Felizmente para sua companheira, não havia resposta. Sua mente estava inteiramente concentrada em si, em um estado de devaneio de doces lembranças.

“A cena que ensaiávamos era extraordinária! O assunto era muito... muito... como direi? Ele descrevia e me recomendava o matrimônio. Parece-me vê-lo agora, tentando ser tão discreto e sereno quanto o próprio Anhalt, repetindo suas duas longas falas. ‘Quando dois corações afins se encontram no matrimônio, esse matrimônio pode ser chamado de uma vida feliz’. Creio que tempo algum conseguirá apagar a impressão que guardo de seu olhar e de sua voz ao dizer essas palavras. Foi curioso, muito curioso que tivéssemos que representar aquela cena! Se eu tivesse o poder de recriar qualquer semana de minha existência, seria aquela, a semana da representação. Diga o que disser Fanny, seria aquela, pois jamais conheci felicidade tão intensa em qualquer outra. Vê-lo dobrar seu firme espírito como o fez! Oh! Foi mais doce do que posso descrever. Mas, infelizmente, aquela mesma noite tudo foi destruído. Aquela mesma noite nos

trouxe a presença indesejada de seu tio. Pobre Sir Thomas, quem se alegrou ao vê-lo? Mas Fanny, não imagine que eu agora fale desrespeitosamente de Sir Thomas, embora o tenha odiado por várias semanas. Não, eu agora lhe faço justiça. Ele apenas agiu como um chefe de família deve agir. Estou falando sério, creio que agora amo todos vocês”. Depois de dizer isso com um grau de ternura e consciência que Fanny jamais presenciara antes, mas que considerava apropriado, ela se voltou por um instante para se recuperar. “Tive um pequeno surto de emoção ao entrar neste quarto, como você pôde perceber”, disse ela com um sorriso maroto. “Mas isso terminou. Vamos nos sentar confortavelmente, pois vim aqui preparada para me zangar com você, e era isso que pretendia fazer, mas agora que chegou o momento perdi a coragem”. E abraçando-a com afeto, disse: “Boa e gentil Fanny! Quando penso que esta é a última vez que eu a vejo até não sei quando, para mim é absolutamente impossível fazer qualquer coisa além de amá-la”.

Fanny se comoveu. Não previra nada parecido e seus sentimentos não conseguiram resistir à melancólica influência da palavra “última”. Começou a chorar como se amasse Miss Crawford mais do que seria possível, e ainda mais enternecida ao ver tal emoção, Miss Crawford a abraçou com afeto e disse: “Detesto ter que deixá-la. Não verei ninguém tão amigável no lugar para onde vou. Quem diz que não seremos irmãs? Sei que seremos. Sinto que nascemos para ser parentes, e essas lágrimas me convenceram de que você também sente isso, querida Fanny”.

Fanny se levantou, e respondendo só em parte, disse: “Mas você vai se afastar de um grupo de amigos para encontrar outro. Vai visitar uma amiga muito especial”.

“Sim, sim é verdade. Há anos Mrs. Fraser é minha amiga íntima. Mas não tenho na verdade nenhum desejo de ir visitá-la. Só consigo pensar nos amigos que estou deixando: minha excelente irmã, você mesma e os Bertram em geral. Vocês possuem muito mais sentimento entre vocês do que se costuma encontrar pelo mundo todo. Aqui sinto-me capaz de confiar em vocês e acredito merecer a confiança de todos, o que é raro. Gostaria de ter combinado com Mrs. Fraser para só visitá-la após a Páscoa, uma época muito melhor, mas agora não há como alterar a data. E depois de visitá-la preciso ir ver sua irmã, Lady Stornaway, pois das duas era ela a minha amiga mais próxima, a quem não dei muita atenção nos últimos três anos”.

Depois dessa conversa, as duas jovens se mantiveram silenciosas por vários minutos, imersas em seus pensamentos. Fanny meditava sobre os diferentes tipos de amizade que existem no mundo; Mary, em algo menos filosófico. Foi ela quem voltou a falar em primeiro lugar.

“Lembro-me perfeitamente de resolver procurá-la aqui e subir as escadas para achar o caminho para o quarto leste sem ter a menor ideia de onde se encontrava! Lembro-me perfeitamente o que eu pensava enquanto subia e de vê-la sentada diante dessa mesa, trabalhando. Depois, a surpresa de seu primo quando abriu a porta e me encontrou aqui. Seu tio precisava voltar naquela noite? Nunca houve dias como aqueles!”

Seguiu-se outro assomo de abstração e quando conseguiu se livrar dele, Miss Crawford atacou sua companheira:

“Fanny, você parece estar sonhando. Espero que esteja pensando em quem pensa em você. Oh! Se eu pudesse transportá-la por alguns instantes para nosso círculo na cidade para que você compreenda o poder que exerce sobre Henry! Oh! A inveja e o ressentimento de dúzias e dúzias, o assombro, a incredulidade que a notícia do que você fez provocará! Pois aqui entre nós, Henry é o perfeito herói de um romance antigo, e adora as cadeias. Você deveria ir a Londres para saber julgar a conquista que fez. Se visse como ele é cortejado e como sou cortejada por causa dele! Agora, sei perfeitamente bem que não serei tão bem recebida por Mrs. Fraser devido à situação dele com você. Quando souber a verdade, é bem possível que ela deseje que eu volte a Northamptonshire, pois a filha de Mr. Fraser, de seu primeiro casamento, está louca para se casar e quer conquistar Henry. Oh! Ela tenta agarrá-lo de todo o jeito. Inocente e tranquila como é, você não tem ideia da sensação que está causando, da curiosidade de todos para vê-la e das intermináveis questões que eu terei que responder! A pobre Margaret Fraser vai me cumular de perguntas sobre seus olhos, seus dentes, vai querer saber como penteia seu cabelo e quem faz seus sapatos. Gostaria que Margaret já tivesse se casado, pelo bem de minha pobre amiga, pois considero os Fraser tão infelizes quanto a maioria das pessoas casadas. Contudo, na ocasião foi considerado um casamento muito desejável para Janet. Todos ficamos deliciados. Ela não podia deixar de aceitá-lo, pois ele era rico e ela não tinha nada. Mas ele se revelou uma pessoa mal-humorada e exigente, que deseja que uma linda jovem de 25 anos seja tão firme quanto ele. E minha amiga não consegue lidar muito bem com ele, não sabe como contornar a situação. Há um espírito de irritação que, para não dizer nada pior, é certamente muito rude. Na casa deles precisarei me lembrar com muito respeito do comportamento conjugal na casa paroquial de Mansfield. Dr. Grant demonstra total confiança em minha irmã e manifesta alguma consideração por sua opinião, e isso faz com que notemos que existe afeto entre eles. Mas não se vê nada disso entre os Fraser. Eu ficaria em Mansfield para sempre, Fanny. Minha própria irmã como esposa e Sir Thomas Bertram como marido são meus parâmetros de perfeição. Pobre Janet, cometeu um triste engano e não houve nada impróprio de seu lado: ela não se atirou para o casamento de modo

imprudente, nem houve falta de compreensão. Ela demorou três dias para considerar sua proposta, e durante esse período pediu conselhos a todos os seus conhecidos, cuja opinião podia ser levada em conta, principalmente minha falecida tia, cujo conhecimento do mundo tornava sua opinião muito respeitada pelos jovens que a conheciam, e ela se pronunciou decididamente a favor de Mr. Fraser. Parece que não há nenhuma garantia de um matrimônio feliz. Não tenho muito a dizer sobre minha amiga Flora, que rejeitou um jovem muito simpático da Real Cavalaria Britânica por causa daquele horrível Lorde Stornaway, que tem tanto senso quanto Mr. Rushworth, mas aparência muito pior e um péssimo caráter. Na época, tive minhas dúvidas sobre o acerto de sua escolha, pois ele nem mesmo parece um cavalheiro, e agora sei o quanto ela se enganou. A propósito, Flora Ross estava louca por Henry no primeiro inverno em que frequentou a sociedade. Mas se eu tentasse lhe contar sobre todas as mulheres que se apaixonaram por ele não acabaria nunca. É você, somente você, insensível Fanny, que consegue pensar nele com indiferença. Mas será que é tão insensível quanto parece? Não, não, sei que não é”.

Na verdade, um profundo rubor cobria o rosto de Fanny naquele momento, e isso talvez provocasse forte suspeita em uma mente alerta.

“Excelente criatura! Não vou provocá-la. Tudo seguirá seu curso. Mas querida Fanny, você deve concordar que não estava totalmente despreparada quanto seu primo imagina. Não é possível que não tenha notado o que estava acontecendo, não tenha imaginado do que se tratava. Você deve ter observado que ele tentava agradá-la dedicando-lhe toda sua atenção. Não se devotou a você durante o baile? E antes do baile, o colar! Oh! Você o recebeu exatamente como imaginamos. Você estava tão consciente de tudo quanto um coração pode desejar. Lembro-me perfeitamente”.

“Você quer dizer que seu irmão sabia do colar de antemão? Oh! Miss Crawford, isso não foi justo”.

“Sabia dele! Foi ele quem imaginou tudo. Envergonho-me de dizer que jamais pensei nisso, mas fiquei encantada de poder participar de sua proposta para o bem de ambos”.

“Não direi que na época não temi um pouco que se tratasse disso, pois havia algo que me assustava em seu olhar, mas não no princípio”, replicou Fanny. “No início realmente não suspeitei de nada. Isso é tão verdadeiro quanto o fato de eu estar aqui. E se tivesse imaginado, nada no mundo teria me convencido a aceitar o colar. Quanto ao comportamento de seu irmão, certamente notei sua preferência. Já notara há algum tempo, mas achei que não significava nada, não dei importância, pois achei que era o seu jeito, e nunca

supus que ele acalentasse qualquer pensamento sério a meu respeito. Eu mesma, Miss Crawford, não deixei de prestar atenção ao que se passou entre ele e parte deste família durante o verão e o outono. Não disse nada mas não estava cega. Não pude deixar de ver que Mr. Crawford se permitia fazer galanteios que nada significavam”.

“Ah! Não posso negar que isso aconteceu. Algumas vezes agiu como um deplorável galanteador que não se importava com a devastação que provocava nos afetos das jovens. Eu frequentemente o censurei por isso, mas esse é seu único defeito, e é preciso dizer que poucas moças têm afeições que mereçam consideração. Por outro lado, é uma glória conquistar alguém tão desejado, ter o poder de ajustar as dívidas contraídas por pessoas de nosso próprio sexo! Oh! Tenho certeza que não está na natureza de mulher alguma recusar tal triunfo”.

Fanny balançou a cabeça. “Não posso pensar bem de um homem que brinca com os sentimentos de uma mulher, pois muitas vezes há muito mais sofrimento do que um observador pode imaginar”.

“Não nego. Deixo-o inteiramente à sua misericórdia, e quando ele levá-la para Everingham, não me importa o número de vezes que você vai reprová-lo. Mas afirmo que o defeito que ele tem de fazer com que as moças se apaixonem um pouco por ele não é tão perigoso para a felicidade de uma esposa quanto a tendência de se apaixonar, algo que jamais o atraiu. E verdadeiramente acredito que ele a ama como jamais amou qualquer mulher, que a ama de todo coração e que a amará para sempre, se possível. Se algum homem já amou uma mulher para sempre, creio que Henry o fará por você”.

Fanny não conseguiu evitar um leve sorriso, mas se manteve calada.

“Não me lembro de ter visto Henry tão feliz como quando conseguiu a promoção de seu irmão”, continuou Mary.

Com isso, desferiu um golpe certo nos sentimentos de Fanny.

“Oh! Sim. Que gentileza, que enorme gentileza a dele”.

“Sei que ele deve ter se esforçado imensamente, e sei as peças que ele teve que mover. O Almirante detesta problemas e odeia pedir favores, e há tantos pedidos de jovens que devem ser atendidos que costuma esquecer com facilidade as amizades não muito determinadas. Como William deve ter ficado feliz! Gostaria de poder vê-lo”.

A mente da pobre Fanny foi atirada no mais angustiante estado. A lembrança do que fora feito por William sempre perturbava qualquer decisão contra Mr. Crawford, e ela permaneceu ali, pensando profundamente nesse fato

até Mary, que a princípio a observara com complacência mas depois passara a refletir sobre outra coisa, chamou sua atenção dizendo: “Eu gostaria de ficar aqui o dia inteiro, conversado com você, mas não podemos nos esquecer das senhoras que ficaram no andar inferior. Portanto, adeus Fanny, minha amiga querida. Nominalmente nos separamos na sala de desjejum, mas na verdade despeço-me de você aqui. E me despeço esperando um feliz reencontro, confiante de que quando voltarmos a nos ver será em circunstâncias que nos permitirão abrir nossos corações sem qualquer resquício ou sombra de reserva.

Um abraço de extremo carinho e alguma agitação acompanharam essas palavras.

“Logo verei seu primo em Londres: ele diz que irá para lá em pouco tempo, e Sir Thomas se juntará a ele na primavera. Também tenho certeza de que voltarei a ver várias vezes seu primo mais velho, os Rushworth e Julia. Todos, menos você, mas tenho dois favores para lhe pedir, Fanny: um é que se comunique comigo por correspondência. Você precisa me escrever. E o outro é que você visite Mrs. Grant com frequência e a console pela minha partida”.

Fanny preferiria que ela não tivesse lhe pedido o primeiro favor, mas foi-lhe impossível recusar aquela correspondência. Assim, foi-lhe impossível não concordar mais prontamente do que o seu próprio julgamento acreditava ser prudente. Não havia como resistir a tanta aparente afeição. Seu temperamento costumava valorizar um tratamento carinhoso por lhe ter sido concedido tão poucas vezes, e ela foi conquistada pelo de Miss Crawford. Além disso, havia a gratidão por ela tornar aquele encontro íntimo tão menos doloroso do que as suas lágrimas tinham temido.

Terminara. Escapara sem recriminações e sem ter sido descoberta. Seu segredo ainda lhe pertencia, e enquanto assim fosse poderia se resignar a praticamente tudo.

À noite houve outra despedida. Henry Crawford chegou e permaneceu algum tempo com eles. Com o espírito preparado, seu coração se comoveu um pouco por ele, pois era evidente que estava sentido. Ao contrário de seu habitual modo de ser, ele falou muito pouco. Era óbvio que se sentia oprimido e Fanny teve pena dele, apesar de esperar não vê-lo novamente até ele se casar com alguma outra mulher.

Quando chegou o momento de se despedir, se ele tivesse tomado sua mão ela não lhe teria negado. Mas ele não disse nada, pelo menos nada que ela ouvisse, e quando ele saiu da sala sentiu-se feliz por não ter havido nenhuma manifestação de seus sentimentos.

No dia seguinte os Crawford partiram.

CAPÍTULO XXXVII

Depois de Mr. Crawford viajar, o próximo objetivo de Sir Thomas era fazer com que sua falta fosse sentida; e ele nutria uma grande esperança de que sua sobrinha experimentasse certo vazio com a perda das atenções que no presente considerava desagradáveis. Ela experimentara a impressão do modo mais lisonjeiro, e ele desejava que essa perda e o fato de novamente afundar no nada despertassem remorsos muito benéficos em sua mente. Ele a observou com essa ideia, mas não conseguia dizer se havia algum sucesso. Mal percebia a diferença em seu estado de espírito. Ela era sempre tão gentil e discreta que suas emoções estavam acima de seu entendimento. Não a compreendia. Assim, pediu para Edmund lhe perguntar como a atual situação a afetava e se ela se sentia mais ou menos feliz que antes.

Edmund não notara qualquer sintoma de remorso e julgou seu pai um pouco absurdo por supor que os primeiros três ou quatro dias poderiam produzir qualquer emoção.

O que mais surpreendeu Edmund foi que a irmã de Crawford, amiga e companheira que fora tão importante para Fanny, parecia não lhe fazer falta. Perguntava a si mesmo por que a prima a mencionava tão pouco e raras vezes fazia algum comentário voluntário sobre a tristeza que lhe causava essa separação.

Infelizmente, era essa irmã, essa amiga e companheira, que era agora a principal fonte de ansiedade de Fanny. Se pudesse acreditar que o futuro de Mary permaneceria tão afastado de Mansfield quanto decidira considerar o de seu irmão, se pudesse esperar que sua volta estivesse tão distante quanto desejava a do irmão, realmente sentiria uma grande leveza de coração e as dúvidas e hesitações de sua ambição também cessariam de existir, mas quanto mais ela recordava e observava, mais profundamente se convencera de que tudo agora se mostrava mais favorável para que se realizasse o casamento de Miss Crawford com Edmund. Do lado dele a inclinação se fortalecera, da parte dela os sentimentos eram menos ambíguos. Suas objeções e escrúpulos quanto à sua integridade pareciam encerrados, ninguém sabia como; e as dúvidas e hesitações devido à ambição da jovem também haviam findado, igualmente sem razão aparente. Isso só poderia ser atribuído a uma crescente afeição. Os bons sentimentos dele e os maus sentimentos dela haviam dado lugar ao amor, e era esse amor que os uniria. Ele deveria ir à cidade assim que alguns negócios relativos a Thornton Lacey se completassem, talvez dentro de quinze dias. Ele falava sobre a viagem, adorava falar sobre esse assunto, e quando se reencontrassem Fanny não tinha dúvidas quanto ao resultado. A aceitação dela era tão certa quanto a oferta dele, mas ela ainda demonstrava ter alguns maus

princípios que, em sua opinião, tornavam o prospecto desse casamento muito infeliz, independente de sua pessoa.

Em sua última conversa, apesar de algumas demonstrações de amizade e de muita gentileza, Miss Crawford se mostrara a mesma de antes e revelara uma mente perdida e confusa sem ter a menor suspeita disso. Deixara entrever uma mente sombria, que imaginava plena de luz. Ela podia amar, mas não merecia Edmund. Fanny acreditava que dificilmente haveria outro sentimento em comum entre eles, mas os antigos sábios com certeza a perdoariam por considerarem inevitável o futuro aperfeiçoamento de Miss Crawford, por julgarem que se no início do amor entre ambos a influência de Edmund já abrandara seu julgamento parcial e contivera suas ideias, estas finalmente acabariam por enfraquecer durante os anos de matrimônio.

A experiência poderia auxiliar qualquer jovem nessas circunstâncias, e a imparcialidade não teria negado à natureza de Miss Crawford a participação da natureza, comum a todas as mulheres, que a levaria a adotar como suas as opiniões do homem que amava e respeitava. Essas eram as ideias de Fanny, que lhe causavam grande sofrimento, e ela não conseguia falar sobre Miss Crawford sem experimentar intensa dor.

Enquanto isso, Sir Thomas continuava com suas esperanças e suas observações, e devido ao seu conhecimento da natureza humana, julgava-se no direito de esperar testemunhar a perda do poder e da importância do estado de espírito da sobrinha, e seu desejo de voltar a desfrutar das antigas atenções do homem que a amava. Contudo, logo depois foi obrigado a se conformar com o fato de ainda não ter visto nada disso devido ao prospecto da chegada de outro visitante cuja aproximação ele considerava suficiente para apoiar o espírito que ele observava. William obtivera dez dias de licença, que passaria em Northamptonshire, e por sua recente promoção, para lá viajava como o mais feliz dos tenentes, para exibir sua felicidade e descrever seu novo uniforme.

Depois de chegar, teria ficado encantado de também exibir sua farda, não fosse o cruel costume que proibia seu uso em qualquer ocasião que não fosse de serviço. Portanto, esta permaneceu em Portsmouth e Edmund refletiu que antes de Fanny ter oportunidade de ver o irmão fardado, o frescor do uniforme e dos sentimentos do uniformizado já teria fenecido. Ele teria afundado em um emblema de desgraça, pois o que pode ser mais inconveniente ou mais inútil que a farda de um tenente que ocupa o cargo há um ou dois anos e vê inúmeros comandantes diante dele? Eram essas as reflexões de Edmund, até seu pai tomá-lo como confidente de um plano que daria a Fanny a oportunidade de ver o segundo tenente do HMS Thrush em toda sua glória.

O plano consistia em acompanhar o irmão quando ele voltasse para Portsmouth, e passar algum tempo com sua própria família. Em uma de suas nobres meditações, ocorrera a Sir Thomas que essa seria uma medida correta e desejável, mas consultou seu filho antes de resolver definitivamente. Edmund examinou todos os seus aspectos e não encontrou nada que não fosse correto. A ideia era boa e não poderia ser levada a cabo em melhor época. Além disso, tinha certeza de que Fanny adoraria. Isso foi suficiente para resolver Sir Thomas, e encerrou esse estágio do negócio dizendo: “então assim será feito”. Sir Thomas se retirou com algum sentimento de satisfação e expectativa de outros benefícios, além dos que comunicara ao seu filho, pois o principal motivo para enviá-la pouco tinha a ver com a conveniência de ela rever seus pais, e nada com a ideia de fazê-la feliz. Ele certamente queria que ela desejasse ir, mas esperava que ela sentisse uma terrível saudade de casa antes de a visita terminar. Pretendia também que a pequena abstinência da elegância e do luxo de Mansfield Park tornasse sua mente mais equilibrada e a inclinasse a avaliar com maior justiça o valor do lar de maior permanência e igual conforto que lhe estava sendo oferecido.

Era um projeto medicinal para a compreensão de sua sobrinha, que ele atualmente considerava enferma. O fato de ter residido oito ou nove anos em meio à riqueza e ao luxo teria perturbado um pouco seu poder de comparar e julgar. Muito provavelmente, a casa de seu pai lhe ensinaria o valor de uma boa renda, e ele tinha certeza de que pelo resto da vida ela seria uma mulher mais sábia e mais feliz devido à experiência que ele imaginara.

Se Fanny fosse acostumado a ter grandes arroubos, teria sofrido um forte ataque quando ela finalmente veio a entender o que estava sendo planejado, quando seu tio lhe fizera a oferta de visitar seus pais, irmãos e irmãs, dos quais permanecera afastada por mais de metade de sua vida; retornar por dois meses à cena de sua infância, com William como protetor e companheiro de viagem e a certeza de continuar a ver William até o último momento de sua permanência em terra. Se ela fosse dada a explosões de alegria aquele seria o momento, pois estava encantada. Mas sua felicidade era tranquila, profunda e reservada, e, apesar de jamais falar muito sempre, ela se inclinava para o silêncio quando seus sentimentos eram mais fortes. No momento, ela conseguiu apenas agradecer e aceitar. Mais tarde, quando se familiarizou com as visões de alegria que subitamente se abriam diante dela, pôde falar mais espontaneamente com William e Edmund sobre seus sentimentos, mas ainda havia emoções de ternura que não podiam ser traduzidas em palavras. A lembrança de todos os seus antigos prazeres e de como sofrera com a separação voltou sobre ela com força renovada e lhe parecia que o retorno à casa curaria todas as dores que tinham sido causadas pela separação. Encontrar-se no centro daquele círculo, amadas

por todos, ainda mais amada do que fora antes, sentir a afeição sem nada temer ou reprimir, sentir-se igual aos que a rodeavam, não ter medo de ouvir mencionar os Crawford, estar a salvo de olhares de reprovação a propósito deles era uma perspectiva a usufruir com um regozijo tal que ela mal podia admitir.

Edmund também – afastar-se dele por dois meses lhe faria bem (talvez até lhe permitissem se ausentar por três). Longe dele, a salvo de seus olhares e de sua gentileza, a salvo da perpétua ânsia de conhecer seu coração e do esforço para evitar suas confidências, seria capaz de se colocar em um estado de espírito mais adequado, conseguiria pensar nele em Londres e em tudo que ali se passava sem se sentir tão arrasada. Tudo que era difícil de suportar em Mansfield transformar-se-ia em um leve mal Portsmouth.

A única desvantagem era não poder saber se sua tia Bertram ficaria confortável sem ela. Ela não fazia falta a ninguém mais, mas sua tia talvez sentisse demais sua ausência, e ela não gostava de pensar nisso. Na verdade, essa parte do plano foi a mais difícil para Sir Thomas decidir, pois somente ele poderia resolver.

Mas ele era o senhor de Mansfield Park. Quando decidia realmente tomar qualquer medida, sempre a realizava; e agora, através de longas conversas sobre o assunto, explicando e enfatizando o dever de Fanny às vezes visitar sua família, de fato induziu sua mulher a permitir que ela fosse. Conseguiu esse feito mais por submissão que por convicção, pois Lady Bertram pouco estava convencida de que Sir Thomas realmente julgasse que Fanny poderia ir, e se ela deveria ir. Na calma de seu quarto de vestir, no fluxo imparcial de suas próprias meditações, não perturbada pelas espantosas declarações de seu marido, não via qualquer necessidade de Fanny voltar a ver um pai e uma mãe que tinham vivido tanto tempo sem ela, enquanto que Fanny lhe era tão útil. E quanto a sentir sua falta, que segundo Mrs. Norris era o ponto da discussão que se tentava provar, ela resolvera muito firmemente jamais admitir tal coisa a si mesma.

Sir Thomas recorrera ao seu bom senso, consciência e dignidade. Dissera que era um sacrifício e apelara para sua bondade e autodomínio. Mas Mrs. Norris desejava persuadi-la de que podia passar muito bem sem Fanny, pois ela se dispunha a lhe dedicar todo tempo necessário, em suma, queria convencê-la de que na verdade não sentiria falta da sobrinha.

“Talvez você tenha razão, irmã”, foi a resposta de Lady Bertram. “Ouso dizer que você esteja certa, mas tenho certeza de que sentirei imensamente sua falta”.

O passo seguinte foi se comunicar com Portsmouth. Fanny escreveu para se oferecer, e apesar de curta a resposta da mãe foi muito gentil – algumas linhas

expressando de modo natural a felicidade materna diante da perspectiva de novamente ver sua filha, confirmando todas as previsões de felicidade por revê-la, convencendo-a de que agora encontraria uma amiga viva e amorosa na ‘mamãe’ que certamente não demonstrara grande amor por ela no passado, mas isso poderia ter acontecido por sua própria culpa ou fantasia. Ela provavelmente afastara seu amor com seu temperamento fraco, nervoso e amedrontado, ou fora pouco razoável ao desejar um maior quinhão entre tantos filhos mais merecedores. Agora sabia melhor como ser útil e se conter, sua mãe não estaria tão ocupada com as incessantes exigências de uma casa repleta de crianças pequenas e haveria mais tempo livre e inclinação para buscar maior bem-estar. Logo seriam o que mãe e filha deviam ser uma para a outra.

William estava quase tão feliz com o plano quanto sua irmã. Para ele seria um imenso prazer separar-se dela apenas no último momento antes de embarcar, e talvez vê-la novamente quando voltasse do primeiro cruzeiro. Além disso, desejava muito que ela visse o ‘Trush’ antes que este saísse do porto – o ‘Trush’ certamente era a mais bela corveta em serviço – e também havia várias melhorias no estaleiro que ele gostaria muito de lhe mostrar.

Ele acrescentou que o fato de ela estar em casa durante algum tempo seria uma grande vantagem para todos.

“Não sei a razão”, disse ele, “mas parece que desejamos ter um pouco de suas boas maneiras e de seu senso de ordem na casa de meu pai. A casa está sempre uma bagunça. Tenho certeza de que você vai conseguir organizá-la melhor. Conseguirá ensinar minha mãe como arrumá-la, será útil à Susan, ensinará Betsey e fará com que os meninos a amem e respeitem. Tudo ficará bem e confortável!”

Quando a resposta de Mrs. Price chegou, não havia muito tempo para permanecer ainda em Mansfield; e os jovens viajantes passaram parte daqueles dias temendo a viagem, pois quando chegou o momento de escolher de que modo esta se realizaria, Mrs. Norris descobriu que toda sua ansiedade para economizar o dinheiro de seu cunhado fora em vão, e, a despeito de seus desejos e das suas insinuações, eles viajariam pela carruagem postal. Ao ver Sir Thomas lhes dando dinheiro para a viagem, foi tomada pela ideia de que haveria espaço para uma terceira pessoa na carruagem e, sendo assim, foi dominada por uma forte inclinação em seguir com eles, para ir e ver sua pobre e querida irmã Price. Ela proclamou seus pensamentos. Ela afirmou categoricamente que estava fortemente inclinada em ir com os jovens; seria uma indulgência para com ela; ela não via sua pobre e querida irmã Price há mais de vinte anos; e durante a viagem seria uma grande ajuda para os jovens ter uma pessoa mais velha para cuidar deles. Além disso, não podia deixar de pensar que sua pobre e

querida irmã Price acharia muito indelicado de sua parte não aproveitar uma oportunidade como aquela.

William e Fanny se horrorizaram com a ideia.

Todo o conforto de sua deleitosa viagem seria destruído de uma vez. Com semblante de pesar olharam uns para os outros. O suspense perdurou por uma ou duas horas. Ninguém interferiu para encorajá-la ou dissuadi-la. Deixaram Mrs. Norris em paz para resolver o assunto e finalmente, para a infinita alegria de seus sobrinhos, ela chegou à conclusão de que sua presença seria indispensável em Mansfield Park naquele momento; de que ela seria extremamente necessária a Sir Thomas e a Lady Bertram para pensar em deixá-los, mesmo que fosse por uma semana e, portanto, devia sacrificar seus prazeres para lhes ser útil.

Na verdade, ocorrera-lhe que apesar de não lhe custar nada viajar até Portsmouth, dificilmente conseguiria evitar pagar as despesas da viagem de volta. Assim, sua pobre querida irmã Price sofreria o grande desapontamento de perder tal oportunidade, e talvez um outro período de vinte anos de ausência se iniciaria.

Os planos de Edmund fora afetados pela viagem a Portsmouth e pela ausência de Fanny. Como sua tia, ele também precisaria fazer um sacrifício a Mansfield Park. Pretendia ir a Londres nessa época, mas não poderia deixar seu pai e sua mãe exatamente quando todas as pessoas mais importantes para seu conforto deixavam a casa; e, com um esforço sentido, mas não anunciado, adiou por uma semana, ou por alguns dias, a viagem que pela qual anelava, com a esperança de decretar sua felicidade eterna.

Relatou os fatos a Fanny. Ela já sabia tanto que era preciso que ela soubesse de tudo o mais. Foi mais um discurso confidencial sobre Miss Crawford; e Fanny sentiu-se ainda mais afetada por crer que aquela seria a última vez em que o nome de Miss Crawford seria mencionado entre eles com algum resquício de liberdade. Depois disso, ele ainda lhe falou uma vez sobre o assunto. À noite, Lady Bertram pediu para que a sobrinha lhe escrevesse sem demora, e para que fizesse com frequência, prometendo ser uma boa correspondente; e, em um momento conveniente, Edmund acrescentou-lhe com um sussurro: “Eu lhe escreverei, Fanny, eu lhe escreverei quando tiver algo a lhe dizer que acredite que você gostará de ouvir e que saberá antes de todos”. Se houvesse alguma dúvida ao ouvi-lo dizer isso, o brilho em seu rosto teria sido decisivo.

Ela precisaria se preparar para essa carta. Que coisa terrível a carta de Edmund passar a ser um objeto de terror! Começou a sentir que ainda não passara por todas as mudanças de ideia e percepção causadas pelo avanço do tempo e pela variação das situações. As atribulações da mente humana ainda não

havam sido esgotadas por ela.

Pobre Fanny! Apesar de desejar, de estar realmente ansiosa para viajar, a última noite em Mansfield Park ainda lhe traria mais infelicidade. Seu coração estava completamente partido, tomado de tristeza. Chorou em todos os cômodos da casa, por todos os seus amados habitantes. Agarrou-se à tia, pois sentiria sua falta. Soluçando, beijou a mão de seu tio, pois o decepcionara; e, quanto a Edmund, não conseguiu lhe falar nem lhe olhar quando chegou o último momento com ele. Somente quando tudo terminou, ela soube que ele se despedira com o afeto de um irmão.

Tudo isso aconteceu da noite para o dia, pois a jornada teria início muito cedo, na manhã seguinte; e quando o pequeno grupo se encontrou para o desjejum, falou de William e Fanny como se já não estivessem mais ali.

CAPÍTULO XXXVIII

Quando deixaram Mansfield Park, a novidade da viagem e a felicidade de ter a companhia de William logo produziram um efeito natural sobre o espírito de Fanny, e quando terminou a primeira etapa e eles tiveram que abandonar a carruagem de Sir Thomas, Fanny conseguiu se despedir alegremente do velho cocheiro e mandar as mensagens apropriadas.

A agradável conversa entre os dois irmãos parecia não ter fim. Tudo divertia e causava alegria à mente de William e ele fazia inúmeras brincadeiras e pilhérias nos intervalos dos assuntos mais elevados, todos terminando ou começando com os mais altos elogios ao navio 'Trush', seguidos por conjecturas sobre o modo como ele seria empregado, os planos de uma ação contra uma força superior que lhe daria a oportunidade de dar o próximo passo assim que possível (supondo que o primeiro tenente não estivesse presente e que William não fosse muito generoso com ele), ou especulações sobre a recompensa em dinheiro que seria generosamente distribuída em casa, reservando-se apenas o necessário para construir e tornar confortável um pequeno chalé, onde ele e Fanny passariam a meia idade e a velhice juntos.

As preocupações imediatas da Fanny relativas a Mr. Crawford não faziam parte das conversas. William sabia o que aconteceria, e do fundo do coração lamentava que os sentimentos de sua irmã fossem tão frios para com um homem cujo caráter ele considerava de primeira ordem entre os seres humanos, mas na sua idade o amor estava acima de tudo, portanto não podia culpá-la, e sabendo de seu desejo quanto a esse assunto, não iria perturbá-la fazendo qualquer alusão a ele.

Fanny tinha razões para supor que ainda não fora esquecida por Mr. Crawford. Recebera várias cartas da irmã dele nas três semanas decorridas desde sua partida de Mansfield, e cada qual trazia algumas linhas dele, afetuosas e determinadas como suas declarações. Fanny considerou essa correspondência tão desagradável quanto temera. O estilo de escrever de Miss Crawford, vivo e afável, em si já era um mal, independente do que era forçada a ler que saíra da pena de seu irmão, pois Edmund jamais descansaria até ela ler em voz alta a parte mais importante da carta para ele, e ela era obrigada a ouvir o quanto ele admirava sua linguagem e a ternura de seus sentimentos. De fato, cada carta continha na mensagem tantas alusões e lembranças de Mansfield que Fanny só poderia supor que Miss Crawford desejava que Edmund tomasse conhecimento do que ela escrevera, e era obrigada a fazer esse papel, forçada a manter uma correspondência que trazia mensagens do homem que ela não amava e a obrigava a auxiliar a infausta paixão do homem que amava, uma terrível crueldade. A viagem também era vantajosa nessa questão. Sabendo que não

mais se encontrava sob o mesmo teto que Edmund, tinha certeza de que Miss Crawford não teria motivos suficientemente fortes para se dar todo esse trabalho, e de que em Portsmouth a correspondência entre ambas iria rarear até desaparecer por completo.

Com pensamentos como esses e centenas de outros, Fanny continuava a fazer uma viagem segura e alegre, tão rápida quanto se poderia esperar no frio mês de fevereiro. Chegaram a Oxford, mas ao passar só puderam ver de relance a universidade de Edmund e não pararam em lugar algum até chegarem a Newbury, onde uma refeição reconfortante, unindo jantar e ceia, encerrou os júbilos e as canseiras do dia.

Partiram bem cedo, nas primeiras horas do dia, na manhã seguinte, e avançaram regularmente, sem problemas e sem atrasos, chegando a Portsmouth enquanto o dia claro ainda permitia que Fanny observasse tudo, maravilhando-se com os novos prédios. Passaram pela ponte levadiça e entraram na cidade. A luz começava a esvanecer quando, guiados pela poderosa voz de William, enveredaram por uma rua estreita até a High Street e pararam diante da porta de uma pequena casa, agora habitada por Mr. Price.

Fanny estava tomada por agitação e alvoroço, esperança e apreensão. No momento em que se detiveram, aproximou-se uma criada de aparência descuidada, parecendo esperá-los na porta, mais interessada em contar as novidades do que em lhes prestar qualquer ajuda. Imediatamente começou a dizer: “O ‘Trush’ saiu do porto, senhor, e um dos oficiais esteve aqui para...” Ela foi interrompida por um belo garoto de 11 anos, alto, que saiu da casa, empurrou a criada para o lado, e enquanto William abria a porta da carruagem, declarou: “Você chega na hora certa. Nós o procuramos nesta última meia hora. O ‘Trush’ saiu do porto nesta manhã. Eu o vi. Foi uma bela visão. Parece que vai receber ordens para zarpar dentro de um dia ou dois. Mr. Campbell esteve aqui às quatro horas, perguntando por você. Ele está com um dos barcos do ‘Trush’, vai ao navio às seis horas e gostaria que você chegasse a tempo de ir com ele”.

Uma ou duas olhadelas para Fanny enquanto William a ajudava a descer da carruagem foi tudo que aquele irmão se permitiu, mas ele não fez qualquer objeção ao beijo que ela lhe deu, apesar de ainda estar inteiramente ocupado em descrever os detalhes da saída do ‘Trush’, pelo qual tinha forte interesse, pois começaria sua carreira de marinheiro exatamente naquele período.

Depois de um momento Fanny se encontrou na estreita entrada da casa e nos braços de sua mãe, que a recebeu com olhares de verdadeiro carinho e com um rosto que Fanny amou ainda mais por parecer com o de sua tia Bertram. E ali também estavam suas duas irmãs: Susan, uma bela menina crescida, com 14

anos, e Betsey, a mais moça da família, com cerca de 5 anos, ambas felizes por recebê-la apesar de não contarem com a vantagem de boas maneiras; mas Fanny não se importava com isso. Se elas a amassem já ficaria satisfeita.

Fanny foi levada até uma sala tão pequena que sua primeira impressão foi que se tratasse apenas de uma passagem para outra sala melhor, e por um instante ficou esperando ser convidada a prosseguir. Mas notou que não havia outra porta e que havia sinais de habitação. Caiu em si, recriminou-se e se preocupou que eles tivessem percebido. Todavia, sua mãe não pôde ficar ali por tempo suficiente para suspeitar de alguma coisa. Fora até a porta de entrada para dar as boas vindas a William. “Oh! Meu querido William, como estou feliz por vê-lo. Você soube do ‘Trush’? Já saiu do porto, três dias antes do que imaginávamos. Não sei o que fazer com relação às coisas de Sam. Jamais ficarão prontas a tempo, pois amanhã ele talvez já receba ordens de partir. Isso me apanhou de surpresa. E agora você também precisa ir para Spithead. Campbell esteve aqui, realmente preocupado com você. E agora, o que faremos? Achei que passaríamos uma noite agradável em sua companhia e agora tudo cai em cima de mim de uma só vez!”

Seu filho respondeu alegremente, dizendo que tudo se resolveria de um modo ou de outro; e deu pouca importância à inconveniência de ser obrigado a partir tão depressa.

“Eu certamente preferiria que o navio permanecesse no porto para podermos ficar juntos, mas como há um barco no porto é melhor que eu vá imediatamente, pois não há como evitar. Em que lugar de Spithead está o ‘Trush’? Perto do ‘Canopus’? Mas isso não tem importância, Fanny está na sala, por que devemos ficar no corredor? Venha mãe, você praticamente não olhou para nossa querida Fanny”.

Ambos entraram, e depois de Mrs. Price beijar mais uma vez a filha com carinho, comentar um pouco seu crescimento, com natural solicitude começou a indagar sobre as conseqüências e necessidades dos viajantes.

“Pobres queridos! Como devem estar cansados! E agora, o que desejam? Comecei a pensar que vocês jamais chegariam. Betsey e eu ficamos esperando vocês durante a última meia-hora. Quando comeram pela última vez? O que gostariam de comer agora? Eu não sabia se iriam querer carne ou apenas uma xícara de chá depois da viagem, ou teria deixado algo pronto. Agora temo que Campbell chegue antes que tenhamos tempo de preparar um assado, pois não há açougue aqui por perto. É muito inconveniente não haver um açougue em nossa rua. Estávamos mais bem instalados em nossa última casa. Talvez vocês queiram uma xícara de chá, assim que ficar pronto”.

Os dois declararam preferir o chá. “Então, Betsey, minha cara, corra até a cozinha e veja se Rebecca já colocou a chaleira no fogo; e diga-lhe para preparar a mesa para o chá assim que ela puder. Pena que a sineta esteja quebrada, mas Betsey é uma excelente mensageira”.

Betsey saiu com entusiasmo, orgulhosa de mostrar suas habilidades diante de sua nova e requintada irmã.

“Oh, Deus!”, continuou a mãe ansiosa. “Nossa lareira é horrível. Temo que estejam morrendo de frio. Puxe sua cadeira para mais perto do fogo, minha querida. Não sei o que Rebecca andou fazendo. Tenho certeza de ter lhe pedido para trazer mais alguns carvões há meia hora. Susan, você deveria ter cuidado do fogo”.

“Eu estava no andar de cima, mamãe, mudando minhas coisas”, disse Susan em um tom de voz defensivo e sem medo que assustou Fanny. “Sabe que tínhamos acabado de resolver que minha irmã Fanny e eu devíamos ficar com o outro quarto, e não consegui convencer Rebecca a me ajudar”.

A discussão foi evitada por vários ruídos: primeiro, o cocheiro chegou para receber seu pagamento; em seguida, teve início uma briga entre Sam e Rebecca, sobre a maneira de carregar para cima o baú da irmã, que ele decidira carregar a seu próprio modo; e finalmente Mr. Price chegou, precedido de sua voz forte, pronunciando algo como uma praga por chutar a mala do filho e a caixa de chapéus da filha, que haviam ficado no corredor, gritando para que lhe levassem uma vela. Entretanto, ninguém levou vela alguma e ele entrou na sala.

Com sentimentos conflitantes, Fanny se levantou para cumprimentá-lo, mas voltou a se sentar ao ver que ele não a vira no escuro e que não a esperava. Apertou a mão do filho de modo amistoso e em voz ansiosa começou instantaneamente a falar: “Ah! Bem-vindo, filho. Estou feliz por vê-lo. Já soube das novidades? O ‘Trush’ saiu do porto esta manhã. É sério, você sabe. Por Deus, você chegou exatamente na hora! O doutor esteve aqui, perguntando por você: ele está com um dos barcos e deve zarpar para Spithead por volta de seis horas, então é melhor ir com ele. Fui ao Turner para falar sobre seus suprimentos. Estão quase prontos. Eu não me espantaria se você recebesse suas ordens amanhã, mas não se pode navegar para o oeste com esse vento, e o Capitão Walsh acredita que farão um cruzeiro nessa direção com o ‘Elephant’. Por Deus, espero que consigam! Mas há pouco o velho Scholey dizia que acreditava que vocês seriam enviados primeiro a Texel. Bem, bem, estamos prontos, aconteça o que acontecer. Mas por Deus, você perdeu um belo espetáculo por não estar aqui pela manhã para ver o ‘Trush’ saindo do porto! Eu não o teria perdido nem por mil libras. O velho Scholey chegou correndo na hora do desjejum, para dizer que o

navio havia soltado as amarras e estava zarpando. Eu me levantei de um salto e avancei apenas dois passos na plataforma. Se existe uma perfeita beleza flutuante é o ‘Trush’, e ali está ele, em Spithead, e qualquer pessoa na Inglaterra o tomaria por um 820. Esta tarde permaneci na plataforma por duas horas, olhando para o navio. Ele estava perto do ‘Endymion’, entre este e o ‘Cleópatra’, um pouco a leste de seu casco”.

“Ah!”, exclamou William, “exatamente onde eu o teria colocado. É o melhor ancoradouro de Spithead. Mas eis minha irmã, senhor; eis Fanny”. Voltando-se para conduzi-la; “Está tão escuro que o senhor não a viu”.

Depois de reconhecer que a esquecera totalmente, Mr. Price recebeu sua filha com um abraço cordial e observou que ela se tornara uma mulher e que provavelmente logo desejaria um marido. Em seguida pareceu esquecê-la. Fanny voltou a afundar em sua cadeira e ele voltou a conversar com o filho, falando somente sobre o ‘Trush’ apesar de William, por maior interesse que tivesse por aquele inclinado a novamente assunto, mais de uma vez tentar fazer com que seu pai pensasse em Fanny, em sua longa ausência e em sua viagem.

Depois de permanecerem na sala durante mais algum tempo, alguém chegou com uma vela, mas como ainda não havia sinal do chá, e segundo as notícias que Betsey trouxe da cozinha não havia muita esperança de que ele aparecesse por um considerável período de tempo, William resolveu trocar de roupa e fazer os preparativos necessários para se transferir para bordo, pois desse modo poderia tomar seu chá tranquilamente.

Assim que saiu da sala, dois garotos corados, esfarrapados e imundos, com cerca de nove anos de idade, entraram correndo na sala depois de serem liberados da escola, ansiosos para ver a irmã e contar que o ‘Trush’ saíra do porto. Eram Tom e Charles. Charles nascera depois de Fanny ir embora, mas ela costumava ajudar a cuidar de Tom e agora sentia um prazer especial em vê-lo outra vez. Beijou a ambos com ternura, mas desejava manter Tom ao seu lado, tentar descobrir as feições do bebê que amara, com quem falara, seu irmãozinho preferido. Contudo, Tom não desejava aquele tratamento: não fora para casa para ficar parado e conversar, e sim para correr e fazer barulho, e os dois meninos logo se afastaram dela e bateram a porta da sala até sua cabeça começar a doer.

Já vira todos os que moravam na casa. Só faltavam dois irmãos que haviam nascido entre ela e Susan, um dos quais era auxiliar de escritório em uma repartição pública de Londres, e o outro era aspirante da marinha a bordo de um navio indiano. Mas apesar de ter visto todos os membros da família, ainda não ouvira todo o barulho que conseguiam fazer. Em outros quinze minutos houve

muito mais. William começou a chamar sua mãe e Rebecca do patamar do segundo andar, angustiado por não achar algo que ali deixara e que não conseguia encontrar. Era uma chave que desaparecera; Betsey estava sendo acusada de ter mexido em seu chapéu novo e também haviam esquecido totalmente da promessa de fazer uma pequena mas essencial alteração no colete de sua farda.

Mrs. Price, Rebecca e Betsey subiram para se defender, todas falando ao mesmo tempo, Rebecca gritava bem mais alto, e o trabalho foi feito do melhor modo possível, com muita pressa. Em vão, William tentava fazer com que Betsey fosse para o andar inferior, para evitar que o atrapalhasse, mas como quase todas as portas da casa estavam abertas, da sala se ouvia claramente toda a confusão, exceto quando sobrepujada pelo ruído que Sam, Tom e Charles faziam perseguindo uns aos outros, escada acima e abaixo, aos gritos e trambolhões.

Fanny estava estupefata. A pequenez da casa e a finura das paredes levava tudo para perto dela. Toda essa confusão, acrescida do cansaço da viagem e da confusão recente, fazia com que ela mal soubesse como se portar. Na sala ainda havia certa tranquilidade, pois Susan desaparecera com os outros. Só restavam seu pai e ela, e apanhando um jornal emprestado pelo vizinho, ele se concentrou em examiná-lo, sem parecer se lembrar de sua existência. A vela solitária queimava entre ela e o jornal, sem qualquer referência à sua possível conveniência, mas ela não tinha nada a fazer e estava feliz pelo fato da vela estar resguardada, o que protegia sua cabeça dolorida enquanto ela se sentava em contemplação desnorteadas, lamentável e triste.

Encontrava-se em casa, mas infelizmente não era um lar em que fosse bem-vinda. Ela se interrompeu, pois estava sendo pouco razoável. Que direito tinha ela de esperar ser importante para sua família? Não poderia ser considerada importante depois de tanto tempo longe deles! Eram mais cuidados com as preocupações com William, pois ele tinha todo o direito. Ainda assim, espantava-lhe o fato de as pessoas falarem tão pouco com ela e nada lhe perguntarem sobre Mansfield. Sentia-se magoada por terem se esquecido de Mansfield, dos amigos que haviam feito tanto, os queridos, queridos amigos! Mas ali havia algo que suplantava todo o resto. Talvez devesse ser assim. O destino do 'Trush' era de interesse predominante. Um dia ou dois talvez mostrassem a diferença, mas tinha certeza de que seria diferente em Mansfield. Não, na casa de seu tio haveria consideração em qualquer época e estação, uma ordem quanto aos assuntos, correção e atenção para com todos que ali não estavam presentes.

Em quase meia hora, a única interrupção desses pensamentos foi uma súbita explosão de seu pai, não destinada a acalmá-la. Diante do aumento do nível da correria e dos gritos no corredor, ele exclamou, "Que o diabo leve esses

garotos! Como gritam! A voz de Sam é sempre mais alta que a de todos os outros. Esse menino serve para contramestre de navio. Ei, você aí, Sam! Pare com essa infame gritaria ou vai apanhar”.

Essa ameaça foi ignorada de modo acintoso, mas após cinco minutos os três meninos irromperam juntos pela sala e se sentaram. Fanny não podia considerar esse fato como uma prova de nada, pois além de estarem totalmente exaustos, o que podia ser comprovado por seus rostos afogueados e pela respiração ofegante, continuavam a chutar as canelas uns dos outros e gritando de repente bem debaixo das barbas do pai.

A porta voltou a se abrir trazendo algo mais bem-vindo: o serviço de chá, que já perdera a esperança de ver naquela tarde. Susan entrou acompanhada por uma ajudante, cuja aparência inferior informou a Fanny, para sua grande surpresa, que a que vira anteriormente era a criada principal. Ambas traziam todo o necessário para a refeição. Enquanto colocava a chaleira no fogo, Susan observava a irmã como se estivesse dividida entre o agradável triunfo de mostrar sua atividade e serventia, e o temor de se rebaixar com aquele trabalho. “Ela estava na cozinha”, disse ela, “para apressar Sally, ajudar a fazer as torradas e passar a manteiga no pão, pois não sabia quando iriam tomar o chá, mas tinha certeza de que sua irmã devia querer algo depois da viagem”.

Fanny ficou muito agradecida. Só pôde dizer que ficaria muito feliz em aceitar uma xícara de chá, e imediatamente Susan começou a prepará-lo como se estivesse contente por fazer tudo sozinha, apenas com um pouco de tumulto desnecessário e algumas tentativas mal sucedidas de manter os irmãos em melhor ordem; mas saiu-se muito bem. O espírito de Fanny foi tão revigorado quanto seu corpo. Sua cabeça e seu coração logo se comoveram com aquela gentileza tão oportuna. Susan tinha o rosto aberto e sensível. Era como William, e Fanny esperava que também possuísse a mesma disposição e boa-vontade para com sua pessoa.

Nesse estágio mais plácido, William reentrou na sala, seguido de perto pela mãe e por Betsey. Vestia o uniforme completo de tenente, movimentando-se e parecendo mais alto, mais firme e mais gracioso, exibindo no rosto o mais feliz dos sorrisos. Dirigiu-se diretamente para Fanny que, levantando-se da cadeira, o olhou por um momento e enlaçou-lhe o pescoço para lhe contar, aos soluços, todas as suas emoções de dor e prazer.

Ansiosa para não parecer infeliz, logo se recobrou, e enxugando as lágrimas conseguiu notar e admirar todas as partes mais espetaculares de sua farda, ouvindo com ânimo renovado as alegres esperanças de passar algumas horas em terra todos os dias antes de zarparem, e até de levá-la a Spithead para

ver a corveta.

A agitação seguinte trouxe Mr. Campbell, o cirurgião do 'Trush', um jovem muito educado que fora buscar o amigo, e para quem, depois de certa dificuldade, providenciaram uma cadeira, uma xícara e um pires, lavados às pressas pela jovem responsável pelo chá; e, depois de um quarto de hora de conversa séria entre os cavalheiros, de balbúrdia seguida por mais balbúrdia, agitação seguida por mais agitação, homens e meninos finalmente se juntaram e chegou o momento de partirem; estava tudo pronto, William se despediu e todos foram embora; apesar das súplicas da mãe, os três meninos decidiram acompanhar o irmão e Mr. Campbell até o portão da fortificação; e Mr. Price saiu com eles ao mesmo tempo para devolver o jornal ao vizinho.

Talvez se pudesse esperar por algo que se assemelhasse à tranquilidade; e, assim, depois de mandar Rebecca tirar a mesa do chá e de Mrs. Price caminhar algum tempo pela sala à procura de uma manga de camisa, que finalmente Betsey achou em uma gaveta da cozinha, o pequeno grupo de mulheres sossegou, e após lamentar mais uma vez a impossibilidade de aprontar Sam a tempo, a mãe se sentiu à vontade para pensar na filha mais velha e nos amigos que ela acabara de deixar.

Começou a fazer várias perguntas, mas as primeiras foram, "Como a irmã Bertram lida com suas criadas? Sofre muito para conseguir criadas toleráveis?" Isso logo desviou sua mente de Northamptonshire e se fixou totalmente em seus problemas domésticos e no caráter chocante de todas as criadas de Portsmouth, dentre as quais acreditava que as duas que trabalhavam para ela eram as piores. Os Bertram foram esquecidos assim que ela começou a descrever as falhas de Rebecca, contra quem Susan tinha muito a depor, e a pequena Betsey era ainda pior, pois fazia parecer que ela não possuía uma única qualidade recomendável. Com toda compostura, Fanny não pôde deixar de dizer que a mãe deveria despedi-la quando completasse um ano em sua casa.

"Um ano!", exclamou Mrs. Price. "Eu certamente me livrarei dela antes de completar um ano, pois isso só acontecerá em novembro. Minha cara, em Portsmouth as criadas estão de tal modo que é um milagre conseguir mantê-las por mais de seis meses. Não tenho esperanças de resolver isso, e se mandar Rebecca embora, aposto que conseguirei outra ainda pior. E não me considero uma patroa difícil de agradar, a casa é bastante fácil, pois uma das meninas sempre ajuda, e muitas vezes eu mesma faço metade do trabalho".

Fanny se manteve silenciosa, mas não porque se convencera de que não havia remédio para alguns desses males. Enquanto observava Betsey, não conseguia deixar de pensar particularmente em outra irmã, uma menina bonita,

não muito mais jovem da que estava diante dela quando fora para Northamptonshire, e que morrerá alguns anos depois. Havia algo extremamente amigável naquela menina. Naquela época, Fanny preferia à Susan; e, quando a notícia de sua morte finalmente chegou a Mansfield, ficou muito aflita durante algum tempo. Ver Betsey lhe trouxe de volta a imagem da pequena Mary, mas por nada no mundo faria sua mãe sofrer, falando sobre ela. Enquanto a observava com essas ideias, à pequena distância, Betsey segurava algo para lhe chamar a atenção, ao mesmo tempo que tentava esconder de Susan.

“O que você tem aí, minha querida?”, disse Fanny; “Venha me mostrar aqui”.

Era uma faca de prata. Susan levantou-se de um salto dizendo que era sua e tentou recuperá-la; mas a criança correu para junto da proteção de sua mãe e Susan só pôde reprová-la, o que fez com grande ênfase, evidentemente esperando ganhar o apoio de Fanny. “É muito triste que ela não tenha sua própria faca. Aquela era a faca que nossa irmãzinha Mary lhe dera em seu leito de morte, e que ela deveria ter guardado com ela há tempos. Mas mamãe a escondeu e sempre permite que Betsey a pegue; e no fim é bem provável que Betsey a estrague e que fique com ela mesmo, apesar de mamãe ter jurado para ela que Betsey não faria isso com suas próprias mãos”.

Fanny ficou chocada. Todo seu sentimento de dever, honra e ternura fora ferido pelo discurso da irmã e pela resposta de sua mãe.

“Ora Susan”, exclamou Mrs. Price com voz lamentosa. “Como você pode ser tão encrenqueira? Está sempre brigando por causa desta faca. Eu gostaria que não fosse tão briguenta. Coitada da pequena Betsey. Como Susan é má com você! Mas querida, você não devia ter tirado a faca quando mexeu na gaveta. Sabe que não deve tocá-la porque Susan fica muito brava. Vou ter que escondê-la novamente, Betsey. Pobre Mary, não imaginou que essa faca seria um objeto de discórdia quando me deu para guardá-la, apenas duas horas antes de morrer. Pobrezinha! Quase não conseguia que a ouvíssemos quando falava. ‘Dê minha faca para Susan, mamãe, quando eu estiver morta e enterrada’. Pobre querida! Gostava tanto dela, Fanny, que desejava que ficasse ao lado de sua cama enquanto estava doente. Foi presente de sua madrinha, a senhora do Almirante Maxwell, apenas seis semanas antes de morrer. Pobre doce criatura! Bem, a morte a livrou de males futuros. Minha Betsey (e ela a acariciou), você não teve a sorte de ter uma boa madrinha. Tia Norris mora longe demais para pensar em uma pessoa tão pequena quanto você”.

Na verdade, tia Norris não encarregara Fanny de levar nada para a sobrinha, além de uma mensagem para que a afilhada fosse uma menina boa e

estudiosa. Houve um momento em que surgiu um murmúrio na sala de Mansfield Park a respeito de enviar a ela um livro de orações; mas não houve outro murmúrio aprovando tal propósito. Contudo, Mrs. Norris fora para casa e trouxera dois velhos livros de orações que pertencera ao seu marido; mas depois de examiná-los, o ardor da generosidade se apagou. Um deles estava impresso em letras muito pequenas para os olhos de uma criança e o outro era incômodo demais para ser carregado.

Exausta, Fanny aceitou com gratidão a primeira oferta para ir se deitar, e antes de Betsey terminar de chorar por lhe terem permitido ficar acordada somente uma hora a mais em honra da irmã, levantou-se deixando o andar inferior novamente barulhento e confuso, os meninos pedindo queijo derretido, o pai gritando que queria rum com água, e Rebeca jamais onde deveria estar.

Nada animava seu estado de espírito no quarto pequeno e parcamente mobiliado que dividiria com Susan. De fato, a pequenez dos aposentos do andar de cima e do andar de baixo, e a estreiteza do corredor e escadas a impressionaram além de sua imaginação. Naquela casa pequena demais para o conforto de alguém, logo aprendeu a pensar com respeito em seu pequeno sótão em Mansfield Park.

CAPÍTULO XXXIX

Se Sir Thomas conhecesse todos os sentimentos da sobrinha ao escrever sua primeira carta para a tia não teria se desesperado, pois apesar de uma boa noite de descanso, da manhã agradável, da esperança de rever William e do estado quase tranquilo em que se encontrava a casa após Tom e Charles saírem para a escola, Sam se ausentar para realizar algum projeto e o pai em sua poltrona habitual, conseguiu se expressar alegremente sobre o assunto da casa, embora ainda permanecessem em sua consciência várias impropriedades suprimidas. Se soubesse de metade do que ela sentia antes de se passar uma semana, teria considerado que Mr. Crawford seguramente a conquistaria e ficaria deliciado com a própria sagacidade.

Antes que findasse a semana, tudo era decepção. Em primeiro lugar, William partira. O 'Trush' recebera suas ordens, o vento mudara de direção e o navio zarpara quatro dias depois de ambos chegarem a Portsmouth; e, durante esses dias, ela o vira apenas duas vezes, de modo breve e apressado, quando ele desembarcara a serviço. Não houvera oportunidade de conversarem livremente, passearem nas muralhas, visitarem o estaleiro ou verem o 'Trush'. Enfim, não puderam fazer nada do que haviam planejado e contado como certo. Tudo falhara, exceto a afeição de William. Seu último pensamento ao sair de casa fora para ela. Ele voltou até a porta para dizer, "Tome conta de Fanny, mãe. Ela é delicada, não está acostumada ao desconforto, como nós. Eu a encarrego de tomar conta de Fanny".

William se fora e Fanny não podia esconder de si mesma que em tudo a casa em que se encontrava era o oposto do que ela gostaria. Aquela era a morada do barulho, da desordem e da impropriedade. Ninguém ocupava o lugar que deveria. Não conseguia respeitar os pais, como esperara. Jamais confiaria muito no pai, mas ele era mais negligente com a família do que imaginara e seus hábitos eram piores e suas maneiras mais rudes do que se preparara para encontrar. Não lhe faltavam habilidades, mas não possuía curiosidade nem conhecimentos além dos que necessitava para sua profissão. Lia apenas o jornal e a lista dos oficiais da Marinha, conversava apenas sobre o estaleiro, do porto, de Spithead e de Motherbank. Ele praguejava e bebia, ele era sujo e rude. Ela não conseguia se lembrar de nada que se aproximasse de ternura no tratamento que recebera dele no passado. Só lhe restara uma impressão geral de rudeza e vulgaridade. Agora ele mal a notava, mas fazia dela o objeto de piadas grosseiras.

Sua decepção para com a mãe foi ainda maior: esperara muito e não encontrara quase nada. Toda lisonjeira idealização de que era importante para ela logo caiu por terra. Mrs. Price não era indelicada, mas em lugar de

conquistar a afeição e a confiança da filha, e tornar-se cada vez mais querida, ela jamais recebeu mais carinho do que o que lhe destinaram no dia em que chegara. O instinto natural logo se satisfaz e o afeto de Mrs. Price não tinha outra fonte. Seu coração e seu tempo já se encontravam preenchidos e ela não tinha horas livres nem amor para oferecer a Fanny. Nunca se importara muito com as filhas. Preferia os filhos, principalmente William, mas Betsey era a primeira de suas meninas que merecia sua atenção. Com ela, mostrava-se imprudentemente indulgente. William era seu orgulho, Betsey sua queridinha, e John, Richard, Sam, Tom e Charles ocupavam o resto de sua solicitude maternal e alternavam-se em suas preocupações e alegrias. Eram eles que preenchiam seu coração; dedicava seu tempo principalmente à casa e às criadas. Passava os dias em uma espécie de agitação lenta, sempre ocupada sem conseguir realizar nada, sempre atrasada e se lamentado por isso, mas não alterava seu comportamento. Desejava ser econômica, porém não planejava nem ajustava nada, vivia insatisfeita com as empregadas, mas não sabia como torná-las melhores, e quando as ajudava, repreendia ou mimava, não conseguia conquistar seu respeito.

Dentre suas duas irmãs, Mrs. Price se parecia mais com Lady Bertram que com Mrs. Norris. Era uma administradora por necessidade, sem nenhuma das inclinações ou da atividade de Mrs. Norris. Era naturalmente tranquila e indolente como Lady Bertram, e uma situação semelhante de prosperidade e inatividade lhe teriam sido muito mais apropriadas do que as atividades e as autonegações impostas por seu casamento imprudente. Poderia ter se tornado uma mulher importante como Lady Bertram, mas com uma renda pequena, Mrs. Norris teria sido uma mãe mais respeitável para nove filhos.

Fanny era capaz de aceitar grande parte disso tudo. Não conseguia se expressar por palavras, mas sentia que sua mãe era parcial, injusta, preguiçosa e desleixada, que não ensinava nem refreava seus filhos, que do princípio ao fim sua casa era o retrato de uma administração incompetente e do desconforto, que não tinha talento algum, não conseguia conversar, não tinha respeito próprio, nenhuma curiosidade de conhecê-la melhor e não desejava sua amizade nem sua companhia para abrandar o efeito de tais sentimentos.

Fanny estava muito ansiosa para ser útil e não parecer superior à família ou, devido à sua educação distinta, de certo modo desqualificada ou incapaz de contribuir para seu conforto. Assim, imediatamente começou a trabalhar para Sam, do começo ao fim do dia, com perseverança e grande aplicação, e tanto fez que por fim o menino embarcou com mais de metade de sua roupa branca pronta. Sentiu enorme prazer em ajudar, mas não imaginava como eles teriam se arranjado sem ela.

Apesar de ruidoso e autoritário como era Sam, ela lamentou quando ele partiu, pois ele era esperto e inteligente, e ficava feliz quando lhe davam qualquer missão na cidade. Embora caçoasse dos protestos da Susan, em si bastante razoáveis, mas inconvenientes e de ardor inútil, começou a sentir os efeitos da influência dos serviços de Fanny e de suas gentis persuasões, e ela notou que ele era o melhor dos três irmãos menores: Tom e Charles, sendo muito mais jovens que ele, ainda estavam distantes da idade em que a razão e a sensibilidade poderiam sugerir a conveniência de se tornarem seus amigos e se esforçarem para se tornar menos desagradáveis. Logo perdeu a esperança de causar qualquer impressão sobre eles. Ambos eram indomáveis por qualquer meio que ela tivesse vontade ou tempo para tentar. Toda tarde trazia o resultado de suas brincadeiras tumultuadas pela casa toda, e ela logo aprendeu a suspirar diante da aproximação do meio feriado de sábado.

Betsey era uma criança mimada, educada para pensar que o alfabeto era seu maior inimigo, deixada na companhia das criadas sempre que desejasse, mas encorajada a comunicar qualquer falha delas. Fanny quase desistira de amá-la ou ajudá-la. Tinha muitas dúvidas quanto ao temperamento de Susan. Suas constantes brigas com a mãe, suas ásperas disputas com Tom e Charles, sua petulância com Betsey eram no mínimo penosas para Fanny, que apesar de admitir que tais problemas não aconteciam sem provocação, temia que o gênio que a impedia de ser amigável acabasse por lhe dificultar a tranquilidade.

Tal era o lar que deveria tirar Mansfield de sua cabeça e ensiná-la a pensar em seu primo Edmund com sentimentos moderados. Ao contrário, não conseguia se esquecer de Mansfield, de seus amados habitantes e de seus dias felizes. Tudo ali agora contrastava com a vida de lá. A elegância, a compostura, a regularidade, a harmonia e talvez, acima de tudo, a paz e a tranquilidade de Mansfield não lhe saíam da cabeça todas as horas do dia, pela comparação com o que de inverso acontecia ali.

Para alguém de constituição física e temperamento delicado e nervoso como o de Fanny, a vida em um incessante pandemônio era um mal que nenhuma elegância, nenhuma harmonia conseguiria diminuir. Era a pior miséria de todas. Em Mansfield não havia ruídos de brigas, ninguém levantava a voz, não havia explosões bruscas e não se ouviam ameaças de violência. Tudo seguia um curso regular de agradável ordem, cada qual tinha a devida importância e os sentimentos de todos eram levados em conta. Se às vezes faltava ternura, o bom senso e a boa educação supriam sua falta, e quanto às pequenas irritações às vezes introduzidas pela tia Norris, eram pequenas, eram como uma gota de água no oceano se comparadas com o incessante tumulto de sua atual residência. Nesta, todos eram ruidosos e todas as vozes eram altas (exceto, talvez, a de sua mãe, que lembrava a suave monotonia da voz de Lady Bertram, apenas

prejudicada pelo nervosismo). Tudo que se desejava era pedido aos gritos, da cozinha. As portas batiam constantemente, as escadas jamais ficavam sossegadas, nada era feito sem confusão, ninguém era tranquilo nem conseguia atenção quando falava.

Depois de uma semana, comparando as duas casas, Fanny se sentiu tentada a lhes aplicar a famosa opinião de Dr. Johnson sobre o casamento e o celibato, e dizer que embora Mansfield Park pudesse proporcionar alguns sofrimentos, Portsmouth era incapaz de proporcionar qualquer prazer.

CAPÍTULO XL

Fanny estava completamente correta em não esperar correspondência de Miss Crawford com a rapidez e a frequência do início; a próxima carta de Mary chegou após um intervalo bem mais longo que o anterior, mas Fanny não esperava que tal intervalo lhe trouxesse um grande alívio. Aquela era outra revolução estranha em sua mente! Ficou realmente feliz em recebê-la, quando chegou. Em seu presente exílio da boa sociedade, distante de tudo que a interessava, uma correspondência de alguém que pertencia ao grupo, onde morava seu coração, escrita com afeto e certo grau de elegância, era totalmente aceitável. A costumeira alegação de crescentes compromissos era a desculpa para ela não ter escrito antes; e a correspondência continuava assim:

...mas agora que comecei, minha carta não valerá a pena ser lida, pois no final não haverá pequenas oferendas de amor nem três ou quatro linhas apaixonadas do homem mais devotado do mundo, pois Henry está em Norfolk. Seus negócios o levaram a Everingham há dez dias, ou ele apenas fingiu que sua presença era necessária por desejar viajar ao mesmo tempo que você. Mas lá está ele e talvez sua ausência possa explicar a negligência da irmã, pois não houve nenhum 'Bem, Mary, quando vai escrever para Fanny? Não está na hora de escrever para Fanny?' para me estimular. Por fim, depois de várias tentativas, consegui me encontrar com suas primas, as queridas Julia e Mrs. Rushworth. Elas vieram à minha casa ontem e ficamos contentes em nos rever. Parecíamos muito felizes e creio que realmente nos alegamos um pouco. Tínhamos muito a conversar. Devo lhe dizer como Mrs. Rushworth ficou quando seu nome foi mencionado? Eu acreditava que não lhe faltava autocontrole, mas ela não teve o suficiente para as exigências de ontem. Em geral, foi Julia quem pareceu guardar melhor aparência, pelo menos após você ser citada. Depois que fiz referência a 'Fanny' e falei de você como de uma irmã, ela não mais recuperou a cor do rosto. Mas o dia de Mrs. Rushworth readquirir a boa aparência chegou. Temos convites para sua primeira festa, no dia 28. Ela então exibirá todo seu esplendor, pois inaugurará uma das mais belas casas de Wimpole Street. Fui a essa casa há dois anos, quando pertencia a Lady Lascelle, e a prefiro a quase todas as outras que conheço em Londres. Para usar uma frase vulgar, nessa ocasião ela sentirá que valeu a pena o sacrifício. Henry não poderia ter lhe comprado aquela casa. Espero que ela se lembre disso e fique muito feliz por ser a rainha de um palácio, apesar de o rei ficar melhor nos bastidores. Como não tenho qualquer desejo de provocá-la, jamais voltarei mencionar seu nome. Ela recuperará a calma aos poucos. Pelo que ouvi e imagino, continuam as atenções do Barão Wildenheim para com Julia, mas não sei se ele recebeu algum encorajamento sério. Ela deveria escolher melhor. Um nobre sem fortuna não é uma boa escolha, e não posso imaginar que haja algum afeto no caso, pois além

de sua vanglória o pobre barão não tem nada. Que diferença fazem as palavras parecidas! Ele estaria bem se houvesse tanta glória em sua renda quanto em sua vanglória. Seu primo Edmund ainda não nos visitou, talvez detido por deveres paroquianos. Deve haver alguma velha senhora a ser convertida em Thornton Lacey. Não gosto de imaginar que fui negligenciada por causa de uma jovem. Adeus, minha doce e querida Fanny. Esta é uma longa carta escrita de Londres: mande-me uma resposta bem bonita para alegrar os olhos de Henry quando ele chegar e conte-me tudo sobre os arrojados capitães que você desdenha por causa dele.

A carta continha muito material para meditação, principalmente para meditação desagradável; mas apesar do desconforto que provocou, conseguiu uni-la aos ausentes, contou-lhe sobre pessoas e coisas sobre as quais nunca sentira tanta curiosidade quanto no presente, e ficaria feliz se tivesse certeza de que a amiga lhe escreveria todas as semanas. Sua correspondência com sua tia Bertram era a única matéria de maior interesse para ela.

Quanto as relações em Portsmouth que pudessem compensar a deficiência da casa, não havia ninguém no círculo de conhecidos de seu pai e de sua mãe, cujo favor pudesse lhe proporcionar a menor satisfação: não via pessoa nenhuma pela qual desejasse superar sua timidez e reserva. Os homens lhe pareciam rudes e as mulheres arrogantes; todos eram grosseiros. E ela oferecia o mesmo pouco contentamento que recebia ao ser apresentada a criaturas jovens ou mais velhas. As moças que a princípio se aproximavam dela com respeito, em consideração por ela ter vindo da família de um baronete, logo se sentiram ofendidas pelo que denominavam seus “ares”; pois, como não tocava piano nem vestia finas peליças, e depois de observação mais minuciosa, admitiram que ela não possuía qualquer direito de superioridade.

A primeira compensação que Fanny recebeu pelos males de casa, a primeira que aprovou inteiramente e lhe proporcionou uma promessa de durabilidade foi conhecer Susan melhor, e isso lhe deu esperanças de poder ser-lhe útil. Susan sempre se comportara de modo agradável para com ela, mas o caráter determinado de seus modos a haviam assombrado e alarmado, e somente quinze dias depois começou a compreender aquele temperamento tão diferente do seu. Susan notava que havia muita coisa errada na casa e desejava consertar. Não era de se espantar que uma menina de 14 anos, sem orientação, agindo apenas com seu bom senso, se enganasse quanto ao método de reforma, e Fanny logo se tornou mais disposta a admirar o brilho natural daquela mente que tão cedo conseguia discernir com justeza, em vez de censurar as falhas de conduta provocadas pelo ambiente. Susan apenas agia de acordo com as verdades da irmã e colocava em prática um sistema que ela aceitava, mas que seu temperamento mais tranquilo e dócil se recusava manifestar. Susan tentava

ser útil em situações das quais ela teria fugido e chorado. Notava que Susan era benévola e que ruins como eram, as coisas seriam piores sem sua intromissão, e graças a ela sua mãe e Betsey haviam controlado certos excessos terrivelmente ofensivos de vulgaridade e indulgência.

Susan tinha a vantagem de ser racional em todas as discussões com a mãe, e nunca houve carícia materna capaz de comprá-la. Jamais conhecera a ternura cega que sempre causara tantos males em torno dela. Não havia gratidão pelo afeto passado ou presente que a ajudasse a suportar melhor seus excessos para com os outros.

Tudo isso se tornou evidente e gradativamente fez com que sua irmã considerasse Susan digna de compaixão e respeito. Contudo, Fanny não podia deixar de admitir a impropriedade de seus modos, às vezes extremamente inconvenientes. Sabia que seus métodos eram mal escolhidos e importunos, e que sua aparência e linguagem em geral eram indefensáveis. Descobriu que Susan a respeitava e desejava merecer sua boa opinião, e mesmo desabituada a uma situação de autoridade e incapaz de se imaginar competente para guiar ou aconselhar qualquer pessoa, resolveu fazer algumas sugestões a Susan e se esforçou para lhe transmitir noções mais justas sobre o que as pessoas necessitavam e o que seria mais sensato para si própria, algo que sua educação mais favorecida inculcava em seu caráter.

Sua influência, ou pelo menos a consciência e o uso que fez dela, originaram um ato de gentileza para com Susan que, por sua extrema delicadeza, Fanny só realizou depois de muita hesitação. Logo que chegou, ocorreu-lhe que uma pequena soma em dinheiro talvez pudesse restaurar para sempre a paz no espinhoso assunto da faca de prata, agora discutido continuamente, e as riquezas que estavam em sua posse, uma vez que seu tio lhe presenteara com dez libras quando partira, agora lhe davam os meios que lhe permitiriam ser generosa, como desejava. Mas tinha tão pouca prática em conferir favores, exceto às pessoas muito pobres, estava tão pouco habituada a remover males ou espalhar bondades entre seus iguais, e tinha tanto medo de se portar com superioridade de uma grande dama na casa que demorou um pouco para decidir presenteá-la. Porém, finalmente se resolveu. Comprou uma faca de prata para Betsey, que foi aceita com grande felicidade, o fato de ser nova conferindo-lhe a vantagem desejada sobre a outra. Susan tomou posse definitiva de sua faca, e com grande graça, Betsey declarou que como agora possuía a faca mais bonita já não desejava a outra novamente; e, igualmente satisfeita, a mãe não teve motivo para se queixar, algo que Fanny julgara impossível. A proeza foi realizada, a fonte de alteração doméstica desapareceu e aquilo abriu caminho para o coração de Susan, dando a ela algo mais para amar e se interessar. Susan revelou que possuía delicadeza: feliz como estava por ter a posse do objeto pelo qual

lutava pelo menos há dois anos, ela ainda temia que sua irmã a reprovasse por ter batalhado tanto, a ponto de tornar aquela compra necessária à tranquilidade da casa.

Mas seu temperamento se abriu. Admitiu seus medos, culpou-se por brigar de modo tão impetuoso, e a partir daquele momento, compreendendo o valor daquela disposição e percebendo o quanto era importante para ela conquistar sua boa opinião, Fanny começou a sentir novamente a bênção da afeição e acalentou esperanças de ser útil a uma mente tão necessitada e tão merecedora de auxílio. Aconselhou-a, deu-lhe sugestões honestas demais para não serem aceitas, e agiu de modo suave e cheio de consideração de modo a não irritar seu temperamento imperfeito, e ela teve a felicidade de amiúde observar seus bons efeitos. Não se esperava outra coisa de alguém que apesar de conhecer todas as obrigações e o proveito de se mostrar submissa e compreensiva também via com solidária percepção de sentimentos tudo que devia irritar uma menina como Susan. O que mais lhe agradou sobre o assunto foi que certas provocações não tivessem provocado o desrespeito e a impaciência de Susan, e apesar de seu melhor conhecimento, ver que, apesar de criada entre a negligência e o erro, ela possuía verdadeira noção do que era correto; mesmo sem um primo Edmund para orientar seus pensamentos e fixar seus princípios.

A intimidade que assim se iniciou entre elas trouxe vantagem material para ambas. Como tinham a companhia uma da outra no andar superior podiam evitar a confusão da casa. Fanny tinha paz e Susan aprendeu a considerar que não era nenhuma desgraça trabalhar tranquila. Não havia lareira, mas essa era uma falta de conforto já experimentada por Fanny, e ela sofria menos porque isso fazia com que se lembrasse do quarto leste. Contudo, aquele era o único ponto de semelhança. Em tamanho, luz, mobília e vista, não havia nada em comum entre os dois aposentos, e ela com frequência suspirava lembrando-se de todos os seus livros e caixas, de todos os confortos que ali existiam. Pouco a pouco, as jovens acabaram por passar a maior parte da manhã no andar de cima, no início apenas trabalhando e conversando, mas depois de alguns dias a lembrança dos livros foi tão grande e estimulante que Fanny considerou impossível não tentar procurá-los. Não havia nenhum na casa de seu pai, mas a riqueza é exuberante e ousada, e aplicou parte de seu capital em uma biblioteca circulante. Ela se tornou sócia, impressionada por ter tido coragem de tomar essa iniciativa e agora poder escolher os livros, e através dessa escolha ser capaz de promover o aperfeiçoamento de alguém! Mas a verdade é que Susan jamais lera nada e Fanny almejava lhe proporcionar uma fração de seus primeiros prazeres e inspirar-lhe o gosto pelas biografias e pela poesia que tanto a encantavam.

Além disso, também esperava enterrar algumas lembranças de Mansfield nessa ocupação, pois estas seriam capazes de impedir sua mente se ocupasse

apenas de seus dedos. Principalmente naquela época, tinha esperanças de afastar seus pensamentos de Edmund em Londres, para onde sabia que viajara através de uma carta de sua tia. Não tinha dúvidas sobre o que aconteceria. A notificação esperada pendia sobre sua cabeça. A chegada do correio à vizinhança começava a trazer seus terrores diários e ela já ganharia algo se a leitura pudesse afastar essa ideia de sua mente, mesmo que por meia hora.

CAPÍTULO XLI

Passara-se uma semana desde que Edmund supostamente chegara a Londres, e Fanny não tivera qualquer notícia dele. Diante de seu silêncio, chegara a três diferentes conclusões, entre as quais flutuava sua mente; de tempos em tempos, cada uma delas lhe parecia a mais provável. Ele novamente adiara a viagem; ou ainda não tivera a oportunidade de se encontrar sozinho com Miss Crawford; ou sentia-se feliz demais para escrever!

Certa manhã, mais ou menos nessa hora, após quase quatro semanas longe de Mansfield, algo sobre o qual jamais deixava de pensar e contar os dias, ela e Susan se preparavam para ir ao andar de cima quando foram detidas pelo som de um visitante batendo na porta. Não puderam evitá-lo devido à pressa com que Rebecca foi atender, um dever que sempre a interessara mais que qualquer outro.

Era a voz de um cavalheiro; era uma voz que fez com que Fanny empalidecesse quando Mr. Crawford entrou na sala.

Um bom senso como o dela sempre surgia nas horas de necessidade; e, embora não acreditasse ser capaz de pronunciar uma sílaba qualquer naquele momento, ela pôde apresentá-lo à mãe justificando a lembrança do nome por ele ser “amigo de William”. A consciência de ser conhecido ali apenas como um amigo de William foi um ponto de apoio. Contudo, depois de apresentá-lo e de todos voltarem a sentar, o terror de pensar para onde essa visita poderia levar a invadiu completamente e ela se imaginou à beira de um desmaio.

Enquanto tentava se manter alerta, o visitante que a princípio se aproximara dela com o rosto animado de sempre, sábia e gentilmente manteve os olhos afastados, deu-lhe tempo para se recuperar e devotou-se inteiramente à sua mãe, dirigindo-se e conversando com ela com grande cordialidade e decoro, demonstrando ao mesmo tempo certo grau de amizade, no mínimo de interesse, que tornava suas maneiras perfeitas.

As maneiras de Mrs. Price também eram as melhores possíveis. Encantada pela presença de um amigo de seu filho, queria causar boa impressão e se derramava em gratidão – sincera gratidão maternal – que não podia deixar de ser agradável. Lamentava muito que Mr. Price não se encontrasse em casa. Fanny se recuperara o suficiente para não lamentar esse fato; pois, além de inúmeras outras fontes de constrangimento, havia a vergonha da casa onde ele a encontrara. Talvez devesse repreender a si mesma por essa fraqueza de pensamento, mas não conseguiu mantê-lo à distância. Sentia-se acanhada, e se envergonharia ainda mais do pai que de todos os outros.

Falaram sobre William, assunto do qual Mrs. Price nunca se cansava; e Mr. Crawford demonstrou mais entusiasmo ao elogiá-lo do que poderia desejar seu coração de mãe. Achou que jamais vira um homem mais simpático em sua vida e ficou atônita quando descobriu que, importante e agradável como era, não tivesse vindo a Portsmouth para visitar o almirante do porto nem o comissário, não tinha intenção de prosseguir até a ilha, nem de visitar o estaleiro. Nada do que ela costumava considerar como prova de importância ou de emprego de riqueza o trouxera a Portsmouth. Chegara na noite anterior para passar um dia ou dois, hospedara-se no Crown, encontrara-se acidentalmente com um ou dois oficiais navais de seu conhecimento desde sua chegada, mas o objetivo de sua viagem era outro.

Depois de Mr. Crawford dar todas essas informações, não lhe pareceu pouco razoável supor que poderia procurar e falar com Fanny; e que ela conseguiria suportar seus olhares e ouvir que ele passara meia hora com sua irmã na noite anterior à sua partida de Londres; que ela lhe enviava as melhores e mais carinhosas lembranças, mas que não tivera tempo para escrever; que achava que tivera sorte de poder se encontrar com Mary, mesmo que por meia hora, tendo passado menos de 24 horas em Londres, após o seu retorno de Norfolk, e antes de sua partida novamente; que soubera que seu primo Edmund estivera na cidade durante alguns dias; que não o vira, mas soubera que ele estava bem, que deixara todos com boa saúde em Mansfield e que deveria jantar com os Fraser, como no dia anterior.

Fanny ouviu com serenidade até a última comunicação. Pareceu um alívio para sua mente cansada ter alguma certeza, e a frase “então, neste momento tudo já deve estar acertado” cruzou sua mente sem mais evidência de emoção que um ligeiro corar.

Depois de falar um pouco sobre Mansfield, assunto pelo qual seu interesse era mais aparente, Crawford sugeriu a conveniência de todos saírem para um passeio matinal. “Está uma manhã adorável, e nessa época do ano é frequente uma bela manhã se transformar rapidamente, assim sendo, é mais sensato não adiar o exercício”; mas a sugestão não produziu qualquer reação positiva em Mrs. Price e em suas filhas que viam o passeio como uma perda de tempo. Por fim chegaram a um consenso. Parece que Mrs. Price praticamente não saía de casa, exceto aos domingos; com uma família tão grande, não havia muito tempo para passear. “Não poderia então persuadir suas filhas a aproveitar o bom tempo e me permitir o prazer de escoltá-las?” Mrs. Price ficou extremamente agradecida e concordou. Suas filhas viviam muito confinadas. Portsmouth era um lugar triste e elas quase não saíam de casa; e ela sabia que precisavam fazer algumas compras na cidade e que ficariam muito felizes em fazer. Estranho, desajeitado e aflitivo como possa parecer, o resultado foi que depois de dez

minutos Fanny passeava na companhia de Susan e de Mr. Crawford, caminhando na direção da High Street.

Logo um martírio somou-se a outro, uma confusão somou-se a outra, e nem bem haviam alcançado a High Street quando encontraram seu pai, cuja aparência não era a melhor por ser sábado. Ele parou e, por menos que parecesse um cavalheiro, Fanny foi obrigada a apresentá-lo a Mr. Crawford. Ela não tinha dúvida nenhuma sobre a impressão produzida sobre Mr. Crawford. Ele devia estar ao mesmo tempo envergonhado e enojado. Logo desistiria dela e deixaria de ter qualquer inclinação para esse casamento; e ainda que desejasse tanto que se curasse de sua afeição, aquela era uma espécie de cura tão maléfica quanto a própria doença; e provavelmente não existe uma única moça no Reino Unido que não prefira a desgraça de ser desejada por um homem inteligente e agradável a vê-lo fugir devido à vulgaridade de seus parentes mais próximos.

Certamente Mr. Crawford não poderia ver seu futuro sogro como um modelo de bom gosto; mas, como Fanny instantaneamente notou para seu grande alívio, diante daquele estranho altamente respeitável seu pai se comportava como um homem diferente, um Mr. Price muito diferente do modo que se comportava com a família, em casa. Apesar de não poderem ser consideradas polidas, suas maneiras se mostraram mais que passáveis: eram gratas, animadas, viris; suas expressões eram as de um pai cordial e de um homem sensato; seu tom alto de voz ficava bem ao ar livre e não se ouviu um único praguejar. Foi esse seu cumprimento às boas maneiras de Mr. Crawford, e, como consequência disso, Fanny sentiu-se infinitamente aliviada.

O resultado da troca de civildades entre os dois cavalheiros foi uma oferta de Mr. Price para levar Mr. Crawford até o estaleiro. Este último, desejando aceitar o favor oferecido apesar de tê-lo visto inúmeras e inúmeras vezes, e esperando ficar mais tempo com Fanny, dispôs-se com grande gratidão a aceitar desde que as senhoritas Price não temessem a fadiga; e como de alguma forma foi determinado, averiguado ou inferido, ou algo semelhante, que elas absolutamente não temiam se cansar, decidiu-se que todos visitariam esse local. Se não fosse por Crawford Mr. Price teria ido diretamente para lá, sem a mínima consideração pelas compras que suas filhas pretendiam fazer em High Street. Contudo, o rapaz se certificou de que elas pudessem ir às lojas que desejavam visitar. Isso não os atrasou demais, pois Fanny detestava provocar impaciência ou se fazer esperar. Assim, mal os cavalheiros que esperavam diante da porta começaram a falar sobre os últimos regulamentos navais e estabelecer o número de navios com três conveses agora na ativa, suas companheiras reapareceram, prontas para acompanhá-los.

Foram imediatamente conduzidas ao estaleiro, e segundo Mr. Crawford o

passeio teria sido conduzido de modo singular se Mr. Price houvesse se encarregado dele, pois notou que as duas jovens teriam sido abandonadas à sua própria sorte, conseguindo ou não segui-los, enquanto ambos caminhavam juntos a passos rápidos. Ocasionalmente, conseguiu introduzir certas melhorias, apesar de não tantas quanto desejava. Recusava-se a afastar-se delas, e nos cruzamentos ou quando encontravam alguma aglomeração, quando Mr. Price apenas gritava “Vamos, meninas; venha Fan, venha Sue, tomem cuidado! Fiquem atentas!” e lhes prestava particular atenção.

Assim que chegaram ao estaleiro o jovem começou a perceber a possibilidade de iniciar uma feliz conversa com Fanny, pois logo um colega de inatividade de Mr. Price se juntou ao grupo para fazer sua inspeção diária de como iam as coisas, revelando-se um companheiro mais interessante para o pai de Fanny, e depois de algum tempo os dois oficiais pareceram satisfeitos de caminharem juntos, discutindo assunto de igual interesse, enquanto os jovens sentavam-se em alguns troncos do parque ou encontravam um lugar para sentar à bordo de um navio em construção que foram examinar. De modo bastante conveniente para Crawford, Fanny desejava descansar. Ele não poderia desejar vê-la mais cansada e desejosa de se sentar, mas preferiria que sua irmã não estivesse por perto. Uma juvenzinha esperta com a idade de Susan era a pior coisa do mundo: totalmente diferente de Lady Bertram, era toda olhos e ouvidos, e não havia como introduzir o assunto principal diante dela. Ele devia se contentar em ser agradável e deixar Susan aproveitar seu quinhão do entretenimento com indulgência, lançando de vez em quando um olhar ou uma indireta à mais bem informada e consciente Fanny. Norfolk foi seu principal assunto: ali permanecera durante algum tempo, e tudo ganhava importância diante de seus projetos. Um homem como aquele poderia vir de qualquer lugar, de qualquer sociedade, e sempre teria algo para divertir suas interlocutoras – suas viagens e seus conhecimentos também foram utilizados e Susan se entreteve de um modo inteiramente novo para ela. De certo modo, Fanny estava mais habituada às amenidades acidentais das festas que ele frequentava. Para a aprovação dela, ele revelou a razão particular por visitar Norfolk nessa época do ano. Fora um negócio real, relativo à renovação do arrendamento que, de acordo sua crença, colocava em perigo o bem estar de uma grande família trabalhadora. Ele suspeitava que seu administrador costumava realizar negócios escusos por baixo do pano e pretendia influenciá-lo contra pessoas de bem. Desejava examinar o caso pessoalmente e investigar seus méritos. Viajara, e sua viagem fora ainda mais proveitosa do que imaginara, pois tivera mais utilidade do que planejara em primeiro lugar, e o fato de ter cumprido seu dever assegurara agradáveis lembranças para sua mente. Apresentara-se a alguns arrendatários que jamais vira antes e conhecera alguns chalés cuja existência era-lhe totalmente desconhecida, apesar de se encontrarem em sua propriedade. Isso se destinava a

Fanny. Era agradável ouvi-lo falar com tanta propriedade, vê-lo agir como devia. Ser amigo dos pobres e oprimidos! Nada poderia ser mais agradável a ela, e estava a ponto de lhe lançar um olhar de aprovação quando ele próprio a impediu, acrescentando algo contundente demais, dizendo que pretendia logo poder ter um assistente, um amigo, um guia em todo o plano de caridade para Everingham, alguém que transformasse Everingham e toda a região em algo mais querido do que fora até o momento.

Ela se voltou, desejando que ele não dissesse tais coisas. Ela estava pronta a admitir que ele possuía melhores qualidade do que supusera, começava a sentir a possibilidade de ele se revelar uma boa pessoa, mas ele era e sempre seria completamente inadequado para ela, e não devia pensar nele.

Ele notou que já dissera o suficiente sobre Everingham e que seria aconselhável falar de qualquer outra coisa e voltou-se para Mansfield. Não poderia ter escolhido nada melhor; aquele era um tópico que imediatamente chamaria sua atenção e seus olhares. Para ela era um verdadeiro prazer ouvir ou falar de Mansfield. Agora que estava tão longe de todos que conheciam o lugar, sentia a voz que o mencionava como a de um amigo abrindo-lhe caminho para alegres exclamações de louvor às suas belezas e confortos, e através do honroso tributo que ele prestou a seus habitantes permitiu que banhasse seu coração nos mais calorosos elogios ao tio, descrevendo-o como alguém inteligente e bom, e à tia como possuidora do temperamento mais doce do mundo.

Ele afirmou que ele mesmo possuía grande apreço por Mansfield e estava ansioso para passar muito, muito tempo por lá; lá ou em seus arredores. Referiu-se particularmente a passar um verão e outono muito felizes ali, naquele ano. Sentia que assim seria, tinha certeza disso. Um verão e um outono infinitamente superiores ao último. Tão animado, tão diversificado e cheio de acontecimentos sociais, mas com circunstâncias de indescritível superioridade.

“Mansfield, Sotherton, Thornton Lacey”, continuou ele, “que sociedade se reúne nessas casas! E na festa de São Miguel, talvez uma quarta possa ser acrescentada: alguns chalés de caça nas vizinhanças tão queridas de todos, pois quanto à partilha de Thornton Lacey, como Edmund Bertram certa vez propôs bem humorado, espero e antevejo duas objeções: duas excelentes, justas e irresistíveis objeções a esse plano”.

Fanny ficou ainda mais silenciosa, mas quando o momento passou, lamentou não ter se forçado a pedir esclarecimentos sobre o que pretendia dizer, e encorajando-o a falar um pouco mais sobre sua irmã e Edmund. Era um assunto sobre o qual ela deveria aprender a falar, e a fraqueza que a fazia se encolher logo seria completamente imperdoável.

Quando Mr. Price e seu amigo tinham visto tudo que desejavam, ou gasto todo tempo, os outros estavam prontos para voltar, e durante a caminhada de volta, Mr. Crawford conseguiu um minuto de privacidade para dizer a Fanny que seu único negócio em Portsmouth fora vê-la, que ele fora passar dois dias na cidade apenas por sua causa, apenas por ela, pois não conseguia mais suportar tão longa separação. Ela lamentava, realmente lamentava, mas apesar disso e de duas ou três outras coisas que ela desejaria que ele não tivesse dito, achou que ele realmente fizera progressos desde a última vez que o vira. Estava mais gentil, mais prestativo, mais atencioso para com os sentimentos dos outros. Ela jamais o vira tão agradável. Seu comportamento para com seu pai fora respeitoso e, principalmente, havia algo de gentil e correto no modo como era cortês para com Susan. Decididamente fizera progressos. Ela desejava que o dia seguinte já tivesse acabado, que ele só tivesse vindo por um dia, mas não foi tão ruim quanto ela esperara: o prazer de falar sobre Mansfield fora tão grande!

Antes de se separarem, foi obrigada a lhe agradecer por outro prazer, e este nada trivial. Seu pai o convidou para dar-lhes a honra de partilhar do carneiro que seria servido no jantar da família, e Fanny só teve tempo para sentir um arrepio de horror antes de ele declinar, declarando estar impedido por um compromisso anterior. Combinara jantar com pessoas que conhecera no Crown, que também o esperavam no dia seguinte, aos quais não conseguira dizer não, mas se ele pudesse visitá-los novamente, etc... Assim sendo, despediram-se, Fanny em um estado de real felicidade por escapar de um mal tão terrível!

Teria sido um horror recebê-lo em casa para juntar-se a um jantar de família e presenciar todas as suas deficiências! A cozinha e o serviço de Rebecca, o comportamento descontrolado de Betsey à mesa, empurrando os pratos depois de se servir, eram algo que a própria Fanny ainda não conseguira aceitar e era difícil considerar qualquer refeição tolerável. Ela só era refinada devido à sua delicadeza natural, mas ele fora educado em uma escola de luxo e epicurismo.

CAPÍTULO XLII

Os Price estavam saindo para ir à igreja no dia seguinte quando Mr. Crawford apareceu. Ele chegara, não para visitá-los, mas para juntar-se a eles. Então foi convidado a acompanhá-los à Capela da Guarnição, que era exatamente o que ele pretendia, e todos caminharam até lá.

Agora a família podia ser vista com sua melhor aparência. A natureza lhes dera considerável dose de beleza e, todos os domingos, eles vestiam suas peças mais limpas e seus melhores trajes. Os domingos sempre haviam proporcionado esse prazer a Fanny, e aquele domingo fez com que seu deleite fosse ainda maior. Sua pobre mãe não parecia tão indigna de ser irmã de Lady Bertram como ela sempre aparentava ser. Sempre lhe doía o coração ao pensar no contraste que havia entre elas, refletir que, ao contrário das circunstâncias, a natureza fizera muito pouca diferença, e sua mãe, tão bela quando Lady Bertram, e alguns anos mais jovem tinha uma aparência tão mais gasta e desbotada, tão desconfortável, tão desleixada e tão surrada. Mas o domingo a transformava em uma Mrs. Price de aparência mais alegre saindo com o belo grupo de filhos, sentindo certo alívio de seus cuidados semanais, só se agitando ao ver um de seus filhos correndo perigo ou Rebeca passando com uma flor no chapéu.

Na capela, foram obrigados a se dividir, mas Mr. Crawford teve o cuidado de não se afastar do ramo feminino; e, depois do serviço, continuou com elas, misturando-se ao grupo familiar até chegarem às muralhas de fortaleza.

Durante todo ano, nos domingos de tempo bom, Mrs. Price fazia sua caminhada semanal nas muralhas, sempre se encaminhando para lá após o serviço de domingo, ali permanecendo até a hora do jantar. Aquele era seu local público: lá encontrava seus conhecidos, ouvia as novidades, falava sobre a má qualidade das criadas de Portsmouth e alimentava seu espírito para os seis dias seguintes.

Dirigiam-se para lá; Mr. Crawford se sentia extremamente feliz em considerar as senhoritas Price como sua responsabilidade pessoal, e algum tempo depois, sem saber como, Fanny não podia acreditar que ele caminhava entre elas, de braços dados com as duas, sem saber como evitar nem como terminar aquela situação. Aquilo fez com que se sentisse desconfortável durante algum tempo, mas os prazeres do dia e a vista logo desfizeram o mal-estar.

O dia estava excepcionalmente belo. Ainda era março, mas o ar suave parecia ser de abril, brisa fresca e sol brilhante, ocasionalmente encoberto pelas nuvens. Tudo parecia tão lindo sob a influência daquele céu, os efeitos das sombras perseguindo-se umas às outras nos navios de Spithead e da ilha além,

com as tonalidades cambiantes do mar, agora na maré cheia, dançando seu júbilo e arrojando-se contra as muralhas com um ruído deleitoso, produzido com tal combinação de encantos para Fanny que ela acabou por gradativamente se despreocupar com as circunstâncias em que se encontrava. Não, pelo contrário, se Crawford não estivesse lhe dando o braço, logo perceberia que tinha necessidade dele, pois lhe faltava energia para aquele passeio de duas horas que acontecia após uma semana de inatividade. Fanny começava a sentir os efeitos da falta de seus exercícios regulares. Sua saúde se debilitara desde que chegara em Portsmouth; e, se não fosse Mr. Crawford e a beleza do clima, logo desistiria do passeio.

Ele também fora afetado pela beleza do dia e da vista. Com frequência, o fato de terem o mesmo sentimento e gosto os obrigava a parar alguns minutos, recostando-se à muralha para admirar a vista, e considerando que ele não era Edmund, Fanny não podia deixar de admitir que era suficientemente aberto aos fascínios da natureza, e muito capaz de expressar sua admiração. Às vezes, ela se deixava invadir por ternos devaneios e ele conseguia observar seu rosto sem ser percebido. Como resultado, notou que, apesar de fascinante como sempre, seu rosto parecia menos viçoso do que deveria. Ela afirmara estar muito bem e não desejava que duvidassem dela, mas ele estava convencido de que sua atual residência não era confortável, portanto não poderia ser saudável para ela, e ficou muito ansioso para ela voltar para Mansfield, onde a felicidade de ambos seria muito maior.

“Creio que você está aqui há um mês”, disse ele.

“Não, menos de um mês. Amanhã se completarão quatro semanas desde que saí de Mansfield”.

“Você faz cálculos muito precisos e fiéis. Eu diria que isso é um mês”.

“O mês só se completa na tarde da terça-feira”.

“E será uma visita de dois meses?”

“Sim. Meu tio falou que seriam dois meses. Creio que não menos que isso”.

“E como vai voltar? Quem virá para levá-la?”

“Não sei. Minha tia ainda não comentou sobre isso. Talvez eu fique mais algum tempo. Pode ser que não seja conveniente mandarem me buscar ao fim de dois meses”.

Após um momento de reflexão, Mr. Crawford replicou, “Conheço Mansfield e seus costumes e sei as faltas que cometem com você. Sei do perigo

de você ser esquecida, de sacrificarem seu conforto pela imaginária conveniência de um único ser humano da família. Sei que você pode ser deixada aqui semana após semana se Sir Thomas não puder se organizar para ele mesmo vir buscá-la pessoalmente ou enviar a criada de sua tia até você, desde que isso não envolva a menor alteração no que foi planejado para os próximos três meses. Isso não é possível. Dois meses é uma ampla concessão. Considero seis semanas mais do que suficientes. Dirigindo-se a Susan, disse: “Estou considerando a saúde de sua irmã, pois creio que o confinamento de Portsmouth é desfavorável para ela. Ela requer bastante ar e exercício constante. Quando conhecê-la tão bem quanto eu, tenho certeza de que concordará comigo e verá que ela não pode ser afastada por muito tempo do ar livre e da liberdade do campo”. Voltando-se para Fanny, continuou, “Se você começar a se sentir mal e surgirem dificuldades para voltar a Mansfield, antes que se completem os dois meses, não deve considerar isso como um empecilho. Se não se sentir bem, se achar que está menos forte ou confortável que o usual, apenas se comunique com minha irmã. Bastará uma pequena alusão e nós viremos imediatamente para levá-la de volta a Mansfield. Você sabe a facilidade e o prazer com que faremos isso. Sabe tudo que sentiríamos nessa ocasião”.

Fanny agradeceu, mas tentou não dar muita importância ao assunto.

“Falo com toda seriedade, como sabe perfeitamente”, replicou ele. “Espero que não esteja sendo cruel escondendo qualquer tendência à indisposição. Na verdade, você não faria isso, pois não consegue. Enquanto disser ‘estou bem’ em suas cartas a Maria, como sei que você não pode pronunciar nem escrever uma falsidade, considerarei que você realmente está bem”.

Fanny agradeceu novamente, mas sentiu-se comovida e aflita a tal ponto que lhe foi impossível dizer muito, ou saber o que dizer. Isso se passou perto do fim do passeio. Ele a acompanhou até o último instante e as deixou diante da porta de casa, e sabendo que iriam jantar, fingiu que estava sendo esperado em outro lugar.

“Eu gostaria que você não estivesse tão cansada”, disse ele, detendo Fanny depois de todos os outros entrarem em casa. “Gostaria de deixá-la em melhor estado de saúde. Há algo que eu possa fazer por você, em Londres? Talvez possa voltar logo a Norfolk Não estou satisfeito com Maddison. Tenho certeza de que, se conseguir, ainda pretende me enganar e tentar colocar um primo seu em certo moinho que designei a outra pessoa. Preciso chegar a um entendimento com ele. Preciso fazer com que entenda que não serei enganado nem ao sul nem ao norte de Everingham, que sou dono de minha propriedade. Talvez não tenha sido suficientemente explícito. É inconcebível o mal que um homem como esse faz a uma propriedade, tanto para crédito do empregador

quanto para o bem-estar dos pobres. Desejo voltar diretamente para Norfolk e resolver tudo de tal modo que não possa ser alterado depois. Maddison é um sujeito esperto. Não gostaria de dispensá-lo, se ele não tentar me prejudicar, mas seria preciso ser tolo para ser enganado por um homem que não tem direito algum sobre mim, e pior que tolo para permitir que ele me impinja um homem cruel e impiedoso como arrendatário, em vez de um homem honesto a quem já fiz uma meia promessa. Não seria pior que tolo? Devo ir? O que me aconselha?"

"Eu aconselhá-lo! Você sabe muito bem o que é certo".

"Sim. Quando você me dá sua opinião sempre sei o que é certo. Seu julgamento é minha regra de justiça".

"Oh, não! Não diga isso. Dentro de nós mesmos, temos um guia melhor que qualquer outra pessoa pode possuir. Adeus. Desejo-lhe uma excelente viagem, amanhã".

"Não há nada que eu possa fazer por você, em Londres?"

"Nada; estou muito agradecida".

"Deseja mandar algum recado para alguém?"

"Meu amor para sua irmã, por favor. E quando vir meu primo, meu primo Edmund, poderia ter a bondade de lhe dizer que espero em breve receber notícias dele".

"Certamente; se for preguiçoso ou negligente, eu mesmo me desculparei".

Ele não podia dizer mais nada, pois não conseguiria deter Fanny por mais tempo. Apertou sua mão, olhou para ela e partiu. Então, com seus outros conhecidos, esperou por três horas até que o melhor jantar da hospedaria ficasse pronto para seu deleite. Quanto a Fanny, sentou-se imediatamente diante de sua refeição mais simples.

Seus cardápios eram de um caráter muito diferente e se ele suspeitasse as privações que ela suportava na casa de seu pai, além da falta de exercício, ficaria espantado por seu rosto não ter sido muito mais afetado do que ele o encontrara. Gostava tão pouco dos pudins e dos picadinhos de Rebecca, levados todos à mesa em pratos de limpeza muito duvidosa e garfos e facas decididamente sujos, que ela muito frequentemente se via obrigada a adiar a refeição mais saudável até poder mandar seus irmãos comprarem biscoitos e bolos de passas à tarde. Depois de ter sido criada em Mansfield, era tarde demais para se acostumar a Portsmouth, e apesar de Sir Thomas ter sabido de tudo, imaginando que a sobrinha trilharia o caminho da privação do alimento para a

mente e o corpo para conseguir avaliar com mais justiça a boa fortuna e a boa companhia de Mr. Crawford, se a visse provavelmente teria medo de levar adiante a experiência para que ela não morresse da cura.

Fanny ficou desanimada durante todo o restante do dia. Embora bastante segura de que não veria Mr. Crawford outra vez, não podia evitar o abatimento. Era como se separar de um amigo, e apesar de por um lado se alegrar por ele ter ido embora, parecia que agora fora abandonada por todos; era uma espécie de nova separação de Mansfield; e, pensando que ele voltaria para Londres e estaria com Mary e Edmund, não conseguia deixar de sentir algo tão parecido com inveja o que a fazia se odiar por ter essas emoções.

Nada colaborava para mitigar seu desalento. Como era costumeiro quando seu pai não saía, um ou dois de seus amigos passavam uma longa noite ali, e de 6h30 até 9h30 praticamente não houve interrupção no barulho ou nas bebidas. Sentia-se muito deprimida. O maravilhoso progresso que notara em Mr. Crawford era o que trazia algum alívio para o que se passava em sua cabeça. Sem considerar a diferença do ambiente em que acabara de vê-lo, e que muito do que vira podia ser atribuído ao contraste, estava persuadida de que ele se tornara espantosamente mais gentil e atencioso com os outros do que era no passado. Comportando-se desse modo diante de pequenas coisas, por que não o faria diante de grandes? Mostrara-se tão preocupado com sua saúde e conforto, tão sensível no modo de se expressar que realmente parecia mudado. Será que não seria justo supor que ele não perseveraria por muito tempo nos desvelos amorosos que tanto a transtornavam?

CAPÍTULO XLIII

Presumivelmente, Mr. Crawford viajara para Londres no dia seguinte, e não mais foi visto na casa de Mr. Price; e dois dias mais tarde, o fato foi confirmado a Fanny ao receber uma carta de sua irmã, que foi aberta e lida com a mais ansiosa das curiosidades:

Devo informá-la, minha querida Fanny, que Henry foi a Portsmouth para vê-la. Contou que no último sábado fez um delicioso passeio com você até o estaleiro, e um ainda mais belo no dia seguinte, quando o ar balsâmico, o mar cintilante e sua doce aparência e palavras se combinaram para criar a mais deleitosa harmonia e lhe proporcionaram sensações que até agora o levam ao êxtase. Essa é a substância de minhas informações. Ele me pede para escrever, mas não sei o que devo comunicar, exceto que essa visita a Portsmouth, esses dois passeios e o fato de ter sido apresentado à sua família, em especial à sua bela irmã, a linda menina de 15 anos que os acompanhou até a muralha e ali recebeu sua primeira lição de amor, suponho. Não tenho tempo para escrever muito, mas não seria apropriado se eu tivesse, pois esta é uma mera carta de negócios, escrita com a finalidade de lhe comunicar algumas informações necessárias, e que não pode ser adiada sem risco de causar grande mal. Minha queridíssima Fanny, se você estivesse aqui, quanto eu conversaria com você! Você me ouviria até se cansar, me aconselharia até ficar exausta. Mas é impossível colocar a centésima parte de minha mente no papel, portanto me abstenho disso e deixo você imaginar o que desejar. Não tenho novidades para contar. Naturalmente, você é muito inteligente e seria terrível incomodá-la com os nomes das pessoas e das festas que preenchem meu tempo. Eu deveria ter lhe enviado um relato da primeira festa oferecida por sua prima, mas sou preguiçosa e agora já se passou muito tempo. Basta dizer que tudo decorreu da melhor maneira possível, em um estilo que todos os seus amigos ficariam satisfeitos em presenciar, e que seu vestido e suas maneiras a beneficiaram demais. Minha amiga, Mrs. Fraser está louca por uma casa como a dela, algo que também não me aborreceria nada. Vou visitar Lady Stornaway após a Páscoa. Ela parece muito animada e feliz. Imagino que Lorde S. seja um homem bem-humorado e agradável em família, e agora já não o considero tão feio quanto antes, pelo menos vê-se outros muito piores. Ele não se compara ao seu primo Edmund. E o que dizer sobre o último herói mencionado? Pareceria suspeito eu evitar tocar em seu nome. Então direi que o vi duas ou três vezes e que meus amigos estão impressionados com sua aparência cavalheiresca. Mrs. Fraser (que não é mau juiz) declara que só conhece três homens na cidade que têm aparência tão boa, altura e porte. Devo confessar que outro dia, quando ele jantou aqui, não havia ninguém que se comparasse a ele, e éramos um grupo de dezesseis pessoas. Felizmente não se faz mais distinção quanto à roupa, mas... mas... mas...

Sua e com afeto.

Quase me esqueci de algo que deveria lhe dizer por parte de Henry e também minha, sobre levá-la de volta para Northamptonshire (culpa de Edmund: ele não sai da minha cabeça). Minha querida criaturinha, não continue em Portsmouth até perder sua linda aparência. Essas terríveis brisas marinhas arruinam a beleza e a saúde. Minha pobre tia sempre se sentiu afetada por elas até a dez milhas do mar, algo que naturalmente o Almirante jamais acreditou, mas sei que era verdade. Estou ao dispor de vocês dois. Basta me avisar com uma hora de antecedência. Esse plano me agrada. Poderíamos fazer uma pequena volta no caminho e talvez você não se incomodasse de passar por Londres para ver o interior da igreja de São Jorge em Hanover Square. Só lhe peço para manter seu primo Edmund longe de mim nesse período, pois não gosto de ser tentada. Que carta longa! Só mais uma palavra. Creio que Henry pretende voltar a Norfolk para tratar de alguns negócios que você aprova, mas isso não lhe será possível até a metade da próxima semana, isto é, só posso dispensá-lo depois do dia 14, pois temos uma festa nessa noite. Você não imagina o valor de um homem como Henry em tais ocasiões, portanto precisa aceitar minha palavra de que é inestimável. Ele se encontrará com os Rushworth, o que não lamento. Sinto uma pequena curiosidade e creio que ele também, apesar de não admitir.

Essa era uma carta para ser lida com avidez, para ser lida com deliberação, que continha muito assunto para reflexão e que deixava tudo mais em um suspense maior que nunca. A única certeza de tudo isso era que ainda não acontecera nada decisivo. Edmund ainda não falara nada. Nada havia sobre como Miss Crawford realmente se sentia, como ela pretendia ou poderia agir a favor ou contra os seus objetivos; não mencionava se a importância dele para com ela ainda permanecia a mesma de antes, se diminuía, se poderia diminuir ainda mais ou se iria se recuperar; se tudo isso era assunto para intermináveis conjecturas naquele dia e em vários outros dias ainda por vir, sem que fosse possível chegar a qualquer conclusão. A ideia recorrente era que Miss Crawford, depois de se tornar mais fria e indecisa por ter voltado aos hábitos londrinos, no fim ainda percebia que era ligada demais a Edmund para desistir dele. Ela tentaria ser mais ambiciosa do que seu coração permitia. Hesitaria, provocaria, imporia condições, exigiria muito mais, mas no final aceitaria.

Essa era a maior expectativa de Fanny. Uma casa na cidade que ela acreditava não ser possível. Mas não havia como saber o que Miss Crawford exigiria. As perspectivas de seu primo se tornavam cada vez piores. A mulher que poderia falar dele só comentava sobre sua aparência. Que casamento indigno! Procurar apoio nos elogios de Mrs. Fraser! Ela, que o conhecera intimamente por seis meses! Fanny sentia-se envergonhada por ela. As partes da carta que tratavam apenas de Mr. Crawford e de si própria a tocaram, em comparação, muito pouco. Não lhe interessava se Mr. Crawford iria para Norfolk antes ou depois do dia 14, apesar de considerar que ele desejaria ir o mais

depressa possível. O fato de Miss Crawford se esforçar por assegurar um encontro entre ele e Mrs. Rushworth era de todas a pior linha de conduta, além de demonstrar indelicadeza e irresponsabilidade, mas esperava que ele não fosse influenciado por uma curiosidade tão degradante. Mr. Crawford não admitia essa motivação e sua irmã deveria lhe creditar melhores sentimentos que os seus.

Ela estava ainda mais impaciente por outra carta da cidade depois de receber esta, do que ela tinha estado antes; e durante alguns dias ficou tão agitada com tudo que acontecera e com o que poderia acontecer que suas costumeiras leituras e conversas com Susan foram bastante prejudicadas. Não conseguia se concentrar como desejava. Se Mr. Crawford tivesse se lembrado de dar o recado ao seu primo, achava muito, muito provável que ele lhe escrevesse contando todos os acontecimentos, pois isso seria coerente com sua usual gentileza. Até conseguir se livrar dessa ideia, pois não chegara nenhuma carta em três ou quatro dias, manteve-se em estado de ansiedade e inquietação.

Por fim, seguiu-se algo parecido com serenidade. Foi obrigada a dominar o sentimento de suspense e não permitir que a consumisse, tornando-a inútil. O tempo também ajudou um pouco e ela voltou a dar atenção a Susan, novamente despertando em si mesma o interesse por essa atividade.

Susan afeiçoava-se cada vez mais a ela, e apesar de não demonstrar o mesmo deleite que fora tão forte em Fanny, pois seu temperamento era menos propenso a buscar atividades sedentárias ou desejar saber apenas por saber, possuía grande desejo de não parecer ignorante, o que unido à sua clara inteligência, fazia com que fosse uma aluna atenta, profícua e agradecida. Fanny era seu oráculo. Suas explicações e observações eram a adição mais importante a qualquer ensaio ou capítulo de história. Aquilo que Fanny lhe contava sobre os tempos antigos permanecia em sua mente por mais tempo que as páginas de Goldsmith; e para ela era um elogio sua irmã preferir seu estilo ao do autor impresso. Não possuía mais o hábito da leitura de seus primeiros anos, contudo suas conversas não versavam apenas sobre assuntos tão elevados quanto história e moral. Outros tinham sua vez; temas menos imponentes, mas nenhum voltava com tanta frequência ou permanecia por tanto tempo entre elas quanto Mansfield Park, com descrições das pessoas, costumes, divertimentos e hábitos de Mansfield Park. Susan tinha ânsia de ouvir, pois possuía gosto inato pelo refinamento e pelas pessoas bem sucedidas, e Fanny não podia deixar de satisfazê-la por amar tal tema. Depois de algum tempo, esperou que aquilo não estivesse errado, pois a grande admiração de Susan por tudo que era dito ou feito na casa de seu tio e o grande desejo de conhecer Northamptonshire quase pareciam censurá-la por despertar sentimentos que não poderiam ser satisfeitos.

A pobre Susan não possuía melhores condições que sua irmã mais velha

para se adaptar àquele lar, e embora Fanny agora conseguisse compreender o que se passava, começou a sentir que quando chegasse o tempo de ela se libertar de Portsmouth seria uma tremenda vicissitude Susan permanecer ali. Deixar ali uma menina com tantas condições de se transformar em algo muito bom a afligia cada vez mais. Que bênção seria se possuísse uma casa para poder convidá-la! E se tivesse conseguido corresponder aos sentimentos de Mr. Crawford, a possibilidade de ele não se opor a isso teria sido a maior contribuição para seu próprio conforto. Refletiu que ele realmente era bem-humorado e com grande satisfação poderia ser convencido a participar de um plano como esse.

CAPÍTULO XLIV

Já haviam se passado sete semanas dos dois meses previstos para a permanência de Fanny quando uma carta, a tão esperada carta de Edmund foi colocada nas mãos de Fanny. Ao abri-la, vendo sua extensão, preparou-se para uma descrição minuciosa de sua felicidade e uma profusão de amor e de elogios para a feliz criatura que agora era a dona de seu destino. Seu conteúdo era o seguinte:

Minha querida Fanny,

Perdoe-me não ter escrito antes. Crawford disse que você desejava ter notícias minhas, mas me foi impossível escrever de Londres, e convenci a mim mesmo que você compreenderia meu silêncio. Se eu pudesse ter enviado algumas linhas felizes, estas não lhe faltariam, mas nada dessa natureza se encontrava em meu poder. Voltei para Mansfield em um estado menos sólido do que quando saí. Minhas esperanças enfraqueceram muito. Você provavelmente já sabe disso. Miss Crawford tem tanto afeto por você que é perfeitamente natural ela lhe contar seus sentimentos, dando-lhe uma tolerável ideia dos meus. Contudo, isso não me impedirá de fazer minha própria comunicação. Nossa confiança em você não precisa ser confrontada. Não farei perguntas. Há algo de tranquilizante na ideia de que temos a mesma amiga, e que apesar das infelizes diferenças de opinião entre nós estamos ligados pelo amor que temos por você. Para mim será um lenitivo lhe contar como estão as coisas e quais são meus atuais planos, se é que posso afirmar que tenho algum. Voltei no último sábado. Permaneci em Londres durante três semanas e a vi com muita frequência (pelos padrões de Londres). Fui recebido com muita gentileza pelos Fraser, o que se poderia esperar. Ouso dizer que não fui razoável ao levar comigo esperanças de uma relação como a que tínhamos em Mansfield. Entretanto, a diferença estava em suas maneiras, não na pequena frequência de nossos encontros. Se ela estivesse diferente quando a vi não haveria motivo para eu me queixar, mas desde o início notei que ela mudara. Ela me recebeu de modo tão diverso do que eu esperava que quase resolvi deixar Londres de imediato. Não há necessidade de entrar em detalhes. Você conhece o lado fraco de seu caráter e pode imaginar os sentimentos e expressões que me torturaram. Ela se mostrava animadíssima, rodeada por pessoas que apoiavam incondicionalmente sua leviandade e a excessiva vivacidade de sua mente. Não gosto de Mrs. Fraser. É uma mulher fria e fútil que se casou apenas por conveniência, e apesar de evidentemente infeliz no casamento, não atribui sua decepção à falta de sensatez, de temperamento ou desproporção de idades, mas ao fato de ela ser menos rica que muitos de seus amigos, especialmente sua irmã, Lady Stornaway, e é a determinada protetora de todos os mercenários e ambiciosos, desde que sejam suficientemente mercenários e ambiciosos. Considero a intimidade da senhoria Crawford com essas duas irmãs a maior infelicidade da sua e da minha vida. Há anos elas a desencaminham. Se ela pudesse ser afastada da companhia delas! Certas vezes acho que não devo perder

a esperança, pois a afeição me parece ser maior por parte das irmãs. Ambas gostam muito dela, mas ela não a aprecia tanto quanto a você. Quando penso no quanto ela é ligada a você, na sua conduta correta como irmã, ela me parece uma criatura muito diferente, capaz de tudo de nobre, e passo a culpar a mim mesmo pelo julgamento excessivamente severo que faço de suas maneiras brincalhonas.

Não posso desistir dela, Fanny. Ela é a única mulher no mundo com quem eu poderia me casar. Naturalmente não diria isso se não acreditasse que ela tem algum afeto por mim. Estou convencido de que ela possui por mim uma decidida preferência. Não tenho ciúme de nenhum indivíduo. Tenho ciúme da influência do mundo requintado. Temo os hábitos luxuosos. Suas ideias não são mais elevadas que sua fortuna, mas vão além do que autorizam nossas rendas unidas. Contudo, há consolo até aqui. Seria mais fácil perdê-la por não ser bastante rico do que devido à minha profissão. Isso apenas provaria que sua afeição não se equipara aos sacrifícios que, de fato, não tenho justificativa para pedir. Se ela me rejeitar, creio que será por um motivo honesto. Estou certo de que seus preconceitos não são tão fortes quanto no passado. Exponho meus pensamentos exatamente como surgem, minha querida Fanny. Às vezes talvez se mostrem um pouco contraditórios, mas nem por isso formam uma imagem menos fiel da minha mente. Depois de iniciar, tornou-se um prazer lhe contar como me sinto. Não posso desistir dela. Com a ligação que já temos e que, espero, ainda nos unirá, desistir de Mary Crawford seria desistir da convivência com as criaturas que me são mais caras, banir a mim mesmo das casas e da companhia de amigos que em outras circunstâncias eu procuraria em busca de consolo. Considero a perda de Mary como a perda de Crawford e Fanny. Se sua recusa for algo decidido, desejo saber como enfrentá-la e como me esforçar para enfraquecer o domínio que ela exerce sobre meu coração, e dentro de alguns anos... mas estou escrevendo tolices. Se eu for recusado devo aguentar, e enquanto não for, não posso cessar de tentar conquistá-la. Essa é a verdade. A única questão é – como? Qual o meio mais provável? Certas vezes penso em voltar a Londres depois da Páscoa e às vezes resolvo que é melhor não fazer nada até ela voltar a Mansfield. Ela ainda fala do prazer de estar em Mansfield no mês de junho, mas o mês de junho ainda está muito longe e creio que vou lhe escrever. Estou quase decidido a me explicar por carta. É melhor logo ter certeza do que se passa. Meu estado atual é miseravelmente tedioso.

Considerando tudo, decididamente uma carta é o melhor meio de me explicar. Poderei escrever muito do que me seria difícil falar, e lhe darei tempo para refletir antes de me responder. Além disso, temo menos o resultado da reflexão do que o impulso imediato. Meu maior perigo é ela resolver consultar Mrs. Fraser, e estando tão longe eu não poderia auxiliar minha própria causa. Com uma carta, exponho-me aos males dessa consulta, e se a mente consultada não for capaz de chegar a uma decisão perfeita, em um momento infeliz a conselheira pode levá-la a fazer algo de que se arrependerá mais tarde. Devo pensar um pouco mais sobre isso. Esta longa carta, repleta de minhas preocupações, será suficiente para cansar até a amizade de uma Fanny. A última vez que vi Crawford foi na festa de Mrs. Fraser. Não há qualquer sinal de dúvida. Ele sabe perfeitamente o que deseja e age de acordo com suas resoluções – essa é uma qualidade inestimável. Não pude vê-lo no mesmo aposento que minha irmã mais velha sem me lembrar do que

você me contou, e reconheço que eles não se reencontraram como amigos. Havia grande frieza por parte dela. Mal se falaram. Vi quando ele recuou surpreso, e lamentei que Mrs. Rushworth continuasse ressentida por algum suposto acinte à Miss Bertram. Você desejará saber minha opinião sobre o grau de felicidade de Maria como esposa. Não há qualquer aparência de infelicidade. Espero que eles se deem bem. Jantei duas vezes em Wimpole Street e poderia ter visitado sua casa com maior frequência, mas é mortificante estar com Rushworth como irmão. Julia parece adorar Londres. Tive poucos divertimentos na cidade, mas tenho ainda menos aqui. Não somos um grupo muito animado. Sua presença é muito desejada. Sinto tanto sua falta que nem consigo me expressar. Minha mãe lhe envia seu carinho e espera em breve ter notícias suas. Fala de você a toda hora e lastimo que não seja provável que ela a veja nas próximas semanas. Meu pai pretende ir buscá-la pessoalmente, mas só poderá viajar depois da Páscoa para resolver alguns negócios em Londres. Espero que esteja feliz em Portsmouth, mas essa visita não poderá se repetir anualmente. Desejo você em casa para que possa me dar sua opinião sobre Thornton Lacey. Não tenho ânimo para fazer grandes reformas até saber que haverá uma senhora para habitá-la. Certamente escreverei a Mary. Está praticamente certo que os Grant irão a Bath. Deixam Mansfield na segunda-feira. Fico feliz por isso. Não me sinto muito à vontade na companhia de ninguém, mas sua tia parece um pouco triste por estas notícias saírem de minha pena, não da dela.

Para sempre seu, minha caríssima Fanny”.

“Não, nunca mais desejerei receber outra carta”, foi o pensamento secreto de Fanny ao terminar a leitura. “O que trazem elas, além de decepção e tristeza? Só depois da Páscoa! Como suportarei isso? E minha pobre tia falando em mim sem parar!”

Fanny conteve da melhor maneira possível a tendência a esses pensamentos, mas depois de meio minuto começou a refletir que Sir Thomas estava sendo bem pouco gentil para com sua tia e para com ela. Quanto ao assunto principal da carta, não havia nada para mitigar sua irritação. Sentia-se atormentada pelo desprazer e pela raiva contra Edmund. “Nada de bom pode advir desse adiamento”, disse ela. “Por que não resolveu nada? Ele está cego, e depois de ter diante de si essas verdades há tanto tempo nada vai abrir seus olhos, nada. Ele se casará com ela e será pobre e infeliz. Deus permita que a influência dela sobre ele não o torne menos respeitável!” Voltou a olhar para a carta. “Gosta tanto de mim! Isso é um absurdo. Ela não gosta de ninguém além de si mesma e de seu irmão. Suas amigas a desencaminham há anos! É mais provável que ela as desencaminhe. Talvez todas corrompam umas às outras, mas se gostam mais dela do que ela as aprecia, é menos provável que ela se prejudique, exceto pela lisonja que recebe. A única mulher com quem poderia se casar!

Acredito firmemente nisso. É um afeto que vai dominá-lo por toda vida. Aceito ou rejeitado, seu coração será dela para sempre. Considera a perda de Mary como a perda de Crawford e de mim! Edmund, você não me conhece. Essas famílias jamais se unirão se você não uni-las! Oh! Escreva, escreva. Termine de uma vez. Que se acabe este suspense. Marque a data, case-se com ela e se condene”.

Todavia, tais sensações eram próximas demais do ressentimento para continuarem a guiar os monólogos de Fanny. Logo se acalmou, mas se entristeceu. Seu modo caloroso, suas expressões gentis, seu tratamento confidencial a comoveram fortemente. Ele apenas era bom demais para com todos. No todo, aquela era uma carta que ela não trocaria pelo mundo inteiro e que jamais poderia ser suficientemente valorizada. Isso era tudo

Todos os que gostam de escrever cartas sem ter muito a dizer, o que inclui pelo menos grande proporção do mundo feminino, devem concordar com Lady Bertram que lhe faltou sorte para ter informação tão importante sobre Mansfield quanto a certeza da partida dos Grant para Bath em uma época em que ela não podia se aproveitar do fato, e admitirão que deve ter sido horrível para ela ver que essa informação já fora dada por seu filho mal-agradecido, que tratara do assunto do modo mais conciso possível no final de uma longa carta, em vez de deixar que ela o comunicasse em uma página inteira. Embora Lady Bertram brilhasse bastante na arte epistolar, pois por falta de outras atividades e pelo fato de Sir Thomas estar no Parlamento, desde o início de seu casamento desenvolvera o hábito de manter vários correspondentes e aperfeiçoara um estilo muito louvável ampliando lugares-comuns, de modo que qualquer assunto diminuto lhe bastava. Precisava escrever sobre qualquer coisa, até para a sobrinha, e prestes a perder o benefício dos sintomas de gota do doutor Grant e das visitas matinais de Mrs. Grant, era muito cruel se ver privada da atividade epistolar, uma das últimas que lhe sobravam.

Entretanto, havia uma rica reparação sendo preparada para ela. Chegou o momento de ventura da Lady Bertram. Alguns dias depois de receber a carta de Edmund, Fanny recebeu outra de sua tia, que assim se iniciava:

Minha querida Fanny.

Tomo da pena para lhe comunicar algumas notícias alarmantes que, tenho certeza, vão lhe causar grande preocupação.

Seria muito melhor que precisar tomar da pena para colocá-la a par de todos os detalhes da viagem que os Grant pretendem fazer, pois a notícia atual é de natureza a garantir que eu me ocupe em lhe escrever por muitos dias, porquanto

se refere, nada mais, nada menos, à grave enfermidade de meu filho mais velho, da qual eu soube há algumas horas.

Tom foi a Londres com um grupo de rapazes de Newmarket, onde devido a uma queda negligenciada e muita bebida foi tomado por uma febre. Quando o grupo se dispersou, incapaz de se mover, foi deixado sozinho na casa de um desses jovens, abandonado à enfermidade e à solidão, aos cuidados dos criados. Em vez de logo se recuperar para se juntar aos amigos, como esperava, seu estado se agravou consideravelmente e não se passou muito tempo antes que ele percebesse que se encontrava seriamente enfermo, e juntamente com seu médico resolveu enviar uma carta a Mansfield.

Como você pode imaginar, essas dolorosas informações nos abalaram imensamente e não pudemos evitar experimentar grande alarme e apreensão pelo pobre inválido, cujo estado Sir Thomas teme ser muito crítico. Edmund se dispõe a cuidar imediatamente do irmão, mas fico feliz em acrescentar que Sir Thomas não me abandonará nesta ocasião tão angustiante, pois seria difícil demais para mim. Sentiremos muita falta de Edmund em nosso pequeno círculo, mas confio e espero que ele encontre o pobre inválido em um estado menos alarmante do que tememos e logo possa trazê-lo para Mansfield. É isso que Sir Thomas deseja que se faça e considera o melhor. Desejo que o pobre sofredor logo possa aguentar o transporte sem inconveniência material e sem prejuízo. Como não tenho dúvidas sobre seus sentimentos por nós em tais circunstâncias, minha querida Fanny, voltarei a lhe escrever muito em breve.

Na verdade, nessa ocasião, os sentimentos de Fanny eram consideravelmente mais veementes e genuínos do que o estilo de escrita de sua tia. Ela realmente sentia por todos eles. A grave enfermidade de Tom, a partida de Edmund para cuidar do irmão, o triste pequeno grupo que permanecera em Mansfield eram apreensões que suplantavam todas as outras, ou quase todas. Ela foi suficientemente egoísta para perguntar a si mesma se Edmund escrevera à Miss Crawford antes de cumprir esse dever, mas nenhum sentimento perdurava dentro de si, que não fosse de pura afeição e desinteressada consternação. Sua tia não se esquecia dela: escrevia seguidamente. Recebiam frequentes notícias de Edmund, e essas notícias eram transmitidas a Fanny com regularidade, no mesmo estilo difuso, na mesma mescla de crença, esperança e termos expressos a esmo. Era uma espécie de jogo de sentir medo. Os sofrimentos que Lady Bertram não presenciava não tinham poder sobre sua imaginação, e ela escreveu com muita facilidade sobre a agitação, a ansiedade e o pobre inválido até Tom realmente ser transportado para Mansfield e seus próprios olhos presenciarem sua aparência alterada. Então, uma carta que fora previamente preparada para Fanny foi terminada em um estilo diferente, em linguagem que revelava real sentimento de alarme; escreveu como se falasse: “Ele acabou de chegar, minha

querida Fanny, e foi levado ao andar superior. Fiquei tão chocada ao vê-lo que não sei o que fazer. Tenho certeza de que estive muito enfermo. Pobre Tom! Sofro por ele e tenho muito medo, e o mesmo acontece com Sir Thomas. Quão feliz eu ficaria se você estivesse aqui para me confortar. Mas Sir Thomas espera que ele se sinta melhor amanhã e diz que devemos considerar a viagem que empreendeu”.

A verdadeira solicitude despertara no peito da mãe, e não desapareceu tão logo. A extrema impaciência de Tom para ser transportado para Mansfield, e os confortos de casa e da família, aos quais dera pouca atenção enquanto estava saudável, provavelmente induziram sua remoção precoce, pois a febre voltou e durante uma semana seu estado foi mais alarmante do que nunca. Todos temiam seriamente por ele. Lady Bertram escreveu sobre seus terrores diários para a sobrinha que, pode-se dizer, agora vivia apenas para as cartas e passava seu tempo entre os sofrimentos do dia a dia e a ansiedade pelos do amanhã. Embora não tivesse especial afeição por seu primo mais velho, seu coração terno não lhe permitia deixar de sofrer por ele, e a pureza de seus princípios aumentava sua solicitude ao refletir o quão aparentemente inútil e pouco abnegada fora a vida de seu primo.

Susan era sua única companheira e ouvinte em tudo isso, assim como em ocasiões mais comuns. Estava sempre pronta a ouvir e demonstrar sua compaixão. Ninguém mais se interessava por algo tão remoto quanto uma enfermidade na família a mais de cem milhas de distância; nem mesmo Mrs. Price, que fazia uma ou duas breves perguntas quando via a filha com uma carta nas mãos, e ocasionalmente uma observação do tipo, “Minha pobre irmã Bertram deve estar muito atribulada”.

Afastadas há tanto tempo e em situações tão diversas, os laços de sangue eram pouco mais que nada. O afeto, originariamente tão tranquilo quanto seu temperamento, agora se tornara um mero nome. Mrs. Price fazia por Lady Bertram exatamente o mesmo que Lady Bertram faria por ela. Três ou quatro Prices poderiam desaparecer, qualquer um dentre eles, com exceção de William e de Fanny, e Lady Bertram não daria ao fato grande importância, ou talvez captasse dos lábios de Mrs. Norris a hipocrisia de que era uma grande bênção para a pobre querida irmã Price ter uma família tão grande.

CAPÍTULO XLV

Cerca de uma semana após voltar a Mansfield, passou o perigo imediato que Tom corra, e declarou-se que ele estava salvo, o que tranquilizou totalmente sua mãe. Como já se acostumara a vê-lo sofrendo, em estado de extrema fraqueza, ouvia apenas o melhor e jamais pensava além daquilo que escutava, pois como não possuía disposição para alarme nem aptidão para compreender uma insinuação, Lady Bertram era a pessoa mais feliz do mundo diante da pequena comunicação médica. A febre cedera; a febre fora sua enfermidade, portanto ele logo recuperaria a saúde. Lady Bertram só pensava nisso e Fanny compartilhou da segurança de sua tia até receber algumas linhas de Edmund, escritas especificamente para lhe dar uma ideia mais clara da situação de seu irmão e inteirá-la das apreensões que ele e o pai haviam ouvido do médico com relação a alguns fortes sintomas de agitação que pareciam ter surgido após o término da febre. Eles haviam concluído que era melhor não alarmar Lady Bertram, pois os indícios poderiam se revelar infundados, mas não havia razão para Fanny não saber a verdade. Havia muita apreensão com relação aos seus pulmões.

As poucas linhas de Edmund lhe mostraram o paciente e o seu quarto de doente sob uma luz mais clara e forte que todas as folhas de papel escritas por Lady Bertram. Não havia na casa ninguém que pudesse descrever pior aquilo que observava pessoalmente, ninguém menos útil para seu filho. Ela não podia fazer nada além de deslizar em silêncio até seu quarto e olhar para ele, mas se estivesse em condições de conversar ou de ouvir, Edmund era seu companheiro preferido. Sua tia o sufocava com excesso de cuidados e Sir Thomas não sabia como baixar o tom da conversa e de sua voz ao nível da irritação e fraqueza de Tom. Edmund era indispensável. Fanny certamente acreditava que assim fosse e reconheceu que sua estima por ele crescera demais ao vê-lo como o auxiliar, protetor, encorajador do irmão que sofria. Não era apenas a debilidade da recente enfermidade que devia ser tratada. Soube que ele apresentava os nervos muito afetados e o espírito muito deprimido para se acalmar e levantar, e sua própria imaginação acrescentou que também devia haver a necessidade de guiar a mente de Tom.

Na família não havia tuberculose e ela estava mais inclinada a ter esperanças que temer por seu primo, exceto quando pensou em Miss Crawford. Esta última lhe dava a ideia de ser filha da boa sorte, e para seu egoísmo e vaidade, seria uma sorte se Edmund passasse a ser filho único.

Até no quarto do doente a afortunada Mary não era esquecida. A carta de Edmund trazia este adendo, “Quanto ao assunto de minha última, havia começado a escrever uma carta, quando precisei me ausentar devido à doença

de Tom, mas agora mudei de ideia e temo confiar na influência das amigas. Irei quando Tom melhorar”.

Tal era a condição de Mansfield, e assim permaneceu até a Páscoa, sem alteração. Uma linha ocasionalmente adicionada por Edmund à carta de sua mãe era suficiente para mantê-la informada. A convalescença de Tom era alarmantemente lenta.

Naquele ano a Páscoa chegou particularmente tarde, como refletiu Fanny com tristeza, logo que soube que só haveria possibilidade de ela deixar Portsmouth após essa festa. Ela chegou e Fanny ainda não tivera qualquer notícia sobre seu retorno, nem sobre a viagem a Londres que o precederia. Sua tia expressava com frequência o desejo de tê-la presente, mas não havia qualquer notícia ou mensagem de seu tio, de quem tudo dependia. Supunha que ainda não lhe seria possível deixar o filho, mas aquele adiamento era cruel, terrível para ela. Aproximava-se o final de abril e logo seriam três meses desde sua partida, não dois, como previsto, e ela passava seus dias em estado de penitência. Ela os amava demais para esperar que compreendessem; e quem poderia ainda dizer quando poderia haver disposição para pensar em buscá-la?

Sua ansiedade, impaciência e desejo pela companhia deles eram tão grandes que lhe faziam sempre lembrar um ou dois versos do “Tirocínio” de Cowper. As palavras “Com que intenso desejo ela deseja o lar”, dançavam continuamente em seus lábios como a descrição mais fiel do anseio de um menino interno em um colégio, mas que não podia supor fosse sentido por ela de modo tão penetrante.

Ao viajar para Portsmouth adorara chamá-la de seu lar, ficara feliz em dizer que voltava para o lar. A palavra lhe fora muito cara e ainda era, mas devia ser aplicada a Mansfield. Agora, aquele era o seu lar. Em suas meditações secretas, finalmente chegara a essa conclusão, e nada foi mais consolador para ela que o uso da mesma linguagem da tia: “Não posso deixar de dizer o quanto lamento você estar longe de seu lar nessa época tão difícil, tão árdua para meu espírito. Sinceramente desejo que jamais volta a se ausentar do lar durante tanto tempo”, foram as mais deleitosas frases a elas dirigidas. Contudo, apesar de seu prazer secreto, a delicadeza para com seus pais fazia com que tomasse cuidado para não demonstrar a preferência pela casa do tio. Sempre dizia: “Quando eu retornar para Northamptonshire, ou quando eu retornar para Mansfield farei isto ou aquilo”. Durante muito tempo assim se expressou, mas finalmente as saudades se intensificaram de tal modo que ela não conseguiu se controlar e, sem querer, passou a falar do que faria quando voltasse para casa. Reprovava a si mesma, corava e olhava temerosa para seu pai e sua mãe. Mas não havia necessidade de se sentir desconfortável. Não havia nenhum sinal de

descontentamento, ou mesmo de reclamação. Não sentiam nenhum ciúme com relação a Mansfield. Simplesmente não ligavam para se ela preferia estar ali ou não.

Para Fanny, foi triste perder todos os prazeres da primavera. Jamais percebera que não gozaria daqueles prazeres se passasse os meses de março e abril na cidade. Antes, não notara o quanto o germinar e o desabrochar da vegetação a encantavam. Que ânimo de corpo e de espírito ao observar o avanço dessa estação que, apesar de seu capricho, não podia deixar de ser linda, ver a beleza cada vez maior das primeiras flores nos canteiros mais quentes do jardim de sua tia, presenciar o surgimento das folhas nas plantações de seu tio, a glória de seus bosques! Perder tais prazeres não era nenhuma ninharia; perdê-los por se encontrar no meio do abafamento e do barulho, confinada, respirando ar impuro, sentindo odores desagradáveis em vez de estar cercada por liberdade, frescura, fragrância e verdor era infinitamente pior, mas mesmo essas causas de tristeza eram débeis, comparadas com as que surgiam da convicção de ter sido esquecida por seus melhores amigos, ansiando por ser útil aos que precisavam dela!

Se estivesse em casa talvez pudesse ajudar todas as criaturas que a habitavam. Sentia que poderia ser útil a todos. Teria sido capaz de poupar algum problema mental ou manual a cada um deles, e mesmo que apenas servisse para amparar a coragem de sua tia Bertram, evitaria que ela sentisse os males da solidão ou os males ainda maiores de uma companhia agitada e intrometida, capaz de aumentar o perigo para enaltecer sua própria importância. Tinha certeza de que faria bem a todos. Adorava imaginar o que poderia ler para sua tia, o que conversaria com ela, como tentaria fazê-la sentir a bênção daquele lugar e preparar sua mente para o que poderia acontecer. Quantas subidas e descidas pelas escadas poderia ter economizado para ela, e quantos recados poderia ter levado.

Espantava-lhe que as irmãs de Tom se satisfizessem em permanecer em Londres em uma ocasião como aquela, quando a enfermidade atingira diferente graus de perigo já há várias semanas. Podiam voltar a Mansfield quando desejassem; a viagem não apresentava qualquer dificuldade e realmente não compreendia como ambas conseguiam se manter afastadas. Se Mrs. Rushworth possuía obrigações que a impediam de viajar, Julia certamente tinha condições de sair de Londres quando desejasse. Segundo uma das cartas de sua tia, parece que Julia se oferecera para voltar, se ela desejasse, mas isso era tudo. Era evidente que Julia preferia permanecer onde estava.

Fanny estava disposta a pensar que a influência de Londres criava muitos conflitos com as ligações respeitáveis. Via prova disso em Miss Crawford e em

suas primas. A afeição de Mary por Edmund fora respeitável, a parte mais respeitável de seu caráter. Pelo menos a amizade que demonstrara para consigo fora impecável. Onde estava seu sentimento, agora? Há muito tempo não recebia qualquer carta de Mary, e provavelmente esta achava que tinha razões para considerar pouco importante aquela amizade que tanto ressaltara. Já haviam se passado seis semanas desde que recebera a última carta de Miss Crawford e de seus outros conhecidos na cidade, não contando as que recebia de Mansfield, e começava a supor que jamais saberia se Mr. Crawford voltara ou não a Norfolk, e que não receberia notícias de sua irmã até a primavera, quando a carta seguinte chegava e foi recebida para criar novas sensações.

Se conseguir, minha querida Fanny, perdoe-me pelo meu longo silêncio e comporte-se como se pudesse me perdoar agora. Este é meu modesto pedido e minha expectativa, pois você é tão boa que tenho certeza que vai me tratar melhor do que eu mereço e me responder imediatamente. Desejo saber como estão as coisas em Mansfield Park, e sem dúvida você poderá me dar essa informação. Seria preciso ser muito cruel para não lamentar a situação que estão enfrentando, e pelo que sei, o pobre senhor Bertram não tem muita possibilidade de se recuperar totalmente. No início não dei muita importância à sua enfermidade. Eu o considerava o tipo de pessoa que faz grande alvoroço com qualquer doença insignificante e me preocupava principalmente com as pessoas que cuidavam dele, mas agora fui informada confidencialmente de que ele realmente está pior, apresentando sintomas extremamente alarmantes, e que pelo menos parte da família tem conhecimento de seu estado. Se isso for verdade, tenho certeza de que você está incluída entre eles, entre os que possuem esse esclarecimento, portanto eu lhe peço para dizer até que ponto fui corretamente informada. Não preciso dizer o quanto ficarei feliz de saber que houve um engano, mas as notícias são tão prevalentes que confesso que não posso deixar de estremecer. É terrível ver um jovem tão admirável ter sua vida interrompida na flor de seus dias. O pobre Sir Thomas deve estar se sentindo péssimo. Estou realmente agitada com esse assunto.

Fanny, Fanny, vejo seu sorriso e seu olhar astucioso, mas palavra de honra, jamais subornei um médico em minha vida. Pobre homem! Se ele morrer haverá dois jovens pobres a menos no mundo, e com rosto destemido e voz intrépida, digo a qualquer um que a riqueza e a importância não poderiam cair em mãos mais merecedoras. Foi uma tola precipitação tudo que Edmund fez no último Natal, mas o mal de alguns dias talvez possa ser eliminado, em parte. O verniz e a douração escondem muitas manchas. Talvez isso só lhe acarrete a perda do título de Escudeiro. Com uma afeição real como a minha, Fanny, pode-se ignorar muita coisa. Escreva-me pelo retorno do correio, imagine minha ansiedade e não a despreze. Diga-me a verdade, exatamente como sabe pela fonte principal. E agora não se preocupe em se envergonhar dos seus sentimentos ou dos seus. Acredite, eles não só são naturais como também filantrópicos e virtuosos. Recorro à sua consciência para me dar uma resposta sincera se 'Sir Edmund' não trataria melhor da propriedade dos Bertram do que qualquer outro Sir possível. Se os Grant

estivessem em casa eu não a incomodaria, mas agora você é a única a quem posso recorrer para saber a verdade, pois suas irmãs não se encontram ao meu alcance. Mrs. R. passou a Páscoa com os Aylmers, em Twickenham (como você certamente sabe) e ainda não voltou, e Julia se encontra com os primos que moram perto de Bedford Square, mas não me lembro o nome nem o endereço. Porém, mesmo que pudesse recorrer a ela, prefiro você porque me espanta o fato de que até agora elas não desejem interromper suas diversões, preferindo fechar os olhos para a verdade. Suponho que os feriados de Páscoa de Mrs. R. não durem muito mais tempo. Sem dúvida são férias contínuas para ela. Os Aylmers são pessoas agradáveis, e com o marido fora ela apenas se diverte. Dou-lhe o crédito por promover sua ida a Bath para buscar sua mãe, mas como será que ela e a viúva vão conviver na mesma casa? Henry não está aqui, portanto não direi nada a seu respeito. Não acha que Edmund já teria voltado a Londres, não fosse a doença do irmão?

Para sempre sua, Mary.

Eu começava a dobrar esta carta quando Henry entrou, mas ele não traz qualquer informação que me impeça de enviá-la. Mrs. R. sabe que se teme uma recaída de Tom. Ele a viu esta manhã: ela volta hoje para Wimpole Street, pois a velha senhora vai chegar. Não crie fantasias perturbadoras porque ele passou alguns dias em Richmond. Ele faz isso toda primavera. Esteja certa de que ele só se interessa por você. No momento, está louco para vê-la e só pensa em um meio de fazer isso e de ter o prazer de conduzi-la para casa. A prova disso é que repete cada vez com maior entusiasmo o que disse em Portsmouth sobre levá-la para casa, e eu me junto a ele com toda minha alma. Querida Fanny, escreva-nos diretamente pedindo para irmos buscá-la. Isso fará bem a nós todos. Nós dois poderemos ficar na casa paroquial e não incomodaremos nossos amigos em Mansfield Park. Seria maravilhoso vê-los todos novamente, e quanto a você, deve sentir que é necessária lá, e em sã consciência – conscienciosa como é – não pode permanecer longe se tem meios de voltar. Não tenho tempo nem paciência para enviar nem metade dos recados de Henry. Basta que você saiba que o espírito de cada um de nós continua de inalterável afeto.

A repulsa de Fanny à maior parte de carta e sua extrema relutância em aproximar a missivista de seu primo Edmund a tornaria incapaz de julgar imparcialmente se a oferta final poderia ou não ser aceita, pelo menos é o que ela sentia. Individualmente para ela, era muitíssimo tentadora. Ser transportada para Mansfield, talvez em três dias, era uma imagem da grande felicidade, mas seria um inconveniente material de ser devedora de tal felicidade a pessoas cujos sentimentos e conduta, no presente momento, ela tanto condenava: os sentimentos da irmã, a conduta do irmão, a fria ambição dela, a vaidade imprudente dele. Manter ainda relações, talvez flertar, com Mrs. Rushworth! Estava mortificada. Ela o julgara melhor do que isso. Felizmente, não cabia a ela

decidir entre inclinações opostas e duvidosas noções quanto ao que é certo. Aquela não era ocasião para determinar se ela deveria ou não manter Edmund e Mary afastados. Ela costumava aplicar uma regra que resolvia tudo. O pavor que sentia de seu tio e seu temor de tomar qualquer liberdade com ele deixava instantaneamente claro para ela o que deveria fazer. Ela deve recusar a proposta definitivamente. Se ele desejasse, mandaria buscá-la, e até uma oferta de voltar mais cedo seria uma presunção que nada dificilmente poderia justificar. Agradeceu à Miss Crawford, mas respondeu com uma decidida negativa. “Acreditava que seu tio pretendia ir buscá-la, mas como a enfermidade de seu primo se estendera por várias semanas sem que se considerasse sua presença necessária, supunha que talvez seu retorno fosse incômodo no momento, o que a faria sentir-se um embaraço”.

Suas notícias sobre o estado de saúde de seu primo estavam exatamente de acordo com o que acreditava no momento, e isso iria transmitir à mente confiante de sua correspondente a esperança da realização de tudo que ela desejava. Parece que, sob certas condições de riqueza, Edmund seria perdoado por ser um clérigo; e, sendo assim, ela suspeitava que esse era o triunfo sobre o preconceito pelo qual ele tanto ansiava. Ela aprendera a pensar que não havia nada mais importante que o dinheiro.

CAPÍTULO XLVI

Como Fanny não duvidava que sua resposta fora uma verdadeira decepção e conhecia o temperamento de Miss Crawford, esperava que ela voltasse a insistir, e apesar de não receber outra carta no espaço de uma semana continuava a ter os mesmos sentimentos quando ela chegou.

Ao recebê-la, notou instantaneamente que não era longa e teve certeza de que fora escrita rapidamente e com objetividade. O assunto era inquestionável, e dois minutos foram suficientes para que pensasse na probabilidade de que ela talvez anunciasse que ela e o irmão chegariam a Portsmouth naquele mesmo dia, o que a deixou extremamente agitada, sem saber o que faria nesse caso. Contudo, se dois momentos podem nos cercar de dificuldades, um terceiro talvez possa dispersá-las, e antes que ela abrisse a carta, acalmou-a a possibilidade de Mr. e Miss Crawford terem entrado em contato com seu tio para obter sua permissão. A carta era a seguinte:

Um rumor escandaloso e venenoso acabou de chegar ao meu conhecimento e escrevo, querida Fanny, para avisá-la para não dar o menor crédito a ele, caso se espalhe até o campo. Deve haver algum engano e um ou dois dias bastarão para esclarecer tudo. De qualquer maneira, Henry é inocente, e apesar de uma leviandade momentânea, pensa somente em você. Não diga nada, não ouça nada, não suponha nada, não sussurre nada até eu lhe escrever novamente. Estou certa de que tudo será abafado e nada será provado além da loucura de Rushworth. Se partiram, aposto minha vida que foram para Mansfield Park, Julia com eles. Mas por que não nos permite buscá-la? Espero que não se arrependa.

Sua, etc...

Fanny ficou perplexa. Como nenhum boato escandaloso chegara ao seu conhecimento, era impossível compreender totalmente aquela estranha carta. Só percebia que se relacionava com Wimpole Street e Mr. Crawford, e apenas podia conjecturar que algo muito imprudente acontecera ali para chamar a atenção do mundo e fazer com que Miss Crawford temesse que ela pudesse ficar enciumada ao ouvi-lo. Miss Crawford não precisava se alarmar. Apenas lamentava pelas partes envolvidas e por Mansfield, se o rumor chegasse até lá; mas esperava que isso não acontecesse. Se os Rushworth tivessem ido para Mansfield, como foi sugerido pelo o que Miss Crawford dissera, era improvável que algo desagradável os precedesse, ou pelo menos causasse alguma impressão.

Quanto a Mr. Crawford, ela esperava que isso o ajudasse a conhecer sua própria natureza e o convencesse de que não era capaz de se afeiçoar de forma constante a qualquer mulher no mundo, e que se envergonhasse de continuar a

persegui-la.

Aquilo era muito estranho! Começara a pensar que ele realmente a amava, a imaginar que seu afeto por ela era fora do comum, e sua irmã ainda dizia que ele não pensava em mais ninguém. Contudo, provavelmente houvera alguma acentuada demonstração de atenção a sua prima, alguma forte indiscrição, pois sua correspondente não era do tipo que se incomodaria com algo leve.

Sentiu-se bastante inquieta e assim continuaria até voltar a ter notícias de Miss Crawford. Era impossível tirar a carta da cabeça e não podia desabafar falando sobre esse assunto com nenhum ser humano. Miss Crawford não precisava solicitar tanto segredo, de modo tão intenso. Devia confiar em seu senso de dever para com sua prima.

O dia seguinte chegou e não trouxe uma segunda carta. Fanny ficou decepcionada. Não conseguiu pensar em outra coisa durante toda a manhã; mas à tarde, quando seu pai chegou com o jornal diário, como de costume, não imaginava esclarecer qualquer coisa através desse canal e o assunto foi esquecido por um momento.

Estava concentrada em outro assunto, pensando em sua primeira noite naquela sala, com seu pai lendo o jornal. Agora já não se acendia vela alguma. O sol não se poria por uma hora e meia. Sentiu que realmente passara três meses ali, e os raios de sol iluminando a sala, em vez de alegrá-la tornavam-na ainda mais melancólica, pois seu brilho lhe parecia totalmente diferente na cidade e no campo. Aqui, seu poder não passava de uma claridade, uma claridade sufocante e doentia que servia para acentuar as manchas e a sujeira que de outro modo não seriam notadas. Não havia saúde nem alegria nos raios de sol em uma cidade. Ela permanecia sentada naquele calor opressivo, em uma nuvem de pó, e seus olhos percorriam as paredes manchadas pela cabeça do pai e se dirigiam à mesa cortada e arranhada pelos seus irmãos, onde se via o serviço de chá, jamais bem lavado, as xícaras e os pires riscados, o leite uma mistura de partículas fluando em um azul transparente, o pão e a manteiga ainda mais gordurosos do que quando Rebecca os levava para lá. Seu pai lia o seu jornal e, como sempre, sua mãe reclamava sobre o tapete desfiado enquanto o chá estava sendo preparado, desejando que Rebecca o remendasse; e Fanny foi despertada pelo chamado de seu pai, depois de ouvi-lo resmungar e avaliar um parágrafo em particular: “Qual é o nome de seus primos importantes que moram em Londres, Fan?”

Depois de um momento de reflexão, respondeu, “Rushworth, senhor”.

“E não moram em Wimpole Street?”

“Sim, senhor”.

“Então o diabo está entre eles! Veja isso”. (estendendo-lhe o jornal); “Belos parentes esses que você tem. Não sei o que Sir Thomas vai pensar sobre esse assunto; ele talvez seja nobre e cavalheiro demais para gostar menos de sua filha. Mas, por Deus! se ela fosse minha filha, eu lhe daria uma boa surra de chicote enquanto eu conseguisse me manter em pé. Para homens e mulheres, algumas chibatadas são o melhor meio de se prevenir tais coisas”.

Fanny leu que “era com infinito pesar que o jornal anunciava ao mundo o desastre matrimonial ocorrido na família de Mr. R., de Wimpole Street; a bela Mrs. R, cujo nome há pouco ingressara na lista das senhoras casadas e que prometia se converter em uma brilhante líder no mundo elegante da sociedade, abandonara o teto de seu marido em companhia do bem conhecido e cativante Mr. C, amigo íntimo e associado de Mr. R., e nem mesmo ao editor deste período era sabido o destino de ambos”.

“Isso é um engano, senhor”, disse Fanny instantaneamente. “Deve ser um engano. Não pode ser verdade. Deve aludir a outras pessoas”.

Falava levada pelo desejo instintivo de adiar a vergonha; ela falava com a resolução surgida do desespero, falava o que ela própria não conseguia acreditar. Aquilo fora um choque provocado pela convicção assim que ela lera. A verdade a invadiu; e como ela poderia ter falado sobre tudo isso, como ela poderia até mesmo ter respirado depois foi uma questão que a assombrava.

Mr. Price deu pouca importância à notícia para se incomodar em estender muito o assunto. “Talvez seja mentira”, reconheceu, “mas tantas damas finas fazem o diabo hoje em dia que não se pode confiar mais em ninguém”.

“Deveras, espero que não seja verdade”, disse Mrs. Price tristemente. “Seria muito chocante! Tenho certeza de que falei com Rebecca sobre este tapete pelo menos uma dúzia de vezes, não é verdade Betsey? E seria um trabalho que levaria menos de dez minutos”.

Mal pode ser descrito o horror que invadiu a mente de Fanny ao receber a confirmação da culpa e começar a tomar parte na desgraça que se seguiria. No início, foi uma espécie de assombro, mas cada momento aumentava sua percepção do mal terrível. Não podia duvidar da veracidade daquele parágrafo, não ousava ter esperanças de fosse falso. A carta de Miss Crawford, lida tantas vezes que poderia repetir cada linha, correspondia assustadoramente à notícia. A ávida defesa de seu irmão, sua esperança de que tudo fosse abafado e sua evidente agitação demonstravam que algo muito ruim acontecera, e se houvesse uma mulher com temperamento capaz de tratar como uma bagatela aquele

pecado de primeira magnitude, que tentasse dissimulá-lo, que desejasse torná-lo impune, acreditava que essa mulher seria Miss Crawford! Podia ser um engano seu quanto a quem partira ou dissera ter partido. Não havia sido Mr. e Mrs. Rushworth; havia sido Mrs. Rushworth e Mr. Crawford.

Fanny jamais se sentira tão chocada. Não havia possibilidade de descanso. A tarde se passou sem uma pausa em sua infelicidade e não conseguiu dormir durante toda a noite. Oscilava entre sentimentos de náusea e estremecimentos de horror; entre surtos de febre e calafrios. O acontecimento era tão chocante que em alguns momentos seu coração se revoltava como se aquilo fosse impossível: não acreditava que pudesse ter acontecido. Uma mulher casada há apenas seis meses; um homem que se dizia apaixonado, até noivo de outra; a outra uma parenta próxima. A ligação entre as duas famílias unidas por laços e mais laços; todos amigos íntimos! Era horrível a confusão de culpas, rude demais a complicação de males para a natureza humana, não em estado de total barbarismo, ser capaz de perpetrá-la! Mas seu senso lhe dizia que acontecera. Os afetos inconstantes dele, vacilando com sua vaidade, a evidente paixão de Maria e a falta de princípios dos dois faziam com que tudo fosse possível: a carta de Miss Crawford estampava um fato.

Qual seria a consequência? A quem não feriria? Que opiniões não seriam afetadas? Quem não perderia a paz para sempre? Miss Crawford, ela mesma, Edmund; mas talvez fosse perigoso trilhar esse caminho. Ela se limitou, ou tentou se limitar, à indubitável desgraça familiar que devia envolver a todos, se realmente fosse uma questão de culpa comprovada e exposição pública. O sofrimento da mãe, do pai; fez uma pausa. De Julia, de Tom, de Edmund; outra pausa, mais longa. Os dois que seriam afetados do modo mais horrível. A solicitude paternal de Sir Thomas e seu alto senso de decoro, os altos princípios de Edmund, seu temperamento confiante, a genuína força de seus sentimentos fizeram-na considerar que para eles seria quase impossível suportar a vida e a razão sob o peso de tal desgraça; e pareceu-lhe que levando em consideração apenas este mundo, a maior bênção que poderia sobrevir a todos os parentes de Mrs. Rushworth seria um aniquilamento instantâneo.

No dia seguinte e no outro nada aconteceu para abrandar seus terrores. Duas cartas chegaram e nenhuma trouxe qualquer contestação, pública ou privada. Não houve uma segunda carta de Miss Crawford explicando a primeira; não houve notícias de Mansfield, apesar de agora já haver passado tempo suficiente para a tia lhe escrever. Aquilo era um mau sinal. Na verdade, praticamente não havia qualquer sombra de esperança para acalmar sua mente e ela se viu reduzida a um estado tal de depressão e abatimento que nenhuma mãe gentil, que não fosse Mrs. Price, poderia deixar de notar. No terceiro dia houve uma repugnante batida na porta e outra carta foi colocada em suas mãos.

Tinha o selo de Londres e fora escrita por Edmund.

Querida Fanny,

Você conhece nossa atual desgraça. Que Deus a ampare pela parte que lhe cabe! Estamos aqui há dois dias, mas nada há a fazer. Não os encontramos. Talvez não saiba do último golpe; a fuga de Julia. Partiu para a Escócia com Yates. Deixou Londres algumas horas antes de nossa chegada. Em outro momento qualquer isso teria sido terrível. Agora nos parece uma bagatela, apesar do horrível desgosto. Meu pai não está vencido. Nada mais pode se esperar. Ainda consegue pensar e agir, e segundo seu desejo, escrevo-lhe para propor sua volta para casa. Está ansioso por sua presença, para o bem de minha mãe. Chegarei a Portsmouth na manhã seguinte ao recebimento desta e espero encontrá-la pronta para seguir para Mansfield. Meu pai deseja que você convide Susan para lhe fazer companhia por alguns meses. Organize tudo como desejar, diga o que for correto. Estou certo de que você reconhecerá sua bondade em um momento como este! Faça justiça às suas intenções, por mais que eu pareça confuso. Você pode imaginar o estado em que me encontro. Não há fim para os males que desabaram sobre nós. Você me verá bem cedo, pela diligência do correio.

Seu, etc ...

Jamais Fanny desejou tanto um tônico. Jamais sentira algo como o que aquela carta provocara. Amanhã! Deixar Portsmouth no dia seguinte! Ela sentia que corria o grande perigo de se sentir extremamente feliz enquanto tantos se sentiam tão infelizes. O mal que lhe trouxera tanto bem! Temia que isso a ensinasse a ser insensível. Partir tão cedo, virem buscá-la de modo tão gentil, buscá-la para servir de conforto, e com a permissão de levar Susan! Tratava-se de uma combinação de bênçãos capaz de aquecer o coração, e durante algum tempo pareceu afastar todas as dores, incapacitá-la para compartilhar de modo adequado o sofrimento das pessoas que mais amava. Comparativamente, a fuga de Julia a afetou pouco. Ficou surpresa e chocada, mas não a preocupou nem ocupou sua mente. Obrigou-se a pensar no fato e reconhecer que era terrível e doloroso, mas iria se esquecer do fato em meio a todas as agitadas e felizes preocupações relacionadas com a necessidade de sua pessoa.

Não existe nada melhor que o trabalho, trabalho ativo e indispensável para aliviar o sofrimento. Qualquer ocupação, mesmo a mais triste, pode dissipar a melancolia, e suas ocupações eram promissoras. Havia tanto a ser feito que nem mesmo a horrível história de Mrs. Rushworth, agora definida como uma certeza absoluta, poderia afetá-la como antes. Não havia tempo para ela ser infeliz. Esperava partir dentro de 24 horas. Precisava falar com seu pai e sua mãe, Susan

devia ser preparada, necessitava arrumar tudo. Um trabalho atrás do outro; e o dia mal parecia suficientemente longo. A felicidade que ela transmitia, felicidade bem pouco permitida pela negra comunicação que a precedera, o prazeroso consentimento de seu pai e de sua mãe para que Susan viajasse com ela, a satisfação geral com que a partida de ambas era encarada e o êxtase da própria Susan, tudo parecia excitar seu ânimo.

A aflição dos Bertram foi pouco sentida na família. Mrs. Price falou de sua pobre irmã por alguns minutos, mas como encontrar algo em que colocar as roupas de Susan, pois Rebecca havia se apossado e estragado todas as caixas, era sua principal preocupação: e, quanto a Susan, que agora vira o desejo de seu coração se realizar inesperadamente, sem saber pessoalmente nada sobre os pecadores ou sobre os sofredores, só poderia se regozijar do princípio ao fim, algo esperado da virtude humana aos 14 anos.

Como nada foi realmente deixado aos cuidados de Mrs. Price ou aos bons ofícios de Rebecca, tudo foi racional e devidamente realizado, e as jovens ficaram prontas para o dia seguinte. Porém, a vantagem de um bom sono para prepará-las para a viagem lhes foi impossível. O primo que viajava ao encontro delas dificilmente poderia visitar seus espíritos, um deles pleno de felicidade, o outro em constante mutação e indescritível perturbação.

Às oito horas da manhã Edmund chegou à casa. Do andar de cima, as moças ouviram-no entrar e Fanny desceu. Sabendo o quanto sofria, a ideia de vê-lo imediatamente trouxe de volta seus primeiros sentimentos. Ele tão perto dela, padecendo tanto. Estava prestes a desmaiar quando ele entrou na sala. Ele estava sozinho e imediatamente foi ao seu encontro e a abraçou, apertando-a contra seu coração, pronunciando apenas essas palavras mal articuladas: “Minha Fanny, minha única irmã, meu único consolo!” Ela não conseguiu dizer nada. Por alguns minutos, ele também só pôde ficar calado.

Ele se afastou para se recuperar, e quando voltou a falar, embora sua voz vacilasse seus modos demonstravam desejo de autodomínio e a resolução de evitar outra alusão. “Você já tomou seu desjejum? Quando estará pronta? Susan também vai?” As questões seguiam-se umas às outras, rapidamente. Seu grande objetivo era partir assim que possível. Quando o assunto era Mansfield o tempo era precioso, e o estado de sua mente só encontrava alívio no movimento. Ficou acertado que ele pediria para a carruagem chegar em meia hora. Fanny lhe assegurou que tomariam o desjejum e estariam prontas em meia hora. Ele já comera e declinou o convite para compartilhar de sua refeição. Daria um passeio até a muralha e voltaria com a carruagem. Partiu novamente, feliz por se afastar até de Fanny.

Parecia doente; era evidente que sofria violentas emoções e que se esforçava por suprimi-las. Ela sabia o que se passava, mas era terrível vê-lo assim.

A carruagem chegou; e ele entrou na casa de imediato, com tempo para passar alguns minutos com a família e presenciar a maneira tranquila com que os pais se despediram das filhas e bem a tempo de evitar que voltassem a se sentar à mesa que, devido à atividade incomum, estava completamente pronta quando a carruagem chegou à porta. A última refeição de Fanny na casa de seu pai foi semelhante à primeira: despediram-se dela de forma tão hospitaleira quanto fora recebida.

Pode-se facilmente imaginar como o coração de Fanny se encheu de alegria e gratidão ao ultrapassarem os limites de Portsmouth, e como o rosto de Susan exibiu um enorme sorriso. Contudo, como esta se sentara na boleia seu rosto ficou oculto pela touca e esse sorriso não foi visto.

A viagem prometia ser silenciosa. Os profundos suspiros de Edmund alcançavam Fanny com frequência. Se estivesse sozinho com ela, abriria seu coração apesar das resoluções em contrário; mas a presença de Susan fez com que se fechasse em si, e suas tentativas de falar de outros assuntos não tiveram continuidade.

Fanny o observava com imutável solicitude e ao captar seu olhar algumas vezes recebia um sorriso afetuoso que a confortava, mas o primeiro dia de viagem se passou sem que ela ouvisse uma palavra sobre os assuntos que o acabrunhavam. A manhã seguinte produziu pouco mais. Alguns minutos antes de deixarem Oxford, enquanto Susan observava de uma janela as preparações de uma grande família que partia da hospedaria, Edmund ficou particularmente impressionado pela alteração na aparência de Fanny, e ignorando os males diários da casa de seu pai, atribuiu aquela mudança a um motivo indevido, e acreditando que era provocada pelos recentes acontecimentos tomou sua mão e lhe disse em tom baixo, mas muito expressivo: “Não há dúvida que você deve estar sentida, deve estar sofrendo. Como um homem que antes a amava pôde abandoná-la! Mas seu afeto era recente comparado com... Fanny, pense em mim!”

A primeira etapa da viagem se estendera por um longo dia e os levara, exaustos, até Oxford, porém a segunda terminara muito mais cedo. Chegaram aos arredores de Mansfield bem antes da hora costumeira para o jantar, e ao se aproximarem daquele lugar tão amado os corações das duas irmãs se deprimiram um pouco. Fanny começou a temer o encontro com as tias e com Tom, sob tão terrível humilhação, e Susan começou a sentir certa ansiedade de

precisar se comportar com suas melhores maneiras e usar o recém-adquirido conhecimento do que se praticava ali. Visões de boa e má educação, de velhas vulgaridades e novas delicadezas passavam diante dela. Só pensava em facas de prata, guardanapos e lavandas. Fanny notava as diferenças que a região sofrera desde fevereiro, mas quando entraram em Mansfield Park suas percepções e prazer foram intensos. Haviam se passado três meses, três meses completos desde que partira, e a mudança foi de inverno para verão. Seus olhos percorriam a paisagem, campos e plantações do mais fresco verde. Apesar de não completamente vestidas, as árvores se mostravam naquele estado delicioso, quando compreendemos que haverá muito mais beleza, e embora haja tanto para se ver sabemos que há muito mais guardado para a imaginação. Contudo, sua alegria era somente sua. Edmund não podia compartilhá-la. Ela o olhou, mas ele se recostara, mergulhado em uma melancolia mais profunda que nunca, com os olhos fechados como se a visão da alegria o oprimisse e como se as lindas cenas do lar precisassem ser ocultas.

Isso a tornou novamente triste, e o conhecimento de tudo que precisavam suportar revestia até a casa de um aspecto melancólico, apesar da construção ser moderna, arejada e bem situada.

Contudo, uma pessoa sofredora que fazia parte do grupo a esperava com uma impaciência que ela jamais vira antes. Fanny mal tinha passado pelos criados de aparência solene, e Lady Bertram vinha da sala de visitas para encontrá-la. Não caminhava com passo indolente, e lançando-se ao seu pescoço, disse: “Querida Fanny, agora terei consolo!”

CAPÍTULO XLVII

O grupo que os esperava era deplorável, cada um dos três acreditando ser o mais infeliz. Todavia, como a pessoa mais apegada a Maria, Mrs. Norris realmente era quem mais sofria. Maria era sua grande favorita, a mais querida de todos, fora ela que planejava seu casamento, como sempre se orgulhara de dizer, e sua dissolução praticamente a vencera.

Era agora uma criatura diferente, quieta, aparvalhada, indiferente a tudo que se passava. A criatura que fora encarregada de cuidar da irmã, do sobrinho e de toda a casa fora uma conveniência inteiramente desperdiçada. Ela se tornara incapaz de dirigir ou de mandar, ou mesmo fingir ter alguma utilidade. Ao ser realmente tocada pela aflição, suas capacidades ativas ficaram paralisadas, e nem Lady Bertram nem Tom haviam recebido dela o menor apoio, ou tentativa de apoio. Ela não fizera por eles mais do que ambos haviam feito um pelo outro. Todos se sentiram igualmente solitários, indefesos e desesperados, e a chegada dos outros apenas estabeleceu sua superioridade na abjeção. Seus companheiros estavam aliviados, mas não havia nada de bom para ela. Edmund foi quase tão bem recebido pelo irmão quanto Fanny pela tia, mas em vez de se sentir confortada pela presença dos dois, Mrs. Norris só conseguiu ficar mais irritada ao ver a pessoa que, na cegueira de seu ódio, acusava como o demônio do caso. Se Fanny tivesse aceitado Mr. Crawford nada disso teria acontecido.

Susan também era um aborrecimento. Não teve ânimo para notá-la, só para lhe lançar alguns olhares de repulsa, pois a encarava como uma espiã, uma intrusa, uma sobrinha indigente e tudo de mais odioso. Porém Susan foi recebida por sua outra tia com tranquila gentileza. Lady Bertram não pôde lhe dedicar muito tempo nem muitas palavras, mas sentiu que, como irmã de Fanny, tinha direito a Mansfield e estava pronta a beijá-la e amá-la, e Susan ficou mais que satisfeita, pois chegara sabendo perfeitamente que não podia esperar mais que mau-humor por parte de sua tia Norris, e sentia-se tão feliz, tão forte com as bênçãos, sentia que escapara de tantos males que podia enfrentar uma indiferença maior do que a que recebera dos outros.

Ela agora era deixada muito tempo entregue a si mesma para conhecer a casa e seus arredores como pudesse e, alegre, passava os dias fazendo exatamente isso, enquanto os que poderiam cuidar dela fechavam-se em si mesmos ou se ocupavam da pessoa dependente deles naquele momento. Edmund tentava enterrar seus sentimentos se esforçando para aliviar as penas do irmão, e Fanny se devotava à sua tia Bertram retomando todas as tarefas anteriores com mais zelo do que antes, crendo que jamais poderia fazer o suficiente por alguém que parecia precisar tanto dela.

Lady Bertram só encontrava consolo ao conversar sobre o caso terrível com Fanny, conversar e lamentar. E Fanny só podia ouvi-la, apoiá-la e responder com gentileza e simpatia. Confortá-la de outro modo estava fora de questão. O caso não admitia consolo. Lady Bertram não era capaz de formular pensamentos profundos, mas guiada por Sir Thomas, pensava com justeza sobre todos os pontos importantes, portanto via o que acontecera em toda sua enormidade e não se esforçava para minimizar a culpa e a infâmia nem exigia que Fanny a aconselhasse a fazer tal coisa.

Suas afeições não eram intensas, nem sua mente era tenaz. Depois de algum tempo, Fanny descobriu que não era impossível dirigir seus pensamentos para outros assuntos e restaurar algum interesse pelas ocupações costumeiras, mas sempre que Lady Bertram se fixava sobre o acontecimento, só conseguia vê-lo sob um único prisma: a perda de uma filha era uma desgraça que jamais seria apagada.

Através dela, Fanny soube de todos os detalhes que já haviam transpirado. Sua tia não era uma narradora muito metódica, mas com a ajuda de algumas cartas encmainhadas por e para Sir Thomas, e do que já sabia e podia combinar de modo razoável, logo conseguiu compreender todas as circunstâncias pertinentes à história.

Mrs. Rushworth fora passar os feriados de Páscoa em Twickenham, com uma família da qual acabara de ficar íntima: uma família de costumes vivos e de maneiras agradáveis, e provavelmente de moral e discrição compatíveis com isso, pois Mr. Crawford tinha acesso constante à sua casa, a qualquer momento. Fanny já sabia que ele se encontrava naquela mesma redondeza. Mr. Rushworth fora para Bath para passar alguns dias com sua mãe e levá-la de volta para Londres, e Maria permanecera com esses amigos sem qualquer controle, até mesmo sem a presença de Julia, pois esta deixara Wimpole Street duas ou três semanas antes para visitar alguns conhecidos de Sir Thomas, algo que seu pai e sua mãe agora atribuíam a alguma conveniência relacionada com Mr. Yates. Logo após o retorno dos Rushworth a Wimpole Street, Sir Thomas recebera uma carta de um velho amigo íntimo de Londres, que ouvindo e presenciando várias situações alarmantes, escrevera para recomendar a Sir Thomas que fosse pessoalmente a Londres para usar sua influência para com a filha e colocar um fim na intimidade que já a expunha a comentários desagradáveis, e que evidentemente muito constrangiam Mr. Rushworth.

Sem comunicar o conteúdo da carta a ninguém de Mansfield, Sir Thomas se preparava para agir quando recebeu outra carta expressa enviada pelo mesmo amigo, para lhe notificar sobre a situação quase desesperada em que se encontrava o assunto dos jovens. Mrs. Rushworth saíra da casa do marido: Mr.

Rushworth estava muito aborrecido com ele (senhor Harding) por seu conselho, e Mr. Harding temia ter acontecido uma indiscrição muito flagrante. A criada pessoal de Mrs. Rushworth sênior era uma ameaça alarmante. Ele estava fazendo tudo que ao seu alcance para acalmar as coisas, com esperança que Mrs. Rushworth voltasse para casa, mas por influência da mãe de Mr. Rushworth havia tanta atividade contrária em Wimpole Street que ele temia as piores consequências.

Essa terrível comunicação não poderia ser oculta do resto da família. Sir Thomas viajou, Edmund o acompanhou, e os outros ficaram em um estado de infelicidade somente inferior ao que se seguiu ao recebimento das próximas cartas vindas de Londres. Tudo se tornara público, além de qualquer esperança. A criada de Mrs. Rushworth, a mãe, tinha conhecimento e poder para expor todo o caso, e apoiada por sua patroa, recusou-se a ser silenciada. No pouco tempo de convivência, as duas senhoras haviam entrado em conflito; e a ira da sogra contra a nora talvez tenha surgido mais do desrespeito pessoal com que ela mesma fora tratada do que por solidariedade ao seu filho.

Qualquer que fosse o motivo, ela permanecia inflexível. Mesmo que fosse menos obstinada ou exercesse menos influência sobre seu filho, que sempre acataria a última palavra da mãe, pessoa que podia dominá-lo e silenciá-lo, o caso ainda pareceria sem esperanças, pois Mrs. Rushworth não reapareceu e tudo fazia supor que se escondera em algum lugar com Mr. Crawford, que deixara a casa do tio no mesmo dia em que ela sumira como se fosse fazer uma viagem.

Todavia, Sir Thomas permanecera um pouco mais em Londres, na esperança de descobri-la e arrancá-la de maiores imoralidades, embora tudo estivesse perdido no tocante ao caráter da moça.

Fanny mal suportava pensar no atual estado do tio. Só havia um filho que naquele momento não era uma fonte de infortúnio para ele. O estado de Tom se agravara demais com o choque provocado pela conduta da irmã, e sua recuperação fora tão prejudicada que até Lady Bertram ficara chocada com a diferença. Todos os seus medos eram regularmente comunicados ao marido. Fanny sabia que a fuga de Julia, golpe adicional que o aguardava em sua chegada a Londres, apesar de ter a força amortecida pelo momento, devia ter sido dolorosamente sentida pelo tio. Ela o sentia, pois suas cartas expressavam o quanto ele a deplorava. Aquela teria sido uma ligação indesejável sob quaisquer circunstâncias, mas tecê-la de modo tão clandestino e exatamente naquele período colocava os sentimentos de Julia em um prisma assaz desfavorável, severamente agravado pela loucura de sua escolha. Ele descreveu o caso como algo péssimo, feito da pior maneira possível, na pior época, e apesar de ser mais fácil perdoar Julia por sua loucura que Maria por sua depravação, só conseguia

encarar o passo que ela dera como um ensejo às piores probabilidades de conclusão satisfatória, dali por diante igual à de sua irmã. Tal era sua opinião sobre a situação em que ela se lançara.

Fanny sofria intensamente por ele. Ele só tinha consolo em Edmund. Todos os outros filhos destroçavam seu coração. Confiava que o desagrado que ele sentira contra ela, apesar de seu raciocínio não ser o mesmo de Mrs. Norris, agora desapareceria. Ela seria absolvida. Mr. Crawford justificara totalmente sua conduta ao recusá-lo, mas embora isso fosse de grande importância para si mesma, traria pouco consolo para Sir Thomas. O desprazer do tio fora terrível para ela, mas o que poderia fazer por ele justificava seus atos, sua gratidão e seu afeto? Somente Edmund era seu esteio.

No entanto, ela se enganava em supor que naquele momento Edmund não causava sofrimento ao pai. Era de natureza muito menos pungente do que as outras que aconteciam, mas Sir Thomas considerava sua felicidade profundamente afetada pela ofensa de sua irmã e de seu amigo; aquilo o afastara totalmente da mulher a quem indubitavelmente dedicava grande afeição e que tinha grande probabilidade de conquistar, e que tinha tudo para ser uma ligação adequada, exceto pelo irmão desprezível. Quando juntos em Londres, sabia que Edmund devia estar sofrendo por si mesmo, além de sofrer por todos os outros: vira ou presumira seus sentimentos, e como tinha razão para acreditar que houvera pelo menos uma entrevista com Miss Crawford, da qual Edmund colhera apenas maior desespero, ficara ansioso por afastá-lo da cidade e o encarregara de levar Fanny para casa para fazer companhia à tia, buscando seu alívio e benefício, assim como o dos outros. Fanny não conhecia o segredo dos sentimentos de seu tio, e Sir Thomas não conhecia o segredo do caráter de Miss Crawford. Se soubesse o teor da conversa com o filho não desejaria que Miss Crawford pertencesse a ele, mesmo que suas 20 mil libras fossem 40 mil.

Que Edmund houvesse rompido para sempre com ela era algo que Fanny admitia sem qualquer sombra de dúvida. Ainda assim, até ter certeza de que ele sentia o mesmo, sua própria convicção era insuficiente. Acreditava que ele pensava do mesmo modo, mas desejava ter certeza. Seria muito consolador se seu primo conversasse com ela sem qualquer reserva, como já acontecera antes, mas descobriu que aquilo não aconteceria. Ela o via muito pouco, e jamais sozinha. É provável que ele estivesse evitando essa situação. O que se depreendia disso? Que submetera sua opinião à amarga parcela que lhe cabia na aflição da família, e que seu sentimento era profundo demais para ser compartilhado. Assim que devia estar se sentindo. Capitulava, mas com agonias que não admitiam diálogo. Longo, longo tempo se passaria antes que Miss Crawford voltasse a ser citada por seus lábios e Fanny pudesse ter esperanças de ele se abrir para a comunicação confidencial do passado.

Foi um longo período. Haviam chegado a Mansfield na quinta-feira e somente no domingo Edmund começou a falar com ela sobre o assunto. Sentado em sua companhia na tarde de domingo – uma tarde chuvosa – tempo em que se deseja abrir o coração e contar tudo a um amigo presente, sozinho com ela na sala, exceto pela presença da mãe que depois de ouvir um sermão comovente chorara até adormecer, era impossível não se abrir. Assim, após os preâmbulos costumeiros, difíceis de serem analisados, e a habitual declaração de que se ela pudesse ouvi-lo por alguns minutos ele procuraria ser breve e não voltaria a abusar de sua gentileza, afirmou que ela não precisava temer uma repetição, pois aquele seria um assunto absolutamente proibido, deu-se ao luxo de relatar as circunstâncias e sensações da primeira vez que se interessara por alguém de cuja afetuosa simpatia se convencera.

Pode-se bem imaginar, com que curiosidade e apreensão, Fanny o ouvia, com que sofrimento e alegria observava a agitação de sua voz, com que cuidado seus olhos se fixavam em algum objeto para não olhar em seus olhos. O prefácio foi alarmante. Ele visitara Miss Crawford. Fora convidado a vê-la. Recebera uma nota de Lady Stornaway pedindo para ir vê-la, e considerando que aquele seria o último encontro de ambos, um último encontro entre amigos, imaginando os sentimentos de vergonha e infelicidade que a invadiam, fora vê-la em um estado mental tão terno, tão devotado, que por instantes os temores de Fanny consideraram impossível que aquele realmente fosse um último encontro. Mas seus temores se dissiparam na medida em que ele prosseguia. Ele afirmou que o recebera com ar sério, bastante sério, até mesmo agitado; mas antes que conseguisse pronunciar uma sentença inteligível, ela introduzira o assunto de um modo chocante, dizendo: “Soube que estava em Londres e queria vê-lo. Vamos conversar sobre esse assunto triste. O que pode igualar a loucura de nossos irmãos?” Não pude responder, mas minha aparência falou por mim. Ela se sentiu reprovada, como às vezes nos apressamos a sentir! Com voz mais grave, então acrescentou: ‘Não pretendo defender Henry à custa de sua irmã’. E então continuou, e foi assim que ela começou, mas Fanny, não é conveniente repetir como continuou. Não sou capaz de repetir suas palavras. E não o faria, mesmo se pudesse. Em essência, tudo que ela dissera não passava de uma grande fúria pela loucura de ambos. Reprovava a sandice do irmão que se sentira atraído por uma mulher que nunca amara, o que o fizera perder a mulher que adorava; mas censurava ainda mais a insensatez da pobre Maria, em sacrificar sua excelente situação, mergulhando em tamanha dificuldade, acreditando ser amada por um homem que há tempos deixara bem clara sua indiferença. Imagine como me senti. Ouvir aquela mulher, como não atribuir-lhe um nome mais rude do que desatinada! Tão voluntária, tão livre, tão fria! Nenhuma relutância, nenhum horror, nenhum recato feminino, até diria, sem qualquer sensação de asco? Isso é o que o mundo produz. Fanny, onde podemos encontrar uma mulher cuja

natureza tenha sido tão ricamente dotada? E tão corrompida, corrompida!”

Após curta reflexão, continuou com uma espécie de calma desesperada: “Vou lhe contar tudo e então esse assunto estará encerrado para sempre. Ela encara tudo isso apenas como loucura, e isso porque chegou ao conhecimento público. A falta de discrição, de cuidado: ele viajando a Richmond durante todo tempo em que ela se encontrava em Twickenham. Ela se colocando nas mãos de uma criada... Foi só a descoberta de tudo que ela reprovou, não a ofensa em si. Foi a imprudência que levou as coisas a tal extremo e obrigou seu irmão a desistir de todos os seus projetos mais caros para fugir com ela”.

Ele parou. Acreditando que devia dizer qualquer coisa, Fanny falou, “E o que você conseguiu dizer?”

“Nada, nada compreensível. Fiquei aturdido. Ela continuou, começou a falar de você. Sim, começou a falar de você, lamentando o melhor que podia a perda de tal... Nesse momento, passou a falar de modo muito racional. Ela sempre lhe fez justiça. Falou: ‘Ele jogou fora uma mulher como jamais encontrará novamente. Ela o teria modificado e o teria feito para sempre feliz’. Minha querida Fanny, espero estar lhe dando mais prazer que desgosto com este retrospecto do que poderia ter sido, mas que agora jamais será. Você deseja que eu me cale? Se desejar, basta me lançar um olhar, dizer uma palavra, e eu me calarei”.

Ela não lançou qualquer olhar, não pronunciou qualquer palavra.

“Graças a Deus”, disse ele. “Sempre estamos dispostos a ter curiosidade, mas parece que a misericordiosa providência permite que um coração que não conhece maldade não sofra. Ela só teve altíssimos elogios e terna afeição ao falar de você, mas ainda conseguiu demonstrar certa perversidade, um traço de maldade, pois de repente exclamou: ‘Por que ela não o aceitou? Ela foi a única culpada. Menina simplória. Jamais vou perdoá-la. Se ela tivesse aceito seu pedido eles agora estariam a ponto de se casar e Henry estaria feliz, ocupado demais para desejar outra mulher. Não teria feito qualquer esforço para voltar a ter boas relações com Mrs. Rushworth. Tudo teria terminado em um flerte normal e honrado, em encontros anuais em Sotherton e Everingham’. Você acreditaria em algo assim? Mas o encanto se partiu. Meus olhos se abriram”.

“Cruel!”, disse Fanny, “Bastante cruel. Em um momento como esse dar lugar à alegria, falar com você com tal leviandade! Absoluta crueldade”.

Você considera crueldade? Nisso nós divergimos. Não, isso não é de natureza cruel. Não considero que ela desejasse ferir meus sentimentos. O mal é mais profundo: foi sua total ignorância, a falta de conhecimento de que há tais

sentimentos, a perversão da mente que fez com que se tornasse natural tratar o assunto como o fez. Ela estava falando apenas como costuma ouvir os outros falarem, como imaginava que os outros falariam. Seus defeitos não são de temperamento. Voluntariamente, ela não causaria sofrimento a ninguém, e apesar de eu poder estar enganado, posso pensar que por mim, por meus sentimentos, ela iria... Seus defeitos são ligados à falta de princípios, Fanny. Sua delicadeza está embotada, sua mente é corrupta, viciada. Talvez seja melhor para mim, pois há pouco a lamentar. Mas não é assim. Eu me submeteria feliz a todo o sofrimento de perdê-la se não precisasse considerá-la como agora. Eu lhe disse isso”.

“Disse?”

“Sim; eu falei ao deixá-la”.

“Por quanto tempo vocês ficaram juntos?”

“Vinte e cinco minutos. Bem, ela continuou dizendo que a única coisa a ser feita agora era promover o casamento deles. Falou sobre isso, Fanny, com voz mais firme do que a minha”. Ele foi obrigado a se interromper mais de uma vez ao continuar. “Devemos persuadir Henry a se casar com ela”, disse ela, ‘com honra e certeza de ter se desligado para sempre de Fanny, a situação atual não me desespera. Ele precisa desistir de Fanny. Não acredito que ele ainda tenha esperanças de ter alguém com o seu caráter, portanto não antevejo qualquer dificuldade insuperável. Minha influência, que não é pequena, será toda utilizada nesse sentido, e quando estiverem casados, corretamente apoiados pela família dela, pessoas respeitáveis como são, ela talvez recupere seu lugar na sociedade, até certo ponto. Sabemos que jamais voltará a ser convidada a frequentar alguns círculos, mas com bons jantares e grandes festas sempre haverá quem se alegre com sua presença, e com certeza atualmente há mais liberalidade e sinceridade sobre esse ponto que no passado. Aconselho seu pai a se manter discreto. Não permita que ele arruíne sua própria causa devido à interferência. Deve persuadi-lo a deixar que as coisas sigam seu curso. Se pelos obsequiosos esforços de seu pai ela for persuadida a deixar a proteção de Henry haverá muito menos chance de que ele se case com ela. Deixe que Sir Thomas creia na honra e compaixão de meu irmão e tudo ficará bem, mas se ele conseguir afastar sua filha destruirá o principal laço”.

Depois de repetir isso, Edmund se mostrou tão abalado, que observando seu primo em silêncio e com a mais terna preocupação Fanny quase lamentou que o assunto tivesse sido abordado. Somente depois de longo tempo ele conseguiu voltar a falar. Por fim, disse: “Agora Fanny, já não há muito a dizer. Conte-lhe a essência de tudo que foi dito. Assim que consegui falar respondi que

entrando naquela casa no estado de espírito em que me encontrava, não imaginava ser possível acontecer algo que me causasse um sofrimento ainda maior, mas que ela me ferira ainda mais profundamente com quase todas as palavras que pronunciara. Afirmei que durante nossa relação, embora várias vezes eu fosse sensível a algumas diferenças em nossas opiniões, até aquele momento eu não imaginara que a diferença fosse tão grande. Disse que o modo com que tratara o terrível crime cometido por seu irmão e minha irmã (impossível dizer qual deles era mais responsável pelo crime de sedução), e o modo como se expressara sobre o próprio crime, reprovando-o por todas as causas exceto a correta, considerando apenas suas péssimas consequências como se precisassem ser enfrentadas ou superadas, desafiando a decência e a desfaçatez de modo errado, e por fim e acima de tudo, recomendando-nos contempororização, aceitação, condescendência para com a continuação do pecado pela chance de um casamento que, pensando como eu agora pensava sobre seu irmão, seria melhor evitar que buscar. Tudo isso me convenceu de que eu jamais a compreendera e que ela não passava de uma criatura criada pela minha imaginação, e não Miss Crawford cuja companhia eu buscara durante muitos meses. Talvez tenha sido melhor assim, pois tive menos a lamentar com a perda daquela amizade, dos meus sentimentos e das esperanças que agora eu precisava arrancar de dentro de mim. Porém, devo confessar que se eu pudesse restaurar tudo que eu acreditava que ela era, eu preferiria infinitas vezes aumentar minha dor pelo rompimento se pudesse levar comigo o direito à sua ternura e estima. Eu lhe disse isso tudo, mas como você pode imaginar, não de modo tão tranquilo e metódico como aqui repito. Ela ficou atônita, absolutamente atônita – mais que atônita. Vi a mudança em seu semblante. Ficou intensamente ruborizada. Imaginei presenciar uma mescla de vários sentimentos: uma grande, mas breve luta, certo desejo de se curvar à verdade, certo senso de vergonha. Mas o hábito venceu. Se pudesse, ela teria rido. Foi com uma espécie de riso que ela respondeu: ‘Palavra de honra, foi uma excelente lição de moral. Fez parte de seu último sermão? Desse modo logo reformará todo mundo em Mansfield e Thornton Lacey, e quando tiver notícias suas novamente, talvez seja como um famoso pregador de alguma sociedade de metodistas ou como missionário em algum país estrangeiro’. Ela tentou falar com indiferença, mas não foi tão indiferente quanto desejava parecer. Só lhe respondi que do fundo do coração eu lhe desejava tudo de bom e esperava que ela logo aprendesse a pensar mais equitativamente, que não lhe faltasse o conhecimento mais valioso que qualquer pessoa pode ter – o conhecimento de nós mesmos e de nosso dever às lições da aflição. Saí imediatamente da sala. Dera apenas alguns passos quando ouvi a porta se abrir. ‘Senhor Bertram’, disse ela. Olhei para trás. ‘Senhor Bertram’, repetiu ela com um sorriso. Mas era um sorriso inadequado à nossa recente conversação, um sorriso travesso e divertido destinado a me dominar, pelo

menos foi o que me pareceu. Resisti. Foi um impulso momentâneo resistir e continuar caminhando. Algumas vezes lamentei não ter voltado, mas sei que estava certo, e esse foi o fim de nosso relacionamento. E que relacionamento! Como me enganei! Enganei-me tanto com a irmã quanto com o irmão! Agradeço sua paciência Fanny. Foi um imenso alívio, mas agora terminamos”.

Tal era a confiança de Fanny em suas palavras que durante cinco minutos ela julgou que o assunto estivesse encerrado. Porém, todo o assunto, ou algo muito semelhante, voltou novamente à baila, e realmente nada além do despertar de Lady Bertram pode encerrar realmente a conversação. Até isso acontecer, continuaram a conversar somente sobre Miss Crawford e como ela o conquistara, como a natureza a favorecera e como poderia ter se tornado uma pessoa maravilhosa se tivesse caído mais cedo em boas mãos. Tendo agora liberdade para falar abertamente, Fanny julgou mais que justificável dar-lhe a conhecer seu verdadeiro caráter, insinuando que algo a ver com o estado de saúde de seu irmão talvez tivesse influenciado seu desejo de completa reconciliação. Isso não lhe agradava. A natureza resistiu durante algum tempo. Teria sido muito mais agradável descrevê-la mais desinteressada em sua afeição, mas sua vaidade não era suficientemente forte para lutar contra a razão. Ele acreditou que a enfermidade de Tom a influenciara, reservando para si mesmo o pensamento consolador de que, considerando os inúmeros hábitos opostos, ela certamente o amara mais do que se podia esperar, e por ele estivera perto de agir de modo correto. Fanny pensava exatamente da mesma maneira e os dois concordavam que aquela decepção teria um efeito duradouro e deixaria uma impressão indelével em seu espírito. Indubitavelmente, o tempo abrandaria seu sofrimento, mas aquilo era algo que ele jamais superaria inteiramente, e quanto a encontrar algum dia outra mulher que pudesse... isso seria impossível mencionar, a menos que com indignação. A amizade de Fanny era tudo que ele possuía.

CAPÍTULO XLVIII

Que outras penas continuem a descrever a culpa e o sofrimento. Abandono tais assuntos o mais depressa possível, impaciente para restaurar o conforto de todos que não cometeram grandes erros e para encerrar todos os outros assuntos.

Deveras, tenho a satisfação de saber que naquela época minha Fanny estava bastante feliz, a despeito de tudo. Ela deve ter sido uma criatura feliz apesar de tudo que sentia ou julgava sentir quanto aos sofrimentos dos que a cercavam. Possuía fontes de deleite que se impunham em seu caminho. Voltara a Mansfield Park, era útil, era amada, estava a salvo de Mr. Crawford. E quando Sir Thomas voltou, apesar de seu estado de espírito melancólico, deu-lhe todas as provas de sua perfeita aprovação e elevado respeito. Por mais feliz que se sentisse, mesmo que isso não acontecesse não deixaria de experimentar grande felicidade, pois Edmund deixara de ser ludibriado por Miss Crawford.

É verdade que Edmund estava longe de ser feliz. Sofria com a decepção e o arrependimento, lamentando o que acontecera, desejando o que jamais poderia ser. Ela sabia o que ele sentia e se entristecia, mas era uma tristeza tão ligada à satisfação, tão predisposta a encontrar alívio, tão em harmonia com todas as sensações mais queridas que poucos não se sentiriam afortunados ao trocar suas maiores alegrias por esse sentimento.

Sir Thomas, pobre Sir Thomas, pai consciente dos erros de sua própria conduta, foi quem sofreu por mais tempo. Sentiu que não devia ter permitido o casamento, que não conhecia suficientemente os sentimentos da filha e isso o tornava culpado por autorizá-lo, e ao fazê-lo sacrificara o certo pelo duvidoso. Reconheceu que fora levado pelo egoísmo e pelas opiniões mundanas. Essas reflexões exigiram tempo para se tornarem mais suaves, mas o tempo cura praticamente tudo, e apesar de não haver surgido grande alívio pela desgraça ocasionada por Mrs. Rushworth, encontrou mais conforto do que esperava em seus outros filhos. O casamento de Julia tornou-se um assunto menos desesperado do que ele supusera. Ela era humilde e desejava ser perdoada, e Mr. Yates, realmente desejoso de ser aceito na família, estava disposto a respeitá-lo e a ser orientado. Ele não era muito firme, mas havia esperança de que se tornasse menos insignificante, pelo menos mais tranquilo e tolerável para a família. De qualquer forma, foi confortante descobrir que seu patrimônio era maior e suas dívidas menores do que imaginavam. Haveria de melhorar se fosse tratado como amigo. Também encontrou consolo em Tom, que aos poucos recuperou a saúde sem recuperar o egoísmo e a irreflexão de seus antigos hábitos. A doença lhe fizera bem. Sofrera, mas aprendera a refletir: duas vantagens que jamais conhecera antes. Ele se culpou pela deplorável desgraça de Wimpole Street,

sentindo-se cúmplice do que acontecera pela perigosa intimidade proporcionada por seu injustificável teatro. Isso causou profunda impressão em sua mente, e com 26 anos de idade, sem que lhe faltasse inteligência ou boas companhias, teve um efeito duradouro em sua vida. Ele se tornou o que deveria: útil a seu pai, sólido e tranquilo, sem viver meramente para si mesmo.

Deveras, encontraram alívio! e tão logo Sir Thomas pôde realmente confiar nessas fontes seguras, Edmund começou a contribuir para a felicidade de seu pai ao melhorar no único ponto no qual ainda lhe causava sofrimento, na melhora do seu estado de espírito. Após caminhar todas as tardes, sentando-se sob as árvores, na companhia de Fanny, convencera-se de que podia dominar a mente e voltou a ser bastante alegre.

Foram essas as circunstâncias e as esperanças que aos poucos trouxeram alívio a Sir Thomas, atenuando seu senso de perda e, em parte, permitindo que se reconciliasse com si mesmo, apesar da angústia de saber que seus erros na educação das filhas jamais se extinguiriam por completo.

Percebeu tarde demais quão desfavorável ao caráter de qualquer jovem deve ser o tratamento totalmente errôneo que Maria e Julia sempre haviam recebido em casa, onde a indulgência excessiva e a lisonja de sua tia sempre haviam contrastado com sua própria severidade. Notou como se enganara ao esperar neutralizar os erros de Mrs. Norris agindo de modo contrário, viu claramente que ampliara o mal ensinando suas filhas a reprimir o espírito em sua presença, a ponto de não conseguirem reconhecer seu caráter real e entregá-las à satisfação de todos os seus desejos, a uma pessoa que fora capaz de atraí-las apenas pela cegueira de sua afeição e pelo excesso de lisonja.

Houvera um grave erro de administração, mas por pior que fosse, aos poucos passou a sentir que não se enganara de modo tão terrível em seu plano de educação. Faltara-lhe algo de essencial ou o tempo desgastara grande parte de seu efeito nocivo. Temia que houvesse faltado esse princípio ativo, que jamais tivesse ensinado às filhas o modo correto a dominar suas tendências e demonstrações de temperamento pelo senso de dever que se basta por si só. Elas haviam sido instruídas na teoria da religião, mas jamais se exigiu delas uma prática diária. Distinguiam-se pela elegância e pelas realizações, questões autorizadas pela juventude, e esse fato não teve influência útil nem qualquer efeito moral sobre seus espíritos. Ele desejara que elas fossem boas, mas seus cuidados haviam sido dirigidos à instrução e às boas maneiras, não ao caráter. E temia que elas jamais tivessem ouvido uma única palavra sobre a necessidade de autonegação e humildade, algo que as beneficiaria.

Ele deplorou amargamente a deficiência que agora mal podia

compreender como fora possível não notar antes. Sentiu-se péssimo por saber que, com todo o dinheiro e cuidados de uma educação dispendiosa, instruíra as filhas sem lhes dar a compreensão de seus principais deveres, sem conhecer seu caráter e temperamento.

Só conhecera o espírito altivo e as paixões fortes de Mrs. Rushworth por seus tristes resultados. Não foi possível persuadi-la a abandonar Mr. Crawford. Tinha esperanças de se casar com ele, e permaneceram juntos até ela se convencer de que aquela esperança era vã, até que a decepção e a infelicidade a tornaram intratável e seus sentimentos por ele se transformaram em ódio, a ponto de se tornarem uma punição um para o outro, o que os induziu a uma separação voluntária.

Vivera com Crawford apenas para ser acusada de ser a ruína de sua felicidade com Fanny, e ao deixá-lo não teve qualquer consolo. O que pode suplantam a desgraça de uma mente em tal situação?

Mr. Rushworth não teve qualquer dificuldade em conseguir o divórcio, e assim terminou um casamento realizado sob tais circunstâncias, cujo fim teve melhor sorte do que se esperava. Ela o desprezara e amara outro homem, ele sempre soubera o que se passava. As indignidades da falta de inteligência e as decepções da paixão egoísta provocam pouca piedade. A punição dele seguiu-se à sua conduta, assim como uma pena mais séria seguiu-se à culpa mais profunda de sua mulher. Ele foi liberto do compromisso para viver mortificado e infeliz até que outra jovem bonita atraísse sua atenção e o levasse novamente ao matrimônio para ter sua segunda experiência, que esperamos, possa ser mais próspera. Se voltar a ser enganado, que pelo menos o seja com bom humor e boa sorte. Com sentimentos infinitamente mais fortes, Maria foi obrigada a se afastar para um refúgio de reprovação que não admitiria um segundo desabrochar de esperança ou caráter.

O lugar onde ela seria instalada se tornou um assunto extremamente melancólico e completamente memorável. Mrs. Norris, cuja afeição pareceu aumentar com os deméritos de sua sobrinha, a receberia em casa, com a permissão de todos ali. Mas Sir Thomas nem quis ouvir sua sugestão; e o ódio de Mrs. Norris contra Fanny se intensificou ainda mais, ao considerar que o motivo era o fato de ela morar ali. Insistiu em atribuir à Fanny os escrúpulos de Sir Thomas, embora este solenemente lhe garantisse que mesmo que não houvesse nenhum jovem de qualquer sexo morando na casa para ser prejudicado pelo caráter de Mrs. Rushworth, ele nunca permitiria tal grande insulto à vizinhança, por supor que a veriam. Como uma filha, esperava uma penitente. Ela deveria ser protegida por ele e garantiria todo o seu conforto e a apoiaria em todas as suas tentativas de se redimir, desde que suas relativas situações o permitissem;

mas ele não faria nada mais que isso. Maria destruíra seu próprio caráter e ele não sancionaria sua depravação em uma vã tentativa de recuperar o que jamais poderia ser recuperado, proporcionando a sua sanção ao vício, nem procuraria diminuir sua desgraça introduzindo tal sofrimento na família de um outro homem, como acontecera com ele mesmo.

Por fim, Mrs. Norris resolveu se mudar de Mansfield e se dedicar à sua infeliz Maria, e com pouco companheirismo se trancaram juntas em uma propriedade comprada para elas em uma região remota e reservada. De um lado não havia afeição, do outro não havia julgamento. Pode-se supor que seus temperamentos acabaram por se tornar uma punição mútua.

A mudança de Mrs. Norris de Mansfield foi um alívio suplementar para a vida de Sir Thomas. Sua opinião sobre a cunhada vinha deteriorando desde o dia que chegara de Antígua: em todas as decisões em conjunto, em sua convivência diária, nos negócios ou em conversas, ela regularmente perdia terreno em sua estima e ele se convencera de que o tempo a prejudicava ou que ele superestimara demais seu bom senso e julgara com muita generosidade seus hábitos anteriores. Passara a considerá-la como uma enfermidade tão grave que parecia incurável e só terminaria com a vida. Ela parecia parte de si mesmo, algo que deveria carregar para sempre. Portanto, livrar-se de sua presença foi uma felicidade tão grande que se ela não tivesse deixado lembranças tão amargas talvez houvesse o perigo de ele aprender a aprovar o mal que produzira tamanho bem.

Ninguém lamentou sua falta em Mansfield. Jamais fora capaz de conquistar nem quem ela mais amava, e desde a fuga de Mrs. Rushworth seus nervos haviam mergulhado em tal estado de irritação que era um tormento para todos. Nem Fanny derramou lágrimas pela tia Norris, mesmo quando ela partiu para sempre.

Julia teve melhor sorte que Maria, pois de certo modo houve uma diferença favorável de temperamento e de circunstâncias, em grande parte por ter sido menos querida pela tia, menos lisonjeada e menos mimada. Sua beleza e suas realizações sempre haviam ficado em segundo lugar. Sempre se considerara um pouco inferior a Maria. Seu temperamento era naturalmente mais ameno, apesar de forte, seu gênio era mais controlável e a educação não lhe dera um grau tão prejudicial de importância pessoal.

Ela aceitara melhor a decepção causada por Henry Crawford. Após a primeira amargura pela convicção de ter sido desprezada, logo conseguiu descobrir um meio de não pensar nele novamente; e, quando voltou a vê-lo em Londres, e a casa de Mr. Rushworth se tornou o objetivo de Crawford, tivera o mérito de se afastar dali e preferira visitar outros amigos para evitar sentir-se

novamente atraída por ele. Esse havia sido o motivo pelo qual fora para a casa de seu primo. A proximidade com Mr. Yates não tivera nada a ver com isso. Há algum tempo permitia que ele a cortejasse, mas na verdade não tinha muito interesse em aceitá-lo, e não fosse a conduta de sua irmã ter se tornado pública, o pavor que sentira de seu pai e da família, imaginando que as consequências para ela seriam ainda mais severas e condicionantes, e a resolução repentina de evitar tais horrores imediatos a qualquer custo, é provável que Mr. Yates jamais tivesse sucesso. Ela não fugira por causa de algum sentimento pior do que aqueles produzidos por uma preocupação egoísta. Surgiu diante dela como a única coisa a ser feita. A culpa de Maria tinha induzido a loucura de Julia.

Pela independência precoce e pelo péssimo exemplo doméstico, Henry Crawford se entregou um pouco demais aos caprichos de uma vaidade insensível. Anteriormente, essa mesma vaidade o levava ao caminho da felicidade ao lhe abrir caminhos imprevistos e imerecidos. Se tivesse ficado satisfeito com a conquista da afeição de uma mulher amigável, esforçando-se para conquistar a estima e a ternura de Fanny Price, teria tido grande probabilidade de sucesso e felicidade. Sua afeição já lhe havia trazido algum resultado. O poder que Fanny exercia sobre ele já lhe havia proporcionado alguma influência sobre ela. Se ele fosse merecedor de mais, não há dúvida de que teria obtido muito mais, sobretudo quando esse casamento tivesse se realizado, o que lhe garantiria certa assistência à consciência, dominando sua primeira inclinação, unindo-os para todo o sempre. Se tivesse perseverado e agido com decência, Fanny teria sido sua recompensa, e uma recompensa concedida voluntariamente, depois de decorrido um período razoável após o casamento de Edmund e Mary.

Se tivesse feito o que pretendia, como sabia que deveria, se tivesse ido a Everingham depois de voltar de Portsmouth, talvez tivesse selado a felicidade de seu destino. Mas não pôde deixar de comparecer à festa de Mrs. Fraser devido à sua vaidade e porque iria se encontrar com Mrs. Rushworth. A curiosidade e a vaidade se uniram, e a tentação do prazer imediato foi forte demais para sua mente pouco acostumada a se sacrificar pelo que era certo: resolveu adiar sua viagem a Norfolk e achou que escrever uma carta seria suficiente para resolver o problema, ou que seu propósito não tinha tanta importância. Encontrou-se com Mrs. Rushworth, foi recebido com uma frieza que julgou repulsiva e uma aparente indiferença que lhe parecia eterna. Sentiu-se mortificado; não suportou ser repellido pela mulher cujos sorrisos no passado estavam inteiramente sob seu comando. Sentiu-se obrigado a subjugar aquela orgulhosa demonstração de ressentimento que não passava de fúria por causa de Fanny. Precisava tirar proveito disso e fazer com que Mrs. Rushworth voltasse a tratá-lo como Maria Bertram.

Começou o ataque em espírito, e pela perseverança logo restabeleceu a espécie de convivência familiar, a galanteria e o flerte que revelavam suas intenções. Mas triunfando sobre a discricção que apesar de fundamentada em fúria poderia ter salvo a ambos, deixou-se dominar pelo poder dos sentimentos que, da parte dela, eram muito mais fortes do que supunha. Ela o amava e não havia como não continuar a lhe dedicar atenções evidentemente tão caras a ela. Ele se viu enredado em sua própria vaidade, sem o pretexto do amor, sem a menor inconstância de sentimentos por sua prima. Evitar que Fanny e os Bertram tivessem conhecimento do que se passava se tornou seu primeiro objetivo. O segredo não poderia ser mais desejável para Mrs. Rushworth que para ele. Quando voltasse de Richmond ficaria feliz se jamais voltasse a ver Mrs. Rushworth. Tudo que se seguiu foi resultado da imprudência dela, e finalmente fugiu com ela porque não havia como evitar, já lamentando por Fanny, porém muito mais arrependido quando todo tumulto da intriga terminou. Pela força do contraste, poucos meses lhe ensinaram a valorizar ainda mais a doçura do temperamento de Fanny, a pureza de sua mente e a excelência de seus princípios.

Sabemos que esse castigo, a punição pública que deve tê-lo atingido por seu quinhão na ofensa, não é uma das barreiras que a sociedade impõe à virtude. Neste mundo, a penalidade não é tão comparável ao crime como se poderia desejar, mas sem pretender alcançar uma sentença mais justa daqui para frente, podemos considerar que um homem inteligente como Henry Crawford, carregando uma grande porção de desgosto e arrependimento – desgosto que provavelmente se equiparava ao remorso, ao pesar por ter retribuído desse modo a hospitalidade que lhe fora concedida, por ter arruinado a paz da família, destruído amizades queridas e perdido a mulher a quem amara racional e apaixonadamente.

Após tudo que acontecera para afastar e ferir as duas famílias, o fato de os Bertram e os Grant morarem tão próximos teria sido muito desagradável, mas a ausência destes últimos se alongou propositadamente por alguns meses e terminou de modo venturoso na necessidade, ou pelo menos na praticidade de uma mudança permanente. Através de um amigo, em cuja influência praticamente deixara de acreditar, Dr. Grant conseguiu um posto em Westminster que lhe proporcionou ocasião de se afastar definitivamente de Mansfield e um pretexto para morar em Londres, além de um aumento de renda suficiente para enfrentar as despesas da mudança, muito aceitável para os que partiam e para os que ficavam.

Mrs. Grant, que possuía um temperamento para amar e ser amada, deve ter abandonado com pesar o panorama e as pessoas às quais se habituara, mas a disposição agradável se adapta a qualquer lugar e círculo social, e isso deve ter

lhe proporcionado grande alegria, pois novamente tinha um lar para oferecer a Mary, que tivera tantos amigos, vaidade, ambição, amor e decepção durante os últimos seis meses, mas realmente necessitava a verdadeira bondade do coração de sua irmã, e a tranquilidade natural de seus costumes. Passaram a morar juntas, e quando o doutor Grant sofreu uma apoplexia e morreu devido a três grandes jantares institucionais em uma semana, continuaram a morar juntas, pois Mary, apesar de absolutamente resolvida a não mais se apaixonar por um irmão mais moço, demorava a encontrar entre os elegantes representantes ou ociosos herdeiros à disposição de sua beleza e de suas 20 mil libras alguém capaz de satisfazer o gosto mais apurado que adquirira em Mansfield, cujo caráter e costumes a autorizariam a ter esperanças de alcançar uma felicidade doméstica que aprendera a estimar, ou que afastassem Edmund Bertram de sua cabeça.

Nesse aspecto, Edmund teve uma grande vantagem sobre ela. Não precisou esperar nem desejar alguém realmente digno de sucedê-la com o coração vazio de afetos. Nem bem terminara de lamentar Mary Crawford e comentar com Fanny o quanto seria impossível ele encontrar outra mulher igual a ela, começou a imaginar se uma mulher totalmente diferente não o satisfaria do mesmo modo ou ainda melhor: se com seus sorrisos e seu modo de ser, a própria Fanny não estava se tornando cada vez mais querida e importante para ele do que Mary Crawford; e se não seria possível persuadi-la, com um esperançoso compromisso, de que seu caloroso e fraternal sentimento poderia ser os suficientes alicerces para o amor conjugal.

Propositadamente me abstenho de citar datas nesta ocasião para que todos tenham liberdade para fazê-lo, ciente de que a cura de paixões inconquistáveis e a transferência de amores imutáveis devem variar com o tempo e com pessoas diferentes. Somente peço para todos acreditarem que exatamente na época em que seria natural que isso acontecesse, nem uma semana mais cedo, Edmund deixou de pensar em Miss Crawford e ficou tão ansioso para se casar com Fanny quanto a própria Fanny poderia desejar.

Com a grande afeição que sentira por ela durante tanto tempo, afeição fundamentada nas mais doces declarações de inocência e desamparo, rematadas por todas as qualidades de que se tornava merecedora, o que poderia ser mais natural do que a mudança? Amá-la, guiá-la, protegê-la, como fizera desde que contava com apenas dez anos de idade, sua mente em grande parte formada devido aos seus cuidados, seu conforto dependente de seu carinho, tudo isso era para ele um objetivo de grande e especial interesse, ainda mais querido pela importância que tinha para ela e que ninguém em Mansfield poderia suplantar. O que mais poderia ser acrescentado, senão que aprendera a preferir suaves olhos claros a olhos escuros e cintilantes. O fato de estar sempre com ela, conversando sobre assuntos confidenciais, de ter seus sentimentos naquele estado favorável

proporcionado por uma decepção recente, fez com que os suaves olhos claros logo adquirissem grande preeminência.

Tendo se resolvido quanto à prudência, sentido que estava a caminho da felicidade, nada mais havia para impedi-lo ou para deter seu progresso. Nenhuma dúvida sobre seu merecimento, nenhum temor por diferenças de opinião, nenhuma necessidade de acalentar esperanças de alcançar a felicidade apesar da diferença de temperamentos. Sua mente, caráter, hábitos e opiniões não tinham necessidade de disfarces no presente, nem de aprimoramento no futuro. Mesmo invadido pela paixão, sempre reconhecera a superioridade mental de Fanny. Qual não seria agora esse sentimento de superioridade? Ela certamente era boa demais para ele, mas como ninguém se importa de ter algo que é bom demais, esforçou-se para alcançar aquela bênção, e não lhe parecia possível que fosse demorar muito para conseguir seu encorajamento. Tímida, ansiosa e desconfiada como era, ainda assim seria impossível que sua ternura às vezes não lhe oferecesse grande esperança de sucesso, apesar de ter deixado para mais tarde a revelação de toda a grata e assombrosa verdade. A felicidade de Edmund em se saber amado durante tanto tempo por aquele coração deve ter sido suficientemente grande para garantir uma linguagem elegante para descrever a Fanny sua extraordinária felicidade. Mas a felicidade da outra parte nem pode ser descrita. Que ninguém presuma poder expressar os sentimentos de uma jovem ao ter certeza ter alcançado um amor que considerava inatingível.

Suas próprias inclinações confirmadas, não houve dificuldade, nem se considerou inconveniente, a pobreza ou o parentesco. Aquele era um casamento com que Sir Thomas já havia sonhado. Cansado de ligações ambiciosas e mercenárias, considerando cada vez mais importante o tesouro dos bons princípios e do bom temperamento, ansiava assegurar o que lhe restava de felicidade doméstica com os mais fortes laços. Com genuína satisfação, refletira sobre a possibilidade de os dois jovens encontrarem consolo um no outro por todas as decepções que haviam sofrido, e o alegre consentimento dado ao pedido de Edmund, o alto senso de haver realizado uma grande aquisição na promessa de Fanny se tornar sua filha, foram um contraste com sua opinião anterior sobre o assunto, quando haviam discutido a ida da pobre menina. O tempo sempre se interpõe entre os planos e decisões dos mortais, para seu próprio aprendizado e para entretenimento dos vizinhos.

Deveras, Fanny era a filha que ele sempre desejara. Sua benéfica gentileza era sua principal consolação. A generosidade do tio recebia rica retribuição, e a bondade de suas intenções para com ela era bem merecida. Ele poderia ter tornado sua infância mais feliz, mas um erro de julgamento lhe dera a aparência de severidade e o privara de seu amor de menina. Agora, o afeto entre ambos se tornara muito forte por realmente se conhecerem. Depois de

estabelecê-la em Thornton Lacey com toda atenção por seu conforto, seu objetivo era visitá-la todos os dias ou buscá-la para ir à sua casa.

Amada de modo tão egoísta quanto o era há tempos por Lady Bertram, não lhe foi muito fácil se separar dela. A felicidade do filho ou da sobrinha não bastava para ela desejar o casamento. Mas conseguiu separar-se dela, pois Susan permanecia em seu lugar. Esta se tornou a sobrinha fixa, deliciada por ocupar esse cargo, igualmente adaptada a ele pela rapidez da mente e pela tendência a ser útil, como Fanny o fora pela doçura de sentimentos e pelos fortes sentimentos de gratidão. Não se podia passar sem Susan. Primeiro foi o consolo de Fanny, depois sua ajudante e por fim sua substituta. Ela se estabeleceu em Mansfield com toda aparência de estabilidade. Seu temperamento mais destemido e seus nervos mais sólidos fizeram com que tudo fosse fácil para ela naquela casa. Com inteligência para compreender o temperamento das pessoas com que precisava lidar e sem timidez natural que a impedisse de expressar seus desejos, logo se tornou indispensável e útil a todos, e depois que Fanny se mudou, ela a substituiu tão naturalmente no bem-estar de sua tia que talvez tenha se tornado a mais amada dentre as duas. Sua utilidade, a excelência de Fanny, a continuada boa conduta de William e sua crescente fama contribuíam para o bem-estar geral e para o sucesso dos outros membros da família, todos contribuindo para o sucesso uns dos outros. Assim, dando crédito ao seu apoio e auxílio, e reconhecendo as vantagens da adversidade e da disciplina, Sir Thomas encontrou razões para se alegrar por tudo que fizera por eles, além de ter consciência de que nascera para lutar e aguentar.

Com tanto mérito verdadeiro e amor sincero, dotado de fortuna e de amigos, a felicidade dos primos casados deve nos parecer tão segura quanto pode ser a felicidade terrena. Igualmente formado para a vida doméstica e para as alegrias do campo, seu lar era a morada do amor e do conforto, e para completar o retrato da ventura, após a morte de Dr. Grant adquiriram a casa paroquial de Mansfield pouco depois de seu casamento, por desejarem um aumento de renda e considerarem inconveniente a distância entre sua antiga casa e a residência de seu pai.

Nesse período, eles se mudaram para Mansfield, e a casa paroquial, da qual Fanny jamais se aproximara sem uma dolorosa sensação de repressão ou desassossego quando sob os cuidados de cada um de seus donos anteriores, logo se tornou tão cara ao seu coração, tão perfeita aos seus olhos quanto no passado fora todo o panorama e a proteção de Mansfield Park.